

#1 NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

J.R.

WARD

LOVER
MINE

A NOVEL OF THE BLACK DAGGER BROTHERHOOD





TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



J.R. WARD



AMANTE
MEU

UM ROMANCE DA IRMANDADE DA ADAGA NEGRA



NEW AMERICAN LIBRARY

Página 2

Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



DEDICADO A VOCÊ:

Eu não posso acreditar que você e eu chegamos tão longe.

Seu livro não é um adeus, contudo —

Apenas um outro começo.

Mas você está acostumado a isto...

Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>



Nas escuras esquinas da noite de Caldwell, Nova York, um conflito como nenhum outro ruga. Largamente dividido entre um terrível campo de batalha para os vampiros e seus inimigos, a cidade é o lugar de um bando de Irmãos nascidos para defender a sua raça: os guerreiros vampiros da Adaga Negra.

John Matthew percorreu um longo caminho desde que foi encontrado vivendo entre humanos, sua natureza vampira desconhecida por ele mesmo e para aqueles que o rodeavam. Depois de ser acolhido pela Irmandade, ninguém pode imaginar qual a sua verdadeira história – ou sua verdadeira identidade. De fato, o irmão perdido Darius regressou, porém com um rosto diferente e um destino muito distinto. John toma a guerra dentro de seu coração como uma cruel vingança pessoal. Ele necessitará recordar: quem é agora e quem foi uma vez para enfrentar a encarnação do mal.

Xhex, uma assassina sympath, tem resistido por muito tempo contra a atração que sente por John Matthew. Havendo já perdido um amante por culpa da loucura, não permitirá ao macho de valor cair preso na escuridão de sua retorcida vida. Até que o destino intervém, e os dois descobrem que o amor, assim como o destino, é inevitável entre almas emparelhadas.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



ÍNDICE

Glossário de Termos e Nomes Próprios	9
Prólogo	14
Capítulo UM	20
Capítulo DOIS	29
Capítulo TRÊS	40
Capítulo QUATRO	51
Capítulo CINCO	60
Capítulo SEIS	72
Capítulo SETE	79
Capítulo OITO	90
Capítulo NOVE	99
Capítulo DEZ	107
Capítulo ONZE	117
Capítulo DOZE	129
Capítulo TREZE	137
Capítulo QUATORZE	144
Capítulo QUINZE	151
Capítulo DEZESSEIS	159
Capítulo DEZESSETE	166
Capítulo DEZOITO	177
Capítulo DEZENOVE	188



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Capítulo VINTE	199
Capítulo VINTE UM	207
Capítulo VINTE E DOIS	214
Capítulo VINTE E TRÊS	224
Capítulo VINTE E QUATRO	228
Capítulo VINTE E CINCO	232
Capítulo VINTE E SEIS	242
Capítulo VINTE E SETE	246
Capítulo VINTE E OITO	260
Capítulo VINTE E NOVE	276
Capítulo TRINTA	286
Capítulo TRINTA E UM	291
Capítulo TRINTA E DOIS	296
Capítulo TRINTA E TRÊS	307
Capítulo TRINTA E QUATRO	313
Capítulo TRINTA E CINCO	323
Capítulo TRINTA E SEIS	329
Capítulo TRINTA E SETE	336
Capítulo TRINTA E OITO	343
Capítulo TRINTA E NOVE	350
Capítulo QUARENTA	360
Capítulo QUARENTA E UM	371
Capítulo QUARENTA E DOIS	382
Capítulo QUARENTA E TRÊS	387



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Capítulo QUARENTA E QUATRO	391
Capítulo QUARENTA E CINCO	407
Capítulo QUARENTA E SEIS	417
Capítulo QUARENTA E SETE	422
Capítulo QUARENTA E OITO	433
Capítulo QUARENTA E NOVE	443
Capítulo CINQUENTA	451
Capítulo CINQUENTA E UM	460
Capítulo CINQUENTA E DOIS	471
Capítulo CINQUENTA E TRÊS	483
Capítulo CINQUENTA E QUATRO	493
Capítulo CINQUENTA E CINCO	498
Capítulo CINQUENTA E SEIS	504
Capítulo CINQUENTA E SETE	513
Capítulo CINQUENTA E OITO	520
Capítulo CINQUENTA E NOVE	529
Capítulo SESSENTA	536
Capítulo SESSENTA E UM	547
Capítulo SESSENTA E DOIS	553
Capítulo SESSENTA E TRÊS	564
Capítulo SESSENTA E QUATRO	581
Capítulo SESSENTA E CINCO	590
Capítulo SESSENTA E SEIS	597
Capítulo SESSENTA E SETE	604



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Capítulo SESSENTA E OITO	616
Capítulo SESSENTA E NOVE	621
Capítulo SETENTA	630
Capítulo SETENTA E UM	635
Capítulo SETENTA E DOIS	641
Capítulo SETENTA E TRÊS	647
Capítulo SETENTA E QUATRO	658



Glossário de Termos e Nomes Próprios

Ahstrux Nohtrum (n.) Guarda particular com licença para matar, cujo posto é concedido a ele ou ela pelo Rei.

Ahvenge (v.) Cometer um ato de retribuição mortal, realizado geralmente por um homem amado.

Irmandade da Adaga Negra [Black Dagger Brotherhood] (pr. n.) Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem sua espécie contra a *Sociedade Lesser*. Como resultado da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma rápida capacidade de se curar. A maior parte deles não são irmãos de sangue, e são introduzidos na Irmandade por nomeação pelos Irmãos. Agressivos, autossuficientes e reservados por natureza, vivem separados do resto dos civis, mantendo pouco contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam se alimentar. Eles são temas de lendas e objeto de reverência dentro do mundo dos vampiros. Podem ser mortos apenas pela mais séria das feridas, por exemplo, um disparo ou punhalada no coração, etc.

Escravo de sangue [blood slave] (n.) Macho ou fêmea vampiro que foi subjugado para cobrir as necessidades de sangue de outro vampiro. A prática de manter escravos de sangue foi recentemente declarada ilegal.

As Escolhidas [the Chosen] (pr. n.) Fêmeas vampiras que foram criadas para servir a Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora sejam um tanto mais espiritualmente do que temporalmente focadas. Têm pouca ou nenhuma interação com os machos, porém podem emparelhar-se com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua classe. Algumas possuem o dom de prever o futuro. No passado, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstalada pelos Irmãos.

Chrih (n.) Símbolo da morte honrosa na Antiga Língua.

Cohntehst (n.) Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd (pr. n.) Inferno.



Doggen (n.) Membros da classe servente do mundo vampírico. Os *Doggen* têm antigas e conservadoras tradições sobre como servir a seus superiores, segundo a um código formal de vestimenta e comportamento. Eles são capazes de sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. A expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

Ehros (pr. s.) Uma Escolhida treinadas nos assuntos das artes sexuais.

Exhile Dhoble (pr. n.) O gêmeo malvado ou amaldiçoado, aquele nasce em segundo lugar.

O Fade [the Fade] (n.) Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos e passam a eternidade.

Primeira Família [First Family] (n.) O rei e a rainha dos vampiros, e quaisquer filhos que possam ter.

Ghardian (n.) Guardiã de um indivíduo. Há vários graus de *ghardians*, com o mais poderoso sendo o *sehclused* de uma fêmea.

Glymera (n.) O núcleo social da aristocracia, aproximadamente o equivalente a corte no período da regência na Inglaterra.

Hellren (n.) Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Os machos podem ter mais de uma fêmea como companheira.

Leahdyre (n.) Uma pessoa de poder e influência.

Leelan (n.) Um termo carinhoso livremente traduzido como “querido (a)”.

Sociedade Lesser [Lessening Society] (pr. n.) Ordem de assassinos reunidos pelo *Omega* com o propósito de erradicar a espécie vampira.

Lesser (n.) Humanos sem alma que se dedicam a exterminar vampiros, como membros da *Sociedade Lesser*. *Lessers* devem ser transpassados por uma punhalada no peito para serem mortos. Não comem ou bebem e são impotentes. Com o passar do tempo, seus cabelos, pele e íris perdem a pigmentação até que ficam loiros, pálidos e com os olhos claros. Cheiram a talco de bebê. Introduzidos na Sociedade pelo *Omega*, eles retêm um jarro de cerâmica onde conseqüentemente seu coração é colocado depois de ser removido.

Lewlhen (n.) Presente



Lheage (n.) Um termo de respeito utilizado por um submisso sexual para se referir a sua dominante.

Lys (n.) Ferramenta de tortura usada para remover os olhos.

Mahmen (n.) Mãe. Usado tanto como um identificador quanto um termo de afeição.

Mhis (n.) O disfarce de um dado ambiente físico; a criação de um campo de ilusão.

Nalla (n., f.) ou **Nallum** (n., m.) Amada (o).

Período de necessidade [needing period] (n.) Período de fertilidade das fêmeas vampiras, geralmente com duração de dois dias e acompanhado de um forte e ardente desejo sexual. Acontece aproximadamente cinco anos após a transição de uma fêmea e, posteriormente uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em algum grau se estiverem perto de uma fêmea em seu período. Pode ser um momento perigoso com conflitos e brigas surgindo entre machos competindo, particularmente se a fêmea não é emparelhada.

Newling (n.) Uma virgem.

O Omega [the Omega] (Pr. n.) Ser místico e malévolo que quer exterminar a raça vampírica devido ao ressentimento que tem em relação à Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui extensivos poderes, embora não o poder de criação.

Phearsom (adj.) Termo referente a potencia dos órgãos sexuais do macho. A tradução literal seria algo como “digno de penetrar uma mulher”.

Princeps (n.) O mais alto nível da aristocracia vampírica, superado apenas pelos membros da *Primeira Família* ou pelas *Escolhidas* da Virgem Escriba. É um título que se deve ter por nascimento, não pode ser concedido.

Pyrocant (n.) Refere-se a uma fraqueza crítica em um indivíduo. A fraqueza pode ser interna, como um vício, ou externa, como um amante.

Rahlman (n.) Salvador.

Sehclusion (n.) Status conferido pelo rei a uma fêmea da aristocracia como resultado de uma petição pela família da fêmea. Coloca a fêmea debaixo da autoridade exclusiva de seu *ghardian*, tipicamente o macho mais velho da



família. Seu *ghardian* tem então o direito legal de determinar toda sua forma de vida, restringindo à vontade qualquer e toda interação que ela tenha com o mundo.

Shellan (n.) Vampiro fêmea que se emparelhou com um macho. Fêmeas geralmente não tomam de um companheiro devido à natureza altamente territorial dos machos vinculados.

Symphath (n.) Subespécie do mundo vampírico caracterizada pela habilidade e desejo de manipular as emoções dos demais (com o propósito de uma troca de energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, tem sido discriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Estão próximos a extinção.

A Tumba [the Tomb] (Pr. N.) Cripta sagrada da *Irmandade* da Adaga Negra. Utilizada como local cerimonial assim como instalação de armazenamento para os jarros dos *lessers*. As cerimônias realizadas ali incluem: iniciações, funerais e ações disciplinares contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba ou os candidatos à iniciação.

Trahyner (n.) Palavra usada entre machos de mútuo respeito e afeição. Traduzida livremente como “amado amigo”.

Vampiro [vampire] (n.) Membro de uma espécie distinta da *Homo sapiens*. *Vampiros* devem beber o sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, embora a força não dure muito tempo. Depois de suas transições, o que ocorre entre os vinte anos, eles são incapazes de se expor a luz do sol e devem se alimentar diretamente da veia regularmente. Os *vampiros* não podem “converter” humanos através de uma mordida ou transfusão de sangue, embora em raras ocasiões possam reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se à vontade, porém devem se acalmar e se concentrar para fazê-lo e não podem carregar nada pesado com eles. São capazes de extrair as lembranças de um humano, contanto que tais as lembranças sejam de curto prazo. Alguns *vampiros* são capazes de ler mentes. A estimativa de vida é superior a mil anos, ou em alguns casos ainda maior.

Wahlker (n.) Um indivíduo que morreu e voltou à vida do *Fade*. A eles é concedido um grande respeito a são reverenciados por suas tribulações.

Whard (n.) Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



*Algumas coisas estão destinadas a ser—
Apenas nos leva um par de tentativas
Chegar lá.*



Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>





PRÓLOGO

ACAMPAMENTO DE GUERRA DE BLOODLETTER, ANTIGO PAÍS, 1644

Ele desejou ter mais tempo.

Embora pra falar a verdade, o que isso mudaria? O tempo importava somente se alguém fizesse algo com ele, e ele já tinha feito o que podia neste lugar.

Darius, filho unigênito de Tehrror, filho desertado de Marklon se sentou em um chão sujo com seu diário aberto em seu joelho e uma vela de cera de abelha em sua frente. Sua iluminação não era nada além da pequena chama que balançava num borrão, e seu quarto era o canto distante de uma caverna. Sua roupa era feita de couro cru, pronto para batalha e suas botas eram da mesma construção.

Em seu nariz, o odor do suor masculino e terra pungente misturados com a doce substância da morte do sangue dos lessers.

Cada fôlego que tomava parecia aumentar o odor.

Lendo rapidamente as páginas do pergaminho, ele voltou no tempo, regressando os dias um por um até que não estivesse mais ali no acampamento de guerra.

Ele ansiou por um "lar" com uma dor física, sua curta permanência neste acampamento como uma amputação, no lugar de uma recolocação.

Ele fora criado em um castelo onde a elegância e graça tinha sido o tecido essencial da vida. Dentro das robustas paredes que protegeram sua família de humanos e lessers na mesma medida, cada noite havia sido tão cálida e com aroma de rosas quanto aquelas de Julho, os meses e anos passando com facilidade e lazer. Os cinquenta quartos pelos quais ele muitas vezes vagara haviam sido ornamentados com cetins e sedas, a mobília feita de madeira preciosa, e tapetes entrelaçados, não feitos de bambu. Com pinturas a óleo que ardiam em suas armações douradas, e a estatuária de mármore simulando poses nobres, aquele era um cenário de platina para ancorar uma existência de diamante.



E dessa forma teria sido insondável então que alguma vez se encontrasse onde estava agora. Houvera, porém, uma fraqueza vital na fundação daquela vida sua.

O coração pulsante de sua mãe lhe dera seu direito de estar debaixo daquele teto e seguro dentro daquele afagante círculo familiar. E quando aquele amoroso órgão vital parou dentro de seu peito, Darius perdera não apenas sua mahmen que lhe dera a luz, mas o único lar que já conhecera.

Seu padrasto o jogara para fora e o relegara naquele lugar, uma inimizade há muito escondida desta forma exposta e atuada.

Não houve tempo algum para prantear sua mãe. Tempo algum para quebrar a cabeça com o abrupto ódio do macho que praticamente o procriara. Não houve tempo algum para lamentar a identidade que tivera como um macho de boa linhagem dentro do glymera.

Ele fora largado na entrada desta caverna como um humano que sucumbira a praga. E as batalhas começaram antes que sequer visse um lesser ou começasse a treinar para combater os assassinos. Em sua primeira noite e dia dentro da barriga deste acampamento, ele fora atacado por companheiros recrutas que visualizaram sua roupa fina, a única peça que lhe fora permitido levar consigo, como evidência de que era fraco de braço.

Ele surpreendeu não somente a eles, mas a si próprio durante àquelas horas sombrias.

Foi então que aprendeu, assim como eles, que embora tivesse sido criado por um macho aristocrático, no sangue de Darius estavam os componentes de um guerreiro. De fato, não só um soldado. Não, um Irmão. Sem ser ensinado, seu corpo soubera o que fazer e respondera a agressão física com ação aterrorizante. Mesmo quando sua mente lutava com a brutalidade de suas ações, suas mãos, pés e presas souberam precisamente qual esforço era necessário.

Existia outro lado dele, desconhecido, irreconhecível... que de alguma maneira parecia mais "ele" que o reflexo que olhara por tanto tempo dentro de vidro com chumbo.

Com o passar do tempo, sua luta ficou ainda mais proficiente... e seu horror consigo mesmo diminuíra. Para falar a verdade, não havia nenhum outro caminho onde andar: A semente de seu verdadeiro pai, e do pai de seu pai, e do



progenitor de seu avô determinavam sua pele, osso e músculos, a pura linhagem guerreira transformando-o numa força poderosa.

E num terrível e mortal oponente.

De fato, ele achava altamente perturbador ter esta outra identidade. Era como se lançasse duas sombras no chão sobre o qual andava, como se onde quer que ficasse existissem duas fontes separadas de luz que iluminavam seu corpo. E, contudo, embora conduzir a si mesmo numa maneira tão repugnante e violenta ofendesse as sensibilidades que fora ensinado, ele sabia que era parte do mais alto propósito que estava destinado a servir. E isso o salvara diversas e diversas vezes... daqueles que buscavam prejudicá-lo dentro do acampamento, e daquele que parecia desejar todos eles mortos. De fato, o Bloodletter era supostamente o whard deles, mas ele agia mais como um inimigo, mesmo quando os instruía nos cominhos da guerra.

Ou talvez aquele fosse o ponto. A guerra era feia, não importa a face apresentada, se era preparação ou participação.

O ensinamento de Bloodletter era brutal e suas ordens sádicas exigiam ações das quais Darius não tomaria parte alguma. Na realidade, Darius era sempre o vencedor em competições de combate entre os recrutas... mas ele não participava do estupro que era a punição infligida naqueles derrotados. Ele era o único cuja recusa era honrada. Sua negação fora desafiada uma vez pelo Bloodletter, e quando Darius quase lhe bateu, o macho nunca mais se aproximara outra vez.

Os perdedores de Darius, que entre todos no acampamento eram numerosos, eram punidos pelos outros, e era durante àquelas horas, quando o resto do acampamento estava ocupado com o espetáculo, que ele mais frequentemente se consolava em seu diário. Na realidade, no presente momento, ele não conseguia tolerar nem mesmo um olhar na direção da principal cova escavada no chão, para uma das sessões que estava acontecendo.

Darius odiou ter feito com que os eventos acontecessem novamente... mas não teve nenhuma escolha. Ele tinha que treinar, tinha que lutar, e tinha que vencer. E a soma resultante daquela equação era determinada pela lei do Bloodletter.

De cima, na cova, grunhidos e aclamações de escárnios vigorosos cresciam.



Seu coração doeu muito com os sons e ele fechou os olhos. Aquele que atualmente exigia a punição no lugar de Darius era um macho violento, bem ao molde de Bloodletter. Ele frequentemente dava um passo à frente para preencher o vazio enquanto apreciava a dispensação de dor e humilhação tanto quanto apreciava seu Hidromel¹.

Mas talvez não seria mais daquele modo. Pelo menos para Darius.

Esta noite seria seu teste no campo. Depois de ter sido treinado por um ano, ele estava saindo não apenas com guerreiros, mas com Irmãos. Essa era uma rara honra — e um sinal de que a guerra com a Sociedade Lesser estava, como sempre, medonha. A perícia inata de Darius ganhou notoriedade, e Wrath, o Rei Justo, decretou que era para ele ser retirado do acampamento e ajudado a se desenvolver pelos melhores lutadores que a raça vampira tinha.

A Irmandade da Adaga Negra.

Tudo poderia dar em nada, contudo. Se esta noite ele provasse ser unicamente capaz de treinamento e de lutar com outros de sua laia, então seria lançado de volta até esta caverna para mais uma rodada de "ensinamentos" do Bloodletter.

Nunca ser provado pelos Irmãos outra vez, relegado a servir como um soldado.

Uma pessoa tinha apenas uma única chance com a Irmandade, e o teste nesta véspera enlutarada não era a respeito de estilos de luta ou armamento. Era um teste de coração. Poderia ele olhar dentro dos olhos pálidos do inimigo, cheirar seu doce odor e manter sua cabeça tranquila enquanto seu corpo agia naqueles assassinos —

Os olhos de Darius se ergueram das palavras que ele colocara no pergaminho toda uma vida atrás. Na entrada mais secreta da caverna, um grupo de quatro estava parado, altos, com ombros largos e fortemente armados.

Membros da Irmandade.

Ele conhecia aquele quarteto pelo nome: Ahgony, Throe, Murhder, Tohture.

¹Hidromel é uma bebida alcoólica fermentada à base de mel e água.



Darius fechou seu diário, o deslizou para dentro de uma fissura na pedra, e lambeu o pedaço de seu pulso que fizera para criar a "tinta". Sua pena de escrever feita da pena do rabo de um faisão estava extinguindo-se rapidamente, e não tinha certeza se alguma vez voltaria ali outra vez para usá-la, mas ele a guardou.

Enquanto levantava a vela e a erguia para sua boca, ele foi atingido pela qualidade amanteigada da luz. Passara tantas horas escrevendo por meio de tal branda e suave iluminação... de fato, parecia o único laço que existia entre a sua vida do passado e a sua existência atual.

Ele soprou a pequena chama com um único fôlego.

Se pondo de pé, juntou suas armas: Uma adaga de aço que retirara do corpo gelado de um recruta morto, e uma espada vinda do salão comunal de treinamento com armas. Nenhum cabo havia sido ajustado para sua palma, mas sua eficiente mão não se importava.

Enquanto os Irmãos olhavam seu jeito e não ofereciam nem uma saudação nem uma despedida, ele desejou que entre eles estivesse o seu pai de verdade. Como seria diferente a sensação de tudo isso se ele tivesse ao seu lado alguém que se importasse com como seu resultado seria: Ele não procurava que lhe dessem uma moradia, e não buscava nenhuma dispensação especial, mas estava completamente sozinho agora, separado daqueles ao seu redor, separado por uma divisão que podia olhar através, mas nunca transpassar.

Estar sem família era uma prisão estranha, invisível, as barras de solidão e instabilidade se fechando ainda mais firmemente enquanto os anos e as experiências se acumulavam, isolando um macho de forma que ele não tocava nada e nada o tocava.

Darius não olhou de volta para o acampamento enquanto caminhava em direção aos quatro que vieram buscá-lo. Bloodletter sabia que estava saindo em campo e não se importava se ele retornasse ou não àquele lugar. E os outros recrutas agiam da mesma forma.

Na aproximação, ele desejou ter mais tempo para se preparar para este teste de vontade, força e coragem. Mas era aqui e agora.

Na realidade, o tempo avançava ainda que se quisesse que ele diminuísse a velocidade a um rastejo.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Parando ante os Irmãos, ele ansiou por uma palavra de estímulo, um desejo de boa sorte ou um voto de fé de alguém. Como não veio nenhum, ele ofereceu uma breve oração para a sagrada mãe da raça:

Querida Virgem Escriba, por favor não me deixe falhar nisto.





Capítulo UM

Outra borboleta do caralho.

Quando R.I.P. olhou para o que vinha pela porta da sua loja de tatuagens, ele sabia que ia acabar fazendo outra borboleta do caralho. Ou duas.

É. Considerando o par de loiras altas e borbulhantes que vinham rebolando e rindo em direção à sua recepcionista, com certeza ele não iria tatuar qualquer merda como crânios e ossos em sua pele.

Estas falsas Paris Hiltons e os seus jeitos de "somos muito más" faziam-no olhar para o relógio e desejar estar fechado agora, ao invés de 1 hora da manhã.

Cara... a merda que ele fazia por dinheiro. Na maioria das vezes ele podia bancar o *sim, tanto faz* sobre os pesos leves que entravam para serem marcados, mas hoje as ideias brilhantes dessas coisinhas lindas o incomodavam. Difícil de se entusiasmar com a Hello Kitty quando ele havia acabado de passar três horas fazendo um memorial em um motociclista que havia perdido o seu melhor amigo na estrada. Uma retratava a vida real, a outra, um desenho animado.

Mar, sua recepcionista, aproximou-se dele. — Você tem tempo para fazer uma rapidinha? — Ela ergueu as sobrancelhas perfuradas enquanto rolava os olhos. — Não deve demorar muito.

— Sim. — Ele acenou com a cabeça para a cadeira acolchoada. — Traga a primeira até aqui.

— Elas querem fazer juntas.

Claro que queriam. — Ótimo. Pegue o banco lá atrás.

Enquanto Mar desaparecia atrás de uma cortina e ele se preparava, as duas perto da caixa registradora seguravam as mãos uma da outra e tagarelavam sobre os formulários de consentimento que tinham que assinar. De tempos em tempos, as duas olhavam para ele, como se, com todas as suas tatuagens e metais, ele fosse um tigre exótico que eles tivessem vindo admirar em um jardim zoológico... e aprovado totalmente.



Uh-huh. Certo. Ele cortaria suas bolas fora antes de ter qualquer coisa com elas, nem que fosse uma foda por pena.

Após pegar o dinheiro, Mar as trouxe e apresentou-as como Keri e Sarah. Que foi mais do que ele esperava. Ele esteve se preparando para Tiffany e Brittney.

— Eu quero uma carpa arco-íris-, Keri disse quando chegou perto de sua cadeira com o que, claramente, pretendia ser um andar (arch)² sedutor. — Bem aqui.

Ela puxou sua camisa apertadinha, abriu o zíper da calça jeans, e empurrou para baixo o topo da sua tanga cor de rosa. Seu umbigo tinha um aro com um coração de strass rosa pendurado e estava claro que ela fazia eletrólise.

— Tudo bem, — R.I.P. afirmou. — Que tamanho?

Keri, a Sedutora pareceu esvaziar um pouco — como se a taxa de, sem dúvida, cem por cento de sucesso com os jogadores de futebol da faculdade, a levasse a supor que ele arfaria sobre todo o imóvel que estava mostrando a ele.

— Hum... Não muito grande. Meus pais me matariam se soubessem que eu fiz isso... Então não pode aparecer sobre a parte de baixo do biquíni.

Claro que não. — Dois centímetros? — Ele ergueu a mão tatuada e deu-lhe uma noção de dimensão.

— Talvez... Um pouco menor.

Com uma caneta preta, ele fez um esboço sobre ela, e depois que ela lhe pediu para ficar por dentro das linhas, ele agarrou as suas luvas pretas, pegou uma agulha nova e preparou sua pistola.

Demorou cerca de um segundo e meio para Keri mostrar lágrimas e agarrar a mão de Sarah como se fosse um parto sem anestesia epidural. E essa era a diferença, não era? Havia um espaço enorme entre ser hard core³ e wannabe⁴. Borboletas, carpas e pequenos e lindos corações não eram...

²No inglês é 'arch', seria no caso, aquele "deslocar" de quadril sabe? Tipo pro lado? Ela então fez um arco sedutor pra mostrar o local que ela queria que fosse feita a tatuagem. Mas como iria ficar um pouco estranho na frase optamos por 'andar'.

³Hard Core: termo usado para pessoa durona.

⁴Wannabe: termo usado para "aspirante" à algo.



A porta da loja se abriu amplamente... e R.I.P. sentou-se um pouco mais reto em seu banco giratório.

Os três homens que entraram não vestiam uniformes militares, mas definitivamente não eram civis. Vestidos de couro negro desde suas jaquetas e calças até suas botas, eles eram homens enormes, que estreitavam as paredes da loja e encolhiam o teto para baixo. Várias protuberâncias estavam escondidas debaixo dos casacos. O tipo de protuberâncias feitas por armas de fogo e talvez facas.

Com uma mudança sutil, R.I.P. moveu-se na direção de seu balcão, onde se encontrava o botão de emergência.

O da esquerda tinha olhos díspares⁵, piercings de metal e um olhar frio assassino. O da direita parecia um pouco mais centrado, com seu ar de menino bonito e os cabelos vermelhos — exceto pelo fato de que ele se portava como alguém que tinha ido à guerra e voltado.

O do meio, no entanto, era o problema. Ligeiramente maior do que seus amigos, ele tinha o cabelo castanho escuro cortado curto e uma beleza clássica - mas seus olhos azuis estavam sem vida, com tanto brilho quanto asfalto antigo.

Um homem morto andando. Sem nada a perder.

— Ei —, R.I.P. chamou para cumprimentá-los. — Vocês precisam de um pouco de tinta?

— Ele precisa. — O cara com piercings acenou para seu companheiro de olhos azuis. — E ele tem o desenho. É uma peça para o ombro.

R.I.P. deu a seu instinto uma chance de meditar sobre o projeto. Os homens não olharam Mar inadequadamente. Não houve casing⁶ da caixa registradora e ninguém pegou suas armas. Eles esperavam educadamente, mas com expectativa. Como que se ele não fizesse o que eles queriam, encontrariam alguém disposto.

Ele recuou de volta para a posição, pensando que eles eram o seu tipo.

— Legal. Vou terminar logo.

⁵No original: mismatched que significa incompatível, diferente, e como vocês já sabem, o Quinn tem um olho verde e outro azul =)

⁶É quando alguém entra e já dá uma olhada, checa, avalia o que pode ser roubado.



Mar falou de trás do balcão. — Nós deveríamos estar fechando em menos de uma hora...

— Mas eu vou fazer você, — R.I.P. disse ao do centro. — Não se preocupe com o tempo.

— E eu acho que vou ficar — disse Mar, olhando o cara com os piercings.

O rapaz de olhos azuis levantou as mãos e moveu-as com gestos distintos. Depois que ele terminou, o de piercing traduziu, — Ele disse obrigado. E ele trouxe sua própria tinta, se não se importa.

Não era exatamente a norma, e ia contra o Código de saúde, mas RIP não tinha problemas em ser flexível com o cliente certo. — Sem problemas, cara.

Ele voltou a trabalhar com a carpa e Keri retomou sua rotina de menininha gemendo e mordendo os lábios. Quando ele terminou, não ficou surpreso de que Sarah, após ter visto sua amiga atravessar a "agonia", decidiu que queria o reembolso ao invés de uma linda tatuagem das cores do arco-íris.

O que era uma boa notícia. Isso significava que ele poderia começar a trabalhar no cara com os olhos mortos imediatamente.

Enquanto retirava suas luvas pretas e se limpava, ele se perguntou como diabos seria o projeto. E exatamente quanto tempo Mar ia levar para chegar dentro da calça do cara com piercings.

O primeiro provavelmente seria muito bom.

E o último... ele daria cerca de dez minutos, porque ela chamou a atenção de seu olhar díspar e Mar trabalhava rápido... e não apenas atrás do balcão.

Do outro lado da cidade, longe dos bares e lojas de tatuagens da Rua Trade, em um enclave de brownstones⁷ e ruas pavimentadas, Xhex ficou em pé perto de uma bay window⁸ e olhou para fora através do vidro ondulado antigo.

⁷ Brownstone: um tipo de construção, estilo de casa, encontrada em algumas cidades dos Estados Unidos. http://kickitkia.files.wordpress.com/2009/09/brooklyn_brownstones.jpg /



Ela estava nua e com frio e machucada.

Mas ela não era fraca.

Lá embaixo, na calçada, uma mulher humana passeava com um cachorro yappy⁹ em uma coleira e um telefone celular na orelha. Do outro lado, pessoas em outros trajes elegantes estavam bebendo, comendo e lendo. Carros passavam lentamente, tanto por respeito aos vizinhos, quanto por temerem o dano que a rua irregular poderia causar aos sistemas de suspensão de seus carros.

A galeria de Homo sapiens do tamanho de amendoins não podia ver nem ouvir. E não apenas porque as capacidades dessa outra raça eram reduzidas em comparação às dos *vampiros*.

Ou no seu caso, *vampiro meio-symphath*.

Mesmo que ela acendesse a luz e gritasse até que sua laringe desistisse, mesmo que ela agitasse os braços, até que caíssem fora de suas bases, os homens e mulheres que estavam perto apenas continuariam a fazer o que eles estavam fazendo, sem saber que ela estava presa neste quarto, bem no meio deles. E não era como se ela pudesse pegar a escrivainha ou o criado mudo e quebrar o vidro. Nem derrubar a porta a chutes ou rastejar pela janela do banheiro.

Ela já havia tentado tudo isso.

A assassina dentro dela teve que ficar impressionada com a natureza penetrante de suas células invisíveis: Não havia, literalmente, nenhuma maneira de escapar, através ou fora disso.

Afastando-se da janela, ela andou ao redor da cama king-size com lençóis de seda e suas memórias horríveis... pelo banheiro de mármore... e continuou pela porta que levava ao corredor. Considerando a forma como as coisas eram com seu captor, não era como se ela precisasse de mais exercício, mas ela não podia ficar parada, seu corpo se contraindo e Zumbindo.

⁸ Bay window: tipo de janela de
balcão. <http://www.sistin.com.br/images/fotos/esquadrias/baywindow1.jpg>

⁹ Morri de rir com essa palavra. É alguém que fala demais, que tem diarreia verbal... pensa no cachorro falando demais... a gente pode colocar um cachorro que não parava de latir



Ela já havia passado por essa coisa de contra-sua-vontade antes. Sabia como a mente, como um corpo faminto, poderia canibalizar-se após muito tempo se você não o alimentasse com algo que acabasse com esse sentimento.

Sua distração favorita? Bebidas mistas. Depois de ter trabalhado em clubes por anos, ela conhecia legiões de cocktails e misturas e lembrou-se de todos eles, imaginando as garrafas, os copos, o modo de servir, o gelo e as especiarias.

Essa rotina Bartender-pédia¹⁰ a manteve sã.

Até agora, tinha esperado um erro, um deslize, uma oportunidade para escapar. Nenhum deles tinha chegado e essa esperança estava começando a desaparecer, expondo um enorme buraco negro que estava pronto para devorá-la. Então, ela não parava de fazer drinks em sua cabeça e procurar sua oportunidade.

E sua experiência ajudou de uma forma estranha. O que aconteceu aqui, por pior que fosse, por mais que doesse fisicamente, não era nada comparado ao que ela havia enfrentado antes.

Isso era coisa de principiante.

Ou... pelo menos era o que ela dizia a si mesma. Às vezes se sentia pior.

Andando mais um pouco, passando por mais duas bay windows, pela escrivaninha, e depois ao redor da cama novamente. Desta vez ela entrou no banheiro. Não havia navalhas ou escovas ou pentes, apenas algumas toalhas que estavam ligeiramente úmidas e uma barra de sabão ou duas.

Quando Lash a tinha raptado, usando o mesmo tipo de magia que a mantinha neste conjunto de salas, ele a levava para esta sua cabana elegante e sua primeira noite e dia juntos foi o indicativo de como as coisas seriam.

No espelho sobre o lavatório duplo, olhou-se e realizou uma análise desapaixionada do seu corpo. Havia hematomas por toda parte... cortes e arranhões também. Ele era brutal no que ele fazia, e ela lutava de volta porque ela seria amaldiçoada antes de deixá-lo matá-la... por isso era difícil dizer quais marcas haviam sido feitas por ele e quais haviam sido acidentais pelo que ela tinha feito ao bastardo.

¹⁰Aqui o "pédia" é uma referência ao Wikipédia, o famoso site de informações. Ai ela faz esse joguinho com as palavras, bartender e Wikipédia =)



Se ele colocasse seu traseiro nu na diante de algum espelho, ela apostaria seu último suspiro que ele não parecia melhor do que ela.

Olho por olho.

A consequência infeliz era que ele gostava que ela combatesse o fogo com fogo. Quanto mais eles lutavam, mais ele ficava excitado, e ela sentiu que ele estava surpreso com suas próprias emoções. Nos primeiros dias, ele tinha estado no modo de punição, tentando retribuir o que ela havia feito à sua última namorada - evidentemente, as balas que tinha colocado no peito da cadela realmente o tinha irritado. Mas então as coisas haviam mudado. Ele começou a falar menos sobre a sua ex e mais sobre as partes do corpo e fantasias envolvendo um futuro que incluía ela dando a luz à sua prole.

Conversa de travesseiro¹¹ para o sociopata. Agora, seus olhos brilhavam por outro motivo quando ele vinha até ela, e se ele a surrava até ficar desacordada, ela geralmente recuperava a consciência com ele enrolado em seu corpo.

Xhex afastou-se de seu reflexo, e congelou antes de dar outro passo.

Havia alguém lá embaixo.

Saindo do banheiro, ela foi até a porta que levava ao corredor e respirou lenta e profundamente. Quando o cheiro de carniça suada flutuava em seu seio nasal, ficou claro que o que estava ao redor andando lá embaixo era um *lesser* — mas não era Lash.

Não, era seu criado, o que vinha toda noite antes de seu sequestrador chegar a fazer-lhe algo para comer. O que significava que Lash estava no caminho para o brownstone.

Cara, ela era sortuda: ser sequestrada pelo único membro da *Sociedade Lessening* que comia e fodia. O resto era impotente como alguém com noventa anos de idade e sobreviviam com uma dieta à base de ar, mas Lash? O filho da puta era totalmente funcional.

Voltando para a janela, ela esticou a mão em direção ao vidro. A fronteira que marcava sua prisão era um campo de energia que sentia como alfinetadas quentes quando ela entrava em contato com ele. A maldita coisa era como uma barreira invisível para coisas maiores que cães... com o benefício adicional de não necessitar de coleira.

¹¹ Conversa depois do sexo.



A coisa cedeu um pouco... quando ela pressionou, houve uma insinuação de flexibilidade, mas só até certo ponto. Em seguida, as moléculas que se agitaram agruparam-se e a sensação de queimação ficou tão aguda que ela teve que agitar a mão e andar para aliviar a dor.

Enquanto ela esperava Lash voltar, sua mente flutuou para o macho no qual ela tentava nunca pensar.

Especialmente se Lash estava por perto. Não ficou claro o quanto seu captor poderia entrar em sua mente, mas ela não quis arriscar. Se o desgraçado suspeitasse que aquele soldado mudo era o seu bem-da-alma, tal como o seu povo o chamava, ele iria usar isso contra ela... e contra John Matthew.

Uma imagem do macho veio à sua mente, seus olhos azuis ecoando em sua memória tão claramente, que ela podia ver manchas de azul marinho neles. Deus, aqueles belos olhos azuis.

Ela se lembrava de quando ela o conheceu, quando ele era um *pré-trans*. Ele havia olhado para ela com tal temor e admiração, como se ela fosse maior do que a vida, uma revelação. Claro que, naquela época, tudo o que ela sabia era que ele estava carregando armas no ZeroSum, e como chefe de segurança do clube, ela tinha tentado desarmá-lo e jogá-lo na rua. Mas depois ela descobriu que o Rei Cego era seu *whard* e isso mudava tudo.

Após a boa notícia sobre quem comandava seu negócio, John não apenas recebeu permissão para entrar armado; ele passou a ser um convidado especial, juntamente com seus dois meninos. Depois disso, ele vinha regularmente e sempre a observava, aqueles olhos azuis a seguiam onde quer que ela fosse. E então ele passou pela transição. Puta merda, ele tinha se transformado em um dos grandes, e de repente aquele olhar teve algo quente adicionado à suave timidez.

Foi preciso muito para matar essa bondade. Porém, leal à sua natureza assassina, ela havia conseguido acabar com o calor da forma como ele olhava para ela.

Concentrando-se na rua abaixo, ela pensou no tempo que passaram juntos no porão da casa dela. Depois do sexo, quando ele tentou beijá-la, quando seus olhos azuis tinham brilhado com a marca registrada de vulnerabilidade e compaixão que ela associava com ele, ela se fechou e o afastou.



Era um caso de coragem perdida. Ela simplesmente não conseguia lidar com a pressão da coisa toda de corações-e-flores... ou a responsabilidade que acompanha estar perto de alguém que se sentia assim por ela... ou com o fato de que ela tinha a capacidade de amar de volta.

A vingança havia sido a morte daquele olhar especial.

O consolo era que entre os homens que estavam propensos a tentar ir atrás dela — iAm, Rehvenge, e Trez... a Irmandade — John não estava na cruzada. Se ele estivesse procurando por ela, era porque ele tinha que fazê-lo como um soldado, não porque ele era obrigado, como parte de uma missão suicida pessoal.

Não, John Matthew não estaria na guerra por causa de seus sentimentos por ela.

Já tendo visto um macho de valor destruir a si mesmo para tentar resgatá-la, pelo menos, ela não teria que fazer isso de novo.

Quando o cheiro de bife grelhado permeou a brownstone, ela desligou seus pensamentos e reuniu sua vontade em torno dela como uma armadura.

Seu “amante” estaria aqui a qualquer minuto, por isso ela precisava fechar suas escotilhas mentais e se preparar para a batalha desta noite. Exaustão penetrante se arrastou até ela, mas sua vontade afastou o peso morto. Ela precisava se alimentar, mais ainda do que ela precisava de um bom descanso, mas nenhum deles ia acontecer tão cedo.

Era uma questão de colocar um pé na frente do outro até que algo se quebrasse.

Isso e acabar com o macho que se atreveu a segurá-la contra sua vontade.



Capítulo DOIS

Cronologicamente falando, Blaylock, filho de Locke havia conhecido John Matthew por apenas um ano.

Mas essa não era a verdadeira reflexão do bromance¹². Havia duas linhas do tempo para a vida das pessoas: A absoluta, e a percebida. A absoluta era a universal, o ciclo noite-e-dia, que para eles equivalia algo como trezentos e sessenta e cinco. Então havia o modo que o período tempo acabava, os eventos, as mortes, a destruição, o treinamento, a luta.

Ele calculou tudo dito... Aquilo os juntava por aproximadamente quatrocentos mil anos

E contando, ele pensou, olhando sobre seu amigo.

John Matthews estava encarando às tintas nas paredes da loja de tatuagens, seus olhos indo sobre as caveiras e adagas, às bandeiras Americanas, e símbolos chineses. Com seu tamanho, ele absolutamente reduzia as três, — salas da loja — ao ponto que parecia que ele veio de outro planeta, em contraste ao seu estado pré-trans, o cara agora tinha a massa muscular de um lutador profissional, ainda que seu esqueleto fosse tão grande, o peso estava estendido em longos ossos, dando a ele uma aparência mais elegante do que aqueles inchados humanos em ossos apertados. Ele começou a raspar sua cabeça, seu cabelo negro muito curto, e isso fazia as linhas de seu rosto parecerem mais duras do que bonitas. — Com os escuros círculos sob seus olhos dando à aparência de durão um sério reforço.

A vida tinha tirado a merda fora dele, mas ao invés de dobrá-lo, cada golpe e pancada havia forjado-o mais forte e duro e rígido. Ele era puro aço agora, nada lembrando ao garoto que foi uma vez.

Mas isso era crescimento para você. Não apenas seu corpo mudava. Sua cabeça mudava, também.

Encarando a seu amigo, a perda de inocência parecia um crime.

¹² Laço de amizade entre homens, que não se refere ao romance dito, nem ao sexo. É apenas um jogo de palavras, Brother (Irmão) e Romance.



E naquela nota, a recepcionista atrás do balcão pegou a atenção de Blay. Ela estava se inclinando no vidro mostrador de fornecimentos de piercings, seus seios inchando contra o sutiã preto e a blusa preta que estava vestindo. Ela tinha duas mangas, uma em branco e preto, e uma em branco e vermelho, e ela tinha aros cinza de bronze no nariz, sobrancelhas, e ambas as orelhas. Entre todas aquelas tatuagens na parede, ela era um exemplo vivo do trabalho que você poderia ter se quisesse. Um bem sexy, bem explícito exemplo... Que tinha lábios da cor do vinho, e cabelos da cor da noite.

Tudo sobre ela combinava com Qhuinn. Ela era como uma fêmea dele.

E sabe como é. Os olhos mistos de Qhuinn já haviam travado nela, e ele estava sorrindo apertadamente em seu sorriso marca registrada de um jeito *Te peguei*.

Blay escorregou uma mão em sua jaqueta de couro e sentiu seu pacote de Dunhill vermelhos¹³. Cara, nada o fazia desejar um cigarro mais do que a vida amorosa de Qhuinn.

E claramente ele estaria acendendo mais um par de cigarros hoje à noite: Qhuinn passeou ao redor da recepcionista e a bebeu como se ela fosse uma longa, alta, cerveja direto da torneira, e ele tivesse trabalhado o dia todo no calor. Os olhos dele se fecharam nos seios dela, enquanto trocava nomes com ela, e ela o ajudava a ter uma imagem mais clara de suas propriedades, por se inclinar para frente em seus antebraços.

Boa coisa que *vampiros* não pegavam câncer.

Blay virou suas costas ao Spice Channel¹⁴ ao lado da caixa registradora e foi parar perto de John Matthew.

— Isso é legal. — Blay apontou ao desenho de uma adaga.

Você vai colocar tinta alguma vez? John sinalizou.

— Eu não sei.

Deus sabia que ele gostava de ter na pele...

¹³ Marca de cigarros.

¹⁴ É um grupo de canais pay-per-view via cabo com pornografia hardcore entre os horários de 22:00 e 06:00.



Seu olhar se moveu de volta para Qhuinn. O grande corpo do cara estava se arqueando na mulher humana, seus ombros largos e seus apertados quadris e suas longas, poderosas pernas, garantindo a ela, o inferno de um passeio.

Ele era maravilhoso no sexo.

Não que Blay fosse saber em primeira mão. Ele havia visto e ouvido... E imaginado como seria. Mas quando a oportunidade tinha aparecido, ele havia sido relegado a uma pequena, especial classe: Negado.

Atualmente era mais uma categoria do que uma classe... Porque ele era o único que Qhuinn não iria ter sexo.

— Hum... Vai arder assim sempre? — Uma voz feminina perguntou.

Enquanto uma profunda masculina estrondava uma resposta, Blay olhou sobre a cadeira do tatuador. A loira que tinha sido trabalhada estava cuidadosamente colocando sua camiseta sobre a bandagem de celofane e encarando ao cara que a pintou, como se ele fosse um médico dizendo a ela as chances de sobreviver à raiva.

O par de garotas então foi para a recepcionista, onde a não tatuada, a que havia mudado de ideia pegou um reembolso, e as duas examinaram Qhuinn.

Era daquele jeito onde quer que o cara fosse, e costumava ser o tipo de coisa que faria Blay admirar seu melhor amigo. Agora, era um sem fim de rejeições: Toda vez que Qhuinn dizia sim, fazia aquele único não dentro dele gritar mais alto.

— Eu estou pronto se vocês estiverem. — O tatuador chamou.

John e Blay seguiram para o fundo da loja, e Qhuinn deixou à recepcionista como um mau hábito e seguiu. Uma boa coisa era sobre a seriedade que ele tomou todo o papel de *ahstrux nohtrum* de John: Ele era suposto a ficar ao redor do cara, vinte quatro horas por dia, sete dias por semana, e essa era uma responsabilidade que ele levava mais a sério do que até mesmo sexo.



Enquanto John sentava na cadeira acolchoada do trabalho de espaço, ele tomou um pedaço de papel e desdobrou no balcão do artista.

O homem franziu o cenho e olhou sobre o que John havia desenhado.

— Então são esses quatro símbolos atravessados sobre seus ombros?

John assentiu e sinalizou.

Você pode enfeitar do jeito que quiser, mas eles têm que ficar nítidos.

Depois que Qhuinn traduziu, o artista assentiu.

— Legal. — Ele pegou uma caneta preta e começou a fazer uma caixa de elegantes redemoinhos ao redor do simples desenho, — O que são esses símbolos, a propósito?

— Apenas símbolos — Qhuinn respondeu.

O artista assentiu de novo, e continuou desenhando.

— O que acha disso?

Os três se inclinaram.

— Cara, — Qhuinn disse suavemente. — Isso é animal.

Era. Era absolutamente perfeito, o tipo de coisa que John usaria em sua pele com orgulho. — Não que alguém fosse ver as letras na Antiga Língua, ou aquele espetacular trabalho dos redemoinhos. O que era enunciado não era algo que ele queria amplamente reconhecido, mas essa era a coisa com tatuagens: Elas não tinham que ser publicas, e Deus sabia que o cara tinha um monte de camisetas para cobrir.

Quando John assentiu, o artista levantou.

— Me deixe pegar o papel transferidor. Copiar em você não vai levar muito tempo, e então nós começaremos o trabalho.

Enquanto John colocava uma jarra de tinta no balcão e começava a tirar sua jaqueta, Blay sentou numa banqueta, e estendeu seus braços. Dado o número de armas que John estava guardando em seus bolsos, não faria nenhum bem a ninguém pendurar sua merda num gancho.



Quando ele estava sem camisa, John se arrumou numa posição inclinada para frente, seu pesado braço descansando numa acolchoada barra levantada. Depois que o artista colocou a imagem no papel transferidor, o cara alisou a folha sobre a parte de cima das costas de John, depois puxou.

O desenho formou um perfeito arco através da dimensão de músculos, tomando tudo da área considerada de John.

A Antiga Língua realmente era linda, Blay pensou.

Encarando aos símbolos, por um breve, ridículo momento, ele imaginou seu próprio nome através dos ombros de Qhuinn, gravado naquela macia pele, na maneira do ritual de vinculação.

Nunca vai acontecer. Eles estavam destinados a serem melhores amigos... O que, comparado a estranhos, era algo gigante. Comparado a amantes? Era o lado frio de uma porta fechada.

Ele deu uma olhada a Qhuinn. O cara tinha um olho em John, e um olho na recepcionista, — Que havia trancado a porta da frente, e vindo ficar do lado dele.

Atrás do zíper do seu couro, a projeção que ele estava ostentando era óbvia.

Blay olhou abaixo a bagunça de roupas em seu colo. Um por um, ele cuidadosamente dobrou a camiseta, a manga longa, e então a jaqueta de John. Quando olhou para cima, Qhuinn estava correndo seu dedo indicador lentamente sobre o braço da mulher.

Eles iam acabar se metendo atrás daquela cortina sobre a esquerda. A porta da frente da loja estava fechada, a cortina era o suficiente fina, e Qhuinn iria fazer com a mulher com suas armas postas. Então John iria estar salvo de qualquer forma... E aquela coceira seria coçada.

O que significava que Blay teria que sofrer apenas os ouvindo.

Melhor então que a completa vista. Especialmente porque Qhuinn era lindo de se assistir quando tinha sexo. Apenas... lindo.

Antes quando Blay tentou fazer a coisa de hetero, os dois tinham trabalhado em equipe com um número de fêmeas humanas, — Não que ele



pudesse ter lembrado qualquer um dos rostos das mulheres, ou corpos, ou nomes.

Sempre tinha sido sobre Qhuinn, para ele. Sempre.

A corrosiva dor da agulha da tatuagem era um prazer.

Enquanto John fechava seus olhos e respirava profunda e lentamente, ele pensou sobre a interseção do metal e da pele, como o afiado entrava no macio, como o sangue fluía... Como você sabia exatamente onde a penetração era.

Como agora mesmo, o artista tatuador estava diretamente no topo de sua espinha.

John tinha um monte de experiência com toda a merda cortar-e-picar, — Apenas numa escala muito maior, e dando ao invés de recebendo. Claro, ele tinha sido cortado em campo algumas vezes, mas deixou mais do que sua justa parte de buracos para trás, e como o tatuador, ele sempre levava seu equipamento para trabalhar com ele: Sua jaqueta carregava todos os tipos de adagas e canivetes, até mesmo um pedaço de corrente. Também um par combinado de armas, do tipo, só pra garantir.

Bem... Aquilo tudo é um par de cilícios farpados.

Não que ele houvesse usado aqueles no inimigo.

Não, aqueles não eram armas. E ainda que eles não estivessem apertados na coxa de ninguém por quase quatro semanas agora, eles não eram inúteis. Atualmente, eles funcionavam como um tipo de fodido Objeto Transicional¹⁵. Sem eles, ele se sentia nu.

A coisa era, aqueles laços brutais eram os únicos laços que ele tinha com quem amava. O que, considerando o modo que as coisas haviam sido deixadas entre os dois, fazia sentido cósmico.

¹⁵ Qualquer tipo de objetos usados em maioria por crianças, como uma forma de conforto. Ex: Um ursinho, boneca, travesseiro, etc.



Eles não iam longe o suficiente para ele, no entanto. O que Xhex tinha usado ao redor de suas pernas para conter seu lado *symphath*, não oferecia o tipo de permanência que ele estava procurando, e aquilo foi o que levou para a sua própria convenção, metal-na-pele. Quando ele tivesse terminado aquilo, ela iria estar sempre com ele. Em sua pele, tanto quanto debaixo dela. Em seus ombros, tanto quanto em sua mente.

Esperançosamente, esse humano estava fazendo um bom trabalho com o desenho.

Quando os Irmãos precisavam de tatuagens por qualquer razão, Vishous trabalhava a agulha, e o cara era um profissional nisso, — Inferno, a lágrima vermelha no rosto de Qhuinn e a negra data em espiral ao redor do pescoço dele eram animais. O problema era, você ia a V com um trabalho como esse, e subitamente iriam haver perguntas, — Não apenas dele, mas de todo mundo.

Não havia muitos segredos na Irmandade, e John iria tão rápido quanto manter seus sentimentos por Xhex para si mesmo.

A verdade era... Ele estava apaixonado por ela. Totalmente sobre-a-linha, sem-modo-de-voltar, nem-mesmo-morto-ele-iria-separar, esse tipo de merda. E ainda que seus corações e flores não fossem correspondidos, aquilo não interessava. Ele estava em paz com o fato de que quem ele queria, não queria ele.

O que ele não podia suportar era ela sendo torturada ou morrendo numa lenta, excruciante morte.

Ou ele não sendo capaz de dar a ela um enterro apropriado.

Ele estava obcecado com o desaparecimento dela. Obcecado ao ponto da autodestruição. Brutal e implacável em direção a quem a pegou. Mas isso não era da conta de ninguém.

A única coisa boa na situação era que a Irmandade estava da mesma forma comprometida a descobrir o que diabos aconteceu a ela. Os Irmãos não deixavam ninguém para trás numa missão, e quando eles foram para pegar Rehvenge daquela colônia *symphath*, Xhex tinha sido um muito membro da equipe. Quando a poeira tinha baixado, e ela havia desaparecido completamente, a suposição era que ela havia sido sequestrada, e ali havia dois possíveis caminhos a seguir: *symphaths* ou *lessers*.



O que era dizer mais ou menos, Você quer que ela pegue poliomielite¹⁶, ou Ébola¹⁷?

Todos, incluindo John, Qhuinn e Blay, estavam no caso. Como resultado? Apenas parecia como se achá-la fosse parte do trabalho de John como um soldado na guerra.

O zumbido da agulha parou, e o artista limpou suas costas.

— Está ficando bom. — O cara disse, voltando ao seu trabalho. — Você quer fazer isso em duas sessões. Ou apenas essa?

John olhou para Blay e sinalizou.

— Ele disse que quer que seja feito essa noite, se você tiver tempo. — Blay traduziu.

— Sim, eu posso fazer isso. Mar? Ligue para Rick e diga que eu vou me atrasar.

— Discando enquanto nós falamos, — A recepcionista disse.

Não, John não iria deixar os Irmãos saberem sobre essa tinta, — Não importa quão legal parecesse.

O modo que ele via, ele havia nascido em uma estação de ônibus, e deixado para a morte. Jogado no sistema de adoção para crianças. Pego por Tohr e sua companheira, apenas para tê-la morta e o cara desaparecido. E agora Z, quem tinha sido o que havia sido designado para alcançá-lo, estava compreensivelmente ocupado com sua *shellan* e a nova filha deles.

Até mesmo Xhex tinha se afastado antes da tragédia.

Então, o que seja, ele podia entender uma indireta. Além do que, era curiosamente libertador não dar uma merda sobre a opinião de ninguém. O libertava para alimentar sua obsessão com rastrear o raptor dela, e rasgar o fodido, membro por membro.

— Você se importa em me dizer o que é isso? — O cara da tatuagem perguntou.

¹⁶ Paralisia infantil.

¹⁷ Vírus fatal de origem africana.



John levantou seus olhos e imaginou que não havia razão para mentir ao humano. Além disso, Blay e Qhuinn sabiam a verdade.

Blay pareceu um pouco surpreso, mas depois traduziu.

— Ele disse que é o nome de uma garota.

— Ah, sim. Eu imaginei. Vocês dois estão se casando?

Depois que John sinalizou, Blay disse,

— É um memorial.

Houve uma pausa, e depois o cara da tatuagem colocou sua pistola para baixo na mesa rolante onde a tinta estava. Depois de levantar a manga de sua camiseta preta, ele colocou seu antebraço na frente de John. Nele estava a imagem de uma linda mulher, seu cabelo voando sobre seu ombro, seus olhos focados, então olhava para fora da pele dele.

— Essa era minha garota. Ela não está mais aqui, também. — Com uma aguda puxada, o cara cobriu a imagem. — Então eu entendo.

Conforme a agulha voltava para o trabalho, John achou difícil de respirar. A ideia que Xhex estava provavelmente morta agora, o comia vivo... E o pior era imaginar o modo que ela devia ter morrido.

John sabia quem a tinha levado. Havia apenas uma explicação lógica: Enquanto ela tinha ido ao labirinto e ajudado libertar Rehvenge, Lash tinha aparecido, e quando ele desapareceu, ela tinha também. Não uma coincidência. E, no entanto, ninguém tinha visto nada, havia tido ao redor de cem *symphaths* na caverna onde Revh tinha estado, e muita coisa acontecendo... E Lash não era o tipo normal de *lesser*.

Oh, não... Ele era aparentemente o filho do *Omega*. A mesma semente do mal. E aquilo significava que o chupador de paus tinha truques.

John tinha visto um pouco das suas pomposas dancinhas perto e pessoalmente durante a luta na colônia: Se o cara podia criar bombas de energia em sua palma, e ficar nariz com nariz com a besta de Rhage, então porque ele não podia agarrar alguém diretamente embaixo dos narizes deles. A coisa era, se Xhex tivesse sido morta aquela noite, eles teriam achado um corpo. Se ela estivesse respirando, mas tivesse um machucado, ela teria alcançado telepaticamente *symphath-para-symphath* Rehvenge. E se ela estivesse viva, e



precisasse de algumas férias, ela teria partido apenas depois que tivesse certeza que todos estavam a salvo em casa.

Os Irmãos estavam trabalhando na mesma suposição lógica, então eles estavam todos fora procurando por *lessers*. E ainda que, a maioria dos *vampiros* haviam deixado Caldwell, para casas seguras fora do estado depois dos ataques, a *Sociedade Lessening*, sob a liderança de Lash, tinha voltado-se para o tráfico de drogas para se sustentar, e aquilo acontecia principalmente ao redor dos clubes aqui na cidade, na Rua Trade. Sórdidos e rotineiros becos eram o nome do jogo, com todos procurando por coisas que estavam não mortas e cheiravam como um cruzamento entre um gambá sangrando e um Glade PlugIn¹⁸.

Quatro semanas, e eles acharam nada mais que sinais que os *lessers* estavam movendo o produto na rua para os humanos.

John estava ficando louco, principalmente por todo o não-saber e o medo, mas parcialmente por ter que segurar toda aquela violência por dentro. No entanto, era maravilhoso o que você podia fazer quando não tinha escolha, — Ele tinha que se mostrar normal e de cabeça leve se quisesse ser uma parte disso, então aquilo era o que ele demonstrava si mesmo a ser.

E essa tatuagem? Era uma estaca enfiada no território que ele estava. Sua declaração de que, mesmo se Xhex não o quisesse, ela era sua companheira, e ele iria honrá-la, viva ou morta. Aqui estava a coisa: As pessoas se sentiam do jeito que sentiam, e não era culpa deles se essa conexão era de mão única. Apenas... Era.

Deus, ele desejou não ter sido tão frio quando eles tiveram sexo da segunda vez.

Aquela última vez.

Abruptamente, ele cortou suas emoções. Colocando aquele gênio de tristeza e arrependimento e rejeição de volta em sua garrafa. Não podia permitir a si mesmo desmoronar. Ele tinha que continuar indo, continuar procurando, continuar colocando um pé na frente do outro. O tempo estava se movendo para frente, mesmo que ele quisesse que ficasse devagar, para que então eles tivessem uma melhor chance de encontrá-la viva.

¹⁸Glade PlugIn é aquele purificador de ar que passa direto no comercial, esse no caso, vai direto na tomada, tem tipo um suporte onde encaixa o Glade:
<http://leonmink.com/blog/wpcontent/uploads/2007/04/gladeplugin.jpg>



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



O relógio não estava interessado em suas opiniões, no entanto.

Querido Deus, ele pensou. Por favor, não me deixe falhar nisso.





Capítulo TRÊS

— Indução? O que? É como se fosse um clube de merda?

As palavras ecoaram dentro da Mercedes, Lash apertou as mãos no volante e olhou para fora do para-brisa. Ele tinha um canivete no bolso interno de seu Canali¹⁹ e o desejo de tirar a lâmina e abrir-lhe a garganta era malditamente tentador.

É claro, então, que ele teria um corpo morto com o que lidar e sangue por todo o couro.

E ambas as situações seriam entediantes.

Ele olhou o assento. O tipo que ele tinha selecionado, a partir de um elenco de centenas, era o típico filho da puta oportunista, traficante de drogas e matreiro. A antiga cicatriz circular no rosto contava a história de abuso infantil do garoto — perfeitamente redonda e do tamanho de uma queimadura de cigarro quase acabado — e sua vida dura nas ruas estava escrita nos seus espertos e inquietos olhos. Sua ambição estava no modo em que olhou o interior do carro, como se ele estivesse tentando imaginar torná-lo seu, e sua criatividade era evidente pela forma rápida que criou nome para si como um revendedor bam-bam-bam.

— Mais que um clube, disse Lash em voz baixa. — Muito mais. Você tem um futuro neste negócio e eu estou oferecendo a você numa bandeja de prata. Meus homens irão buscá-lo aqui amanhã à noite.

— E se eu não quiser?

— É sua escolha. Naturalmente, então, o desgraçado iria acordar morto pela manhã, mas isto eram detalhes, detalhes...

O garoto encontrou os olhos de Lash. O humano não tinha uma constituição de um guerreiro; ele estava mais para o tamanho de alguém que teve seu traseiro colado com fita adesiva no vestuário da escola. Mas tornou-se muito

¹⁹ Canali é uma grife italiana de roupas masculinas, especializada em alfaiataria de luxo.



claro que a *Sociedade Lesser* necessitava de dois tipos de membros agora: os que faziam dinheiro²⁰ e os soldados.

Depois que Sr. D teve a extensão do Xtreme Park e viu quem estava movendo a maioria dos produtos, esta merda magra com olhar de réptil estava no topo.

Você é viado? – o garoto perguntou.

Lash permitiu que uma de suas mãos deixasse o volante e mergulhasse dentro sua jaqueta. – Porque pergunta isso?

— Você cheira como um e se veste como um também.

Lash se moveu tão rápido que seu alvo nem teve a chance de inclinar-se no assento. Com uma rápida investida, ele apertou o botão e pôs a lamina diretamente na pulsação vital do garoto, batendo ao lado de seu pescoço branco.

— A única coisa que faço para machos é matá-los— Lash disse— Você quer ser fodido assim? Porque eu estou pronto, se você estiver.

Os olhos do garoto se arregalaram e seu corpo tremia debaixo de sua roupa suja – Não... eu não tenho problemas com os viados.

O fodido idiota estava perdendo ponto, mas deixe estar – Temos um acordo? Lash disse apertando a ponta de sua faca no pescoço do rapaz. À medida que a penetração ia avançando, o sangue formou uma bolha e permaneceu ali por uma fração de segundo, como se estivesse tentando decidir se escorreria pelo metal ou fluiria pela suave coluna de pele.

O sangue escolheu a lamina, serpenteando diante do fluxo vermelho rubi.

— Por favor... Não me mate

— Qual é sua resposta?

— Sim. Eu vou fazê-lo.

Lash pressionou mais, vendo o sangue correr. Ele foi momentaneamente cativado pela realidade que se ele fincasse a arma e empurrasse-a através da

²⁰Money-makers no original.



carne, este humano deixaria de existir, como uma lufada de ar desaparecendo em uma noite fria.

Ele gostou de se sentir como um deus.

Quando o garoto choramingou entre seu lábios rachados, Lash cedeu, recostando-se. Com uma ligeira lambida, ele limpou a lâmina e rapidamente a fechou.

— Você vai gostar de onde você vai estar. Eu prometo a você.

Ele deu ao garoto a chance de se recompor e sabia que não ia demorar muito para o rapaz tomar sua postura de volta. Asnos como este tinham egos como balões. A pressão, particularmente, de uma faca na garganta, faz com que entrem em colapso. Mas no instante em que há o alívio do estresse, eles se recuperam, e retomam o seu lugar.

O garoto puxou sua jaqueta de couro vagabundo para baixo — Eu gosto de onde eu estou, é agradável.

Bingo. — Então porque você esta olhando o meu carro como se o quisesse em sua garagem?

— Eu tenho um transporte melhor que este.

— Oh, realmente! — Lash olhou de cima a baixo o imbecil. — Você vem aqui toda noite com uma BMX. Seus Jeans estão rasgados e não é porque eles estão na moda. Que tal os muitos casacos que você tem em seu armário? Oh, espere, você guarda suas merdas numa caixa de papelão debaixo da ponte. - Lash revirou os olhos quando todo o tipo de surpresa brotou do banco do passageiro. — Você acha que não iríamos verificá-lo? Você pensa que somos tão estúpidos?

Lash apontou em direção ao Xtreme Park, onde skatistas estavam como metrônomos²¹ nas rampas, para cima e para baixo, para cima e para baixo. — Você é a merda neste parque aqui. Parabéns! Mas nós queremos que você vá mais longe. Se juntando a nós, você terá músculos na retaguarda...dinheiro, mercadorias, proteção. Você será algo mais que um inexperiente cara que não vale um centavo balançando seu pau em torno de um monte de concreto. Nós temos seu futuro.

²¹ Metrônomo: instrumento para marcar o grau de celeridade do movimento musical.



O olhar calculista do garoto se direcionou para a sua pequena parte do território em Caldwell e depois flutuou para o horizonte onde os arranha-céus apareciam. A ambição estava lá, e por isso ele tinha sido escolhido. O que este bastardinho precisava era de ascensão e uma saída.

O fato de que ele teria que vender sua alma para fazê-lo iria ser de seu conhecimento somente quando fosse tarde demais, mas este era o jeito da sociedade. Pelo o que Lash soube através dos *Lessers*, que agora ele comandava, é que nunca houve uma divulgação completa antes que eles fossem introduzidos e isto era compreensível. Como alguém teria acreditado que o mal estava esperando do outro lado da porta que estava batendo? Como alguém se ofereceria para o que eles faziam?

Surpresa, filho da puta. Isto não é a Disneylândia, e uma vez que pegou a carona, você nunca, nunca conseguirá sair.

Lash aceitava a decepção, entretanto.

— Eu estou pronto para essa merda toda — o garoto murmurou.

— Bom. Agora saia da porra meu carro. Meu sócio virá buscá-lo amanhã à noite, às sete.

— Legal.

Com o negócio concluído, Lash estava impaciente para despachar o bastardo. O garoto cheirava a esgoto e estava clamando por mais de um banho — ele precisava ser lavado como um trecho de calçada suja.

Assim que a porta se fechou, Lash deu a volta, saindo do estacionamento e metendo-se na estrada que corria paralela ao rio Hudson. Ele foi para a casa, suas mãos apertavam o volante por um motivo que não era a vontade de matar.

O desejo de foder era fortemente motivador para ele.

A rua em que vivia em Old Caldwell tinha a aparência do arenito característico da era vitoriana, calçadas com árvores plantadas e propriedades com valor não inferior a um milhão de dólares. Os vizinhos recolhiam a sujeira de seus cães, nunca faziam qualquer barulho, e colocavam o lixo apenas nos becos e somente nos dias certos. Enquanto ele passava pela sua casa e cortava para entrar na garagem, ele se coçava para saber o que esses porras



protestantes brancos e endinheirados²² achavam de ter um vizinho como ele: ele podia se parecer e se vestir como eles, mas o seu sangue era negro e ele era tão cruel quanto uma estatua de cera.

Quando ele apertou o controle remoto da porta da garagem, ele sorriu e seus caninos, um presente vindo de sua mãe, se alongaram enquanto ele ficava pronto para seu *Olá Lucy, eu estou em casa*²³ de merda.

Nunca ficava velho. Voltar para Xhex nunca ficava velho.

Depois de ter estacionado seu AMG²⁴, ele saiu e teve que esticar seu corpo. Ela o passou através do espremedor, ela absolutamente o fez e ele amava como ela o deixava duro. . . e não apenas seu pênis.

Nada como um bom adversário para alegrar a sua merda.

Cortando caminho pelo jardim dos fundos e entrando na casa pela cozinha, ele cheirou lombo grelhado e pão fresco.

Mas ele não estava com fome no momento. Graças a esta convocação no parque, este pequeno skatista de merda ia ser a sua primeira indução, a primeira oferta que trouxe para seu pai, o *Omega*. E nada disso o fazia um viciado por sexo.

— Você esta pronto para comer? Sr. D perguntou do fogão, enquanto sacudia um pedaço de carne sobre ele. O pequeno texano provou ser útil, não apenas como guia de iniciação da *Sociedade Lesser*, mas também como um assassino e um cozinheiro decente.

— Não, eu estou subindo agora. — Ele jogou sua chave e seu telefone em cima do balcão de granito — Deixe a comida na geladeira e tranque a porta quando sair.

— Sim, senhor.

— Nós estamos acertados sobre amanhã à noite. Recolha o alvo às sete. Você sabe para onde levá-lo.

— Sim, senhor.

²² A autora utilizou a sigla WASP's, que significa : White Protestant of Anglo-Saxton ancestry (ancestral do protestante branco anglo-saxão). São consideradas pessoas poderosas e ricas.

²³ Referência a um jargão utilizado no seriado de TV estadunidense, I Love Lucy, que fez muito sucesso.

²⁴ AMG: Modelo de Mercedes (automóvel).



Esta expressão²⁵ era a resposta favorita do filho da puta, o que era a outra razão para permanecer em pé e ser o segundo no comando.

Lash passou pela dispensa e a sala de jantar, pendendo-se diretamente para a escadaria esculpida. Quando viu o lugar pela primeira vez, estava desocupado, sem nada, porém, havia os restos de uma vida graciosa para trás: papéis de parede de seda, cortinas de damasco, e uma poltrona. Agora estava cheio de antiguidades, estátuas e tapetes adequados. Ia demorar mais tempo do que ele tinha pensado para ter a casa do jeito que deveria ser, porém você não pode transformar a merda da casa em lar da noite para o dia.

Subindo os degraus, seus pés se moviam levemente assim como seu corpo, e cantarolando desabotoou o casaco e em seguida sua jaqueta.

Quando ficou próximo de Xhex, ele estava bem consciente de que aquilo que tinha começado como vingança tinha se tornado um vício: o que estava no outro lado da porta de seu quarto era muito mais do que ele tinha esperado.

No começo tinha sido tão simples: ele a tomou, porque ela tinha tomado algo dele. Quando ela estava naquela caverna da colônia, ela apontou sua arma e puxou o gatilho, acertando o chumbo no peito de sua cadela²⁶. Não era aceitável. Ela tinha roubado seu brinquedo favorito, e ele era exatamente o tipo de cabeça dura em que olho por olho era lema principal.

Quando ele a trouxe aqui e a trancou em seu quarto, seu objetivo era tomar dela o que fosse preciso para mexer com a sua mente, suas emoções e seu corpo, pondo-a na merda, fazendo-a se curvar até que ela insanamente se quebrasse.

E então, como qualquer coisa quebrada, ele ia jogá-la fora.

Pelo menos, este tinha sido o plano. Tornava-se muito claro, contudo, que ela não perdia as estribeiras.

Oh, não. Ela era de titânio, um presente. Suas reservas de força estavam provando-se inesgotáveis e ele tinha contusões que provavam isso.

Quando ele chegou à porta, ele parou para tirar toda a sua roupa. De um modo geral, se ele gostasse de suas roupas, elas tinham que estar no chão,

²⁵ No original a autora utiliza a expressão yessuh, que era a forma do escravo africano dizer sim, senhor.

²⁶ Aqui Lash está se referindo à princesa Sympath que ele havia capturado e usava sexualmente.



antes dele entrar no quarto. Isso porque elas seriam totalmente destruídas no momento em que chegasse perto dela (Xhex).

Abriu o botão de sua calça, tirou suas abotoaduras deixando-as sobre a mesa do hall e tirou sua camisa de seda fora.

Ele tinha marcas nele. Dos punhos, das unhas e das presas dela.

A ponta do seu pênis vibrou quando ele olhou para as suas feridas e seus vários hematomas. Ele se recuperava rapidamente, graças ao sangue de seu pai correndo em suas veias grossas, mas às vezes os danos que ela fazia duravam e o deixavam muito excitado.

Quando você era filho do mal, há poucas coisas que você não podia fazer, possuir ou matar, e ainda assim a natureza mortal dela era um troféu indescritível que ele podia tocar, mas não colocá-lo na sua estante.

Isso a fez rara. Isso a fez preciosa.

Isso o fez... amá-la.

Passando o dedo sobre a contusão azul escura, ele sorriu. Ele tinha que ir a seu pai esta noite para confirmar a indução, mas primeiro ele iria passar algum tempo com a sua fêmea e adicionar novos arranhões a sua coleção. E antes de partir, iria deixar um pouco de comida para ela.

Como todo animal de estimação, ela precisava ser alimentada.

Alcançando a maçaneta da porta ele franziu a testa enquanto pensava sobre o maior problema de sua alimentação. Ela era apenas meio *symphath* e era com o lado *vampiro* dela que ele se preocupava. Cedo ou tarde, ela iria exigir algo que não poderia ser comprado no Hannaford²⁷... E era algo que ele não poderia lhe dar.

Vampiros necessitavam tomar da veia do sexo oposto. Isto era imutável. Se você tem esta biologia em você, você morre, a menos que coloque o equipamento em sua boca e tome sangue fresco. E ela não poderia ter o que estava no corpo dele — Tudo nele corria preto agora. Resultado, seus homens estavam procurando por um macho de boa idade, mas eles não tinham trazido nada ainda. Caldwell estava perto da extinção quando se tratava de *vampiros* civis.

²⁷ Rede de supermercado estadunidense.



Embora... ele tivesse um profundamente congelado.

O problema era que ele tinha conhecido esse filho da puta em toda sua longa vida, e a ideia de tomar sangue de alguém que tinha sido um amigo o abalava pra merda.

Além do mais, o desgraçado era irmão de Qhuinn — certo, esta não era uma linhagem que ele queria que ela tivesse a ver.

O que seja. Cedo ou tarde, os seu homens viriam com algo — era só o que tinham que fazer. Porque o seu novo brinquedo favorito era algo que ele queria manter por um longo tempo.

Quando ele abriu a porta, começou a sorrir — Oi, querida. Estou em casa.

Do outro lado da cidade, na loja de tatuagem, Blay ficou principalmente focado no que estavam fazendo nas costas de John. Havia algo hipnótico sobre observar a agulha traçar as linhas de transferência azuis. De tempo em tempo, o artista pausava para limpar a pele com uma toalha de papel antes de retomar o trabalho, ouvia-se o zumbido da pistola preenchia o silêncio mais uma vez.

Infelizmente, mesmo cativante como tudo isso era, ele ainda tinha atenção o bastante para ficar em alerta quando Qhuinn decidiu foder a mulher humana. Depois de o casal ter conversado calmamente e trocado um monte de carinho nos braços e nos ombros, aqueles impressionantes e diferentes olhos se dirigiram para a porta da frente.

E logo depois, Qhuinn caminhou até ela e verificou se estava fechada.

Esse olhar verde-e-azul não encontrou o de Blay quando ele voltou à sala de tatuagem.

— Você está bem? — Ele perguntou a John.

Quando John olhou pra cima e balançou cabeça, Qhuin sinalizou rapidamente, *Você se importa se eu fizer um pouco de exercício atrás daquela cortina?*



Por favor, diga que sim. Blay pensou. Por favor diga que ele tem que ficar aqui.

De modo algum. John sinalizou. Cuide-se.

Eu estarei pronto se precisar de mim. Mesmo que eu tenha que sair com meu pau de fora.

Sim, se pudermos evitar isto, eu agradeceria.

Qhuinn riu um pouco. — *É bastante justo.* Houve uma pausa que durou uma batida de coração; então ele se virou sem olhar para Blay.

A mulher entrou na outra sala primeiro, e dado o modo que requebrava seus quadris, ela estava tão preparada para o que ia acontecer quanto Qhuinn. Em seguida, os grande ombros dele se aprumaram quando ele saiu de vista e a cortina voltou para o lugar.

A luz do teto da sala e as cortinas anoréxicas forneceram uma abundante ideia do olha-o-que-acontece, então Blay teve uma imagem bem detalhada de Qhuinn se estendendo e puxando-a pelo pescoço para ele.

Blay redirecionou os olhos para a tatuagem do John, mas isto não durou muito. Dois segundo mais tarde, ele se viu preso àquele Peep show²⁸, não só assistindo mais também absorvendo os detalhes. No jeito típico do Qhuinn, a mulher agora estava de joelhos e o cara com as mãos enterradas no seu cabelo. Ele estava trabalhando a cabeça dela, indo e voltando com os seus quadris enquanto perfurava a sua boca.

Os sons suaves eram tão incríveis quanto o visual e Blay tinha que se mexer no seu acento, pois estava duro. Ele queria estar lá, de joelhos, conduzido pelas mãos do Qhuinn. Ele queria ser aquele cuja boca estivesse cheia. Ele queria ser responsável por fazê-lo ofegar e se contorcer.

Não estava escrito nas cartas.

Homem, que inferno? O cara tinha fodido pessoas em clubes, banheiros, carros, becos e, ocasionalmente, em camas. Ele tinha feito sexo com milhares de estranhos, homens e mulheres, machos e fêmeas igualmente... ele era o Wilt

²⁸ Peep Show é uma comédia da TV britânica em que uma grande parte do show é visto através dos olhos dos dois principais personagens que partilham um apartamento.



Chamberlain²⁹ com presas. Ser recusado era como ficar fora de um parque público.

Blay teve a chance de olhar para longe novamente, mas a ondulação de um gemido profundo mais uma vez trouxe seu olhar para o...

Qhuinn tinha virado sua cabeça de modo que ele estivesse olhando para fora da cortina. E quando seus olhos se encontraram com os de Blay, seu olhar brilhou incompativelmente... Quase como se ele estivesse alterado por quem o estava observando, mas do que por quem ele estava tendo sexo.

O coração de Blay parou. Especialmente quando Qhuinn moveu a mulher para cima, girou em torno dela, e inclinou-a sobre a mesa. Um puxão e os jeans ela estavam em seu joelhos. E em seguida ele estava...

Jesus Cristo. Era possível que seu melhor amigo estava pensando como ele?

Em seguida, Qhuinn puxou a mulher contra o peito. Depois, sussurrou algo em seu ouvido, ela riu e virou a cabeça para que pudesse beijá-la. O que ele fez.

Você é um estúpido fodido, Blay pensou de si mesmo. Você é um filho da puta estúpido.

O cara sabia exatamente com quem ele estava fazendo... e com quem ele não estava fazendo.

Balançando a cabeça, murmurou: — John, você se importa se eu for fumar lá fora?

Quando John balançou a cabeça, Blay ficou de pé e colocou as roupas no assento. Para o cara da tatuagem ele disse: — Eu só tenho que sacudir o cadeado?

— Sim e você pode deixá-lo aberto se você estiver por perto.

— Obrigado, cara.

— Sem problema.

Blay andou para longe do burburinho da tatuagem e da sinfonia de gemidos por trás das cortinas, escorregando para fora da loja e encostando-se contra a

²⁹ Wilt Chamberlain foi um jogador de basquete estadunidense que afirmou ter dormido com mais de 20.000 mulheres.



construção ao lado da entrada. Pegando um maço de Dunhill, ele retirou um cigarro, colocou-o entre os lábios e acendeu-o com seu isqueiro preto.

A primeira tragada foi o céu. Sempre a melhor de todas que a seguiram.

Quando ele expirou, odiou o modo com lia as coisas, vendo coisas que não estavam lá, interpretando ações, olhares e toques casuais.

Realmente patético.

Qhuinn não estava olhando para cima para encontrar o olhar de Blay. Ele tinha ido verificar John Matthew. E ele girou a mulher e a tomou por trás porque era assim que ele gostava.

Porra... esperança não era uma primavera eterna quando se abafava o bom senso e auto preservação.

Inalando duramente, ele estava tão envolvido no seus pensamentos que não notou a sombra na entrada do beco no outro lado da rua. Sem saber que estava sendo vigiado, ele fumava, enquanto a noite fria da primavera comia as baforadas que saiam de seus lábios.

A constatação de que não poderia continuar assim foi um frio que o congelou até os ossos.



Capítulo QUATRO

— Ok, acho que terminamos.

John sentiu uma última puxada arrastando em seu ombro e então a pistola ficou em silêncio. Sentando-se no descanso contra o qual ele havia se apoiado durante as últimas duas horas, estendeu seus braços sobre sua cabeça e puxou o tronco para trás.

— Me dê um segundo e eu vou te limpar.

Enquanto o macho humano pulverizava algumas toalhas de papel com spray antibacteriano, John depositou o seu peso em sua coluna mais uma vez, e deixou o zumbido de formigamento do trabalho da agulha reverberar por todo o corpo.

Na calmaria, uma memória estúpida veio a ele, uma na qual ele não havia pensado em anos. Era dos dias em que vivia no orfanato Nossa Senhora, quando ele não sabia o que realmente era.

Um dos benfeitores da igreja havia sido um homem rico, que possuía uma grande casa às margens do lago Saranac. Todo verão, as crianças eram convidadas a ir um dia jogar em seu gramado do tamanho de um campo de futebol, ir passear em seu bonito barco de madeira e comer sanduíches e melancia.

John sempre se queimava no sol. Não importava quanta gosma eles emplastassem sobre ele, sua pele sempre torrava — até que finalmente o afastavam para ficar na sombra da varanda. Obrigado a esperar pelas coisas nos bastidores, ele observava os outros meninos e meninas fazerem as coisas deles, ouvindo o riso rolar pela grama verde brilhante, tendo sua comida entregue e deixado para comer sozinho, sendo testemunha em vez de fazer parte da brincadeira.

Engraçado, sentia suas costas agora como havia sentido sua pele tinha então: tensa e irritadiça, especialmente quando o tatuador pressionava os pontos em carne viva com o pano molhado e fazia círculos sobre a tinta fresca.

Cara, John podia lembrar o pavor daquele calvário anual no lago. Ele queria tanto estar com os outros... embora, se ele fosse honesto, não havia sido tanto



sobre o que eles estavam fazendo, e mais porque ele estava desesperado simplesmente se encaixar. Pelo amor de Deus, eles poderiam ter estado mastigando cacos de vidro e sangrando na frente de suas camisas e ele ainda teria desejado participar do mesmo jeito.

Essas seis horas no alpendre com nada além de uma revista em quadrinhos ou talvez um pássaro caído do ninho para inspecionar e inspecionar novamente, pareciam meses. Tempo demais para pensar e ansiar. Sempre tinha esperado ser adotado e em momentos solitários como esse o consumiam: Muito mais do que estar entre os outros meninos, ele queria uma família, uma mãe e um pai real, não apenas tutores que fossem pagos para criá-lo.

Ele queria ser possuído. Ele queria alguém para dizer, *você é meu*.

Claro, agora que ele sabia o que era... agora que ele vivia como um *vampiro*, entre os *vampiros*, ele entendeu essa coisa de "possuir" muito mais claramente. Claro, os humanos tinham um conceito de unidades familiares, casamento e essa merda toda, mas a sua verdadeira natureza era mais como animais de bando. Os laços do sangue e acasalamentos eram muito mais viscerais e consumistas.

Enquanto ele pensava sobre si mesmo mais novo, mais triste, o peito doía — embora não porque ele desejava poder voltar no tempo e dizer para aquele garotinho que seus pais estavam vindo para o buscar. Não, ele sofria porque a mesma coisa que ele queria quase o destruiu. Sua adoção tinha realmente chegado, mas a parte de "pertencer" não tinha funcionado. Wellsie e Tohr entraram dançando em sua vida, disseram-lhe o que ele era, e mostraram-lhe um breve vislumbre de lar... e depois desapareceram.

Assim, ele poderia dizer categoricamente que era muito pior ter perdido os pais, do que não tê-los em primeiro lugar.

Sim, claro, Tohr estava tecnicamente de volta na mansão da Irmandade, mas para John ele estava sempre longe: Mesmo que agora ele estava dizendo as coisas certas, muitas decolagens tinham ocorrido de tal forma que, agora que uma aterrissagem poderia realmente ter acontecido, era tarde demais.

John estava cheio dessa coisa toda com Tohr.

— Aqui está um espelho. Dê uma olhada, cara.



John assentiu agradecendo-lhe e foi até um espelho inteiro no canto. Enquanto Blay retornava de sua comprida pausa para o cigarro e Qhuinn surgia de trás da cortina da sala ao lado, John se virou e deu uma olhada para ver o que estava em suas costas.

Oh, Deus. Era exatamente o que ele queria. E os arabescos eram o máximo. Ele assentiu com a cabeça enquanto movia o espelho de mão, verificando todos os ângulos. Cara, era uma espécie de vergonha que ninguém além dos meninos fossem ver isso. A tatuagem era espetacular.

O que era mais importante, não importa o que acontecesse em seguida, se encontrasse Xhex viva ou morta, ela estaria sempre com ele.

Maldição, estas últimas quatro semanas desde o seu rapto tinham sido as mais longas de sua vida. E ele havia tido alguns dias bastante longos antes do caralho desta merda. Não saber onde ela estava. Não saber o que havia acontecido com ela. Tê-la perdido... Ele sentiu como se tivesse sido mortalmente ferido, mas sua pele estava intacta e seus braços e pernas inteiras e o peito não havia sido penetrado por balas ou lâmina.

Por outro lado, em seu coração, ela era sua. E mesmo se tivesse de volta apenas para que ela pudesse viver uma vida que não o incluía, estava bem. Ele só queria ela segura e viva.

John olhou para o artista, colocou a mão sobre o coração, e curvou-se profundamente. Quando ele se levantou de sua posição de gratidão, o homem estendeu a mão.

– De nada, cara. Significa muito que você aprove. Deixe-me cobri-lo agora com um pouco de creme e um envoltório.

Depois que deram as mãos, John fez sinais e Blay traduziu, – Não é necessário. Ele sara rápido como um relâmpago.

– Mas ele vai precisar de tempo para... – O tatuador se inclinou e, em seguida, franziu a testa enquanto inspecionava onde ele trabalhava.

Antes que o cara começasse a fazer perguntas, John virou e agarrou a camisa de Blay. O fato é que a tinta que tinham trazido com eles havia sido pega do esconderijo de V – o que significa que parte de sua composição incluía sal. Esse nome e os arabescos fabulosos eram permanentes – e sua pele já tinha curado.



Uma vantagem de ser um *vampiro* quase puro.

– As tatuagens são demais, – Qhuinn disse – É sexo puro.

Como se tivesse aproveitado a deixa, a mulher com quem ele acabara de dançar saiu de trás da cortina da sala ao lado, e era difícil não reparar na expressão de dor de Blay. Especialmente quando ela escorregou num pedaço de papel no bolso de trás de Qhuinn. Sem dúvida, seu número estava sobre a coisa, mas ela realmente não precisava ter esperanças. Uma vez que o cara tinha alguém, era isso – como se seus parceiros sexuais fossem uma refeição que não poderia voltar a ser comida e nunca tivesse quaisquer sobras. Infelizmente, a sócia de Kat von D³⁰ tinha estrelas em seus olhos.

– Me ligue – ela murmurou para ele com uma confiança que se desvaneceria como o passar dos dias.

Qhuinn sorriu um pouco. – Se cuide.

Ao som das duas palavras, Blay se descontraíu, os grandes ombros relaxaram. Em Qhuinn-landia, “*se cuide*” era sinônimo de “*eu nunca mais vou ver, chamar, ou foder você de novo*”.

John tirou a carteira, que estava cheia com as toneladas de notas absolutamente não identificáveis, e tirou quatro centenas. Que foi o dobro do que custou a tatuagem. Como o artista começou a abanar a cabeça dizendo que era muito, John acenou para Qhuinn.

Os dois levantaram suas mãos direitas em direção aos humanos, e, em seguida, penetraram nas mentes e cobriram as memórias das últimas duas horas. Nem o artista nem a recepcionista teriam qualquer lembrança concreta do que havia acontecido. No máximo, eles poderiam ter sonhos nebulosos. No mínimo, eles poderiam ter uma dor de cabeça.

Quando o par caiu em transe, John, Blay e Qhuinn saíram pela porta da loja e entraram nas sombras. Eles esperaram até que o artista se sacudiu novamente em foco, saiu, e passou a tranca... e então era tempo de começar a trabalhar.

– Para o Sal’s? – Qhuinn perguntou, a voz mais baixa do que normal graças à satisfação pós-coito.

³⁰ Katherine Von Drachenberg: é uma tatuadora e personalidade televisiva. É mais conhecida por seu trabalho como tatuadora no reality show Miami Ink.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Blay acendeu outro Dunhill³¹ conforme John concordava e sinalizava, *Eles estão nos esperando.*

Um após outro, os meninos desapareceram na noite. Mas antes que John pudesse se desmaterializar, ele parou por um momento, seus instintos ressoando.

Olhando para direita e esquerda, seus olhos afiados como laser penetraram na escuridão. A Rua Trade tinha um monte de sinais de neon e havia carros passando, porque era apenas duas horas da manhã, mas ele não estava interessado na parte iluminada.

Os becos escuros eram o que interessavam.

Alguém os estava observando.

Ele colocou a mão dentro de sua jaqueta de couro e fechou sua mão em torno do punho de sua adaga. Ele não tinha nenhum problema em matar os inimigos, especialmente agora, quando ele sabia muito bem que sua fêmea... e esperava que algo que cheirasse como um cervo morto há uma semana viesse para ele.

Não teve tanta sorte. Em vez disso, o celular disparou um apito. Sem dúvida Qhuinn e/ou Blay se perguntando onde diabos ele estava.

Ele esperou mais um minuto e decidiu que a informação que ele esperava obter de Trez e iAm, era mais importante do que arrebentar a socos qualquer assassino escondido nas sombras.

Com vingança fluindo espessa em suas veias, John desmaterializou-se no ar e tomou forma novamente no estacionamento do restaurante Sal's. Não havia carros ao redor e as luzes que geralmente brilhavam na parte externa do prédio de tijolos estavam apagadas.

As portas duplas abriram-se imediatamente e Qhuinn enfiou a cabeça para fora.

– Por que diabos você demorou tanto?

Paranoia, John pensou.

Checando minhas armas, ele sinalizou conforme andava.

³¹ Dunhill é uma marca de luxo de cigarros feitos pela companhia British American Tobacco.



– Você poderia ter me pedido para esperar. Ou feito aqui.

Sim, mãe.

O interior do local era decorado no estilo da velha escola Rat Pack³² com papel de parede de lã e tapetes de pelúcia vermelhos até aonde a vista podia alcançar. Tudo, desde as cadeiras até as mesas cobertas de linho, os pratos e talheres, era uma reprodução do que havia sido nos anos sessenta e a vibração era um resumo Dean Martin: suave, rico e elegante como o Cassino Sands.

Ol' Blue Eyes³³ estava até cantando "Fly Me to the Moon".

Formatado: Inglês (EUA)

Formatado: Inglês (EUA)

Os alto-falantes em cima provavelmente iriam recusar qualquer outra coisa.

Os três passaram pela recepcionista e entraram no bar, onde o cheiro pungente de charutos permanecia, apesar das leis contra o fumo em Nova Iorque. Blay foi para trás do balcão de teca³⁴ para arranjar uma Coca-Cola, e John caminhou ao redor, as mãos nos quadris, olhos no chão de mármore, o caminho delineado pelas cabines de couro que foram dispostos em torno do espaço.

Quinn tomou um assento em uma delas. – Eles nos disseram para ficar por aqui e tomar uma bebida. Eles estarão vindo em um segundo...

Naquele momento, vindo da sala dos funcionários na parte de trás, um *thump-thump* e um gemido interromperam o Scooby-Doo³⁵ de Sinatra. Com uma maldição, John seguiu o exemplo de Quinn e estacionou em frente ao cara. Se os sombras estavam trabalhando em algum PDM³⁶, eles provavelmente demorariam mais do que um segundo.

Conforme Quinn esticava suas pernas sob a mesa preta e estalava as costas, ele ainda estava brilhando, seu rosto corado pelo esforço, os lábios inchados pelo beijo. Por um momento, John sentiu-se tentado a perguntar por

³² Rat Pack é o apelido dado a um grupo de artistas populares muito ativo entre meados da década de 1950 e meados da década de 1960. Sua formação mais famosa dói composta por Frank Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis Jr, Peter Lawford e Joe Bishop, que arrecadaram juntos em filmes e em apresentações nos palcos no começo dos anos 1960.

³³ Ol' Blue Eyes: Referência à Frank Sinatra, membro do Rat Pack.

³⁴ A tecnona Grandis, popularmente conhecida como Teca, é uma árvore de grande porte.

³⁵ Referência à canção "Strangers in the night", que inspirou o nome da mais longa série de desenho animado da história da televisão. O nome Scooby-Doo vem de um trecho da música em que Sinatra canta "dooby dooby dôo".

³⁶ Piece Of Shit, ou Pedaco de merda.



que o cara insistia em foder na frente de Blay, mas calou a boca quando olhou para a lágrima vermelha que foi tatuada no rosto do rapaz.

Como o sacana iria transar? Ele estava literalmente grudado pelo quadril com John e tudo o que eles faziam era sair e lutar... sendo Blay um membro de sua equipe.

Blay veio com a sua Coca-Cola, sentou ao lado de John, e ficou quieto.

Muito estranho, John pensou, quando nenhum deles disse nada.

Dez minutos depois, a porta marcada APENAS FUNCIONÁRIOS abriu completamente e Trez veio da parte de trás. – Desculpe a demora – Ele pegou uma toalha de mão de trás do bar e limpou o sangue de seus dedos. – iAm está apenas jogando o lixo no beco. Estará aqui dentro daqui a pouco.

John sinalizou, *sabemos alguma coisa?*

Após Qhuinn traduzir, as sobrancelhas de Trez caíram e os olhos do Sombra ficaram calculistas. – Sobre o quê.

– Xhex – Qhuinn disse.

Trez fez um trabalho elaborado em dobrar a toalha, agora manchada de vermelho. – A última coisa que eu soube, Rehv estava vivendo no complexo com você.

– Ele está.

O Sombra plantou as palmas das mãos sobre a teca e inclinou-se, os músculos do ombro agrupando-se até ficar espesso. – Então porque você tem que me perguntar sobre sua busca e resgate.

Você a conhece muito bem, John sinalizou.

Após a tradução, olhos escuros de Trez lampejaram verde brilhante por um instante. – Eu conheço. Ela é uma irmã, embora não de meu sangue.

Então, qual é o problema? John sinalizou.

Qhuinn hesitou, como se ele quisesse ter certeza de que John realmente achava necessário dizer para o Sombra, e John acenou para o cara que falasse.

Qhuinn balançou a cabeça um pouco. – Ele disse que entende. Ele só quer garantir que todos os caminhos estão cobertos.



– Sei, eu não acho que tenha sido isso o que ele sinalizou. – O sorriso de Trez era frio. – E aqui está o meu problema. Você vem aqui todo cheio de *e aí* e sugere que você e seu rei não confiam em Rehv para lhe dizer o que está acontecendo – ou que você não acha que ele está estourando o saco dele para encontrá-la. E você sabe... essa merda não funciona comigo.

iAm entrou pela porta dos funcionários e apenas acenou conforme se aproximava de seu irmão – que era a recepção mais calorosa que você recebia dele. Ele não poupava palavras. Ou socos, considerando quanto sangue havia manchado sua camiseta cinza. E o cara não pediu uma recapitulação da conversa até agora. Ele parecia estar acompanhando completamente, o que significava que, ou ele tinha visto alguma coisa em uma câmera de segurança na parte de trás, ou estava lendo corretamente a tensão no corpo poderoso de seu irmão.

Nós não viemos aqui para lutar ou ofender, John sinalizou. Nós só queremos encontrá-la.

Houve uma pausa depois que Qhuinn fez sua parte. E então Trez fez a pergunta de sessenta e quatro mil dólares. – O rei sabe que você está aqui?

Quando John balançou a cabeça, Trez estreitou os olhos ainda mais. – E o que exatamente você espera receber de nós?

Tudo o que vocês sabem ou acreditam ser verdade sobre onde está Xhex. E qualquer informação sobre o tráfico de drogas aqui em Caldwell. Ele esperou por Qhuinn para alcançá-lo, e em seguida continuou. Assumindo que Rehv esteja certo e Lash foi quem ferrou os traficantes da cidade, então é malditamente óbvio que ele e a Sociedade Lessening vão preencher o vazio que eles criaram. Outra pausa para Qhuinn. Então, aonde as pessoas vão para comprar, além dos clubes na Rua Trade? Existe uma linha de crack? E quem são os grandes fornecedores com quem Rehv trabalhou? Se Lash está tentando distribuir, ele tem de estar recebendo a merda de alguém. Uma última pausa para Qhuinn. Nós já estivemos nos becos, mas até agora, isso não está nos levando a lugar nenhum. Apenas humanos distribuindo para humanos.

Trez retirou o peso das palmas das mãos e você podia praticamente sentir o cheiro da madeira queimando conforme seu cérebro funcionava. – Deixa eu te perguntar uma coisa.

Claro, John sinalizou.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Trez olhou em volta e então encontrou os olhos de John de novo. – Em particular.



Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>





Capítulo CINCO

Enquanto o Sombra expunha sua demanda, John viu tanto Qhuinn quanto Blay enrijecerem e sabia onde seus garotos estavam indo. Trez era um aliado, mas ele também era perigoso por definição. Sombras seguem seu próprio código e de ninguém mais e eles são capazes de fazer coisas que fariam os *symphaths* parecerem piadas.

Mas se tratando da Xhex, ele estava disposto a enfrentar qualquer linha de fogo.

Enquanto eu tiver um bloco de papel e caneta, estaremos bem, John sinalizou.

Quando nem Blay ou Qhuinn traduziram, ele franziu a testa e deu uma cotovelada em ambos.

Qhuinn pigarreou e olhou através do bar para Trez. — Como seu *ahstrux nohtrum* eu vou aonde ele for.

— Não na minha casa, você não vai. Ou na de meu irmão.

Qhuinn se levantou, preparando para brigar com o Sombra se necessário. — É assim que funciona.

John deslizou para fora da cabine e plantou seu corpo no caminho de Qhuinn antes que o filho da puta ficasse todo defensivo³⁷. Com um aceno de cabeça para trás, para onde ele assumia que ele e Trez iriam, ele esperou o Sombra liderar o caminho.

Naturalmente, Qhuinn tinha que abrir a sua grande boca. — Foda-se John.

John se virou e assinalou, *Eu tenho que te dar uma maldita ordem? Eu vou com ele e você vai ficar aqui. Ponto final. Decidido.*

Você é um saco, As mãos de Qhuinn gesticularam. *Eu não sou um tolo que está aqui apenas para dar chutes e fazer você rir e –*

³⁷ Foi utilizado ao invés de linebacker do original que significa: defensive football player who takes a position close behind the linemen... como a ideia é de proteger/defender...



O som de uma campainha tocando acabou com a discussão e ambos olharam para os Sombras. Depois que iAm olhou para o monitor de segurança sob o bar, ele disse, — Nosso compromisso das duas e meia está aqui.

Enquanto ele caminhou ao redor do balcão e saiu pela porta da frente, Trez olhou Qhuinn por um longo momento, e então disse a John, — Diga para o seu garoto que é difícil proteger alguém quando se está morto.

A voz de Qhuinn endureceu. — Eu morreria por ele.

— Continue com essa atitude e isso não será uma hipótese.

Qhuinn liberou suas presas e assobiou por entre sua garganta, se tornando o animal letal do qual os humanos criaram todos os tipos de histórias de terror. Enquanto ele encarava Trez, estava bem claro que em sua cabeça ele já estava atravessando o bar rumo a garganta do Sombra.

Trez sorriu friamente e não se moveu um centímetro.

— Cara durão, huh. Ou é o que parece.

Era difícil saber qual dos lutadores ganharia. O Sombra tinha alguns truques na manga, e mesmo assim Qhuinn parecia um trator preparado para derrubar um edifício. Mas, qualquer que fosse, isso era Caldwell e não Las Vegas e John não era um organizador de apostas³⁸ para arriscar.

A resposta certa era não deixar a força que não se pode parar encontrar o objeto imóvel³⁹.

John fechou os punhos e bateu em cima da mesa. O barulho foi tão alto que atraiu a atenção de todos, e Blay teve que pegar a sua Coca-Cola quando ela ficou suspensa no ar.

Depois que John atraiu a atenção dos combatentes, ele deu dois assobios cada um na direção de um deles: Sendo mudo era o mais próximo que ele chegaria a dizer para eles esfriarem a porra do temperamento.

Os dois olhos diferentes do Qhuinn focaram novamente o Sombra.

— Você faria o mesmo pelo Rehv. Não pode me culpar por isso.

³⁸ Esse é um paradoxo que não pode ser plenamente traduzido, mas que neste contexto expressa uma luta onde um oponente está na defensiva e o outro no ataque.

³⁹ No original: bookie é o cara que fica marcando e coordenando apostas.



Houve uma pausa... e em seguida o Sombra relaxou um pouco.

— Isso realmente é verdade. — Trez assentiu. A testosterona anteriormente em alto tornou-se um “leve rugido”

— Sim... verdade o suficiente. E eu não vou machucá-lo. Se ele for um cavaleiro, eu serei um cavaleiro. Eu te dou minha palavra.

Fique com o Blay, John gesticulou, antes de se virar e caminhar com o Sombra.

Trez liderou o caminho rumo a um salão que era grande e empilhado com caixas de cerveja e licor. A cozinha estava na outra extremidade, separada por um par de portas⁴⁰ que não fizeram som algum quando passaram por elas.

Iluminado e com piso de ladrilho vermelho, o coração do restaurante era limpíssimo e do tamanho de uma casa, com um grande fogão, um frigorífico, e metros e metros de bancada de aço inoxidável. Panelas penduradas em cima e em baixo e algo magnífico estava cozinhando na boca da frente do fogão.

Trez aproximou-se e levantou a tampa. Após uma inspiração profunda, ele o olhou com um sorriso.

— Meu irmão é um inferno de um cozinheiro.

Claro que era, John pensou. Embora com Sombras você sempre tivesse que se questionar que tipo de proteína estava sendo cozinhada. Rumores diziam que eles gostavam de comer seus inimigos.

O cara devolveu a tampa e alcançou uma pilha de blocos de folhas.

Pegando um deles fora da pilha, deslizou a coisa através do balcão e pegou uma caneta do copo.

— Isso é para você.

Trez cruzou os braços sobre seu enorme peito e inclinou-se de volta contra o fogão.

— Quando você ligou e pediu para nos ver, fiquei surpreso. Como eu disse, Rehv vive sob o mesmo teto que você, então não é como se você não soubesse do que ele está fazendo ao norte, na colônia. Portanto você deve saber, assim

⁴⁰ Flap-doors: é tipo aquelas portas articuladas.



como seus padrões sabem, que ele está procurando o canto mais ao norte do labirinto esta semana... e você também deve estar ciente de que ele não encontrou absolutamente, positivamente nada que indique que a Xhex foi capturada por um *symphath*.

John não se moveu, nem confirmando ou negando.

— E eu também acho curioso você me perguntar sobre o tráfico de drogas, uma vez que Rehv sabe tudo sobre o comércio aqui em Caldwell.

Neste momento, iAm entrou na cozinha. Ele foi até a panela e deu uma mexida nela, depois ele parou próximo ao irmão, assumindo a mesma pose dele. John não tinha ouvido falar que eles eram gêmeos, mas maldição, eles tinham que ser.

— Então o que você está fazendo, John — Trez murmurou. — Por que o seu rei não sabe o que você está fazendo e por que você não está falando com o meu homem, Rehvenge?

John olhou para ambos e em seguida pegou a caneta e escreveu por um breve momento. Quando ele levantou o papel, os Sombras se inclinaram.

Você esta perfeitamente ciente do que está acontecendo aqui. Pare de desperdiçar nosso tempo.

Trez riu e iAm até sorriu.

— Sim, nós podemos ler suas emoções. Só achei que você talvez quisesse se explicar. — Quando John moveu negativamente a cabeça, Trez assentiu.

— Okay, muito justo. E eu tenho que respeitar a sua política de nada de enrolação. Quem mais sabe que isso é pessoal para você?

John voltou à rotina de bloco de papel e caneta. *Rehv, provavelmente, considerando que ele é um symphath. Quinn e Blay. Mas nenhum dos irmãos.*

iAm se pronunciou. — Então a tatuagem que você acabou de fazer... tem algo a ver com ela?

John ficou momentaneamente surpreso, mas depois percebeu que eles poderiam perceber o cheiro de tinta fresca ou sentir as repercussões da dor que já enfraquecia.

Com um rabisco calmo, ele escreveu *Isso não é da conta de vocês.*



— Legal, eu posso respeitar isso — Trez disse. — Olha... sem ofensa, mas por que você não pode confiar nos irmãos a respeito dessa merda? É porque ela é uma *symphath* e você teme a reação deles? Porque eles estão bem com o Rehv.

Use sua cabeça. Eu vou todo armas-em-punho⁴¹ com eles atrás dela e quando nós a acharmos? Todos naquela casa esperarão uma cerimônia de união na volta para casa. Você acha que ela gostaria disso? E se ela estiver morta? Eu não quero olhar ao redor da mesa de jantar toda manhã no café e ter ao redor um monte de gente esperando para ver se eu me enforco no banheiro.

Trez ladrrou uma risada — Pois bem... ai está. E eu não vejo lógica melhor que essa.

Então eu preciso de ajuda. Ajudem-me a ajudá-la.

Os dois Sombras se entreolharam e houve um longo período de silêncio. O que levou John a pressupor que eles estavam tendo uma conversa privada.

Depois de um momento eles olharam de volta a John, e como de costume Trez é quem falou.

— Bem, agora... já que você nos fez a cortesia de cortar as enrolações, nós vamos fazer o mesmo. Conversar com você desta forma nos coloca em uma posição difícil. Nossa relação com o Rehv é próxima, como você sabe, e ele está tão pessoalmente envolvido nisso quanto você — Enquanto John estava procurando uma forma de contornar isso tudo, Trez murmurou: — Mas vamos te dizer... nenhum de nós vai buscá-la. Em lugar algum.

John engoliu com dificuldade, pensando que aquilo não era uma boa notícia.

— Não, não é isso. Ou ela está morta... ou ela está sendo mantida em algum lugar por um bloqueio— Trez amaldiçoou. — Eu também acho que o Lash está com ela. E eu compro totalmente a ideia de que ele está trabalhando nas ruas por dinheiro, e este é o jeito de encontrá-lo. Se eu tivesse que adivinhar, ele está testando traficantes humanos antes de convertê-los à *Sociedade Lesser* — e marque minhas palavras, ele começará a introduzi-los o mais rápido possível. Ele irá querer ter o total controle sobre a sua equipe de varejo para a venda de drogas e a única forma de conseguir isso é convertê-los. Quanto às principais

⁴¹ Aqui é uma expressão: "guns-blazing", que quer dizer que a pessoa vai com tudo, toda força, raiva e energia.



áreas de negociação, os shoppings estão sempre em alta. Assim como as escolas, embora isso possa ser um problema para você devido à questão da luz do dia. Zonas de construções municipais também – os motoristas de caminhões de fornecimento sempre compravam de nós. Além disso, aquela pista Xtreme de skate. Muita merda acontece por lá. E sob as pontes, mas ali é mais sem teto, a parte mais baixa da cadeia social, então o potencial de lucro provavelmente seria muito baixo para o Lash se envolver.

John acenou, pensando que este era exatamente o tipo de informação que ele esperava conseguir.

E quanto aos fornecedores, ele escreveu. Se Lash se intrometesse no território do Rehv, ele não precisaria de uma relação com eles?

— Sim. O grande fornecedor da cidade é o Ricardo Benloise, é um porra de homem bastante isolado, apesar de tudo. Trez olhou para seu irmão e houve outro silêncio. Quando iAm assentiu, Trez continuou. — Certo. Vamos ver se conseguimos pegar informações do Benloise – pelo menos o suficiente para que você possa colocar seu rabo em alguma situação que o Lash esteja envolvido.

John escreveu sem pensar, *Muito obrigado.*

Ambos assentiram, e daí o Trez disse, — Duas advertências.

Com as mãos, John pediu ao cara para continuar.

— Uma, meu irmão e eu não guardamos segredos do Rehv. Então diremos a ele, que você nos procurou— Enquanto John franziu a testa, Trez sacudiu a cabeça. — Desculpe. Mas é assim que funciona.

iAm entrevistou: — Está tudo bem conosco que você escave profundamente. Não é que não estaria melhor com os irmãos, é só que com mais gente, melhores são as chances dela.

John podia perceber isso, mas ele ainda queria manter a sua merda privada. Antes que ele conseguisse rabiscar, Trez continuou.

— E dois, você deve nos informar completamente de qualquer informação que você receber. Rehvenge, aquele fodido bastardo obcecado por controle, nos mandou ficar fora disso. Sua aparição aqui? Bem, não é apenas uma maneira conveniente para nos envolvermos.



Enquanto John perguntava por que inferno Rehv impediria os dois guerreiros de se envolver, iAm disse:

— Ele pensa que nós acabaríamos mortos.

— E devido ao nosso... — Trez pausou, como se procurando a palavra certa... — "relacionamento" com ele nós estamos atados.

— Ele poderia muito bem ter nos acorrentados a uma fodida parede⁴².

Trez encolheu os ombros. — E é por isso que concordamos nos encontrar com você. No momento que você mandou uma mensagem de texto, nós sabíamos...

— ...que era a abertura que nós...

— ...estávamos procurando.

Quando os Sombras completaram a frase um do outro, John respirou profundamente. Pelo menos eles entendiam os seus motivos.

— Nós entendemos totalmente — Trez estendeu os dedos, e enquanto John lhe deu um aperto de mão, o cara assentiu. — E vamos manter esta conversa de bastidores para nós mesmos.

John se inclinou sobre o bloco de anotações.

Espere, eu pensei que você tinha dito que iria dizer ao Rehv que eu estive aqui?

Trez leu o que estava escrito e riu novamente.

— Oh, nós iremos dizer a ele que você esteve aqui visitando e comendo uma refeição.

iAm sorriu sombriamente. — Mas ele não precisa saber do resto.

⁴²No inglês está assim: He might as well have chained us to the cocksucking wall. Que ficaria assim: Ele poderia muito bem ter nos acorrentados a parede chupadora de pau. Eu também fiquei em dúvida com relação a isso, só que iria ficar meio estranho colocar a versão literal, então eu mudei um pouco o sentido da frase =)



Após Trez e John retornarem, Blay terminou a sua Coca e seguiu Qhuinn com sua visão periférica. O cara estava passeando ao redor da área do bar, como se ele tivesse tido suas asas cortadas e não estivesse gostando nada disso.

Ele simplesmente não aguentava ficar de fora da merda toda. Era indiferente se fosse um jantar, um encontro ou uma luta, ele preferia um passe com acesso total à vida.

Seu silêncio impactante era pior que uma maldição, francamente.

Blay se levantou e foi para trás do bar com o seu copo vazio. Enquanto ele reenchia sua Coca e assistia a espuma escura bater no gelo, ele se perguntava o porquê dele estar tão atraído pelo cara. Ele era um tipo de macho por-favor-e-obrigado. Qhuinn era mais do tipo vai-se-foder-e-morra.

Achava que os opostos se atraíam. Bem, pelo menos de um dos lados —

iAm voltou e tinha consigo o que poderia ser descrito como um macho de valor: O cara estava impecavelmente vestido, desde o corte do seu casaco cinza escuro, o brilho de suas lapelas, e ao invés de gravata, ele estava usando um cachecol. Cabelo espesso e loiro era cortado curto na parte de trás e deixado longo na parte da frente e seus olhos eram da cor de pérolas.

— Porra Jesus Cristo, que diabos você faz aqui? — A voz de Qhuinn retumbou enquanto iAm desapareceu ao fundo. — Seu bastardo escorregadio.

A primeira resposta de Blay foi ficar todo tenso. A última coisa que ele precisava era outro passeio de espectador no carrossel, assumindo que Qhuinn estivesse atraído pelo cara.

Exceto que, ele franziu a testa. Poderia ser...?

O homem que tinha acabado de chegar ria enquanto abraçava Qhuinn.

— Você tem *tanto* jeito com as palavras primo. Eu diria... uma mistura de caminhoneiro e marinheiro cruzado com um menino de doze anos de idade.

Saxton. Era o Saxton, filho de Tyhm. Blay se lembrava de tê-lo encontrado uma ou duas vezes antes. Qhuinn voltou para trás.

— *Porra* é na verdade uma vírgula. Ou eles não te ensinaram estas merdas em Harvard?



— Eles estavam mais preocupados com a lei do contrato. Propriedade. Responsabilidade civil-que abrange os erros de recurso contra os outros, por falar nisso. Estou surpreso que você não estava no exame final.

As presas de Qhuinn brilharam claramente enquanto ele realmente sorria.

— Isso é direito humano. Eles não podem comigo.

— Quem pode.

— Então o que você está fazendo aqui?

— Transações de propriedade para os irmãos Sombra. A menos que você pense que eu aprendi tudo sobre jurisprudência humana para a minha saúde — Os olhos de Saxton deslocaram-se ao redor encontrando os do Blay. Instantaneamente, a expressão do cara foi alterada para algo sério e especulativo. — Bem, Olá.

Saxton virou as costas para Qhuinn e veio com um foco que fez Blay checar atrás de si.

— Blaylock, não é? — O macho estendeu seu elegante braço através do bar.
— Eu não te vejo há muitos anos.

Blay sempre ficou um pouco sem fala na presença Saxton, porque o "bastardo escorregadio" sempre lhe causou um impacto. E uma sensação como se não só conhecesse as respostas certas para tudo, mas poderia optar por não incluí-lo em segredos se você não estivesse a altura de seus padrões.

— Como vai você? — Blay disse enquanto as palmas de suas mãos se encontravam.

Saxton cheirava muito bem e tinha um aperto de mão firme.

— Você cresceu muito.

Blay ruborizou-se enquanto movia suas mãos para trás.

— Você é exatamente o mesmo.

— Sou? — Aqueles olhos brilharam como pérola. — Isso é bom ou ruim?

— Oh... bom. Eu não quis dizer —



— Então me diga como você está. Você está se relacionando com alguma boa fêmea que seus pais te arranjaram?

A risada de Blay foi afiada e dura. — Deus, não. Não há ninguém para mim.

Qhuinn intrometeu-se na conversa, colocando seu corpo entre eles.

— Então, como você está, Sax?

— Bastante bem — Saxton não olhou nem mesmo de relance para Qhuinn quando respondeu, sua atenção ficou em Blay. — Embora meus pais me queiram fora de Caldwell. Eu não estou inclinado a ir embora, no entanto.

Precisando de outro lugar para olhar, Blay se distraiu bebendo seu refrigerante e contando os cubos de gelo que flutuavam nele.

— E o que você está fazendo aqui? — Saxton perguntou.

Houve uma longa pausa e, eventualmente, Blay virou os olhos na direção dele se questionando por que Qhuinn não tinha respondido.

Oh. Certo. Saxton não estava se dirigindo a seu primo.

— Você vai responder aí, Blay— Qhuinn provocou com uma carranca.

Pela primeira vez em... Deus, parecia muito tempo... desde que ele encontrou completamente o olhar de seu melhor amigo. Embora não era como se ele precisasse disfarçar. Como sempre, aqueles olhos díspares estavam focados em outra pessoa: Saxton, que estava recebendo uma rápida examinada que teria feito machos inferiores encolherem. Mas o primo de Qhuinn estava ou imperceptível a isso ou possivelmente nem se importava.

— Me responda, Blaylock — o macho murmurou.

Blay pigarreou. — Estamos aqui para ajudar um amigo.

— Admirável— Saxton sorriu, exibindo um conjunto de presas que brilhava. — Você sabe, eu acho que devemos sair um dia.

A voz de Qhuinn era quase rude. — Claro. Parece ótimo. Aqui está o meu número.

Assim que ele disse seu número, John, Trez e iAm retornaram. Aconteceram algumas apresentações e conversa, mas Blay se manteve fora disso, terminando sua Coca e colocando seu copo na máquina de lavar.



Ao passar perto do bar e passar pelo cara, Saxton o alcançou. — Bom te ver novamente.

No reflexo, Blay apertou a mão que lhe foi oferecida... e depois de apertar, ele percebeu que tinha um cartão de visita em sua mão. Enquanto ele se recuperava de sua surpresa, Saxton apenas sorriu.

Enquanto Blay colocava o cartão em seu bolso, Saxton virou a cabeça e olhou para Qhuinn. — Eu te ligarei, primo.

— Claro. Certo.

O até-logo foi consideravelmente menos amigável por parte de Qhuinn, mas novamente Saxton parecia não se importar ou não perceber — sendo esse último difícil de acreditar.

— Você me daria licença, — Blay disse para ninguém em particular.

Ele deixou o restaurante sozinho, e quando ele chegou à porta, acendeu um cigarro e recostou-se contra o tijolo fresco, apoiando uma sola da bota no edifício.

Ele pegou o cartão enquanto fumava. Grosso e cremoso. Gravado, não em relevo — naturalmente. Preto, fonte old-school. Enquanto ele levava o cartão a seu nariz, ele pode sentir o cheiro daquela colônia.

Bom. Muito bom. Qhuinn não acreditava nessas coisas... então ele só cheirava a couro e sexo na maior parte do tempo.

Enquanto ele enfiava o cartão dentro da jaqueta, deu outra tragada e expirou longa e lentamente. Ele não estava acostumado a ser olhado. Ou abordado. Ele era sempre o que estava olhando e Qhuinn era seu alvo pelo tempo que ele se lembra.

As portas se abriram e os garotos saíram.

— Cara, eu odeio fumaça de cigarro — Qhuinn murmurou, afastando a nuvem que acabara de ser exalada.

Blay extinguiu seu Dunhill na sola de sua bota e colocou o recém semiacabado cigarro em seu bolso. — Para onde vamos?

Xtreme Park, John sinalizou. *O que é próximo a um rio. E eles nos deram uma outra pista, que vai levar alguns dias para configurar.*



— Não é aquele parque no território da gangue? — Blay perguntou. — Não há um monte de policiais ao redor?

— Por que se preocupar com a polícia? — Qhuinn riu numa explosão rígida. — Se tivermos problemas com a DPC⁴³, Saxton sempre pode nos salvar. Certo?

Blay olhou, e desta vez ele deveria ter se preparado. Os olhos azul e verde de Qhuinn olhavam tediosamente para ele, e quando registrou isso, aquela velha e familiar sensação atingiu seu peito.

Deus... este era quem ele amava, ele pensou. E sempre iria.

Era o impulso daquele maxilar teimoso, e as escuras sobrancelhas e os piercings de sua orelha e o seu lábio inferior cheio. Era aquele grosso cabelo preto brilhante e a pele dourada e seu fortemente musculoso corpo. Era a maneira que ele ria e o fato de que ele nunca, jamais chorou. Eram as cicatrizes em seu interior que ninguém conhecia e a convicção de que ele seria sempre o primeiro a correr para um prédio em chamas ou uma luta sangrenta ou um acidente de carro.

Isso era tudo o que Qhuinn era e que sempre seria.

Mas as coisas nunca mudariam.

— O que nunca mudariam? — Qhuinn disse com uma careta.

Ah, merda. Ele tinha falado em voz alta. — Nada. Estamos indo, John?

John olhou para frente e para trás entre eles. Em seguida, assentiu.

Temos apenas três horas antes do amanhecer. Vamos nos apressar.

⁴³No inglês CPD: Caldwell Police Department> Departamento de Polícia de Caldwell.



Capítulo SEIS

— Eu amo o jeito como você olha para mim.

Do canto oposto do quarto, Xhex não deu nenhuma resposta às palavras que Lash falou. Do jeito que ele estava caído na frente do gabinete, com um dos ombros mais alto que o outro, pensou que era perfeitamente possível que ela tivesse deslocado seu ombro. E isso não era o único ferimento dele. Sangue negro escorria por seu queixo do lábio rasgado que ela lhe dera e ele ia andar com um coxear depois que ela o mordeu a coxa.

Os olhos dele a percorreram e ela não se preocupou em cobrir-se com as mãos. Se ele quisesse uma segunda rodada, ela precisaria de cada grama de força que lhe restava. E, além disso, a modéstia importaria apenas se você ligasse a mínima sobre seu corpo e ela tinha parado com isso há muito tempo.

— Você acredita em amor à primeira vista —, ele perguntou. Com um grunhido, se levantou do chão, e ele precisava da borda da cômoda como apoio, conforme fazia algumas tentativas com o próprio braço.

— Acredita? — ele incitou.

— Não

— Cínica. — Ele se enrolou sobre o arco que levava para o banheiro. Parando entre os batentes, colocou uma mão contra a parede, virado para a esquerda, e respirou fundo.

Com uma batida, ele colocou seu ombro de volta no lugar e o barulho e a maldição foram altos. Conforme se inclinava para frente, sua respiração vindo em difíceis intervalos, os cortes em seu rosto deixou manchas negras de sangue de Lesser no piso branco. Se voltando para ela, sorriu.

— Ansiosa para um banho comigo? — Quando ela permaneceu em silêncio, ele balançou a cabeça. — Não? Que pena.

Ele desapareceu na imensidão de mármore e depois de um momento, veio o barulho da água.

Foi apenas depois de ouvi-lo se lavar e sentir a fragrância do sabonete, que ela cuidadosamente ajeitou as pernas e os braços.



Nenhuma fraqueza. Ela não mostrou nenhuma fraqueza a ele. E não foi só sobre o querer aparecer forte para ele pensar duas vezes sobre mexer com ela novamente. Sua natureza se recusava a ceder a ele ou a qualquer outra pessoa. Ela iria morrer lutando.

Era exatamente como ela era forte: Ela era invencível - e aquilo não era o seu ego falando. A soma de sua experiência era, não importa o que fosse feito para ela, ela poderia lidar com isso.

Mas, querido Senhor, ela odiava lutar com ele. Odiava essa merda toda.

Quando ele saiu um pouco mais tarde, ele já estava limpo e se curando, as contusões sumindo, arranhões desaparecendo, os ossos se curando como mágica.

Que sorte a dela. O maldito Energizer Bunny⁴⁴.

— Estou saindo pra ver meu pai.

Enquanto ele se aproximava dela, ela mostrou as presas e ele pareceu momentaneamente lisonjeado. — Eu amo seu sorriso.

— Não foi um sorriso, imbecil.

— Não importa como você chame isso, eu gosto. E um dia eu vou te apresentar ao meu velho e querido pai. Tenho planos para nós.

Lash começou a se inclinar, sem dúvida, para tentar beijá-la, mas como ela sibilou no fundo de sua garganta, ele fez uma pausa e reconsiderou. — Eu vou voltar, — ele sussurrou. — “Meu amor”.

Ele sabia que ela odiava a coisa do “amor”, então ela teve o cuidado de engolir a própria reação. E também não o ameaçou conforme ele se virou e saiu.

Quanto mais ela se recusava a jogar nessa situação, mais confuso ele se tornava e mais clara a sua cabeça estava.

Ouvindo ele se mover no quarto ao lado, ela o imaginou se vestir. Ele manteve as suas roupas no quarto ao lado, tendo as tirado dali depois que se

⁴⁴ É um termo para algo que continua incansavelmente, não para. É também uma referência à aqueles coelhos do comercial da Duracell pra promover as pilhas e tudo isso, os coelhinhos nunca se cansam, a qual se refere a pilha que demora pra acabar e tals. O Energizer Bunny, é uma paródia do Duracell Bunnies, que é parecido com EB.



tornou claro como as coisas iam rolar entre eles: Ele odiava bagunças e era meticoloso sobre suas coisas.

Quando as coisas se acalmaram e ela o ouviu descer as escadas, respirou fundo e se levantou do chão. O banheiro ainda estava úmido e tropical devido ao banho dele e, embora odiasse usar o mesmo sabonete que ele usou, ela gostava menos ainda do que estava em sua pele.

No momento em que ela parou sob o jato de água quente, o mármore a seus pés se tornou vermelho e preto como os dois tipos de sangue lavados do seu corpo e desaparecendo pelo ralo. Ela foi rápida em ensaboar e enxaguar, pois Lash tinha saído a apenas alguns momentos antes e você nunca poderia contar com ele. Às vezes, ele voltava. Outras vezes, não aparecia de novo por um dia inteiro.

A fragrância da merda francesa desnecessariamente extravagante que Lash insistiu em colocar em seu banheiro a fez quase vomitar, mesmo que ela achasse que a maioria das mulheres teria apreciado a mistura de lavanda e jasmim. Cara, ela desejava ter uma dose de bom ol' Dial⁴⁵ do Rehv. Embora, sem dúvida, fosse arder como uma puta nos cortes, ela estava bem com a agonia, e a ideia de se deixar em pele viva era atraente.

Cada área do braço ou da perna estava marcada com dores conforme ela se inclinava para o lado ou para frente, e sem nenhuma razão, pensou nos cilícios que ela sempre usou para controlar sua natureza *symphath*. Com todas as lutas naquele quarto, ela tinha tido bastante dor no corpo para atenuar suas más inclinações — não que isso realmente importasse. Ela não estava perto de “normais”, e essa parte escura dela a ajudou a lidar com esta situação.

E ainda, após duas décadas usando os filamentos, era estranho não tê-los com ela. Ela deixou o par de correias atrás da mansão da Irmandade... Sobre a mesa no quarto que ela tinha ficado no dia antes deles irem até a colônia. Ela tinha a intenção de retornar no final da noite, tomar banho e colocá-los novamente... Mas agora eles estavam, sem dúvida, juntando poeira enquanto aguardavam sua volta.

Ela estava perdendo a fé que ia haver um reencontro feliz com esses filhos da puta.

⁴⁵Pelo que eu achei é uma marca de sabonete.



Engraçado como a vida pode ser interrompida: Você deixa uma casa esperando voltar, mas então o caminho que levava você para a esquerda dá a volta para a direita.

Quanto tempo que os Irmãos deixariam seus itens pessoais lá? Ela imaginou. Quanto tempo antes que seus poucos pertences, se eles estavam na mansão da Irmandade ou em sua cabana de caça ou em sua casa no porão, ficariam resumidos a nada, apenas a desordem? Duas semanas, provavelmente seria o limite, embora, ninguém com exceção de John soubesse sobre suas coisas, então esse material poderia durar muito mais tempo.

Depois de algumas semanas, suas coisas seriam, sem nenhuma dúvida, empurradas para um armário. Em seguida para uma pequena caixa no sótão.

Ou talvez fossem simplesmente lançados no lixo.

Era o que acontecia quando as pessoas morriam, no entanto. O que tinha sido uma posse se tornava lixo - a menos que essa merda fosse adotada por alguém.

E não havia uma grande demanda por cilícios.

Desligando a água, ela saiu se enrolou na toalha, e voltou para o quarto. Assim que se sentou perto da janela, a porta se abriu e um pequeno *lesser* que conduzia a cozinha entrou com uma bandeja cheia de comida.

Ele sempre me parecia confuso enquanto colocava o que tinha preparado sobre a mesa e olhava ao redor, como se depois de todo esse tempo, ainda não tivesse ideia de por que diabos estava deixando refeições quentes em um quarto vazio. Ele também inspecionou as paredes, traçando as gotas e marcas de sangue fresco. Dada a forma como parecia estar arrumado, sem dúvida ele queria arrumar o lugar: quando ela esteve ali a primeira vez, o papel de seda estava em perfeita forma. Agora, a coisa parecia que tinha sido colocada num espremedor.

Enquanto ele ia até a cama e endireitou o edredom bagunçado e as almofadas espalhadas, deixou a porta aberta e ela olhou para o corredor e até as escadas.

Não havia razão correr por ele. E lutar também não funcionou. E nem tinha pegado a rota *symphath*, porque ela tinha sido bloqueada tanto mental como fisicamente.



Tudo o que ela podia fazer era vê-lo e desejar que pudesse fugir de alguma forma. Deus, impotência para matar deveria ser o mesmo para os leões num jardim zoológico, quando os seus tratadores entram na jaula com as vassouras e com as comidas: outro cara podia ir e vir e mudar seu ambiente, mas você continua preso.

Meio que faz você querer morder alguma coisa.

Depois que ele saiu, ela foi até a comida. Ficar irritado com o bife não iria ajudá-la e ela precisava de calorias para revidar, então comeu tudo o que havia. Para o paladar dela, a merda toda tinha gosto de papel e ela perguntou se poderia voltar a ter alguma coisa porque ela queria e gostava do jeito que era temperado.

A coisa de comida-como-combustível era lógica, mas com certeza não dava nenhuma perspectiva do que procurar durante as refeições.

Quando ela terminou, voltou para a janela, se acomodou numa cadeira, e trouxe os joelhos contra os seios. Olhando para a rua, ela não estava em repouso, mas apenas imóvel.

Mesmo depois de todas estas semanas, estava procurando por uma fuga... E ela ficaria assim até que ela desse seu último suspiro.

Novamente, como seu desejo de lutar contra Lash, seu impulso não era apenas em função de sua circunstância, mas ela era também uma mulher, e a realização a fez pensar em John.

Ela estava tão determinada em ficar longe dele.

Ela pensou em quando eles estavam juntos, não pela última vez, quando ele tinha lhe devolvido toda a rejeição, mas da outra vez em seu porão. Depois do sexo, ele fez um movimento para beijá-la... Claramente, ele queria mais do que apenas uma rápida e dura transa. A resposta dela? Ela se afastou e foi para o banheiro, onde se lavou como se ele a tivesse sujado. Em seguida, ela bateu a porta.

Então ela não podia culpá-lo pela forma como tinha sido seu último adeus.

Ela olhou ao seu redor em verde e escura prisão. Ela provavelmente iria morrer aqui. Provavelmente em breve, também, como ela não tinha tomado uma veia há algum tempo e estava sob uma grande quantidade de estresse físico e emocional.



A realidade de sua própria morte a fez pensar nos muitos rostos que ela viu enquanto as vidas os deixavam e as almas subiam livres. Como uma assassina, a morte tinha sido o seu trabalho. Como *symphath*, tinha sido uma espécie de chamado.

O processo sempre a tinha fascinado. Cada uma das pessoas que ela matou tinha lutado contra a maré, mesmo sabendo como sabiam, que ela estava em cima deles com a arma que ela empunhou ainda em sua mão, que se conseguissem sair da espiral que os tinha colocado ela atiraria novamente. Entretanto, parecia não ter importância. O horror e a dor tinham agido como uma fonte de energia, se alimentado da luta deles, e ela sabia o que aquele sentimento parecia. Como se você se esforçasse para respirar, mesmo que você não possa puxar o ar em sua garganta. Como o suor frio em cima de sua pele superaquecida. Como seus músculos ficam mais fracos, mas você ainda pode fazê-los se *mexerem, mexerem, mexerem, droga*.

Seus captos anteriores a levaram a beira da morte várias vezes.

Embora os *vampiros* acreditassem na Virgem Escriba, os *symphaths* não tinham a concepção de uma pós vida. Para eles, a morte era uma rampa de saída, não uma outra estrada, mas uma parede de tijolos em que você bate. Depois da qual não havia mais nada.

Pessoalmente, ela não comprava a mentira da divindade toda-santa, o que quer que fosse isso, criação ou o intelecto, o resultado era o mesmo. A morte era o apagar das luzes, fim da história. Puta merda, ela tinha visto isso de perto tantas vezes - após uma grande luta vinha... Nada. Suas vítimas tinham apenas parado de se mover, congelado em qualquer posição em que eles tinham estado quando seus corações tinham parado. E talvez algumas pessoas morressem com um sorriso em seus rostos, mas em sua experiência, aquilo era uma careta, não um sorriso.

Você poderia achar que se eles estivessem numa coisa de barco de luz branca e brilhante e do reino do céu, que estariam radiantes como se tivessem ganhado na loteria.

Exceto, talvez, a razão pela qual eles pareciam tão putos era menos sobre para onde eles estavam indo e mais sobre onde eles tinham estado.

Os arrependimentos... Fazem você pensar sobre os seus arrependimentos.



Fora o fato de que ela desejava ter nascido sob circunstâncias diferentes, haviam duas transgressões entre suas muitas que pesavam mais do que todas as outras.

Ela desejava ter dito a Murhder, anos atrás, que era metade *symphath*. Dessa forma, quando tinha sido levada para a colônia, ele não teria vindo para resgatá-la. Ele teria sabido que era inevitável que o outro lado de sua família viria reivindicar por ela e ele não teria acabado onde ele tinha.

Ela também desejava poder voltar e contar a John Matthew que sentia muito. Ela ainda o teria empurrado para fora, porque essa era a única construção em que ele não teria repetido os erros de seu outro amante. Mas ela teria deixado que ele soubesse que não era ele. Era ela. Pelo menos ele ia ficar bem com tudo isso. Ele tinha os Irmãos e o rei da raça para cuidar dele, e, por cortesia dela tê-lo chutado, ele não ia fazer nada estúpido.

Ela estava por conta própria nisso e ia jogar conforme acontecesse. Tendo levado uma vida violenta, era inteiramente não surpreendente que encontraria um final violento... Mas na verdade, ela tinha certeza de que ia foder com um ou dois no caminho para a saída.





Capítulo SETE

Merda, eles estavam perdendo a escuridão.

Quando John olhava o seu relógio, o próprio tempo que gastara pra fazer isso era um desperdício. A dor aguda em seus olhos lhe dizia tudo o que ele precisava saber sobre o quão pouco da noite eles ainda tinham.

Até mesmo a promessa da luz do sol era o bastante pra fazê-lo piscar rapidamente.

Então, novamente, a atividade noturna no Xtreme Park já estava acabando de qualquer maneira, os últimos drogados estavam ficando na vertical nos bancos ou mergulhando nos banheiros públicos para uma última dose. Diferente dos outros parques de Caldwell, este era aberto 24 horas, 7 dias por semana com as luzes fluorescentes no alto dos postes iluminando a extensão de concreto. Difícil dizer o que os planejadores da cidade estavam pensando com um comércio 24 horas – porque era exatamente o que eles tinham aqui. Comércio 24 horas. Com todas as drogas trocando de mãos, o lugar era como um bar afastado dos bares do Trade

Sem *lessers*, apesar disso. Apenas humanos traficando para humanos que usavam as drogas nas sombras.

Ainda assim, isto era promissor. Embora Lash não houvesse se infiltrado ainda na zona, ele iria. Mesmo com os policiais fazendo a ronda nas suas viaturas, havia muita privacidade e bastante informação. O parque se estabelecia num terreno enorme, com bueiros no chão alternando-se com rampas e saltos. Mais a baixo, as pessoas podiam ver o DPC se aproximando e se escondendo atrás ou em todo o tipo de abrigo.

E, cara, eles eram bem treinados. De seu esconderijo no ponto atrás do galpão de trabalho, ele e os rapazes viram isso acontecer mais de uma vez. E isso faz você se perguntar por que o DCP não enviava carros sem luzes e sirenes ou policiais infiltrados à paisana.

Ou talvez eles já estivessem fazendo isso. Talvez existissem outros, como John, que eram invisíveis na multidão. Bom, não exatamente como ele, Qhinn e Blay. Não tinha condições de mesmo um treinado e disfarçado membro do DCP,



apresentar-se como um nada – coisa que John e seus amigos estavam fazendo nas últimas três horas. Toda vez que alguém passava, eles lhe apagavam a memória.

Era meio estranho estar em um lugar, mas não nele... sentir, mas não ser visto.

— Nós vamos virar fantasmas? – Qhuinn perguntou.

John olhou para cima, para o céu clareando e disse a si mesmo que em aproximadamente 13 horas aquela porra de lâmpada calorenta do sol estaria presa novamente sob amarras e eles poderiam se esconder na esquina e esperar de novo.

Que merda!

— John? Vamos!

Por um segundo, ele quase arrancou a cabeça do seu amigo fora, suas mãos subindo e prontas pra mostrar todo tipo de “vai-se-foder, você-não-é-a-porra-da-minha-babá, caralho”.

O que o deteve foi o fato de que não era a quantidade de tempo esperando que iria resultar em Lash e gritar com Qhuinn também não iria fazê-los se aproximar mais da pista, tampouco.

Ele acenou uma vez e deu um ultimo olhar ao redor. Havia um único traficante que parecia apressar o show, e o garoto estava quase acabando. Seu corpo magro estava encostado contra a rampa central, o que era esperto – significava que ele podia ver tudo no parque, desde as esquinas distantes até o vai e vem da polícia na rua.

O garoto parecia ter em torno de dezessete ou dezoito anos, suas roupas eram folgadas no corpo, estilo skatista, e também uma indicação de que ele usava o que vendia. Ele passava a ideia de que precisava ser esfregado com uma escova de carro um par de vezes, mas ele era precavido e experiente. E parecia trabalhar sozinho. O que era interessante. Para dominar um território de drogas, normalmente o traficante tinha reforços para ajudá-lo – caso contrário ele era passado pra trás pelo seu fornecedor ou pelos usuários. Mas este cara... ele estava sozinho todo o tempo.

Ou ele estava seriamente envolvido pelas sombras, ou ele estava prestes a ser derrubado.



John ergueu-se de seu apoio contra o galpão e acenou para os seus companheiros. *Vamos.*

Quando ele se materializou novamente, cascalhos rangiam sob os seus Shitkickers⁴⁶ enquanto o seu peso se tornava real e uma brisa refrescante o atingia no rosto. O pátio da mansão da Irmandade ocupava toda a parte da frente da casa e os muros de 6 metros⁴⁷ de altura protegiam toda a propriedade. A fonte de mármore branco no meio do pátio esperava pelos meses mais quentes para funcionar, e a meia dúzia de carros que estavam estacionados enfileirados também esperavam por ação.

O sussurrante som de engrenagens bem lubrificadas o fez girar a cabeça para cima. Descendo coordenadamente, as persianas de aço foram cobrindo as janelas, os painéis se desenrolando e revestindo de chumbo os painéis de vidro, como se fossem pestanas se fechando para dormir.

Ele hesitou em entrar na mansão. Mesmo havendo mais de cinquenta cômodos para vaguear, o fato de ter que esperar lá dentro até o sol se por, fazia com que a mansão se parecesse com uma caixa de sapatos.

Enquanto Qhuinn e Blay se materializavam em cada lado dele, ele subiu os degraus até a imensa porta dupla e abriu caminho para o vestíbulo.

Já dentro, ele mostrou sua carranca para a câmera de segurança. Imediatamente a tranca se desfez e ele entrou num hall que parecia ter saído da Rússia Czarista. Colunas verde-malaquita e vermelho-claret⁴⁸ de mármore sustentavam um teto alto com três cenas pintadas. Castiçais folheados a ouro e espelhos geravam e refletiam uma luz amanteigada que enriquecia ainda mais as cores. E a escada... a coisa era como uma pista de aterrissagem acarpetada que se estendia direto aos céus, seu corrimão dourado se dividia no alto, sua divisão balaustrada dourada no topo formava âncoras para a varanda aberta no segundo andar.

Seu pai não tinha poupado dinheiro e obviamente tinha uma queda pelo dramático. Tudo o que a sua imaginação precisava é de uma orquestra de fundo para visualizar um rei descendo em seus trajes formais.

⁴⁶ Marca de bota.

⁴⁷ No original: 20 pés.

⁴⁸ No original: malachite and claret marble columns [...]. Acredito que a autora quis dizer que as colunas eram verdes e vermelho-sangue, uma vez que, a malaquita é um minério de cor verde usado como um pigmento natural e o claret é um tipo de vinho de cor vermelho sangue, da região de Bordeaux, França.



Wrath apareceu no topo, seu corpo enorme vestido em couro preto, seu cabelo longo caindo pelos seus extraordinários ombros. Seus óculos de sol estavam no lugar, e apesar dele estar em uma posição possível de cair-de-bunda-no-chão, ele não olhou pra baixo. Nenhuma razão pra isso. Seus olhos eram agora completamente cegos.

Mas ele não estava impotente. Ao seu lado, George cobria as coisas. O cão guia era o controle do rei, os dois unidos pela coleira que passava pelo peito e ancas do Golden Retrieve⁴⁹. Eles eram a última versão de Mutt e Jeff⁵⁰, um Bom Samaritano canino com uma bela aparência e olhar bondoso e um guerreiro brutal que era obviamente capaz de abrir a sua garganta em um segundo. Mas eles trabalhavam bem juntos e Wrath era muito afeiçoado ao seu animal: o cachorro era tratado como o cão real que era – para o inferno até com o Iams⁵¹; George comia o que o seu mestre comia, o que significava pedaços de carneiro e bifês. E falavam até que o Retriever dormia na cama com Wrath e Beth – apesar de que isso tinha que ser verificado, já que ninguém tinha acesso ao quarto da *Primeira Família*.

Quando Wrath começou a descer, ele mancava, resultado de alguma coisa que ele fez no Outro Lado, no lar da Virgem Escriba.

Ninguém sabia quem ele via ou por que ele estava com um olho roxo ou um machucado na boca, mas todo mundo, até John, estava feliz pelas sessões. Elas mantinham Wrath em equilíbrio e longe do campo de batalha.

Com o rei descendo, e alguns dos Irmãos vindo pela porta que John acabara de usar, ele tinha que escapar. Se aqueles Sombras tinham sentido que ele tinha tinta fresca da tattoo, o pessoal esperando pela última refeição iria sacar isso numa batida de coração se eles ficassem perto o suficiente.

Felizmente, tinha um bar na biblioteca e John foi pra lá e se serviu de uma dose de Jack Daniel's⁵². A primeira de muitas.

Enquanto ele começava a fazer depósitos na sua conta Buzz⁵³, ele se apoiou contra o balcão de mármore e desejou como o inferno ter uma máquina do tempo – apesar de ser difícil saber se ele escolheria voltar ou avançar no tempo.

⁴⁹Raça de cão, originária da Grã-Bretanha, historicamente foi desenvolvida para caçar aves aquáticas.

⁵⁰Mutt e Jeff é uma dupla de personagens fictícios criados pelo cartunista estadunidense Bud Fisher para protagonizar uma tira diária de quadrinhos cômicos, publicadas em jornais.

⁵¹Iams é uma marca de ração para cães e gatos.

⁵²Marca de uísque americano.



— Você quer alguma comida? – Qhuinn disse da porta.

John não olhou na direção do cara, apenas balançou a cabeça e despejou mais líquido do alívio no copo.

— Certo, vou te trazer um sanduíche.

Com uma maldição, John se virou e assinalou, *Eu disse não*.

— Rosbife? Bom. E eu vou te arranjar um bolo de cenoura. Vou deixar uma bandeja no seu quarto – Qhuinn se virou. – Se você esperar por mais cinco minutos aqui, todo mundo vai estar à mesa, e o caminho estará livre escada acima.

O cara foi embora, o que significava que ele não podia jogar o copo nele pra fazer valer sua opinião de eu-sou-uma-ilha.

Apesar de que, realmente, aquilo seria apenas um desperdício de uma boa bebida — Qhuinn era tão cabeça dura que você podia bater na sua cara com uma barra de ferro que não iria impressioná-lo.

Felizmente, o álcool começou a fazer efeito, o cobertor do entorpecimento tomando conta dos ombros de John primeiro, depois ao longo de todo o seu corpo. Aquela merda não fez nada para tranquilizar sua mente, mas seus ossos e músculos relaxaram.

Após esperar os cinco minutos sugeridos, John pegou seu copo e a garrafa e foi para a escada, saltando dois degraus de cada vez. Enquanto subia, as vozes moderadas na sala de jantar o seguiam, mas era só aquilo. Ultimamente não havia muito do que rir nas refeições.

Quando ele chegou ao seu quarto, abriu a porta e entrou em uma selva. Havia roupas jogadas em cada superfície imaginável – no armário, na cadeira, na cama, na TV de plasma. Como se o seu armário tivesse vomitado sobre todas as coisas. Garrafas vazias de Jack enchiam as duas mesinhas de cabeceira, e latas de cerveja se espalhavam a partir daí, apinhadas no chão e escondidas no edredom retorcido.

⁵³ O Buzz é um Serviço do Google que integra redes sociais em uma área especial dentro do Gmail. O Buzz também vai funcionar em celulares, como iPhone e Android.



Fritz e sua equipe de limpeza não entravam fazia duas semanas, e do jeito que as coisas iam, eles precisariam de uma escavadora quando ele finalmente deixasse a porta aberta para eles.

Tirando as roupas, ele deixou a sua calça de couro e a sua camisa onde elas caíram, mas com a sua jaqueta ele era cuidadoso. Pelo menos até que ele tirasse suas armas dela — então ele a largou na beirada da cama. No banheiro ele checou novamente sua faca de duas lâminas e rapidamente limpou as suas armas com o kit que ele havia deixado ali.

Sim, ele tinha deixado seus padrões de higiene baixarem mais que os dos garotos de fraternidade, mas com as suas armas era diferente. A utilidade tinha que ser preservada.

Seu banho foi rápido, e enquanto ele passava o sabão sob seu peito e abdômen, ele pensou no tempo em que até a água quente era o suficiente pra deixar o seu pênis duro. Não mais. Ele não havia tido uma ereção... desde a última vez que estivera com Xhex.

Ele só não tinha mais interesse — mesmo em seus sonhos, o que era novidade. Inferno, antes da sua transição, quando se supunha que ele não tivesse nenhum contato com a sua sexualidade, seu subconsciente tinha lhe dado todo o tipo de excitação. E aqueles festivais de sexo tinham sido tão reais, tão detalhados, como se fossem memórias e não fruto da sua imaginação REM⁵⁴-induzidas.

Agora? Tudo o que rolava na sua tela interna eram cenas de perseguição do filme *A Bruxa de Blair*⁵⁵ em que ele estava correndo em pânico, mas não sabia o que estava atrás dele... ou se iria alguma vez estar a salvo.

Quando ele saiu do banheiro, ele encontrou uma bandeja com um sanduíche de rosbife e um pedaço de bolo de cenoura tão grande quanto a sua cabeça. Nada pra beber, pois Qhuinn sabia que ele tomava o refrescante líquido do Mr. Daniels⁵⁶ sozinho.

John comeu em pé, em frente à escrivaninha, nu como no dia em que nasceu, e quando a comida caiu no seu estômago, sugou a energia dele, drenando tudo da sua cabeça. Limpando a boca com o guardanapo de linho, ele

⁵⁴ REM: Rapid Eye Movement (movimento rápido dos olhos) - A fase do sono na qual ocorre os sonhos mais vívidos.

⁵⁵ Nome original do filme: Blair Witch Project.

⁵⁶ Referência ao uísque Jack Daniels.



colocou a bandeja no corredor e então foi para o banheiro, onde escovou os dentes, só por hábito.

Luzes apagadas no banheiro. Luzes apagadas no quarto.

Ele e Jack⁵⁷ sentados na cama.

Mesmo exausto como estava, ele não estava ansioso para deitar. Havia uma relação inversa entre seu nível de energia e a distância entre sua orelha e o chão: mesmo que ele estivesse de olhos fechados, no segundo em que sua cabeça encostasse no travesseiro, seus pensamentos iriam começar e ele iria acabar completamente acordado e encarando o teto, contando horas e sofrimentos.

Ele virou o que tinha no copo, encostou os cotovelos nos joelhos. Em instantes sua cabeça estava pendendo, suas pálpebras fechando. Quando ele começou a cair pro lado, ele se deixou ir, mesmo sem saber para qual lado, o dos travesseiros ou o da mesinha de cabeceira.

Travesseiros.

Colocando seus pés sobre a cama, ele cobriu o quadril com as cobertas e teve um momento de feliz colapso. Talvez hoje o ciclo se quebrasse. Talvez essa gloriosa sensação de alívio iria sugá-lo para o buraco negro que ele queria. Talvez ele...

Seus olhos abriram e ele encarou a espessa escuridão.

Não. Ele estava exausto ao ponto de ficar impaciente, não apenas acordado... mas com uma sensação de ter chutado o traseiro. Enquanto ele esfregava o rosto ele percebeu que esse seu estado contraditório era como os zangões serem capazes de voar: físicos provaram que não era possível, mas acontecia o tempo todo.

Deitando de costas, ele cruzou os braços sob seu peito e bocejou tão forte que a sua mandíbula estalou. Difícil decidir se ligava a luz. A escuridão aumentava o turbilhão no seu crânio, mas a luz incomodava seus olhos ao ponto dele sentir como se chorasse areia. Normalmente ele alternava entre ligar e desligar o abajur.

⁵⁷Novamente referência ao uísque Jack Daniels.



De fora, no corredor de estatuas, ele escutou Zsadist, Nalla e Bella indo para seus quartos. Enquanto o casal conversava sobre o jantar, Nalla ria e chiava do jeito que os bebês fazem quando suas barrigas estão cheias e seus pais estão bem com eles.

Blay veio em seguida. Como V, ele era a única pessoa que também fumava na casa, foi como John soube que era ele. E Qhuinn estava com o cara. Tinha que estar. Caso contrário, Blay não teria acendido o cigarro fora de seu próprio quarto.

Esse era o troco pela recepcionista na loja de tatto, e quem poderia culpá-lo?

Teve um longo silêncio do lado de fora. E então finalmente um par de botas.

Tohr estava indo para a cama.

Era óbvio quem era mais pelo silêncio do que pelo som — as passadas eram lentas e relativamente leves para um Irmão. Tohr estava trabalhando pra ter seu corpo em forma de novo, mas ele não tinha sido liberado para o campo de batalha, o que fazia sentido. Ele precisava de mais vinte e dois quilos de músculo antes que ele tivesse qualquer negócio de igual-para-igual com o inimigo.

Não iria aparecer mais ninguém. Lassiter, também conhecido como Sombra Dourada de Tohr, não dormia, então o anjo normalmente ficava lá embaixo na sala de sinuca e assistia TV. Como os testes de paternidade no *'Maury'*⁵⁸ e *'The People's Court'*⁵⁹ com Juiz Milian e maratonas de *'Real Housewives'*⁶⁰.

Silêncio... Silêncio... Silêncio...

Quando o som do seu batimento cardíaco começou a irritá-lo, John amaldiçoou e se alongou, ligando a luz. Enquanto se recostava nos travesseiros, ele deixou os braços caírem ao lado. Ele não dividia a fascinação de Lassiter por besteiras de TV, mas qualquer coisa era melhor que o silêncio. Procurando em volta das garrafas vazias, ele encontrou o controle, e quando apertou o *ligar*, houve uma pausa, como se a coisa tivesse se esquecido o que era isso — então a imagem apareceu.

⁵⁸Talk show norte americano.

⁵⁹Reality show nos tribunais estadunidenses.

⁶⁰Série de um reality show com donas de casa em diversos estados dos Estados Unidos.



Linda Hamilton estava correndo por um corredor, seu corpo saltando com poder. No final, um elevador estava se abrindo... revelando um criança com o cabelo preto curto e Arnold Schwarzenegger.

John apertou o botão de desligar e matou a imagem.

A última vez que ele tinha visto esse filme tinha sido com Tohr... quando o Irmão o tirou da sua triste e lamentável existência e mostrado quem ele realmente era... antes das suas vidas terem sido destruídas.

No orfanato, no mundo humano, John sempre soube que ele era diferente... e o Irmão tinha lhe dado o "porquê" naquela noite. O flash das presas tinham explicado tudo.

Agora, naturalmente, teve toda aquela merda de ansiedade que veio com a descoberta de que você não era quem ou o que você sempre achou que era. Mas Tohr tinha ficado do seu lado, sem fazer nada, só assistindo TV, mesmo tendo voltado de um briga e tendo uma *shellan* grávida para cuidar.

A melhor coisa que alguém havia feito por ele.

Voltando para realidade, John jogou o controle na mesa, derrubando uma das garrafas. Enquanto a última metade do Bourbon⁶¹ derramava, ele pegou uma camisa para limpar a bagunça. O que, considerando a desarrumação do resto do quarto, era o mesmo que pedir um Big Mac com batatas fritas e Coca Diet.

Tanto faz.

Ele limpou a mesa, levantando as garrafas uma por uma, e, em seguida, abriu a gaveta pequena para –

Jogando a sua camisa no chão, ele alcançou e pegou um livro antigo, encadernado em couro.

O diário estava em suas mãos por cerca de seis meses agora, mas ele não o tinha lido.

Era a única coisa que ele tinha do pai.

⁶¹Espécie de uísque.



Com nada pra fazer e nenhum lugar pra ir, ele o abriu. As páginas eram feitas de velino e cheiravam a velho, mas a tinta ainda estava completamente legível.

John pensou naquelas notas que ele escreveu para Trez e iAm no Sal's e imaginou se ele e seu pai tinham uma caligrafia parecida. Como o começo do diário estava escrito na Língua Antiga, não tinha jeito de saber.

Focando seus olhos cansados, ele começou examinando apenas como os caracteres eram formados, como os golpes de tinta se cruzavam para formar os símbolos, como não havia erros ou rabiscos, como até mesmo sem as páginas terem linhas, o seu pai continuou a escrever reto. Ele imaginou como Darius talvez tenha se curvado sob as páginas e escrito sob a luz de velas, mergulhando a sua caneta de penas...

Uma estranha luz trêmula passou por John, o tipo que o fazia pensar se iria ficar doente... mas a náusea passou enquanto uma imagem vinha a ele.

Uma casa de pedra enorme, não diferente da que eles estavam vivendo agora. Um quarto cheio de coisas lindas. Um registro apressado feito nestas páginas numa mesa, antes de um grande baile.

A luz de vela, quente e suave.

John balançou a cabeça e continuou virando as páginas. Um tempo depois dele apenas olhar os caracteres, ele começou a lê-los...

A cor da tinta mudou do preto para marrom quando o seu pai escreveu sobre a primeira noite no acampamento de guerreiros. O quão frio estava. O quanto assustado ele estava. O quanto ele sentia falta de casa.

O quão sozinho ele se sentia.

John simpatizou com o macho a ponto de parecer que não havia separação entre pai e filho: e apesar dos muitos, muitos anos e um continente inteiro de distância, ele se imaginou no lugar do pai.

Bom, dhã. Ele estava na exata mesma situação: uma realidade hostil e cheia de sombras... e sem pais para apoiá-lo agora que Wellsie estava morta e Tohr era um fantasma vivo.

Difícil saber quando as suas pálpebras se fecharam e assim permaneceram.





TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Mas em algum momento ele dormiu com o pouco do que ele tinha do pai, agarrado com reverência a suas mãos.





Capítulo OITO

1671, Primavera, Antigo País

Darius materializou-se em um trecho denso da floresta, tomando forma ao lado da entrada de uma caverna. Examinando a noite, prestando atenção em qualquer som digno de nota... Havia um bando de veados um pouco mais a baixo e a brisa assobiava através dos ramos dos pinheiros, e ele podia ouvir sua própria respiração. Mas não havia nenhum ser humano ou lessers.

Mais um momento... e em seguida, passou pelo beiral de pedra e entrou em uma sala natural criada há muito tempo. Entrava mais e mais, desprezando o cheiro pesado no ar: o mofo e umidade fria o lembraram do campo de guerra - e mesmo que tivesse saído daquele lugar infernal a vinte e sete anos, as memórias de seu tempo com Bloodletter eram suficientes para fazê-lo recuar agora mesmo.

Na parede oposta, passou a mão sobre a pedra molhada e irregular até encontrar um puxador de ferro, que acionava o mecanismo de abertura da porta escondida. Houve o som abafado de dobradiças e, em seguida, uma parte da pedra deslizou para a direita. Não esperou para que o painel corresse completamente, forçou caminho através dele, logo que pode passar seus ombros, lateralmente. Do outro lado, bateu em uma segunda alavanca e esperou até que a parte de pedra estava garantida de volta em seu lugar.

O longo caminho para o Santuário da Irmandade era iluminado com tochas que ardiam ferozmente e moldavam rígidas sombras que sacudiam e tremulavam no chão áspero e no teto. Já estava na metade do caminho para baixo, quando as vozes de seus Irmãos chegaram aos seus ouvidos.

Claramente, haviam muitos deles na reunião, dada a sinfonia, sons de machos que se sobrepunham e competiam por espaço.

Ele era provavelmente o último a chegar.

Quando chegou ao portão de ferro com barras, pegou uma pesada chave no bolso e empurrou na fechadura. Abrir o portão foi árduo, até mesmo pra ele, o enorme portão só se destrancou após ele provar pra si mesmo ser digno de abri-lo.



Quando desceu para o amplo espaço aberto no fundo da terra, a Irmandade estava toda lá e, com sua aparição, a reunião começou.

Enquanto ele tomava posição ao lado de Ahgony, as vozes silenciaram e Wrath, o Justo, observou atentamente a reunião. Os Irmãos respeitavam o líder da raça, mesmo ele não sendo um guerreiro entre eles, mas era um macho de real valor, cujo conselhos sábios e prudentes, eram de grande valia na guerra contra a Sociedade Lessening.

— Meus guerreiros, — disse o rei. — Dirijo-me a vocês com uma grave notícia e um pedido. Um emissário doggen veio a minha casa durante a luz do sol e pediu uma audiência pessoal. Depois de recusar-se a apresentar seus motivos perante meu próprio atendente, não suportou e chorou.

Como os olhos verde-claro do monarca circulavam os rostos, Darius se perguntou onde aquilo estava indo. Em nenhum lugar bom, pensou.

— Foi então que intercedi. — o Rei fechou os olhos por um momento. — O amo do doggen o tinha enviado diante de mim com a pior notícia possível. A filha solteira da família está desaparecida. Havia se retirado um momento, tudo parecia bem com ela até que sua serva pessoal lhe levou uma refeição ao meio-dia, caso ela necessitasse de alimento. O quarto dela estava vazio.

Ahgony, o líder leigo da Irmandade, falou.

— Quando foi vista pela última vez?

— Antes da última refeição. Ela foi a seus pais e lhes informou que não tinha apetite o que seria uma mentira. — O rei continuava olhando a sua volta. — Seu pai é um homem justo, que me prestou favores pessoais. Mais importante, no entanto, é o serviço que tem oferecido a toda raça como leahdyre do Conselho.

Maldições ecoavam na caverna, o rei concordava.

— Na verdade, é filha de Sampsone.

Darius cruzou os braços sobre o peito. Esta era uma péssima notícia. As Filhas da glymera eram como joias finas para seus pais... até o momento em que eram passadas aos cuidados de outro macho de considerável importância, que a trataria da mesma forma. Estas fêmeas eram vigiadas e enclausuradas... Elas simplesmente não desapareciam da casa de suas famílias.

Elas poderiam ser tomadas, no entanto.



Como todas as coisas raras, fêmeas bem-educadas tinham valor muito alto - e, como sempre, quando se tratava da glymera, a pessoa era menos importante que a família: os resgates eram pagos não para salvar sua vida, mas sim a reputação de sua linhagem de sangue. Na verdade, não era desconhecido uma fêmea virgem ser raptada e mantida por dinheiro, o que só impulsionava o terror social.

A Sociedade Lessening não era a única fonte do mal no mundo. Os vampiros eram conhecidos por saquear seus iguais.

A voz do rei ressoou ao redor da caverna, profunda e exigente.

— Minha guarda privada, olho para vocês para fornecerem a reparação desta situação. — Aqueles olhos fecharam em Darius. — E há um entre vós a quem vou pedir para ir em frente e corrigir a injustiça.

Darius fez uma reverência perante o pedido feito. Como sempre, estava totalmente preparado para cumprir qualquer obrigação para o seu rei.

— Obrigado, meu guerreiro. Sua diplomacia será de valor sob o telhado dessa, agora, casa quebrada, assim como seus procedimentos. E quando descobrir o malfeitor estou confiante na sua habilidade para assegurar um apropriado... Resultado final. Aproveite-se daqueles que estão ombro a ombro consigo, e acima de tudo, encontre-a. Nenhum pai deve suportar esse horrendo vazio.

Darius não podia concordar mais.

E era uma atribuição sábia feita por um rei sábio. Darius era um diplomata, verdade. Mas ele tinha um compromisso especial para com as fêmeas depois de ter perdido sua mãe. Não que os outros Irmãos não se entregassem com semelhante dedicação - exceto Hharm, talvez, que tinha uma visão um pouco sombria do valor de uma fêmea. Mas Darius era o único que sentia mais esta responsabilidade e o rei não era nada se não calculista.

Sendo assim, ele ia precisar de ajuda e olhou ao redor seus Irmãos para determinar quem escolheria, enquanto analisava as faces severas, agora familiar. Parou o olhar quando deparou-se com um semblante de um estranho entre eles.

Do outro lado do altar, o Irmão Hharm estava de pé ao lado de uma versão mais jovem, mais magro de si mesmo. Seu filho tinha cabelos escuros e olhos



azuis da mesma forma que o pai, e dividia também um potencial ombro e peito largos, que era característica de Hharm. Mas ai terminava as semelhanças. Hharm estava recostado de forma insolente na parede da caverna – o que não era uma surpresa. O macho preferia o combate a conversa, tinha pouco tempo ou capacidade para dedicar-se a esse último. O menino, porém, estava imóvel, seus olhos inteligentes estavam fixos no Rei, em reverência.

Suas mãos estavam atrás das costas.

Apesar de sua aparência de calma, ele estava torcendo as mãos, onde ninguém podia ver, o movimento nos músculos de seus antebraços demonstrava sua agitação.

Darius entendia como o menino se sentia. Após essa reunião, todos eles sairiam e cada um iria para o campo e o filho de Hharm seria testado pela primeira vez contra o inimigo.

Ele não estava devidamente armado.

Frescor do acampamento de guerra não era melhores armas que as que Darius tinha tido... Apenas mais rejeição da Bloodletter. O que era deplorável. Darius não teve pai para provê-lo, mas Hharm deveria ter cuidado de seu filho, dando-lhe equilíbrio, instrumentos tão bons quanto os seus.

O Rei levantou os braços e olhou ao teto.

— Que a Virgem Escriba olhe sobre aqueles aqui reunidos com toda a benevolência e bênção destinados a estes soldados de valor que saem ao campo de batalha.

O grito de guerra explodiu dos Irmãos, e de Darius como um rugido, o barulho ecoava, repercutindo e continuando enquanto era iniciado algo como um cântico. Como som de trovão crescendo mais e mais, o Rei estendeu sua mão para o lado. Das sombras, o jovem herdeiro ao trono veio para a frente, sua expressão era muito mais velha do que só sete anos. Wrath, filho de Wrath, era como Tohrment, a imagem de seu pai, mas a comparação entre os dois terminava aí. O Príncipe regente era sagrado, não só para seus pais, mas para a raça.

Este pequeno macho era o futuro, o líder por vir... Prova de que, apesar da afronta cometida pela Sociedade Lessening, os vampiros sobreviveriam.



E ele era destemido. Considerando que muitos pequenos teriam se escondido atrás de seu pai diante de um único Irmão, o jovem Wrath estava sozinho, olhando para os homens diante dele, como se ele soubesse que, independentemente da sua tenra idade, que ele comandaria as costas fortes e armas de combate daqueles a sua frente.

— Vão, meus guerreiros, — disse o rei. — Vão e exerçam com punhais sua intenção letal.

Coisa sangrenta para ser dita diante de ouvidos delicados, mas no meio da guerra, não havia vantagem em proteger a próxima geração da realeza. Wrath, filho de Wrath, nunca sairia fora de campo – ele era muito importante para a raça - mas seria treinado para que pudesse apreciar o que os machos sob o seu comando estavam enfrentando.

Como o rei olhando fixamente para sua cria, os olhos do ancião estavam repletos de orgulho, alegria, esperança e amor.

Com Hharm e seu filho era diferente. O jovem estava ao lado de seu pai de sangue, mas por toda a atenção que lhe era desprendida, ele poderia estar ao lado de um estranho.

Ahgony inclinou-se para Darius.

— Alguém precisa dar atenção aquele menino.

Darius assentiu. — Sim.

— Fui buscá-lo do acampamento de guerra esta noite.

Darius olhou para o irmão.

— Sério? Onde estava seu pai?

— Entre as pernas de uma donzela.

Darius amaldiçoado baixo. Na verdade, o Irmão era de uma constituição brutal, apesar de sua criação e cortesia de seus instintos, ele tinha vários filhos, que pode ser explicado, embora, certamente não desculpas o seu descaso. Naturalmente, seus filhos não seriam elegíveis para a Irmandade, porque suas mães não eram de sangue escolhido.

No entanto, Hharm parecia ser indiferente.



Como o pobre menino estava tão distante, Darius lembrou bem de sua primeira noite no campo: como tinha sido preso... como temeu enfrentar o inimigo com nada mais que sua inteligência e um pouco treinamento que teve para fortalecer sua coragem. Não era que os Irmãos tivessem descuidado dele. Mas eles ficaram, logo em seguida, ocupados, assim, teve que provar que ele pôde aprender sozinho,

Este jovem macho estava claramente na mesma situação – o justo é que tinha um pai que deveria ter facilitado seu caminho.

— Fique bem, Darius, — disse Ahgony com a realza entre os Irmãos, apertando as mãos e se preparando para sair. — Estou acompanhando o Rei e o Príncipe.

— Fique bem, meu irmão. — Os dois se abraçaram e em seguida, rapidamente Ahgony se juntou aos Wraths e saía com eles da caverna.

Como Tohture tomou a frente e começou a distribuir os territórios para a noite, os pares começaram a ser formados e Darius olhou através das cabeças para o filho de Hharm. O menino havia pressionado contra a parede e estava rígido, ainda com as mãos atrás das costas. Hharm parecia interessado apenas na negociação com os outros.

Tohture colocou dois dedos na boca e assobiou.

— Meus irmãos! Atenção! — A caverna ficou silenciosa. — Obrigado. Estão claros os territórios?

Houve uma afirmação coletiva e os irmãos começaram a sair - e Hharm nem sequer olhou o filho atrás de si. Ele só andou para a saída.

Na sequência, o garoto trouxe as mãos para frente e esfregou-as uma na outra. Um passo à frente, ele disse o nome do pai uma vez... duas.

O Irmão retrocedeu, sua expressão era como confrontado por uma obrigação desagradável.

— Bem, vamos lá, então...

— Se eu puder, — disse Darius, colocando-se entre eles. — seria um prazer tê-lo me ajudando em meu dever. Se não o ofende.



A verdade era que não se importava nada se ofendia. O menino precisava de mais do que seu pai lhe daria e Darius não era o tipo de ficar de lado, enquanto se desdobrava uma injustiça.

— Você acha que eu não posso cuidar do meu sangue? — Hharm rugiu.

Darius voltou-se para o macho e estava frente a frente com ele. Ele preferia a negociação pacífica quando se tratava de conflito, mas com Hharm, não havia conversa. E Darius era bem dotado para enfrentá-lo força com força.

Como a Irmandade congelou em volta deles, Darius baixou a voz, embora todos reunidos iriam ouvir cada palavra.

— Dei-me o menino e eu o entregarei inteiro até o alvorecer.

Hharm rosnou, o som era como de um lobo diante de sangue fresco.

— Minha obrigação, irmão.

Darius se inclinou mais perto.

— Se você levá-lo à luta, e ele morrer, você carregará essa vergonha sobre sua linhagem para sempre. — Embora na verdade fosse difícil saber se a consciência do macho seria afetada. — Dê ele a mim e eu vou te salvar desse fardo.

— Eu nunca gostei de você, Darius.

— No entanto antes no acampamento você esteve mais do que disposto a se servir daqueles a quem eu venci— Darius mostrou suas presas. — Dado o quanto você apreciou aquilo, eu pensava que você me teria em melhor consideração. E saiba, se você não permitir que eu supervisione o garoto, vou jogá-lo no chão e lhe bater até que você suavize para mim.

Hharm quebrou o contato visual, seu olhar fixo acima do ombro de Darius enquanto o passado sugava o Irmão. Darius sabia o momento em que ele tinha sido arrastado para dentro de suas lembranças.

Era noite quando Darius tinha ganhado contra ele no acampamento – e como Darius havia se recusado a corrigir a perda, Bloodletter fez. Brutal era uma palavra fraca para descrever aquela sessão e, entretanto Darius era contra a expor isto, a segurança do menino era um fim merecedor para os meios desmerecedores.



Hharm sabia quem ganharia em uma briga.

— Leve-o, — o macho disse categoricamente. — E faça o que quiser com ele. Tenho a honra de renunciá-lo como meu filho.

O irmão moveu-se, caminhou para fora...

E levou todo o ar da caverna com ele.

Os guerreiros assistiram-no ir, o silêncio deles era mais alto que o grito de guerra tinha sido. Negar a descendência era antiético à raça, até a luz do dia seria como uma refeição familiar: era ruína.

Darius foi até o jovem macho. Aquele rosto... Querida Virgem Escriba. A face cinza congelada do menino não estava triste. Não estava inconsolável. Não era sequer vergonha.

Suas feições eram uma verdadeira máscara mortuária.

Levantando a mão, Darius disse,

— Saudações, filho. Sou Darius, e tomarei a função de ser seu whard em combate.

Os jovem piscou os olhos uma vez.

— Filho? Nós iremos sem demora ao rochedo.

Abruptamente, Darius foi submetido a uma consideração afiada; o menino estava procurando claramente por sinais da obrigação e da piedade. Não encontraria nenhum, entretanto. Darius tinha certeza coma a terra seca, dura na qual as botas do menino estavam de pé, e estava bem atento que qualquer tipo de suavidade que oferecesse só resultaria em desgraça adicional.

— Por quê? — veio uma pergunta rouca.

— Nós vamos sem demora ao rochedo encontrar essa fêmea. — Darius disse com calma. — Esse é o porquê.

Os olhos do garoto cravaram em Darius. Em seguida, o jovem colocou a mão sobre o peito, Com um reverência, disse.

— Esforçarei-me para ser útil, em vez de peso.



Era tão difícil ser indesejado. Mais duro ainda manter a cabeça erguida depois de uma afronta.

— Qual é o seu nome? — Darius perguntou.

— Tohrment. Eu sou Tohrment, filho de... — Clareou a garganta. — Eu sou Tohrment.

Darius aproximou-se do jovem macho e pôs suas mão no ombro que ainda teria potencial para crescer.

— Venha comigo.

O garoto o seguiu com propósito... fora da reunião da Irmandade... fora do santuário... fora da caverna... na noite

A mudança no peito de Darius aconteceu em algum momento entre o passo inicial para frente e no momento em que desmaterializam-se juntos.

Na verdade ele se sentiu pela primeira vez, como se ele tivesse sua própria família... Porque, embora o garoto não fosse de seu sangue, ele tinha assumido cuidar dele.

Sendo assim, ele se jogaria em frente de uma lâmina destinada a matar o jovem, se sacrificando por ele. Esse é o código da Irmandade - mas apenas para os Irmãos. Tohrment ainda não estava entre esse número, ele era apenas um iniciado em virtude de sua linhagem, o que lhe valeu o acesso ao túmulo e nada mais. Se não conseguisse provar, seria barrado para sempre dele.

Certamente, porque no código, o garoto poderia ser machucado no campo e seria deixado para morrer.

Mas Darius não permitiria isso.

Ele sempre quis ter um filho seu.



Capítulo NOVE

VINTE MILHAS FORA DE CHARLESTON, CAROLINA DO SUL

— Puta... merda. Eles têm umas espécies de árvores aqui.

Bem, sim, isso resumia tudo. Enquanto a van, com link — satélite dos *Investigadores Paranormais*⁶² avançava pela Rota Rural SC 124, Gregg Winn freou e inclinou-se sobre o volante.

Fodidamente... *perfeito*.

A plantação na entrada da casa era marcada dos dois lados por carvalhos do tamanho de ônibus, e musgo espanhol se pendurava pra fora dos ramos maciços, balançando-se na brisa suave. Abaixo, no final do enquadramento, aproximadamente meia milha distante, a mansão de colunas se situava linda como uma senhora em uma cadeira, o Sol do meio-dia pintando sua face com uma luz limão-amarelada.

Atrás, a apresentadora do IP's, Holly Fleet, se recostou no banco. — Tem certeza disso?

— É uma Estadia⁶³, certo? — Gregg acelerou. — Aberta ao público.

— Você ligou 4 vezes.

— Eles não disseram não.

— Eles não te ligaram de volta.

— Tanto faz. — Ele precisava fazer isso acontecer. Os especiais do programa IP's no horário nobre estavam prestes a passar para o próximo nível na venda de anúncios para a emissora. Eles não estavam no nível do *American Idol*, verdade, mas estavam mandando ver, melhor do que qualquer episódio de *Magic Exposed*, e se a tendência persistisse, o dinheiro ficaria mais grosso do que sangue.

⁶²PIs ou Paranormal Investigators — espécie de programa americano sensacionalista que busca desvendar mistérios sobrenaturais.

⁶³Band B, bed—and—breakfast ou B and Bs: Seria o equivalente a um local pra se comer e dormir "estadia", uma tradução sem expressão portuguesa (equivalente a uma pousada ou até pernoite).



O longo caminho até a casa era como uma trilha que os levava não apenas mais fundo na propriedade, mas também de volta no tempo. Pelo amor de Deus, enquanto ele olhava ao redor para o chão coberto de grama, esperou ver soldados da Guerra Civil e mulheres pró-guerra no estilo Vivian Leigh caminhando embaixo das árvores.

O caminho de cascalho levava os visitantes diretamente a formal entrada da frente e Gregg estacionou na lateral, caso outros carros precisassem passar.

— Vocês dois fiquem aqui. Eu entro.

Quando saiu de trás do volante, cobriu sua camiseta Ed Hardy com um casaco preto e puxou o punho pra cima de seu Rolex dourado. A van com o logotipo dos *Investigadores Paranormais*, com um magnífico vidro sob um negro sombrio e fantasmagórico, era chamativa o suficiente, e sem dúvidas a casa era de propriedade de algum morador local. A questão era que o estilo Hollywoodiano não era necessariamente muito valorizado fora de Los Angeles — e este lugar gracioso estava o mais longe possível de cirurgias plásticas e bronzeamento artificial quanto se pode imaginar.

Os seus sapatos Prada se deslocaram pelas pedras do caminho enquanto ele se dirigia a entrada. A casa branca era uma simples construção de três andares com varandas no primeiro e segundo piso, e um dormitório embutido sobressaindo no telhado. Mas a elegância das proporções e do tamanho absoluto da maldita coisa era o que a colocava tão solidamente no território das mansões. E para finalizar esta “Grande Dama”, todas as janelas estavam permeadas no interior por cortinas ricamente drapeadas, e através do vidro, ele podia ver os lustres se balançando dos tetos altos.

Maldita Estadia.

A porta da frente era grande o suficiente para pertencer a uma catedral, e o batente era de uma cabeça de leão na cor bronze, que parecia quase do tamanho de uma real. Levantando o peso, ele deixou-o cair de volta no lugar.

Enquanto esperou, checou pra ter certeza de que Holly e Stan estavam onde ele os havia deixado. Ajuda era a última coisa da qual precisava enquanto ele estava dando uma de vendedor de porta em porta — especialmente num lugar onde um “olá-meu-nome-é” não fosse bem recebido. E a verdade era que se eles não estivessem em uma missão em Charleston, ele talvez não teria tentado o cara-a-cara, mas para um percurso de meia-hora, que nem saía fora



de seu caminho, valia o esforço. Eles não estariam prontos pra começar a gravação do especial em Atlanta por alguns dias, então havia tempo pra isso. Direto ao ponto, ele mataria para —

A porta se abriu amplamente e ele teve que sorrir para o que estava do outro lado. Cara... isso só fica cada vez melhor. O homem tinha uma pinta de “mordomo inglês” estampado por todo o corpo, de seus sapatos brilhantes até seu colete preto.

— Boa tarde, senhor — e ele tinha um sotaque, não britânico, nem francês, mas europeu de alto nível — Como posso lhe ajudar?

— Gregg Winn —, ele estendeu a mão. — Acho que te liguei algumas vezes? Não tenho certeza de que você recebeu as mensagens.

O aperto do mordomo era rápido. — De fato.

Gregg esperou que o homem continuasse. Quando nada aconteceu, ele limpou a garganta. — Ah... Eu esperava que você nos permitisse fazer uma investigação de sua adorável casa e terreno. A lenda de Eliahu Rathboone é bem notável, quero dizer... os relatórios de seus hóspedes são incríveis. Meu time e eu —

— Permita-me interrompê-lo. Não haverá filmagens ou gravações em nossa residência...

— Nós pagaremos.

— ... de modo algum. — O mordomo sorriu hermeticamente. — Estou certo de que podes entender porque preferimos privacidade.

— Honestamente, não entendo. Qual a maldade em nos permitir andar por aqui? — Gregg abaixou a voz e se inclinou. — Há não ser, é claro... Que seja você quem faz as pegadas no meio da noite, certo? Ou suspende uma vela pendurada em um fio de pesca no topo da escada?

A face do mordomo não se alterara, e ainda assim ele cheirava a desdém. — Acredito que já estava de saída.

Não era um comentário. Não era uma sugestão. Era uma ordem. Mas foda-se, Gregg já havia lidado com tipos bem mais durões do que uma babá em um paletó de pinguim.



— Sabe, vocês devem ter uma boa movimentação como resultado dessa história de casa mal-assombrada. — Gregg abaixou a voz ainda mais. — Nossa audiência na TV é enorme. Se vocês acham que têm visitantes agora, imagine o que aconteceria com seus negócios se isso passasse em rede nacional. E mesmo que você seja o responsável por essa coisa de Rathboone, podemos trabalhar com você ao invés de contra você. Se entende o que eu digo.

O mordomo deu um passo pra trás, e começou a fechar a porta. — Bom dia, senhor...

Gregg colocou seu corpo no caminho. Mesmo que ele não quisesse tanto confirmar as histórias, essa coisa de — *não* — não era seu negócio. Como de costume, ser recusado aumentava seu interesse como nada o fazia.

— Gostaríamos de passar a noite, então. Estamos fazendo uns trabalhos na vizinhança sobre a Guerra Civil e precisamos de um lugar pra passar a noite.

— Temo que estejamos cheios.

Naquele momento, como um presente de Deus, um casal desceu as graciosas escadas com suas malas em mãos. Gregg sorriu enquanto olhava por cima do ombro do mordomo.

— Não tão cheio mais.

Passeando por seu maço de cartões pessoais, Gregg fez sua melhor expressão eu-não-serei-problema. — Não é não, eu entendi. Então não gravaremos mais, áudio ou vídeo. Juro pela vida de minha avó! — Levantando sua mão em cumprimento, ele disse alto: — Hey vocês, gostaram da estadia?

— Oh meu Deus, foi incrível! — A namorada, mulher, transa de uma noite, o que seja, disse. — Eliahu é real!

O namorado, marido, querendo gozar concordou. — Eu não acreditei nela. Quero dizer, fantasmas... qual é! Mas sim, eu ouvi a coisa.

— Vimos a luz também. Ouviu falar da luz?

Gregg colocou a mão no peito, em choque. — Não, qual luz? Digam-me tudo...

Enquanto eles se jogavam em uma detalhada declaração de todas as “coisas incrivelmente surpreendentes” que eram “incrivelmente maravilhosas de



presenciar" durante seu "incrivelmente...", os olhos do mordomo se estreitaram em finos traços. Claramente, seus modos lutavam com sua vontade de matar enquanto ele se afastava pra deixar Gregg ir até o casal, mas a temperatura no recinto caiu para muito fria.

— Espere, você é —

O convidado congelou e se inclinou de lado. — Puta merda, você está com aquele programa —

— *Investigadores Paranormais*. — Gregg completou. — Sou o produtor. —

— A apresentadora... O cara olhou para sua acompanhante. — Ela está aqui também?

— Sim. Quer conhecer Holly?

O cara colocou a mala que carregava no chão para ajeitar a gola de sua camisa polo. — Sim, eu posso? —

— Já estávamos de saída. — A mulher interveio. — Não estávamos, Dan?

— Mas se eu... nós... tivéssemos a chance de —

— Vamos cair na estrada agora, estaremos em casa ao anoitecer. Ela se virou para o mordomo. — Obrigada por tudo, Sr. Griffin. Tivemos uma ótima estadia.

O mordomo se curvou com graça. — Por favor, volte outra vez, madame.

— Oh, nós voltaremos — este será um local perfeito para nosso casamento em Setembro. É incrível.

— Maravilhoso. — O noivo completou, como se quisesse estar bem ao seu lado novamente.

Gregg não insistiu no encontro com Holly enquanto o casal saía pela porta da frente — mesmo com o cara parando e olhando por cima como se esperasse que Gregg fosse segui-los.

— Então eu vou pegar nossas malas. — Gregg disse ao mordomo. — E você pode arrumar nosso quarto, Sr. Griffin.

O ar ao redor do homem pareceu se deformar. — Temos dois quartos.



— Tudo ótimo. E como posso dizer que o senhor é um homem de princípios, eu e Stan ficaremos juntos. Pelo bem da propriedade.

O mordomo levantou as sobrancelhas. — De Fato. Se você e seus amigos forem bons o suficiente para aguardarem na sala à sua direita, mandarei as governantas arrumarem suas acomodações.

— Fantástico. — Gregg deu um tapinha no ombro do mordomo. — O senhor nem notará que estamos aqui.

O mordomo se afastou perceptivelmente. — Uma palavra de precaução, se me permite.

— Diz aí.

— Não suba até o terceiro andar.

Bem, aí está um convite... e uma fala do filme *Pânico*. — Absolutamente não. Eu juro.

O mordomo seguiu pelo corredor, e Gregg se inclinou pra fora, gesticulando para sua equipe. Enquanto Holly saía, seus peitos se balançaram na camiseta preta que estava usando, e as calças Sevens eram tão baixas na cintura que seu ventre liso e bronzeado brilhou. Ele a contratara não por seu cérebro, e sim por suas medidas de Barbie, e mesmo assim ela provou ser mais do que ele esperava. Como um bando de idiotas, ela não era totalmente estúpida, apenas gostosa, e tinha uma habilidade misteriosa para posicionar-se onde poderia favorecer seu avanço.

Stan deslizou o painel lateral da van e saiu, piscando forte e tirando o seu longo e bagunçado cabelo do campo de visão. Perpetuamente drogado, ele era a pessoa perfeita pra esse tipo de trabalho: tecnicamente experiente, mas suave ao ponto em que recebia bem as ordens.

A última coisa que Gregg queria era um artista arruinando as lentes das câmeras.

— Peguem a bagagem — Gregg disse a eles, o que em código significava *tragam-não- apenas-as-malas-mas-também-o-equipamento-de-escala-menor*.

Este não era o primeiro local que ele experimentou falar isso.



Enquanto ele voltava pra dentro, o casal que havia saído passou com seu Sebring conversível, o cara observando Holly se curvar na van ao invés de ver o caminho em que dirigia.

Ela tendia a ter esse efeito em homens. Outra razão para tê-la por perto.

Bom, isso, e o fato de que ela não via problemas em sexo casual.

Gregg foi até a sala ao lado e fez uma lenta volta-ao-redor. As pinturas a óleo eram da qualidade de um museu, os tapetes eram persas, as paredes eram pintadas à mão com uma cena campestre. Castiçais de prata estavam em tudo quanto é superfície, e nem mesmo um pedaço da mobília havia sido fabricada no século vinte um ou vinte... ou talvez nem mesmo no dezenove.

O jornalista nele saiu. Hotéis de Estadia, nem mesmo os de cinco estrelas, eram tão formosos assim. Então algo estava acontecendo.

Ou isso, ou a lenda de Eliahu estava provocando um inferno em muitas cabeças nos travesseiros desses quartos todas as noites.

Gregg foi até um dos retratos menores. Era de um jovem rapaz em seus vinte e poucos anos, e pintado em outro tempo, outro local. O cara estava sentado em uma cadeira dura, as pernas cruzadas à altura dos joelhos, suas mãos elegantes deixadas de lado. O cabelo negro estava puxado pra trás e amarrado com um laço, revelando uma face que era encantadora. As roupas eram... Bom, Gregg não era um historiador, então como diabos saberia, mas com certeza pareciam com as que George Washington e sua laia usavam.

Este era Eliahu Rathboone, Gregg pensou. O abolicionista secreto que sempre deixava uma luz acesa para encorajar aqueles que precisavam escapar para chegar até ele... O homem que havia morrido pra proteger uma causa que nem havia estourado no Norte ainda... O herói que salvou tantos, apenas para ser morto no auge de sua vida.

Este era o fantasma.

Gregg fez uma moldura com as mãos e olhou por entre ela toda a sala antes de pausar no rosto do retrato.

— É ele? — A voz de Holly veio por trás. — É realmente ele? —

Gregg olhou por cima do ombro, seu corpo formigando positivamente. — E eu pensei que as fotos na Internet eram boas.



— Ele é tipo... Esplêndido.

E também sua história, sua casa, e aquelas pessoas que saíram daqui falando de assombrações.

Foda-se a viagem para aquele hospício em Atlanta. Este seria o próximo episódio especial do programa.

— Quero que você trabalhe com o mordomo. — Gregg disse suavemente.
— Sabe o que eu quero dizer. Quero ter acesso a tudo.

— Eu *não* vou dormir com ele. Tenho uma linha de limite que não ultrapassa necrofilia, e aquele lá é mais velho que Deus.

— Eu *disse* pra você ficar de quatro pra ele? Existem outros meios. Você tem esta noite e a de amanhã. Faremos nosso especial aqui.

— Você quer dizer...

— Transmitiremos ao vivo daqui a dez dias.

Ele caminhou para as janelas que davam para o beco de árvores, e a cada passo que dava, o assoalho rangia.

Daytime Emmy Awards⁶⁴, aqui vamos nós, Gregg pensou.

Fodidamente perfeito.

⁶⁴ Para quem não sabe -Daytime Emmy Awards- é uma categoria dos prêmios Emmy, que é uma premiação atribuída a prêmios televisivos. No caso do Emmy do Daytime, são apresentados em reconhecimento da excelência na programação televisiva norte americana durante o horário do dia. Os Emmys são considerados para televisão, o equivalente ao Oscar para o cinema e o Grammy para música.



Capítulo DEZ

John Matthew acordou com o pênis na mão. Ou melhor, ele quase acordou. No entanto, o que ele tinha em sua mão estava totalmente acordado.

Em sua mente nebulosa, imagens dele e de Xhex brilhavam de dentro para fora... Ele os viu em sua cama naquele porão dela e havia uma série de nus acontecendo, dela escarranchada sobre seus quadris, ele buscando tocar seus seios. Ela sentindo-se bem e firme sobre ele, seu centro quente e úmido contra sua ereção, seu corpo poderoso se arqueando e liberando enquanto ela se esfregava sobre o que doía por penetrá-la.

Ele precisava chegar a ela. Precisava deixar algo de si mesmo para trás.

Precisava marca-la.

O instinto era opressivo, a ponto de compulsão... No entanto, sua consciência picava enquanto se sentava e tomava um de seus mamilos em sua boca. Enquanto ele puxava sua carne entre os lábios, chupando-a, lambendo-a, beliscando-a sempre muito gentil, em algum nível, soube que isso não estava acontecendo – e que mesmo em uma fantasia, era errado. Não era justo em memória dela, mas as visões o tinham impulsionado demasiadamente e sua mão era muito apertada enquanto trabalhava em si mesmo... O momento era muito evidente e elétrico para afastar-se.

Não havia como voltar atrás.

John imaginou-se girando sobre suas costas e aparecendo sobre ela, olhando para baixo, dentro de seus letais olhos cinzentos. Suas coxas estavam separadas em ambos os lados de seus quadris, seu sexo exuberante pronto para o que ele queria lhe dar, seu perfume penetrando em seu nariz até que tudo o que ele conhecesse fosse ela. Deslizando as mãos sobre seus seios até abaixo de seu estômago, ele ficou maravilhado com a semelhança entre seus corpos. Ela era menor em comparação a ele, mas seus músculos eram todos iguais, duros e tonificados, prontos para o uso, apertados em torno dos ossos nos quais estavam presos. Ele amava o quanto ela era inflexível sob sua pele lisa e macia, amava o quão forte, quão firme...

Ele a queria com loucura.



Exceto que de repente ele não podia ir além.

Era como se a fantasia tivesse emperrado, a fita rompida, o DVD riscado, o arquivo digital corrompido. E tudo o que restava a ele era a sua atração e aquele puxão no limiar do êxtase que o levaria a loucura.

Xhex chegou até seu rosto e o segurou com as mãos em concha, e com um toque gentil, ela abruptamente tomou conta de tudo, de sua cabeça, de seu corpo e de sua alma. Ela o possuiu e tudo o que ele era, de seus olhos às suas coxas. Ele era dela.

— Venha a mim — disse ela, inclinando a cabeça para o lado.

Lágrimas turvaram sua visão. Finalmente, eles se beijariam. Finalmente, o que ela havia negado a ele aconteceria.

Quando ele se inclinou para baixo... Ela guiou sua boca de volta para seu mamilo.

Ele sentiu uma pontada momentânea de rejeição, mas então aquela estranha euforia o atingiu. O reflexo era tão fiel a ela, que ele imaginou que talvez aquilo não fosse um sonho. Talvez isso estivesse realmente acontecendo. Afastando sua tristeza ele se concentrou naquilo que ela estava disposta a lhe dar.

— Marque-me! — ela disse em uma voz profunda.

Expondo suas presas, ele correu uma ponta branca e afiada ao redor da aréola, circulando, acariciando. Ele queria perguntar se ela tinha certeza, mas ela respondeu aquela questão do jeito dela. Em um movimento rápido, ela pulou para fora do colchão e apertou tanto a cabeça dele contra sua pele que um fio de sangue foi arrancado.

John retrocedeu, com medo de tê-la machucado... Mas ele não a machucara, e enquanto ela arqueava em uma ondulação erótica, a fonte brilhante de sua vida o fez ter um orgasmo.

— Tome de mim! — ela ordenou enquanto um jorro quente saltava de seu pau derramando-se sobre suas coxas. — Faça, John. *Agora!*

Ela não teve que pedir a ele uma segunda vez. Ele fora capturado pela gota de vermelho intenso que florescia e com graciosidade lenta escorria para a



lateral de seu seio. Traçando com sua língua, ele seguiu a trilha, trazendo-a de volta para casa com um movimento que acabou em seu mamilo.

O corpo inteiro dele reluzia com o gosto dela, mais um jorro trêmulo saiu dele e marcou sua pele enquanto sentia-se a beira de uma nova liberação. O sangue de Xhex era vigoroso e inebriante em sua boca, um completo vício, criado no momento em que o provou, um destino que não queria largar nunca mais agora que ele estava lá. Enquanto saboreava o que havia tomado, ele pensou ouvir o riso satisfeito dela, mas então ele perdeu o que ela lhe deu.

Arrastou sua língua sobre os mamilos dela e sobre o corte, e em seguida, seus lábios formaram um selo e ele a sugou, tomando seu sabor sombrio por sua garganta até seus intestinos. A comunhão com ela era tudo o que sempre quis, e agora que ele estava se alimentando dela, a alegria o transpassou junto com a energia nuclear que veio do sangue.

Querendo dar a ela algo de volta, ele deslocou seu braço para baixo de tal modo que sua mão deslizasse sobre seu quadril e entre suas coxas. Delineando os músculos tensos, ele encontrou seu centro... Oh, Deus, ela estava escorregadia, suave e infernalmente quente, pronta e dolorida para recebê-lo. E, embora ele não soubesse merda nenhuma sobre anatomia feminina, ele deixou os gemidos e grunhidos lhe dizerem onde seus dedos deveriam ir e o que deveriam fazer.

Não demorou muito para o que estava tocando ficar tão molhado quanto o que ele estava acariciando e foi então que deslizou o dedo médio profundamente. Usando o polegar, ele massageava o ponto mais sensível dela e buscava um ritmo para combinar com a sucção que fazia em seu seio.

Ele a estava levando ao ponto mais alto, levando-a consigo, devolvendo tanto quanto havia tomado, quando descobriu que ele precisava de mais. Queria estar dentro dela quando viesse. Então estaria completo de alguma forma etérea, completo dentro de sua pele.

Isto era o que guiava e necessitava um macho vinculado. O que ele tinha que ter para sentir-se em paz.

Soltando os lábios de seu peito, ele deslizou a mão de seu sexo e se reposicionou de forma que seu pênis lustroso ficasse posicionado sobre as pernas abertas. Encontrando seus olhos no momento incendiário, ele roçou o cabelo curto em torno de seu rosto. Lentamente, ele abaixou a boca...



— Não! — ela disse. — Não é disso que se trata.

John Matthew foi baleado verticalmente, a fantasia do sonho quebrada, seu peito apertado pelas cordas geladas da dor.

Enojado, ele abandonou sua excitação — não que ele estivesse duro de qualquer jeito. Seu pênis havia encolhido categoricamente, apesar do orgasmo que havia sentido a caminho da cabeça da coisa.

Não é disso que se trata.

Ao contrário do sonho, que fora totalmente hipotético, aquelas palavras foram as que ela realmente dissera a ele — e, precisamente nesse contexto sexual.

Quando olhou para seu corpo nu, as liberações que tivera, aquelas que imaginou nela, estavam por toda sua barriga e pelos lençóis.

Por que diabos esse feitiço funcionava *sozinho* quando nada mais poderia?

Olhando de relance para o relógio, viu que havia dormido durante o alarme. Ou, mais provável que ele não tenha se preocupado em programá-lo. Um atrativo para a insônia era que você não precisava recarregar seu telefone a cada vez que batesse no botão “soneca”.

No chuveiro, ele se lavou rapidamente e começou por seu pênis. Ele odiava o que havia feito naquela semi-adormecida zona ímpar. Soava totalmente errado masturbar-se, considerando a situação, e de agora em diante, ele iria dormir em seu jeans se fosse necessário.

Embora conhecesse sua mão, a maldita coisa provavelmente terminaria atrás da braguilha de qualquer maneira.

Foda-se, ele iria prender seus punhos na fodida cabeceira.

Após barbear-se, assim como cuidar dos dentes como era de hábito, em vez de orgulhar-se de sua aparência, ele apoiou as palmas das mãos sobre o mármore e inclinou-se para o bico vaporizador principal, deixando a água escorrer sobre ele.

Lessers eram impotentes. *Lessers...* eram impotentes.

Abaixando a cabeça, sentiu um jato de água quente na parte de trás do seu crânio.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



O sexo trouxe à tona todos os tipos de merda para ele, e enquanto a imagem de uma escadaria suja florescia como uma mancha em seu cérebro, ele piscou e arrastou-se para o presente. Não que isso fosse um avanço.

Ele passaria por tudo o que lhe acontecera milhares de vezes se essa fosse a única maneira de poupar Xhex dos maus tratos.

Oh... Deus...

Lessers eram impotentes. Sempre foram.

Movendo-se como um zumbi, saiu, enxugou-se e dirigiu-se para o quarto para se vestir. No exato momento em que ele estava puxando suas calças de couro, seu telefone tocou e ele estendeu a mão para o seu casaco para fisgar a coisa.

Abrindo o flip, encontrou uma mensagem do Trez.

Tudo o que dizia era: *Av. St. Francis, 189, as 10 esta noite.*

Fechando o flip do celular, seu coração começou bater violentamente. Apenas uma fenda no alicerce... Ele estava procurando apenas uma pequena fenda no mundo de Lash, uma fissura, algo em que pudesse se basear para explodir toda aquela porra em pedaços.

Xhex poderia estar morta, e essa nova realidade sem ela podia ser sua para sempre, mas isso não significava que ele não podia vingá-la.

No banheiro, prendeu seu coldre no peito, apontado para cima, e depois de pegar o casaco, saiu para o corredor. Dando uma pausa, pensou em todas as pessoas que encontraria no andar inferior... Bem a tempo. As persianas ainda estavam abaixadas.

Em vez de ir para a esquerda na direção da escadaria e do hall de entrada, ele foi para a direita... E caminhou em silêncio, apesar de suas botas.



Blaylock deixou seu quarto um pouco antes das seis, porque ele queria checar John. Normalmente o cara dava as caras em torno das refeições, mas ele não aparecera; O que significava que estava morto ou bêbado.

Parou e encostou-se à porta do quarto do sujeito. Nenhum ruído do outro lado que se pudesse ouvir.

Depois de uma batida suave que não foi respondida, ele soltou um foda-se e abriu a coisa. Cara, o lugar parecia saqueado, com roupas em todos os lugares e uma cama que possivelmente fora usada como uma pista de *demolition derby*⁶⁵.

— Ele está aí?

Ao som da voz de Qhuinn, ele endureceu, impedindo a si mesmo de se virar. Não havia razão para isso. Ele sabia que o sujeito estava usando alguma camiseta do Sid Vicious ou Nine Inch Nails ou ainda Slipknot enfiada nas calças de couro preto. E que seu rosto duro estaria limpo e bem barbeado. E que seus cabelos negros e espetados estariam ligeiramente molhados por causa do banho.

Blay andou pelo quarto de John e espiou no banheiro, imaginando que suas ações responderiam muito bem a questão.

— J? Onde está você, J?

Quando ele abriu caminho por entre todo aquele mármore, o ar estava denso de umidade e do cheiro de sabonete Ivory que era o que John usava. A toalha molhada estava sobre o balcão.

Quando ele virou para sair, bateu direto no peito de Qhuinn.

O impacto foi como ser atingido por um carro e seu melhor amigo estendeu a mão para segurá-lo.

Oh, não. Tocar não.

Blay recuou rapidamente e encarou a saída do quarto.

— Desculpe. — fez-se uma pausa estranha. — Ele não está aqui.

⁶⁵ Demolition Derby é um motorsport geralmente apresentado em feiras e festivais. As regras variam de evento para evento, mas consiste basicamente em 5 ou mais pilotos concorrentes, deliberadamente forçando seus veículos uns contra os outros. O último piloto cujo veículo ainda está “funcionando” é o vencedor.



Dããã!

Qhuinn inclinou-se para o lado e colocou seu rosto, seu belo rosto, na linha de visão de Blay. Quando o sujeito se endireitou, os olhos de Blay foram obrigados a acompanhá-lo.

— Você não olha mais para mim.

Não, ele não olhava.

— Sim, eu olho.

Desesperado para fugir daquele olhar azul e verde, ele buscou uma brecha e foi até a toalha. Embolando a coisa, ele a empurrou pela rampa que ia dar na lavanderia, e caramba, entulhar a coisa não ajudou nem um pouco.

Especialmente enquanto ele imaginava que era sua própria cabeça que estava forçando no buraco.

Blay estava mais calmo quando se voltou. Mesmo quando seus olhos se encontraram.

— Eu vou descer para o jantar.

Ele estava sentindo orgulho de si mesmo enquanto caminhava.

Qhuinn girou a mão e agarrou-o pelo antebraço.

— Nós temos um problema. Você e eu.

“Nós temos”. Não era uma pergunta. Pois esse era um papo que ele não tinha interesse em estimular.

— Que diabos esta acontecendo com você?

Blay piscou. O que estava errado com *ele*? Não era ele que estava fodendo com qualquer coisa que tivesse um buraco.

Não, ele era o patético fodido idiota que se consumia por seu melhor amigo. Aquele que o seguia por toda parte colocando-o em um território chorão. Se continuasse assim teria que carregar Kleenex⁶⁶ escondido na manga para secar suas lágrimas.

Infelizmente, o flash de raiva murchou rápido e o deixou vazio.

⁶⁶ Marca de lenços de papel.





— Nada. Não há nada de errado.

— Mentira.

Certo. Ok. Isso foi injusto. Eles já haviam passado dessa fase e Qhuinn podia ser um puto, mas a memória do cara funcionava perfeitamente.

— Qhuinn... — Blay meteu a mão por entre seu cabelo.

Na hora, aquela fodida música da Bonnie Raitt surgiu em sua mente, com sua voz preciosa cantando: *“Eu não posso fazer você me amar se você não quiser... Você não pode fazer seu coração sentir alguma coisa se não quiser...”*.

Blay teve que rir.

— O que é tão engraçado?

— É possível ser castrado sem ter consciência disso?

Agora era Qhuinn quem estava piscando.

— Não, a não ser que você esteja fodidamente bêbado.

— Bem, eu estou sóbrio. Mortalmente sóbrio. Como de costume.

E sobre isso, talvez ele devesse seguir o exemplo de John e começar a se alcoolizar — De qualquer forma, eu acho que deveria mudar isso. Com licença —

— Blay...

— Não. Você não vai me pegar com esse “Blay”. — ele enfiou o dedo no rosto de seu melhor amigo. — Faça apenas seu trabalho. É nisso que você é o melhor. Deixe-me sozinho.

Ele saiu, com a cabeça confusa, mas felizmente com passos firmes.

Passando pela sala das estátuas rumo à escadaria, ele passou pelas obras Greco-romanas, e deslizou seus olhos sobre aqueles corpos masculinos. Naturalmente, a cabeça de Qhuinn “digitalizada” no topo de cada um.

— Você não precisa mudar nada. — Qhuinn estava imediatamente em seu rabo, as palavras baixas.

Blay chegou ao topo da escada e olhou para baixo. O profundo e resplandecente vestíbulo diante dele era como um presente aberto com seu



corpo enquanto ele entrava dentro dele, cada passo à frente trazendo a ele um abraço visual de cor e ouro.

Lugar perfeito para uma cerimônia de emparelhamento, ele pensou sem nenhuma razão aparente.

— Vamos, Blay. Nada mudou.

Ele olhou por cima do ombro. As sobrancelhas perfuradas de Qhuinn estava franzidas, seu olhar era feroz. Mas, da mesma forma que estava claro que o cara queria continuar falando, Blay havia terminado.

Ele começou a descer as escadas, movendo-se rapidamente.

E não ficou surpreso quando Qhuinn continuou preso a ele – e a conversa.

— Que diabos se supõe que isso quer dizer?

Oh, certo, como se eles precisassem fazer isso diante das pessoas na sala de jantar. Qhuinn era bom com público em toda a sorte de coisas, mas Blay não encontrava nada de significativo e útil por menor que fosse.

Ele recuou dois passos até ficarem cara-a-cara.

— Qual era o nome dela?

Qhuinn recuou:

— Desculpe-me?

— O nome da recepcionista.

— Qual recepcionista?

— A de ontem à noite. Na loja de tattoo.

Qhuinn revirou os olhos:

— Oh, vamos...

— O nome dela.

— Deus, eu não tenho uma fodida ideia! – Qhuinn jogou as mãos para cima, na linguagem universal para ‘qualquer que seja’. – Por que isso importa?



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Blay abriu a boca, prestes a esclarecer que aquilo que não significava nada para Qhuinn havia sido um inferno para ele assistir. Mas então percebeu que soaria possessivo e estúpido.

Em vez de falar, ele enfiou a mão no bolso, tirou o Dunhills⁶⁷, e puxou um. Tascando-o na boca, ele acendeu a coisa, enquanto encarava aqueles olhos incompatíveis.

— Eu odeio que você fume! — Qhuinn murmurou.

— Supere isso! — disse Blay virando-se e descendo novamente.

⁶⁷Dunhills – marca de cigarro.





Capítulo ONZE

— Onde você está indo John?

Na área de serviço na parte traseira da mansão, John congelou com a mão em uma das portas que dava para a garagem. Maldição... uma casa tão grande, você acha que poderia sair sem um público. Mas não... olhos em toda parte. Opiniões... em toda parte.

Se parecia com o orfanato nesse sentido.

Ele se virou e encarou Zsadist. O irmão tinha um guardanapo em uma mão e uma mamadeira na outra, tendo, obviamente, apenas se levantado da mesa de jantar e entrado através da cozinha. E, caramba, advinha o que... a próxima pessoa ao entrar pela porta foi Qhuinn, e ele tinha uma perna de peru meio comida com ele como se fosse sua última esperança de alimentos para, tipo, as próximas dez horas.

A chegada de Blay converteu aquilo em uma maldita convenção.

Z acenou com a cabeça para o aperto que a mão de John tinha na maçaneta, de alguma maneira conseguindo parecer um serial killer apesar da parafernália de bebê. Provavelmente, a cicatriz facial.

O mais provável eram seus olhos, que estavam se tornando negros.

— Eu te fiz uma pergunta, garoto.

Eu estou levando o fodido lixo para fora.

— Então, onde está seu Rubbermaid⁶⁸.

Qhuinn terminou o seu jantar e então deliberadamente caminhou até a lixeira para lançar o osso limpo. — Sim, John. Você quer responder isto.

Não, ele foddidamente não queria.

Eu estou saindo fora, ele assinalou.

Z inclinou-se e plantou a palma da mão na porta, o guardanapo pendendo solto como uma bandeira. — Você está saindo pouco a pouco mais cedo cada

⁶⁸Rubbermaid: marca que produz utensílio de plástico, entre eles cestos e sacos.



noite, mas já atingiu o limite. Eu não vou deixar você ir tão cedo. Você vai ser frito como uma batata. E, P.S., se você alguma vez pensar em partir sem o seu guarda pessoal novamente, Wrath vai usar seu rosto como um martelo, me entende?

— Jesus Cristo, caralho John. — A voz de Quinn era um grunhido de desgosto e tinha uma expressão em sua cara como se alguém tivesse limpado um banheiro com seus lençóis. — Eu nunca parei você. Nunca. Mas você me fode assim?

John olhou algum lugar sobre a orelha esquerda de Z. Havia uma tentação de sinalizar o que ele ouviu quando o Irmão esteve procurando Bella, ele tinha se tornado um selvagem de merda e fez todos os tipos de coisas loucas. Exceto que mencionar o rapto de uma *shellan* era uma capa vermelha na frente de um touro e John já estava fazendo a coisa infernal sobre uma mulher. Duas seria uma matança.

A voz do Z baixou de tom. — O que está fazendo, John?

Ele ficou quieto.

— John — Z inclinou-se ainda mais. — Eu vou te bater até conseguir uma resposta se eu tiver de fazer isso.

Eu simplesmente errei à hora. A mentira era horrível, porque se fosse verdade, ele teria tentado sair pela porta da frente e não tentado cobrir seus rastros com a história do lixo. Mas ele honestamente não estava nem aí se o balde que carregava sua merda tinha um buraco na base.

— Eu não estou engolindo essa. — Z se endireitou e checkou seu relógio. — E você não vai sair por mais dez minutos.

John cruzou os braços sobre o peito para evitar comentar sobre esse bloqueio, e com o tema de *Jeopardy!*⁶⁹ tocando em sua cabeça, ele sentia como se fosse explodir.

O olhar duro de Z com certeza não ajudava.

Dez minutos depois, o som das persianas subindo ao redor de toda mansão rompeu o impasse e Z acenou para a porta. — Ok, vá agora, se quiser. Pelo

⁶⁹Jeopardy! é um programa de televisão atualmente exibido pela CBS Television Distribution. É um show de perguntas e respostas (quiz) variando história, literatura, cultura e ciências.



menos você não vai fritar. — John se virou para sair. — Se eu pegar você sem o seu *ashtrux nohtrum* de novo eu vou te entregar.

Qhuinn xingou. — Sim, e então eu vou ser demitido. O que significa que o V “Donald Trump”⁷⁰ vai cortar o meu rabo com uma adaga. De nada.

John agarrou a maçaneta e seguiu o seu caminho para fora da casa, sua pele muito tensa. Ele não queria problemas com Z, porque respeitava o cara, mas ele era malditamente volátil e a tendência sugeria que ia apenas se tornar mais verdadeira.

Na garagem, ele se virou para a esquerda e se dirigiu para a porta de saída que havia na parede de trás. Enquanto ele ia, se recusava a olhar para os caixões que estavam amontoados no caminho. Não. Não precisava da imagem de nem ao menos um em sua cabeça agora. Dezesseis? Que seja.

Abrindo a porta de aço, ele pisou no gramado que se estendia em volta da piscina vazia e ia até a margem da floresta e o muro de contenção. Ele sabia que Qhuinn estava colado no seu traseiro, pois o cheiro de desaprovação contaminou o ar fresco tão certo quanto mofo no porão. Blay estava com eles também, pelo cheiro da colônia.

Justo quando ele estava prestes a se desmaterializar, seu braço foi agarrado com força. Quando se virou para dizer à Qhuinn para ir se foder, ele parou.

Era Blay quem o estava segurando e os olhos azuis do ruivo estavam queimando.

O cara gesticulou ao invés de falar, provavelmente porque queria forçar John a prestar atenção.

Você quer se matar, beleza. Neste ponto, eu estou resignando a mim mesmo a essa possibilidade. Mas você não vai colocar em risco outras pessoas. Eu não vou tolerar isso. Não saia de novo sem falar com o Qhuinn.

John olhou por cima do ombro do rapaz para Qhuinn, que estava olhando como se quisesse bater em alguma coisa de tão frustrado que estava. Ah, então era por isso que Blay estava fazendo a coisa dos sinais. Não queria que a terceira parte desse triunvirato disfuncional visse o que estava sendo dito.

⁷⁰Donald Trump: milionário americano que apresenta a versão americana de “O Aprendiz”. Famoso pelo bordão: “You are fired” (Você está demitido.)



Estamos claro? Blay sinalizou.

Era uma raridade que Blay alguma vez socasse um buraco na parede da opinião. E isto fez John explicar-se.

Eu não posso prometer que não vou precisar escapar, John gesticulou. *Apenas não posso fazer isso. Mas eu vou jurar que direi a ele. Pelo menos ele vai poder sair da casa.*

John...

Ele balançou a cabeça e apertou o braço de Blay. *Eu simplesmente não posso prometer isso a ninguém. Não com onde minha cabeça está. Mas eu não vou sair sem dizer para onde estou indo ou quando estarei de volta.*

A mandíbula de Blay trabalhou, apertando e relaxando. Ele não era estúpido, no entanto. Ele sabia quando havia algo inegociável na mesa. *Okay. Eu posso viver com isso.*

— Vocês dois querem compartilhar um pouco de amor? — Quinn perguntou.

John deu um passo trás e gesticulou, *Nós estamos indo para o Xtreme Park até as dez. Então vamos para a Avenida St. Francis. Trez me mandou uma mensagem.*

Ele desmaterializou-se, viajando para o sul e o oeste, se materializando atrás do galpão onde eles se encontraram na noite anterior. Enquanto sua turma aparecia atrás dele, ignorou a tensão que nublava e pesava no ar.

Olhando através do concreto, ele traçou os vários jogadores. Aquela arma nova com bolsos cheios ainda estava ocupando o centro de tudo, se inclinando contra uma das rampas, acendendo o isqueiro que faiscou, mas não pegou. Havia cerca de meia dúzia de skatistas rodando na pedra dura e outros doze falando e girando as rodas de seus skates. Sete carros de várias descrições sem importância estavam parados no estacionamento, e enquanto a polícia rodava devagar e seguia. John estava sentindo que esse era um colossal desperdício de tempo.

Talvez se eles fossem mais profundamente ao centro da cidade e buscassem nos becos eles teriam mais...



O Lexus que rodava no terreno, não estacionou em nenhuma das vagas. Parou perpendicular àqueles sete para-choques traseiros... e o que saiu de trás do volante parecia um garoto do Ensino médio com o jeans folgado e chapéu de cowboy.

Mas a brisa que flutuou cheirava como um necrotério sem ar condicionado central.

E também... Old Spice⁷¹?

John endireitou-se, seu coração indo todo como oi-como-vocês-estão. Seu primeiro pensamento foi se lançar para fora e enfrentar o bastardo, mas Qhuinn o refreou com o braço.

— Espere por ele — disse o cara. — É melhor para descobrir os porquês.

John sabia que seu amigo estava certo, então ele puxou o freio de mão em seu corpo e se ocupou memorizando a placa do LS 600h cromado.

As outras portas do sedan se abriram e três rapazes saíram. Eles não eram tão pálidos como *lessers* realmente velho eram, mas eles eram uma sombra justa do garoto branco, com certeza, e fediam até os altos céus.

Cara, aquela merda desagradável de talco de bebê foi direto até o nariz.

Como um matador ficando para trás para observar a estrada, os outros dois entraram em formação com o *cowboy* pouco na frente. Como eles andaram para o concreto, todos os olhos no parque foram para eles.

O garoto na rampa do meio se endireitou e colocou seu isqueiro em seu bolso.

— Merda, eu queria que nós tivéssemos no meu fodido carro — Qhuinn sussurrou.

É verdade. Ao menos que houvesse um arranha-céu próximo onde eles pudessem ter uma visão do telhado, não tinha jeito de rastrear o Lexus.

O traficante não se moveu enquanto ele se aproximava e não pareceu surpreso com a visita, então havia chances de que essa era uma visita combinada. E o que você sabe, depois de alguma conversa, os assassinos cercaram o cara e o bando todo caminhou para o sedan.

⁷¹Old Spice: marca de desodorante masculino.



Todos, com exceção de um *lesser*, entraram no carro.

Tempo de decisão. Eles corriam para um carro, faziam ligação direta, e saíam em perseguição? Eles se materializavam na área onde estava o fodido Lexus e o lançava abaixo? O problema era que em ambas as soluções corriam o risco de uma perturbação grave da paz — e havia só uma certa quantidade de limpeza mental que eles poderiam fazer em um grupo de vinte humanos.

— Eu acho que um vai ficar para trás —, Qhuinn murmurou.

Sim. O garoto voador estava sendo deixado no estacionamento enquanto o Lexus dava marcha-ré e começava a sair.

Deixar o carro ir foi a coisa mais difícil que John já fez. Mas a realidade era que aquele bando de bastardos tinha acabado de pegar um dos principais traficantes do território — de modo que eles iam voltar. E eles deixaram um *lesser* para trás.

Assim havia coisas para manter a ele e a seus rapazes ocupados.

John assistiu o assassino entrar no parque. Ao contrário do cara que ele estava tomando o lugar, ele vagava, andando fora do perímetro, sustentando o olhar de todos que olhavam ele. Ele claramente deixou os skatistas ansiosos e dois deles que haviam comprado na noite anterior se foram. Mas nem todos estavam alerta... ou sóbrios o suficiente para se preocuparem.

Enquanto um suave som de tic-tac soava, John olhou para seu próprio corpo. Seu pé estava batendo na poeira, indo para cima e para baixo rápido como o de um coelho.

Mas ele não ia estragar as coisas. Ele esperou atrás do galpão... e esperou... e esperou.

Levou quase uma fodida hora para sentir o seu horrível cheiro ao redor, mas quando ele finalmente estava ao alcance, todo aquele bater de pé valeu a pena.

Com uma rápida rajada de vontade mental, John quebrou a lâmpada do poste mais próximo para dar a eles um pouco de privacidade. E quando o bastardo olhou para cima, John saiu de trás do galpão.

A cabeça do *lesser* girou e ele reconheceu que a guerra havia acabado de chegar e bateu em sua porta: O filho da puta sorriu e colocou a mão em sua jaqueta.



John não estava preocupado se ele ia explodir. A única regra do acordo era que não ia acontecer na frente de humanos curiosos.

Uma automática apareceu e ligeiro disparou em um-dois golpes, o disparo soando como um estouro que transportava uma maldição através do parque.

John mergulhou para se abrigar, um monte de que-porra-é-essa dando-lhe asas. E então, mais balas voaram, a principal ricocheteando no concreto enquanto humanos gritavam e se arrastavam.

Atrás do galpão, ele bateu de costas contra a madeira e puxou seu próprio corpo. Como Blay e Qhuinn ele deslizou para a casa, houve uma fração de segundo de — *quem está sangrando?* Que coincidiu com uma pausa na rajada de balas.

Que diabos ele está pensando? Qhuinn gesticulou. *Muito Público?*

Passos pesados se aproximaram e havia som de cliques de um pente de munição sendo trocado. John olhou para a porta do galpão. O Master Lock⁷² na corrente era uma dádiva divina, e ele estendeu a palma da mão, mentalmente desbloqueando a coisa e o deixando livre de seus elos para que se pendurasse solto.

Vão para a próxima esquina, John disse a seus meninos. *E façam como se vocês estivessem feridos.*

Oh, inferno, não...

John balançou o cano da sua arma na cara de Qhuinn.

Como o rapaz recuou, John apenas olhou bem nos olhos azul e verde de seu amigo. Isso seria bem do jeito do John: Ele ia ser o cara a tratar com o assassino. Fim da discussão.

Foda-se. Qhuinn falou apenas com os lábios, sem som, antes de ele e Blay se desmaterializarem.

Com um gemido alto, John se deixou cair com força de lado, seu corpo batendo no chão como uma bolsa pesada de concreto. Esticando-se de barriga para baixo, ele manteve sua SIG⁷³ em seu peito destravada.

⁷²Master Lock: marca de cadeados e trancas.

⁷³SIG: marca de pistola alemã SIG Sauer. <http://www.sigsauer.com/>



Os passos ficaram mais próximos. E logo uma risada baixa, como se o *lesser* estivesse tendo o momento da sua vida.

Quando Lash retornou da casa do seu pai, tomou forma no quarto próximo ao que ele mantinha Xhex. Por mais que quisesse vê-la, se manteve longe. Toda vez que voltava de *Dhunhd*, precisava de espaço por uma boa meia-hora e não queria ser estúpido e dar a ela a chance de matá-lo.

Porque ela o faria. Isso não é tão doce?

Deitando na cama e fechando os olhos, seu corpo estava lento e frio, e quando respirava profundamente, sentia como se estivesse se descongelando como um pedaço de carne. Não que ele estivesse congelando no outro lado. De fato, as cavernas de seu pai eram aconchegantes e bem equipadas, supondo que você goste da merda de estilo Liberace⁷⁴.

A casa de seu pai quase não tinha mobília, mas candelabros o suficiente para afundar um navio. A onda de frio parecia ter algo a ver com o salto de volta para esta realidade e toda vez que ele voltava para esse lado, era mais um esforço para recuperar-se. A boa notícia era que ele não achava que ele fosse ter que ir lá mais. Agora que a sua bolsa de truques havia sido totalmente explorada e dominada, não havia realmente nenhuma necessidade, e a verdade era que o *Omega* não estimulava exatamente a companhia.

Era um caso bastante de estou-me-lixando-para-o-que-você-pense-de-mim. E mesmo se dissesse que a exigência da masturbação de ego era rejeitada por um estúpido admitidamente poderoso, malvado fodido que por acaso era seu pai, isso iria envelhecer rápido.

Além do mais, a vida amorosa do seu pai era perturbadora como a merda.

Lash nem mesmo sabia como essas fodidas coisas na cama eram. Bestas negras, sim, mas o sexo delas eram tão indiscerníveis como suas espécies, e a

⁷⁴Liberace: Wladziu Valentino Liberace foi um popular pianista e showman estadunidense que se vestia de maneira extravagante e nunca assumiu uma homossexualidade.
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Liberace



maneira como elas se lubrificavam era arrepiante. Somando que elas estavam sempre buscando uma foda mesmo com companhia presente.

E seu pai nunca dizia não.

Como um sinal sonoro soou, Lash enfiou a mão no paletó e pegou seu telefone. Era uma mensagem de texto do Sr. D: *A caminho. Pegamos o cara.*

Lash olhou para o relógio e se sentou na cama, pensando que a hora não podia estar certa. Ele havia voltado duas horas atrás — como ele perdeu tanto tempo assim?

Ficando na vertical rolou sobre seu estômago e levou suas mãos para cima para esfregar seu rosto, isso tomou mais esforço do que deveria. A inércia de seu corpo, juntamente com as dores, o fez recordar de um tempo atrás em que ele tinha adquirido constipações ou gripes. Era a mesma sensação. Seria possível ele ficar doente?

Isso o fez imaginar se alguém apareceria com um produto Dead-quil⁷⁵. Ou alguma merda assim. Provavelmente não.

Deixando cair os braços no seu colo, ele olhou para o banheiro. O chuveiro parecia estar a quilômetros de distância e realmente não valia o esforço.

Demorou uns dez minutos antes que ele pudesse livrar-se da letargia, e quando se levantou, se esticou o bastante para fazer seu sangue negro circular. O banheiro acabou por não estar a quilômetros de distância, mas a uma questão de metros, e com cada passo ele se sentiu mais forte. Esticando-se para ligar a água quente, ele se admirou no espelho e checkou sua coleção de machucados. A maioria deles da noite anterior tinham ido embora, mas ele sabia que teria mais —

Lash franziu a testa e levantou o braço. A ferida no interior de seu antebraço estava maior, não menor.

Quando ele apertou com o dedo, não doeu, mas a coisa parecia horrível como a merda, uma ferida plana e aberta que era cinza no meio e emoldurada por uma linha preta.

⁷⁵Dead-quil: comercial do produto Nyquil. NyQuil é um tipo de medicação que se destina a aliviar vários sintomas do resfriado comum. Contém anti-histamínicos, sedativos e / ou hipnóticos e álcool, que são normalmente tomadas durante a noite, pouco antes de deitar. São produtos da linha Vick. (<http://www.youtube.com/watch?v=1ntpXVWkNko>)



Seu primeiro pensamento foi que ele precisava ir ver Havers... exceto que era ridículo e nada mas que um resto de sua antiga vida. Como se estivesse indo aparecer na clínica e ser todo, Hey, você poderia encaixar meu traseiro no seu horário?

Além do mais, ele não sabia para onde tinham mudado a maldita coisa. O que era um problema com uma invasão bem sucedida. O seu alvo tomou sua ameaça seriamente e foi para profundamente debaixo da terra.

Entrando no jato morno, ele foi bastante cuidadoso ao esfregar o ponto com sabonete, imaginando se isso era algum tipo de infecção que teria de ser tratada, e então ele pensou em outras coisas.

Ele teve uma noite muito longa. A indução as oito. Encontrando-se com Benloise às dez.

Voltar aqui para mais amor.

Quando saiu, enxugou-se e inspecionou a ferida. A maldita coisa parecia estar chateada com a atenção que ele deu, uma exsudação preta fina jorrava sobre sua superfície. Oh, esse material iria ser difícil de sair de suas fodidas camisas de seda.

Ele colocou um Band-Aid do tamanho de um cartão de índice sobre a coisa e pensou que talvez hoje à noite, ele e sua GF⁷⁶ jogariam bonito.

Ele iria amarrá-la para variar um pouco.

Demorou pouco tempo para colocar tudo em um lindo terno Zegna⁷⁷ e sair. Enquanto ele passava pela porta da suíte principal, pausou e fechou o punho. Batendo na porta alto o suficiente para acordar os mortos, ele sorriu.

— Volto em breve e trarei correntes.

Ele esperou por uma resposta. Como não houve nenhuma, ele estendeu a mão para a maçaneta e encostou o ouvido à porta. O som da respiração dela era suave como uma leve corrente de ar, mas ainda estava lá. Ela vivia. E ela ainda estaria viva quando ele voltasse.

Com deliberado autocontrole, ele liberou a maçaneta. Se ele abrisse a porta, perderia mais umas duas horas, e seu pai não era de esperar.

⁷⁶GF: gíria de girlfriend; namorada.

⁷⁷Zegna: marca de italiana de alta-costura masculina.



Na cozinha, procurou algo para comer e não achou nada. A máquina de café tinha sido programada para iniciar-se duas horas atrás, então uma rápida levantada no pote mostrou algo parecido com óleo de manivela. E abrindo a geladeira, não viu nada que chamasse a atenção mesmo se sentindo morto de fome.

Lash acabou se desmaterializando da cozinha com as mãos vazias e um buraco nas tripas. Não era uma ótima combinação para o seu humor, mas ele não ia perder o show — se não por outra razão, ao menos ele queria ver o que tinha sido feito a ele durante a sua indução.

A casa da fazenda era ao norte e leste da mansão de pedra, e no instante que ele tomou forma no gramado, soube que seu pai estava lá dentro: um arrepio estranho fervia em seu sangue toda vez que estava perto do *Omega*, como um eco em um espaço fechado... Embora ele não estivesse certo se ele era o som e seu pai a caverna, ou se era o contrário.

A porta da frente estava aberta, e enquanto ele subia os degraus da varanda e entrava no pequeno hall de merda, ele pensou em sua indução.

— Quando você se tornou verdadeiramente meu.

Lash virou. O *Omega* estava na sala, o seu manto branco cobrindo sua face e mãos, sua energia negra escorria pelo chão, uma sombra negra formada por nenhuma iluminação.

— Você está excitado, meu filho?

— Sim —. Lash olhou por cima do ombro na mesa de jantar. O balde e as facas que foram usadas contra ele estavam lá. Prontas e esperando.

O som de pedras se quebrando debaixo de pneus o fez se voltar para a porta. — Eles estão aqui.

— Meu filho, eu gostaria que você me trouxesse mais. Eu me encontro faminto por novatos.

Lash foi para a porta. — Sem problemas.

Nisto pelo menos, eles estavam plenamente alinhados. Mais induzidos significava mais dinheiro, mais lutas.





TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



O *Omega* veio por trás de Lash e houve um suave roçar com uma mão negra que percorreu sua espinha. — Você é um bom filho.

Por uma fração de segundo, o coração escuro de Lash doeu. A frase era exatamente o que o *vampiro* que o havia criado dizia a ele de tempos em tempos. — Obrigado.

Sr. D e os outros dois saíram do Lexus. . . e trouxeram o humano. Não tinha ficado claro ainda para o pequeno bastardo que ele estava a um par de jeans e uma camiseta de se tornar um cordeiro de sacrifício. Mas na hora que ele desse uma olhada no *Omega*, a merda ia começar a se tornar clara como um sino.



Capítulo DOZE

Enquanto John deitava virado para baixo e os passos de seu inimigo ficavam mais perto, ele respirou pelo nariz e recebeu uma lufada de sujeira fresca. Se fingir de morto não era uma ideia brilhante falando de um modo geral, mas esse filho da puta com o dedo epilético no gatilho não se encaixava no perfil de alguém que seria muito cuidadoso em atingir o seu alvo ou não.

Mandar bala bem no meio de um parque público?

O idiota nunca ouvira falar do Departamento de Polícia de Caldwell? Do *Caldwell Courier Journal*?

As botas pararam e aquele doce e sufocante cheiro que os *lessers* carregavam em suas peles quase o fez vomitar. Mas era engraçado como a vida e a morte ganhavam a atenção de seu esôfago.

Ele sentiu algo áspero empurrar seu braço esquerdo, como se o assassino estivesse conferindo com a bota para ver se eles estavam prontos para serem marcados com um cartão de identificação preso com uma cordinha no dedão do pé. E então no momento exato, Qhuinn soltou um gemido baixo, patético, nos arredores longe do abrigo.

Parecia que seu fígado estava vazando em seu cólon.

As botas abaixaram sobre o corpo de John enquanto o bastardo vagava adiante para investigar e John abriu um olho. O assassino estava dando uma de Hollywood, sua arma segura bem entre as duas mãos, a boca da arma balançando de um lado para o outro com mais afeto que efeito. Contudo, embora ele parecesse um Crockett-e-Tubbs⁷⁸ completamente ridículo com aquele movimento teatral de se-deter-em-movimento, balas eram balas e precisaria apenas de uma rápida mudança de direção e John estaria bem na mira.

Era uma boa coisa que ele não ligava uma merda pra isso. Enquanto o filho da puta marchava em direção aos gemidos de Qhuinn, uma imagem de rosto do Xhex fez John saltar do chão em um único ágil movimento. Ele parou em cima

⁷⁸Crockett-e-Tubbs: referência aos detetives "Ricardo Tubbs" e "Sonny Crockett" da série (e posteriormente, filme) Miami Vice



das costas largas do *lesser*, agarrando com seu braço livre e ambas as pernas enquanto colocava sua arma naquela têmpora pálida.

O assassino congelou por uma fração de segundo, e John assobiou por entre os dentes, o sinal para Qhuinn e Blay surgirem por detrás.

— Hora de largar a arma, idiota, — Qhuinn disse quando reapareceu. Então, sem dar tempo ao bastardo para concordar, ele estendeu o braço, fechou suas mãos no antebraço do assassino, e agiu como se estivesse quebrando um graveto.

A ruptura dos ossos foi mais alta do que o assobio de John havia sido e o resultado foi um pulso flácido e uma Glock não mais sob controle do inimigo.

Enquanto o *lesser* se contorcia de dor, sirenes soaram ao longe... e se aproximavam.

John arrastou o bastardo de volta para as portas duplas do abrigo, e depois que Blay abriu a entrada, ele puxou sua presa para longe de vista.

Com mudas palavras, ele balbuciou para Qhuinn, *Vá pegar o seu Hummer*.

— Se aqueles tiras estão vindo atrás da gente, temos que dar o fora.

Eu não vou embora. Pegue o Hummer.

Qhuinn tirou suas chaves e as lançou para Blay.

— Vai você. E nos tranque aqui dentro, me entendeu?

Blay não desperdiçou um segundo, voltou para fora e fechou a porta. Houve o som sutil de metal tinindo enquanto ele recolocava a corrente e depois um clique quando aquele *Master Lock*⁷⁹ foi colocado no lugar.

O *lesser* estava começando a lutar com mais força, mas isto não era uma coisa ruim — fazê-lo recuperar a consciência era exatamente o que eles iriam fazer.

John atirou o filho da puta de bruços e puxou para trás aquele pescoço até a espinha da coisa se retorcer.

⁷⁹Master Lock é a maior importadora de cadeados, combinação de fechaduras e produtos relacionados à segurança. A Companhia Master Lock é uma unidade operacional da Fortune Brands.



Qhuinn sabia exatamente o que fazer. Ajoelhando, ele colocou seu rosto bem no do assassino.

— Sabemos que você mantém uma fêmea prisioneira. Onde ela está?

Enquanto as sirenes se intensificavam, o assassino conseguiu emitir apenas uma série de grunhidos, então John cedeu um pouco e permitiu que um pouco de ar descesse naqueles pulmões.

Qhuinn recuou sua palma e deu um tapa no *lesser*.

— Eu te fiz uma pergunta, vadia. Onde ela está?

John aliviou um pouquinho em cima, mas não tanto para oferecer uma rota de fuga. Com a liberdade de movimento adicionada, o *lesser* estremeceu de medo, provando que apesar do filho da mãe ter se exibido todo com seu espalhafatoso tiroteio, aqui na hora do vamos ver, ele não era nada além de um jovem arruaceiro que deixou subir a cabeça.

O segundo bofetão de Qhuinn foi mais forte.

— Me responda!

— Não tem... prisioneira.

Quando Qhuinn jogou seu braço para trás novamente, o assassino recuou — é, embora os desgraçados estivessem mortos, seus receptores de dor trabalhavam muito bem.

— A fêmea sequestrada pelo seu *Fore-lesser*. Onde ela está?

John estendeu o braço para frente e deu sua arma para Qhuinn, e depois, com sua mão agora livre, foi para a parte baixa de suas costas e retirou sua faca de caça. Nem foi preciso dizer que ele era o único que faria qualquer estrago real. Deu a volta com a lâmina e a colocou bem nos olhos do *lesser*. Um selvagem tremor se seguiu, mas a luta foi rapidamente contida, o corpo enorme de John cobrindo o que estava debaixo do dele.

— Você vai querer conversar, — Qhuinn disse secamente. — Confie em mim.

— Eu não conheço nenhuma fêmea. — As palavras eram nada além de um silvo, a traqueia constringida pelo antebraço de John.



John deu um puxão para trás e o assassino gritou.

— Eu não sei!

As sirenes estavam gritando agora, e lá fora no estacionamento havia múltiplos cantos de pneu.

Hora de ir com cuidado. O *lesser* já tinha demonstrado um total descuido em relação à única regra na guerra, então enquanto que com qualquer outro assassino você poderia ter certeza do silêncio, isso era um *nem-tanto-assim* com o Sr. *Click-click Bang-bang*.

John encontrou o olhar de desaprovação de Qhuinn, mas o cara já estava nisto. Estendendo a mão para uma pilha de trapos engordurados, Qhuinn rasgou um e enfiou na boca do *lesser*. Depois, era hora de congelar a imagem.

Do lado de fora, as vozes dos tiras eram abafadas:

— Me dê cobertura!

— Entendido!

Enquanto John colocava sua faca de lado, assim poderia segurar com ambas as mãos, houve um monte de pés se arrastando, a maior parte vindo de fora, ao longe. Mas se aproximariam sem dúvidas, eventualmente.

Enquanto os uniformes dispersavam, os rádios nos carros de polícia forneciam uma eloquente trilha sonora para sua averiguação inicial. O que não demorou muito tempo. Dentro de alguns minutos, os policiais estavam se reunindo em volta dos carros, bem próximo ao abrigo.

— Unidade Dois-quarenta para base. A área está segura. Nenhuma vítima. Nenhum criminoso...

Com um rápido pontapé, o *lesser* amassou uma lata de gás com sua bota. E praticamente podia se ouvir todos aqueles canos das armas do DPC⁸⁰ voltarem e apontarem para o abrigo.

⁸⁰CPD – Departamento de Polícia de Cadwell.



— Que porra é essa?

Lash sorriu enquanto os olhos do garoto se prendiam no *Omega*. Embora tudo estivesse coberto, você teria que ser um total imbecil para não perceber que havia algo fora de lugar... e ding-ding-ding, tinham um vencedor na loteria cognitiva.

Enquanto aqueles pés começavam a se dirigir para parte posterior, do lado de fora da casa da fazenda, os assassinos substitutos do Sr. D flanquearam o bastardozinho e o pegaram pelos braços.

Lash acenou com a cabeça em direção a mesa de jantar.

— Meu pai fará com ele ali.

— Fará o que? — Agora havia um completo pânico, com o garoto agitando-se como um porco angustiado. O que não era nada além de uma boa prática para o que estava vindo, na verdade.

Os assassinos o forçaram a ficar sobre a mesa e o lançaram para a parte de cima da madeira esburacada, segurando-o pelos pés e tornozelos enquanto o *Omega* avançava em meio a todo o grito e agitação.

Quando o mal ergueu seu capuz, tudo ficou quieto.

E então o grito que saiu da boca do humano rasgou ar, ecoando até o teto, enchendo a decrepita casa de barulho.

Lash recuou e deixou seu pai ir trabalhar, assistindo as roupas do humano serem cortadas em tiras com uma mera passada daquela palma negra transparente. E então era a hora da faca, a lâmina capturando a luz do lustre barato que oscilava do teto molambento.

O Sr. D era aquele que ajudava com os detalhes técnicos — posicionando os baldes debaixo dos braços e pernas, correndo de lá pra cá.

Lash estivera morto quando suas veias foram drenadas; Ele despertara apenas quando um choque que tinha sido gerado de só *Deus sabe onde* transcorreria por seu corpo. Então era interessante ver como isso tudo funcionava: Como o sangue era esvaziado do corpo. Como o tórax era aberto e o *Omega* cortava seu próprio pulso para gotejar óleo negro na cavidade. Como o mal evocava uma bola de energia para fora de um fraco ar e enviava para dentro do cadáver. Como a reanimação levava o que recebera para cada veia e



artéria. O passo final era remoção do coração, o órgão se contraindo em cima da palma do *Omega* antes de ser colocado num recipiente de cerâmica.

Enquanto Lash se lembrava de sua própria rotina de *vindo-de-volta-dos-mortos*, recordou de seu pai arrastando o Sr. D para servir como fonte de alimentação para ele. Precisara do sangue, mas novamente então, ele estivera morto durante algum tempo naquele ponto — e era pelo menos meio vampiro. Este humano, por outro lado, veio despertar com nada além de uma boca escancarada e abobalhada e um monte inteiro de confusão.

Lash pôs a mão sobre seu próprio tórax e sentiu a batida de seu coração...

Algo estava pingando. Em sua manga.

Enquanto o *Omega* começava a fazer coisas depravadas com o novato, Lash correu lá pra cima para o banheiro. Tirando a jaqueta, ele dobrou a coisa pela metade... e percebeu que não tinha nenhum lugar onde colocá-la. Tudo estava coberto de sujeira digna de duas décadas.

Cristo, por que não enviara alguém para limpar o lugar?

Acabou pendurando a jaqueta num gancho e...

Oh, merda!

Ao ergueu o braço, havia uma mancha preta bem em cima de onde colocara a bandagem, e na parte inferior de seu cotovelo, havia um pedaço de esparadrapo molhado.

— *Caralho!*

Arrebentando os botões do seu punho, desabotoou a camisa e congelou quando baixou o olhar para seu tórax.

Erguendo os olhos para o espelho embaçado, como se isso fosse mudar o que estava vendo, ele se debruçou em direção ao vidro. Havia outra ferida em seu peitoral esquerdo, do mesmo formato e tamanho de uma moeda de dez centavos como a primeira. E uma terceira em seu umbigo.

As asas do pânico lhe provocaram uma vertigem e ele se segurou na pia. Seu primeiro pensamento foi correr para o *Omega* e pedir ajuda, mas se deteve — a julgar pelos gritos e grunhidos no andar de baixo, havia uma séria atividade acontecendo na sala de jantar, e só um idiota interromperia aquilo.



O *Omega* era inconstante por natureza, mas tinha um TOC⁸¹ com concentração em relação a algumas coisas.

Apoiando as mãos na bacia, Lash deixou a cabeça cair enquanto seu estômago vazio revirava e queimava. Ele teve que se perguntar quantas marcas mais daquelas ele tinha — e não queria saber a resposta.

Sua indução, renascimento, o que fosse, deveria supostamente ser permanente. Isso foi o que seu pai lhe dissera. Ele nasceu do mau, gerado num poço escuro que era eterno.

Apodrecer em sua própria pele não fora parte do acordo.

— Está tudo bem aí?

Lash fechou os olhos, o som da voz texana como garras descendo por suas costas. Exceto que simplesmente não tinha a energia para mandar o cara embora.

— Como as coisas estão indo lá embaixo? — Ele perguntou ao invés disso.

O Sr. D limpou a garganta. E, contudo, a desaprovação o fez engasgar em suas palavras.

— Acredito que vá demorar um tempo ainda, senhor.

Ótimo.

Lash forçou sua espinha curvada a se endireitar e virou para encarar seu auxiliar...

Num rápido movimento, suas presas se libertaram em sua boca, e por um momento, ele não conseguiu compreender o porquê. Então percebeu que seus olhos tinham se prendido na jugular do cara.

No fundo da barriga da Lash, sua fome cresceu em tentáculos e ficou maluca, trilhando e perfurando seu intestino.

Aconteceu muito rápido para parar, questionar ou pensar. Num segundo ele estava plantado onde ficara de pé em frente a pia. No próximo ele estava em toda parte do Sr. D, empurrando as costas do *lesser* contra a porta, e indo com violência na garganta do homem.

⁸¹ TOC: Transtorno Obsessivo Compulsivo.





TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



O sangue preto que atingiu sua língua era o tônico que precisava e ele sugou com desespero, mesmo quando o texano lutou e em seguida ficou parado. Mas o filho da mãe não tinha que se preocupar. Não havia nada sexual na sucção. Era nutrição, clara e simples.

E quanto mais ele tragava, mais precisava.

Apertando o assassino contra seu tórax, ele se alimentou como um filho da puta.



Capítulo TREZE

Conforme o som da bota do assassino contra a lata de combustível diminuía, Qhuinn se moveu abaixo e sentou nas pernas do FDP⁸². O bastardo pode ter conseguido um chute, mas ele não iria conseguir uma segunda chance.

Do lado de fora, os policiais humanos se reuniram ao redor do galpão.

— Está trancado — Um deles disse enquanto a corrente balançava.

— Eu tenho algumas cápsulas de bala aqui.

— Espere, tem alguma coisa dentro... Nossa, cara, que fedor.

— O que seja que está aí, está morto há mais de uma semana. Isso cheira... Eu prefiro pegar até mesmo a caçarola de atum da minha sogra.

Houve um coro de concordância.

Na escuridão, John e Qhuinn travaram seus olhos e esperaram. A única solução se a porta fosse aberta, era desmaterializar e deixar o *lesser* para trás. Não tinha nenhum jeito de mover o peso do assassino através do espesso ar fino. Mas nenhum desses policiais podia possivelmente ter a chave, — Então aquilo deixava ter que abrir caminho disparando como sua única opção.

E as chances eram boas que eles assumissem que uma batida rápida para entrar no galpão não valia a papelada.

— Apenas um atirador, de acordo com o nove-um-um. E ele não pode estar ali.

Houve uma tosse, e uma maldição.

— Se ele está aí, seu nariz está caindo pelo fedor.

— Chame o caseiro. — Uma voz profunda disse. — Alguém precisa tirar aquele animal morto fora dali. Enquanto isso, vamos seguir pela vizinhança.

Havia conversa e barulho de passos. Um pouco depois um dos carros partiu.

⁸² FDP - Filho Da Puta



— Nós temos que acabar com ele. — Qhuinn sussurrou sobre o ombro de John. — Pegue aquela faca, vamos acabar com ele, e dar o for daqui.

John sacudiu sua cabeça. De jeito nenhum ele ia perder seu prêmio.

— John, nós não podemos partir com ele. Mate ele então nós poderemos saltar fora.

Mesmo que Qhuinn não pudesse ver seus lábios, ele sinalizou, *Foda-se isso. Ele é meu.*

Deixar essa fonte de informação deslizar, não ia acontecer. Ainda mais se pudesse lidar com a policia humana... Ou fisicamente se fosse o caso.

Houve o suave som de uma faca sendo desencapada.

— Lamento John, nós estamos caindo fora.

Não. John gritou sem nenhum som sobre seu ombro.

As mãos de Qhuinn prenderam na gola da jaqueta de John, e o tirou de equilíbrio, então era o caso de soltar o pescoço do assassino, ou estalar a cabeça do fodido fora de sua espinha. Desde que um *lesser* incapacitado não podia falar, John soltou seu aperto, — E pegou a si mesmo plantando sua palma no frio cimento.

De nenhuma fodida maneira ele iria deixar que seu amigo o tirasse fora disto.

Enquanto ele avançava para o macho, todo o inferno se soltou. Ele e Qhuinn lutaram pelo controle da adaga, batendo em mais latas de combustível, e o *lesser* se liberou e correu para a porta. Enquanto os policiais começaram a gritar, o assassino batia na madeira para sair —

O próximo som que fez alguma impressão sobre o barulho foi um tiro.

Seguido por uma batida metálica.

A polícia tinha arrancado o cadeado.

Do chão, John arrastou seu braço para a parte baixa de suas costas, e enquanto giraram em seus joelhos, ele e Qhuinn atiraram suas facas em sincronia, suas lâminas viajando sobre o espaço, através do sombrio lugar.



As penetrações foram de tal força, que mesmo que elas fossem no torso do assassino entre as omoplatas, claramente uma ou ambas acertaram o alvo: Num instante brilhante como iluminador, e com um sônico 'boom', alto o suficiente para fazer ouvidos sangrarem, o *lesser* voltou para seu criador, deixando nada exceto uma fumarenta tinta... E um buraco do tamanho de uma geladeira na porta do galpão.

Com a adrenalina correndo tão alta, nem ele nem Qhuinn puderam desmaterializar, então eles saltaram e colaram as costas em cada lado da porta, ficando parados enquanto a primeira arma aparecia, depois mais uma.

Antebraços foram o próximo.

Então perfis e ombros. E lanternas.

Felizmente, os humanos entraram completamente.

— Psst. Seu zíper está aberto. — Enquanto os policiais viraram para Qhuinn engraçadinho, John desencapou suas duas SIGs, e com uma rápida batida cruzada naquelas cabeças, os melhores DPC's⁸³ estavam vendo estrelas e mergulhando no chão.

O que foi precisamente quando Blay apareceu com o Hummer.

John pulou sobre o policial e se apressou para o SUV com Qhuinn atrás dele, aqueles New Rocks⁸⁴ que o idiota insistia em usar batendo positivamente na terra. John abriu seu caminho para a porta lateral, que Blay tinha aberto, pegando a maçaneta e pulando dentro enquanto Qhuinn deslizava no banco traseiro.

Enquanto Blay saía, acelerando o motor, e caindo fora dali, John estava agradecido por eles terem dançado tango com apenas um grupo de policiais — Embora que certo como a merda que os outros dois caras com distintivos estariam de volta TRCFP⁸⁵.

Eles estavam seguindo para o norte em direção à estrada, quando John abriu caminho até o banco traseiro... E trancou suas mãos ao redor da garganta de Qhuinn.

Enquanto eles voltavam à briga, Blay gritou da frente.

⁸³ Policiais do Departamento de Polícia de Caldwell

⁸⁴ Tipo de Bota

⁸⁵ Tão rápido como fosse possível.



— Que porra está errada com vocês dois?

Sem tempo para responder. John estava ocupado apertando, e Qhuinn estava tentando dar a ele um olho roxo... E conseguindo.

A sessenta e alguma coisa quilômetros por hora. Ao redor do centro da cidade. Com uma possível identificação no Hummer se algum daqueles tiras se recuperou o suficiente para enfocar suas pupilas enquanto Blay os tirava da confusão.

E uma briga acontecendo.

Depois, John iria perceber que com certeza, só havia um lugar que Blay poderia ir.

Na hora que o cara parou no estacionamento do Sal's — Atrás do restaurante, onde não tinha luzes, — John e Qhuinn tinham ambos derrubado sangue. E a luta acabou apenas quando John foi puxado da porta por Trez — O que sugeria que o Ruivo tinha ligado antes. Qhuinn foi tratado de forma similar por iAm.

John cuspiu para limpar sua boca e olhar irritado para todos eles.

— Eu acredito que nós vamos chamar isso de empate, garotos. — Trez disse com um meio sorriso. — O que vocês acham?

Enquanto John era liberado, fúria o fez tremer. Aquele assassino poderia ter sido a única coisa que eles precisavam para descobrir o local... A história... A *qualquer coisa*. E por que Qhuinn insistiu em desperdiçar o bastardo, eles não estavam mais perto de onde tinham que estar. E mais, havia o fato que o *lesser* tinha morrido tão facilmente. Apenas um furo na cavidade do coração, e ele estava livre para ir para casa... ou ao menos de volta para o Omega.

Qhuinn limpou sua boca com as costas da mão.

— Pelo amor de Deus, John! Você pensa que eu não quero achar ela? Você pensa que eu não ligo? Cristo, eu tenho saído cada noite com você, olhando, procurando, rezando por uma pausa. — Ele apontou seu dedo diretamente para ele. — Então entenda isso direito. Nós dois sendo pegos com um *lesser* sangrando por um bando de humanos *não* vai nos ajudar. Você quer contar ao Wrath como você lidou com aquele? Eu não. E se *alguma vez* você colocar uma arma na minha cara de novo, eu vou foder você, não importa qual meu trabalho é.



John não confiava em si mesmo para responder. Uma coisa estava clara, no entanto — Se ele não tivesse a esperança de tirar algo do local de Benloise em St. Francis, agora ele estaria fazendo a merda, sem importar quem estava tentando impedi-lo. Sombra, ou outra coisa.

— Você está me escutando? — Qhuinn demandou. — Eu fui claro para você?

John caminhou ao redor, mãos nos quadris, cabeça baixa. Enquanto seu temperamento começava a esfriar, o lado lógico dele sabia que seu amigo estava certo. Ele estava também muito consciente que perdeu sua maldita cabeça temporariamente naquele galpão. Ele tinha mesmo colocado uma Quarenta⁸⁶ no rosto de seu amigo?

Sua súbita lucidez o fez doente no estômago.

Se ele não se alinhasse aqui, iria ter mais problemas que uma fêmea desaparecida. Iria acabar morto, ou porque ele estava negligente em combate, ou porque Wrath desse a ele um sério caso de bota-no-traseiro.

Ele olhou sobre Qhuinn. Cara, a dura expressão naquele rosto com piercing, estava bem perto do ponto onde uma amizade não podia se recuperar, — O tipo de coisa que não tinha a ver com Qhuinn ser um cara durão, mas particularmente por John ser o tipo de idiota que ninguém quer andar junto.

Ele andou para o macho, e não estava surpreso quando Qhuinn se manteve firme apesar da briga no carro.

Quando ele estendeu sua mão, houve uma longa pausa.

— Eu não sou o inimigo, John.

John assentiu, focando na lagrima tatuada embaixo do olho do cara. Retraindo sua mão, ele sinalizou;

Eu sei disso, Eu apenas... Eu preciso achar ela. E se o assassino fosse o caminho?

— Talvez ele fosse... mas a situação ficou critica e você vai ter que escolher a si mesmo sobre ela algumas vezes. Porque se você não fizer, de nenhuma forma vai descobrir o que aconteceu. Você não pode procurar por ela de dentro de um caixão.

⁸⁶ Arma de Calibre Quarenta.





Ele não podia achar um jeito de argumentar com isso.

— Então escute seu louco idiota, nós estamos nisso juntos. — Qhuinn disse suavemente. — E eu estou aqui para certificar que você não acorde morto. Eu entendo a iniciativa, eu entendo. Mas você tem que trabalhar comigo.

Eu vou matar Lash, John sinalizou apressado. Eu vou segurar a garganta dele em minhas mãos, e vou encarar naqueles olhos enquanto ele morre. Eu não me importo o quanto me custe... Mas as cinzas dele vão ser derramadas no túmulo dela. Eu juro por...

O que ele tinha para jurar? Não seu pai. Não sua mãe.

... Eu juro pela minha própria vida.

Qualquer outro teria tentado aplacá-lo com uma porrada de “tenha-fé, você-precisa-acreditar”.

Mas Qhuinn bateu em seu ombro.

— Eu tenho dito o quanto amo você ultimamente?

Cada noite que você sai comigo para me ajudar a achá-la.

— Não é por causa do fodido trabalho.

Dessa vez quando John estendeu sua mão, seu amigo a usou para puxá-lo num duro abraço. Depois Qhuinn o empurrou, e checkou o relógio em seu pulso.

— Nós devíamos seguir para a Avenida St. Francis.

— Vocês têm dez minutos. — Trez colocou seu braço ao redor do cara e começou a andar para a porta traseira da cozinha. — Vamos deixar vocês dois limpos. Você pode deixar o Hummer na nossa porta de recepção dos fundos. Eu vou trocar as placas para você enquanto vocês estiverem fora.

Qhuinn olhou para Trez.

— Isso é de verdade fodidamente legal de você.

— Sim, eu sou um príncipe, certo. E para provar, eu vou ainda dizer tudo sobre Benloise.

Enquanto John os seguia para dentro, o fato de ele não ter conseguido nada do assassino o focou, o endureceu, o deixou mais decidido ainda.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Lash não ia deixar Caldwell. Ele não podia. Enquanto ele fosse o cabeça da Sociedade Lessening, ele iria ficar cara-a-cara com a Irmandade, e os Irmãos não se moveriam da cidade — A Tumba estava aqui. Então, ainda que os vampiros civis houvessem sumido, Caldrie⁸⁷ continuava sendo o ponto focal da guerra porque não haveria vitória para o inimigo se os Irmãos ainda respiravam.

Cedo ou tarde, Lash iria escorregar, e John iria estar lá.

Mas maldição, a espera podia desgastar um cara, realmente podia. Cada noite arrastada com nada novo e nada realmente para acontecer... Era uma eternidade no inferno.

⁸⁷ Caldwell.



Capítulo QUATORZE

Quando Lash finalmente liberou a veia do Sr. D, ele empurrou-o como um prato sujo depois de uma refeição. Inclinando-se sobre o balcão, ele deleitou-se no fato de que sua fome estava saciada e que seu corpo já parecia mais forte. Mas agora ele estava pesado pra caralho, que era o que sempre acontecia depois de alimentar-se.

Ele esteve tomando da garganta de Xhex periodicamente apenas para se divertir, mas isso claramente não era o que ele necessitava para encher o estômago.

Será que ele poderia tirar seu sustento de... *lessers*?

Nah, ele não iria por esse caminho. Nunca faria. De nenhuma fodida maneira ele iria se aferrar a gargantas de caras com alguma regularidade.

Suspendendo o braço, ele olhou seu relógio. Dez horas e dez minutos. E ele parecia um mendigo. Sentia-se como um também.

– Limpe-se – disse ao Sr.D. – Eu tenho uma merda que você precisa fazer.

Conforme ele começava a dar as ordens, sua boca tropeçava nas palavras que ele ia pronunciando.

– Você entendeu? – disse ele.

– Sim, senhor. – O texano olhou ao redor do banheiro como se estivesse procurando por uma toalha.

– Lá embaixo – Lash estalou – Cozinha. E você precisa pegar uma muda de roupa e me trazer aqui. Ah, e enquanto você esta na brownstone coloque um pouco mais de comida no quarto.

Sr. D apenas acenou com a cabeça e saiu, caminhando com as pernas frouxas.

– Você deu ao novo recruta um celular? Identificação? – Lash disse antes que ele saísse.

– Eles estão em baixo na mochila. E eu já te mandei uma mensagem com o número.



Realmente este fodido era um excelente AP⁸⁸.

Enquanto Lash inclinava-se no chuveiro e girava a torneira na parede de azulejo, ele não teria ficado surpreso se não saísse nada, ou se só escorresse um rastro fino de lama marrom. No entanto, ele estava com sorte. Água fresca e limpa chuva caiu da ducha e ele rapidamente se despiu.

Sentia-se bem em se lavar, tipo como se ele estivesse reiniciando seu corpo.

Depois que ele terminou, ele usou sua camisa para secar-se, e em seguida, entrou em seu quarto. Deitado, ele fechou os olhos e colocou a mão sobre seu estômago onde as feridas estavam. O qual era estúpido. Não era como se ele precisasse protegê-las de qualquer coisa.

Como os sons que vinham do andar de baixo pareciam indicar que as coisas estavam progredindo, ele ficou aliviado... E um pouco surpreendido. Os ruídos já não eram mais totalmente dolorosos e assustados; eles estavam indo para o território pornô, com gemidos e grunhidos agora mais altos devido ao resultado dos orgasmos.

Você é viado? Ele lembrou do garoto perguntando.

Talvez isto tenha sido mais um *espero-que-sim* ou algo do gênero.

O que seja. Lash não queria estar todo fora-de-si em torno de seu pai, então com alguma sorte o novo recruta seria usado por um tempo.

Lash fechou os olhos e tentou deixar os pensamentos distantes de sua cabeça. Planos para a Sociedade, pensamentos sobre Xhex, a frustração pela coisa toda da alimentação... Suas ondas cerebrais se colidiram em um turbilhão, mas seu corpo estava cansado demais para sustentar sua consciência.

O qual até que era bom –

Foi quando ele caiu no sono que teve a visão. Nítidas e claras, elas vieram com ele, não para ele, entrando em sua mente de algum lugar e empurrando todas as outras preocupações para fora do caminho. Ele viu-se andando no terreno da propriedade onde ele havia crescido, indo sobre o gramado em direção à grande casa. No interior, as luzes estavam brilhando e as pessoas estavam se movendo ao redor... Exatamente como na noite em que ele tinha entrado e assassinado aqueles dois vampiros que o tinha criado. No entanto,

⁸⁸ AP: Assistente Pessoal, no original em inglês, PA – Personal Assistant.



aqueles não eram os perfis das pessoas que ele conhecia. Eles eram diferentes. Eles eram os humanos que haviam comprado a casa.

Na direita estava a cama de hera onde ele tinha enterrado seu pai.

Ele viu-se parado sobre o lugar onde ele tinha cavado um buraco e descarregado os corpos. Ainda estava um pouco irregular apesar de algum jardineiro ter plantado sobre ele novos brotos de hera em crescimento.

Ajoelhando-se, ele estendeu a mão para frente... só para ver que seu braço não era o seu.

Ele era como seu pai verdadeiro: uma negra e cintilante sombra.

Por alguma razão, a revelação o deixou em pânico, e ele tentou despertar a si mesmo. Ele se debatia em sua imóvel pele.

Mas ele já tinha afundado muito para se livrar do puxão.

A galeria de arte de Ricardo Benloise estava no centro da cidade, próximo ao complexo do hospital St. Francis. O edifício elegante, de seis andares destacava-se no meio dos irmãos "arranha-céus" de 1920 graças a uma modernização que o deixou com um exterior de aço inoxidável e janelas do tamanho das portas de um celeiro.

Era algo como uma estrela aspirante sentada ao lado de um bando de viúvas.

À medida que John e os garotos apareciam na calçada em frente à fachada, viram que o lugar estava agitado. Através daqueles enormes painéis de vidro, ele podia ver homens e mulheres vestidos de preto levando taças de champanhe enquanto eles inspecionavam a arte nas paredes. As quais, pelo menos vistas da rua pareciam ser uma fusão entre uma pintura a dedo de uma criança de cinco anos de idade e o trabalho de um sádico com um fetiche por unhas afiadas.



John não estava impressionado com a refinada rotina vanguardista – e como sempre, ele não tinha ideia de porque ele tinha uma opinião sobre arte. Como algo desse tipo importava?

Trez lhes havia dito para dar a volta pelos fundos, então ele e seus garotos desceram o bloco e entraram no beco que ia para trás da galeria. Enquanto a frente do lugar era toda chamativa e acolhedora, a parte traseira do local estava a altura dos negócios de merda. Sem janelas. Tudo pintado de preto fosco. Duas portas lisas e uma doca de carga que estava mais trancada que um cinto de castidade

Baseado na informação de Trez, o péssimo pretexto de ‘arte’ como os que estavam sendo discutidos por esses arrogantes cheios de si aspirantes a Warhol⁸⁹, não eram os únicos produtos que entraram e saíram do lugar. O que estava claro pela porrada de câmeras de segurança montadas sobre a saída traseira.

Felizmente, haviam sombras mais do que suficientes para se esconder, e em vez de ir andando na frente de todas aquelas lentes, eles desmaterializaram-se até o alto de uma pilha de madeira em uma esquina escura.

A cidade ainda estava cheia de vida a esta hora, a buzina dos carros, sirenes distantes da polícia e os desajeitados gemidos dos ônibus municipais acompanhando o frescor do ar com uma sinfonia urbana...

No extremo do beco, um carro virou e desligou as luzes enquanto vinha em direção à galeria.

– Na hora certa - Qhuinn sussurrou – E este é o Lexus.

John respirou fundo e rezou por calma antes que ele perdesse seu sempre-adorado juízo.

O sedan rodou até parar em paralelo com a doca de carga e a porta se abriu.

Quando a luz interior se acendeu...

O pequeno *lesser* do parque, o que cheirava a Old Spice, saiu de um carro vazio demais. Sem Lash.

⁸⁹ Aqui ele faz referência a Andy Warhol que foi um pintor e cineasta americano. Ele tornou-se mundialmente famoso por seu trabalho de pintura, cineasta vanguardista, produtor musical etc. E também figura pública por sua participação em diversos ciclos sociais.



O primeiro instinto de John foi saltar sobre o assassino... Mas de acordo com Trez, era suposto que Lash estivesse na reunião. Se eles interrompessem os planos pré-estabelecidos de chegada, haveria chances de ele ser avisado.

E dado seu saco de truques, surpresa era uma missão crítica.

Por um momento, John se perguntou se ele deveria mandar uma mensagem aos Irmãos. Colocá-los a par da situação. Conseguir algum reforço sério... Exceto que no instante em que pensou nisso, sua vingança incorporou-se e rugiu.

O qual precisamente o fez enfiar a mão no bolso e tirar o celular. Enquanto o assassino dirigia-se para dentro, a mensagem que ele enviou para Rhage foi breve e direta: *189 St. Francis. Lash a caminho. Os 3 de nós no beco traseiro.*

Quando colocou de volta o celular no bolso, ele podia sentir Blay e Qhuinn olhando-o por cima do ombro. Um deles deu-lhe um aperto de aprovação.

A coisa era, Qhuinn tinha razão. Se o objetivo era realmente derrubar Lash, havia melhores chances de agarrar o cara se tivesse ajuda. E ele precisava ser esperto nisso -- porque a estupidez evidentemente não ia levá-lo onde precisava estar.

Um momento depois, Rhage se materializou na entrada do beco com Vishous e a dupla avançou. Hollywood era o cara ao que procurar quando se tratava de Lash, porque o Irmão embalava a única arma que poderia ficar de igual para igual com o bastardo: Esse dragão dele iria a qualquer lugar que ele fosse.

Os dois se plantaram ao lado direito de John e antes de qualquer um deles pudesse perguntar, ele começou a assinalar.

Eu preciso ser aquele que matara o Lash. Entendido? Tem que ser eu.

Vishous imediatamente assentiu com a cabeça e assinalou, *Eu sei da sua historia com aquele pedaço de merda. Mas se isto chegar a um ponto onde é você ou o filho da puta, sua honra será ignorada e nós iremos interceder. Ficou claro?*

John respirou fundo, pensando que a extrapolação funcionou bem o suficiente para um porquê. *Eu vou fazer, portanto você não precisa se preocupar com isso.*



É justo.

Todos congelaram quando o *lesser* que tinha dirigido o Lexus voltou a sair, se colocou atrás do volante... E arrancando como se a reunião houvesse sido cancelada.

– Telhado – Disse Rhage, desaparecendo.

Com uma maldição interior, John pegou a deixa e materializou-se no topo do edifício Benloise, examinando sobre a orla e observando como o sedan parava na St. Francis Street. Felizmente, o assassino respeitava as leis e acionou a seta para a esquerda, então John dispersou suas moléculas e se materializou dois prédios abaixo. Enquanto o carro prosseguia, ele repetiu e repetiu até que o *lesser* pegou um caminho à direita para a zona mais antiga de Caldwell.

Onde os telhados planos terminavam, e tudo no que podia aterrissar era um monte de merda Vitoriana pontiaguda.

Boa coisa que a sola dos seus shitkickers tinham algum amortecedor.

Fazendo como uma gárgula, John empoleirou-se sobre as torres, dormers⁹⁰ e soleiras no telhado, seguindo sua presa pelo ar... Até que o Lexus virou em um beco e se escondeu atrás de uma fileira de casas do estilo brownstones⁹¹.

John conhecia o bairro só nominalmente – da sua única excursão para o porão de Xhex, que estava próximo – mas não era normalmente um território da Sociedade Lesser. Geralmente seus refugos estavam em códigos postais com menos visibilidade.

Então só havia uma explicação. Ali era onde Lash estava.

Um cara como ele, que viveu entre toda aquela riqueza espalhafatosa, roupas boas e toda essa merda, precisaria de um transplante de personalidade para ser capaz de se contentar com algo menos que um bom patrimônio. Ele havia crescido rodeado disso, e sem dúvida ele viveria de acordo.

O coração de John começou a bater forte e rápido.

⁹⁰ É tipo essas janelinhas que ficam no telhado.

⁹¹ Só por curiosidade e também para tirar possíveis dúvidas, Brownstone são aquelas construções em arenito, pode também ser traduzido como triplex: <http://www.citydictionary.com/NY/New-York/brownstone/359/>



O Lexus parou na frente de uma garagem, e quando a porta se abriu, ele entrou. Um momento depois, o pequeno assassino caminhou através do jardim na parte de trás de uma agradável casa brownstones.

Rhage apareceu ao lado de John e gesticulou, *Você vai comigo para os fundos. Vishous e os garotos irão se desmaterializar direto na porta da frente. V já está na varanda e diz que não há aço.*

Quando John assentiu, os dois se desmaterializaram para baixo aparecendo em um terraço de ardósia... Assim como o *lessers*, que neste momento batia na porta do que parecia ser uma cozinha gourmet. Eles esperaram um momento, congelados no tempo e espaço, enquanto o assassino desligava o sistema de segurança.

O fato de que a coisa precisava ser desativada não significava necessariamente que Lash não estivesse lá dentro. *Lessers* exigiam um intervalo frequente para se recarregar e só um idiota deixaria a si mesmo sem segurança.

John só tinha que acreditar que o que ele estava procurando estava naquela casa.





Capítulo QUINZE

Xhex estava sentada na poltrona perto da janela quando ouviu o barulho lá em cima no telhado. O abafado *bump bump* foi alto o suficiente para puxá-la livre da aeróbica mental que ela fez para manter-se perspicaz.

Ela olhou para o teto...

Lá embaixo, o sistema de segurança foi desligado e sua audição precisa pegou o *bip-bip-bip-bip-bip* de ser desarmado. E então havia as pegadas leves do *lesser* que trouxe a comida...

Alguma coisa estava errada. Alguma coisa... Simplesmente não estava certa.

Sentando-se direito na cadeira, ela ficou tensa do pescoço aos pés e lançou sensores mentais. Embora ela não pudesse emitir sinais *symphath*, sua capacidade de perceber as redes emocionais estava comprometida, mas viável... E foi assim que ela soube que havia alguém que não o assassino perto da casa.

Uma série de corpos. Dois nos fundos. Três na frente. E as emoções das pessoas que tinham cercado a brownstone eram adequada aos soldados: calma mortal, totalmente concentrado.

Mas eles não eram *lessers*.

Xhex ficou de pé.

Jesus... Cristo. Tinham-na encontrado. Caralho, os Irmãos a haviam encontrado.

E a emboscada era executada com timing perfeito. Lá embaixo, ela ouviu um grito de surpresa, uma luta de corpos e, em seguida o barulho de botas conforme o combate corpo-a-corpo acontecia e o apoio veio rugindo de outra direção.

Mesmo que ninguém a não ser Lash pudesse ouvi-la, ela começou a gritar tão alto quanto podia na esperança de que pela primeira vez, ela pudesse ir além dos muros invisíveis de sua prisão.



John Matthews não podia acreditar que o *lesser* não sabia que eles estavam lá. A não ser que o desgraçado estivesse comprometido de alguma maneira, devia ter atentado para o fato de que havia vampiros em todo o lugar. Mas oh, não – ele só cuidou de seu assunto, entrando e deixando a maldita porta aberta.

A primeira regra da infiltração era o controle assim que John cruzou o limiar de arenito, subjugou o *lesser* girando os braços do filho da puta por trás de suas costas, forçando seu rosto para baixo sobre o azulejo e, sentado em sua bunda como um piano de cauda. Enquanto isso, Rhage passou como uma rajada com pés surpreendentemente rápidos ao mesmo tempo em que V e os meninos emergiram para a cozinha da sala de jantar.

Como o primeiro nível da casa foi revistado rápido, John sentiu um arrepio descer por suas costas... como se uma faca de lâmina afiada tivesse traçado sua espinha. Olhando ao redor, ele não poderia encontrar a origem da sensação, então ele sufocou o instinto.

– Porão – Rhage sibilou.

Vishous se dirigiu para baixo com o irmão.

Com os meninos deixados para guardar suas costas, John foi capaz de concentrar sua atenção no *lesser* abaixo dele. O desgraçado estava era muito quieto, muito parado. Respirava, mas era só isso.

Havia atingido algo quando caiu o chão? Estava sangrando? Normalmente, eles revidavam.

Chutando latas de gasolina, por exemplo, porra.

Conforme ele procurava por sinais de hemorragia ou outros ferimentos, John girou sua cabeça ao redor, sem dar ao assassino a oportunidade de se libertar. Agarrando o cabelo do filho da puta, ele puxou para cima...

Ele encontrou algo, com certeza... mas com certeza a merda não foi causada pelo combate. No lado esquerdo do pescoço do assassino, havia duas feridas de punção e uma ferida circular causada por sucção.

Qhuinn veio e se ajoelhou. – Quem esteve trabalhando no seu pescoço, garotão?



O lesser não respondeu; enquanto isso V e Rhage se desmaterializavam do porão e foram para o segundo andar.

Enquanto os Irmãos se moviam silenciosamente pela casa, Qhuinn segurou a mandíbula do assassino. – Nós estamos procurando por uma mulher. E você pode fazer essa merda mais fácil para você, se você nos disser onde ela está.

O lesser franziu a testa... e, lentamente, moveu os olhos para cima.

Isso era tudo que John precisava.

Ele pulou para a frente, agarrando a mão de Blay e empurrou-a para baixo até o assassino. Como a posse mudou de mãos, John pulou e correu através de uma sala de jantar e uma sala da frente. A escadaria era ampla e acarpetada, o que significava que ele tinha uma excelente tração quando pulava três degraus de cada vez. Quanto mais alto ele ia, mais seus instintos gritavam.

Xhex estava na casa.

Assim que ele chegou ao topo, V e Rhage apareceram em sua frente, obstruindo o caminho.

– A Casa está vazia...

John interrompeu Rhage. *Ela está aqui. Ela está aqui em algum lugar. Eu sei disso.*

Rhage pegou seu braço. – Vamos descer e perguntar ao assassino. Descobriremos mais assim...

Não! Ela está aqui!

Vishous deu um passo na frente de John, seu olhar diamantino brilhante. – Ouça-me, meu filho. É melhor você voltar lá para baixo.

John apertou os olhos. Eles não só queriam que ele ficasse lá em baixo. Eles não queriam ele *aqui*.

O que você achou. Nenhum respondeu. *O que você achou?*

Fugindo de ambos, ele ouviu Rhage amaldiçoar quando V pulou na frente de uma porta.

A voz de Hollywood era oca. – Não, V, deixe-o ir. Apenas deixe-o... Ele já odeia Lash o suficiente para uma vida.



O olhar de V brilhou como se ele fosse argumentar, mas depois ele pegou um cigarro enrolado à mão do casaco e se afastou com uma maldição.

Com sua nuca tão tensa como um punho, John irrompeu através da porta e derrapou até parar. A tristeza na sala era um limiar tangível que ele tinha que ultrapassar, o seu corpo penetrando a parede de fria desolação apenas porque ele forçou seus pés para frente.

Ela havia sido mantida aqui.

Xhex havia sido mantida aqui... e ferida aqui.

Seus lábios se separaram e ele respirava através de sua boca enquanto seus olhos traçaram os arranhões nas paredes. Havia legiões delas, juntamente com manchas pretas... e outras de sangue seco.

Que eram de um profundo carmesim⁹².

John aproximou-se e passou as mãos para baixo por uma ranhura que era tão profunda, que o papel de parede de seda havia dado lugar ao sarrafo e gesso abaixo.

Suas inalações ficaram mais fortes e as exalações mais curtas na medida em que ele andou ao redor do cômodo. A cama era uma confusão absoluta, as almofadas espalhadas no chão, o edredom emaranhado...

Havia sangue nele.

Estendendo a mão, ele pegou um dos travesseiros e segurou-o delicadamente. Trazendo até o seu nariz, ele inalou... e capturou uma versão mais forte do que o que ele sonhou toda a noite: o cheiro de Xhex.

Seus joelhos enfraqueceram e ele caiu como uma pedra através da água parada, caindo ao lado do colchão. Enterrando o rosto na suavidade, ele a puxou para si, sua fragrância como uma memória persistente, ao mesmo tempo tangível e indescritível.

Ela tinha estado aqui. Recentemente.

Olhou para os lençóis ensanguentados. As paredes ensanguentadas.

Ele chegou tarde demais.

⁹² No original Purpley Red, traduzido como carmesim, um tom de vermelho forte, brilhante e profundo, combinado com algum azul, do qual resulta um certo grau de púrpura.



A face de John ficou molhada e ele sentiu algo escorrer por seu queixo, mas ele não deu a mínima. Ele foi consumido com a ideia de que ele tinha estado tão perto de salvá-la... mas não cedo o suficiente.

O soluço que irrompeu em sua garganta realmente fez um som.

Por toda a sua vida, o coração de Xhex não tinha sido propenso a quebrar. Ela havia suspeitado por muito tempo que era um resultado de seu lado *sympath*, uma espécie de condição congênita que a endureceu para as coisas que faziam a maioria das mulheres perderem seus corações.

Resultou estar errada, no entanto.

Enquanto ela ficava ao lado de John Matthew, e viu seu enorme corpo se curvar para baixo ao lado da cama, o órgão que bateu atrás de seu esterno quebrou como um espelho.

Nada além de estilhaços.

Ela estava totalmente e completamente em ruínas enquanto ele embalava o travesseiro como se fosse um recém-nascido e, neste momento de desespero, ela teria feito qualquer coisa para aliviar sua dor: Mesmo que ela não tivesse ideia de por que ele sentia do jeito que ele tão claramente sentia, as razões não eram importantes.

Seu sofrimento foi supremo.

Enfraquecendo, ela se ajoelhou ao lado dele, seus olhos enviando a trágica imagem que foi diretamente ao núcleo de seu cérebro.

Sentiu como se séculos tivessem passado desde que ela o tinha visto, e Deus, ele ainda era tão belo – ainda mais do que ela se lembrava de seus momentos de calma. Com seu perfil forte, duro e seus extraordinários olhos azuis, seu rosto era de um guerreiro, e ele tinha o corpo enorme combinando, a largura de seus ombros sendo três dela. Todas as suas roupas eram de couro, exceto a camiseta sob seu casaco e seu cabelo era essencialmente raspado,



como se houvesse acabado importando-lhe uma merda e o houvesse cortado com uma máquina zero.

Havia sangue de *lessen* na frente de sua jaqueta e na camisa.

Ele matou esta noite. E talvez tenha sido por isso que ele a encontrou.

Bem, quase a encontrou.

– John? – Uma voz masculina disse suavemente.

Ela olhou para a porta, mesmo se ele não o fez. Qhuinn estava com os Irmãos Rhage e Vishous, tendo se juntado a eles há pouco.

De uma forma ausente, ela observou o choque no rosto dos Irmãos... e teve a sensação de que eles não sabiam que havia qualquer ligação séria entre ela e John. Eles sabiam agora, no entanto. Alto e claro.

Quando Qhuinn entrou e se aproximou da cama, seu tom de voz continuou a ser gentil.

– John, nós estivemos aqui por meia hora. Se vamos interrogar o *lessen* lá embaixo sobre ela, é preciso movê-lo malditamente rápido. Não queremos fazer aqui e eu sei que você quer estar a cargo das coisas.

Oh, Deus... não...

– Me leve com você – sussurrou Xhex desesperadamente. – Por favor... Não me deixe aqui.

De repente, John olhou para ela, como se tivesse escutado sua súplica.

Exceto que não, ele estava apenas olhando através dela para o seu amigo.

Enquanto ele concordava, ela memorizou seu rosto, sabendo que era a última vez que o veria. Quando Lash descobrisse sobre o arrombamento, ele iria matá-la sem hesitar ou levá-la para outro lugar... e as chances eram boas de que ela não sobrevivesse tempo suficiente para ser encontrada novamente.

Erguendo a mão, mesmo que isso não adiantasse, ela colocou do lado do rosto de John e passou o polegar para trás e para frente sobre o rastro de suas lágrimas. Ela imaginava que quase podia sentir o calor de sua pele e umidade nas bochechas.



Ela teria dado qualquer coisa para poder envolvê-lo em seus braços e mantê-lo perto. Mais ainda para ir com ele.

– John... – ela resmungou – Oh, Deus... Por que você está fazendo isso para si mesmo.

Ele franziu a testa, mas sem dúvida que foi por causa de algo Qhuinn estava dizendo. Exceto que, quando ela levantou sua mão, ele colocou a própria mão onde ela havia tocado.

Embora fosse apenas para enxugar suas lágrimas, apesar de tudo.

Quando ele se levantou, levou o travesseiro com ele, e ele passou diretamente através dela.

Xhex o viu se retirar, seu sangue trovejando em seus ouvidos. Esta foi, de certa forma, um eco do processo de morte, ela pensou. Pouco a pouco, centímetro por centímetro, o que a amarrou à vida estava indo embora, partindo, desaparecendo. Com cada passo que John dava em direção à porta, sua respiração estava evaporando em seus pulmões. Seu coração estava parando. Sua pele estava ficando fria.

Sua chance de resgate estava indo embora. Sua chance de...

Foi então que ela soube o que havia lutado durante tanto tempo, e pela primeira vez, ela não sentia nenhuma inclinação para esconder suas emoções. Não era preciso. Embora ele estivesse com ela, ela estava totalmente sozinha e separada dele, mas mais importante, sua própria mortalidade esclareceu suas prioridades.

– John – disse ela baixinho.

Ele parou e olhou por cima do ombro em direção à cama.

– Eu te amo.

Seu belo rosto contorceu com a dor, e ele esfregou o meio do peito, como se alguém pegasse seu coração e o espremesse até estar morto.

E então ele se virou.

O corpo de Xhex passou por cima de sua mente. Com um salto frenético, ela correu para a porta aberta, os braços esticados, a boca aberta.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Quando ela atingiu os limites de sua prisão, ela ouviu um barulho, como uma sirene... ou o assobio de fogos de artifício após terem sido acesas... ou talvez fosse o alarme do sistema de segurança disparando.

Mas não era nenhuma dessas coisas.

Ela estava gritando do alto de seus pulmões.





Capítulo DEZESSEIS

John teve que se afastar daquele quarto. Se não tivesse sido pela lógica dominante e a necessidade de quebrar aquele *Lesser*, ele não teria sido capaz de mover suas botas nem um milímetro.

Ele poderia jurar que sentiu a presença dela... Mas ele sabia que era um truque de sua mente criado por sua missão. Ela não estava no quarto. Ela *esteve* no quarto. Duas coisas completamente diferentes... e sua única chance de descobrir o que aconteceu com ela, estava lá embaixo na cozinha.

Enquanto se dirigia para o primeiro andar, ele esfregou os olhos e o rosto e descobriu que uma mão queria se demorar em seu rosto. Sua pele estava formigando... Da mesma maneira como as poucas vezes que Xhex o tinha tocado.

Deus... O sangue naquele cômodo. Todo o sangue. Ela esteve lutando com o Lash, e apesar do orgulho de pensar que ela tinha esfaqueado aquele fodido um bom número de vezes, ele não podia suportar a realidade do que tinha acontecido naquele quarto.

John se dirigiu para a esquerda e atravessou a sala de jantar, tentando manter a compostura enquanto sentia como se tivesse sua pele arrancada e fosse jogada em carne viva no oceano. Empurrando através da porta de serviço na cozinha —

No instante que seus olhos se focaram no *Lesser*, um terremoto eclodiu dentro dele, seu firmamento rompendo todo o caminho para seu núcleo quente⁹³.

Sua boca se esticou e ele soltou um grito mudo.

Enquanto ele pulou para frente, a raiva liberou suas presas de sua boca e seu corpo entrou no piloto automático, desmaterializando no espaço, tomando forma na frente do bastardo.

Com o Blay fora do caminho do assassino, o vínculo vampírico de John o atacou com uma ferocidade que ele tinha ouvido falar... mas nunca viu.

⁹³ NT: nesta frase — ele quer dizer que estava perdendo o controle e que dentro dele sua ira estava prestes a explodir... algo assim



Certamente nunca experimentou.

Com sua visão esbranquiçada e seus músculos energizados pela loucura, ele foi guiado pela ação, nenhum pensamento enquanto atacava, suas mãos se tornando garras, suas presas afiadas como adagas, com uma ira interior tão grande que o transformava em um animal.

Ele não tinha ideia de quanto tempo ele levou... Ou mesmo o que ele fez. A única coisa que ele registrou em sua consciência turva era aquele fedor doce, era tudo o que podia cheirar.

Algum tempo mais tarde... Muito mais tarde... Uma vida mais tarde... Ele fez uma pausa para recuperar o fôlego e descobriu que estava de quatro, com sua cabeça pendurando enquanto respirava sem fôlego, seus pulmões queimando de esforço. Suas palmas estavam plantadas num azulejo que estava escorregadio com sangue negro e algo estava pingando de seu cabelo e de sua boca.

Ele cuspiu um par de vezes tentando se livrar do gosto ruim, mas o que quer que fosse a merda não estava apenas em torno de sua língua e de seus dentes, estava na parte de trás de sua garganta e em seu intestino. Seus olhos também estavam ardendo e embaçados.

Ele estava chorando de novo? Ele não se sentia mais triste... ele se sentia vazio.

— Jesus... Cristo... — Alguém disse suavemente.

Abruptamente superada sua exaustão, John permitiu seu cotovelo relaxar e deslocar seu peso para o lado. Deitando sua cabeça em uma poça de arrefecimento, ele fechou os olhos. Ele não tinha forças. Era tudo o que podia fazer para respirar.

Um tempo depois, ele ouviu Qhuinn falar com ele. Polidez inata, ao invés de qualquer indício do que estava acontecendo, assentiu quando houve uma pausa.

Ele ficou momentaneamente surpreso quando sentiu mãos em seus ombros e as pernas. Suas pálpebras conseguiram se abrir enquanto era levantado.

Estranho. As bancadas e os armários estavam brancos quando eles entraram pela primeira vez. Agora... Eles foram pintados de preto brilhante.



Delirando, ele se questionou o porquê alguém teria feito isso.

Preto não era exatamente uma cor acolhedora.

Fechando seus olhos, ele sentiu os solavancos e as mudanças enquanto era carregado e, em seguida, houve uma levantada final seguida pela aterrissagem de seu corpo em um amontoado. Motor de carro foi ligado. Portas fechadas.

Eles estavam a caminho. Sem dúvida para o complexo da irmandade.

Antes de apagar completamente, ele levou sua mão ao rosto. O que o fez perceber que tinha esquecido o travesseiro.

Acordando por um flash, ele se levantou, todo, Lázaro de volta dos mortos.

Blay estava lá com o que ele tinha pegado, no entanto.

— Aqui. Eu me assegurei de não sairmos sem isso.

John pegou o que ainda cheirava como Xhex e enrolou seu enorme corpo em torno dele. E essa foi à última coisa que ele se lembrava da viagem de volta para casa.

Quando Lash acordou, ele estava precisamente na mesma posição que estava antes de adormecer: deitado de costas, braços cruzados sobre o peito... como um cadáver em um caixão. Quando ele costumava ser um vampiro, ele se movimentava durante o dia, habitualmente acordava de lado com sua cabeça debaixo do travesseiro.

Quando ele se sentou, a primeira coisa que fez foi averiguar as lesões em seu peito e estômago. Inalteradas. Não pior, mas inalteradas. E seu nível de energia não melhorou significativamente.

Apesar do fato de que ele tinha dormido... Jesus Cristo, três horas? Que diabos?

Fodidos obrigados por ter tido o bom senso de adiar esse encontro com Benloise. Não se encontrava com um homem como ele parecendo como se estivesse de porre por uma semana e meia.



Colocando as pernas para fora da cama, ele se preparou e depois moveu o seu rabo para fora do colchão, se levantando. Enquanto seu corpo estralava, ele não ouvia nada além do silêncio no andar de baixo. Oh... espere. Alguém estava vomitando. O que significava que o Ômega tinha terminado o seu bis com o novo recruta e o novo garoto começaria uma divertida sessão de seis a dez horas de vômito.

Lash pegou a camisa manchada e seu terno e se perguntou aonde diabos se encontrava sua nova muda de roupas. Não levou três horas para o Sr. D levar o seu rabo até o Benloise e remarcar, e então ir até a brownstone, alimentar a Xhex e escolher um novo conjunto de roupas de seu closet.

Em seu caminho descendo as escadas, Lash discou para o idiota, quando caiu na caixa de mensagens ele retrucou:

— Onde diabos está a minha roupa, seu idiota?

Ele desligou e olhou através do corredor até a sala de jantar. O novo recruta não estava mais na mesa; ele estava parcialmente debaixo dela, e se debruçava sobre um balde, com arcadas secas como se houvesse um rato em seu intestino que não poderia encontrar qualquer saída.

— Eu estou te deixando aqui. — Lash disse alto. Isso causou uma pausa e o recruta o olhou. Seus olhos estavam avermelhados e havia algo como água suja saído de sua boca aberta.

— O que... acontecerá comigo?

Pequena voz. Pequenas palavras.

A mão de Lash foi para a ferida no peito e ele achou difícil de respirar enquanto ele pensava mais uma vez que aos recrutas nunca era dita toda a história. Eles nunca sabiam o que esperar ou a totalidade do que eles abriam mão e o que eles recebiam em troca.

Nunca tinha pensado em si mesmo como recruta antes. Ele era o filho, não mais uma máquina do Ômega. Mas o quanto ele realmente sabia?

Ele se obrigou a afastar sua mão da lesão.

— Você ficará bem. — Ele disse bruscamente. — Tudo... ficará bem... você desmaiará um pouco e quando acordar... se sentirá a mesma pessoa, só que melhor.



— Aquela coisa...

— É meu pai. Você ainda trabalhará para mim, como eu disse. Isso não foi alterado.

Lash se dirigia para a porta enquanto a urgência para sair surgia muito forte para ser combatida.

— Eu mandarei alguém por você.

— Por favor... Não me deixe. — Olhos lacrimejantes imploravam enquanto mãos sujas se estendiam. — Por favor...

As costelas de Lash se apertaram fortemente, comprimindo seus pulmões a ponto de não funcionarem direito, até que ele não pudesse sugar mais ar para sua garganta.

— Alguém virá por você.

Fora da porta, fora da casa, fora da confusão. Ele se apressou para chegar a sua Mercedes, foi para trás do volante e se trancou no carro. Arrancou o carro da pequena garagem da casa da fazenda, dirigiu por cerca de três milhas antes que ele pudesse respirar corretamente e não se sentiu como ele mesmo até que viu os arranha-céus do centro da cidade.

Enquanto se dirigia para a brownstone, ligava mais duas vezes para o Sr. D e mais duas vezes o correio de voz, e depois... o correio de voz.

Indo para o beco a direita, para a garagem, ele estava pronto para atirar o telefone pela janela por pura frustração.

Diminuindo a velocidade, ele deixou um outro carro passar por ele... mas ele não diminuiu apenas para ser cortês com o Porsche de seu vizinho.

A porta para a garagem da brownstone estava aberta e o Lexus do Sr. D estava estacionado ali dentro. Fora de protocolo.

Isso e todas as chamadas não atendidas eram uma bandeira vermelha do tamanho do Texas e o primeiro pensamento do Lash foi para Xhex. Se aqueles filhos da puta da irmandade a levaram, ele iria estacá-los no gramado e deixar o sol os levar vagarosamente.

Fechando seus olhos, ele fortaleceu seus instintos... e depois de um momento, ele podia sentir o Sr. D, mas seu sinal era fraco. Quase imperceptível.



O filho da puta tinha obviamente sido machucado, mas não aniquilado ainda.

Quando um carro veio por trás dele e buzinou, ele percebeu que estava parado no meio da pista.

Normalmente, seu primeiro passo teria sido meter o Mercedes na garagem e se materializar na casa com os punhos em alto... mas ele estava meio como um semi-morto na melhor das hipóteses, todo lento e tonto. E, no caso dos irmãos estarem lá dentro, agora não era o momento de se envolver com seu inimigo.

Mesmo *Lessers* poderiam acordar mortos. Até o filho do mal poderia ser enviado para casa.

Mas o que aconteceu com sua fêmea?

Perseguido por um terror estranho e frio, Lash entrou mais no beco, pegou a primeira a direita e então outra vez.

Enquanto ele circulava pela frente de sua casa, ele rezava como uma pequena vadia para que ela ainda estivesse lá.

Olhando para as janelas do segundo andar, ele a viu no quarto e seu alívio foi tão poderoso que sua respiração o deixou num chiado. Não importava o que poderia ter acontecido naquela casa, não importa quem tivesse se infiltrado, Xhex ainda estava no lugar que ele a deixou. Seu rosto era visível para ele, e só ele poderia ver do outro lado do vidro, seus olhos levantados para o céu e suas mãos levantadas em sua garganta.

Que imagem linda, pensou. Seu cabelo estava crescendo e começava a ondular e a luz da lua em suas maçãs do rosto salientes e lábios perfeitos era totalmente romântico.

Ela ainda era dele.

Lash se forçou a continuar dirigindo. O importante era que ela estivesse salva onde estava – sua prisão invisível, impenetrável por qualquer vampiro, humano ou *Lesser*, sendo ele um Irmão ou apenas um idiota com uma arma e atitude.

E se ele fosse lá e se metesse numa briga com os Irmãos? E se ele se machucasse? Ele a perderia, porque aquele feitiço que a prendia exigia muita



energia dele para se manter. Ele já estava tendo bastante dificuldade para convocar força para manter o feitiço – e apesar de desprezar sua fraqueza, ele era um realista do caralho.

O matou continuar. Absolutamente o matou.

Mas era a decisão certa. Se ele a quisesse manter, ele teria que deixá-la até o amanhecer naquele brownstone.

Ele levou um tempo para perceber que estava dirigindo sem rumo, mas a verdade é que a ideia de voltar a falhar em algum destes ranchos de merda que a Sociedade Lesser possuía o fez querer arrancar a pele de seu rosto.

Cara e o amanhecer que não chegava...

Em algum ponto, ele não podia acreditar que estava tão fraco que teve que parar no acostamento. Mas por outro lado, ele estava tendo problemas em manter sua cabeça erguida e seus olhos abertos ao volante. Enquanto ele retornava a ponte oeste de Caldwell, isso não era apenas cansaço de rotina.

As feridas poderiam muito bem ser das batalhas com a Xhex, mas a exaustão era...

A resposta lhe ocorreu enquanto ele olhava para as pistas leste. Era tão óbvio e ainda lhe golpeou com tanta força que seu pé abrandou no acelerador.

Leste ou oeste. Direita ou esquerda. Dia ou noite.

Claro que se alimentar do Sr. D apenas o ajudou nominalmente.

Ele precisava de uma fêmea. Uma fêmea *Lesser*.

Por que não ficou claro para ele antes? Vampiros machos eram fortalecidos apenas pelo sangue do sexo oposto. E, embora o lado de seu pai fosse muito dominante nele, claramente não foi suficiente para as presas remanescentes que ele precisava se alimentar.

Só depois que ele tomou da veia do Sr. D ele se sentiu parcialmente satisfeito.

Bem, isso mudava tudo... e dava a Xhex todo um novo futuro.





Capítulo DEZESSETE

Os sons da briga sangrenta lá em baixo tinha chegado até as orelhas de Xhex, e dado ao fedor que agora entrava através da porta do quarto, ela só poderia imaginar o que havia sido feito com o pequeno *lesser* que tinha trazido a comida dela.

Aparentemente uma parte do primeiro andar tinha acabado de ser redecorada com papel de parede feito de assassinos.

Ela ficou surpresa que os Irmãos optaram por esquartejar o bastardo membro por membro pela casa. Pelo que ela sabia, Butch O'Neal normalmente inalava os assassinos para impedi-los de voltar para o Omega. Mas lá embaixo? Ela ficaria surpresa se ficasse qualquer coisa que se pudesse recolher sem um esfregão.

A não ser que fosse uma mensagem para Lash.

Seguindo o barulhento caos que segue uma chacina, houve um estranho período de silêncio e muitas pisadas. Eles estavam saindo agora que não havia mais nada para matar.

Pânico subiu novamente em seu peito e o esforço de se acalmar novamente era quase físico... Mas porra, ela não ia se desfazer. Tudo o que tinha nessa situação era ela mesma. Ela era a sua arma, sua mente e seu corpo eram as únicas coisas que Lash não poderia tirar dela.

Se as perdesse, ela poderia se dar por morta.

Foda-se, se ela as perdesse ele não poderia levar Lash junto com ela.

A realidade da situação era onde encontraria a força para continuar, o peso que pressionava as suas emoções quando de outra forma teriam feito voar tudo pelos ares levando a lógica com elas. Ela trancou tudo, fechando tudo que ela havia sentido quando esteve ao lado de John Matthew.

Nada ficou completamente. Nada sairia.

Passando para o modo de guerra, ela percebeu que não tinha ouvido um estalo ou visto o eco de um flash, portanto eles não tinham apunhalado o



assassino. E o cheiro estava tão vivo, que ela estava apostando que estavam deixando o corpo para trás.

Porra, Lash iria pirar por perdê-lo. Ela tinha ouvido-o interagir com o pequeno texano e, apesar de ele ter negado, estava ligado ao bastardo. O que ela precisava fazer era explorar essa fraqueza nele. Mexer com ele quando ele já estava mexido. Talvez ele quebrasse, de alguma forma fundamental...

Em meio ao silêncio e ao cheiro doce, ela andou e acabou na janela. Sem pensar no campo de força, ela colocou as duas mãos para cima e inclinou-se contra os batentes – Xhex pulou para trás, esperando uma onda de dor.

Em vez disso... ela só sentiu uma formigação.

Havia algo diferente em sua prisão.

Protegendo a cabeça, ela voltou a barreira com as palmas das mãos, pressionando-as contra a sua contenção. Definitivamente ela precisava avaliar as coisas -, a mudança era tão óbvia que até mesmo distraída ela teria registrado que: houve fraqueza dentro da trama elástica da magia. Uma fraqueza inconfundível.

A questão era o porquê. E se ficaria ainda mais fraca ou isso era algo que ela precisava aproveitar agora.

Seus olhos percorreram a janela. Visualmente, não havia nada fora do normal com sua prisão e ela colocou a mão no vidro, só para ter certeza – Sim, ela estava certa.

Lash tinha morrido? Tinha sido ferido?

Naquele momento, uma grande Mercedes preta passou pela frente da casa, e ela sentiu o filho da puta dentro. E tenha sido porque ele tinha tomado sua veia ou porque a barreira estava enfraquecendo, seu estado emocional era claríssimo para o seu lado *sympath*: ele estava se sentindo isolado. Ansioso. E... fraco.

Bem, bem, bem...





Não que desse credibilidade ao enfraquecimento que ela sentia. E uma ideia do porque ele não vinha por ela no plano Johnny-o-rápido⁹⁴.

Se ela fosse Lash, e se ela não estivesse se sentindo particularmente forte, ela iria esperar pelo anoitecer antes de entrar.

Ou isso, ou ela desviaria e conseguiria alguns reforços realmente bons.

Mas então, é para isso que eles fizeram os celulares, certo?

Quando o Mercedes deixou o bairro e não mostrou sinais de retorno, ela deu dois passos para trás da janela. Enrijeceu as coxas, agachou-se em uma posição de combate, flexionando e fechando os punhos e posicionando o corpo ligeiramente para trás em seus quadris. Ela respirou fundo, concentrou-se e...

Estalando seu punho direito com toda a força de seu ombro, ela socou a barreira forte o suficiente que tivesse sido a mandíbula de um macho, ela teria rachado o filho da puta em pedaços.

A magia a empurrou de volta, mas ao redor do quarto, ondulações apareceram, sua cela tremeluziu como se recuperasse após um ferimento. Antes que pudesse haver uma recuperação completa, ela lançou outro soco - o vidro do outro lado da barreira quebrou com o impacto.

A princípio ficou parada como uma estúpida...mesmo quando sentiu a brisa no rosto e desceu o olhar para as juntas dos dedos que agora estavam sangrando, para confirmar que não havia outra razão pela qual a janela teria quebrado.

Santa... merda.

Rapidamente, considerando suas potenciais saídas estratégicas, ela olhou por cima do ombro para à porta que John e os Irmãos tinham deixado aberto.

A última coisa que ela queria fazer era sair pela casa, porque ela não conhecia o layout e não tinha ideia do que ia acontecer no caminho. Mas o instinto lhe disse que ela provavelmente estava muito fraca para se desmaterializar - então, se ela tentasse sair pela janela, ela não sabia se seria capaz de elaborar um desaparecimento no ar.

Nesse caso ela viraria papinha no pavimento de baixo.

⁹⁴ Uma expressão: Alguma coisa, ou alguma pessoa que executa uma ação de forma precisa como se seria de esperar de outra pessoa. Estar no tempo ou no lugar correto.



A porta aberta era sua melhor opção. Ela poderia usar seu próprio corpo como um punho, e tendo começado a correr, ela teria muito mais poder junto dela.

Virando-se, ela colocou os ombros contra a parede, tomou fôlego... e correu pelo quarto, as solas de seus pés dirigindo seu peso sobre o chão, seus braços em movimento.

Ela bateu a barreira e a dor foi incandescente, disparando através de cada célula do seu corpo, acendendo-a de dentro para fora. A agonia a cegou no mesmo momento que a magia a mantinha no lugar, prendendo-a dentro de suas fronteiras e deixando-a tão boa como uma morta, exceto que em seguida, houve uma ruptura que se abateu ao longo das barreiras invisíveis de sua prisão... e maldição se ela não terminava do lado de fora do quarto.

Quando seu corpo ficou livre, bateu na parede do corredor, até o ponto onde ela esperava tirar uma camada de tinta com seu rosto e peito enquanto ela escorregou para o chão.

Com a cabeça girando e os olhos cheios de luzes piscando, ela chutou o seu próprio rabo para continuar. Ela estava fora, mas não estava livre.

Olhando para trás, viu um resquício do feitiço se restaurar... e se perguntou se ela rompendo-o não enviaria algum tipo de sinal para Lash.

Vai... agora... sai... corre!

Arrastando-se para sair do chão e descer pelo corredor, desceu as escadas com as pernas bambas, cambaleando, tropeçando. No hall de entrada abaixo, o cheiro de sangue do *lesser* bateu nela fazendo-a engasgar, e ela afastou-se dele, embora não por causa de seu nariz. Todas as saídas e entradas na casa ficavam do outro lado. Se ela não tinha nada, além de um pedaço de tempo ao seu lado, ela precisava se concentrar em encontrar outra saída.

À frente, a porta da frente era ornamentada, uma coisa enorme esculpida, com vidro em grades de ferro. Mas tudo o que tinham como fechadura era um simples ferrolho.

Hora de tirar-o-doce-da-criança.

Ela subiu, colocou a mão sobre o mecanismo da tranca, e concentrou o que havia restado de sua energia no deslocamento dos parafusos. Um... dois... três... e o quarto.



Abrindo a porta amplamente, ela estava com um pé para fora quando ouviu o rangido de alguém entrando na cozinha.

Oh merda, Lash estava de volta. Ele tinha voltado por ela.

Em um instante ela tinha ido, o pânico dando-lhe asas que sua mente concentrada fez bom uso. Dada a condição em que ela estava, ela sabia que não iria chegar muito longe e decidiu que o melhor que ela podia fazer era ir para o seu porão. Pelo menos lá, ela poderia estar a salvo enquanto se recuperava.

Xhex tomou forma na alcova protegida que levava para seu estúdio e fez saltar as trancas de cobre com a mente. Enquanto ela passava pela porta, luzes com sensores de movimento se acenderam no corredor pintado de branco, e levantou o braço para proteger os olhos enquanto descia as escadas dando tropeções. Trancando a porta com seus pensamentos, ela tropeçou para frente, tornando-se vagamente consciente de que estava mole.

O impacto na parede? Os tropeços pelas escadas? Quem diabos sabia ou se importava.

Ela entrou em seu quarto e se trancou dentro. Quando as luzes automáticas ligaram, olhou para a cama. Lençóis brancos e limpos. Travesseiros arrumados. Duvet⁹⁵ sem rugas. Ela não conseguiu chegar ao colchão. Quando os joelhos falharam, ela deixou-se ir, seu esqueleto em colapso sobre si mesmo até que ela não passava de um amontoado de ossos cobertos por pele.

Não foi o sono que a chamou quando ela golpeou o chão. Mas tudo bem.

A inconsciência funcionava melhor mesmo.

Blaylock reentrou na brownstone com Rhage e Vishous meros vinte minutos depois que tinha saído com John. Logo que eles o levaram de volta ao complexo de segurança, eles retornaram para terminar a varredura das instalações: desta vez, eles estavam procurando por coisas pequenas como identidades, computadores, dinheiro, drogas, qualquer coisa que lhes desse algo útil.

⁹⁵ Um tipo de edredom.



Tendo visto a carnificina que John Matthew tinha feito, as consequências eram mal registradas enquanto Blay entrava na cozinha, e imediatamente começou a abrir os armários e gavetas. Vishous se dirigiu até o segundo andar, enquanto Rhage vasculhava a frente da casa.

Ele estava encontrando seu ritmo quando Rhage gritou – A porta da frente está aberta.

Então, alguém tinha voltado aqui desde que tinham saído com John dali. Lesser? Não era provável já que jamais teriam deixado tudo sem proteção. Talvez um ladrão humano? Os Irmãos não tinham trancado a porta traseira quando tinham saído, assim, talvez alguém tivesse entrado ali tranquilamente.

Se tivesse sido um humano, ele tinha sido presenteado com uma bela vista. Talvez isso poderia explicar a saída precipitada pela outra porta.

Blay sacou a arma apenas no caso de que houvesse alguém na casa, e com a mão livre, ele fez uma busca rápida ao redor. Ele encontrou dois celulares em uma gaveta com as facas, nenhum deles tinha carregadores – nada que V não resolvesse. Havia também alguns cartões de visita perto do telefone, mas eles eram todos de humanos para transações – que provavelmente foram usados para trabalhar na brownstone.

Ele estava vasculhando os armários sob o balcão, quando franziu a testa e olhou para cima. Bem na frente dele estava um prato de maçãs frescas.

Olhando para baixo na direção do fogão, ele viu alguns tomates. E um pedaço de pão francês numa embalagem de papel.

Se endireitando, ele caminhou até o refrigerador e abriu a coisa. Leite orgânico. Produtos da Whole Foods⁹⁶. Um peru fresco pronto para ser cozinhado. Bacon canadense defumado.

Não é exatamente comida de um prisioneiro.

Blay olhou para o teto, onde os passos pesados soavam como se V passasse de quarto em quarto. Então seus olhos traçaram a cozinha como um todo, desde o casaco de caxemira deixado sobre um banquinho até as panelas de cobre empilhadas nas prateleiras abertas e para a cafeteira que tinha uma bebida dentro.

⁹⁶ Marca de alimentos <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/09/whole-foods-worlds-natural-food.html>



Tudo era de marca, novo e mais puro do que uma imagem de um catálogo.

Realmente estava a altura dos padrões de Lash... mas *lessers* não deviam ser capazes de comer. Portanto, a menos que ele estivesse tratando Xhex como uma rainha, que era altamente improvável... alguém esteve comendo com regularidade nesta casa.

A despensa estava logo depois da cozinha e Blay passou através dos restos molhados do assassino para dar uma busca rápida no lugar: alimentos enlatados o suficiente para manter uma casa por um ano.

Ele estava saindo quando seus olhos encontraram alguma coisa no chão: havia uma série de arranhões sutis no piso de madeira... e eles estavam dispostos em forma de meia lua.

Os joelhos de Blay rangeram quando ele se agachou e tirou do caminho um aspirador de pó. A parede irregular⁹⁷ parecia alinhada e não se via interrompida por nenhuma emenda que não devia estar, mas uma rápida busca, batendo com os nós dos dedos e ele encontrou um espaço oco. Tirando a sua faca, ele usou o punho como um dispositivo de sonar para determinar as dimensões exatas do buraco escondido, então ele virou a arma de volta e penetrou com a ponta da lâmina na fresta.

Forçando abriu a tampa, ele pegou uma lanterna e iluminou dentro.

Um saco de lixo. Do tipo Hefty⁹⁸ cuja cor era a do sangue de um *lesser*.

Arrastando-o para fora, ele abriu o cordão.

– Santa... Merda.

Rhage apareceu por trás dele. – O que você tem?

Ele enfiou a mão dentro e tirou um bolo de notas enrugadas. – Dinheiro. Muito dinheiro.

– Agarre-o. V encontrou um laptop e uma janela quebrada no andar de cima que não existia antes. Fechei a porta da frente apenas para os seres humanos não começarem a se intrometer. – Ele olhou para o relógio. – Nós precisamos sair antes de o sol começar a nascer.

⁹⁷ No original é 'beadboard' são aquelas paredes em quinas, e não totalmente retas como no geral, olha uma foto aqui: <http://www.handyman-pro.net/beadboard-2.jpg>

⁹⁸ http://www.suritradenv.com/images/papnplast_trash-hefty-cinchsackxl.jpg



– Entendido.

Blay pegou o saco e deixou o espaço aberto e violado, imaginando que quanto mais evidencia de roubo melhor. Embora não era como se os pedaços do *lesser* pudessem ser ignorados.

Se ao menos ele pudesse ver o rosto de Lash quando o filho da puta chegasse em casa.

O grupo deles saiu pela parte de trás para o jardim, e ele e Rhage se desmaterializaram enquanto Vishous fiscalizava o Lexus na garagem, assim poderiam confiscá-lo.

Foram sem dizer que preferiam ficar e esperar para ver o que apareceria. Mas não havia nenhuma negociação com o amanhecer.

De volta à mansão da Irmandade, Blay entrou no hall de entrada com Hollywood e havia um comitê de recepção esperando por eles. Assim que todo o espólio ficou entregue ao Butch para processamento no Pit, e logo que Blay pode fugir, ele subiu para o quarto de John.

Sua batida foi respondida por um grunhido, e quando ele abriu e entrou, viu Qhuinn sentado em uma poltrona ao lado da cama. A lâmpada sobre a mesa ao lado dele lançou uma piscina de luz amarela dentro da escuridão, iluminando tanto ele como a montanha deitada debaixo do edredom.

John estava fora de combate.

Qhuinn, por outro lado, estava se enchendo de Herradura⁹⁹, a garrafa de Selección Suprema em seu cotovelo, e seu copo de cristal cheio da tequila que tinha recentemente se tornado sua bebida preferida.

Cristo, ele com aquilo e John com Jack¹⁰⁰, Blay estava pensando que precisava atualizar sua própria bebida. Cerveja parecia abruptamente imaturo.

– Como ele está? – Blay, perguntou suavemente.

Qhuinn tomou um gole e engoliu. – Bastante agitado. Liguei para Layla. Ele precisa se alimentar.

⁹⁹ Tequila

¹⁰⁰ Jack Daniels Whiskey



Blay aproximou-se da cama. Os olhos de John não estavam muito fechados, suas sobrancelhas estavam tão tensas que parecia que ele estava tentando resolver uma lei da física em seu sono. Seu rosto estava sobrenaturalmente pálido, seu cabelo parecia mais escuro em contraste, e sua respiração era muito superficial. Suas roupas tinham sido removidas e a maioria do sangue do *lesser* foi lavada dele.

– Tequila? – Qhuinn perguntou.

Blay levantou sua mão para o cara sem olhar, ainda focado em seu amigo. O que bateu em sua mão foi o copo em vez da garrafa, mas ele não se importava e ele bebeu num gole.

Bem, pelo menos ele sabia o porquê Qhuinn gostava da coisa.

Quando ele devolveu o copo, cruzou os braços sobre o peito e ouviu o som tranquilo e ondulante enquanto voltavam a enchê-lo. Por alguma razão o encantador som frouxo da bebida batendo no cristal do copo o acalmou.

– Eu não posso acreditar que ele chorou, – murmurou Blay. – Quero dizer... Eu posso, mas foi uma surpresa. –

– Ela obviamente foi presa naquele quarto. – O Herradura foi colocado de volta na mesa do lado com uma batida sutil. – E nós a perdemos.

– Ele falou alguma coisa?

– Não. Nem mesmo quando eu o empurrei no chuveiro e entrei com ele.

Ok, essa era uma informação que Blay podia passar sem. Boa coisa que John não encarou mal - houve uma batida suave na porta e em seguida, uma lufada de canela e especiarias. Blay aproximou-se e deixou Layla entrar, curvando-se a ela em deferência.

– Como posso ser... – A Escolhida franziu a testa e olhou para a cama. – Oh, não... Ele está ferido?

Enquanto ela ia até John Matthew, Blay pensou, sim, mas principalmente no interior.

– Obrigada por ter vindo, – Qhuinn disse enquanto ele se levantou da cadeira. Inclinando-se sobre o John, ele empurrou seu ombro. – Ei, meu garoto, você pode acordar por um segundo.



John despertou como se estivesse lutando contra uma onda, levantando a cabeça lentamente, as pálpebras sacudindo para cima e para baixo como se houvesse uma corrida de água em seu rosto.

– Hora de se alimentar. – Sem olhar por cima do ombro, Qhuinn fez sinal para Layla estendendo a mão para ela. – Nós precisamos que você se concentre apenas um pouco mais e então vamos deixá-lo sozinho.

A Escolhida pausou... em seguida, se adiantou. Ela tomou a mão estendida lentamente, deslizando sua pele contra Qhuinn e se aproximou com um tipo de beleza tímida que fez Blay sentir pena dela.

Considerando o rubor que de repente se acendeu em suas bochechas, ele teve um sentimento de que, assim como todo mundo, ela parecia que tinha uma queda por Qhuinn.

– John... meu homem? Venha, eu preciso que você preste atenção aqui. – Qhuinn puxou Layla para que a Escolhida se sentasse na cama, e no instante em que ela tinha o olhar sobre John, sua atenção estava toda sobre ele.

– Senhor... – Sua voz era calma e impossivelmente gentil enquanto ela puxava a manga de seu manto. – Senhor, desperte e tome o que eu posso te dar. Você realmente precisa.

John começou negar com a cabeça, mas Qhuinn estava sobre ele. – Você quer ir atrás de Lash? Não vai ser desta forma. Você não pode levantar a sua cabeça... desculpe a linguagem, Escolhida. Você precisa de um pouco de força... Vamos lá, não seja um imbecil, John.

Os olhos diferentes de Qhuinn dispararam para Layla enquanto formava um *desculpe* com a boca. E ela deve ter sorrido para ele, porque por um momento, ele inclinou a cabeça como se houvesse sido golpeado.

Ou talvez ela apenas articulou com a boca algo em resposta.

Tinha que ser isso.

Realmente.

E então, as cabeças de ambos penderam para baixo e Layla arfou quando as presas de John atingiram profundamente e ele começou a tomar o que ela ofereceu. Evidentemente satisfeito, Qhuinn voltou para onde ele tinha estado



sentado e reencheu o copo. Depois que ele tinha bebido metade, ele o estendeu para Blay.

A melhor ideia que alguém havia tido em anos. Blay se posicionou contra o alto espaldar do braço da cadeira, colocando um braço ao longo do topo da coisa enquanto tomou um gole, e depois outro, antes de devolver a tequila.

Eles ficaram assim, compartilhando a bebida enquanto John se alimentava de Layla... E em algum momento durante o processo de ambas as alimentações, Blay foi consciente de que estava colocando os lábios na mesma borda em que Qhuinn bebia.

Talvez fosse o álcool. Talvez fosse o copo. Talvez fosse o fato de que de onde ele estava, a cada respiração que Blay dava sentia o cheiro de Qhuinn...

Ele sabia que tinha que sair.

Ele queria dar apoio a John, mas a cada minuto que passava, ele se inclinava mais perto e... mais perto de Qhuinn. Ao ponto que a sua mão pendurasse na cadeira, ele estava quase que acariciando o cabelo negro e grosso dele.

– Eu tenho que ir, – ele disse bruscamente, devolvendo o copo pela última vez e se dirigindo para a porta.

– Você está bem? – Qhuinn perguntou.

– Sim. Durma bem e se cuide, Layla.

– Você não precisa se alimentar? – Qhuinn exigiu.

– Amanhã.

A Escolhida disse algo agradável e gentil, mas não iria se virar. Não. Não podia virar.

E por favor, Deus, que ele não topasse com ninguém no corredor.

Ele não tinha verificado para ver quão ruim estava, mas sabia quando ele estava excitado... e que era uma coisa que, não importa o quão educado um macho fosse, ele não conseguia esconder em um couro apertado.



Capítulo DEZOITO

No Outro Lado, Payne andava pra lá e pra cá em torno da fonte¹⁰¹ de sua mãe, seus pés fazendo círculos na piscina onde a água caía. Enquanto ela espirrava a água, segurava no alto a sua vestimenta e ouvia os passarinhos coloridos, que pousavam na árvore branca lá no canto. Os pequeninos gorjeavam, voando de galho em galho, bicando um ao outro, agitando as suas penas.

Como diabos podiam achar que tão restrita atividade fazia que valesse a pena acordar a cada dia era algo que ela não fazia ideia.

No santuário não se tinha noção de tempo, e mesmo assim ela desejava um relógio de bolso ou até um relógio despertador para saber o quanto o Rei Cego estava atrasado. Eles tinham uma sessão de posicionamento de luta todas às tardes.

Bem, à tarde pra ele. Pra ela, presa aqui deste lado, era sempre dia.

Ela imaginou quanto tempo exatamente tinha passado desde que sua mãe a tinha libertado daquele congelamento profundo e a tinha permitido um pouco de liberdade. Não havia jeito de descobrir. Wrath começou a aparecer regularmente por volta de... quinze dias atrás e ela havia sido reanimada talvez... bem, muito antes disso. Então, talvez mais de seis meses?

A questão era quanto tempo ela tinha sido guardada congelada a sete chaves – não que ela fosse perguntar a sua mãe. Elas não estavam se falando desde então. Até que aquela fêmea "divina" que lhe tinha dado a luz estivesse preparada para deixá-la sair dali, Payne não tinha nada pra dizer.

Para dizer a verdade, o tratamento do silêncio não parecia estar fazendo nenhuma diferença, mas ela não esperava que fizesse. Uma vez que a sua mãe¹⁰² era a criadora da raça e não respondia a ninguém, nem mesmo ao rei...

Foi relativamente fácil ficar presa em sua própria vida.

¹⁰¹ Nota da Revisora: chafariz.

¹⁰² Nota da Revisora: no original a autora se refere a "mother mare" numa alusão irônica à "Mother Mary", mãe de Jesus, uma vez que mare em inglês significa égua procriadora.



Quando a sua andada de lá pra cá através da fonte aumentou e sua vestimenta começou a ficar molhada, ela saltou para fora da piscina e correu ao redor, os punhos a sua frente, socando o ar.

Ser uma boa e obediente Escolhida não lhe era concebível, e esta era a raiz de todos os problemas entre ela e sua mãe. Oh, desperdício! Oh, desapontamento!

Oh! Supere, querida mamãe!

Aquelas normas de comportamento e crença eram pra outra pessoa. E se a Virgem Escriba estava procurando por outro fantasma de manto para andar por aí em silêncio pelas salas climatizadas, ela devia ter escolhido um outro pai para seus filhos.

A característica vital de Bloodletter estava em Payne, os traços de seu pai seriam passados até a geração seguinte...

Ao se virar, Payne encontrou o punho de Wrath vindo em sua direção, com um bloqueio de antebraço e uma tesoura, chutou o fígado dele. O rei foi rápido em retaliar, e o cotovelo em forma de martelo que se voltou para ela era um choque esperando para acontecer.

Um desvio rápido a fez perder o equilíbrio. Um outro chute dela fez o rei dar um salto pra trás – embora fosse cego, ele tinha uma habilidade infalível para saber exatamente onde ela estava no espaço.

O que significava que ele iria adivinhar que ela atingiria o seu flanco. Na verdade, ele já estava girando o seu peso em volta, pronto para socá-la nas costas com a sola dos pés.

Payne mudou de ideia, jogou-se no chão, e com as duas pernas o pegou pelo tornozelo, fazendo-o perder o equilíbrio. Um movimento rápido para a direita e estava fora do caminho de seu corpo enorme e cambaleante, outro salto e ela foi trancada pelas costas dele quando ele caiu duro, com o pescoço preso em um estrangulamento na dobra do cotovelo. Para ganhar vantagem extra, ela pegou seus próprios pulsos e usou seus outros bíceps contra a garganta dele.

A maneira do rei de lidar com isso? Ele a golpeou.



Sua incrível força bruta lhe deu o poder para aguentar o peso dos dois e levantar. Então isso ocasionou um salto no ar que os fez aterrissar com ela por baixo, achatada sobre o mármore.

Um inferno de cama tipo plataforma – ela podia sentir seus ossos praticamente se torcendo.

No entanto, antes de tudo, o rei era um macho de valor, e em deferência à sua musculatura inferior, ele nunca a manteve por baixo por muito tempo. O que a irritava. Ela preferia uma disputa de habilidades sem barreiras, mas havia diferenças entre os sexos que não eram negociáveis e os machos eram simplesmente maiores e, por consequência, mais fortes.

Por mais que ela se ressentisse do fator biológico, não havia nada para ser feito a esse respeito.

E cada vez que devido a sua velocidade superior ela conseguia acertar um bom golpe nele, era muito, muito, muito bom.

O rei foi ágil quando se pôs de pé e virou-se, seus longos cabelos negros formando um círculo antes de descansar em seu *judogi*¹⁰³ branco. Com as lentes escuras cobrindo os olhos e os enormes músculos, ele era magnífico, o melhor da linha de sangue vampírico puro, sem mistura humana ou qualquer outra coisa.

Isso era parte do seu problema. Ela tinha ouvido que a sua cegueira era resultado de todo aquele sangue puro.

Quando Payne se levantou, suas costas tiveram um espasmo, mas ela ignorou a dor aguda e encarou seu oponente novamente. Desta vez, foi ela que se adiantou, perigosa e afiada, e para um macho cego, a habilidade de Wrath de se esquivar era bastante impressionante.

Talvez seja por isso que ele nunca havia se queixado dos danos sofridos. Mas eles pouco se falavam, o que estava ótimo pra ela. Embora quisesse saber de que forma era sua vida lá no Outro Lado.

Como ela invejava sua liberdade.

¹⁰³ Nota da Revisora. Judogi é o nome do traje típico para a prática de judô. Tradicionalmente é branco, mas a cor azul já está sendo aceita também. Aqui, esta expressão está no sentido de kimono, uma vez que os dois não estão praticando apenas judô.



Eles continuaram com a luta, indo ao redor da fonte, depois pelas colunas e atravessando a porta que dava no santuário. E voltavam. E iam de novo.

Os dois estavam machucados e sangrando no final da sessão, mas isso não os incomodava. Assim que as suas mãos caíssem para os lados e nenhum outro golpe fosse trocado, as lesões iriam começar a se curar.

O último murro dado foi dela e foi um direto, pegando o queixo do rei e jogando a sua cabeça pra trás, fazendo o cabelo dele voar novamente.

Eles sempre pareciam concordar, sem pronunciar nenhuma palavra, quando era hora de parar.

Ambos se acalmaram andando um ao lado do outro até a fonte, alongando seus músculos, estalando seus pescoços de volta ao lugar. Juntos, eles lavaram os rostos e punhos na água clara e limpa e se secaram em toalhas macias que Payne havia pedido para ter sempre a mão.

Apesar de trocarem golpes e não palavras, ela começou a pensar no Rei como um amigo. E confiar nele como um.

Era a primeira vez que ela tinha um.

E era realmente só amizade. Mesmo que ela pudesse admirar os seus consideráveis atributos físicos, não havia nenhuma fagulha de atração entre eles, e isto era parte da razão pela qual o acordo funcionava. Ela não estaria confortável com qualquer outro jeito.

Não, ela não estava interessada em nada sexual vindo dele ou de qualquer outra pessoa. Vampiros machos tinham a tendência de tomar o controle, especialmente os de raça. Eles não podiam evitar – era, mais uma vez, uma questão do sangue determinar o comportamento. Ela já tinha o bastante de alguém opinando sobre a sua vida. A última coisa que ela precisava era de outro.

— Você esta bem? – Wrath perguntou enquanto eles sentavam na borda da fonte.

— Sim. Você? – Ela não se importava se ele sempre perguntasse se ela estava bem. Nas primeiras vezes isto a tinha ofendido – como se ela não pudesse aguentar as dores pós-luta? Mas então ela percebeu que isso nada tinha a ver com o seu sexo – ele iria perguntar pra qualquer um que tenha se esforçado tanto quanto ele.



— Eu me sinto ótimo. — Ele disse, seu sorriso revelando presas tremendas.
—Aquele golpe com o braço no começo foi estupendo, por falar nisso.

Payne sorriu tanto que suas bochechas doeram. O que era outra razão pra ela gostar de estar com ele. Como ele não podia ver, não havia motivo pra esconder suas emoções e nada a deixava mais radiante do que ele dizendo que ela o havia impressionado.

— Bem, Sua Alteza, seus golpes sempre me matam.

Agora ele estava sorrindo ainda mais e ela ficou momentaneamente tocada porque o seu elogio significava alguma coisa pra ele.

— Um peso morto tem a sua utilidade — ele murmurou.

Abruptamente, ele se virou pra ela, os óculos escuros que ele sempre usava a fazia pensar, mais uma vez, que ele parecia cruel. E ele ainda provava, uma e outra vez, que não era o caso.

Ele clareou a garganta. — Obrigada por isso. As coisas não estão boas em casa.

— Como assim?

Agora ele desviou o olhar, como se encarasse o horizonte. O que era como um jeito de escapar, quando ele queria esconder as suas emoções das pessoas.

— Nós perdemos uma fêmea. O inimigo a tem. — Ele balançou a cabeça — E um de nós esta sofrendo por isso.

— Eles eram vinculados?

— Não... mas ele esta agindo como se fossem — O rei deu de ombros — Eu não percebi a conexão entre eles. Todos nós não percebemos. Mas... estava lá e veio com tudo hoje.

Uma ânsia, lá do fundo, pelos problemas da vida terrena, que eram traumáticos, mas vívidos, a fez se aproximar.

— O que aconteceu?

O rei puxou o seu cabelo pra trás, seus cílios se mostrando sombrios contra sua pele marrom dourada . — Ele despedaçou um *lesser* hoje. Despedaçou o bastardo.



— Era o trabalho dele não?

— Não foi no campo de batalha. Foi na casa onde eles a mantinham prisioneira. O bastardo deveria ser usado para interrogatório, mas John simplesmente abateu o bastardo. John é um bom garoto... mas essa coisa de merda de macho vinculado... pode ser fatal e não de um jeito bom, entende?

Memórias de estar no Outro Lado, de corrigir os erros e de lutar, de —

A Virgem Escriba apareceu pela porta do seu quarto privado, a vestimenta preta flutuando levemente sobre o chão de mármore.

O rei ficou de pé e se inclinou... e ainda, de algum jeito, não parecia nem um pouco subserviente. Outra razão pra ela gostar dele.

— Querida Virgem Escriba.

— Wrath, filho de Wrath.

E... pronto. Como não se pode perguntar nada à mãe da raça, e a mãe de Payne permaneceu em silêncio, não havia nada a não ser ar passando.

Sim, porque — o destino nos preserva — você não ia querer aborrecer aquela fêmea com qualquer questionamento. E ficou claro porque a interrupção havia ocorrido: sua mãe não queria qualquer contato entre Payne e o mundo lá fora.

— Eu vou me retirar agora — Payne disse ao rei. Porque ela não seria responsável pelo o que saísse de sua boca se sua mãe tivesse a ousadia de dispensá-la.

O rei estendeu o punho.

— Adeus. Amanhã?

— Com prazer. — Payne bateu seu punho contra o dele, como ele a ensinou que era costume, e foi para a porta que dava ao santuário.

Do outro lado dos painéis brancos, o verde brilhante da grama foi um choque para seus olhos e ela piscou enquanto passava pelo Templo do Primale até o quarto das Escolhidas. Flores amarelas, rosa e vermelhas cresciam aleatoriamente nas moitas, tulipas alegres misturavam-se com junquinhos e íris.

Todas eram flores da primavera, se ela se recordava do seu breve tempo na Terra.



Era sempre primavera aqui. Sempre na beira, nunca alcançando o pleno esplendor e calor impetuoso do verão. Ou pelo menos... o que ela havia lido como era o verão.

O prédio de colunas onde as Escolhidas residiam era dividido em cubículos que oferecia o mínimo de privacidade aos seus moradores. O espaço em sua maioria estava vazio agora, e não apenas porque as Escolhidas eram uma espécie em extinção. Desde que o Primale as havia 'libertado', a coleção privada de 'fantasmas-faz-nada' da Virgem Escriba havia reduzido, graças às viagens para o Outro Lado.

Surpreendentemente, nenhuma delas tinha escolhido não ser mais Escolhida – mas diferente de antes, se elas fossem para a casa privada do Primale, era-lhes permitido voltar ao santuário.

Payne foi diretamente para os banheiros, e estava aliviada por estar sozinha. Ela sabia que suas "irmãs" não entendiam o que ela fazia com o rei e ela só queria aproveitar o relaxamento depois dos exercícios sem se sentir observada.

A suíte de banho comunitária foi criada sobre um majestoso espaço de mármore, a enorme piscina marcada com uma cachoeira na extremidade. Como todas as coisas no santuário, as leis da racionalidade não se aplicavam: a água, correndo, derramando sobre os lábios de pedra branca era sempre limpa, sempre fresca, mesmo sem origem e drenagem evidente.

Tirando sua vestimenta, que ela tinha adaptado especialmente de modo a combinar com o *judogi* de Wrath, como ele chamava, entrou na piscina ainda com a roupa de baixo. A temperatura era sempre perfeita... e a fez desejar por um banho em que a água estivesse muito quente ou muito fria.

No centro da maravilhosa piscina de mármore, a água era funda o bastante para nadar, e seu corpo relaxou pelo alongamento dos músculos.

Sim, essa era mesmo a melhor parte das sessões. Tirando quando ela dava um bom golpe em Wrath.

Quando ela chegou até a cachoeira, ela soltou o cabelo. Era mais longo do que o de Wrath, e ela aprendeu, não só a trançá-lo, mas a enrolá-lo à base do pescoço, caso contrário era como se desse a ele uma corda para puxá-la ao seu redor.



Sob a água caindo, sabão com cheiro doce esperavam por suas mãos, e ela usou um inteiro. Quando se virou para enxaguar, descobriu que não estava mais sozinha.

Mas pelo menos, a figura de manto preto que mancava não era sua mãe.

— Saudações – Payne chamou.

No'One acenou, mas não respondeu, como era do seu feitio, e Payne abruptamente se arrependeu de ter deixado sua vestimenta no chão.

— Eu posso pegá-lo – ela disse, sua voz ecoando pela caverna.

No'One simplesmente negou com a cabeça e pegou a roupa. A empregada era tão adorável e quieta, fazendo suas obrigações sem reclamar mesmo tendo uma espécie de incapacidade.

Mesmo que ela nunca falasse, não era difícil adivinhar qual era sua triste história.

Mais uma razão para desprezar, Ela, a que tinha dado origem à raça, Payne pensou.

As Escolhidas, como a Irmandade da Adaga Negra, foram criados dentro de determinados parâmetros com um certo resultado pretendido. Considerando que os machos deviam ter o sangue forte, serem robustos, agressivos e dignos no campo de batalha, as fêmeas foram calculadas para serem inteligentes e centradas, capazes de controlar os instintos mais primitivos dos machos e civilizar a raça. Yin e Yang¹⁰⁴. Duas partes de um todo, com a exigência da alimentação a base de sangue assegurando que os sexos estivessem unidos para sempre.

Mas nem tudo estava bem no esquema divino. A verdade é que a consanguinidade gerava problemas e, embora no caso de Wrath as leis, estipulavam que, como filho do rei, devia assumir o trono com ou sem deficiência, as Escolhidas não tinham essa sorte. Os defeitos eram rejeitados pelas leis de reprodução. Sempre tinha sido. E assim alguém como No'One, que era deficiente física, foi relegada para servir suas irmãs sob um manto... uma vergonha que se escondia e da qual não se falava, mas no entanto era contemplada com "amor".

¹⁰⁴ Nota da Revisora. Yin e Yang, na filosofia chinesa, representa o princípio da dualidade. Yin é o princípio passivo, noturno, frio, feminino. Yang é o princípio ativo, diurno, quente, masculino.



Ou soava mais como "piedade".

Payne sabia perfeitamente como a fêmea devia se sentir. Não sobre o defeito físico, mas sobre ser relegada a uma expectativa que você não conseguiria viver.

E falando de expectativa.

Layla, outra Escolhida, entrou na sala e tirou o seu manto, entregando-o a No'One com o sorriso gentil que era sua marca registrada.

A expressão foi perdida quando ela baixou os olhos e entrou na água. De fato, a fêmea parecia estar presa em pensamentos que não eram agradáveis.

— Saudações, irmã. — Payne disse.

A cabeça de Layla levantou e ela ergueu as sobrancelhas.

— Oh... realmente eu não sabia que você estava aqui. Saudações, irmã.

Depois disso a Escolhida se curvou profundamente, sentando-se em um dos bancos submersos, e apesar de Payne não ser do tipo conversadeira, algo sobre o denso silêncio ao redor da fêmea a inquietou.

Terminando de se lavar, ela nadou e se sentou ao lado de Layla, que limpava as perfurações em seu pulso.

— Quem você alimentou? — Payne perguntou.

— John Matthew.

Ah, sim, o macho a quem o rei se referia.

— Foi como deveria ser?

— De fato. É... de fato foi.

Payne apoiou sua cabeça contra a borda da piscina e encarou à beleza loira da Escolhida. Depois de um momento ela murmurou para a fêmea.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro que sim.

— A razão da sua tristeza. Sempre quando você... sempre você volta em sofrimento.





Mesmo que ela soubesse. Para uma fêmea ser forçada a fazer sexo e alimentar só porque era uma tradição, isso era uma violação inaceitável.

Layla olhou fixamente para as marcas em sua veia com uma espécie de interesse desapaixonado, como se ela estivesse confundindo as feridas. E então ela balançou a cabeça.

— Não vou lamentar a glória que me foi dada.

— Glória? Certamente, você parece ter sido dada a outra coisa completamente diferente.

Estava mais para uma maldição.

— Oh, não, é uma glória estar neste serviço.

— De verdade, não se esconda atrás de tais palavras quando seu rosto desmente seu coração. E como sempre, se carrega críticas contra a Virgem Escriba em seus lábios, sente-se comigo – Quando um par de olhos verdes pálidos se levantou em choque para ela, Payne deu de ombros – Eu nunca fiz segredo de como me sentia. Nunca...

— Não... certamente você não fez. Só parece tão...

— Vulgar? Impróprio? – Payne estalou os dedos – Que pena.

Layla exalou longa e demoradamente. – Eu fui propriamente treinada, você sabe. Como uma *ehros*.

— E é disso que você não gosta.

— Isso é o que eu não sei, mas eu queria saber.

Payne franziu a testa duramente — Você não é usada?

— Certamente que não, eu fui negada por John Matthew na noite de sua transição depois de ajudá-lo na mudança. E quando eu vou alimentar aos Irmãos, eu nunca sou tocada.

— Me perdoe... – ela estava ouvindo direito? – Você *quer* ter sexo com um deles.

O tom de Layla se tornou cortante. — Com certeza, você, de todas as minhas irmãs, entende o que é ser nada além de um potencial.



Bom... ela tinha entendido tudo errado. — Com todo o respeito, não consigo entender o porquê de você querer... isso... com um daqueles machos.

— Por que não iria querer? Os Irmãos e aqueles três jovens machos são lindos e criaturas *phearsome* de força. E com o Primale nos deixando todas sem serviço... — Layla sacudiu a cabeça. — Ter sido bem ensinada, ter visto descrito nos livros, e havendo lido sobre o ato... Eu quero experimentar por mim mesma. Mesmo que seja só por uma vez.

— Para falar a verdade, eu não tenho a mínima vontade. Nunca tive, e acho que nunca terei. Prefiro lutar.

— Então eu a invejo.

— Oh?

Os olhos de Layla pareceram velhos — Bem melhor não ser interessada do que insatisfeita. Um é um alívio. O outro um vazio muito grande.

Quando No'One apareceu com uma bandeja de frutas cortadas e suco fresco, Payne disse: — No'One, você não irá se juntar a nós?

Layla sorriu para a empregada. — É verdade, por favor, junte-se a nós.

Com uma sacudida de cabeça e uma reverência, No'One simplesmente deixou o que ela tinha feito com tanto empenho e foi cuidar das suas obrigações, mancando pela piscina e saindo da suíte de banhos.

O cenho franzido de Payne se manteve enquanto ela e a Escolhida Layla caíam em silêncio. Pensando sobre o que havia sido falado, era difícil entender como elas podiam ter opiniões tão contrárias... e, ainda assim, as duas estarem certas.

Pelo bem de Layla, Payne desejava estar errada; que decepção seria esperar tanto por algo que está muito, muito longe de acontecer.





Capítulo DEZENOVE

— Uma fêmea...

A voz suave e ressoante do Omega chegava mais longe do que seu volume sugeria, as duas palavras ocupando cada canto da sala de pedra lisa, que formava sua câmara privada

Lash fez seu melhor para aparentar indiferença enquanto apoiava-se despreocupadamente contra uma das paredes pretas.

— Preciso dela para que me sirva com sangue.

— Você precisa.

— É a biologia.

Em sua túnica branca, o Ômega parecia uma figura atordoante no modo como deslizava pelo espaço. Com seu capuz posto, os braços cruzados e as mãos escondidas em suas mangas onduladas, parecia o bispo do jogo de xadrez.

Exceto, claro, que aqui em baixo ele era o rei.

A área de recepção do mal era do tamanho de um salão de baile e enfeitado como um, com abundantes lustres e candelabros pretos que sustentavam uma legião de velas negras. Estava longe do austero, no entanto. Em primeiro lugar, dos pavios brotavam chamas vermelhas. E ainda por cima as paredes e o piso e o teto eram feitos de um extraordinário mármore que Lash nunca tinha visto. De um ângulo era preto, de outro era vermelho sangue metálico e como a iluminação flamejava constantemente, você tinha ambas as cores de uma só vez ao seu redor.

Não era difícil entender o porquê da decoração. Dado ao guarda-roupa do Ômega, o qual se limitava a essas coisas que pareciam cortina de neve, ele era o foco principal, o único que se destacava. O resto era pano de fundo.

Ele fugiu de um mundo como esse, também

— E será uma parceira para você, meu filho? — perguntou O Ômega do outro lado da sala.

— Não. — Lash mentiu. — Apenas uma fonte de sangue.



Não se dava ao Ômega mais informações do que devia: Lash era bem ciente de como seu pai poderia ser inconstante, e se manter fora-do-radar era a chave.

— Eu já não lhe dei força suficiente?

— Minha natureza vampira é o que é.

O Ômega virou e enfrentou Lash. Depois de uma pausa, aquela voz distorcida sussurrou.

— Certamente. Acho que essa é a verdade.

— Eu a trarei para você. — Lash disse, se ajeitando na parede. — Para casa da fazenda. Hoje à noite. Você a transformará e eu terei o que preciso.

— E eu não posso fornecer isso para você?

— Você estaria me fornecendo. Você a inicia e eu tenho a fonte de sangue necessária para me dar energia.

— Então você diz que está fraco?

Maldito, devia ser óbvio que estava. O Ômega podia sentir as coisas, e seguramente já devia fazer um tempo que se notava sua fraqueza.

Quando Lash ficou quieto, o Ômega deslizou para frente até estarem olho a olho.

— Eu nunca induzi uma fêmea.

— Ela não teria de estar na Sociedade Lesser. Ela seria apenas para mim.

— Para você.

— Não há razão para tê-la lá fora lutando.

— E essa fêmea. Você já escolheu.

— Eu tenho. — Lash riu brevemente, pensando em Xhex e o dano que ela era capaz de fazer.

— Tenho certeza que você vai aprová-la.

— Você tem tanta certeza.

— Tenho muito bom gosto.





Tudo ao redor, as chamas vermelhas tremeram em seus pavios como se uma brisa houvesse soprado.

Abruptamente, o capuz do Ômega caiu, revelando uma face sombria, translúcida que tinha ângulos como a versão carne e osso de Lash.

— Retorne de onde veio, — O Ômega pronunciou com sua escuridão, levantando a mão esfumaçada. Como um toque na bochecha de Lash, o mal girou. — Retorne de onde veio.

— Eu o encontrarei ao anoitecer, — Lash disse — Na casa da fazenda.

— Ao. Anoitecer.

— Você prefere que seja mais tarde? Tipo lá pela uma. Nós nos veremos então.

— Você me verá, sem dúvida.

— Obrigado, Pai.

Com o Ômega flutuando pelo chão, com o capuz de volta no lugar por sua própria vontade, um painel deslizou abrindo um caminho. Um momento depois Lash estava sozinho.

Tomou uma respiração profunda, esfregou o rosto e olhou ao redor, todas as chamas vermelhas e as paredes espetaculares. De certa forma o lugar era como uma espécie de útero.

Com um flash de vontade, Caiu fora do *Dhunhd* e voltou ao pequeno e sólido rancho que havia usado como plataforma de lançamento. Quando despertou em sua forma corpórea, ele odiou o fato de estar deitado em um sofá que tinha folhas de outono em sua capa. E Deus, o forro do tecido parecia como o pelo de cachorro... e cheirava mal como um, de verdade.

Assumindo que o fodido quadrúpede tinha rolado em um cinzeiro úmido.

Erguendo a cabeça, puxou a camisa até o pescoço. Ainda lá. As lesões ainda estavam visíveis e cada vez maiores. E se sentia como um asno.

Suas mãos tremia enquanto ficava na posição vertical, e quando conferiu seu telefone, não viu nenhuma chamada. Nenhum correio de voz do Sr. D e de nenhum outro assassino informando. Ambos faziam sentido. Todos e tudo



estavam encaminhados pelo seu segundo em comando, pelo qual se o FDP havia reprimido isso, a Sociedade não poderia encontra Lash.

Talvez o pequeno Texano tenha sido muito bom como um PA¹⁰⁵.

Com a fome que incitava, arrastou-se até a cozinha e abriu a porta do refrigerador. Vazio. Exceto pela caixa de Arm & Hammer, refrigerante de soda que deve ter sido usado no sofá.

Batendo a porta da Frigidaire¹⁰⁶, ele sem dúvida desprezava o mundo e tudo aquilo – embora isso era principalmente pelo fato de não ter seus ovos e bacon lhe esperando.

Os bens imobiliários de ínfima qualidade podiam fazer isso a um cara. A casa do rancho era uma nova aquisição e ele só havia ido ali uma vez antes – inferno, nem mesmo o Sr. D sabia que a Sociedade possuía aquilo. A coisa era assim, Lash a havia resgatado da execução hipotecária, porque eles iriam precisar de lugares para fazer a metanfetamina e o POS¹⁰⁷ tinha um porão grande. Impressionante que quem a tinha possuído não pode cobrir os custos da hipoteca. A vadia estava a um passo acima de um alpendre.

Talvez meio passo.

Dirigiu-se para garagem e foi um fodido alívio ao estar de volta a sua Mercedes... embora ele sentisse mortificado ao ter que passar por um drive-thru¹⁰⁸ do *McDonald's* em busca de um *Egg McMuffin* e um café. Inclusive, ele teve de esperar na fila juntamente com um bando de sujeitos em caminhões, mães em minivans.

Enquanto voltava para seu triplex¹⁰⁹, seu humor se afundou ainda mais em território Manson¹¹⁰... e se deparou completamente na fossa quando entrou na garagem. A porta ainda estava aberta, mas o Lexus já não estava.

¹⁰⁵ Assistente pessoal.

¹⁰⁶ Marca de refrigerador.

¹⁰⁷ Piece of shit = pedaço de merda.

¹⁰⁸ Por vias das dúvidas, drive-thru é aquela janela ao lado de locais de fast food onde você pode pegar alimentos, sem deixar o seu carro *-*

¹⁰⁹ Brownstone são aquelas construções bem a cara do Brooklyn, traduzi com triplex. <http://www.citydictionary.com/NY/New-York/brownstone/359/>

¹¹⁰ Aqui ele está fazendo uma referência a Charles Manson, que foi fundador, mentor intelectual e líder de um grupo que cometeu vários assassinatos, entre eles o da atriz Sharon Tate, esposa do diretor Roman Polanski. Manson declarou durante seu julgamento o ódio profundo que sentia pela Humanidade. A promotoria se referiu a ele como “o homem mais maligno e satânico que já caminhou na face da terra”.



Estacionou o Mercedes debaixo da cobertura, fechou a coisa com o controle remoto e saiu. O jardim na parte de trás estava relativamente tranquilo, mas ele podia sentir o cheiro do *lesser* no instante em que...

Parado no terraço seu olhos dispararam para o segundo andar. Oh Deus...

Carregado pelo pânico, Lash começou a correr a plena velocidade e tomou a entrada traseira mais rápido do que nunca, estourando a porta...

Seus sapatos escorregaram em algo enquanto ele via o massacre. Jesus... Cristo... *Sua cozinha*.

O lugar parecia que tinha sido tingida com um banho de óleo. E inferno, não tinha muito do Sr. D. O torso do assassino estava no meio da cozinha, como uma ilha, mas seus braços e pernas estavam espalhados por toda parte... e seu órgão digestivo estava como um macramé¹¹¹ pendurado nos puxadores dos armários.

Por algum milagre, a cabeça do cara ainda estava ligada e seus olhos bem abertos, sua boca começou a mover-se quando viu que já não estava sozinho; um apelo gutural saiu de seus lábios lustrosos com sangue negro.

— Seu bastardo fodido. — Lash cuspiu-lhe — Olhe pra você, pelo amor de Deus!

E Deus, ele tinha problemas maiores que o fato de que seu segundo ao mando houvesse sido esquartejado. Saltou por cima da bagunça, passou pela sala de jantar e correu até a escada. Estourou no quarto que compartilhava com Xhex, e encontrou nada mais que um monte de vazio...

E a janela com um buraco.

— Filha da puta.

Olhando ao redor, através da porta aberta viu a marca na parede do corredor. Debruçando-se, apertou o nariz contra o papel de parede e inalou. Seu cheiro estava nas fibras do papel. Ela havia fugido a base de força física.

No entanto, ela ainda estava no quarto enquanto o Sr. D tinha sido atacado. Os Irmãos teriam voltado e ajudaram-na a sair?

¹¹¹ O Macramé é uma técnica de tecer fios que não utiliza nenhum tipo de maquinaria ou ferramenta, um trabalho manual. <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/23/Macrame.jpg>



Uma passada rápida pela casa e o humor de Lash foi de ruim para tóxico. O laptop tinha ido. Celulares desaparecidos.

Filho da puta.

Na cozinha, dirigiu-se para a despensa para pegar o...

— Oh, foda-me!

Ajoelhando, verificou que o painel tinha sido quebrado e aberto. Seu esconderijo tinha ido, também? Como inferno eles tinham encontrado?

Então, novamente o Senhor D. parecia para ele uma aula de anatomia. Talvez ele tivesse dedurado. O que significava que Lash não poderia ter certeza se seus outros endereços estavam comprometidos.

Em uma explosão de raiva, levantou o punho e pegou a primeira coisa que estava ali.

Um maciço vidro de azeitonas.

A coisa quebrou, o líquido derramou pelo lugar, aqueles pequenos olhos batendo no chão e rolando para liberdade em todas as direções.

Lash entrou com tudo de volta a cozinha indo para o Sr. D. Aquela boca sangrenta começou a trabalhar novamente, a luta lamentável era definitivamente nauseante.

Chegando ao balcão, Lash extraiu uma Henckel's¹¹² segurou no cabo, e abaixou.

— Você disse alguma coisa?

Quando o Sr. D sacudiu a cabeça, Lash encarou os olhos do cara. O branco estava escurecido em um tom de cinza e as pupilas estavam tão dilatadas ao ponto de quase não haver íris. Embora parecesse estar à beira da morte, abandonado a sua sorte, Sr. D definharia e apodreceria para sempre naquela condição. Havia só um modo de “matá-lo”.

— Você tem certeza? — Lash murmurou. — Mesmo quando lhe arrancaram o braço do lugar?

¹¹² Marca de faca.



A boca do Sr. D moveu, alguns sons guturais como comida molhada de cachorro caindo em uma lata.

Como uma maldição, Lash apunhalou o peito vazio do *lesser*, se livrando de pelo menos uma parte da bagunça. O pop e flash desvaneceram rapidamente e em seguida, Lash fechou-se dentro, trancando a porta traseira antes de ir ao segundo andar novamente.

Demorou meia hora para arrumar as malas, e enquanto descia as escadas carregando seis malas Prada, ele não conseguiu se lembrar de quando já teve de carregar sua própria bagagem.

Depois de enfileirar sua carga nas escadas traseiras, ativou o alarme de segurança, trancou e arrastou sua merda para a Mercedes.

Enquanto se afastava dirigindo, odiou a ideia de voltar ao fodido rancho. Mas no momento, não tinha opção – e tinha outras coisas para ocupar sua fodida atenção antes de pensar no lugar onde viveria.

Ele precisava encontrar Xhex. Se ela saiu sozinha, não havia nenhuma possibilidade dela ter ido longe. Ela estava muito fraca. Assim, a Irmandade tinha que ter levado-a.

Jesus Cristo... Com seu pai aparecendo em algumas horas para a indução, ele teria de achá-la logo. Ou isso, ou encontrar alguém que pudesse fazer.

A batida que despertou John foi uma verdadeira batida, do tipo com nós dos dedos e tudo. Um verdadeiro exagero, barulhento como um disparo.

No instante em que ouviu, ele estava totalmente desperto. Enquanto esfregava os olhos, assobiou um “entre” e rezou para não ser nada, mas Qhuinn, com uma bandeja da Primeira Refeição.

A porta não foi aberta.

John franziu a testa e deixou cair às mãos.



Pôs-se de pé, pegou um par de jeans e puxou-os até os quadris, em seguida, aproximou-se e...

Wrath estava de pé na porta com George do seu lado, e ele não estava sozinho. Os meninos e Rehvenge estavam com ele, assim como todos os outros irmãos, inclusive Tohr.

Oh... Deus... Não.

Suas mãos assinalaram rápido mesmo com seu coração parado em seco.

Onde o corpo foi encontrado?

— Ela está viva, — Rehvenge respondeu enquanto segurava um celular. — Eu apenas recebi a mensagem. Tecle quatro.

John precisou um segundo para processar a informação. Então, agarrou o celular da mão do macho e pressionou a tecla. Houve um beep e, em seguida...

Putá merda... Sua voz. *Sua voz.*

— *Rehv... Eu estou fora. Eu saí.* — Houve um baixo e profundo suspiro. — *Eu estou bem. Estou intacta. Estou fora.* — Longa pausa. A tal ponto que John estava prestes a verificar para ver se o... — *Eu preciso de algum tempo. Estou segura... Mas não vou voltar por mais um pouco. Preciso de algum tempo. Diga a todos... conte... a todo mundo. Estarei em contato.* — Outra pausa e, em seguida, sua voz cresceu mais forte ao ponto da raiva. — *Assim que eu puder... Lash é meu. Você me entendeu? Ninguém vai pegá-lo a não ser eu.*

A mensagem terminou.

John teclou quatro novamente e escutou.

Depois da segunda vez, entregou a coisa de volta a Rehv e encontrou aqueles olhos ametistas. Ele estava bem consciente que Rehv tinha estado próximo de Xhex por anos e anos. Sabia que o cara não apenas compartilhava experiência com ela, mas o sangue *symphath* que, em muitos aspectos, mudava tudo. Sabia que o macho era mais velho e mais sábio e toda essa merda.

Mas quando se tratava dela, o macho vinculado que havia em John os deixava em pé de igualdade.

Inclusive lhe dava vantagem.



Para onde ela iria? Ele assinalou.

Após Qhuinn traduzir, Rehv assentiu.

— Ela tem uma cabana de caça cerca de quinze milhas ao norte daqui. No rio Hudson. Estou pensando que é onde ela está. Ela teria acesso a um telefone lá e é seguro. Eu vou até ao anoitecer sozinho. A menos que você se junte a mim.

Ninguém parecia surpreso com a troca de palavras... Mas em seguida, John percebeu que seu segredo já era conhecido. Depois da maneira como ele se comportou no quarto daquele triplex – para não falar de como tinha rasgado o *lesser*, todos sabiam como ele se sentia sobre Xhex.

Essa era a razão pelo grupo ter ido. Eles estavam reconhecendo seu status, prestando-lhe o devido respeito. Os direitos e os limites de um macho vinculado eram respeitados quando dizia respeito as suas fêmeas.

John olhou para Qhuinn e assinalou, *Diga a ele que vou.*

Depois que o rapaz traduziu, Rehv concordou com a cabeça e então virou para Wrath.

— Vou com ele e só ele. Ele não pode levar Qhuinn. Vamos ter problema suficiente com ela quando nós dois chegarmos sem termos anunciado.

Wrath amaldiçoou.

— Maldição, Rehv...

— Ela está em risco de fugir. Já passei isso antes com ela. Qualquer aparição, ela entra em parafuso e não vai ligar de novo. Além disso, John aqui... ele vai me seguir de qualquer maneira, não vai, filho?

John não hesitou em concordar com a cabeça.

Enquanto Quinn amaldiçoava com um filho da puta, Wrath agitava a cabeça.

— Por que inferno eu lhe dei ele como um *ahstrux*...

Houve um tempo de tenso silêncio, durante o qual o rei avaliou John e Rehv. Então disse:



— Oh, que diabos, está bem... eu vou deixá-lo ir sem seu guarda por agora, mas você não enfrenta o inimigo. Você vai à cabana, só lá, e depois você volta e pega Qhuinn antes de voltar ao campo. Estamos claros?

John assentiu e voltou-se para o banheiro.

— Dez minutos. — Rehv disse. — Você tem dez minutos e estamos saindo.

John estava pronto em quatro, e no andar de baixo andando no hall de entrada, em seis.

Ele estava totalmente armado, de acordo com o protocolo, e coberto com couro protetor. E ainda mais que isso, ele se sentia vivo ao ponto da insanidade, o sangue zumbindo com a intensidade de um tornado.

Enquanto andava, sentia os olhares nele. Partindo da sala de bilhar. Da sala de jantar. De lá de cima da sacada do segundo andar. Bocas silenciosas, mas olhos que não perdiam nada.

A Irmandade e os outros moradores estavam claramente vacilantes com a sua conexão com Xhex e ele acreditava poder entender. Surpresa! Ele havia se vinculado a uma *symphath*.

Mas você não pode escolher por quem vai cair apaixonado... ou mudar seus sentimentos por alguém que não te corresponde.

Deus, não que essa parte importasse. *Ela estava viva!*

Rehvenge desceu a escada principal, a bengala vermelha batendo no carpete, um passo de cada vez, seu pé direito vindo na frente.

Vindo até John, apenas acenou com a cabeça e abriu caminho para o hall. Juntos, atravessaram e penetraram na noite fria.

O ar cheirava a limpo, terra descongelada.

O perfume da primavera. O aroma da esperança e do renascimento.

Caminhado até o Bentley, John encheu os pulmões com a fragrância e prendeu lá porque se dizia que Xhex faria a mesma coisa ainda nesta mesma noite.

E não porque estaria enterrada.



Lágrimas arderam em seus olhos enquanto a gratidão inundava através de cada veia que ele tinha, bombeado por um coração cantante.

Ele não podia acreditar que a veria... Deus, vê-la novamente. Olhar seus olhos bronze, — Iria...

Merda, seria difícil não lançar os braços ao redor dela e segurá-la até amanhã de manhã. Ou talvez até semana que vem.

Quando entraram no carro, Rehv girou a ignição, mas não o colocou em movimento. Ele olhava além do para-brisa para o caminho de paralelepípedos à frente.

Como uma voz calma disse.

— Há quanto tempo isto está acontecendo com você? Com ela.

John pegou um pequeno bloco que tinha levado e escreveu.

Desde o momento em que a vi pela primeira vez.

Depois de Rehv ler o rabisco, franziu o cenho.

— Ela sente o mesmo?

John não deixou seus olhos baixarem enquanto balançava a cabeça. Não fazia sentido esconder a merda. Não com um *symphath*.

Rehv assentiu com a cabeça uma vez.

— Típico dela. Maldição... Certo, vamos fazer isso.

Com um rugido, eles saíram à noite.



Capítulo VINTE

Esperança era uma emoção traiçoeira.

Já haviam passado duas noites desde que Darius finalmente entrou na casa da família da fêmea sequestrada, e conforme a grande porta se abria pra ele e Tohrment, eles foram recebidos por um doggen cujos olhos estavam cheios de uma trágica esperança. Na verdade, a expressão do mordomo era quase de veneração, evidentemente acreditava estar dando as bem-vindas aos salvadores da casa de seu amo, e não mortais.

Somente o tempo e os caprichos da fortuna confirmariam se sua fé era boa — ou se estava fora de lugar.

Com espontaneidade, Darius e Torhment foram guiados a um estúdio formal, e o senhor que se levantou de uma cadeira coberta de seda teve que se firmar em seu peso.

— Bem vindos, senhores, obrigado por virem. — Sampson disse enquanto se aproximava com as duas mãos levantadas para apertar as de Darius. — Sinto muito por não tê-los recebido nas duas noites passadas. Minha amada shellan...

A voz do macho falhou e em silêncio, Darius ficou de lado. — Permita-me apresentar meu colega, Tohrment, filho de Hharm.

Enquanto Torhment com reverência se curvava com a mão no coração, ficou claro que o filho tinha todas as boas maneiras que seu pai não tinha.

O mestre da casa retornou a deferência: — Vocês gostariam de beber ou comer alguma coisa?

Darius balançou a cabeça, e se sentou. Conforme Tohrment situava-se de pé atrás dele, ele disse: — Obrigado. Mas por ventura, gostaríamos de falar sobre o que aconteceu nesta mansão.

— Sim, sim, é claro. O que devo lhes dizer?

— Tudo. Nos diga... Tudo.

— Minha filha... Minha luz na escuridão... — O homem pegou um lenço. — Ela era de valor e virtuosa. A mais doce fêmea que jamais conheceriam...



Darius, consciente de que eles já perderam duas noites, permitiu ao pai um certo tempo de lembranças, antes de colocá-lo no foco da questão. — E naquela noite, senhor, naquela terrível noite, — ele interrompeu quando houve uma pausa. — O que aconteceu aqui?

O homem balançou a cabeça, encarando-o. — Ela acordou de seu suave sono sentindo-se um pouco inquieta, e então foi aconselhada a descansar em seus aposentos privados para sua saúde. Levaram-na comida á meia noite, e outra refeição antes do nascer do Sol. Foi a última vez em que fora vista. Seu quarto privado está lá em cima, mas ela também tem, assim como o resto da família, aposentos aqui embaixo. Ela escolhia com frequência não ficar aqui conosco durante o dia, contudo, e como tínhamos acesso a ela através dos corredores ocultos, admitimos que ela estaria segura —

O homem se desvencilhou neste ponto. — Como desejaria ter insistido mais.

Darius podia muito bem entender o arrependimento. — Iremos encontrar sua filha. De um jeito ou de outro, nós iremos. Nos permitiria ir agora ao quarto dela?

— Por favor, sim — Enquanto o macho gesticulava para o doggen, o mordomo se aproximou. — Silas ficará satisfeito em escoltá-los. Eu prefiro... ficar aqui.

— Mas é claro.

Quando Darius se levantou, o homem alcançou suas mãos. — Uma palavra, se me permite? Entre você e eu?

Darius aquiesceu, e conforme Tohrment seguia o doggen, o mestre da casa deixou-se cair de volta em sua cadeira. — Na verdade... Minha filha era de valor. De virtudes. Intocada por...

Na pausa que se seguiu, Darius sabia com o quê o macho estava preocupado: se eles não a recuperassem em seu estado virginal, sua honra, assim como a da família, estava em perigo.

— Eu não consigo dizer isso na frente de minha amada shellan. — o macho continuou. — Mas nossa filha... se ela foi corrompida... Talvez seja melhor deixá-la...

Os olhos de Darius se estreitaram. — O senhor prefere que ela não seja encontrada.



Lágrimas surgiram naqueles olhos pálidos. — Eu... — abruptamente, o macho balançou a cabeça. — Não... não. Eu a quero de volta. Não importa como, não importa em quais condições... claro que eu quero minha filha de volta.

Darius não estava inclinado em demonstrar apoio - tal negação a uma filha de seu sangue ter passado pela mente do macho era grotesco. — Gostaria de ir ao quarto dela agora.

O mestre da casa estalou os dedos, e o doggen se aproximou do arco do estúdio.

— Por aqui, senhor. — O mordomo disse.

Conforme ele e seu protegido andavam pela casa, Darius escaneava as janelas e portas reforçadas. Havia aço por todos os lugares, separando os painéis de vidro ou fortificando os painéis de carvalho robusto. Entrar sem ser convidado não era fácil... E ele estava disposto a apostar que cada quarto nos andares de cima eram iguais - inclusive os aposentos dos doggens.

Ele também mediu cada pintura, tapete e objetos preciosos enquanto subia. Esta família era de classe alta na glymera, com cofres engasgando em riquezas, e uma linhagem sanguínea invejável. Portanto, o fato de que sua filha não emparelhada sumisse afetava mais do que seus corações: ela era uma posse negociável. Com esse tipo de conhecimento, uma fêmea na idade de emparelhar-se era um objeto de beleza... E uma implicação social e financeira.

E esta não era a única extensão disso. Como em qualquer avaliação, o inverso também era verdade: ter uma filha arruinada, fosse de fato ou por rumores, era uma mácula que levaria gerações para se ofuscar. O mestre dessa casa sem dúvidas amava sua filha de verdade, mas o peso de tudo isso distorcia a relação.

Darius verdadeiramente acreditava que na visão do macho, seria melhor que sua filha voltasse em uma caixa de madeira ao invés de respirando, mas danificada. O último era uma maldição, o precedente ganharia simpatia com uma tragédia. Darius odiava a glymera. Ele realmente odiava.

— Aqui estão seus aposentos privados — o doggen disse, abrindo a porta.

Enquanto Torhment entrava no quarto iluminado por velas, Darius perguntava: — O quarto foi limpo? Foi arrumado desde que ela se fora?



— Claro.

— Nos deixe, por favor.

O doggen se curvou profundamente e desapareceu.

Tohrment andou ao redor, olhando as cortinas de seda e os belos assentos. Um alaúde estava em um canto e uma bela peça de bordado que foi parcialmente concluída em outro. Livros de autores humanos estavam empilhados ordenadamente em uma estante, juntamente com pergaminhos na Antiga Língua. A primeira coisa que se percebia é que nada estava fora do lugar. Mas se isso era culpa dos empregados ou circunstâncias do desaparecimento, era difícil saber.

— Não tocou em nada, certo? — Darius perguntou ao garoto.

— Mas é claro.

Darius adentrou no quarto luxuoso. As cortinas eram feitas de uma tapeçaria tão grossa e pesada que não se podia esperar que a luz do Sol penetrasse no aposento. A cama estava rodeada do mesmo pano, grandes painéis pendurados no dossel.

No armário, ele abriu as portas esculpidas. Maravilhosos vestidos em safira, rubi, citrino e esmeralda estavam pendurados juntos, repletos de uma beleza potencial. E um único cabide pendurava-se vazio, como se ela tivesse pegado a última escolha de vestimenta da noite daqueles cabides.

Tinha uma escova de cabelos sob a penteadeira, e vários potes de unguentos, óleos perfumados e pós de tintura. Todos enfileirados.

Darius abriu uma gaveta... e soltou uma pequena maldição. Estojos de joias. Estojos de couro de joias. Ele pegou um, abriu o fecho de ouro, e levantou a tampa.

Diamantes brilhavam na luz de velas.

Conforme Darius retornava a caixa ao restante, Torhment parou na porta, seus olhos se focando no tapete tecido em pêssego, amarelo e vermelho.

O leve rubor na feição do macho entristeceu Darius por alguma razão. — Nunca esteve em um quarto de uma fêmea, então?

Torhment ficou ainda mais vermelho. — Ah... Não, senhor.



Darius gesticulou com a mão. — Bem, isto é negócio. Melhor deixar qualquer timidez de lado.

Torhment clareou a garganta. — Sim. É claro.

Darius foi até a porta dupla francesa. Ambas se abriam para um terraço, e ele saiu com Tohrment em seu encalço.

— Dá pra ver através das árvores distantes. — Tohr murmurou, enquanto seguia para varanda.

De fato dava. Através dos galhos torcidos e dos ramos desfolhados, uma mansão em outra propriedade era visível. A grande casa era semelhante em tamanho e distinção, com metais finos em suas torres, e grandes jardins... mas até onde Darius sabia, não era habitada por vampiros.

Ele virou-se e andou pela extensão do terraço, investigando todas as janelas, portas, alças, dobradiças e fechaduras.

Não havia sinais de invasão, e dado o frio que fazia, ela não teria deixado nada aberto facilitando a entrada de alguém.

O que significava que ela havia saído por vontade própria... ou deixado entrar quem quer que a tivesse levado. Assumindo que a entrada aconteceu aqui.

Ele olhou através do vidro para o quarto dela, imaginando o que havia acontecido.

Para o inferno com a entrada, a saída era a questão, não? Era altamente improvável que o sequestrador a tenha arrastado pela casa: ela deve ter sido levada na escuridão, ou então teria sido queimada em cinzas, mas sempre tinha gente do lado de fora durante a noite.

Não, ele pensou. Eles teriam que ter saído através desse quarto.

Torhment falou: — Nada foi modificado, de dentro ou de fora. Sem riscos no chão, ou marcas na parede, o que significa...

— Ela provavelmente deixou-os entrar e não lutou contra isso.

Darius voltou pra dentro e pegou a escova de cabelo. Finos fios de cabelos loiros estavam presos nas cerdas duras. Nenhuma surpresa, visto que ambos os pais eram loiros.



A questão era o que fez com que uma fêmea de valor fugisse da casa de sua família não deixando pistas... e não levando nada consigo?

Uma resposta veio a mente: um macho.

Pais não sabiam necessariamente tudo sobre as vidas de suas filhas, sabiam?

Darius encarou a noite, traçando os caminhos dos jardins, das árvores... e da mansão vizinha. Fios... havia fios para o mistério aqui.

A resposta que ele procurava estava aqui em algum lugar. Ele só tinha que tecer os fios para encontrá-la.

— Pra onde? — Tohrment perguntou.

— Vamos conversar com os servos. Em particular.

Na maior parte de casas como esta, o doggen nunca sonharia em falar qualquer coisa fora de seu limite. Mas estas não eram circunstâncias normais, e era perfeitamente possível que piedade e compaixão para com a pobre fêmea iriam sobrepor à reticência dos funcionários.

E às vezes os fundos da casa sabiam coisas que a frente não sabia.

Darius virou-se e caminhou para a porta. — Nós estamos perdidos agora.

— Perdidos?

Eles saíram juntos, e Darius olhou para cima e para baixo no corredor. — De fato. Vem por aqui.

Ele escolheu a esquerda porque, na direção oposta, havia um conjunto de portas duplas que davam para outro terraço - então era óbvio que os aposentos dos funcionários não eram por ali. Enquanto eles caminhavam, passando por diversos cômodos maravilhosos, seu coração doeu tanto que sua respiração ficou pesada. Depois de duas décadas, suas perdas ainda estavam registradas, a sua queda ecoando dolorida por cada osso de seu corpo. Sua mãe era a que mais sentia falta, era verdade. E por trás da dor estava o fim de uma vida civilizada que uma vez ele vivera.

Ele fez o que nascera pra fazer pela raça, e alimentou certas... indulgências, e ganhara respeito de seus camaradas na guerra. Mas não havia alegrias pra ele nessa existência. Nenhuma maravilha. Nenhuma fascinação.



Tudo era sobre coisas bonitas pra ele? Ele era tão vazio assim? Se ele, algum dia, tivesse uma grande e linda casa, cheia de aposentos recheados com belas coisas, ele teria um coração mais leve?

Não, pensou. Não se não tivesse ninguém sob o mesmo teto.

Ele sentia falta das pessoas, da convivência, de uma comunidade levantada por paredes firmes, de um grupo que fosse sua família por sangue e escolha. De fato, a Irmandade não vivia junto, pois isto era visto por Wrath, o Justo, como um risco à raça - se suas posições fossem delatadas ao inimigo de algum modo, todos eles estariam expostos.

Darius entendia a linha de pensamento, mas não estava certo se concordava com ele. Se humanos podiam viver em seus castelos fortificados dentre seus próprios campos de batalhas, os vampiros podiam fazer o mesmo.

Embora a Sociedade Lesser fosse um adversário bem mais perigoso, par ser justo.

Depois de caminhar pelo corredor por algum tempo, eles finalmente encontraram o que ele esperava encontrar: uma entrada pra uma escadaria traseira, completamente despojada.

Seguindo as escadas de pinho baixo, eles entraram em uma pequena cozinha, e seu surgimento parou a refeição que estava sendo feita em uma longa mesa de carvalho.

Os doggens largaram suas canecas de cerveja e pedaços de pão, e se puseram de pé.

— De verdade, voltem à suas refeições. — disse Darius, insistindo com as mãos para que voltassem a seus lugares. — Desejamos falar com o serviçal do segundo andar, e a dama de companhia pessoal da filha.

Todos retornaram a seus lugares ao longo da bancada, com a exceção de dois, uma fêmea de cabelos brancos, e um jovem macho com uma face de bondade.

— Se pudesse sugerir um lugar com privacidade? — Darius disse ao mordomo.

— Temos uma sala de estar por aqui — Ele gesticulou pra uma porta perto do forno. — Encontrarão o que procuram lá dentro.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Darius assentiu, e se dirigiu à criada, que estava pálida e trêmula, como se estivesse com problemas. — Não fizeste nada de errado, querida minha. Venha, isto será rápido e indolor, lhe garanto.

Melhor começar com ela. Ele não estava certo se ela aguentaria esperar até eles terminarem com o mordomo.

Torhment abriu o caminho, e os três entraram em uma sala que tinha tanta personalidade como um amontoado de pergaminhos em branco.

Como sempre acontecia em grandes propriedades, os aposentos da família eram construídos para efeitos luxuosos.

E os dos empregados não tinham nada além do básico.



Capítulo VINTE E UM

Enquanto o Bentley de Rehv saía da Rota 149 Norte e entrou com cuidado em um caminho estreito de terra, John inclinou-se sobre o para-brisa. Os faróis atingiam troncos de árvore nus enquanto o sedan serpenteava cada vez mais perto do rio, pela paisagem cheia e pouco acolhedora.

A pequena cabana de caça que surgiu, era absoluta e positivamente nada que valesse a pena observar. Pequena, escura e despretensiosa, com uma garagem individual. Era rústica, mas estava em perfeito estado.

Ele saiu do carro e já estava caminhando para a porta da frente antes de Rehv sair de trás do volante. O sentido primordial de medo que sentia era, na verdade, um bom sinal. Ele havia sentido a mesma coisa no acampamento *Symphath* e faria sentido que ela protegesse seu espaço privado com um campo de força similar.

O som de suas botas soou alto em seus ouvidos enquanto atravessava a terra batida do percurso e, então tudo ficou em silêncio enquanto golpeava o gramado falho, seco e raso. Ele não bateu, mas sim estendeu a mão para a maçaneta e ordenou a fechadura que se abrisse.

Exceto... Que ela não se moveu.

— Você não vai ser capaz de entrar aí com a sua cabeça. — Rehv chegou com uma chave de cobre, colocou a coisa em uso, e abriu caminho.

Enquanto a forte e sólida porta era deixada de lado, John estreitou o olhar para a escuridão e inclinou sua cabeça, esperando um alarme disparar.

— Ela não acredita neles. — disse Rehv calmamente antes de agarrar John enquanto ele corria para dentro.

Em um tom mais alto, o homem gritou:

— Xhex? Xhex? Abaixa a arma! Somos somente eu e John.

De alguma maneira sua voz não soava bem, pensou John.

E não houve resposta.



Rehv acendeu as luzes e soltou o braço de John enquanto entravam. A cozinha nada mais era do que um trecho de uma área com apenas o essencial: forno a gás, geladeira velha, pia de aço inoxidável que era funcional, não chic. Mas tudo estava impecável e não havia desordem. Sem correspondência, sem revistas. Nenhuma arma deixada de fora.

Mofo. O ar estava parado e mofado.

Em frente, havia um único quarto grande com janelas que davam para a água. O mínimo de móveis: nada além de duas cadeiras de vime, um sofá de vime e uma mesa pequena.

Rehv passou direto, rumo à única porta fechada à direita.

— Xhex?

Outra vez com aquela voz. E então, o macho colocou sua mão no batente da porta e inclinou-se para os painéis, fechando os olhos.

Com um arrepio, Rehv abaixou os ombros enormes.

Ela não estava lá.

John adiantou-se, e abrindo seu caminho com as próprias mãos, entrou no quarto dela. Vazio. Assim como o banheiro do outro lado.

— Maldição! — Rehv girou nos calcanhares e saiu. Quando uma porta bateu no lado da cabana que dava ao rio, John percebeu que o sujeito havia saído para a varanda e olhava fixamente a água.

John amaldiçoou em pensamento enquanto olhava ao redor. Tudo estava limpo e arrumado. Nada fora do lugar. Sem frestas nas janelas, ar fresco ou portas que haviam sido abertas recentemente.

A poeira fina sobre os travas e fechaduras disse isso a ele.

Ela podia ter passado por lá, mas agora se fora. E se ela viera, não ficara muito tempo ou fizera muita coisa, porque não podia detectar nada de seu perfume.

Ele sentiu como se a tivesse perdido novamente.

Cristo, ele pensara que ela estar viva fosse o suficiente para sustenta-lo, mas a ideia de que ela não estava em lugar algum do planeta e ainda por cima



sem ele era estranhamente frustrante. Além disso, se sentia ofuscado pela situação; ele ainda não sabia os “como” e “por que” e “onde” de nada disso.

Completamente péssimo, para ser honesto.

Por fim, saiu para juntar-se ao Rehv na pequena varanda. Agarrando seu bloco, rabiscou rapidamente e rezou para o inferno que o *Symphath* conseguisse entender as palavras da onde ele estava.

Rehv olhou por cima do ombro e leu o que John segurava. Depois de um momento, disse:

— Sim, claro. Vou apenas lhes dizer que ela não estava aqui e que você veio comigo para ir comer na casa do iAm. Isso vai nos dar umas boas três, quatro horas de folga.

John colocou a mão no peito e curvou-se profundamente.

— Só não saia lutando. Eu não preciso saber para onde está indo, isso é assunto seu. Mas se você se matar, eu arrumo noventa e nove problemas e você é o maior deles. — Rehv olhou de volta para o rio. — E, não se preocupe com ela. Ela já fez isso antes. Esta é a segunda vez que ela... Foi levada assim.

A mão de John agarrou forte o antebraço do macho. Rehv nem sequer pestanejou... por outro lado, havia rumores de que ele não sentia nada por causa do que fazia para controlar seu lado *Symphathy*.

— Sim. Esta é a segunda vez. Ela e Murhder estiveram juntos. — enquanto as presas de John apareciam, Rehv sorriu discretamente. — Muito tempo se passou. Não precisa se preocupar. Mas ela acabou indo para a colônia por motivos familiares. Eles a jogaram lá, entretanto, e não a deixariam sair. Quando Murhder subiu para buscá-la, os *symphaths* o arrebataram também, e a merda ficou crítica. Eu tive que fazer uma barganha para soltar os dois, mas a família dela a vendeu no último segundo, bem debaixo do meu nariz.

John engoliu em seco e sinalizou, sem pensar. Para quem?

— Humanos. Ela se libertou como fez dessa vez. E, então, foi embora por um tempo. — Os olhos de ametista de Rehv brilharam. — Ela sempre foi forte, mas depois do que aqueles humanos fizeram a ela, ela se tornou dura.

Quando? — John gemeu.



— Uns vinte anos atrás. — retomou Rehv encarando a água. — Para sua informação, ela não estava brincando nessa mensagem. Ela não vai apreciar ninguém vindo e sendo seu herói com Lash. Ela vai ter que fazer isso sozinha. Você quer ajudar nessa situação? Deixe que ela venha até você quando estiver pronta... E fique fora do seu caminho.

Sim, bem, ela provavelmente não iria perder o traseiro por me mandar uma mensagem, pensou John.

E quanto à coisa com Lash? Ele não estava certo de que poderia deixar essa passar. Nem mesmo por ela.

Para cortar seu próprio pensamento, John estendeu sua mão. Os dois se encontraram peito com peito em um breve abraço e, em seguida, John se desmaterializou.

Quando tomou forma, estava de volta no Xtreme Park, atrás do barracão, olhando para as rampas e o boliche vazios. O líder dos traficantes não estava de volta. Nenhum skatista, tampouco. Ambos faziam sentido. A batida na noite anterior com uma porrada de tiras surgindo? Sem falar na chuva de balas?

O lugar seria uma cidade fantasma por um tempo.

John inclinou-se contra a madeira áspera, seus sentidos em alerta. Ele estava consciente da passagem do tempo, tanto por causa da posição da lua a pino em um arco suspenso, e porque seu cérebro alternava de um giro maníaco para uma agitação mais razoável. O qual ainda era foda, mas era mais fácil de levar.

Ela estava aí fora e ele nem sequer sabia em que condições ela estava. Estava machucada? Precisava de alimentar? Ela...

Certo. Hora de parar com esse ciclo vicioso.

E ele provavelmente deveria cair fora. Wrath havia sido malditamente claro sobre esse danado desse negócio de “não-lutar-sem-Qhuinn” e isso ainda seria um chamariz para o inimigo.

Abruptamente, ele se deu conta de aonde precisa ir.

Empurrando a si mesmo para se endireitar, fez uma pausa e olhou em volta com o cenho franzido. A sensação de estar sendo observado, seguido, o cobriu mais uma vez... Exatamente como se ele voltasse na loja de tatuagens.



Esta noite, porém, mal tinha energia para suportar uma boa dose de paranoia, então simplesmente se desmaterializou, imaginando que quem quer ou o que quer que fosse iria segui-lo novamente ou o perderia no éter... E não estava preocupado com o que seria.

Ele estava fodidamente desgastado.

Quando tomou forma novamente, estava a um mero punhado de quadras de onde ele fizera o número sobre aquele *lesser* na noite anterior. Do bolso interno de sua jaqueta de couro, tirou uma chave de cobre que era exatamente igual a que Rehv usara na cabana de caça.

Ele tinha aquela coisa há mais ou menos um mês e meio. Xhex lhe dera na noite em que ele dissera a ela que podia confiar nele o seu segredo *symphath*, bem como seus cilícios, e ele a levava com ele por onde quer que fosse.

Agachando-se sob as escadarias de uma brownstone, inseriu o pedaço de metal e abriu a porta. As luzes do corredor do porão foram ativadas e a área de pedras caiadas foi imediatamente iluminada.

Ele teve o cuidado de trancar a porta e, em seguida, desceu até a única porta.

Ela lhe deu refúgio neste lugar secreto. Tinha concedido a ele o acesso de seu quarto no portão quando precisou ficar sozinho. E quando havia aproveitado de sua grande hospitalidade, aquilo o tinha levado a perda de sua própria virgindade.

No entanto, ela se recusou a beijá-lo.

A mesma chave funcionou na porta do quarto, o mecanismo de trava deslocou sem problemas. Enquanto girava os amplos painéis de metal, a luz se acendeu e ele entrou.

John quase morreu com o que viu na cama; Seu coração e sua respiração pararam, suas ondas cerebrais cessaram, seu sangue gelou nas veias.

O corpo nu de Xhex estava enrolado nos lençóis.

Enquanto o quarto era inundado pela iluminação, a mão dela agarrou a arma que estava largada sobre o colchão e a apontou para a porta.





Ela não tinha forças nem para levantar a cabeça ou a arma, mas ele tinha certeza que ela podia puxar o gatilho.

Levantando os braços e mostrando as palmas das mãos, ele caminhou para o lado e fechou a porta com o pé para protegê-la.

Sua voz era quase um sussurro.

— John...

Uma única lágrima vermelho-sangue brilhava no olho que podia ver e a assistiu escorrer lenta e facilmente pelo nariz até pingar sobre o travesseiro.

Sua mão afastou-se da arma e foi para o rosto, movendo-se centímetro por centímetro, como se ela levasse tudo o que tinha arrastado para cima. Ela cobriu-se da única maneira que podia, com seu escudo de palma e dedos escondendo suas lágrimas dele.

Ela estava toda marcada por equimoses e hematomas em vários estágios de cura e perdera muito peso, seus ossos pareciam prestes a romper sua carne. Sua pele estava cinza ao invés de um rosa saudável e seu perfume natural era praticamente inexistente.

Ela estava morrendo.

O horror disso tudo enfraqueceu seus joelhos a ponto de fazê-lo perder o equilíbrio e ser obrigado a se encostar contra a porta.

Mas, mesmo enquanto ele vacilava, sua mente dava voltas. Doutora Jane precisava vê-la e Xhex precisava se alimentar.

Eles não tinham muito tempo a perder.

Se ela ia viver, ele teria que assumir aqui.

John arrancou sua jaqueta de couro e arregaçou as mangas enquanto se dirigia para ela. A primeira coisa que fez foi cobrir gentilmente sua nudez puxando o lençol sobre ela. A segunda foi empurrar seu punho direto contra sua boca... E esperar que seus instintos assumissem.

Sua mente podia não desejá-lo, mas seu corpo não seria capaz de resistir ao que ele tinha para oferecer.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Sobrevivência sempre prevaleceu sobre os assuntos do coração. Ele era uma prova viva disso.



Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>





Capítulo VINTE E DOIS

Xhex sentiu um suave roçar em seu ombro e quadril enquanto John puxava o lençol em volta dela.

Por trás do aconchego de sua mão, ela inalou e tudo o que ela sentiu era bom, limpo, saudável do sexo masculino... e o cheiro provocou uma fome profunda dentro dela, seu apetite e necessidades acordando de seu sono com um rugido.

E isso foi antes que John colocasse seu pulso tão perto que ela poderia beijá-lo.

Seus impulsos *sympath* se liberaram e leram as emoções dele.

Calmo e decidido. Totalmente centrado na cabeça e no coração: John estava indo para salvar seu traseiro nem que fosse a última coisa que ele fizesse.

— John... —Ela sussurrou.

O problema com essa situação... Bem, um deles... era que ele não estava sozinho no conhecimento do quão perto da morte ela estava.

A fúria dela contra Lash tinha sido um sustento, enquanto ela tinha sido encarcerada, abusada e pensando que continuaria sendo assim quando saísse. Mas no instante que ligou para o Rehv, toda a sua energia foi drenada e nada foi deixado além das batidas de seu coração. E nem mesmo muito disso.

John moveu seu pulso ainda para mais perto... de modo que a pele dele roçava contra a sua boca.

Seus caninos se alongaram em um impulso lento, ao mesmo tempo seu coração soluçou como se ele não estivesse trabalhando direito.

Ela tinha uma opção nesse tranquilo momento carregado: Tomar sua veia e ficar por perto. Negá-lo e morrer na frente dele na próxima hora ou coisa assim. Porque ele não iria a lugar nenhum.

Afastando a mão do rosto, ela o percorreu com o olhar... Ele era tão lindo como sempre, o tipo de rosto com que as fêmeas sonhavam.

Erguendo a palma da mão, ela o tocou.



Surpresa cintilou em seus olhos e então ele abaixou-se para que sua mão pousasse sobre a sua face quente. O esforço de manter o braço elevado mostrou-se muito, mas como seus dedos tremiam, ele colocou sua mão sobre a dela, segurando-a no lugar.

Seus profundos olhos azuis eram uma espécie de paraíso, como a cor de um céu quente, escuro.

Ela tinha que tomar uma decisão aqui. Pegar sua veia ou...

Como ela não conseguia encontrar a energia para terminar o pensamento, ela sentiu como se tivesse perdido a si mesma: julgando pelo fato de que ela parecia estar consciente, ela supôs que estava viva... mas não em sua própria pele. Sua luta foi muito longe, a coisa que a tinha definido no mundo tinha evaporado. O que fazia sentido. Ela não tinha interesse em viver mais e não poderia fingir nem por ele, nem por si mesma.

Duas viagens ao redor do parque de prisioneiros a haviam deixado muito para baixo.

Então... o que fazer, o que fazer.

Ela lambeu os lábios secos. Ela não tinha nascido em termos que ela houvesse escolhido ou se oferecido voluntária, e seu tempo respirando, comendo, lutando e fodendo não havia suposto uma melhoria de onde ela havia começado. Ela poderia, contudo, ir sob seus próprios termos e fazê-lo depois que ela tivesse colocado as coisas em ordem.

Sim, essa era a resposta. Graças às três últimas semanas e meia, ela tinha um inferno de uma lista de coisas a fazer antes de morrer. Por certo, havia apenas uma coisa nesta lista, mas algumas vezes era o suficiente para te motivar.

Num ímpeto de resolução, sua dura pele exterior se reformou, a estranha sensação de flutuar que lhe havia nublado se dissipou e deixou uma aguda consciência em seu despertar.

De repente, ela puxou a mão debaixo da de John, e à retirada cravou um surto de puro medo na grade emocional dele. Mas então ela puxou o pulso dele para ela e expôs sua presas.

O triunfo dele era uma onda de calor.



Pelo menos até que se tornasse evidente que ela não tinha forças para romper a pele dele, seus caninos não fizeram nada além de arranhar a superfície. No entanto, John estava atento. Com um movimento rápido, ele perfurou sua própria veia e trouxe a fonte dele aos lábios dela.

O primeiro gole foi... uma transformação. O sangue dele era tão puro que queimou na sua boca e sua garganta... e o fogo que se acendeu em seu estômago rasgou todo seu corpo, derretendo-a, animando-a. Salvando-a.

Com ávidas tragadas ela tomou dele para se reanimar, cada tragada era um bote salva-vidas para ela rastejar, uma corda pendurada no penhasco da sua morte, cada tragada de sua veia era a bússola que ela precisava para encontrar o caminho de volta para casa.

E ele deu, sem expectativa ou esperança ou indícios por emoções.

O qual inclusive no meio de seu frenesi, lhe causou dor. Ela bem e verdadeiramente havia quebrado seu coração: Não havia nada para ele esperar. Mas ela não o havia quebrado — e isso fez com que ela respeitasse o cara como nada mais teria conseguido.

Enquanto ela se alimentava, o tempo corria como o sangue dele, para o infinito e para ela.

Quando ela finalmente se saciou, ela liberou a sucção de sua pele e lambeu para fechar a ferida.

Os tremores começaram logo depois. Tudo começou nas mãos e pés e rapidamente se centralizou no peito, tremores incontrolláveis que fez com que seus dentes batessem, seu cérebro e sua visão até que ela sentiu como se fosse uma meia mole jogada em uma secadora.

Através do tremor, ela viu John tirando seu celular da jaqueta.

Ela tentou prender sua camisa. — N-n-n-não. N-n-n-não...

Ele a ignorou, inclinando a maldita coisa e enviando uma mensagem de texto.

— P-p-porra... ela grunhiu.

Quando ele fechou o telefone, ela disse, — T- t-ten-t-tar me levar ao H-H-Havers a-ago-ra n-n não vai d-dar c-c-certo.



Seu medo de clínicas e de procedimentos médicos acabaria por lançá-la direto no limite, e graças a ele, agora ela tinha a energia para fazer algo com seu pânico. E não ia ser uma alegria para nenhum deles controla-la.

John pegou um bloco e rabiscou alguma coisa. Ele virou a coisa ao redor, e então saiu um momento depois, e tudo o que ela podia fazer era fechar o olhos assim como a porta fechava.

Separando seus lábios, ela respirou pela boca e imaginou se teria energia suficiente para levantar, se vestir, e sair antes que a ideia brilhante do John se apresentasse. Uma rápida checada a informou que não ia rolar. Se ela não conseguia levantar a cabeça e segurá-la fora do travesseiro por mais de um segundo e meio, estava fodida quanto a conseguir ficar na vertical.

Não demorou muito para John voltar com Dra. Jane, a médica pessoal da Irmandade da Adaga Negra. A fêmea fantasmagórica tinha uma maleta preta com ela e transpirava o tipo de competência médica que Xhex valorizava — mas teria infinitamente preferido que se aplicasse a outros e não nela mesma.

Dra. Jane se aproximou e colocou suas coisas no chão. Seu jaleco branco e sua roupa de hospital eram sólidos para os olhos, embora suas mãos e rosto fossem translúcidos. Isso tudo mudou, no entanto, quando ela se sentou na beira da cama.

Tudo nela tomou forma e a mão que pousou sobre o braço de Xhex era morna e ponderada.

No entanto, mesmo a compassiva médica fez a pele de Xhex formigar. Ela realmente não queria ser tocada por ninguém.

Quando a boa doutora removeu a mão, ela teve a sensação que a fêmea sabia disso.

— Antes que você me diga para ir embora, tem algumas coisas que deveria saber. Em primeiro lugar, eu não vou divulgar a sua localização para ninguém e não vou compartilhar com ninguém qualquer coisa que me diga ou que quer que eu encontre. Eu vou reportar o que eu vir para o Wrath, mas quaisquer descobertas clínicas serão suas e apenas suas.

Soava bem. Em teoria. Mas ela não queria a fêmea em nenhum lugar perto dela com o que havia naquela maleta preta.



Dra Jane continuou. — Segundo, eu não sei uma maldita coisa sobre *sympaths*. Então se há alguma coisa automaticamente distinta ou significativa para essa sua metade... eu não vou necessariamente saber como tratar isso. Você ainda concorda em ser vista por mim?

Xhex pigarreou e tentou bloquear os ombros, para que ela não tremesse tanto. — Eu não q-quero ser examinada.

— Isso é o que John disse. Mas você já passou por um trauma...

— N-n-não foi assim tão ruim. — Ela sentia a resposta emocional de John a isso desde o canto onde ele estava, mas não tinha energia para descobrir os detalhes do que ele estava sentindo. — E eu estou b-b-bem...

— Então você deveria encarar isso como uma simples formalidade.

— Eu p-p-pareço com alguém que é formal?

Os olhos verde-floresta da Dra Jane se estreitaram. — Você parece como alguém que foi espancada. Não se alimentou apropriadamente. E não dormiu. A menos que você queira me dizer que esse machucado roxo em seu ombro é maquiagem? E essas bolsas debaixo dos seus olhos são uma miragem?

Xhex estava bem familiarizada com pessoas que não aceitavam não como resposta... fala sério, ela trabalhou com o Rhev por anos. E a julgar pelo tom duro e equilibrado, estava malditamente bem claro que a doutora ia fazer do seu jeito ou não iria embora... Nunca.

— M-m-maldição.

— Para sua informação, quanto mais cedo começarmos, mais cedo termina.

Xhex encarou John, pensando que se tinha que ser vista, ele não iria ser um valor agregado. Ele realmente não precisava saber nada mais do que provavelmente supôs a respeito da condição que ela estava.

A doutora olhou sobre o seu ombro. — John, você poderia, por favor, esperar no corredor?

John inclinou sua cabeça e se curvou para sair do quarto, a tremenda largura das suas costas desaparecendo pela porta. Quando a fechadura clicou no lugar, a boa doutora abriu aquela maldita maleta dela e o estetoscópio e o medidor de pressão foram os primeiros a sair.



— Eu vou escutar seu coração, — a fêmea disse, colocando o estetoscópio na orelhas.

A visão dos instrumentos médicos foi gasolina para os tremores de Xhex, e fora de si como estava, ela se encolheu toda.

Dra. Jane fez uma pausa. — Eu não vou machucar você. E não vou fazer nada que você não queira que eu faça.

Xhex fechou seus olhos e rolou sobre suas costas. Todos os músculos de seu corpo doeram de repente. — Vamos apenas acabar com isso.

Quando o lençol foi levantado, uma corrente de ar frio correu sobre sua pele e um disco gelado foi colocado sobre seu esterno. Flashbacks ameaçaram manda-la para uma montanha-russa assustadora, e ela encarou o teto, apenas tentando evitar levitar para fora do maldito colchão.

— S-s-seja rápida, D-d-dra. — Ela não podia conter o pânico por muito tempo.

— Você pode respirar fundo para mim?

Xhex fez o melhor que podia e acabou estremecendo. Claramente, uma ou mais das suas costelas estavam quebradas, provavelmente de bater na parede fora daquele quarto.

— Você pode se sentar? — Dra. Jane perguntou.

Xhex gemeu uma maldição quando tentava levantar seu torso da cama e falhou. Dra. Jane acabou tendo de ajudá-la, e quanto a doutora tirou essa carga de suas costas, ela chiou um pouco.

— Não dói tanto assim — Xhex espetou.

— De alguma maneira eu duvido disso. — De novo o disco de metal andando ao redor. — Respire o mais profundo que você puder sem que se machuque.

Xhex respirou fundo e ficou aliviada quando a mão gentil da doutora impulsionou suas costas contra os travesseiros e o lençol flutuou de volta para o lugar.



— Posso checar os machucados de seus braços e pernas? — Quando Xhex deu de ombros, Dra. Jane colocou o estetoscópio de lado e se moveu ao redor da cama. Houve outro puxão quando o lençol foi retirado... e então a outra fêmea hesitou.

— Marcas muito profundas de ataduras ao redor dos seus tornozelos. — A Dra. murmurou, quase para si mesma.

Bem, isso foi porque Lash a havia amarrado com arame algumas vezes.

— Um monte de contusões...

Xhex parou a inspeção quando o lençol foi puxado na direção dos seus quadris. — Vamos apenas dizer que eles vão todo caminho para cima, ok?

Dra. Jane recolocou o lençol onde estava. — Posso apalpar sua barriga?

— Vá em frente.

Xhex se enrijeceu ante a ideia de ser descoberta de novo, mas Dra. Jane apenas esticou o lençol e puxou e cutucou. Infelizmente não havia como esconder os tremores, especialmente quando as coisas se encaminharam para o seu baixo estômago.

A Dra. se endireitou e olhou dentro dos olhos de Xhex. — Alguma chance de você me deixar fazer um exame interno?

— Interno como em... — Quando ela entendeu o significado, Xhex sacudiu a cabeça. — Não. Não vai acontecer.

— Você foi agredida sexualmente?

— Não.

Dra. Jane assentiu. — Tem alguma coisa que eu precise saber e que você não me contou? Dor em algum lugar em particular?

— Estou bem.

— Você está sangrando. Eu não tenho certeza se você se deu conta disso, mas está sangrando.

Xhex franziu a testa e olhou para os seus braços trêmulos.





— Tem sangue fresco na parte interna das suas coxas. Por causa disso que eu perguntei se eu poderia fazer um exame interno.

Xhex sentiu uma onda de horror vindo sobre ela.

— Eu vou te perguntar mais uma vez. Você foi sexualmente agredida? — Não havia emoção atrás das palavras médicas, e a Dra. havia adivinhado corretamente. Xhex não estava interessada em nenhuma histeria, choradeira, ou pena exagerada.

Quando ela não respondeu, Dra. Jane leu o silêncio corretamente e disse, — Alguma chance de você estar grávida?

Oh... Deus.

Os ciclos *symphath* eram estranhos e imprevistos, e ela estava tão afetada pelo drama do rapto e cativeiro, que nem tinha pensado nas consequências.

No momento, ela desprezava ser uma fêmea. Realmente desprezava.

— Eu não sei.

Dra. Jane assentiu. — Como você pode dizer se você esta?

Xhex apenas sacudiu a cabeça. — Não tem como eu estar. Meu corpo passou por muita coisa.

— Me deixe fazer o exame interno, ok? Apenas para ter certeza que não ha nada acontecendo lá dentro, eu posso sentir. E então eu gostaria de levar você ao complexo da Irmandade para que eu possa fazer um ultrassom em você. Você estava muito desconfortável quando eu examinei sua barriga. Eu pedi ao V para vir com o carro — ele deve esta quase aqui agora.

Xhex mal estava ouvindo uma palavra que estava sendo dita a ela. Ela estava tão ocupada lembrando as duas últimas semanas. Ela esteve com o John no dia antes do rapto. Aquela última vez. Talvez...

Se ela estava grávida, ela definitivamente se recusava a acreditar que tinha alguma coisa a ver com o Lash. Isso seria muito cruel. Muito foddidamente cruel.

Além do mais, talvez houvesse outra razão para a hemorragia.

Como um aborto, parte do seu cérebro insistia em apontar.



— Faça isso. — Xhex disse. — Mas faça rápido. Eu não lido bem com essa merda e eu não vou me mostrar entusiasmada com isso se levar mais que alguns minutos.

— Eu vou ser rápida.

Enquanto ela fechava os seus olhos e se abraçava, uma rápida mostra de slides se iniciou em sua cabeça. Flash: seu corpo em uma mesa de aço inoxidável em uma sala de ladrilhos. Flash: seus tornozelos e pulsos presos no lugar. Flash: médicos humanos com paralisados olhos "olhe aqui" vindo para ela. Flash: uma câmera de vídeo no seu rosto e descendo em panorama. Flash: um bisturi pegando a luz do alto.

Estalo. Estalo.

Suas pálpebras se abriram furiosamente aos sons porque ela não tinha certeza se o que ela estava ouvindo era na sua cabeça ou no quarto. Era o último. Dra Jane tinha colocado suas luvas de látex.

— Eu serei gentil. — Jane disse.

O que era um termo relativo, claro.

Xhex agarrou os lençóis e sentiu os músculos de suas coxas espasmarem, enquanto ficava rígida da cabeça aos pés. A boa notícia com o ato de congelar duramente foi que isso a curou daquela gagueira. — Eu preferiria que você fosse rápida.

— Xhex... eu quero que você olhe direto para mim. Agora mesmo.

O olhar escancarado de Xhex se viraram. — O que?

— Mantenha meus olhos. Aqui mesmo. — A Dra. apontou para seus olhos. — Mantenha-os. Se prenda em meu rosto e saiba que eu já passei por isso, ok? Eu sei exatamente o que estou fazendo, e não apenas porque eu fui treinada.

Xhex se forçou a se focar e... Jesus, isso ajudava. Encontrar aquele olhar sempre-verde realmente ajudou. — Você vai sentir isso.

—Desculpe?

Xhex clareou a garganta. — Se eu estou... grávida, você vai sentir isso.

— Como?



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



— Quando você... haverá um contorno. Dentro. Eu não vou... — ela engoliu sua respiração com força, recorrendo as fábulas que ela havia ouvido do povo de seu pai. — As paredes não serão suaves.

Dra. Jane nem piscou. — Entendi. Pronta?

Não.

— Sim.

Xhex estava suando frio quando terminou e a costela que estava quebrada estava gritando por causa de sua forte respiração entrecortada.

— Me diga — ela disse roucamente.



Capítulo VINTE E TRÊS

— Estou te falando... Eliahu está vivo. Eliahu Rathboone... ele está vivo.

De pé no seu quarto na mansão Rathboone, Gregg Winn olhava para fora da janela para algum musgo de assinatura espanhola da Carolina do Sul. No luar, a merda era arrepiante como uma sombra lançada por nenhum objeto discernível... ou corpo.

— Gregg, você me ouviu?

Depois de esfregar o sono para fora de seus olhos, ele olhou por sobre o ombro para sua núbil jovem narradora. Holly Fleet estava bem dentro da porta, seu longo cabelo loiro puxado para trás de seu rosto com pouca maquilagem, seus olhos não eram tão grandes ou cativantes sem os cílios falsos ou o material cintilante que usava na câmera. Mas o robe de seda rosa não fazia nada, absolutamente nada para esconder seu corpo arrasador.

E ela estava praticamente vibrando, a vibração provinha de seu interior como se fosse um sino atingido por uma maldita campainha.

— Você está ciente, — Gregg arrastou as palavras, — que o FDP morreu há mais de cento e cinquenta anos atrás.

— Então o fantasma dele está realmente aqui.

— Fantasmas não existem. — Gregg se voltou para a vista. — Você de todas as pessoas deveria saber disto.

— Este aqui existe.

— E você me acordou à uma da manhã para me dizer isso?

Não foi um bom movimento da parte dela. Todos eles praticamente não tinham dormido a noite anterior, e ele passara o dia pendurado no telefone, ligando para Los Angeles. Gregg atingira o travesseiro uma hora atrás, sem esperar apagar — mas felizmente seu corpo tinha planos diferentes.

Ou isso ou seu cérebro estava lhe dizendo para desistir, porque a merda não estava indo bem. Aquele mordomo estava se recusando a ceder na coisa da permissão; Ambas as tentativas de reaproximação de Gregg foram mal



sucedidas, a do café da manhã educadamente recusada, a do jantar completamente ignorada.

Enquanto isso, eles tinham uma grande parte do filme que ele já havia enviado. Graças às evocativas cenas capturadas às escondidas, o chefe lhe dera o *vá-em-frente* para mudar a locação do especial — mas o estavam pressionando para uma prévia que pudessem transmitir o mais rápido possível.

O que não podia acontecer até que o mordomo cedesse.

— Olá? — Holly falou bruscamente. — Você está me escutando?

— Que foi?

— Eu quero ir.

Ele franziu as sobrancelhas, pensando que ela não tinha miolos suficientes para estar assustada por coisa alguma, exceto por uma carreta com seu nome na grade dianteira.

— Ir aonde?

— De volta para Los Angeles.

Ele quase recuou.

— Los Angeles? Você está brincando...? Ok, isso não vai acontecer. A menos que queira embarcar na Orbitz¹¹³ e voltar como peça de bagagem. Temos um trabalho a fazer aqui.

O que, dado o problema cabeludo com aquele idiota do mordomo, incluiria um monte de tratamento e muito implorar. O último sendo a área de Holly. E realmente... se estava assustada, aquilo funcionava como uma vantagem. Ela poderia alavancar o medo com o cara. Os homens normalmente respondiam bem àquele tipo de coisa — especialmente os do tipo *'perfeito cavalheiro'* que com certeza canalizavam cavalheirismo por cada um de seus ossos secos e delgados.

— Eu realmente... — Holly puxou as lapelas de seda pra mais perto de seu pescoço... e dessa forma a frente do robe se esticou, apertado, contra seus mamilos endurecidos. — Eu estou assustada.

¹¹³ Orbitz: Companhia de viagem.



Hmm. Se isso era uma manobra para levá-lo pra cama... ele não estava *tão* cansado assim.

— Venha aqui.

Gregg estendeu seus braços, e enquanto ela avançava e colocava seu corpo contra o dele, ele sorriu quando olhou sobre sua cabeça. Deus, ela cheirava bem. Não aquela merda floral que normalmente usava, mas algo mais carregado. Agradável.

— Querida, você sabe que precisa ficar conosco. Eu preciso que você faça sua mágica.

Lá fora, o musgo espanhol balançava na brisa, o luar capturando-o e criando a ilusão de *chiffon*, dessa forma as árvores pareciam que estavam envoltas em um manto.

— Algo não está certo aqui, — ela disse em seu peito.

Lá em baixo, no gramado, uma figura solitária andava relaxadamente, entrando em visão. Claramente, Stan saindo num passeio para fumar.

Gregg sacudiu a cabeça.

— A única coisa que não está certa é aquele maldito mordomo. Você não quer ser famosa? Um especial aqui irá abrir as portas para você. Você poderia estar apresentando o *Dançando Com As Estrelas* depois. Ou o *Big Brother*.

Ele podia dizer que tinha conseguido sua atenção, porque o corpo dela relaxou, e para ajudá-la, ele esfregou suas costas.

— Essa é a minha garota. — Ele observou Stan vagando, as mãos nos bolsos, a cabeça olhando pra longe da casa, o longo cabelo se movendo no vento. Outro par de jardas e ele seria banhado pelo luar quando saísse debaixo das árvores. — Agora, quero que fique aqui comigo... como eu disse, você de todas as pessoas deveria saber que estas histórias de fantasma nunca são nada mais que tábuas de assoalho rangendo. Temos um trabalho só porque as pessoas querem acreditar nessa merda sinistra.



Como se fosse uma deixa, alguém subiu os degraus, o suave som dos passos como que saído dos verdadeiros especiais de Vincent Price¹¹⁴, os lamentos e gemidos da velha madeira penetrando o silêncio.

— É disso que você tem medo? Apenas algumas batidas na noite? — Ele disse, se afastando e descendo o olhar para ela. Seus lábios carnudos trouxeram de volta algumas lembranças muito boas e ele roçou sua boca com o polegar, pensando que talvez ela tivesse colocado mais silicone neles. Eles pareciam extras inchados e bonitos.

— Não... — ela sussurrou. — Não é isso.

— Então por que você acha que há um fantasma?

Um golpe na porta soou e a voz de Stan estava abafada.

— Vocês dois estão fodendo ou eu posso ir pra cama agora?

Gregg franziu as sobrancelhas e disparou a cabeça na direção da janela. Aquela solitária figura saiu para ser banhado pelo luar... e desapareceu bem dentro de um escasso ar.

— Porque eu acabei de transar com ele, — Holly disse. — Eu fiz sexo com Eliahu Rathboone.

¹¹⁴ Vincent Leonard Price Jr. foi um ator norte-americano que ficou conhecido por contracenar em filmes de suspense e terror.



Capítulo VINTE E QUATRO

Do lado de fora no corredor do porão de Xhex, John estava marcando um caminho no chão de pedra. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Enquanto ele ouvia absolutamente nada através da porta do quarto.

O que ele supunha que era uma coisa boa — Sem gritos ou maldições esperançosamente significava que o exame da Dra. Jane não estava causando dor.

Ele mandou uma mensagem para Rehvenge e disse ao macho que Xhex havia sido encontrada e eles iriam tentar levá-la de volta ao Complexo. Ele não mencionou o porão, no entanto. Claramente, ela queria manter isso privado, porque se Revh soubesse, o cara teria insistido em vir aqui depois de ela não estar na cabana de caça.

Depois de checar ser relógio, John passou suas mãos através de seu cabelo de novo, e se perguntou como machos vinculados como Wrath e Rhage e Z lidavam com merdas como essa — Cristo, Z teve que atravessar vendo Bella dando a luz... Como infernos eles —

A porta abriu e ele girou, suas solas chiando no piso.

Dra Jane estava séria.

— Ela concordou em ir para o Complexo. V deve estar lá fora esperando no Escalade... Você pode ver se ele está lá?

John sinalizou, *Ela está bem?*

— Ela passou por muita coisa. Vá ver se o carro está lá, pode ser? E vai precisar carregá-la para fora, ok? Eu não a quero andando, e não vou usar uma maca porque nós não precisamos fazer uma cena na rua.

John não ficou por ali e correu para fora do porão. Logo no meio fio, com luzes apagadas, mas o motor ligado, estava o SUV. Atrás do volante, havia um brilho laranja enquanto V inalava seu cigarro enrolado a mão.

O irmão abaixou sua janela.

— Nós vamos levá-la?



John assentiu uma vez, e correu de volta para dentro.

Quando ele chegou à porta do quarto de Xhex, estava fechada, então ele bateu suavemente.

— Um minuto. — Dra Jane gritou, sua voz abafada. — Ok.

Ele abriu e achou Xhex ainda de lado. Uma toalha havia sido enrolada ao redor dela, e um lençol limpo caía de sua cabeça a seus pés. Cristo... Ele desejava que a pele dela oferecesse um pouco mais de contraste para toda aquela merda branca.

John se aproximou, e pensou que era estranho. Ele nunca viu a si mesmo como mais alto que ela antes. Agora ele se elevava sobre ela, e não só porque ela estava deitada.

Eu vou levantar você agora, ele indicou enquanto expressava as palavras com a boca.

Os olhos dela trancaram com os dele, e então ela assentiu e tentou sentar. Enquanto ela lutava, ele se inclinou e a pegou em seus braços.

Ela não pesava o suficiente.

Quando ele se endireitou, Dra Jane rapidamente tirou as cobertas da cama e dobrou, e se moveu em direção à porta.

A rigidez no corpo de Xhex estava custando sua energia, e ele queria que ela relaxasse, mas mesmo se tivesse uma voz, isso teria sido um desperdício. Ela não era do tipo de ser carregada sob nenhuma circunstância, por ninguém.

Ao menos... Normalmente.

O corredor pareceu ter vinte quilômetros, e do lado de fora, os três metros que ele tomou para atravessar a calçada para o SUV era duas vezes mais longe.

V saltou de trás do volante e abriu a porta traseira.

— Ela pode se esticar aqui. Eu coloquei cobertores antes de sair.

John assentiu e foi deitá-la no suave ninho que tinha sido feito.

A mão dela o alcançou e travou no ombro dele.

— Fique comigo. Por favor.



Ele congelou por uma fração de segundo... E então a base de pura força bruta, ele subiu enquanto mantinha seu aperto nela. Se arrumar foi desajeitado... Mas eventualmente ele os colocou situados contra a parede do interior do carro com suas pernas dobradas no joelho, e ela em seu colo, abraçada contra seu peito.

As portas foram fechadas e então houveram mais duas batidas e o rugido do motor.

Através das janelas escurecidas, luzes flamejaram e diminuíram enquanto eles atravessavam a cidade com toda pressa.

Quando Xhex começou a tremer, ele embrulhou seus braços ainda mais apertados ao redor dela, conservando o calor dela contra seu corpo e desejando que seu calor entrasse nela. E talvez funcionou, porque depois de um momento, ela deitou a cabeça contra seu peitoral e a tremedeira passou.

Deus... Ele havia querido ela em seus braços por tanto tempo. Tinha imaginado e previsto cenários onde aconteceu.

Esse não era um deles.

Ele inalou profundamente, planejando soltar um suspiro... E pegou a essência que estava soltando. Especiarias escuras. O tipo que ele cheirou nos Irmãos quando suas *shellans* estavam ao redor. O tipo que significava que seu corpo estava pesando em suas emoções e não havia volta.

Maldito fosse ele, não tinha como esconder a vinculação e nem detê-la. Desde o começo, quando a conheceu pela primeira vez, ele esteve avançando pouco a pouco mais perto daquele penhasco, e claramente ele se lançou sobre o precipício quando ela se alimentou dele.

— John? — Ela sussurrou

Ele bateu levemente em seu ombro, para ela saber que ele a ouviu.

— Obrigada

Ele colocou sua bochecha abaixo no cabelo dela e assentiu com a cabeça para ela poder sentir.

Quando ela puxou a si mesma debaixo, ele não estava surpreso — Ao menos não até que ele percebeu que ela queria olhar para ele.



Oh, Jesus, ele odiou a expressão em seu magro rosto. Ela estava assustada ao ponto do terror, seus profundos olhos cinza, da cor do duro asfalto.

Você está bem, ele gesticulou com a boca. *Você vai ficar bem*.

— Eu estou. — Os olhos dela se apertaram fechados. — Realmente estou.

Se ele tivesse algo a ver com isso, merda, sim.

As pálpebras dela abriram de novo.

— Eu sinto muito. — Ela disse roucamente.

Pelo quê?

— Tudo. Tratar você como eu fiz. Ser quem eu sou. Você merece algo muito melhor. Eu sinto... Realmente muito.

Sua voz quebrou ao fim, enquanto ela começou a piscar, deitou a cabeça para baixo e colocou sua palma no coração batendo dele.

Era em momentos assim, quando ele desejava desesperadamente que pudesse falar. Depois de tudo, não era como se ele fosse virar ela de lá para cá para que pudesse pegar seu maldito bloco de papel.

No final, ele apenas a segurou com cuidado porque isso era tudo o que tinha para oferecer.

E ele não ia confundir essa troca por algo que não era. Uma desculpa não era uma declaração de amor, e não era nem ao menos necessária, porque de qualquer maneira ele tinha perdoado tudo. Ainda o ajudou, de alguma forma. Era ainda uma longa distância do modo que ele desejou que as coisas fossem entre eles, mas era malditamente melhor que nada.

John puxou o lençol mais alto no ombro dela, então deixou sua cabeça cair para trás. Encarando para fora da escurecida janela, seus olhos procuraram as estrelas que pontilhavam o denso, negro aveludado céu da noite.

Engraçado, parecia como se o céu estivesse contra seu peito invés de acima de todo o mundo.

Xhex estava viva. E em seus braços. E ele a estava levando para casa.

Sim. De modo geral, as coisas poderiam ter sido foddidamente pior.





Capítulo VINTE E CINCO

Lash iria mais tarde refletir que você nunca sabe com quem vai cruzar o seu caminho. Você apenas nunca sabe como uma simples decisão de ir para a esquerda ou à direita numa curva podia mudar as coisas. Algumas vezes as escolhas não importavam. Outras... levavam você a lugares inesperados.

No momento atual, entretanto, ele ainda não tinha chegado a essa realização. Ele estava apenas fora, no campo, dirigindo, pensando sobre o tempo.

Apenas no passado recente para dizer a verdade.

— Quanto tempo?

Lash olhou todo o interior do Mercedes. A prostituta que tinha pego em um beco no centro da cidade era suficientemente bonita e tinha silicone o bastante para fazer pornô, mas o vício em drogas da Plástica Fantástica a tinha deixado ossuda e tremendo.

Desesperada, também. Tão viciada que tinha tomado apenas uma nota de cem dólares para colocá-la no AMG¹¹⁵ a caminho de uma “festa”.

— Não muito. — respondeu ele, se focando na estrada.

Ele estava desapontado como a merda. Quando tinha pintado isso em sua cabeça, Xhex estava amarrada e amordaçada no banco traseiro — muito mais romântico. Em vez disso, ele estava preso com essa vadia. Mas ele não podia lutar contra a realidade em que estava: ele precisava se alimentar e seu pai estava esperando algum negócio ser feito, e encontrar Xhex ia exigir mais tempo do que havia pensado.

Entre as piores das concessões era que esta cadela no banco da frente era uma humana: Muito menos útil do que uma vampira, mas ele estava esperando que seus ovários trabalhassem em seu favor, quando ele chegasse para sugar seu sangue.

Mais ao ponto, ele não tinha sido capaz de encontrar um de sua espécie em uma saia.

¹¹⁵ Modelo de carro da Mercedes.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



— Você sabe, — disse ela gaguejando, — Eu costumava ser modelo.

— Sério?

— Em Manhattan. Mas você sabe, aqueles bastardos... Eles realmente não se preocupam com você. Eles só querem te usar, você sabe.

Certo. Primeiro, ela precisava esquecer que já ouviu a frase *Você sabe*. E segundo, como se ela estivesse fazendo muito melhor por conta própria em Caldwell?

— Eu gosto do seu carro.

— Obrigado. — ele murmurou.

Ela inclinou-se, os seios dobrando-se sobre o corselete cor-de-rosa que ela estava vestida. A coisa tinha manchas de gordura de mãos sujas dos lados, como se ela não tivesse lavado por vários dias, e ela cheirava a falsas cerejas, e fumaça de crack.

— Você sabe, eu gosto de você...

Sua mão foi para sua coxa e depois a cabeça dela caiu em seu colo. Quando ele sentiu-a procurando em torno de seu zíper, ele pegou um pedaço do emaranhado loiro esbranquiçado e puxou-a de volta.

Ela nem percebeu a dor.

— Não vamos começar isso agora. — disse ele. — Estamos quase lá.

A mulher lambeu os lábios.

— Claro. Está bem.

Os campos tosados de ambos os lados da estrada eram banhados pelo luar e as casas de ripa que semeava os sujos remendos, brilhavam brancos. Na maioria das casas havia uma luz no alpendre e era isso. Por aqui, para essas pessoas, qualquer coisa depois da meia-noite era beeeeeem passado da hora de dormir.

O que foi parte da razão que fazia sentido em ter um posto avançado aqui, na terra da torta de maçã quente e bandeiras americanas.

Cinco minutos depois, eles pararam na casa da fazenda e estacionaram perto da porta da frente.



— Ninguém mais está aqui. — disse ela. — Nós somos os primeiros?

— Sim. — Ele avançou para desligar o motor. — Vamos —

O som de um clique ao lado de sua orelha, o congelou.

A voz da prostituta não era mais confusa.

— Sai do carro, filho da puta.

Lash girou sua cabeça, e quase deu um beijo francês no focinho de uma nove milímetros. Na outra ponta da arma, as mãos da prostituta estavam firmes como pedra, e os olhos queimavam com o tipo de inteligência sagaz que ele teve que respeitar.

Surpresa, surpresa, ele pensou.

— Sai. Fora. — ela estalou.

Ele sorriu lentamente.

— Você já disparou essa coisa antes?

— Muitas vezes. — Ela não piscou. — E eu não tenho um problema com o sangue.

— Ah. Bem, bom para você.

— Sai fora —

— Então, qual é o plano aqui. Me mandar sair do carro. Atirar na minha cabeça e me deixar para morrer. Pegar o Mercedes, meu relógio e minha carteira?

— E o que está no seu porta-malas.

— Você precisa de um pneu extra? Você sabe, você pode comprar um em qualquer loja da Firestone ou Goodyear. Apenas PSI¹¹⁶.

— Você acha que eu não sei quem você é?

Oh, ele estava muito fodidamente certo de que ela não tinha a menor ideia.

— Por que você não me diz?

¹¹⁶ Para Sua Informação.



— Eu já vi este carro. Eu vi você. Eu comprei suas drogas.

— Um cliente. É tão doce.

— Cai. Fora.

Quando ele não se mexeu, ela moveu a arma um centímetro para o lado e puxou o gatilho. Quando a bala estourou a janela atrás dele, ele ficou irritado. Uma coisa era brincar. Outra, causar danos à propriedade.

Quando ela moveu a ponta da nove, de volta entre seus olhos, ele desmaterializou.

Tomando forma em torno do outro lado do carro, ele viu como ela surtou em seu assento, olhando ao redor, os cabelos crespos voando de um lado a outro.

Pronto para lhe ensinar uma coisa ou duas sobre os planos, ele puxou sua porta, e arrastou-a pelo braço. Obter o controle da arma dela foi obra de um momento, apenas um pegar e tirar. E então ele estava enfiando a nove em seu cinto na parte baixa das costas e segurando-a em seu peito com uma chave de braço.

— O que... O que

— Você me disse para sair do carro, — disse ele em seu ouvido. — Então eu saí. —

Seu corpo esguio era todo o tipo de fraco como *folha-no-vento*, nada mais que um tremeluzir em sua roupa barata de prostituta. Comparado com as batalhas físicas com Xhex, isto era como uma respiração contra um furacão.

Que entediante.

— Vamos entrar, — murmurou, abaixando a boca para sua garganta e correndo uma presa acima de sua jugular. — O outro convidado da festa deve estar esperando por nós.

À medida que afastava, ela virou o rosto e ele sorriu, mostrando seu equipamento. Seu grito incitou uma coruja em cima de seu galho, e para se



certificar de que ela cortasse com o Hitchcock¹¹⁷, ele esbofeteou sua boca com a palma da mão livre, e forçou-a para a porta da frente.

No interior, o lugar cheirava à morte, graças à indução da noite anterior e todo o sangue nos baldes. Havia uma vantagem para o residual, no entanto. Enquanto ele acendia as luzes e a garota tinha uma breve olhada da sala de jantar, ela ficou rígida de terror e então desmaiou.

Malditamente bom da parte dela. Fez colocá-la estendida e amarrada na mesa mais fácil.

Após recuperar o fôlego, ele levou os baldes para a cozinha, lavou-os na pia, limpou as facas, e desejou um inferno que o Sr. D ainda estivesse por perto para cuidar da merda do trabalho.

Ele estava colocando o jato do spray de volta onde pertencia, quando se deu conta que o *lesser* que eles tinham convertido na noite anterior, não estava a vista.

Levando os baldes à sala de jantar, ajustou-os sob os pulsos da prostituta e tornozelos e, em seguida, fez uma rápida verificação do térreo. Quando tudo o que conseguiu foi uma série de nada-por-aqui, ele correu até o segundo andar.

A porta do armário do quarto estava aberta e havia um cabide na cama em que uma camisa tinha sido tirada. Chuveiro no banheiro tinha água fresca escorrendo pelas paredes laterais.

Que porra é essa?

Como diabos esse cara conseguiu ir embora? Não havia carro, então a única outra opção era caminhar. E, em seguida, pegar uma carona. Ou fazer uma ligação direta em um desses caminhões dos fazendeiros.

Lash desceu e descobriu que a prostituta tinha voltado a si, e estava lutando contra a mordida em sua boca, os olhos irritados enquanto se contorcia na mesa.

— Não vai demorar, — disse a ela, percorrendo com o olhar suas pernas finas. Ela tinha tatuagens nas duas, mas eram uma bela bagunça com nenhum tema em tudo, apenas manchas aleatórias — algumas das quais talvez se

¹¹⁷ Refere-se ao filme "Os Pássaros" de Alfred Hitchcock, onde pássaros de todas as espécies passam a atacar a população em número cada vez maior e com mais violência, deixando todos aterrorizados.



pudesse identificar, outras que ficaram arruinadas por outras pinturas ou cicatrizes.

Muitas borboletas feitas em néon, ele supunha. Talvez tivesse sido esse o plano em primeiro lugar.

Ele andava ao redor, indo para a cozinha e depois voltando pela sala de jantar e descendo o corredor novamente. O som agudo de saltos batendo contra a mesa e o ranger de pele nua desapareceu na distância, ele se perguntava onde diabos estava o novo recruta e porque seu pai estava atrasado.

Meia hora depois, ele ainda tinha um monte de nada a fazer, e mandou um toque mental para o outro lado.

Seu pai não respondeu.

Lash subiu e fechou a porta, pensando que talvez não estivesse se concentrando corretamente porque estava chateado e frustrado. Sentado na cama, ele colocou as mãos sobre os joelhos e se acalmou. Quando seu batimento cardíaco estava lento e constante, ele respirou fundo, chamou novamente... E não teve nada.

Talvez algo havia acontecido com o Omega?

Em uma corrida de emoção, ele decidiu ir para o *Dhunhd* por si mesmo.

Suas moléculas se dissolveram bem, mas quando ele tentou retomar forma no outro plano de existência, ele foi bloqueado. Impedido. Negado.

Foi como bater em uma parede sólida, e enquanto ele se balançou de volta até o quarto imundo na casa da fazenda, seu corpo absorveu o choque de uma onda de náusea.

Que. Porra —

Quando seu celular vibrou, ele arrancou-o do bolso do paletó e franziu o cenho quando viu o número.

— Olá? — disse ele.

A gargalhada que veio através era jovial.



— Oi, você, limpador de bundas. Quem está falando é seu novo patrão. Adivinha quem acabou de ser promovido? A propósito, seu pai diz para não incomodá-lo mais. Mau movimento perguntando sobre as mulheres... você deveria conhecer seu pai melhor do que isso. Oh, e parece que Eu devo matar você agora. Até logo!

O novo recruta começou a rir, aquele som esmurando através da conexão, na cabeça de Lash, enquanto a chamada era encerrada.

Pela outra parte.

Ela não estava grávida. Ao menos não que Dra. Jane soubesse.

Mas pela cortesia daquela pequena pausa feliz em pânico, Xhex não lembrava de nada da viagem ao Complexo. A ideia de que havia sequestrado uma chance de que ela pudesse estar...

Afinal, ela não estava usando seus cílios — e seu propósito era matar as tendências *sympath* nela, inclusive a ovulação.

O que ela teria feito?

Certo, ponto discutível, e ela precisava parar com essa porra. Deus sabia que ela tinha o suficiente para se preocupar na categoria de "acontecendo agora".

Respirando fundo, ela inalou o cheiro de John e concentrou-se na batida, forte e firme do seu coração em sua orelha. Não demorou muito antes do sono, levá-la duramente, a combinação da exaustão, a falta de energia após a alimentação, e a necessidade de se retirar de sua vida por um tempo carregando-a em um estado profundo, sem sonhos na parte traseira do SUV.

Ela acordou com a sensação de ser levantada e os olhos abrindo.

John estava levando-a através de algum tipo de área de estacionamento que, dadas as paredes e o teto cavernoso, tinham que ser subterrâneos. A porta de aço maciço foi aberta pelo Vishous, que parecia estar em um modo surpreendente para ajudar, e do outro lado... Era um pesadelo.



O longo, anônimo salão tinha pálidos azulejos no chão, as paredes de blocos de concreto e um teto baixo, e tinha caixa de luzes fluorescentes nelas.

O passado caiu no lugar, o filtro da experiência anterior substituindo o que estava realmente ocorrendo com um pesadelo lembrado. Nos braços de John, seu corpo foi de fraco a maníaco e ela começou a lutar contra o aperto nela, lutando para se libertar. A comoção foi instantânea, as pessoas correndo em sua direção, um som alto como uma sirene estridente.

Como se vagamente ocorresse que seu maxilar doía, ela percebeu que estava gritando.

E, de repente, tudo o que ela via era o rosto de John.

Ele de alguma forma conseguira virá-la ao redor de seus braços e eles estavam frente a frente, olhos nos olhos, as mãos cavando em seus lados e seus quadris. Com a visão daquele corredor institucional substituído por seu olhar azul, a garra do passado foi quebrada e ela foi capturada por ele.

Ele não disse coisa alguma. Apenas ficou quieto e deixou-a olhar para ele.

Era exatamente o que ela precisava. Ela se prendeu em seus olhos e os usou para fechar seu cérebro.

Quando ele assentiu, ela acenou de volta para ele e ele começou a avançar novamente. De vez em quando, seu olhar virava longe dela para verificar onde estavam indo, mas sempre voltava.

Ele sempre voltava.

Havia vozes, algumas delas, e um monte de portas abrindo e fechando, e depois um monte de azulejos verde-claro: Ela estava em uma sala de exame, com um lustre multi-luzes acima dela e todos os tipos de suprimentos médicos em armários de vidro em todos os lugares que ela olhava.

Enquanto John a colocava sobre a mesa, ela perdeu o controle de suas rédeas novamente. Seus pulmões se recusaram a fazer seu trabalho, como se o ar estivesse envenenado, e seus olhos balançaram ao redor, encontrando todos os tipos de gatilhos disparando pânico, como equipamentos, e instrumentos, e a mesa... a mesa.

— Ok, estamos perdendo ela novamente. — O tom da Dra. Jane era implacavelmente nivelado. — John, venha aqui.



O rosto de John voltou a se aproximar, e Xhex se segurou em seus olhos.

— Xhex? — A voz de Dra. Jane veio mais à esquerda. — Eu vou lhe dar um sedativo —

— Nenhuma droga! — A resposta saltou para fora de sua boca. — Eu prefiro estar aterrorizada... Do que impotente...

Sua respiração estava extremamente curta, e cada impotente puxada de suas costelas, a convenceram como nada mais poderia, que a vida era sobre sofrer mais do que sobre ter alegria. Houve muitos desses momentos, muitas vezes a dor e o medo haviam tomado o controle, muitas sombras que não apenas se escondiam, mas sugavam para fora toda a iluminação da noite em que ela existia.

— Deixe-me ir... Deixe-me ir embora... — Quando os olhos de John se alargaram, Xhex percebeu que tinha encontrado uma de suas facas, a tinha desembainhado, e estava tentando colocá-la na palma da mão dele. — Por favor, deixe-me ir... Eu não quero mais ficar aqui... Acabe com isso para sempre, *por favor...*

Montes de corpos congelaram em torno dela, e a falta de movimento a enfocou um pouco. Rhage e Mary estavam no canto. Rehv estava lá. Vishous e Zsadi. Ninguém falando ou se mexendo um centímetro.

John tomou a adaga da mão dela, e isso foi o que a fez chorar. Porque ele não ia usá-la. Não contra ela. Não agora... Nem nunca.

E ela não tinha força para fazê-lo sozinha.

De repente, uma emoção enorme ferveu em seu intestino, e enquanto a pressão se expandia e crescia dentro de seu corpo, olhou ao redor freneticamente enquanto prateleiras começavam a chacoalhar, e o computador mais no canto a saltar sobre a mesa.

No entanto John estava atento. E foi rápido. Ele começou a sinalizar com o mesmo tipo de urgência que ela estava sentindo, e um instante depois, todos saíram.

Exceto por ele.



Tentando desesperadamente não explodir, ela olhou para suas mãos. Elas tremiam tanto, que eram como as asas de uma mosca... e foi quando estava olhando para elas, que ela chegou ao fundo.

O grito ressoou fora dela, e o som era totalmente estranho, tão agudo e horrorizado.

John manteve-se firme. Mesmo quando ela gritou novamente.

Ele não ia a lugar nenhum. Ele não estava agitado. Ele estava apenas... ali.

Agarrando o lençol que a circulava, ela apertou-o em torno de seu corpo, muito consciente de que estava desmoronando, que a fissura tinha sido apertada por essa viagem ao fundo do corredor e agora ela tinha se espalhado. Na verdade, ela se sentiu como se houvesse duas de si na sala, a louca em cima da mesa gritando, tendo perdido a cabeça e chorando lágrimas de sangue... e uma calma e sã no canto, observando a si mesma e John.

Iriam as duas partes dela se juntarem novamente? Ou será que ela seria sempre assim, partida em pedaços?

Sua mente escolheu o personagem observador sobre a histeria e ela retirou-se para aquele lugar silencioso, onde assistiu-se chorando ao ponto de asfixia. As manchas de sangue que corriam pelas faces brancas como papel não a nausearam, e nem os loucos, olhos arregalados ou as batidas epiléticas de seus braços e pernas.

Ela ficou triste pela situação da fêmea que havia sido levada a tal extremo. Quem mantinha-se distante de todas as emoções.

A fêmea que tinha nascido sob uma maldição. A fêmea que tinha feito mal e tinha feito até mesmo a ela. A fêmea que tinha se endurecido, sua mente e suas emoções tornando-se de aço.

A fêmea que havia estado errada sobre se fechar, aquela coisa da auto-contenção.

Não era questão de força, como ela sempre dizia a si mesma.

Era estritamente sobrevivência... e ela simplesmente já não podia suportar mais.



Capítulo VINTE E SEIS

– Você fez... sexo. Com Eliahu Rathboone.

Gregg afastou Holly de si e olhou para o rosto dela, pensando que ela tinha perdido sua maldita cabeça... bem, perdeu o pouco do que ela tinha. Então eram dois, porque ele tinha imaginado claramente o que ele tinha acabado de "ver" lá fora.

Exceto que seus olhos eram totalmente claros e sem malícia.

– Ele veio até mim. Eu havia adormecido...

Outra rodada de batidas na porta a interrompeu, e então se ouviu a voz de Stan.

– Olá? Em que quarto tenho...

– Mais tarde, Stan – Gregg cortou. Como as queixas diminuíram, os passos no corredor se afastaram para o quarto de Holly e uma porta se fechou.

– Venha aqui – Ele puxou Holly para a cama. – Sente-se e diga-me... O que diabos você acha que aconteceu.

Ele se concentrou em seus lábios inchados enquanto ela falava.

– Bem, eu tinha acabado de sair do chuveiro. Eu estava exausta e havia deitado na cama para descansar meus olhos antes de vestir minha camisola. Devo ter adormecido... porque a próxima coisa que eu soube foi que eu estava tendo este sonho...

Oh, pelo amor de Deus.

– Holly, só porque você teve um pesadelo, não significa que você...

– Eu não terminei – ela retrucou – E não era um pesadelo.

– Eu pensei que você estivesse em pânico.

– O material assustador veio depois – Ela arqueou uma sobrancelha – Você vai me deixar falar?



– Tudo bem – Mas só porque tinha esperança de conseguir que sua boca fizesse outra coisa mais tarde. Porra, seus lábios pareciam... – Vá em frente.

Em frente. É. Isso é o que ele estava pensando.

– Comecei a ter esse sonho que este homem entrou em meu quarto. Ele era muito alto e musculoso... Um dos maiores homens que já vi. Ele estava vestido de preto e ficou sobre a minha cama. Cheirava maravilhosamente... e ele olhou para mim... – Sua mão envolveu em seu pescoço e deslizou lentamente para baixo entre seus seios – Tirei a toalha e puxei-o para cima de mim. Foi... indescritível....

O que era uma boa notícia. Porque ele de repente não queria ouvir nada sobre o que aconteceu em seguida.

– Ele me possuiu – Mais com essa coisa da mão-no-pescoço – Como eu nunca fui possuída antes. Ele era tão...

– ... dotado como uma mangueira de incêndio e te tomou de doze maneiras diferentes. Parabéns. Seu subconsciente deveria dirigir pornô. O que isso tem a ver com Eliahu Rathboone.

Holly olhou para ele... e, em seguida, puxou sua lapela ao lado – Porque quando eu acordei, eu tinha isso – Ela apontou para o que certamente parecia ser um chupão no pescoço – E eu realmente tive relações sexuais.

Gregg franziu a testa – Você... Como você sabe?

– Como você acha que eu sei.

Gregg pigarreou. – Você está bem? – Ele colocou a mão em seu braço – Quero dizer... Ah, você quer chamar a polícia.

O riso de Holly era baixo e dolorosamente sexy – Oh, foi consensual. O que quer que tenha sido – Sua expressão perdeu o seu fulgor – Esse é o ponto... Eu não sei o que era. Eu pensei que tivesse sonhado. Eu não achei que fosse real até...

Até houve alguma evidência inegável do contrário.

Gregg escovou suas extensões loiras por cima do ombro – Você tem certeza que está tudo bem?

– Eu acho que sim.



Cara, ele não levou um momento para decidir – Bem, é isso. Nós estamos indo embora amanhã.

– O quê? Oh, meu Deus, Gregg... Eu não quis causar problemas... – Ela franziu o cenho – Talvez... Talvez eu tenha sonhado a parte em que eu acordei, também. Tomei outro banho... Talvez nada disso tenha realmente acontecido.

– Foda-se, vou ligar para Atlanta de manhã e dizer a eles que estamos voltando. Eu não vou ficar onde você não esteja segura.

– Jesus, eu quero dizer, isso é muito cavalheiresco da sua parte, mas... Eu não sei. Tudo está tão confuso, e agora eu me pergunto se eu vou me sentir melhor de manhã. Eu estou realmente confusa... foi estranho – Seus dedos foram para as têmporas e começou a esfregar em círculos, como se a sua cabeça estivesse doendo. – Eu vou dizer que eu quis que acontecesse, a cada passo do caminho...

– Sua porta estava trancada? – Ele queria uma resposta para a pergunta, mas ele também não tinha necessidade de ouvir sobre o fantasma, muito obrigado.

– Eu sempre tranco a porta de um quarto de hotel antes de tomar um banho.

– Janelas?

– Fechadas. Eu acho que elas estavam trancadas. Eu não sei.

– Bem, você fica comigo esta noite. Estará segura aqui.

E não apenas porque ele não iria dar em cima dela agora. Ele tinha uma arma com ele. Sempre. Tinha licença para a coisa e sabia como usá-la: quando as pessoas começaram a ser alvejadas no tráfego de Los Angeles, ele decidiu andar armado.

Juntos, eles se estenderam sobre a cama.

– Vou deixar a luz acesa.

– Está tudo bem. Apenas tranque a porta.

Ele assentiu e deslizou para fora da cama, fechando o cadeado, assim como a corrente, depois fez uma passagem rápida pelas janelas para inspecionar as



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



travas. Quando ele deitou novamente, ela se aninhou na curva de seu braço e suspirou.

Ele puxou o edredom debaixo de suas pernas e o estendeu sobre eles, desligou a luz e se acomodou nos travesseiros.

Ele pensou no homem de fora caminhando pelo jardim e quase rosnou. Foda-se. Essa. Merda. Poderia ser um vizinho local com uma chave mestre ou um agente que poderia arrombar a fechadura.

Supondo que nada tivesse acontecido. Do que ele tinha cada vez menos certeza...

Que seja. Eles estavam saindo de manhã e era isso.

Ele franziu a testa na escuridão. – Holly?

– Sim?

– Por que você acha que foi Rathboone.

Ela bocejou amplamente. – Porque ele parecia exatamente com o retrato na sala de estar.





Capítulo VINTE E SETE

Lá embaixo na sala de exame, na clínica subterrânea, John estava em pé diante da Xhex e se sentiu totalmente impotente para ajudá-la. Enquanto ela se sentava gritando na mesa de aço, seus braços tensos paralelo a seu corpo, segurando no lençol, e seu rosto esticado, seus lábios abertos, lágrimas vermelhas escorrendo de seus olhos e caindo em suas bochechas brancas... E ele não podia fazer nada quanto a isso.

Ele sabia em que tipo de lugar áspero ela estava. Sabia que não poderia alcançá-la no fundo do poço em que ela se encontrava, ele já estivera lá. Sabia exatamente o que era tropeçar, cair e sofrer a agonia do duro impacto... Mesmo que tecnicamente o seu corpo não tenha ido a lugar algum.

A única diferença era que ela possuía uma voz para dar asas a sua dor.

Enquanto seus ouvidos zumbiam e seu coração se partiu por ela, ele permaneceu firme contra a força do vendaval que ela emanava. Afinal de contas, sabia que havia uma razão para o *aqui* e *ouvir*¹¹⁸ serem diferentes por tão pouco e soar como um ao outro. Servindo de testemunha, ele a ouvia e estava ali por ela, porque isso era tudo o que podia fazer quando alguém se rompia em pedaços.

Mas Deus doía nele ver como ela sofria. Doía nele e o focava no rosto de Lash se apresentando como um fantasma, adquirindo forma física no olho mental de John. Enquanto ela gritava e gritava, ele jurou vingança até que seu coração não pulsasse sangue, mas sede de vingança.

Então Xhex tomou uma série respirações profundas. E mais uma sequência de vezes.

— Acredito que terminei com isso. — ela disse com dificuldade.

Ele esperou um momento para ter certeza. Quando ela assentiu, ele pegou o bloco de papel e escreveu rapidamente.

¹¹⁸ NT: Esse foi um trocadilho das palavras em inglês que são parecidas na pronúncia e diferentes no significado: "there was a reason why here and hear were separated by so little and sounded one like the other".



Quando ele mostrou a folha para ela, seus olhos se viraram para a escrita e precisou de certa quantidade de tentativas para entender.

— Posso lavar o meu rosto antes?

Ele concordou e foi até a pia de aço inoxidável. Deixando correr água gelada, ele pegou uma toalha limpa de uma pilha e a molhou antes de retornar para ela. Quando ela estendeu suas mãos, ele colocou a toalha úmida em suas palmas e assistiu enquanto ela lentamente a pressionava no rosto. Era difícil vê-la tão frágil comparando com o modo que ele a havia conhecido, forte, poderosa e destemida.

O cabelo dela havia crescido e começava a encaracolar as pontas, sugerindo que se ela não o cortasse ele seria uma onda de fios grossos. Deus, ele queria tocar essa suavidade.

Seus olhos baixaram até a mesa e ele abruptamente os arregalou. O lençol que estava torcido por debaixo dela... E havia uma mancha escura na toalha que tinha ao redor de seus quadris.

Ele inalou profundamente, ele sentiu o cheiro de sangue fresco e ficou surpreso de não ter percebido antes. Mas também, ele esteve fodidamente distraído.

Oh... Cristo. Ela estava sangrando...

Ele a tocou levemente nos braços e pronunciou *Dra. Jane*.

Ela assentiu. — Sim. Vamos acabar logo com isso.

Frenético, John se lançou pela porta da sala de exame. Fora, no corredor, havia uma legião de rostos preocupados, tendo a Dra. Jane como líder do grupo.

— Ela está pronta para mim? — Quando o John deu um passa para o lado e fez um gesto de urgente com o braço, a doutora avançou.

Ele a parou, entretanto. De costas para Xhex, ele assinalou, *Ela está machucada em algum lugar. Está sangrando.*

A Dra. Jane colocou a mão em seus ombros e o fez girar de lado para que trocassem de lugar. — Eu sei, Porque você não espera lá fora. Eu cuidarei bem dela. Ehlena? Você se importa de me acompanhar... Eu precisarei de um segundo par de mãos.



A *shellan* do Rehvenge foi para a sala de exame e John viu por cima da cabeça da médica quando a fêmea começou a lavar as mãos.

Por que o Vishous não está ajudando? Ele gesticulou.

— Estamos apenas fazendo um exame de ultrassom para termos certeza de que ela está bem. Eu não estou operando. — A Dra Jane sorriu para ele de uma forma profissional... O que era estranhamente assustador. E depois a porta foi fechada em sua cara.

Ele olhou em volta a todos os outros. Todos os machos foram deixados no corredor. Apenas fêmeas estavam ali dentro com ela.

Sua mente começou a dar voltas e não levou muito tempo para chegar a uma conclusão que não poderia estar certa.

Uma mão pesada pousou em seus ombros e a voz do V era baixa. — Não tem que ficar aqui fora John. Vamos.

Foi quando ele percebeu que sua mão havia agarrado a fechadura. Olhando para baixo, ele se comandou a soltar sua mão... E teve que enviar a ordem mais duas vezes antes de soltá-la.

Não havia mais gritos. Nenhum barulho.

Ele esperou. E esperou. Caminhou e esperou um pouco mais. Vishous acendeu outro cigarro nas mãos. Blay o acompanhou, acendendo um Dunhill. Qhuinn dava golpezinhos em suas coxas. Wrath acariciava a cabeça de George enquanto o golden retriever observava John com seus olhos marrons e bondosos.

Eventualmente, a Dra Jane colocou a cabeça para fora da porta e procurou por seu parceiro. — Eu preciso de você.

Vishous apagou o cigarro na sola da bota e guardou a ponta do cigarro no bolso de trás. — Entrar em cirurgia?

— Sim

— Deixe-me trocar de roupa.

Enquanto o macho rumava ao vestiário, o olhar da Dra. Jane se encontrou com o de John. — Eu cuidarei muito bem dela—



O que está acontecendo? Por que ela está sangrando? Ele assinalou.

— Eu cuidarei dela.

E fechou novamente a porta.

Quando o V retornou, tinha todo o aspecto de um guerreiro, mesmo estando sem as roupas de couro, e John esperava desesperadamente que a competência de campo do cara se transladasse para a área médica.

Aqueles olhos de diamantes brilharam e ele deu uma palmada nos ombros de John antes de entrar silenciosamente na sala de exame... Que evidentemente funcionava agora como sala de cirurgia.

Quando a porta se fechou, John sentiu vontade de gritar.

Ao invés disso, ele seguiu caminhando, subindo e descendo o corredor. Subindo e descendo. Subindo... E descendo eventualmente, os outros dispersaram, dirigindo-se a uma das salas de aula nos arredores, mas ele não suportava juntar-se a eles.

Cada vez que passava pela porta que estava fechada para ele, ia aumentando mais o caminho, até que a viagem o levou até a saída, para a garagem e depois de volta ao vestiário. Suas pernas longas “comiam” a distancia, tornando o que era bem umas cinquenta metros em uns poucos centímetros.

Ou pelo menos parecia assim.

No que deveria ser sua quinta viagem ao vestiário, John deu uma volta e se encontrou na frente da porta de cristal do escritório. A mesa, os porta-arquivos e o computador pareciam impecavelmente normais e ele encontrou um extraordinário conforto nos objetos inanimados.

Mas a tranquilidade se acabou quando ele entrou novamente.

Com sua visão periférica, ele viu as rachaduras na parede de concreto ao longo do caminho, as quais provinham de uma única fonte de impacto.

Lembrou-se da noite que aconteceu. Aquela noite horrível.

Ele e Thor estavam sentados juntos na oficina, ele fazendo a lição da escola, o Irmão tentando manter a calma enquanto ligava para casa consecutivamente.



Cada vez que Wellsie não atendia, cada vez que ia para o correio de voz, a tensão aumentava... Até que o Wrath apareceu com a Irmandade atrás dele.

A notícia que a Wellsie tinha morrido era trágica... Mas quando Tohr soube o "como": Não porque ela estava grávida de seu primeiro filho, mas porque um *lesser* a matou a sangue frio. Assassinou-a. Levando-a e a seu bebê com ela.

Foi aquilo que causou estas marcas.

John se aproximou e passou as pontas dos dedos pelas finas linhas de concreto. A fúria foi tão intensa, Tohr literalmente havia explodido como uma supernova, a sobrecarga emocional o havia desmaterializado para algum outro lugar.

John nunca soube para onde ele fora.

A sensação de estar sendo observado o fez levantar a cabeça e olhar por cima do ombro. Thor estava do outro lado da porta de cristal, de pé na oficina olhando-o fixamente.

Os olhares de ambos se cruzaram e foi de macho para macho, não de mais velho para mais jovem.

John tinha uma idade diferente agora. E como tantas outras coisas nesta situação, ele não retrocederia.

— John? A voz da Dra. Jane veio através do corredor e ele deu meia volta e correu para ela.

Como ela está? O que aconteceu? Ela está —

— Ela ficará bem. Ela está voltando da anestesia. Eu a mantereí de cama pelas próximas seis horas, mais ou menos. Eu entendi que ela se alimentou de você? — Ele mostrou seu pulso e a Dra. assentiu. — Bom. Eu agradeceria se você permanecesse com ela, para o caso dela precisar novamente?

Como se ele fosse estar em outro lugar.

Quando John entrou na sala de exame, ele se moveu nas pontas dos pés, não queria perturbar ninguém, mas ela não estava aqui.

— Ela foi movida para o outro quarto. — V disse por cima do aparelho de esterilizar.



Antes de sair pela porta do fundo, ele ficou olhando o resultado do que foi feito com a Xhex. Havia uma alarmante pilha de gazes ensanguentada no chão e mais sangue na mesa que ela esteve. O lençol e a toalha que ela usou estavam amassados de um lado.

Tanto sangue. E tão fresco.

John assobiou alto para que V olhasse. *Alguém pode me dizer que inferno aconteceu aqui?*

— Você pode conversar com ela sobre isso. — Enquanto o Irmão pegava uma bolsa laranja de despejo biológico e começava a recolher as gazes usadas, V parou, mas não encontrou o olhar de John. — Ela vai ficar bem.

E foi então que John teve certeza.

Por mais mal que ele houvesse pensando que ela foi tratada, havia sido pior. Muito pior.

Falando superficialmente, quando havia lesões adquiridas em combate ou em campo, a informação passava de um lado sem muita reflexão — Fêmur quebrado, costelas esmagadas, punhaladas. Mas uma fêmea ingressou, foi examinada sem machos presentes, e ninguém falou uma palavra referente a intervenção cirúrgica?

Não é porque os *lessers* são impotentes que eles não podem fazer outras coisas com...

Uma brisa fria passou como um relâmpago pela sala fazendo com que a cabeça de V se levantasse novamente.

— Um conselho John. Eu manteria as suposições para si. Assumindo que você quer ser a pessoa que matará o Lash, certo? Você não vai querer que Rehv ou os Sombras, por mais que você os respeite, façam aquilo que é seu por direito.

Meu Deus, o Irmão era fantástico, John pensou.

Concordando com a cabeça uma vez, ele foi até o quarto de Xhex, pensando que aqueles machos não eram o único motivo dele não refletir profundamente sobre o assunto. Xhex também não precisava saber até onde ele estava disposto a chegar.



Xhex sentiu como se alguém tivesse estacionado um ônibus Volkswagen em seu útero.

A pressão era tanta, que ela levantou sua cabeça para verificar se seu corpo havia inchado até as dimensões de uma garagem.

Não. Plano como sempre.

Ela deixou sua cabeça cair.

Em algum nível, ela não podia acreditar onde estava agora: no pós-operatório. Deitada em uma cama com suas pernas, braços e cabeça ainda unidas... E o rompimento de sua parede uterina reparada.

Quando estava sob os efeitos de sua fobia médica, ela não podia ver mais do que o seu cérebro marcava como mortal. Para ela, neste estado enlouquecido, ela não estava em um ambiente seguro, rodeada de pessoas que ela conhecia e a quem podia confiar.

Agora, tendo passado através do fogo, o fato dela estar sã e salva, lhe proporcionou uma estranha dose de endorfina.

Houve uma batida suave, e ela sabia pela essência por baixo da porta quem era.

Tocando o cabelo, ela se perguntou como diabos estaria sua aparência e decidiu que era melhor não sabê-lo. — Entre.

A cabeça de John Matthew apareceu com as sobrancelhas arqueadas, como dizendo *como-você-está?*

— Estou bem. Estou melhor. Grogue de medicamentos.

Ele deslizou para dentro e se apoiou contra a parede, colocando as mãos nos bolsos e colocando sua pesada bota sobre a outra. Sua camiseta era uma



simples Hanes¹¹⁹ branca, o que provavelmente era uma coisa boa, considerando que estava manchada de sangue de *lesser*.

Ele cheirava como um macho deveria. A sabão e suor limpo.

E ele tinha a aparência que um homem deveria ter. Alto, largo e mortal.

Deus, ela realmente tinha perdido a cabeça daquele jeito na frente dele?

— Seu cabelo está mais curto. — ela disse sem nenhuma razão particular.

Ele sacou uma de suas mãos e dasajeitadamente acariciou o cabelo. Com a cabeça inclinada, os poderosos músculos que vinham de seus ombros até seu pescoço se flexionavam sob sua pele dourada.

De repente, Xhex se perguntou se alguma vez voltaria a ter relações sexuais.

Foi um pensamento estranho, seguramente. Considerando como ela havia passado os últimos tempos.

Ela franziu a testa. — Por quantas semanas eu estive fora?

Ele sustentou quatro dedos e depois fez um movimento como um beliscão.

— Quase quatro?

Quando ele assentiu, ela endireitou cuidadosamente a dobra do lençol que passava por seu peito. — Quase... Quatro.

Bem, os humanos a mantiveram por meses antes de poder escapar deles. Apenas quatro semanas deveria ser fácil de superar.

Ah, mas ela não devia ir por aí, claro. Não havia nada que “superar”. Tudo havia “acabado”.

— Você quer se sentar? — Ela disse indicando uma cadeira ao lado da cama. A coisa era padronizada e tradicional, o que significava que era tão confortável quanto uma facada no rabo, mas não queria que ele se fosse.

As sobrelhas de John se levantaram novamente e ele concordou com a cabeça enquanto se aproximava. Acomodando seu enorme corpo no pequeno assento, tratou primeiro de cruzar as pernas sobre os joelhos e depois os

¹¹⁹ Marca de roupa.



tornozelos. Terminou sentando estirado, com suas botas debaixo da cama e seus braços sobre o suporte da cadeira.

Ela brincou com o maldito lençol. — Posso te perguntar algo?

Com sua visão periférica, ela o viu assentir, depois se endireitar e pegar um bloco de folhas e sua caneta no bolso de trás.

Limpando sua garganta, ela imaginava como exatamente expressar sua pergunta.

No final, se rendeu e seguiu com algo impessoal. — Onde o Lash foi visto pela última vez?

Ele assentiu e se inclinou sobre o papel, escrevendo rapidamente. Enquanto suas palavras tomavam forma na folha branca, ela o observou... E percebeu que não queria que ele se fosse nunca. Ela o queria aqui, ao seu lado para sempre.

A salvo. Ela estava verdadeiramente a salvo com ele por perto.

Ele se endireitou e estendeu o papel. Logo pareceu se congelar.

Por alguma razão, ela não podia se focar no que ele tinha escrito e ela se estendeu.

— Espere, eu ainda não li. Você poderia... O que. O que está errado? — Maldição, agora seus olhos se recusavam a vê-lo claramente.

John se inclinou para um lado e ela ouviu um quieto som *ppft*. Depois um lenço Kleenex foi dado a ela.

— Oh, pelo amor de Deus. — Ela pegou o que ele ofereceu e pressionou contra os dois olhos. — Odeio ser uma garota. É foddidamente aborrecido ser uma garota.

Enquanto começava um discurso retórico sobre estrogênio, saias, e esmalte rosa e sobre malditos estiletes, ele lhe proporcionou um Kleneex após o outro, recolhendo os manchados de vermelho que ela ia usando.

— Eu nunca choro, você sabe. — Ela olhou irritada para ele. — Nunca.

Ele assentiu. E lhe deu outro maldito lenço.

— Jesus Cristo. Primeiro eu dou um ataque de gritos, agora choro sem sentido. Eu poderia matar o Lash só por essa merda.





Uma rajada de vento entrou no cômodo e ela olhou para John... Apenas para recuar. Ele havia passado de compassivo para sociopata em questão de segundos. Ao ponto em que ela estava quase certa de que ele não tinha consciência de ter liberado suas presas.

Sua voz se baixou num sussurro e o que ela realmente queria perguntar surgiu. — Por que você ficou? Na sala de operação, antes. — Ela desviou o olhar dele, focando-se nas manchas vermelhas que havia feito na lenço que acabara de usar. — Você ficou e você... Você só parecia entender.

No silêncio que se seguiu, se deu conta de que conhecia o contexto de sua vida muito bem: com quem viveu o que ele fez em campo de batalha, como ele lutou, onde ele passou seu tempo. Mas ela não sabia nada específico. Seu passado era um buraco negro.

E por alguma desconhecida razão, ela precisava iluminá-lo.

Porra, ela sabia exatamente o porquê: naquele incandescente horror que ela enfrentou na sala de emergência, a única coisa que a havia ligado a terra fora ele e isso era estranho, mas ela se sentia ligada a ele em algum nível essencial agora. Ele a havia visto em seu pior estado, mais fraca e mais insana, e ele não desviou o olhar. Ele não fugiu, não julgou e não se queimou.

Era como se o calor de sua fusão os derretesse juntos.

Isto era mais que emoção. Era uma questão de alma.

— Que inferno te aconteceu John. No seu passado.

Seus olhos se fecharam e seus braços cruzaram sob seu peito como se agora fosse ele que tentasse descobrir como se expressar. Mas sua grade emocional de repente se iluminou com todo tipo de coisas obscuras e ela teve a impressão de que ele pensava em escapar.

— Olha eu não quero te pressionar. — Merda. Porra. — E se quer negar que houve algo salvo perfeição em sua vida, eu aceitarei e seguirei em frente. Mas eu apenas... A maioria das pessoas teria pelo menos receado. Inferno. Até a Dra. Jane me tratou com receio depois que eu enlouqueci. Você, entretanto? Você apenas ficou firme. — Ela olhou seu rosto tenso e fechado. — Eu olhei dentro de seus olhos John, havia mais do que compreensão hipotética ali.

Depois de uma longa pausa, ele passou uma página em branco do bloco e escreveu com rapidez, mas ela queria amaldiçoar.





Diga-me o que eles fizeram no centro cirúrgico. Diga-me o que havia de errado com você primeiro.

Ah, sim o clássico toma lá, dá cá.

Lash só levou cerca de uma hora para transportar a si mesmo, a puta e a Mercedes da casa da fazenda de volta ao rancho na cidade. Ele estava em pleno modo de sobrevivência, se movendo rápido e decisivamente, fazendo apenas uma parada pelo caminho.

E esta fora uma cabine no bosque onde ele pegou algumas merdas de itens críticos para a missão.

Quando ele entrou na garagem do rancho, esperou até que a porta estivesse fechada para sair e arrastar a prostituta do banco traseiro. Enquanto ele carregava seu corpo retorcido até a cozinha, lançou uma boa dose daquilo com que havia aprisionado Xhex.

Entretanto, a barreira mágica não era para *Plástica Fantástica*¹²⁰.

O Omega sabia onde estavam seus *lessers* deste lado. Podia senti-los como um eco de sua própria existência. E seguindo esta linha, assassinos poderiam captar seus próprios membros.

Então a única chance que Lash tinha de se esconder era encarcerasse a si mesmo. O Sr. D não sabia que a Xhex esteve neste dormitório. Confusão era óbvia toda vez que ele o mandava deixar comida lá.

Claro, que a pergunta era se a camuflagem manteria o Omega fora. E por quanto tempo.

Lash jogou a puta dentro do banheiro com o cuidado e a preocupação que ele teria com uma bolsa barata de roupa suja. Quando ela aterrissou duramente na banheira e gemeu contra a fita adesiva que lhe cobria a boca, ele voltou ao carro.

¹²⁰ No sentido de que isso não poderia ser feito por qualquer pessoa.



Desempacotar levou aproximadamente vinte minutos e ele colocou a merda no chão de concreto: sete armas cortadas. Uma bolsa de plástico Hannaford cheia de dinheiro. Um quilo e meio de explosivo plástico C4. Dois controles detonadores. Uma Granada de mão. Quatro carregadores automáticos. Munições. Munições. Munições.

Depois de subir as escadas e apagar a luz do sótão, foi até a porta de traseira, abriu-a e colocou a mão para fora. O ar fresco noturno infiltrou o escudo, mas sua palma sentiu a restrição. Era forte... Mas precisava ser ainda mais forte.

OIIIIIIIIá, rato escondido.

Lash fechou a porta, passou a fechadura e foi para o banheiro.

Era muito calculista enquanto sacava sua faca, rasgando as ataduras que sujeitavam os pulsos dela nas costas e...

Ela se sacudiu até que ele bateu em sua cabeça, nocauteando-a com força. Corte. Corte. Corte. Ele fez três cortes profundos em seus pulsos e em seu pescoço e se recostou para observar o sangue jorrar dela em um perigoso poço.

— Vamos... Sangre, vadia, sangue.

Quando checkou seu relógio, pensou que talvez devesse tê-la mantido consciente, porque isso garantiria um pulsar maior na pressão sanguínea. E encurtaria essa espera inútil enquanto ela escoava.

Observando o processo, não tinha ideia de quão seca ela deveria estar, mas a piscina vermelha atrás dela aumentava e seu corpinho rosa se escurecia.

Seu pé estava dando golpes a mil por hora enquanto o tempo passava... E então notou que a pele não estava apenas pálida, mas sim cinza e o sangue já não estava aumentando nas paredes da banheira. Dando o assunto por encerrado, lhe cortou o pequeno corpo, expondo um horrível par de implantes e lhe abriu o peito com uma facada, a lâmina de sua faca indo diretamente em se esterno.

O próximo corte que ele fez foi em sua própria pele.

Segurando seu pulso sobre o buraco que havia aberto, ele viu gotas pretas cair sobre o coração imóvel. Novamente, ele não tinha certeza do quanto deveria dar-lhe e preferiu errar dando mais a menos. Depois era um caso de



concentrar sua energia em sua palma, sua vontade forçando as moléculas a começar a girar formando um tornado, até que converteu a unidade em um poder cinético que ele podia controlar.

Lash olhou para a puta, seu corpo todo manchado, a maquiagem borrada em suas bochechas, o cabelo asqueroso era mais uma peruca do que algo que você esperava ver nas ruas.

Ele precisava que isso funcionasse. Na verdade, apenas mantendo a barreira e uma pequena bola de fogo em sua mão, já podia sentir como sua força se retraía.

Isso precisava fudidamente funcionar.

Lançou uma explosão que fez a cavidade torácica e os pulmões mortos se sacudirem como cauda de peixes contra os lados da banheira. Enquanto o flash de luz e apagou e se dispersou, ele esperou... rezando para...

O suspiro que ela liberou era horrível, e também uma benção.

Ele estava fascinado quando o coração começou a bombear e seu sangue negro foi absorvido pela carne aberta da caixa torácica, a reanimação fez seu pênis se contrair de excitação. Isso era poder, ele pensou. Que se foda as merdas que o dinheiro pode comprar.

Ele realmente era um deus, igual a seu pai.

Lash se sentou em seus calcanhares e olhou a cor retornar a pele dela. Enquanto vida retornava-lhe, sua mão se curvou contra a borda da banheira e os músculos de suas coxas se sacudiram.

O próximo passo era algo que ele não entendia completamente, mas não questionaria. Quando ela parecia estar definitivamente regressando ao mundo dos vivos, estendeu as mãos desnudas e arrancou o coração diretamente do peito.

Mais arfadas. Mais engasgos. Blá, blá, blá.

Ele estava fascinado com o que havia conseguido, especialmente quando colocou a palma de sua mão sobre o esterno dela e ordenou que a carne se reparasse por si própria: E diga-se, que toda a carne e ossos obedeceram a sua vontade e ela estava mais uma vez como antes.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Só que melhor. Porque ela era útil a ele agora.

Ele estendeu a mão e ligou a ducha, o jorro golpeou ela no corpo e no rosto, seus olhos piscaram contra a chuva fria, suas mãos se agitaram lastimosamente.

Quanto tempo ele esperaria agora? Se perguntou. Quanto tempo até que ele pudesse ver se estava mais próximo do que realmente o sustentaria?

Uma onda de exaustão ascendeu por sua coluna vertebral e lhe ofuscou o cérebro, ele caiu sobre os gabinetes que havia debaixo do lavabo. Fechando a porta com um chute, apoiou os braços em seus joelhos e se viu olhando enquanto a prostituta se agitava.

Tão fraco.

Tão foddidamente fraco.

Deveria ter sido a sua Xhex. Ele deveria ter feito isso com ela e não com uma puta humana qualquer.

Levando suas mãos ao rosto, ele apoiou sua cabeça enquanto a euforia o abandonava. Não era para ser assim. Não era assim que ele tinha planejado.

Fugindo. Caçado. Lutando sozinho no mundo.

Que diabos ele faria sem o seu pai.



Capítulo VINTE E OITO

Enquanto John esperava por Xhex responder sua pergunta, ele se focou nas palavras que escreveu traçando-as com a caneta, escurecendo-as enquanto passava sobre elas de novo.

Ele provavelmente não deveria estar fazendo demandas, dada a forma que ela estava, mas ele precisava de algo em retorno dela. Se fosse expor seu baú de não-tão-quentes segredos, ele não poderia ser o único ficando nu desse jeito.

Ele também realmente queria saber o que estava fazendo com ela, e ela era a única que iria dizer a ele.

Enquanto o silêncio continuava, tudo o que podia pensar era... Merda, ela estava fechando a porta nele. De novo. Em um nível não era tão surpreendente e então não devia ter importado. Deus sabia que ele havia estado na parte receptora das rejeições dela muitas vezes.

A realidade era que parecia outra morte para ele encarar...

— Eu vi você. Ontem.

A voz dela trouxe sua cabeça para cima

O que? Ele fez com a boca.

— Ele me manteve naquele quarto. Eu vi você. Você entrou e foi para a cama. Você foi embora com um travesseiro. Eu estava... ao seu lado o tempo todo que você esteve lá.

A mão de John levantou à sua bochecha, e ela sorriu um pouco.

— Sim, eu toquei seu rosto.

Jesus Cristo...

Como, Ele perguntou.

— Eu não tenho certeza precisamente de como ele faz. Mas aquele foi o jeito que ele me pegou em primeiro lugar. Nós estávamos todos naquela caverna, onde Revh estava sendo mantido na colônia. Os *sympaths* tinham entrado e Lash me pegou... Aconteceu tão malditamente rápido. Eu estava



subitamente sem equilíbrio, sendo arrastada, mas não podia lutar e ninguém podia me ouvir gritando. É como um campo de força. Se você está dentro, e tenta achar uma brecha, o choque é tão doloroso é rápido... Mas é mais que aversão. Há uma barreira física. — Ela levantou sua palma e empurrou o ar. — Uma onda. A coisa estranha, no entanto, é que pode haver outras pessoas no mesmo espaço. Como quando você entrou.

John estava turvamente consciente de que sua mãos doíam por alguma razão. Olhando abaixo, ele viu que as havia fechado em punhos, e que o bloco de papel estava perfurando a carne. Assim como a Bic¹²¹ com o que ele estava escrevendo.

Virando para uma nova página, ele rabiscou.

Eu queria ter sabido que você estava lá. Eu teria feito algo. Eu juro que não sabia.

Quando ela leu o que ele escreveu, ela o alcançou e colocou uma mão em seu antebraço.

— Eu sei. Não é sua culpa.

Já viu isso no seu epitáfio. Haver estado logo ali com ela, e não ter nem ideia de que ela estava...

Oh. Merda.

Ele escreveu rápido, depois mostrou.

Ele voltou? Depois que nós estivemos lá.

Quando Xhex sacudiu a cabeça, seu coração começou a bater de novo.

— Ele passou por lá, mas continuou sem se deter.

Como você escapou? Ele fez com as mãos, sem pensar.

Enquanto ele procurava por uma nova página, ela disse,

— Como eu saí? — Quando ele assentiu, ela riu. — Sabe, você vai ter que me ensinar a linguagem de sinais algum dia.

Ele piscou. Então fez com a boca. *Certo.*

¹²¹ Marca de caneta.



— E não se preocupe. Eu aprendo rápido. — Ela respirou profundamente.
— A barreira tinha sido forte o suficiente para me manter desde o momento que ele me pegou. Mas então, você veio e saiu e... — Ela franziu o cenho. — Foi você quem fez aquilo com aquele assassino lá embaixo?

Enquanto suas presas apareciam em sua boca, ele respondeu.

Foda, sim.

O pequeno sorriso dela tinha a ponta de uma adaga.

— Bom trabalho. Eu ouvi a coisa toda. De qualquer modo, foi depois que tudo ficou silencioso que eu soube que tinha de sair ou...

Morrer, ele pensou. Por causa do que ele havia feito naquela cozinha,

— Então eu fui...

Ele levantou sua mão para pará-la, então escreveu rápido. Quando ele mostrou a ela as palavras, ela franziu o cenho e depois balançou sua cabeça.

— Oh, claro que você não teria feito se soubesse que eu estava lá. Mas você não sabia. E soou como se você não pudesse evitar. Acredite, eu sou a última pessoa com quem precisa se desculpar por massacrar um daqueles bastardos.

Verdade, mas ele ainda tinha uma capa de suor frio pensando em como ele inadvertidamente a colocou em perigo.

Ela tomou outra longa inalação.

— Então, de qualquer maneira, depois que você saiu, ficou aparente que a barreira estava enfraquecendo, e então eu estava conseguindo esmurrar com meu punho através de uma janela, eu soube que tinha uma chance. — Ela levantou uma de suas mãos e olhou às suas juntas. — Eu acabei tomando um impulso para atravessar a porta. Eu supus que ia precisar da força extra trabalhando comigo, e eu estava certa.

Xhex se mexeu na cama, fazendo uma careta

— Eu acho que foi quando consegui o rompimento. Dentro de mim. Eu me machuquei bastante fugindo... Foi como puxar meu corpo através de um concreto prestes a secar. Eu bati na parede do corredor bem forte, também.



Havia a tentação de acreditar que os machucados que ele viu na pele dela, eram resultados de sua escapada. Mas ele conhecia Lash. Havia olhado a crueldade no rosto do cara, vezes o suficiente para estar absolutamente certo que ela tinha passado por muita coisa nas mãos do inimigo.

— Foi por isso que eu precisei ser operada.

A declaração foi falada de modo claro e nivelado, o problema era, ela não encontrou seus olhos.

John virou uma nova página, escreveu cinco letras em maiúsculo, e as enfatizou com um sinal interrogativo. Quando ele virou o bloco, ela mal olhou o “MESMO?”

Aquele olhar bronze cinzelado dela virou, e se prendeu no canto mais longe.

— Podia ser um machucado que se manteve quando eu lutei com ele. Mas eu não estive sangrando internamente antes de sair, então... Por aí você vai.

John exalou e pensou naquelas paredes riscadas e manchadas que vira naquela sala. O que ele escreveu em seguida o fez doer.

Quando ela olhou para o que ele colocou na página, seu rosto ficou apertado ao ponto do anonimato. Era como se ele estivesse olhando para uma estranha.

Ele olhou para as suas palavras:

— *Quão ruim foi?*

Ele não deveria ter perguntado, pensou. Ele tinha visto a condição que ela estava. Ele tinha ouvido-a gritar na sala de operação e estava bem na frente dela quando ela teve um colapso nervoso. O que mais precisava saber?

Ele estava escrevendo um *Me desculpe*, quando ela falou em uma fina voz.

— Está... Bem. Quero dizer...

Seus olhos fixaram em seu perfil e ele quis que ela continuasse.

Ela limpou a garganta.

— Eu não acredito em enganar a mim mesma. Não serve a qualquer propósito. Era muito claro sobre o fato de que se eu não sáísse, morreria logo.

— Ela balançou a cabeça lentamente para trás e para frente sobre o travesseiro



branco. — Eu estava ficando malditamente fraca por falta de sangue e de luta. A coisa é, eu estava bem com a parte de morrer, na verdade. Eu ainda estou. A morte nada mais é que um processo, embora normalmente doloroso. Uma vez que está acabado e feito? Tudo bem, porque não existe e toda a merda acabou.

Por alguma razão, o fato de que ela estava tão indiferente, o deixou nervoso e ele teve de reacomodar-se na cadeirinha para evitar andar.

— Se foi ruim? — ela murmurou. — Eu sou uma lutadora por natureza. Então, até certo ponto não era nada especial. Nada que eu não pudesse segurar. Quero dizer, eu sou durona. Perdi o controle na clínica, porque eu odeio merdas relacionadas a médicos, não por causa do Lash.

O passado dela, ele pensou.

— Vou te dizer uma coisa. — Seus olhos se atiraram de volta à ele, e ele realmente se afastou ante o calor em seu olhar. — Sabe o que seria ruim? O que faria que as três últimas semanas fossem insuportáveis? Se eu não matá-lo. Isso será insuportável para mim.

O macho vinculado nele se sentou e gritou, até o ponto onde ele se perguntou se ela sabia que ele não seria capaz de deixá-la ser a única a dar um fim no filho da puta: Machos protegem as fêmeas. Era a lei universal se você tinha pau e bolas.

Além disso, a ideia dela ir a qualquer lugar perto daquele cara, deixou John louco. Lash já tinha levado-a uma vez. E se ele tirasse essa capa de merda novamente?

Eles não iriam conseguir uma segunda chance de recuperá-la de novo. De jeito nenhum.

— Então, — disse ela. — Mostrei o meu. É a sua vez.

Certo. Okay.

Agora ele estava olhando para aquele canto. Jesus Cristo. Por onde começar.

Ele virou uma nova página no seu bloco, colocou a Bic para baixo e...

Um monte de nada veio a ele. O problema era que havia muito o que escrever, muito para dizer a ela, e isso não era tão deprimente como a merda.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



A batida forte fez com que a cabeça de ambos virasse.

— Maldição, — disse ela baixinho. — Dê-nos um minuto!

O fato de que havia alguém à espera de uma audiência no outro lado da porta, não o colocava exatamente de humor para compartilhar seus sentimentos. Isso, juntamente com a barreira da comunicação e sua tendência inata de se reservar, fez sua cabeça zumbir.

— Quem quer que seja pode ficar fora a noite toda e durante todo o dia, ao que concerne a mim. — Ela alisou o cobertor sobre seu estômago. — Eu quero ouvir o que você tem a dizer.

Engraçado, foi o que se desprende dele, e ele escreveu rapidamente.

Seria mais fácil te mostrar.

Suas sobrancelhas apertaram juntas quando ela leu isso, e então acenou com a cabeça.

— Tudo bem. Quando?

Amanhã à noite. Se você tiver autorização para sair.

— Está marcado. — Ela levantou a mão... E colocou-a levemente em seu antebraço. — Eu quero que você saiba...

A batida a interrompeu e retirou uma maldição de ambos.

— Precisamos de um minuto! — Ela estalou antes de se reconcentrar nele. — Eu quero que você saiba... Que você pode confiar em mim.

John sustentou seu olhar e se viu imediatamente transportado para um outro plano de existência. Poderia ter sido mais uma vez o céu. Quem diabos sabia ou se importava. Tudo o que sabia era que havia apenas ela e ele juntos, o resto do mundo, afastando-se em uma névoa.

Era possível se apaixonar por alguém duas vezes? Ele se perguntou vagamente.

— Que diabos você está fazendo aí?

A voz de Rehv do outro lado da porta quebrou o momento, mas não o apagou.



Nada poderia, John pensou, enquanto ela se reacomodava para traz e ele levantava.

— Entra, idiota, — ela retrucou.

No instante em que o macho de moicano entrou na sala, John sentiu a mudança no ar e sabia, como eles se entreolharam e ficaram em silêncio, que eles estavam se comunicando como *symphaths* faziam.

Para dar-lhes privacidade, ele dirigiu-se para a porta, e quando estava saindo, Xhex disse:

— Você irá voltar?

No início, pensou que ela estava falando com Rehv, mas então o macho esbarrou em seu braço e ele parou.

— Meu homem? Você vai voltar?

John olhou para a cama. Ele conseguiu esquecer seu bloco e a caneta na pequena mesa ao lado, então apenas balançou a cabeça.

— Logo? — Xhex disse. — Porque eu não me sinto cansada e quero aprender a linguagem de sinais.

John assentiu com a cabeça novamente e depois bateu o punho com Revhenge antes de sair da sala de operações.

Enquanto caminhava pelas macas vazias, ele estava contente de que V tivesse terminado a limpeza e não estava por perto. Porque por sua vida, John não teria sido capaz de esconder o sorriso em seu rosto.

Em silêncio, Blay caminhou lado a lado com Qhuinn através do túnel subterrâneo que levava entre o centro de formação e o hall de entrada da mansão.

Os sons de seus dois pares de shitkickers misturaram, mas isso foi tudo. Nem ele nem Qhuinn disseram nada. E não havia nenhum toque.



Absolutamente nenhum toque.

Um tempo atrás, antes de sua grande admissão para o cara, antes que as coisas tivessem quebrado entre eles, Blay simplesmente teria perguntado o que estava na mente de Qhuinn, porque claramente ele estava fervendo com alguma coisa. Agora, porém, o que uma vez havia sido apenas uma ocorrência, parecia uma intromissão inadequada.

Enquanto eles passavam através da porta escondida sob a escadaria da mansão, Blay encontrou-se temendo o resto da noite.

Claro, não havia muito, mas duas horas poderiam parecer uma vida sob as circunstâncias corretas. Ou as errados, como era o caso.

— Layla deve estar esperando por nós, — disse Qhuinn enquanto ia para o pé da escada.

Oh... excelente. Apenas o tipo de diversão que ele estava procurando.

Não. Depois de ter visto a maneira que a Escolhida olhou à Qhuinn, ele simplesmente não se sentia com vontade de querer olhar aquela paixonite tímida novamente. Especialmente não essa noite. A quase perda de Xhex o tinha deixado curiosamente ferido.

— Você vem? — Qhuinn perguntou, o franzido de seu rosto puxando o piercing na sobrancelha esquerda.

Blay virou o olhar para baixo, para o aro que rodeava o lábio inferior do cara.

— Blay? Você está bem? Olha, eu acho que você precisa se alimentar, amigo. Tem acontecido muita coisa ultimamente.

Amigo... Cristo, ele odiava essa palavra.

Mas foda-se, ele tinha que levar com calma.

— Sim. Claro.

Qhuinn deu-lhe um olhar estranho.

— Meu quarto ou seu?

Blay riu duramente e começou a subir as escadas.



— Isso realmente importa?

— Não.

— Exatamente.

Quando chegaram ao segundo andar, eles passaram pelo estúdio de Wrath, as portas estavam fechadas, e desceram o corredor de estátuas.

O quarto de Qhuinn foi o primeiro que veio, mas Blay pressionou, pensando que algo poderia ser finalmente em seu território, suas condições.

Abrindo a porta larga, ele deixou a coisa como estava, e ignorou o som de um clique suave, quando Qhuinn fechou.

No banheiro, Blay foi até a pia, abriu a torneira e se agachou, espirrando água em seu rosto. Ele estava secando-se quando sentiu o perfume de canela e sabia que Layla tinha chegado.

Apoiando as mãos sobre o mármore, ele inclinou-se em seus braços e se encurvou. Fora em seu quarto, ele ouviu as duas vozes se misturando, a mais baixa e a mais alta, trocando lugares por alguns momentos.

Jogando a toalha para baixo, ele se virou e foi a encarar o baile: Qhuinn estava na cama, de costas contra a cabeceira da cama, as botas cruzadas, os dedos ligados sobre o peito, enquanto sorria à Escolhida. Layla estava vermelha ao lado dele, os olhos sobre o tapete, suas menores, delicadas mãos se torcendo na frente dela.

Quando Blay chegou, os dois olharam para ele. A expressão de Layla não se alterou. A de Qhuinn, porém, se fechou.

— Quem vai primeiro? — Blay perguntou, aproximando-se deles.

— Você, — Qhuinn murmurou. — Vai em frente.

Blay não estava prestes a saltar sobre a cama, então ele foi até a namoradeira e se sentou ao pé. Layla derivou em direção a ele e se ajoelhou diante dele.

— Senhor, — disse ela, oferecendo-lhe o pulso.



A TV ligou e começou a mudar os canais enquanto Qhuinn clicava com o controle na tela. Ele ficou na Spike¹²² e um replay do UFC 63¹²³ com Hughes vs. Penn.

— Senhor? — Layla disse.

— Perdoe-me. — Blay inclinou-se, pegando seu fino antebraço, segurando com firmeza, mas sem muita pressão. — Agradeço o seu presente.

Ele perfurou tão delicadamente quanto podia e estremeceu quando ela saltou sempre tão ligeiramente. Ele teria recolhido seus dentes dela para pedir desculpas, mas isso teria exigido outro furo, quando ele voltasse a sugar contra a veia.

Enquanto se alimentava, seus olhos se moveram para a cama. Qhuinn estava absorto na luta de AMM¹²⁴ na tela, sua mão direita levantada e fechada em um punho.

— Foda, sim, — o cara resmungou. — É disso que eu estou falando!

Blay se concentrou no que estava fazendo e terminou rapidamente. Quando soltou, ele olhou para o rosto adorável de Layla.

— Você tem sido tão graciosa, como sempre.

Seu sorriso era radiante.

— Senhor... Como sempre te servir é uma alegria.

Ele estendeu sua mão e ajudou-a levantar, aprovando sua graça inata. E Deus, a força que ela lhe deu não era nada com falta de miraculoso. Ele podia sentir a alimentação até mesmo agora, sua cabeça em uma névoa, em deferência ao foco de seu corpo do que tinha sido dado a ele.

O que Layla lhe tinha dado.

Qhuinn ainda estava muito ligado na luta, suas presas arreganhadas, e não para Layla, mas para quem estava perdendo. Ou ganhando. Ou o que fosse.

¹²² Canal de televisão.

¹²³ UFC® : Ultimate Fighting Championship® (Campeonato Final de Luta)

¹²⁴ As artes marciais misturadas (AMM; artes marciais misturadas); frequentemente conhecidas sob seus acrônimos em inglês: MMA - "mixed martial arts") são artes marciais que incluem tantos golpes e técnicas de luta na terra. As artes marciais misturadas podem ser praticadas como o esporte de contato em uma maneira regular ou em um torneio em que dois concorrentes tentam se derrotar.



A expressão de Layla desvaneceu-se em uma resignação que Blay conhecia beeeem demais.

Blay franziu a testa.

— Qhuinn. Você vai se alimentar?

Os olhos díspares de Qhuinn se mantiveram na tela até o árbitro acabar o jogo e, depois, as íris azul e verde caíram em Layla. Em um impulso sensual, o cara se moveu na cama, fazendo espaço para ela.

— Venha cá, Escolhida.

As três palavras, apoiadas por aquele olhar com as pálpebras baixas, foram um golpe baixo para Blay... O problema era que Qhuinn não estava olhando Layla de nenhuma maneira especial. Ele simplesmente era assim.

Sexo em cada respiração, cada batida, cada movimento.

Layla parecia sentir o mesmo, porque as mãos esvoaçavam serpenteando ao redor do seu robe, em primeiro lugar para o laço, e depois para a lapela.

Por alguma razão, Blay percebeu pela primeira vez que ela estava completamente nua sob as dobras brancas.

Qhuinn estendeu a mão, e a palma de Layla tremia enquanto ela colocava-a contra a que ele lhe oferecia.

— Está com frio? — perguntou ele, sentando-se. Debaixo de sua camiseta justa, seu estômago tencionava em seus abdominais.

Enquanto ela balançou a cabeça, Blay entrou em seu banheiro, fechou a porta e ligou o chuveiro. Após tirar a roupa, ele ficou sob o jato e tentou esquecer tudo o que estava acontecendo em sua cama.

O que foi bem sucedido apenas ao ponto de tirar Layla do quadro.

Seu cérebro ficou preso em uma fantasia dele e Qhuinn estendidos juntos, bocas nos pescoços um do outro, presas quebrando a superfície da pele aveludada, corpos...

Era muito comum para os machos terem ereções após a alimentação. Especialmente se eles estavam pensando em todos os tipos de coisas nuas. E o sabonete não ajudava.



E nem as imagens do que viria após os dois penetraram as gargantas.

Blay plantou uma palma no mármore liso e outra sobre seu pênis rígido.

O que ele fez foi rápido e tão gratificante como um pedaço de pizza fria: Bom, mas nem mesmo perto de uma refeição real.

A segunda viagem pelo parque não melhorou a situação e ele recusou seu corpo à chance de um terceiro. Porque honestamente. Que bizarro. Qhuinn e Layla estavam cuidando dos negócios do outro lado da porta, enquanto ele estava todo *Johnny Pneumonic* na água quente? Eca.

Saindo, ele enxugou-se, colocou o robe e percebeu que não tinha nada para vestir. Quando virou a maçaneta da porta, orou para que as coisas estivessem onde ele havia deixado.

E estavam, muito obrigado, Virgem Escriba: Qhuinn tinha a boca no outro pulso de Layla e tomava o que precisava daquela Escolhida ajoelhada ao lado dele.

Nada abertamente sexual.

O alívio que apertou no peito de Blay o fez perceber como ele tinha se tornado nervoso — e não apenas sobre isso, mas tudo o que tinha a ver com Qhuinn.

Não era muito saudável. Para ninguém.

E, além disso, quando tudo se resumia, era errado que Qhuinn se sentisse do jeito que ele fazia? Você não pode evitar por quem se sentia atraído... e por quem não estava.

No closet, Blay puxou uma camisa de um botão e uma calça de combates preta. Assim que ele virou a cabeça para o banheiro, Qhuinn ergueu a boca da veia de Layla.

O macho deixou escapar um gemido saciado e estendeu sua língua para as feridas que tinha feito com suas presas. Quando um brilho de prata reluziu, as sobrancelhas de Blay se ergueram. O piercing da língua era novo e ele se perguntou quem teria feito.



Provavelmente Vishous. Os dois estavam gastando muito tempo juntos e foi assim que eles conseguiram a tinta para a tatuagem de John... Qhuinn tinha roubado a jarra.

A língua de Qhuinn rodou na pele da Escolhida, aquele metal piscando em cada passagem.

— Obrigado, Layla. Você é boa para nós.

Ele deu um sorriso rápido e, em seguida, passou as pernas para fora da cama, de forma clara em seu caminho para fora. Layla, por outro lado, não se mexeu. Em vez de seguir o exemplo e ir embora, a cabeça dela desceu e os olhos se concentraram em seu colo...

Não, nos pulsos, que estavam aparecendo sob as mangas de sua túnica. Quando a viu cambalear, Blay franziu a testa.

— Layla? — disse ele, passando para perto dela. — Você está bem?

Qhuinn veio para a direita em torno da cama.

— Layla? O que está acontecendo?

Agora, eles estavam ajoelhando-se diante dela.

Blay falou claramente.

— Nós tomamos muito?

Qhuinn se adiantou e centrou seu próprio pulso, oferecendo a ela.

— Usa-me.

Merda, ela alimentou John na noite anterior. Talvez isso tivesse sido cedo demais?

Os olhos verdes pálidos da Escolhida levantaram para enfrentar Qhuinn, e não houve desorientação confusa em seu olhar. Apenas um desejo triste, antigo.

Qhuinn recuou.

— O que eu fiz?

— Nada, — disse ela numa voz que era muito profunda. — Se você me perdoar, irei me retirar ao santuário mais uma vez.



Layla ia levantar-se, mas Qhuinn capturou-lhe a mão e puxou-a para baixo.

— Layla, o que está fazendo?

Deus, aquela voz dele. Tão boa, tão gentil. E assim era a mão que ele estendeu e enganchou em seu queixo, erguendo os olhos ao seu.

— Eu não posso falar sobre isso.

— Sim, você pode. — Qhuinn assentiu com a cabeça na direção do Blay. — Eu e ele manteremos a sua confidência.

A Escolhida respirou fundo e sua expiração foi uma de derrota, como se ela estivesse sem combustível, sem opções, sem força.

— De verdade? Irão permanecer em silêncio?

— Sim. Blay?

— Sim, absolutamente. — Ele colocou a mão em seu coração. — Eu juro. Vamos fazer de tudo para ajudá-la. Qualquer coisa.

Ela focou em Qhuinn, seu olhar encarando e preso ao dele.

— Eu sou desagradável aos seus olhos, senhor? — Quando ele franziu a testa, ela assinalou as maçãs do rosto, a testa. — Eu afasto do ideal de uma forma que torna-me...

— Deus, não. O que você está falando? Você é linda.

— Então... Porque permaneço não solicitada.

— Eu não entendo... Nós chamamos você. Regularmente. Eu mesmo e John e Blay. Rhage e V. Você é a única que todos pedem, porque você...

— Nenhum de vocês me usa para alguma coisa exceto sangue.

Blay se levantou de sua posição ajoelhada, até que suas pernas bateram na namoradeira, ele encontrou-se sentado. Enquanto seu traseiro saltava sobre a almofada, a expressão no rosto de Qhuinn quase o fez rir. O cara nunca era pego de surpresa. Em parte porque ele tinha sido tão exposto em sua vida relativamente curta, tanto pela escolha e pela maldição. E parte era a sua personalidade. Ele se arranjava bem em todas as situações. Ponto.



Exceto esta, evidentemente. Qhuinn parecia como se tivesse sido atingido na parte de trás da cabeça por um taco de bilhar.

— Eu... — Qhuinn pigarreou. — Eu... Eu...

Ah, sim, outra primeira vez. Gaguejando.

Layla encheu o silêncio.

— Eu sirvo os machos e Irmãos desta casa com orgulho. Eu dou, sem receber nada em troca, porque é o meu treinamento e o prazer de fazê-lo. Mas eu lhe digo isso porque você pediu e... Acho que devo. Toda vez que retorno para o santuário ou a casa do Primale, eu me encontro cada vez mais vazia. Até o ponto em que acho que poderia me afastar. Realmente... — Ela balançou a cabeça. — Eu não posso continuar fazendo isso, mesmo que seja tudo o que eu sempre soube que minhas obrigações implicavam. É só... Meu coração não pode continuar.

Qhuinn deixou cair as mãos e esfregou suas coxas.

— Você quer... Você gostaria de continuar se pudesse?

— Claro. — Sua voz era forte e segura. — Estou orgulhosa de estar a serviço.

Agora Qhuinn estava arrastando a mão pelo negro cabelo grosso.

— O que seria necessário... Para te satisfazer?

Era como assistir a um desastre de trem acontecer. Blay deveria ter saído, mas não podia se mover, ele só tinha de testemunhar a colisão.

E, naturalmente, o rubor brilhante de Layla, a fez ainda mais bonita. Em seguida, seus cheios lábios entreabriram encantadores. Fecharam. Abriram... Fecharam novamente.

— Está tudo bem, — sussurrou Qhuinn. — Você não tem que dizer isso em voz alta. Eu sei o que você quer.

Blay sentiu um suor frio sair sobre o peito e as mãos dobrarem por baixo da roupa que ele escolheu para si.

— Quem, — Qhuinn perguntou com voz rouca. — Quem você quer.

Houve outra longa pausa e então ela disse uma única palavra:





— Você.

Blay levantou-se.

— Vou deixar vocês a sós.

Ele estava totalmente cego quando fez sua saída e agarrava sua jaqueta de couro em seu caminho por instinto.

Quando fechou a porta, ouviu Qhuinn dizer:

— Nós vamos muito lentamente. Se vamos fazer isso, nós iremos muito devagar.

Fora no corredor, Blay colocou alguma distância rápido, entre ele e seu quarto, e não foi até que ele veio até a porta dupla que dava para a ala dos empregados, que percebeu que estava andando ao redor com um robe. Deslizando para o conjunto de escadas que levavam ao cinema no terceiro andar, ele mudou sua roupa na frente da máquina de pipoca desligada.

A raiva latente no fundo de seu intestino era um tipo de câncer, comendo-o. Mas era tão infundada. Tão inútil.

Blay ficou de frente para as prateleiras de DVDs, os títulos nas caixas, nada mais que um padrão visual para seus olhos.

O que ele acabou alcançando, no entanto não era um filme.

Era um pedaço de papel do bolso do casaco.





Capítulo VINTE E NOVE

Assim que a porta da sala de recuperação fechou, Xhex sentiu que devia dizer algo. Em voz alta. A Rehvenge.

— Então. Ah... — Empurrou o cabelo. — Como vai... ?

Ele cortou suas embaraçosas divagações aproximando-se a passadas até ela, sua bengala vermelha cravando nos ladrilhos, seus mocassins golpeando do calcanhar à ponta dos pés, calcanhar... ponta dos pés. Sua expressão era feroz, seus olhos violeta ardiam.

Era suficiente para deixá-la perplexa.

Puxando para cima o lençol, Xhex murmurou.

— Que demônios há de errado com vo...? — Rehv a atacou com seus longos braços e a puxou para ele, aconchegando-a com todo cuidado contra seu peito. Apoiando a cabeça na dela, sua voz foi profunda e grave.

— Pensei que nunca mais voltaria a lhe ver.

Enquanto ele se estremecia, ela levantou as mãos até o torso dele. Depois de conter-se um momento... Abraçou-o tão forte, da mesma forma que ele a abraçava.

— Você continua com o mesmo cheiro — ela disse com voz rouca, colocando o nariz justo no pescoço da fina camisa de seda. — Oh... Deus, você continua com o mesmo cheiro.

A cara colônia de especiarias a levou de volta aos dias de ZeroSum quando estavam os quatro: ele no comando, iAm com os livros, Trez com as operações e ela com a segurança.

O perfume foi o gancho que a arrastou e a fez dar um passo mais longe do trauma do sequestro, ligando-a ao seu passado, suplantando o horrível período das últimas três semanas.

Ela não queria essa ligação, contudo. Isso só iria fazer a sua partida mais difícil. Melhor concentrar-se nos acontecimentos e nos objetivos imediatos.

E depois simplesmente desaparecer.



Rehv se afastou.

— Não quero deixá-la cansada, então não vou ficar. Mas eu precisava... Sim.

— Sim.

Juntos, seguraram-se um nos braços do outro e como sempre, sentiu a comunicação entre eles, a metade de sangue que compartilhavam estabelecendo conexão como faziam os *symphaths* com outros.

— Precisa de alguma coisa? — ele perguntou — Comida?

— A Doutora Jane disse que nada de sólidos durante as próximas duas horas.

— Ok. Escute, nós falaremos do futuro...

— No futuro. — Enquanto falava, projetou em sua mente uma imagem dos dois discutindo intensamente. Que foi produzida exclusivamente para despistá-lo, caso a estivesse lendo. Não ficou claro se ele mordeu a isca.

— Agora vivo aqui, a propósito. — ele disse.

— Onde estou exatamente?

— No centro de treinamento da Irmandade. — Franzio o cenho. — Pensei que você já havia estado aqui antes.

— Não nessa parte. Mas sim, imaginei que era para onde eles me trariam. Ehlena foi realmente boa comigo, a propósito. Ali dentro. — Assinalou com a cabeça para o centro cirúrgico. — E antes que pergunte, vou ficar bem. Assim disse a Doutora Jane.

— Ótimo! — Ele deu um aperto na mão dela. — Eu vou chamar o John.

— Obrigada.

Na porta, Rehv se deteve e logo, estreitando os olhos ametistas, lançou-lhe um olhar por sobre os ombros.

— Escute. — O "*imbecil*" ficou implícito — Você é importante. Não só para mim, mas para um grande número de pessoas. Assim é que faça o que tem que fazer e coloque sua cabeça em ordem. Mas não pense que não tenho nenhuma pista sobre o que tem planejado para depois.



Ela lhe devolveu o olhar.

— Fodido comedor-de-pecados.

— Já sabe. — Rehv levantou uma sobrancelha — Eu te conheço muito bem. Não seja uma cabeça-dura, Xhex. Você tem todos nós ao seu lado e pode superar isso.

Enquanto ele saía, ela achou que a fé que ele tinha nela era admirável. Mas ela não acreditava nisso.

De fato, somente o pensamento de qualquer futuro depois do funeral de Lash, enviava uma onda de cansaço absoluto pela sua corrente sanguínea. Com um gemido, fechou os olhos e rezou pelo amor de tudo o que era mais sagrado para que Rehvenge ficasse fora de seus assuntos...

Xhex despertou com um sobressalto. Não tinha nem ideia de quanto tempo tinha estado dormindo. Ou onde estava John...

Bem, essa estava respondida: John estava no chão em frente a sua cama, deitado sobre seu lado, com a cabeça repousando no interior do braço que tinha dobrado para usar de almofada. Parecia cansado, inclusive enquanto dormia; as sobrancelhas tensas, a boca contraída em uma careta de desgosto.

O consolo que produzia olhá-lo foi uma surpresa, mas não lutou contra isso. Não tinha forças suficientes... e também, não havia testemunhas.

— John?

No instante em que pronunciou seu nome, ele se levantou do linóleo, em postura de luta, com o seu corpo de guerreiro entre ela e a porta do corredor. Ficava bastante claro que estava preparado para fazer pedaços a qualquer um que a ameaçasse.

O que era... realmente doce.

E melhor que um ramalhete de flores junto à cama, o qual a faria espirrar.

— John... vem aqui.

Ele esperou um momento, inclinando a cabeça como se escutasse algum barulho. Logo deixou cair os punhos e andou. No instante em que seus olhos se voltaram para ela, o olhar brutal e as presas expostas se desvaneceram em meio a uma compaixão arrasadora.



Ele foi direto ao seu bloco, escreveu algo e lhe mostrou.

— Não, obrigada. Também não tenho fome. — O que sempre tinha sido assim para ela. Depois de se alimentar, não comia durante horas, algumas vezes durante um dia completo. — O que eu adoraria...

Seus olhos se deslizaram até o banheiro no canto.

Banho, ele escreveu e mostrou a ela.

— Sim, Jesus... eu adoraria um pouco de água quente.

Ele estava totalmente no modo enfermeira, abrindo a ducha, colocando as toalhas, o sabonete e uma escova de dentes sobre o balcão.

Sentindo-se mesquinha, ela foi se levantar... E ficou claro que alguém tinha atado uma casa ao redor de seu peito. Sentia-se literalmente como se estivesse levando uma casa colonial de dois andares sobre os ombros. O que a fez colocar suas pernas para fora do colchão foi força de vontade... e a convicção de que se não conseguisse se pôr na vertical por si própria, ele iria chamar a Doutora e ela perderia o banho.

John chegou justo quando as solas dos pés descalços tocavam o chão e foi muito atencioso¹²⁵ estabilizando-a com o braço enquanto se colocava de pé. Quando o lençol se desprende dela, ambos tiveram um momento de ... *Santa-merda-pelada*. Mas não era hora para modéstia.

— O que deveria fazer com o curativo? — ela murmurou, baixando o olhar para a bandagem branca que se estendia através da sua pélvis.

Quando John olhou para o seu bloco, como se estivesse tratando de decidir se podia alcançar e continuar segurando-a, continuou — Não, não quero a Doutora Jane. Simplesmente vou tirar.

Procurou uma ponta e enquanto se firmava em pé, imaginou que provavelmente teria sido melhor fazer isso estando deitada... e sob supervisão médica. Mas que se foda.

— Oh... — ela suspirou enquanto revelava devagar a linha de pontos negros. — Maldição... a fêmea de V é boa com uma linha e agulha, huh.

¹²⁵ No original Johnny-on-the-spot, que significa alguém que está sempre pronto para executar uma tarefa ou dever de imediato; confiável.



John pegou as gases manchadas de sangue e jogou despreocupadamente na lata de lixo do canto. E então apenas esperou, como se fosse consciente de que ela estava pensando em voltar para a cama.

Por alguma razão, a ideia de ter estado aberta a deixou tonta.

— Vamos fazer isso — disse bruscamente.

Ele a deixou estabelecer o passo, o qual resultou ser só ligeiramente mais rápido que dar marcha-ré.

— Pode apagar as luzes ali dentro? — ela disse enquanto arrastava os pés, seus passos como os de bebê não alcançavam mais de sete centímetros¹²⁶. — Não quero ver a minha aparência nesse espelho sobre a pia.

No instante em que teve ao seu alcance, John estendeu o braço e apertou o interruptor na parede.

— Obrigada.

A sensação do ar úmido e o som da água caindo aliviaram a sua mente e a sua espinha. O problema era que a tensão havia ajudado a mantê-la em pé e agora ela estava cedendo.

— John... — Era a sua voz? Tão fraca e fina. — John, você entra comigo? Por favor.

Falando em longos silêncios. Mas então a partir da luz que vinha da cama, ele assentiu.

— Enquanto você se despe ali fora - ela disse — você pode fechar a porta e eu usarei o toalete.

Com isso, se agarrou a barra parafusada a parede e manobrou por si mesma. Houve outra pausa e logo John deu um passo para trás e a ligeira luz se desvaneceu.

Depois de ocupar-se de seus assuntos, se arrastou para cima e entreabriu a porta.

O que obteve foi esse bloco de notas na cara:

¹²⁶ No original three inches, três polegadas.



Teria ficado com os boxers¹²⁷ mas eu não os uso por debaixo das calças de couro.

— Está bem. Dificilmente sou do tipo tímida.

Embora isso não se mostrou ser de todo certo quando os dois se meteram no chuveiro juntos. Você pensaria que, depois de tudo o que passou, um pouco de pele, em um quarto escuro, com um macho em que confiava e que já havia estado, não seria um grande desafio. Entretanto, foi.

Especialmente quando o corpo dele roçou contra suas costas ao fechar a porta de cristal.

Concentra-se na água, disse a si mesma, perguntando-se se tinha perdido a maldita cabeça.

Ao levantar a cabeça, começou a inclinar-se para o lado e a enorme mão masculina se deslizou sobre seu braço para mantê-la em pé.

— Obrigada — disse asperamente.

Embora a situação fosse incômoda, a água quente estava maravilhosa, encharcando o seu cabelo até o couro cabeludo e a ideia de poder limpar-se foi repentinamente mais importante do que tudo o que John Matthew não estava usando.

— Esqueci o sabonete, maldição.

John se inclinou e a segurou de novo, seus quadris bateram nos dela. Embora ela ficasse tensa, preparando-se para algo sexual... ele não estava excitado.

O que era um alívio. Depois das coisas que Lash lhe havia feito...

Quando colocou o sabonete em sua palma, Xhex bloqueou todos os pensamentos do que havia passado naquele dormitório e simplesmente umedeceu a barra no chuveiro. Lavar-se. Secar-se. Voltar para a cama. Isso era em tudo o que tinha que pensar.

O cheiro forte e distinto do *Dial*¹²⁸ flutuou no ambiente e teve que piscar rápido.

¹²⁷ Estilo de cueca.

¹²⁸ Marca de sabonete.



Este era exatamente o que ela teria escolhido por ela mesma.

Assombroso, pensou John enquanto permanecia de pé atrás de Xhex.

Se você baixasse o olhar para o seu pênis e suas bolas e dizia a eles que caso se comportassem mal, iria cortá-los em rodela e os enterraria no pátio traseiro, realmente lhe escutavam.

Ele tinha que se lembrar disso.

O chuveiro era de um tamanho generoso para um macho, mas bastante estreito para os dois e tinha que manter a bunda prensada contra o azulejo frio para estar cem por cento seguro de que o Senhor Ideia Brilhante e seus companheiros gêmeos de trabalho, Debi e Lóide¹²⁹ se manteriam longe dela.

Depois de tudo, o discurso tinha feito maravilhas, mas não iria arriscar-se.

Além disso, estava surpreso porque Xhex estava tão fraca que tinha que segurá-la para que pudesse ficar de pé, mesmo depois de ter se alimentado. Contudo, você não pode se livrar de quatro semanas de inferno, mesmo depois de um cochilo de duas horas. Que era o tempo que tinha dormido, segundo o seu relógio.

Enquanto colocava o xampu, ela arqueou as costas, seu cabelo molhado roçando no peito dele antes que ela se virasse pra enxaguar a espuma. Ele trocou a posição de segurá-la, segurando primeiro a parte superior do braço direito, logo o esquerdo, então de novo o direito.

Os problemas surgiram quando ela se inclinou para lavar as pernas.

— Merda... — Ela trocou de posição muito rápido, o aperto dele escorregou do ensaboado bíceps e ela caiu diretamente contra o corpo dele.

John teve uma breve e vívida impressão de seu corpo ensaboado, úmido e cálido e logo se lançou contra a parede e se mexeu buscando uma forma de mantê-la em pé que não implicasse em um contato total.

¹²⁹ No original, Dumber and Dumberer, referência ao filme cômico, Debi e Lóide.



— Queria que tivesse um assento aqui. — ela disse — Acho que não posso manter o maldito equilíbrio.

Houve uma pausa... e logo ele pegou o sabonete. Movendo-se lentamente, trocou de lugar com ela, colocando-a no canto em que ele havia apoiado o traseiro e fazendo com que ela apoiasse as mãos sobre seus ombros.

Enquanto se ajoelhava, girou o Dial nas mãos, fazendo um monte de espuma; a água batia na parte de trás da cabeça e caía pela sua coluna vertebral. Sentia o azulejo duro embaixo de suas rótulas e tinha um dos dedos do pé enfiado no ralo, era como se a coisa tivesse dentes e estivesse lhe dando uma dentada, mas não se importava.

Estava a ponto de tocá-la. E isso era tudo o que importava.

Envolvendo o tornozelo dela com a mão, deu um puxão suave e depois de um momento, ela apoiou o peso no outro lado e deu para ele o seu pé. Deixou a barra de sabão no chão junto à porta e alisou a sola do pé subindo até o calcanhar, massageando, limpando...

Adorando-a sem esperar nada em troca.

la devagar, especialmente quando subia pela perna, fazendo uma pausa de vez em quando para se assegurar de que não estava apertando nenhuma contusão. O músculo da panturrilha era duro como pedra e os ossos que sobressaiam no joelho pareciam tão fortes como os de um macho, mas era delicada ao seu modo. Ao menos comparada com ele.

Quando subiu ainda mais até a sua coxa, ele deslizou para o exterior. A última coisa que queria era preocupá-la porque iria para cima dela e quando chegou ao quadril, parou e pegou o sabonete de novo.

Depois de lavar a sola do pé, ele puxou ligeiramente o outro tornozelo e sentiu uma pontada de alívio quando ela solicitamente lhe deu oportunidade de repetir o que tinha feito.

Lentas massagens, lentas mãos, lento avanço... E só por fora e em direção ao topo.

Quando acabou, levantou-se, os joelhos rangendo enquanto se elevava até alcançar toda a sua estatura e a colocou embaixo do jato d'água. Segurando-a pelo braço outra vez, lhe deu o sabonete para que pudesse lavar qualquer outra coisa que fosse necessária.



— John? — ela disse.

Como estava escuro, assoviou um *O quê?*

— Você é um macho de muito valor, você sabe disso. Você realmente é —
Levantou as mãos e as colocou em concha no rosto dele.

Aconteceu tão rápido, ele não podia acreditar. Depois, ele iria ver e rever aquilo várias e várias vezes, alongando o momento interminavelmente, revivendo-o e nutrindo estranhamente a memória, de novo e de novo.

Quando realmente acabou, entretanto, havia durado apenas um instante. Um impulso por parte dela. Um simples presente dado em gratidão a um simples presente recebido.

Xhex se colocou na ponta dos pés e pressionou sua boca contra a dele.

Oh, tão suave. Seus lábios eram incrivelmente suaves. E gentis. E muito cálidos. O contato foi muito rápido, mas então de novo, ele estava preparado para que durasse horas e horas e dizer que não era o suficiente.

— Venha deitar-se comigo — ela disse, abrindo a porta do chuveiro e saindo
— Eu não gosto de você nesse chão. Você merece muito mais do que isso.

Vagamente, fechou a água e a seguiu, aceitando a toalha que ela lhe estendia. Secaram-se juntos, ela envolvendo-se todo o torso, ele cobrindo os quadris.

Uma vez fora, ele subiu primeiro na cama de hospital e sentiu que era a coisa mais natural do mundo abrir os braços. Se tivesse pensado, não haveria feito esse gesto, mas não estava pensando.

O que estava bem.

Porque ela veio a ele como tinha feito a água do chuveiro, o encharcando com uma calidez que se infiltrava pela pele até a medula.

Mas é claro, Xhex podia ir mais fundo nele. Sempre pôde.

Era como se ele tivesse perdido a sua alma na primeira vez que deitou os olhos nela.

Quando apagou a luz e ela se acomodou ainda mais perto dele, sentiu como se ela estivesse cavando diretamente em seu gelado coração e acampando ali,



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



seu fogo descongelava a alma até que deu a primeira e profunda inspiração de graças-a-Deus em meses.

John fechou os olhos, sem esperar dormir.

Ele dormiu, contudo. E muito, muito bem.



Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>





Capítulo TRINTA

Na ala de funcionários da mansão Sampson, Darius terminou sua entrevista com a criada da filha.

— Obrigado — disse ele enquanto se levantava e acenava para a fêmea. — Aprecio sua sinceridade.

A doggen curvou-se respeitosamente.

— Por favor, encontre-a. E a traga para casa, senhor.

— Concentramos esforços exatamente nesse sentido. — Ele lançou um olhar para Tohrment. — Você seria tão amável em trazer o laçaio?

Tohrment abriu a porta para a pequena fêmea e os dois saíram juntos.

Na ausência deles, Darius rondou pelo chão nu, suas botas de couro fazendo um círculo em torno da mesa Ledger no centro da sala. A criada nada sabia de relevante. Ela tinha sido totalmente aberta e simples – mas não acrescentou absolutamente nada ao quebra-cabeça.

Tohrment voltou com o laçaio, e retornou a sua posição à direita da porta, permanecendo quieto. O que era bom. De uma forma geral, durante o interrogatório da variedade civil, não era necessário mais de um inquisidor. O garoto tinha outra utilidade, no entanto. Seus olhos astutos não perdiam nada, assim talvez notasse algo que Darius deixasse passar durante a conversa.

— Obrigado por falar conosco. — Darius disse ao criado.

O doggen curvou-se.

— É meu prazer estar ao seu serviço, senhor.

— Certamente. — Darius murmurou enquanto ele se sentava no banquinho duro que tinha usado enquanto falava com a criada. Doggens, por natureza, tendem a valorizar o protocolo e, portanto, preferiam que aqueles que detinham uma posição mais elevada ficassem sentados enquanto que eles permaneciam em pé.

— Como se chama, laçaio?



Outra reverência.

— Eu me chamo Fritzgelder Perlmutter.

— E há quanto tempo você está com a família?

— Eu nasci há setenta e sete anos atrás— O laçaio uniu suas mãos atrás das costas e endireitou os ombros. — Tenho servido à família com orgulho desde meu quinto aniversário de nascimento.

— Longa história. Então, você conhece bem a filha.

— Sim. É uma fêmea de valor. Uma alegria para os pais e sua linhagem.

Darius observou cuidadosamente o rosto do criado.

— E você não estava ciente de qualquer coisa... que levaria a esperar tal desaparecimento.

A sobrançelha esquerda do serviçal contraiu uma vez.

E houve um longo silêncio.

Darius baixou a voz a um sussurro.

— Se aliviar sua consciência, você tem minha palavra como um Irmão, que nem eu nem meu colega, revelaremos o que você disser a ninguém. Nem mesmo ao próprio Rei.

Fritzgelder abriu a boca e respirou fundo.

Darius permaneceu em silêncio: pressionar o pobre macho só retardaria o processo de revelação. Na verdade, ou falaria ou não e apressá-lo só iria atrasar sua decisão.

O laçaio levou a mão até o bolso interno de seu uniforme e retirou um lenço branco que estava dobrado em um quadrado exato. Pressionou no lábio superior, atrapalhando-se para guardar a coisa.

— Nada sairá destas paredes, — Darius sussurrou. — Nada.

O criado limpou a garganta duas vezes antes das suas cordas vocais funcionarem.



— Na verdade... ela estava acima de qualquer reprovação. Disso estou certo. Não havia nenhum... relacionamento com um macho que seus pais desconhecêssem.

— Mas... — Darius murmurou.

Naquele momento, a porta foi aberta e o mordomo que os havia deixado entrar na mansão apareceu. Ele parecia totalmente surpreso com a reunião e desaprovava-a completamente. Sem dúvida um de seus subordinados o tinha avisado.

— Você trabalha com um bom grupo de serventes. — Darius disse ao macho. — Meu colega e eu estamos muito impressionados.

A reverência não aliviou a expressão de desconforto do macho.

— Estou lisonjeado, senhor.

— Nós estávamos saindo. Seu amo está por aqui?

O mordomo se endireitou e seu alívio era evidente.

— Ele se recolheu aos seus aposentos e por isso vim vê-los. Ele desejou adeus, mas precisa cuidar de sua amada shellan.

Darius pôs-se em pé.

— Este seu criado estava a ponto de nos mostrar a saída. Como está chovendo, estou certo de que você prefere que um de seus serventes nos guie sobre a grama molhada. Voltaremos aqui depois do por do sol. Obrigado por atender nossos pedidos.

Não havia nenhuma outra resposta exceto a que o macho deu.

— Naturalmente.

Fritzgelder fez uma reverência ao seu superior e estendeu então o braço para uma porta no canto.

— Por aqui.

Lá fora, o ar carregava uma pequena promessa de uma primavera de calor. De fato, estava um frio de inverno quando eles atravessaram a neblina.



Fritzgelder sabia exatamente onde os estava levando, o criado caminhava com a finalidade dos fundos da mansão para a parte dos jardins que eram avistados do quarto da fêmea

Não esta funcionando bem, pensou Darius.

O criado parou bem debaixo da janela da filha de Sampson, mas ele não encarava as pesadas paredes da casa. Olhava para fora... para além dos canteiros de flores e do labirinto estilo Hedge¹³⁰ ... para a propriedade vizinha. E então deliberadamente se virou para Darius e Tohrment.

— Levantem seus olhos até as árvores. — disse ele enquanto apontava para a casa como se descrevesse algo pertinente — Porque, sem dúvida, eles estavam sendo observados pelas janelas da mansão. — Reparem bem a clareira.

Realmente, havia uma brecha na quantidade de galhos das árvores... que era como eles tinham podido ver a mansão distante, lá no segundo andar.

— A vista não foi criada por um de nós, Senhor. — O doggen disse suavemente. — E eu notei isso, aproximadamente uma semana antes... de saber que ela tinha ido. Eu estava limpando os quartos. A família estava nos aposentos subterrâneos já que era dia. Ouvi os sons de madeira sendo cortada e olhei pelas janelas, quando vi as partes tiradas.

Darius estreitou seu olhar.

— Muito deliberado o corte, não é?

— Muito deliberado. E pensei que não era nada demais, pois só humanos moram ali. Mas agora...

— Agora você quer saber se havia um propósito que não fosse o de jardinagem. Diga-me, a quem você mencionou isso?

— O mordomo. Mas ele implorou para que eu permanecesse calado. Ele é um bom macho, de bom serviço à família. O que deseja é que ela seja encontrada...

— Mas ele pretende evitar qualquer suposição de que ela poderia ter caído em mãos humanas.

¹³⁰ Labirinto mais longo do mundo, localizado no Reino Unido.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Afinal, os humanos estavam bem perto de serem considerados ratos pela Glymera.

— Obrigado por isso, — Darius disse. — Você fez bem seu dever.

— Apenas ache-a, por favor. Não me importo com a origem do sequestro... só a traga de volta para casa.

Darius focou no que ele poderia ver da mansão vizinha.

— Nós faremos. De uma maneira... ou de outra.

Por eles, orou para que os humanos daquela propriedade não tivessem se atrevido a tomar um dos seus. A outra raça era para ser evitada, por ordens do Rei, mas e se tivessem a ousadia de agredir um vampiro? E uma fêmea nobre?

Darius mataria cada um deles em suas camas e deixaria os corpos apodrecerem em meio ao mau cheiro.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Capítulo TRINTA E UM

Gregg Winn acordou com Holly agarrada a ele, seus exuberantes seios falsos, um par de travesseiros gêmeos pressionando-o.

Uma olhada rápida no relógio e viu que eram sete horas da manhã. Estava na hora de fazer as malas e se dirigir para Atlanta.

— Holly – ele a tocou levemente com a mão. — Acorde.

Ela soltou algo parecido com um ronronar e se esticou, seu corpo se arqueando contra o dele, transformando sua ereção matinal em uma necessidade primária sobre a qual ele estava disposto a fazer algo a respeito. Entretanto, memórias de como ela havia acabado em sua cama refrearam seu impulso.

Provando, que em certos aspectos ele era um cavalheiro.

— Holly. Vamos. Levanta. – Ele moveu o cabelo dela para trás e acariciou-o em seu ombro. — Se sairmos agora, estaremos em Atlanta no final da tarde.

Levando em consideração que esse assunto sobre Rathboone custara-lhes um dia de viagem, isso viria a calhar.

— Ok. Acordei, já me levanto.

Na verdade, ele era o único dos dois que estava na vertical. Holly apenas se aninhou no espaço aquecido que ele deixara, e voltou a dormir em seguida.

Ele tomou um banho e depois encheu suas malas com suas coisas fazendo tanto ruído quanto podia, mas ela estava morta para o mundo. Dormindo quase em estado de coma.

Ele estava prestes a sair atrás de Stan, que era bem pior nessa coisa de acordar pela manhã, quando ouviu o som de alguém batendo na porta.

Será que o doidão já havia se levantado?

Gregg começou a falar com seu cameraman enquanto abria a porta.

— Escuta, vamos arrumar a van...



Era o mordomo durão. Com uma cara de que alguém havia derramado vinho em todo o seu sofá.

Gregg levantou a mão. — Estamos saindo, ok. Já estamos indo embora. Apenas nos dê...

— O proprietário decidiu permitir-lhes filmar aqui. Para seu episódio especial.

Gregg piscou como um idiota. — Desculpe?

O tom do mordomo ficou ainda mais aborrecido. Como se fosse possível.

— O proprietário falou comigo esta manhã. Ele disse que vocês têm a permissão de transmitir seu show daqui.

Um dia tarde demais, Gregg pensou com uma maldição para si mesmo. — Sinto muito. Minha equipe e eu estamos...

— Encantados. — Holly terminou por ele.

Enquanto ele olhava por cima de seu ombro, a apresentadora ajeitava o robe conforme saía da cama.

— São ótimas notícias! — Ela disse deliberadamente enquanto sorria para o mordomo, o qual parecia um ioiô entre desapontamento e encantamento perante a visão de toda confusão e calidez natural de Holly.

— Muito bem, então. — O mordomo disse, depois de clarear a garganta. — Avisem-me se precisar de algo.

Com uma reverência, ele desapareceu corredor abaixo.

Gregg fechou a porta.

— Pensei que você queria sair daqui.

— Bem... eu estava segura com você, certo? — Ela esgueirou-se até ele, acariciando seu peito. — Vou apenas ficar com você.

A satisfação na voz dela o deixou desconfiado. — Você brincou comigo... sobre toda essa coisa de sexo... com quem quer que seja?

Ela balançou a cabeça sem hesitar. — Não... mas eu realmente acredito que tudo foi um sonho.



— Que tal o fato de que você disse que realmente fez sexo?

A testa dela se franziu como se estivesse tentando ver através de um vidro fosco.

— É tudo muito vago pra ter sido real. Ontem á noite, eu estava totalmente confusa, mas de dia... tudo parece muito tolo.

— Você estava muito segura quando entrou aqui.

Ela balançou a cabeça vagarosamente.

— Nada mais que um sonho muito vívido e incrível... realmente não aconteceu.

Ele examinou o rosto dela e não encontrou nada além de certeza. Abruptamente, ela pressionou as têmporas.

— Tem aspirina?

— Dor de cabeça?

— Sim. Acabou de surgir.

Ele foi até sua maleta e pegou o kit de primeiros-socorros.

— Escute, estou disposto a tentar, mas se decidirmos ficar, não tem volta. Precisamos preencher o nosso horário, assim, não precisamos partir correndo para Atlanta em um ou dois dias.

Francamente, eles já estavam bem atrasados.

— Eu entendo. — ela disse enquanto se sentava na cama. — Entendo perfeitamente.

Gregg lhe entregou a aspirina, então foi até o banheiro e encheu um copo com água.

— Ouça, que tal você voltar pra cama? Ainda é cedo, e com certeza Stan ainda está desmaiado.

— O que você vai fazer? — Ela bocejou enquanto lhe devolveu o copo vazio.

Ele gesticulou para o notebook.



— Vou levar isso até a sala de estar lá embaixo e analisar as sequências que fizemos ontem. Acho que as câmeras já carregaram.

— Fique aqui — Ela pediu, enquanto enfiava os pés com as unhas feitas embaixo dos lençóis.

— Tem certeza? — O sorriso dela enquanto descansava a cabeça nos travesseiros mostraram seus dentes perfeitos... e o lado doce de sua personalidade.

— Sim, eu dormirei melhor. Além do mais, seu cheiro é gostoso depois do banho.

Cara, ela tinha seu jeitinho: olhando-o da cama, teria sido necessário um exército para tirá-lo do quarto.

— Ok. Vá dormir, Lolli. — Ela sorriu perante ao apelido carinhoso que ele lhe deu depois da primeira noite em que dormiram juntos.

— Dormirei. E obrigada por ficar aqui comigo.

Quando ela fechou os olhos, ele se dirigiu a cadeira perto da janela e ligou o laptop.

As gravações das minúsculas câmeras que eles tinham escondido no hall debaixo, na sala de estar e no grande carvalho perto da varanda de fato já tinham sido carregadas.

Devido ao que tinha acontecido, ele desejou como o inferno que eles tivessem colocado uma câmera remota no quarto de Holly, mas essa era a questão. Se fantasmas realmente não existiam, por que estavam se importando? As filmagens foram feitas apenas pra captar a atmosfera do local... e para amainar mais tarde, quando chegasse a hora do "invocamos os espíritos da casa!".

Conforme ele começava a olhar as imagens que haviam sido capturadas, ele percebeu que estava fazendo isso por quanto tempo? Dois anos? E mesmo assim tudo o que viu e escutou tinha uma explicação plausível.

O que era bom. Ele não estava tentando provar a existência de espíritos. Estava apenas vendendo entretenimento.



A única coisa que ele aprendera nos últimos vinte e quatro meses é que aquele era um bom trabalho, mentir nunca fora um problema. De fato, seu total conforto com falsidade era a razão pela qual ele era um produtor de televisão perfeito: tudo girava em torno dos objetivos e detalhes, fossem locações, talentos, agentes, proprietários de casas ou o que quer que estivesse sendo filmado, não eram mais que latas de sopas em um armário para serem arrumadas á sua vontade. Para ter o trabalho feito, ele mentiu sobre contratos, datas, imagens e sons. Ele havia falsificado, enganado e ameaçado com falácias.

Ele fabricava e dava palpite e...

Gregg franziu o cenho e se inclinou para a tela do notebook.

Movendo o cursor para o botão de rebobinar do Windows Media Player, ele repetiu o segmento que havia sido gravado no corredor. O que viu foi uma sombra negra movendo no corredor do lado de fora de seus quartos e... desaparecendo no de Holly. O horário no canto inferior direito: 12:11 a.m.

O que era exatamente quarenta e cinco minutos antes dela procurá-lo.

Gregg repetiu o segmento, observando aquela sombra enorme caminhar pelo corredor mal iluminado, bloqueando a luz que vinha da janela no extremo oposto.

Em sua mente, ele ouviu a voz de Holly: *porque eu fiz sexo com ele*.

Fúria e ansiedade dançando em sua cabeça, ele deixou a gravação continuar, os minutos passando naquele canto direito. E então lá estava, alguém deixando o quarto de Holly, saindo, bloqueando a luz, trinta minutos depois.

A figura caminhou pela direção oposta a que tinha vindo quase como se soubesse que a câmera estivesse ali e não quisesse mostrar o rosto.

Justo quando Gregg estava a ponto de chamar a polícia local... a maldita coisa desapareceu no ar.

Mas. Que. Merda.





Capítulo TRINTA E DOIS

John Matthew acordou, sentiu Xhex ao seu lado, e entrou em pânico.

Sonho... Isto era um sonho?

Sentou-se lentamente e quando sentiu o braço dela escorregar de seu peito para a barriga, o capturou antes que atingisse seus quadris. Deus, o que ele guardava com cuidado, estava quente, pesado e...

— John? — ela disse de encontro ao travesseiro.

Sem pensar, ele aninhou-se em volta dela e alisou seus cabelos curtos. Em instantes, ela tornou a dormir.

Um olhar rápido no relógio lhe avisou que eram quatro da tarde. Eles dormiram por horas, e se o ronco em seu estômago era algo para guiar-se, Xhex deveria estar morrendo de fome também.

Ao certificar-se de que ela mantinha-se adormecida, John libertou-se de seu abraço e andou ao redor silenciosamente. Escreveu um bilhete para ela antes de enfiar-se em suas calças de couro e sua camiseta.

Com os pés descalços, saltou para o corredor. Tudo estava tranquilo, pois não havia mais treinamento ali, o que era uma maldita vergonha. No lugar de gritos dos sparring¹³¹ vindos do ginásio, da voz do mestre na sala de aula e das batidas dos armários sendo fechados nos vestiários, havia o silêncio.

Mas sabia que ele e Xhex não estavam sozinhos.

Quando chegou à porta de vidro do escritório, congelou com a mão sobre a maçaneta.

Tohr estava dormindo na mesa... Bem, sobre ela. Sua cabeça estava apoiada em seu antebraço e seus ombros estavam caídos.

John estava tão acostumado a sentir raiva do sujeito, que foi um choque não ter nada do tipo para acendê-lo. Em vez disso... Sentia uma esmagadora tristeza.

¹³¹ Sparring – pessoas que estão praticando estilos de luta.



Ele acordou ao lado Xhex esta manhã, e Tohr nunca, jamais teria isso novamente. Ele nunca iria voltaria a alisar os cabelos de Wellsie; Nunca iria à cozinha para trazer-lhe algo de comer.

Ele nunca iria abraça-la ou beijá-la novamente... E ainda perdera um bebê no caminho.

John abriu a porta e esperou que o Irmão acordasse repentinamente, mas Tohr não o fez. O macho estava inconsciente, e aquela exaustão fazia sentido. Ele vinha se ocupando em recuperar sua forma, comendo e malhando vinte e quatro horas, sete dias por semana e o esforço estava começando a mostrar resultado. Suas calças já não estavam mais caindo e suas camisas não estavam mais largas. Mas estava claro que o processo fora desgastante.

Onde estava Lassiter? John se perguntou enquanto passava pela mesa e pelo closet. O anjo geralmente estava colado no Irmão.

Esgueirando-se pela porta escondida entre as prateleiras de suprimentos, ele atravessou o túnel em direção a casa. Enquanto avançava, as lâmpadas fluorescentes no teto se estendiam à frente dele, dando a impressão de um caminho predestinado – o que, considerando como as coisas estavam, era um conforto. Quando chegou a um conjunto baixo de escadas, ele subiu por elas, digitou um código, e subiu para um outro “voo”.

Emergindo pelo hall de entrada, escutou a televisão na sala de bilhar e percebeu que era o lugar onde o anjo estava.

Ninguém na casa estaria assistindo Oprah. Não sem uma arma apontada para sua cabeça.

A cozinha estava vazia, sem dúvida, os *doggens* estariam comendo algo em seus próprios aposentos antes de preparar a Primeira Refeição feita e se ocupar da casa. O que era muito bom. Ele realmente não queria ajuda.

Rapidamente, conseguiu uma cesta da despensa e a encheu: Bagels. Garrafa térmica com café. Jarro de suco de laranja. Frutas cortadas. Pão doce. Pão doce. Pão doce. Caneca. Caneca. Copo.

John estava apostando nas altas calorias e rezando para que ela gostasse de doces. Apenas por prevenção, fez um sanduiche de peru. E por uma razão diferente, ele fez em conjunto um de presunto e queijo.

Saindo pela sala de jantar, voltou para a porta abaixo da escadaria.



— Muita comida para dois. — disse Lassiter apontando para baixo com seu rotineiro sarcasmo.

John se virou. O anjo estava na porta de entrada da sala de bilhar, encostado contra o arco ornamentado. Ele tinha uma bota cruzada sobre a outra e os braços cruzados no peito. Seus piercings de ouro brilhavam, dando a impressão de que havia olhos por toda parte, olhos que não perdiam nada.

Lassiter sorriu um pouco.

— Então você está vendo as coisas de um ângulo diferente agora, não está?

Tão recentemente quanto na noite anterior John teria jogado em resposta um “*foda-se*”, mas agora estava inclinado a acenar positivamente. Especialmente porque ele achava que as fissuras no concreto do corredor foram causadas pela dor de Tohr.

— Bom, — disse Lassiter, — Já era hora, maldição. Oh, e eu não estou com ele no momento porque todo mundo precisa ficar sozinho de vez em quando. Além do mais, tenho que ter a minha dose de Oprah.

O anjo afastou-se, seus cabelos loiros e negros balançando.

— E já pode calar a boca. Oprah é maravilhosa!

John balançou a cabeça e se viu sorrindo. Lassiter podia ser um metrosssexual pé no saco, mas ele trouxera Tohr de volta a Irmandade e isso valia alguma coisa.

Através do túnel. Fora do closet. Para o escritório onde Tohr ainda estava dormindo.

Enquanto John se aproximava do balcão, o Irmão acordou com um espasmo do corpo inteiro, levantou a cabeça subitamente da mesa. Metade de seu rosto estava amassado para dentro, como se alguém tivesse batido nele com um cilindro de spray, socado e ferrado a merda de um jeito ruim.

— John... — ele disse roucamente. — Hei! Você precisa de alguma coisa?

John enfiou a mão na cesta e tirou o sanduiche de queijo e presunto. Colocou-o sobre a mesa e o empurrou na direção do macho.

Tohr piscou como se ele nunca tivesse visto duas fatias de centeio se conectando em alguma carne antes.



John assentiu abaixando a cabeça. *Coma*, disse movendo a boca.

Tohr se aproximou e colocou a mão no sanduíche.

— Obrigado.

John assentiu, as pontas dos dedos demorando sobre a mesa. Sua despedida foi uma batida rápida de seus dedos. Havia muito a ser dito no pouco tempo que ele tinha, e sua grande preocupação era que Xhex não acordasse sozinha.

Quando alcançava a porta, Tohr disse:

— Eu estou realmente feliz que você a tenha de volta. Eu estou condenadamente feliz.

Como se as palavras flutuassem sobre ele, os olhos de John colaram naquelas rachaduras no corredor. Aquilo era obra dele, percebeu. Se Wrath e os Irmãos tivessem arregaçado sua porta com más notícias sobre sua fêmea, teria reagido da mesma maneira que Tohr.

No fundo do poço. Seguido por um grande inferno.

Por cima do ombro, John olhou para o rosto pálido do homem que fora seu salvador, seu mentor... O mais próximo do pai que ele nunca conheceu. Tohr ganhara peso, mas seu rosto ainda estava vazio e talvez isso nunca mudasse, independente de quantas refeições comesse.

Enquanto se encaravam, John teve a sensação de que a parceria deles tinha sido muito maior do que apenas a soma dos anos em que conheciam um ao outro.

John colocou a cesta aos seus pés.

Eu vou sair com Xhex esta noite.

— É?

Eu vou mostrar a ela onde cresci.

Tohr engoliu em seco.

— Você quer as chaves da minha casa?





John recuou. Ele teve apenas a intenção de incluir o sujeito no que estava acontecendo com ele, um tipo de reconciliação para tentar remendar a merda entre eles.

Eu não esperava leva-la lá...

— Vá. Seria bom para você dar uma olhada. O *doggen* passa por lá apenas uma vez por mês, talvez duas. — Tohr passou e puxou uma das gavetas da mesa. Quando tirou um chaveiro, ele limpou a garganta. — Aqui.

John pegou as chaves e fechou o punho ao redor delas, sentindo a vergonha apertar seu peito. Ultimamente estivera cagando no sujeito e, mesmo assim, o Irmão se comportava como homem e lhe oferecia o que devia ser mortal para ele.

— Eu estou feliz por você e Xhex terem encontrado um ao outro. Faz realmente um sentido cósmico.

John empurrou as chaves para o bolso para libertar a mão.

Nós não estamos juntos.

O sorriso que surgiu rapidamente no rosto do sujeito parecia antigo.

— Sim, vocês estão. Vocês dois estão *destinados* a ficarem juntos.

Jesus, pensou John, adivinhando que o seu cheiro de vinculação era óbvio. Ainda assim, ainda não havia razão para entrar em todos os “por-que-não” que estavam rodeando a união deles.

— Então, você vai ao *Nossa Senhora*¹³²? — quando John assentiu, Tohr abaixou e pegou um saco de lixo. — Leve isso com você. É o dinheiro da droga confiscada daquele viciado em heroína. Blay trouxe de volta. Imagino que poderiam usá-lo.

Enquanto Tohr ficava em pé, deixava o saco sobre a mesa e pegava o sanduíche, retirando o *Saran Wrap*¹³³, e dando uma mordida.

— Bom trabalho com a maionese. — murmurou — Nem muito. Nem pouco. Obrigado.

Tohr voltou para o closet.

¹³² Our Lady é o nome do orfanato onde o Jhon viveu.

¹³³ Saran Wrap — marca de papel filme (magic pack).



John assobiou baixinho e o Irmão parou, mas não se virou.

— Tudo bem, John. Você não precisa dizer nada. Basta se manter a salvo lá fora hoje, *ok*?

Com isso Tohr desertou para fora do escritório, deixando John sozinho em um rastro de bondade e dignidade que ele esperava viver um dia.

Enquanto a porta do closet se fechava, ele pensou... Que gostaria de ser como Tohr.

Saindo para o corredor, deduziu que era engraçado ter aquilo correndo por sua mente novamente, e este retorno era do tipo que corrigia o mundo: Desde que conheceu o sujeito, que fosse pelo tamanho do Irmão, ou sua inteligência, ou a maneira como tratava sua fêmea, ou a forma como lutava, ou mesmo o som profundo de sua voz... John queria ser como Tohr.

Isso era bom.

Isso era... Certo.

Enquanto caminhava até a sala de recuperação, não se sentia exatamente ansioso para chegar àquela noite. Afinal, o passado era muito melhor se deixado enterrado... Especialmente o seu, porque ele fedia.

Mas, a questão era que ele tinha uma melhor chance de manter Xhex após arrancá-la de Lash daquela maneira. Ele precisaria de outra noite, talvez duas, antes de estar em sua força plena. E ela precisaria alimentar-se novamente, pelo menos uma vez.

Desta forma ele saberia onde ela estava e a manteria ao seu lado durante a noite.

Não importava no que Tohr acreditava, John não estava enganando a si próprio. Cedo ou tarde, ela iria fugir e ele não ia ser capaz de detê-la.

Do outro lado, Payne passeava ao redor do Santuário, com os pés descalços sobre grama verde e macia, o nariz repleto do cheiro de madressilva e jacinto.



Ela não havia dormido nem sequer por uma hora desde que sua mãe a tinha reanimado, e embora a princípio isso parecesse estranho, não pensou muito a respeito. Simplesmente era assim.

Era mais do que provável que seu corpo havia descansado o suficiente por toda uma vida.

Embora ela tenha ido ao Templo Primale, não entrou. Mesmo com a entrada do pátio de sua mãe – era muito cedo para a chegada de Wrath e seu treino com ele era o único motivo para estar ali.

Quando vinha se isolar no templo, porém, ela abriu uma brecha da porta, embora não pudesse dizer o que a movera a girar a maçaneta e caminhar por um período de tempo na soleira.

As tigelas de água que as Escolhidas haviam usado ao longo do tempo para testemunhar os eventos que aconteciam do Outro Lado, estavam alinhadas de forma perfeita nas várias mesas, os rolos de pergaminho e canetas de pena igualmente distribuídas, prontos para o uso.

Um brilho luminoso chamou a sua atenção e ela caminhou até sua origem. A água em uma das bacias de cristal estava se movendo em círculos cada vez mais lentos, como se a coisa tivesse sido utilizada um momento antes.

Ela olhou ao redor.

— Olá?

Não houve resposta, apenas um cheiro suave de limão, que sugeria que No'One passara recentemente por ali com seus panos de limpeza. O que era, realmente, um pouco de desperdício de tempo. Não havia poeira, encardimento ou qualquer tipo de sujeira que fosse para ser retirado. Mas No'One fazia parte da grande tradição das Escolhidas, não fazia?

Nada a fazer exceto trabalho inútil que não servia de nada

Enquanto Payne se virava para ir embora e passava por todas as cadeiras vagas, o sentimento de fracasso de sua mãe era tão evidente quanto o silêncio que abundava.

Ela não gostava do sexo feminino, na verdade. Mas havia uma triste realidade que fazia com que todos os planos feitos dessem em nada: Criar um programa para extirpar defeitos de maneira a deixar a raça mais forte. Enfrentar



o inimigo no campo de batalha e vencer. Ter muitos filhos, servi-la com amor, obediência e alegria.

Onde estava a Virgem Escriba agora? Sozinha. Detestada. Não amada.

E as próximas gerações, era ainda menos provável que seguissem seus caminhos, tendo em conta a maneira pela qual tantos pais tinham se afastado das tradições.

Deixando a sala vazia, Payne saiu para a luz difusa e leitosa e...

Descendo pelo Espelho d'Água, uma forma amarela brilhante se deslocou dançando como uma tulipa na brisa.

Payne caminhou em direção à figura e enquanto se aproximava, chegou à conclusão de que Layla perdera o juízo.

A Escolhida estava cantando uma música que não tinha letra, o corpo dela se movia em um ritmo sem música, seu cabelo balançando ao redor como uma bandeira.

Foi a primeira e única vez que uma fêmea não usava um coque da maneira como todas as Escolhidas usavam... Pelo menos, que Payne tinha visto.

— Minha irmã! — disse Layla, hesitante. — Perdoe-me.

Seu sorriso brilhante estava mais brilhante do que o amarelo de sua túnica e seu perfume mais forte do que nunca, a fragrância com um toque de canela no ar, tão certa como sua adorável voz.

Payne encolheu os ombros.

— Não há nada a perdoar. Na verdade, sua música é agradável aos ouvidos.

Os braços de Layla retomaram seu elegante balanço.

— Está um lindo dia, não?

— Certamente. — Vindo do nada, Payne sentiu uma pontada de medo. — Seu humor está muito melhor.

— Está, está! — a Escolhida rodopiou ao redor, apontando o pé em um lindo arco antes de saltar no ar. — Na verdade, está um lindo dia!





— O que a agradou tanto? — embora Payne soubesse a resposta. Mudanças de disposição, afinal de contas, raramente eram espontâneas... A maioria exigia um estímulo.

Layla dançou mais lentamente, seus braços e cabelos flutuando para baixo e descansando. Enquanto seus dedos elegantes se erguiam até sua boca, ela parecia ter perdido as palavras.

Ela encontrou um serviço adequado, Payne pensou. Sua experiência como *ehros*¹³⁴ já não era mais apenas uma teoria.

— Eu... — o rubor sobre as bochechas era vibrante.

— Não diga mais nada, apenas saiba que eu estou feliz por você. — murmurou Payne, e isso era uma grande verdade. Mas havia uma parte dela que se sentia curiosamente desanimada.

Agora era apenas ela e No'One que estavam abandonadas? Parecia que sim.

— Ele me beijou, — disse Layla, olhando para o espelho d'água. — Ele... Colocou sua boca sobre a minha.

Com graça, a Escolhida sentou na beirada de mármore e deslizou a mão ao longo da água. Depois de um momento, Payne se juntou a ela, porque às vezes era melhor sentir algo, qualquer coisa. Mesmo que fosse dor.

— Você gostou?

Layla olhou para o seu próprio reflexo, seus cabelos loiros escorrendo por seus ombros até atingir a superfície prateada da piscina.

— Ele foi... Um fogo dentro de mim. Uma grande queimação se espalhando que... Me consumiu.

— Então, você não é mais virgem.

— Ele parou após o beijo. Disse que queria que eu tivesse certeza. — o sorriso sensual que surgiu no rosto da fêmea era um eco da paixão. — Eu tinha certeza, e ainda tenho. Portanto, é ele. Na verdade, seu corpo de guerreiro estava pronto para mim. Faminto por mim. Ser desejada dessa maneira foi um presente além da conta. Pensei... O aperfeiçoamento em minha educação era o

¹³⁴ Sigla que significa Sistema Operacional de Emergência do Leme Hidráulico.



que eu estava buscando, mas agora eu sei que há muito mais esperando por mim do Outro Lado.

— Com ele? — Payne murmurou. — Ou através do exercício de seu dever?

Isso causou um profundo franzir de cenho.

Payne assentiu.

— Presumo que o que você quer é mais sobre ele do que sobre a sua posição.

Houve uma longa pausa.

— Tal paixão entre nós é certamente um indicativo de um destino seguro, não é?

— Sobre isso eu não tenho opinião. — Sua experiência com o destino a levou a um brilhante e sangrento momento de atividade... Seguido por uma inatividade generalizada. Não foi capaz de se pronunciar a respeito do tipo de paixão que Layla se referia.

Ou celebrá-la.

— Você me condena? — Layla sussurrou.

Payne ergueu os olhos para a Escolhida e pensou naquela sala vazia, vendo todas aquelas mesas vazias e as gélidas bacias largadas pelas mãos bem treinadas. Layla era alegre agora, enraizada em como eram os acontecimentos fora da vida de Escolhida, parecia outra inevitável desertão. E isso não era uma coisa ruim.

Ela estendeu a mão e tocou o ombro da outra fêmea.

— Nem um pouco. Na verdade, estou contente por você.

O prazer tímido de Layla transformou-se em algo próximo de tirar o fôlego.

— Estou tão feliz de compartilhar isso com você. Estou prestes a explodir e não há ninguém... Realmente... Com quem falar.

— Você sempre pode falar comigo. — Layla, apesar de tudo, nunca a julgou e estava muito inclinada a conceder à fêmea a mesma graciosa aceitação. — Vai voltar em breve?



Layla assentiu.

— Ele disse que eu poderia voltar para ele em sua... Como ele disse? Próxima noite de folga. E assim o farei.

— Bem, você deve manter-me informada. Na verdade... Estarei interessada em ouvir sobre como você vai se arranjar.

— Obrigada, Irmã. — Layla cobriu a mão de Payne, um brilho de lágrimas se formando nos olhos da Escolhida. — Eu estive tanto tempo sem servir e isto... Isto é, o que eu sempre desejei. Eu me sinto... *Viva*.

— Bom para você, minha Irmã. Isso é... Muito bom.

Com um sorriso final de reafirmação, Payne girou em seus calcanhares e se afastou da fêmea. Enquanto ela caminhava de volta para os alojamentos, se viu esfregando aquela dor que se formou no centro de seu peito.

Wrath não chegaria rápido o bastante, tão rápido quanto ela queria que ele chegasse.



Capítulo TRINTA E TRÊS

Xhex acordou com o cheiro de John Matthew.

Isso e café fresco.

Quando suas pálpebras se abriram, seus olhos o encontraram na escura sala de recuperação. Ele voltou para a cadeira que antes havia deixado, com o torso inclinado enquanto colocava café de uma garrafa térmica verde escura em uma caneca. Ele havia vestido suas calças de couro e sua camiseta, mas estava descalço.

Quando se voltou na direção dela, congelou, suas sobrancelhas se ergueram. E embora o café estivesse a caminho de sua boca, ele imediatamente o estendeu para que ela tomasse.

Cara, ele era mesmo de poucas palavras.

— Não, por favor, — Ela disse. — É seu.

Ele fez uma pausa como se considerando se argumentava ou não. Mas então colocou a porcelana em seus lábios e sorveu.

Sentindo-se um pouco mais estável, Xhex tirou as cobertas e deslizou suas pernas de debaixo delas. Quando ela se colocou de pé, sua toalha caiu e ela ouviu John respirando em um assobio.

— Oh, desculpe, — ela murmurou, se abaixando e agarrando o tecido da toalha.

Ela não podia culpá-lo por não querer espiar a cicatriz que ainda estava se curando na parte inferior de sua barriga. Não era exatamente o que você precisava ver logo antes do café da manhã.

Se enrolando na toalha, ela se encaminhou para o banheiro, usou o toalete, e lavou seu rosto. Seu corpo estava se recuperando bem, sua coleção de machucados desaparecendo, suas pernas sentindo mais fortes debaixo de seu peso. E, graças ao descanso e dela ter se alimentado dele, suas dores não mais completamente dolorosas, mas apenas mais uma série de vagos desconfortos.



Quando ela saiu do banheiro, disse, — Você acha que eu posso pedir emprestado algumas roupas de alguém?

John assentiu, mas acenou para a cama. Claramente ele queria que ela comesse primeiro e ela estava totalmente de acordo com aquele plano.

— Obrigada, — ela disse, apertando a toalha ao redor dos seus seios. — O que você tem aqui?

Quando ela se sentou, ele ofereceu a ela uma variedade de coisas, e ela pegou o sanduíche de peru porque a necessidade de proteína era uma ânsia que não podia rejeitar. De sua cadeira, John a observou comer, apenas bebendo seu café, e no segundo que ela tinha terminado, ele trouxe um pãozinho dinamarquês que provou ser muito tentador.

A combinação de cereja e cobertura doce a fez morrer de vontade de um pouco de café. E você sabe, John estava bem lá com uma caneca, como se ele estivesse lendo sua mente.

Ela terminou rapidamente outro pãozinho e um bagel. E um copo de suco de laranja. E dois copos de café.

E isso era engraçado. O silêncio dele tinha um efeito bizarro nela. Normalmente, ela era a quieta nas situações, preferindo manter sua própria opinião e não dividindo seus pensamentos sobre nada. Mas com a presença muda de John, ela se sentia curiosamente compelida a falar.

— Estou satisfeita, — ela disse, deitando-se de novo contra os travesseiros. Quando ele levantou uma sobrancelha e levantou o último pãozinho, ela sacudiu a cabeça. — Deus... Não. Eu não posso comer mais nada.

E foi só então que ele começou a comer.

— Você esperou por mim? — ela disse, franzindo o cenho. Quando ele desviou o olhar dela, e deu de ombros, ela xingou baixinho. — Você não tinha de fazer isso.

Outro dar de ombros.

Enquanto ela o observava, ela murmurou: — Você tem lindas maneiras a mesa.



O rubor dele era da cor do dia dos namorados e ela teve de dizer ao seu coração para se acalmar quando começou a bater forte.

Então de novo, talvez ela estivesse tendo palpitações porque havia acabado de jogar perto de duas mil calorias em seu estômago vazio.

Ou não. Quando John começou a lamber o merengue da ponta de seus dedos, ela viu de repente a língua dele e por um momento, ela sentiu um agito em seu corpo...

Memórias de Lash esmagando a parte frágil entre suas pernas, as imagens levando-a de volta aquele quarto, de costas e com ele encima dela, forçando suas pernas a separar-se com suas mãos duras ...

— Oh, merda... — arremetendo para fora da cama ela se arrastou para a privada e quase não chegou a tempo.

Saiu tudo. Os dois pãezinhos. O café. Aquele sanduíche de peru. Evacuação completa de tudo o que ela tinha comido.

Enquanto ela ofegava, não sentia o vômito. Ela sentia as horríveis mãos de Lash em sua pele... O corpo dele dentro do dela, socando ...

Eeeeeee lá se foi o suco de laranja.

Oh, Deus... como ela tinha passado por tudo aquilo com aquele bastardo repetidas vezes? Os socos e a luta e as mordidas... Então o sexo brutal.

De novo, de novo e de novo... E então o resultado. Lavando-o dela. Tirando-o dela.

Merda...

Outra onda de náusea cortou seus pensamentos e embora ela odiasse vomitar, o fechamento em seu cérebro era um alívio. Era quase como se seu corpo estivesse tentando exorcizar fisicamente o trauma, apenas explodir tudo para que ela pudesse recomeçar.

Um recomeço pelo começo, por assim dizer.

Quando o pior do vômito terminou, ela se afundou em seus tornozelos e descansou sua testa fria e úmida em seu braço. Enquanto sua respiração cortava sua garganta, o reflexo de seu esforço para vomitar tiritando como se estivesse considerando se organizar de novo.



Não tem mais nada aí, ela disse à maldita coisa. Não ao menos que quisesse colocar seus pulmões para fora também.

Merda, ela odiava essa parte. Logo depois de passar por todo inferno, sua mente e seu ambiente estavam cheios de minas terrestres e você nunca sabia o que poderia desencadear uma explosão. Claro, depois de um tempo, isso diminuía, mas o primeiro retorno de volta a *vida normal* era uma cadela e meia.

Ela levantou a cabeça e deu a descarga.

Quando um pano molhado roçou sua mão, ela pulou, mas era apenas John, nada para que ela tivesse medo.

E cara, ele tinha a única coisa que ela realmente queria naquele momento: aquele limpo, úmido e frio pano era uma dádiva divina.

Enterrando sua face naquilo, ela estremeceu de alívio.

— Me desculpe sobre a comida. Estava realmente descendo bem.

Hora da Dra. Jane.

Enquanto Xhex se sentava preguiçosamente nua no chão em frente ao vaso sanitário, John mantinha um olho nela e outro no telefone enquanto mandava uma mensagem.

Depois de apertar *enviar*, jogou o celular no balcão e puxou uma toalha limpa da pilha perto da pia.

Ele queria dar a Xhex alguma modéstia, mas estava também tendo problemas em olhar como a espinha dela ameaçava quebrar a pele das suas costas. Enrolando-a na toalha, ele deixou suas mãos descansarem nos ombros dela.

Ele queria puxá-la para seu peito, mas ele não sabia se ela concordaria em chegar tão per...

Xhex se afastou dele e arrumou a toalha, cruzando as duas metades na sua frente. — Deixe-me adivinhar. Você chamou a boa doutora.

Movendo seu corpo, ele colocou suas mãos no chão para suportar seu torso e levantou seus joelhos de forma que ela estava cercada por ele por todos os lados. Nada mal, ele pensou. O vaso não estava bem na cara dela, mas se ela precisasse dele, tudo o que ela tinha de fazer era se sentar direito.



— Eu não estou doente, — ela disse, sua voz rouca. — Nem da operação nem de nada. Eu só comi muito rápido.

Talvez, ele pensou. Mas então, não faria mal que a Dra. Jane a checasse. Além disso, eles precisavam ter isso esclarecido antes que eles pudessem sair essa noite, assumindo que era possível agora.

— Xhex? John?

John assobiou ao som da voz da doutora, e um momento depois a fêmea de Vishous colocou sua cabeça no banheiro.

— Uma festa? E eu não fui convidada, — ela disse, entrando.

— Bem, tecnicamente, eu acho que você foi, — Xhex murmurou. — Estou bem.

Jane se ajoelhou e embora seu sorriso fosse terno, seus olhos estavam afiados olhando para o rosto da Xhex. — O que está acontecendo aqui?

— Eu me senti mal depois que comi.

— Você se importa se eu tomar sua temperatura?

— Eu preferiria não ter nada perto da minha garganta nesse momento, se você não se importa.

Jane tirou um instrumento branco de sua maleta. — Eu posso fazer isso perto de sua orelha.

John ficou surpreso quando a mão da Xhex encontrou a sua e apertou forte como se ela precisasse de algum apoio. Para que ela soubesse que ele estava lá para o que precisasse, ele apertou de volta, e no instante que fez isso, os ombros dela se aliviaram e ela relaxou de novo.

— Faça o que você quiser, doutora.

Xhex inclinou a cabeça e você sabe, acabou indo direto no ombro dele. Então ele realmente não pode evitar colocar sua bochecha nos cachos fofos e macios dela e respirar fundo.

No que dizia respeito a ele, a boa doutora trabalhava muito rápido. Mal começou, um beep, e ela já estava retirando... O que significou Xhex levantando sua cabeça de novo.





TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



— Não tem febre. Você se importaria se eu olhar o seu corte?

Xhex se moveu para mostrar, separando a toalha e expondo sua barriga e a faixa que corria através do seu baixo abdômen.

— Parece bom. O que você comeu?

— Muito.

— Entendi. Alguma dor que eu precise saber?

Xhex sacudiu a cabeça. — Eu me sinto melhor. De verdade. O que eu preciso é de algumas roupas e sapatos... E outra dose da Primeira Refeição.

— Eu tenho roupas de médico que você pode vestir e então na casa poderemos cuidar de alimentar você de novo.

— Bom. Obrigada. — Xhex começou a se levantar e ele a ajudou, mantendo a toalha no lugar quando escorregou. — Porque nós vamos sair.

— Não para lutar, você não pode.

John acenou com a cabeça e assinalou para a doutora, *Nos vamos apenas esticar as pernas, juro.*

Os olhos da Dra Jane se estreitaram. — Eu posso apenas dar a opinião médica. O que eu penso é que você... — ela olhou para a Xhex — Deveria comer alguma coisa e ficar por aqui pelo resto da noite. Mas você é uma adulta, então pode fazer as suas próprias escolhas. Saiba disso, no entanto. Sair sem o Qhuinn e Wrath vai ter problemas muito sérios com os dois.

Está tudo bem, John assinalou. Ele não estava animado sobre a rotina de babá, mas não iria correr riscos com a Xhex.

Ele não tinha ilusões a respeito da fêmea que amava. Ela podia decidir partir a qualquer momento e se a merda ficasse feia a esse ponto, ele iria apreciar a ajuda.



Capítulo TRINTA E QUATRO

Lash acordou na mesma posição em que havia desmaiado: sentando no chão no banheiro do rancho, os braços unidos em cima dos joelhos, a cabeça abaixada.

Quando abriu os olhos, contemplou sua ereção.

Ele tinha sonhado com Xhex, as imagens tão claras, as sensações tão vívidas que era uma surpresa não ter gozado em suas calças. Eles tinham voltado para aquele quarto, juntos, lutando, mordendo, e então ele a tomara, forçando-a a se deitar na cama, fazendo aceitá-lo, mesmo embora ela odiasse aquilo.

Estava totalmente tão apaixonado por ela.

O som de um gorgolejo molhado fez sua cabeça se erguer. A *Plástica Fantástica* estava voltando a si, seus dedos se contraindo, suas pálpebras tremendo como persianas sendo abertas.

Enquanto seus olhos focavam no cabelo emaranhado dela e sua *basque*¹³⁵ manchada de sangue, ele sentiu uma pungente dor em suas têmporas, uma ressaca que certo como a merda não estaria ligada a diversão. A puta lhe causava nojo, deitada toda desleixada em volta de sua própria imundície.

Ela claramente estivera com o estômago enjoado, e graças a Deus ele dormira durante aquela comoção.

Tirando o cabelo dos olhos, sentiu suas presas se alongarem e soube que estava na hora de dar um bom uso para a mulher, mas droga... ela era quase tão atraente quanto carne estragada.

Mais água. Era disso que este pesadelo precisava. Mais água e...

Quando se ergueu para ligar o chuveiro outra vez, os olhos dela flutuaram sobre ele.

O grito dela repicou de sua boca manchada de sangue e ecoou em volta do azulejo até que seus ouvidos zumbiram como sinos de igreja.

¹³⁵ Basque: Pequeno saíote costurado ao corpete de um vestido ou de um casaquinho. A basque é pregueada ou franzida junto à barra do corpete.



As malditas presas a assustaram como a merda. Quando seu cabelo caiu em seus olhos outra vez, ele o puxou para trás e debateu se deveria rasgar seu pescoço só para acabar com o barulho. Mas não havia a menor chance dele mordê-la antes dela tomar um banho...

Ela não estava olhando para sua boca. Seus largos e loucos olhos estavam fixados em sua testa.

Quando seu cabelo o incomodou novamente, ele o penteou para trás - e alguma coisa saiu na sua mão.

Em câmera lenta, ele olhou para baixo.

Não, não era seu cabelo loiro.

Sua pele.

Lash girou para o espelho e ouviu a si mesmo gritar. Seu reflexo era incompreensível, o pedaço de carne que soltara revelando uma camada negra escorrendo sobre seu crânio branco. Com sua unha, testou a extremidade do que ainda estava preso e descobriu que tudo estava frouxo; cada polegada quadrada em seu rosto não era nada além de uma folha drapejada sobre o osso.

— Não! — Ele gritou, tentando colocar a merda de volta no lugar aos tapas--

Suas mãos... oh, Deus, elas também, não. Tiras de pele estavam penduradas para fora das costas delas, e enquanto puxava para cima as mangas de sua camisa social, desejou que tivesse sido mais gentil, porque sua derme veio junto com a delicada seda.

O que estava acontecendo com ele?

Atrás dele, no espelho, viu a prostituta passar como um raio numa corrida mortal, parecendo com a Carrie de Sissy Spacek¹³⁶, só que sem o vestido do baile.

Com uma onda de força, ele foi atrás dela, seu corpo se movendo sem nenhum poder e graça com o qual estava habituado. Enquanto encurralava sua presa, podia sentir a fricção de suas roupas contra si mesmo e podia apenas imaginar o rasgo que estava acontecendo em cada polegada sua.

¹³⁶ Referência ao filme de 1976 "Carrie, a Estranha", estrelado pela atriz Sissy Spacek, dirigido por Brian de Palma e baseado no livro de Stephen King.



Ele pegou a prostituta exatamente quando ela chegava à porta de trás e começava a lutar com as fechaduras. Empurrando-a violentamente por trás, ele agarrou seu cabelo, puxando sua cabeça pra trás, e mordeu com força, chupando seu sangue negro para dentro de si.

Lash acabou com ela rapidamente, drenando-a até que seus goles de sucção lhe proporcionaram um completo monte de nada em sua boca, e quando terminou, simplesmente a largou, o que fez com que ela desabasse direito no tapete.

Num bêbedo bamboleio, voltou para o banheiro e ligou as luzes que corriam ao longo de ambos os lados do espelho.

A cada peça de roupa que removia, ele revelava mais do horror que já estava estampado em seu rosto: Seus ossos e músculos reluziam com um brilho negro e oleoso sob a iluminação das lâmpadas.

Ele era um cadáver. Um cadáver de pé, ambulante, respirando, os olhos girando em suas cavidades sem pálpebra ou cílio, a boca mostrando nada além de presas e dentes.

Sua última pele era aquela que ancorava seu lindo cabelo loiro em sua cabeça, mas até esta estava deslizando para trás, como uma peruca que perdera a cola.

Retirou o pedaço final e, com suas mãos esqueléticas, acariciou aquela que tivera tanto orgulho. Claro, ele estava como a merda daquele jeito, o lodo negro coagulando-se nas madeixas, manchando-as, emaranhando-as... de forma que não estavam melhores do que as que ainda estavam presas à cabeça daquela prostituta lá na porta.

Deixou seu couro cabeludo cair no chão e se encarou.

Através de sua caixa torácica, observou a batida de seu próprio coração e se perguntou em entorpecido horror o que mais apodreceria nele... e o que lhe restaria quando esta transformação terminasse.

— Oh, Deus... — ele disse, sua voz não mais soando direita, um eco deslocado saindo das palavras de um modo que era aterrorizantemente familiar.



Blay ficou parado, com a porta de seu armário aberto, suas roupas penduradas à mostra. Absurdamente, quis ligar para sua mãe para pedir um conselho. Que era o que sempre fizera antes quando tinha que se vestir bem.

Mas essa não era uma conversa que estava com pressa de ter. Ela assumiria que seria uma fêmea e ficaria toda excitada com o fato de que estava indo a um encontro e seria forçado a mentir pra ela... ou sair do armário.

Seus pais nunca foram de fazer julgamento... Mas ele era seu único filho e nada de fêmea significava não somente nada de netinhos, mas um chute da aristocracia. Previsivelmente, a *glymera* aceitava numa boa a homossexualidade, desde que você fosse emparelhado com uma fêmea e que nunca, jamais falasse sobre isso ou fizesse qualquer coisa publicamente para confirmar o jeito que nascera. Aparências. Tudo o que importava eram as aparências. E se você se assumisse? Era excluído.

E sua família também.

Em algum nível, não conseguia acreditar que estava prestes a ir se encontrar com um macho. Em um restaurante. E que depois iria a um bar noturno com o cara.

Seu encontro seria maravilhoso. Sempre era.

Então Blay tirou um terno *Zegna*¹³⁷ que era cinza com a mais clara risca-de-giz rosa. Uma elegante camisa social de algodão da *Burberry*¹³⁸ foi à próxima, o corpo da camisa ligeiramente rosado, com seus punhos franceses e o colarinho um branco brilhante. Sapatos... sapatos... sapatos...

Bam, bam, bam na porta.

— Ei, Blay!

¹³⁷ Zegna: empresa de alta-costura fundada em 1910 em Trivero, Itália pelo alfaiate e empreendedor Ermenegildo Zegna. Ganhou rapidamente reputação por produzir ternos de lã de muito boa qualidade.

¹³⁸ Burberry é uma casa de moda britânica, especializada em roupa, e acessórios de luxo. É uma das marcas de moda mais famosas do mundo, tendo como característica um tecido à prova d'água usado na fabricação de roupas.



Merda. Ele já tinha colocado o terno na cama e acabara de tomar banho, estava de roupão de banho, com gel no cabelo.

Gel: Um delator miserável mortal.

Indo para a porta, abriu a desgraçada apenas uma polegada ou duas. Do lado de fora, no corredor, Qhuinn estava pronto para lutar, seu coldre de adagas que usava no peito estava pendurado em sua mão, vestindo couro, suas *New Rocks*¹³⁹ afiveladas.

Engraçado, entretanto, a rotina de guerreiro não causou muita impressão. Blay estava muito ocupado se lembrando da aparência do cara, esticado na cama a noite anterior, seus olhos na boca de Layla.

Má ideia ter feito aquela alimentação em seu próprio quarto, Blay pensou. Porque agora ficara cismado se perguntando o quão longe as coisas tinham ido em seu colchão entre aqueles dois.

Conhecendo Qhuinn, entretanto, as coisas deveriam ter ido até o fim. Que ótimo.

— John me enviou uma mensagem, — o cara disse. — Ele e Xhex vão sair pra uma noitada em Caldrie¹⁴⁰ e finalmente o filho da puta vai...

Os olhos díspares de Qhuinn o percorram de cima a baixo, e então ele se inclinou para o lado e olhou por sobre o ombro do Blay.

— O que está fazendo?

Blay trouxe as lapelas de seu robe um pouco mais perto.

— Nada.

— Sua colônia está diferente... O que você fez com seu cabelo?

— Nada. O que estava dizendo sobre John?

Houve uma pausa.

— É... certo. Bem, ele vai sair e nós vamos com ele. Mas vamos ter que procurar não chamar muita atenção. Eles vão querer privacidade. Mas nós podemos...

¹³⁹ New Rock: Companhia de roupas e sapatos espanhola, cuja linha mais famosa é a de fabricação de botas pesadas de couro, com cadarços e fivelas.

¹⁴⁰ Caldwell



— Vou sair esta noite.

Aquela sobancelha com piercing se abaixou.

— E daí?

— E daí... que estou fora.

— Isto nunca importou antes.

— Importa agora.

Quinn mudou de posição para o lado novamente e deu uma rápida olhada ao redor da cabeça de Blay.

— Você vai colocar aquele terno só para impressionar o time da casa?

— Não.

Houve um longo silêncio e então uma palavra:

— Quem?

Blay deixou a porta se abrir e deu um passo para trás em direção ao seu quarto. Se eles iam ter essa conversa, não havia sentido fazer isso do lado de fora no corredor para as pessoas verem ou ouvirem.

— Isto realmente importa? — ele disse, numa onda de raiva.

A porta se fechou. Com força.

— Sim. Importa.

Como um *foda-se* para Quinn, Blay desfez o laço de seu robe e o deixou cair de seu corpo nu. E vestiu a calça comprida... sem colocar cueca.

— Só um amigo.

— Macho ou fêmea.

— Como eu disse, isto importa?

Outra longa pausa, durante a qual Blay deslizou para dentro da camisa e a abotoou.

— Meu primo, — Quinn rosnou. — Você vai sair com Saxton.





— Talvez. — Ele foi para a cômoda e abriu sua caixa de joias. Do lado de dentro, abotoaduras de todos os tipos brilhavam. Ele escolheu um conjunto que tinha rubis nele.

— Isso é uma vingança por causa da Layla ontem à noite?

Blay congelou com sua mão em seu punho.

— Jesus Cristo!

— É sim, claro. É o que...

Blay se virou.

— Já te ocorreu que isso não tem nada a ver com você? Que um cara me chamou pra sair e eu quero ir? Que isto é normal? Ou será que você está tão envolvido em si mesmo que filtra tudo e todos pelo seu narcisismo?

Quinn recuou muito levemente.

— Saxton é um canalha.

— Bem, acho que você saberia como um seria.

— Ele é um canalha, um canalha com muita classe e muito elegante.

— Talvez tudo o que eu queira seja um pouco de sexo. — Blay ergueu uma sobrancelha. — Já faz um tempo pra mim, e aquelas fêmeas com quem eu fiz em bares só para te acompanhar não foram tão boas assim, pra começar. Acho que está na hora de eu ter algum, e do jeito certo.

O bastardo teve a audácia de empalidecer. Ele honestamente o fez. E maldito seja se ele não titubeou para trás e se recostou contra a porta.

— Pra onde vocês vão? — Ele perguntou asperamente.

— Ele vai me levar até o Sal's. E então vamos àquele *cigar bar*¹⁴¹. — Blay ajeitou seu outro punho e foi até a cômoda pegar suas meias de seda. — Depois disso... quem sabe.

Uma onda de carregada especiaria flutuou através do quarto e, atordoado, ficou em silêncio. De todos os rumos que pensara que esta conversa seguiria...

¹⁴¹ Cigar Bar: Bar específico aonde as pessoas vão para fumar charutos.



ativar o aroma de vinculação de Qhuinn não era exatamente o que passara por sua cabeça.

Blay voltou a virar.

Depois de um longo, tenso momento ele caminhou em direção ao seu melhor amigo, puxado pela fragrância. E enquanto chegava mais perto, os olhos quentes de Qhuinn o seguiam a cada passo, o vínculo entre eles, que havia sido enterrado em ambos os lados, abruptamente explodindo dentro do quarto.

Quando estiveram nariz-contra-nariz, ele parou, seu elevado peito encontrando o de Qhuinn.

— Diga a palavra, — ele sussurrou com a voz áspera. — Diga a palavra e eu não irei.

As rudes mãos de Qhuinn foram rapidamente para ambos os lados da garganta de Blay, a pressão o forçando a inclinar sua cabeça para trás e abrir sua boca para poder respirar. Fortes polegares cravaram nas articulações de cada lado de sua mandíbula.

Momento elétrico.

Potencialmente incendiário.

Eles iriam acabar na cama, Blay pensou enquanto fechava suas palmas nos grossos pulsos de Qhuinn.

— Diga a palavra, Qhuinn. Faça isto e eu passarei a noite com você. Vamos sair com Xhex e John e quando eles acabarem, voltamos para cá. *Diga.*

Os olhos azul-e-verde dentro dos quais Blay passara toda a vida olhando se fecharam em sua boca e o peitoral de Qhuinn bombeou para cima e para baixo como se estivesse correndo.

— Melhor ainda, — Blay falou com a voz arrastada, — Por que você simplesmente não me beija...

Blay foi puxado depressa e empurrado com força contra a cômoda, que bateu forte contra a parede com um estrondo. Enquanto frascos de colônia chocalhavam e uma escova atingia o chão, Qhuinn forçou seus lábios com rigidez sobre os de Blay, seus dedos perfurando a garganta de Blay.



Isso não importava, contudo. Rígido e desesperado era tudo o que ele queria do cara. E Qhuinn estava claramente à altura, sua língua disparando, tomando... possuindo.

Com as mãos desajeitadas, Blay arrancou sua camisa para fora da calça e mergulhou no seu próprio voo. Ele esperara tanto tempo por isto –

Mas terminou antes de começar.

Qhuinn girou para longe enquanto as calças de Blay atingiam o chão, e o cara positivamente disparou para a porta. Com sua mão na maçaneta, ele bateu a testa nos painéis uma vez. Duas vezes.

E então, numa voz morta, disse:

— Vá. Se divirta. Apenas se proteja, por favor, e tente não se apaixonar por ele. Ele partirá seu coração.

Num abrir e fechar de olhos, Qhuinn deixou o quarto, a porta se fechando sem som algum.

Logo após a partida, Blay permaneceu onde fora deixado, sua calça ao redor de seus tornozelos, sua desvanecente ereção um completo embaraço mesmo embora estivesse completamente sozinho. Enquanto o mundo começava a ondular e seu tórax se comprimia como um punho cerrado, ele piscou rápido e tentou manter as lágrimas longe de suas bochechas.

Como um macho velho, ele abaixou, se curvou lentamente e ergueu o cóis das calças, suas mãos apalpando o zíper e o fechando. Sem enfiar a camisa, ele caminhou e se sentou na cama.

Quando seu telefone tocou sobre a mesa de cabeceira, virou e olhou em direção a tela. Em algum nível, esperava ser Qhuinn, mas esta era a última pessoa com quem queria conversar e deixou quem quer que fosse ir para o correio de voz.

Por alguma razão, pensou na hora que gastara em seu banheiro se preocupando em se barbear, cortar as unhas e arrumar seu cabelo com o maldito gel. Depois, no tempo em frente ao armário. Tudo isso parecia desperdiçado agora.

Ele se sentia sujo. Completamente sujo.





E não iria sair com Saxton nem com ninguém esta noite. Não no humor em que estava. Não havia razão para sujeitar um cara inocente à toxicidade.

Deus...

Maldição.

Quando sentiu que conseguiria falar, se esticou sobre o criado mudo e ergueu seu telefone. Abrindo a coisa com uma sacudida, viu que foi Saxton quem ligara.

Talvez para cancelar? E isso não seria um alívio? Ser rejeitado duas vezes em uma noite dificilmente era uma boa notícia, mas o salvaria de ter que dispensar o macho.

Acionando o correio de voz, Blay escorou sua testa em sua palma e olhou para baixo, encarando seus pés descalços.

— Boa noite, Blaylock. Imagino que você esteja, neste exato momento, parado em frente ao seu armário tentando decidir o que vestir. — A voz macia e profunda de Saxton foi um curioso bálsamo, tão calmante e suave. — Bem, de fato, estou diante de minhas próprias roupas... Acredito que eu deva ir com um terno e colete numa *Gamine*¹⁴² quadriculada. Acho que terno risca-de-giz seria um bom acompanhamento de sua parte. — Houve uma pausa e uma risada. — Não que eu iria lhe dizer o que vestir, claro. Mas *me ligue* se você estiver em cima do muro. Em relação ao seu guarda-roupa, claro. — Outra pausa e então um tom sério. — Estou esperando ansiosamente para te ver. Adeus.

Blay afastou o telefone de sua orelha e pairou seu polegar sobre a opção 'apagar'. Num impulso ele salvou a mensagem.

Depois de uma longa e firme inalada, ele se forçou a se colocar de pé. Embora suas mãos estivessem tremendo, vestiu sua elegante camisa e voltou para a agora-bagunçada cômoda.

Levantou os frascos de colônia, arrumando-os mais uma vez, e recolheu a escova do chão. Então abriu a gaveta de meias... e retirou o que precisava.

Para terminar de se vestir.

¹⁴² Gamine: Espécie de Sobretudo.



Capítulo TRINTA E CINCO

Darius havia combinado de se encontrar com seu jovem protegido depois que o sol estivesse bem posto, mas antes ele seguiu para a mansão humana que eles espiam por entre as árvores, ele se materializou no bosque em frente à caverna da Irmandade.

Com os irmãos espalhados por aqui e por ali, a comunicação podia ficar atrasada, e um sistema havia sido montado para a troca de avisos e anúncios. Todos vinham aqui uma vez por noite para ver o que tinham deixado os outros, ou para deixar suas próprias mensagens.

Depois de assegurar que não havia olhos sob ele, ele mergulhou no sombrio enclave, atravessou a parede de pedra secreta, e abriu caminho através da série de portões em direção ao Sanctum Sanctorum¹⁴³. O "Sistema de Comunicação" era somente uma alcova colocada na parede de pedra, na qual a correspondência podia ser colocada, e devido a sua simplicidade, estava no final da passagem.

No entanto, ele não chegou longe o suficiente para ver se seus Irmãos tinham qualquer coisa a dizer a ele.

Aproximando-se ao último portão, ele viu sob o chão de pedra, o que a primeira vista parecia ser uma pilha de roupas dobradas próximas de uma áspera bolsa.

Enquanto ele desencapava sua adaga negra, uma cabeça escura se levantou da pilha.

— Tohr? — Darius abaixou sua arma.

— Sim. — O menino se virou em sua áspera cama. — Boa noite, senhor.

— Pode se saber o que você está fazendo aqui?

— Eu dormi aqui.

— Isso é óbvio, realmente. — Darius se aproximou e ajoelhou. — Mas porque você não retornou a sua casa?

¹⁴³ Templo Sagrado



Depois de tudo, ele havia sido renegado, mas Hharm raramente ia à residência de sua companheira. Com certeza o jovem poderia ter ficado com sua mahmen?

O garoto se obrigou a ficar de pé e se estabilizou apoiando-se na parede.

— Que horas são? — Eu perdi —

Darius pegou o braço de Tohr.

— Você comeu?

— Eu estou atrasado?

Darius não se incomodou em fazer mais nenhuma pergunta. As perguntas para o que ele queria saber estavam na maneira que o garoto recusava a levantar seus olhos: Realmente, ele tinha sido pedido a não tomar refugio na casa de seu pai.

— Tohrment, quantas noites você tem passado aqui dentro? — Naquele chão frio.

— Eu posso encontrar outro lugar onde ficar. Não voltarei a me alojar aqui—

Louvada fosse à Virgem Escriba, se fosse verdade.

— Espere aqui, por favor.

Darius passou através do portão e verificou a correspondência. Enquanto ele achava notificações de Murhder e Ahgony, ele pensou em deixar uma para Hharm. Nas linhas de, Como é possível que você tenha podido dar as costas a um filho de seu sangue até o ponto que ele se vê forçado a passar o dia com nada além de pedras por uma cama e suas roupas por coberta?

Seu imbecil.

Darius retornou para Tohrment e viu que o garoto tinha empacotado suas coisas em sua bolsa, e suas armas amarradas.

Darius engoliu uma maldição.

— Nós devemos ir primeiro a mansão da fêmea. Eu tenho algo que tenho que discutir com... Aquele organizador dos serviçais. Traga suas coisas, filho.



Tohrment seguiu, mais alerta do que a maioria deveria estar depois de tantos dias sem comida, ou descanso apropriado.

Eles materializaram em frente à mansão de Sampson, e Darius assentiu à direita, indicando que eles deviam prosseguir ao redor dos fundos. Conforme eles chegaram à parte de trás da casa, ele os levou para a porta que eles haviam saído à noite anterior, e tocou a estrondosa campainha.

O mordomo abriu caminho e fez uma reverência.

— Senhores, alguma coisa que possamos fazer para servi-los em sua procura?

Darius deu um passo para dentro.

—Eu gostaria de falar de novo com o lacaio do segundo andar.

— Mas é claro. — Outra reverência. — Talvez tivessem a bondade de me seguir a sala de visitas?

— Nós iremos esperar aqui. — Darius tomou assento na mesa usada dos serviçais.

O doggen empalideceu.

— Senhor... Isso é —

— Onde eu gostaria de falar com o lacaio Fritzgelder. Eu não vejo nenhum benefício em aumentar a aflição do seu mestre e senhora pelo nosso encontro não anunciado em sua casa. Não somos convidados, estamos aqui para sermos úteis em sua tragédia.

O mordomo se curvou tão profundamente, que foi uma surpresa, ele não ter caído de testa.

— Certamente, tem razão. Eu devo chamar Fritzgelder nesse mesmo momento. Existe algo que possamos fazer para sua comodidade?

— Sim. Apreciaríamos grandemente algumas provisões e cerveja.

— Oh, senhor, mas é claro! — O doggen se inclinou respeitosamente enquanto saía do cômodo. — Eu deveria ter oferecido, perdoe-me

Quando ficaram sozinhos, Tohrment disse,



— Você não precisa fazer isso.

— Fazer o que? —Darius falou lentamente, correndo as pontas de seus dedos sobre a superfície furada da mesa.

— Pegar comida para mim.

Darius olhou sobre seu ombro.

—Meu estimado garoto, era um pedido calculado para tranquilizar o mordomo. Nossa presença nesse cômodo é uma fonte de grande desconforto para ele, tanto quanto a petição por interrogar novamente seu serviçal. O pedido por comida deve ter sido um alívio para ele. Agora por favor, sente-se, e quando as provisões e a bebida chegarem, você deve consumi-los. Eu já me fartei previamente.

Houve o som do arrastar de uma cadeira sendo puxada para trás, e então um rangido enquanto o peso de Tohrment assentava na cadeira.

O laçao chegou em seguida.

O que foi embaraçoso, já que Darius na verdade não tinha nada a perguntar a ele. Onde estava a comida...?

— Senhores, — disse o mordomo com orgulho enquanto abria a porta com um floreio ostentoso.

Empregados se enfileiraram com todos os tipos de bandeja e canecas de cerveja e provisões, e enquanto o banquete era arrumado, Darius levantou uma sobrancelha à Tohrment, e então sutilmente desceu o olhar para os diversos comestíveis.

Tohrment, sempre o macho polido, serviu a si mesmo.

Darius assentiu ao mordomo.

— Essa é uma refeição digna de tal casa. Realmente seu mestre deve estar mais que orgulhoso.

Depois que o mordomo e os outros partiram, o laçao esperou pacientemente, e Darius também o fez até que Tohrment havia tomado tudo o que podia. E então Darius levantou.



— Muito bem, eu poderia indagar a você um favor, Organizador, Fritzgelder?

— Mas é claro, senhor.

— Você seria tão gentil de guardar a bolsa de meu colega para nós durante a noite? Devemos retornar depois que houvermos feito nossa inspeção.

— Oh, sim senhor, — Fritzgelder fez uma profunda reverência. — Eu tomarei o maior dos cuidados com suas coisas.

— Obrigado. Venha, Tohrment, vamos embora.

Enquanto eles iam para fora, ele podia sentir a ira do garoto e não estava nada surpreso quando seu braço foi pego.

— Eu posso tomar conta de mim mesmo.

Darius olhou sobre seu ombro.

— Disso não há dúvidas. No entanto, eu não preciso de um companheiro debilitado por ter uma barriga vazia e...

— Mas...

— ... Se você pensa que esta família de grandes recursos iria dar com má vontade uma refeição para ajudar na busca de sua filha, você está vastamente errado.

Tohrment deixou cair sua mão.

— Encontrarei alojamento. Comida.

— Sim, você vai. — Darius indicou com a cabeça o anel de árvores ao redor da propriedade vizinha. — E agora, podemos prosseguir?

Quando Tohrment assentiu, os dois desmaterializaram na floresta e depois abriram caminho ao acesso para a propriedade da outra mansão.

Com cada passo que avançavam em direção a seu destino, Darius sentia sobre ele um esmagante sentimento de temor, que aumentou até que ele achou difícil respirar: O tempo estava trabalhando contra eles.

Cada noite que passava e eles não a encontravam, era outro passo mais perto da morte dela.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



E eles tinham tão pouco com o que continuar.

Página 328



Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>





Capítulo TRINTA E SEIS

O Terminal Greyhound de Caldwell ficava do outro lado do centro da cidade, no limite do parque industrial que se estendia ao sul da cidade. O prédio antigo de telhado plano estava rodeado por uma cerca de arame, como se houvesse risco de fuga dos ônibus, e o seu pórtico de entrada tinha um arqueamento no meio.

Quando John tomou forma no sotavento¹⁴⁴ de um ônibus estacionado, esperou por Xhex e Qhuinn. Xhex foi a primeira a chegar, e cara, ela estava com um aspecto muito melhor; a segunda tentativa de comer havia retido os alimentos muito bem e sua cor estava realmente boa. Ainda levava a roupa de hospital que a Doutora Jane havia lhe dado, mas por cima estava com uma de suas camisetas pretas e um de seus casacos esportivos.

Ele adorou a arrumação das roupas. Adorou que ela estivesse com as suas roupas. Adorou como elas ficaram grandes demais nela.

Amava que ela parecesse uma menina.

Não é que ele não gostasse dos couros ou das camisetas sem mangas e do eu-vou-esmagar-suas-bolas-se-você-der-um-passo-fora-da-linha dela habituais. Isto era muito atrativo, também. Só que... o aspecto que tinha agora parecia íntimo por alguma razão. Provavelmente porque tinha a maldita certeza de que ela não se deixou ser vista assim muitas vezes.

— Por que estamos aqui? — Ela perguntou, olhando ao redor. Sua voz não parecia como se estivesse frustrada ou irritada, graças a Deus. Ela estava apenas curiosa.

Qhuinn tomou forma a uns dez metros de distância e cruzou os braços sobre o peito, como se não confiasse em si mesmo para não bater em ninguém. O cara estava com um humor terrível. Absolutamente perverso. Malmente deu duas palavras civilizadas no hall quando John lhe deu a ordem dos lugares para os quais eles estavam indo, e o motivo não havia ficado claro.

¹⁴⁴ Segundo o dicionário Houaiss, é um termo de marinha que significa direção para onde sopra o vento; lado ou bordo contrário àquele de onde sopra o vento ou num regionalismo, algarve, leste.



Bem... ao menos não até Blay ter caminhado até o grupo com um aspecto maravilhoso em um traje cinzento e listrado. O cara havia parado apenas para despedir-se de John e Xhex; não havia nem dado uma olhada para Qhuinn enquanto saía do hall e se perdia na noite.

E usava uma colônia nova.

Estava claro que teria um encontro. Mas com quem?

Com um silvo e um rugido, um ônibus saiu da vaga, a fumaça do motor a diesel fez o nariz de John ameaçar espirrar.

Vamos, assinalou com os lábios para Xhex, colocando a mochila em seu outro ombro e guiando-a adiante.

Os dois atravessaram a calçada úmida em direção a brilhante luz fluorescente do terminal. Mesmo estando frio, John deixou a sua jaqueta de couro aberta para no caso de necessitar usar suas adagas ou sua arma e Xhex também levava as suas.

Os *lessers* poderiam estar em qualquer lugar e os humanos poderiam ser idiotas.

Manteve a porta aberta para ela e se sentiu aliviado ao ver que ao lado do vendedor de bilhetes que estava atrás de um Plexiglas¹⁴⁵ à prova de balas, só havia um velho dormindo sentado em um dos bancos de plástico e uma mulher com uma maleta.

A voz de Xhex era baixa.

— Este lugar... lhe deixa triste.

Merda, supunha-se que sim. Mas não era pelo que havia experimentado aqui... Mas pelo o que sua mãe devia ter sentido, estando sozinha e sofrendo as dores de parto.

Assovando com força, manteve sua palma para o alto enquanto os três humanos levantavam a vista.

Reduzindo as suas consciências, ele deixou cada um em meio a um ligeiro transe e caminhou até a porta de metal em que tinha uma placa parafusada "MULHERES".

¹⁴⁵ Material utilizado na fabricação de envidraçamentos de proteção.



Colocando sua mão no frio painel, empurrou um pouco e escutou. Não se ouvia nada.

O lugar estava vazio.

Xhex passou por ele, seus olhos percorrendo as paredes de alvenaria, as pias de aço inoxidável e os três cubículos. O lugar cheirava a Clorox¹⁴⁶ e a umidade, o balcão molhado e os espelhos não eram feitos de vidro, mas de chapas polidas de metal. Tudo estava fixado com parafusos, desde a saboneteira, passando pela placa de *Não fumar* até a lata de lixo.

Xhex se deteve diante do cubículo para deficientes, com olhar penetrante. Quando ela cutucou a porta para abrir, recuou e pareceu confusa.

— Aqui... — ela apontou para baixo, no canto. — Aqui é onde você foi... onde te encontraram.

Quando voltou a olhá-lo, ele encolheu os ombros. Não sabia o lugar com precisão, porém fazia mais sentido imaginar que se você estivesse tendo um bebê, você gostaria que fosse onde tivesse mais espaço.

Xhex lhe cravou uma olhar como se estivesse vendo através dele e ele deu a volta brevemente para ver se havia chegado alguém. Não. Somente ela e ele, juntos no banheiro feminino.

O quê?, ele assinalou enquanto deixava que a porta se fechasse.

— Quem te encontrou? — Quando ele fingiu estar limpando o piso, ela murmurou. — Um zelador.

Enquanto assentia, ele sentiu vergonha deste lugar, da sua história.

— Não sinta — Ela se aproximou dele — Acredite, quem sou eu para julgar. Minha situação não foi melhor. Demônios, foi indiscutivelmente pior.

Sendo uma mestiça *symphath*, John poderia apenas imaginar. Afinal, as duas raças não se misturavam voluntariamente na maioria das vezes.

— Aonde te levaram depois daqui?

Ele a guiou para fora do banheiro e deu uma olhada ao redor. Qhuinn estava no outro canto, olhando através das portas do terminal como se



esperasse que algo cheirando a talco de bebês entrasse caminhando. Quando o cara voltou o olhar, John assentiu; depois acabou com o transe, liberou as mentes dos humanos e os três se desmaterializaram.

Quando tomaram forma outra vez, estavam no quintal do orfanato Nossa Senhora¹⁴⁷, junto do escorregador e da caixa de areia. O vento cortante de março soprava sobre os jardins do santuário da igreja dos indesejados, os ganchos dos balanços rangiam e os ramos desnudos das árvores não ofereciam proteção. À frente, as frestas das janelas de quatro painéis que marcavam os dormitórios estavam às escuras... assim como as do refeitório e da capela.

— Humanos? — Xhex inspirou enquanto Qhuinn vagava por ali e pousava o traseiro em um dos balanços — Foi criado por humanos? Deus... merda!

John caminhou até o edifício, pensando que talvez não tivesse sido uma boa ideia. Ela parecia horrorizada.

— Você e eu temos mais em comum do que eu pensava.

Ele se deteve e ela deve ter lido sua expressão... ou suas emoções.

— Também fui criada com pessoas que não eram como eu. Embora, considerando o que a minha outra metade é, isso pode ter sido uma benção.

Caminhando até o lado dele, ela olhou para o seu rosto.

— Você é mais forte do que pensava — inclinou a cabeça para o orfanato — Quando estava aí dentro, você foi mais forte do que pensava.

Não estava de acordo, mas não ia dissuadir a fé que tinha nele. Depois de um momento, estendeu a mão e quando ela segurou, caminharam juntos até a porta traseira. Um rápido desaparecimento e estavam no interior.

Oh, merda, usavam o mesmo produto para limpar o chão. Limão ácido.

E a aparência do lugar não havia mudado também. O que queria dizer que o escritório do diretor ainda estava no corredor, na frente do edifício.

Tomando a frente, foi até a velha porta de madeira, tirou a mochila e pendurou na maçaneta de bronze.

— Em todo caso, o que tem aí?

¹⁴⁷ No original, Our Lady.





Ele ergueu a mão e esfregou os dedos no polegar.

— O dinheiro. Do assalto em...

Ele assentiu.

— Um bom lugar para deixá-lo.

John se virou e encarou o corredor abaixo até onde estava o dormitório. Enquanto as recordações emergiam, seus pés se dirigiram nessa direção antes de ter consciência que estava indo para o lugar em que, uma vez, havia descansado sua cabeça. Era tão estranho estar aqui outra vez, recordando a solidão, o medo e a persistente sensação de ser totalmente diferente, especialmente quando estava com os outros garotos da mesma idade.

Essa diferença só fazia piorar o convívio. Estar rodeado por aquilo com o qual ele deveria essencialmente se identificar, afastava-o ainda mais.

Xhex seguiu John através do corredor, permanecendo um pouco atrás.

Ele caminhava silenciosamente, apoiando do calcanhar até a ponteira de seus Shitkickers¹⁴⁸ e ela tomou o seu exemplo, fazendo igualmente o mesmo, de forma que não eram mais do que fantasmas no tranquilo corredor. Enquanto seguiam, notou que embora a estrutura física do edifício fosse velha, tudo estava impecável, desde o linóleo altamente encerado, passando pelas paredes bem pintadas de bege, até as janelas com tela metálica nos vidros. Não havia poeira, nem teias de aranha, nem lascas ou rachaduras no gesso.

Isso lhe dava a esperança de que as freiras e os administradores cuidassem das crianças com a mesma atenção que davam aos detalhes.

Enquanto ela e John iam até um par de portas, pode sentir os sonhos dos garotos do outro lado, os pequenos redemoinhos de emoção borbulhavam através de seu sono REM¹⁴⁹ fazendo cócegas em seus receptores *sympath*.

¹⁴⁸ Marca de bota.

¹⁴⁹ Fase do sono.



John colocou a cabeça lá dentro e enquanto olhava fixamente os que estavam onde ele tinha estado, ela se viu novamente franzindo o cenho.

A carga emocional dele tinha... uma sombra. Uma construção paralela, mas separada da que havia captado antes, embora neste momento se encontrasse evidentemente óbvia.

Nunca havia sentido algo assim em nenhuma outra pessoa e não podia explicar... Nem acreditava que John fosse consciente do que estava fazendo. Por alguma razão, entretanto, esta viagem ao seu passado havia exposto uma falha na linha da sua psique.

Assim como outras coisas. Ele tinha sido como ela, perdido e distante, cuidado pelos demais por obrigação, não por amor consanguíneo.

De certa forma, ela pensou que deveria dizer a ele para parar com essa coisa toda, porque podia sentir o quanto isso custava a ele... e quanto mais iria custar. Mas estava cativada por aquilo que ele estava mostrando a ela.

E não só porque como *sympath* ela se alimentava das emoções dos demais.

Não, ela queria saber mais sobre este macho.

Enquanto ele observava os garotos dormindo e permanecia preso em seu passado, ela concentrou sua atenção em seu perfil forte, iluminado pela luz de segurança sobre a porta.

Quando levantou a mão e apoiou sobre o seu ombro, ele teve um sobressalto.

Ela queria dizer algo inteligente e amável, montar alguma combinação de palavras que fossem tão profundas como havia feito ele ao trazê-la até aqui. Mas a questão era que havia mais coragem nestas revelações dele, do que no que ela já havia demonstrado alguma vez a alguém e, em um mundo cheio de egoísmo e crueldade, ele lhe estava rompendo o fodido coração com o que lhe estava dando.

Tinha estado tão sozinho aqui e o eco do sofrimento estava-o matando. Ainda assim iria seguir adiante porque havia dito a ela que o faria.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Os belos olhos azuis de John encontraram o seu olhar e quando ele inclinou a cabeça com curiosidade, ela se deu conta de que as palavras eram bobagens em momentos assim.

Aproximando-se de seu corpo duro, ela passou um de seus braços pela parte baixa de suas costas. Com a outra mão, esticou-se e segurou sua nuca, puxando-o para ela.

John hesitou, mas logo foi voluntariamente, enlaçando os braços ao redor de sua cintura e enterrando o rosto em seu pescoço.

Xhex o abraçou, emprestando-lhe sua força, oferecendo um consolo que ela era mais do que capaz de dar. Enquanto permaneciam um contra o outro, Xhex olhou por sobre os ombros dele o quarto que estava atrás, e as cabecinhas escuras nos seus travesseiros.

Em silêncio, sentiu como o passado e o presente se moviam e se misturavam, mas foi uma miragem. Não havia maneira de consolar o garoto perdido que ele tinha sido na época.

Mas ela tinha o macho adulto.

Ela o tinha justo em seus braços e durante um breve momento de fantasia, imaginou que nunca, nunca o deixaria partir.



Capítulo TRINTA E SETE

Enquanto ele se sentava em seu quarto na mansão Rathboone, Gregg Winn deveria se sentir melhor. Graças a algumas evocativas imagens de câmera da comovente pintura na sala, juntamente com algumas fotos da área tiradas no crepúsculo, a bronzeada L.A. ficou emocionado com as imagens prévias e se preparou para começar a publicá-lo. O mordomo também havia se apresentado amavelmente, assinando documentos legais que lhe davam permissão para todos os tipos de acesso.

Stan, o cinegrafista, poderia realizar um exame proctológico na maldita casa, considerando todos os lugares onde ele poderia enfiar a lente.

Mas Gregg não sentiu o sabor da vitória. Não, ele tinha um caso de isto-não-está-certo cavalgando seu intestino e uma dor de cabeça causada pela tensão, que percorria desde a base do crânio por todo o caminho até seu lóbulo frontal.

O problema era a câmera escondida que colocaram no hall na noite anterior.

Não havia explicação racional para o que havia capturado.

Irônico que um “caça-fantasmas”, quando confrontado com uma figura que desaparecia no ar, precisava de Advil¹⁵⁰ e Tums¹⁵¹. Qualquer um pensaria que ele estaria muito feliz já que, por uma vez, ele não teve que pedir para o cara da câmera para falsificar as filmagens.

Quanto ao Stan? Ele apenas deu de ombros. Oh, ele pensou que era um fantasma, com certeza... mas não o perturbou nem um pouco.

Por outro lado, ele poderia ter sido amarrado a um conjunto de trilhos ou alguma coisa no estilo *Perigos de Pauline*¹⁵² e só pensar: Perfeito, hora para um cochilo rápido, antes que fique completamente chapado.

Havia vantagens em ser um maconheiro.

¹⁵⁰ Advil – analgésico.

¹⁵¹ Tums – antiácido.

¹⁵² The Perils of Pauline foi um seriado exibido semanalmente, produzido em 1914 e estrelado por Pearl White no papel principal. A personagem "Pauline" tem sido citada como o clássico exemplo da “donzela em apuros”, um clichê utilizado em vários seriados.



Quando o relógio marcou dez, Gregg levantou-se da frente do laptop e foi até a janela. Cara, ele se sentiria melhor sobre essa coisa toda, se não tivesse visto aquela figura de cabelos longos perambulando pelos terrenos na noite anterior.

Para o inferno com isso: melhor que ele não tivesse visto o filho da puta fora no corredor fazendo um truque alucinação tipo *agora-você-vê, agora-você-não-vê*.

De trás dele na cama, Holly disse:

– Você está esperando para ver o coelho da Páscoa por aí?

Ele olhou para ela e pensou que ela parecia ótima encostada nos travesseiros, e com o nariz metido em um livro. Quando ela havia pegado a coisa, ele ficou surpreso ao ver que era um livro de Doris Kearns Goodwin sobre os Fitzgeralds e os Kennedys. Ele pensou que ela fosse o tipo de mulher que curtisse algo como a biografia de Tori Spelling¹⁵³.

– Sim, principalmente o rabo de algodão, – ele murmurou. – E eu acho que vou descer e ver se consigo achar a cesta do bastardo.

– Não traga nenhum Marshmallow Peeps¹⁵⁴. Ovos coloridos, coelhos de chocolate, a grama falsa felpuda... tudo bem. Os Peeps me assustam.

– Eu vou fazer com que Stan venha se sentar com você, ok?

Holly ergueu os olhos dos bastidores de Camelot. – Eu não preciso de uma babá. Especialmente aquele que está sujeito a acender um baseado no banheiro.

– Eu não quero deixá-la sozinha.

– Eu não estou sozinha. – Ela acenou para a câmera no canto da sala. – Apenas ligue aquilo.

Gregg se encostou no batente da janela. A forma como o cabelo dela pegava a luz era muito bonita. É claro, a cor era, sem dúvida, um trabalho de um especialista em tintura... mas era o tom perfeito de louro contra sua pele.

¹⁵³ Tori Spelling é uma atriz norte-americana filha do ex-produtor de televisão Aaron Spelling e conhecida também por interpretar a personagem Donna Martin na popular série de TV nos anos 1990, 'Beverly Hills, 90210' ou como é conhecida no Brasil, 'Barrados no Baile'.

¹⁵⁴ Peeps são doces de marshmallow, vendidos nos EUA e Canadá, que têm formato de galinha, coelhos e outros animais. Há também diferentes formas utilizadas para vários feriados.



– Você não está com medo, está? – disse ele, querendo saber exatamente quando foi que eles trocaram de lugares nesse assunto.

– Você quer dizer sobre a noite passada? – Ela sorriu. – Não. Eu acho que aquela “sombra” é Stan jogando um truque sobre nós dois como retribuição por fazê-lo trocar de quarto. Você sabe como ele detesta deslocar bagagem. Além disso, isso me fez voltar para sua cama, não fez? Não que você tenha feito muita coisa sobre isso.

Ele agarrou seu blusão e aproximou-se dela. Tomando o queixo na mão, olhou nos olhos dela. – Você ainda me quer desse jeito?

– Sempre. – A voz de Holly ficou mais baixa. – Eu estou amaldiçoada.

– Amaldiçoada?

– Vamos, Gregg. – Quando ele apenas a olhou, jogou as mãos para o alto. – Você é uma má aposta. Você está casado com seu trabalho e venderia sua alma para chegar à frente. Você reduz tudo e todos à sua volta a um mínimo denominador comum, o que lhe permite usá-los. E quando eles não estão sendo úteis? Você não lembra seus nomes.

Jesus... ela era mais esperta do que ele pensava. – Então por que você ainda quer ter algo comigo?

– Às vezes... Eu realmente não sei. – Seus olhos se voltaram para o livro, mas não iam e voltavam sobre as linhas. Eles só se fixaram sobre a página. – Eu acho que é porque eu era realmente ingênua quando te conheci, e você me deu uma chance quando mais ninguém deu, e você me ensinou muitas coisas. E essa primeira paixão está durando.

– Você faz isso soar como se fosse algo ruim.

– Pode ser. Estive esperando crescer e deixar para trás... E depois fazer coisas como cuidar de mim e começar tudo de novo.

Ele olhou para ela, medindo seus traços perfeitos, sua pele lisa e seu corpo incrível.

Sentindo-se confuso e estranho, como se ele lhe devesse um pedido de desculpas, foi até a câmera no tripé e programou-a para gravar. – Você tem o seu telefone celular com você?



Ela alcançou o bolso de seu roupão e tirou um BlackBerry. – Bem aqui.

– Ligue-me se alguma coisa estranha acontecer, ok?

Holly franziu a testa. – Você está bem?

– Por que você pergunta?

Ela encolheu os ombros. – Só nunca te vi tão...

– Ansioso? Sim, acho que há algo sobre esta casa.

– Eu ia dizer... Conectado, na verdade. É como se você estivesse realmente olhando para mim pela primeira vez.

– Eu sempre olhei para você.

– Não assim.

Gregg foi até a porta e parou. – Posso te perguntar uma coisa estranha? Você... pinta o seu cabelo?

Holly colocou a mão até as ondas loira. – Não. Eu nunca pintei.

– É realmente loiro assim?

– Você deveria saber.

Quando ela ergueu sua sobrancelha, ele corou. – Bem, as mulheres podem fazer tintura lá embaixo... Você sabe.

– Bem, eu não.

Gregg franziu o cenho e se perguntou quem diabos estava comandando o seu cérebro: ele parecia ter todos esses pensamentos estranhos brincando em suas ondas de frequência, como se talvez sua estação tivesse sido pirateada. Dando-lhe um leve aceno, ele foi até o hall, e olhou à esquerda e direita, enquanto escutava concentrado. Nenhuma pegada. Nenhum rangido. Ninguém com um lençol sobre a cabeça, dando uma de Gasparzinho.

Arrancando o seu casaco, ele foi até as escadas odiando o eco de seus próprios passos. O som fazia sentir-se perseguido.

Ele olhou atrás de si. Nada além de corredor vazio.



Embaixo, no primeiro andar, ele olhou para as luzes que haviam sido deixadas ligadas. Uma na biblioteca. Uma no hall da frente. Uma na sala.

Virando a esquina, ele parou para verificar o retrato de Rathboone. Por alguma razão, não achava mais que a pintura era tão foddidamente romântica e negociável.

Por alguma razão, o cacete. Ele desejava que ele nunca tivesse chamado Holly para ver a coisa. Talvez ele não tivesse ficado tão marcado no subconsciente dela, de tal forma que ela fantasiava sobre o cara ter vindo até ela e ter tido relações sexuais com ela. Cara... a expressão no rosto dela quando estava falando de seu sonho. Não a parte do medo, mas do sexo, o sexo ressonante. Ela sempre parecia assim depois de ter estado com ele?

Ele alguma vez parou para ver se ele a havia satisfeito daquela maneira?

De qualquer maneira?

Abrindo a porta da frente, ele saiu como se estivesse em uma missão, quando, na realidade, não tinha para onde ir. Bem, exceto para longe do computador e das imagens... e daquele cômodo silencioso com uma mulher que poderia ter mais substância do que ele pensava.

Como uma espécie de fantasma, que era real.

Deus... o ar era refrescante aqui fora.

Ele andou para longe da casa e, quando ele estava a cerca de cem metros¹⁵⁵ no gramado ondulado, parou e olhou para trás. No segundo andar, viu a luz acesa em seu quarto e imaginou Holly aninhada contra os travesseiros, o livro em suas mãos longas e finas.

Ele continuou, em direção à linha das árvores e do riacho.

Será que os fantasmas têm alma? ele pensou. Ou eles eram almas?

Será que os executivos de televisão têm alma?

Agora, isto era uma questão existencial.

¹⁵⁵ No original é 100 yards, que convertido dá cerca de 91,44m > arredondei para 100m pq creio que não muda o sentido.



Ele deu uma olhada devagar ao redor da propriedade, parando para puxar o musgo espanhol¹⁵⁶, sentir a casca dos carvalhos e sentir o cheiro da terra e da neblina.

Ele estava voltando para a casa quando a luz do terceiro andar acendeu... e uma sombra, alta e escura passou por uma das janelas.

Gregg começou a andar rápido. Então começou a correr.

Ele estava voando quando saltou para a varanda e atingiu a porta, jogando-a aberta, e pisou escada acima. Ele não deu a mínima para aquela droga de aviso, *não vá ao terceiro andar*. E se ele acordasse as pessoas, ótimo.

Quando ele chegou ao segundo andar, ele percebeu que não tinha a mínima ideia de que porta o levaria para o sótão. Andando rápido no corredor, ele calculou que os números sobre os batentes indicavam que ele estava passando pelos quartos de hóspedes.

Então ele passou pelo Almoxarifado. Manutenção.

Obrigado, Jesus: SAÍDA.

Ele atravessou, subiu a escada dos fundos e subiu os degraus de dois em dois. Quando ele chegou ao topo, ele encontrou uma porta trancada com uma luz brilhando por baixo.

Ele bateu forte. E conseguiu um monte de nada.

– Quem está aí? – ele gritou, puxando a maçaneta. – Olá?

– Senhor! O que está fazendo?

Gregg se virou e olhou para baixo em direção ao mordomo... que estava, mesmo que fosse depois do expediente, ainda vestido com seu smoking.

Talvez ele não dormisse em uma cama, mas se pendurasse em um armário para que não enrugasse durante a noite.

– Quem está aí? – Gregg exigiu, indicando com o dedo por cima do ombro.

– Sinto muito, senhor, mas o terceiro andar é privado.

¹⁵⁶ Musgo espanhol (*Tillandsia usneoides*) é uma planta com flores que cresce em árvores maiores, geralmente o Carvalho (*Quercus virginiana*) ou Cipreste (*Taxodium distichum*) no Sudeste dos Estados Unidos.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



– Por quê?

– Isso não é de seu interesse. Agora, se o senhor não se importa, quero pedir-lhe que retorne ao seu quarto.

Gregg abriu a boca para continuar a discussão, mas, em seguida, fechou a boca. Havia uma maneira melhor de lidar com isso.

– Sim. Okay. Tudo bem.

Ele fez um show ao pisar forte pelas escadas e passou roçando o mordomo.

Então ele foi para seu quarto, como um simples hóspede de merda e entrou.

– Como foi sua caminhada? – Holly perguntou, bocejando.

– Aconteceu alguma coisa enquanto eu estava fora? – Como, oh, digamos, um cara morto veio aqui transar com você?

– Não. Bem, a não ser alguém correndo pelo corredor. Quem era?

– Não faço ideia – Gregg resmungou, passando e desligando a câmera. – Não tenho a mínima ideia...



Capítulo TRINTA E OITO

John tomou forma próximo a um poste de luz que não tinha um trabalho muito satisfatório. A iluminação que emanava por baixo de seu pescoço de girafa banhava a frente de um prédio que teria parecido infernalmente melhor na escuridão total: os tijolos e argamassa não eram vermelho e branco, mas marrom e marrom, e as rachaduras em várias janelas foram fixadas com fita adesiva em zigue-zague e com cobertores baratos. Mesmo a passos leves rumo ao saguão onde o chão estava com tantos furos que parecia ter sido atingido por uma britadeira.

O lugar estava exatamente da mesma maneira desde quando ele tinha passado sua última noite ali, exceto por uma coisa: o aviso amarelo¹⁵⁷ de “Inabitável” que tinha sido pregado na porta da frente.

Arquive isso em Bom, dâh.

Enquanto Xhex saía das sombras e se juntava a ele, ele fez o possível para demonstrar uma aparência calma... e sabia que estava falhando. Esta grande excursão para a merda da vida anterior era mais difícil de atravessar do que ele pensava, mas era como um parque de diversões. Uma vez que você entrou e o carrinho começou a andar, não tinha como parar.

Quem diria que sua existência, deveria vir com um aviso de cuidado para mulheres grávidas e epiléticos.

Sim, não havia como parar; ela o incitaria até que ele terminasse isso. Ela parecia saber tudo o que ele estava sentindo e isso incluía uma sensação de fracasso que o rasgaria se ele desistisse rapidamente.

— Você acabou aqui? — Ela sussurrou.

Acenando com a cabeça, ele a levou passando a frente do edifício, próximo à esquina do beco. Quando ele chegou à saída de emergência, ele desejou saber se a fechadura ainda estaria quebrada.

A fechadura quebrou com apenas um pouco de força e eles entraram.

¹⁵⁷ Aquelas fitas amarelas indicando que um crime ocorreu no local.



O tapete no corredor era mais parecido com o chão de terra crua em algum tipo de cabana, toda embalada e lacrada com manchas que entraram nas fibras e secaram. Garrafas vazias de bebidas, embalagens amassadas de Twinkie¹⁵⁸ e pontas de cigarros espalhados pelo corredor e, a brisa do ar cheirava a axilas de vagabundo.

Cara... mesmo um tanque de guerra não causaria um grande impacto naquele lugar bagunçado.

Assim que Quinn entrou pela saída de emergência, John virou a esquerda na escada e começou a subida que o fazia querer gritar. Enquanto subiam os ratos guinchavam e corriam para fora do caminho e água do cortiço ficava mais grossa e com cheiro mais picante, como se estivesse fermentando em altitudes mais elevadas.

Quando eles chegaram ao segundo andar, ele abriu caminho pelo corredor e parou na frente de um padrão como uma explosão de estrela. Jesus Cristo... aquela mancha de vinho ainda estava aqui – embora porque inferno ele estava surpreso? Como se a companhia de limpeza *Merry Maids* fosse aparecer aqui e limpá-la.

Indo mais uma porta para baixo, ele empurrou a porta do que uma vez havia sido o seu apartamento e andou... para dentro...

Deus, tudo estava exatamente como ele havia deixado.

Ninguém tinha vivido ali desde que ele tinha ido embora, o que supostamente fazia sentido. Pessoas tinham gradualmente deixado o local para trás quando ele tinha sido um inquilino – bem, aqueles que podiam pagar por um lugar melhor. Os que ficaram eram drogados. E os que tinham ocupado as vagas eram sem-tetos que se infiltraram rapidamente que nem baratas através das janelas e portas quebradas presentes no andar térreo. O ponto culminante deste deslocamento geográfico foi o aviso de evacuação, o edifício tinha sido declarado inabitável, o câncer da fortuna em declínio clamando por tudo, menos a aparência¹⁵⁹.

Quando ele olhou para a revista *Flex* que havia deixado sobre a cama de solteiro ao lado da janela, a realidade se torceu sobre ele, arrastando-o para

¹⁵⁸ Twinkie: Marca americana popular de bolo recheado vendido em pacote.

¹⁵⁹ Em inglês "the cancer of declining fortune claiming everything but the shell" – a ideia é que o edifício esta totalmente acabado, perdeu todo o glamour ha muito tempo).



trás, para o passado, mesmo estando suas botas de combate firmemente plantadas “no aqui e agora”.

Com certeza, quando ele esticou o braço e abriu a geladeira quente... latas de *Vanilla Ensure*¹⁶⁰.

Sim, porque mesmo com fome, os sem tetos não tomariam esta merda.

Xhex andou por ali e então parou na janela pela qual ele ficou olhando por tantas noites.

— Você queria ser diferente do que era.

Ele assentiu.

— Quantos anos você tinha quando foi encontrado?

Enquanto ele mostrou seus dois dedos duas vezes, seus olhos se arregalaram.

— Vinte e dois? E você não tinha ideia que era um...

John balançou a cabeça e dirigiu-se para pegar a *Flex*. Folheando as páginas ele percebeu que havia se tornado o que sempre desejou ser: um grande machão filho da puta. Quem imaginaria. Ele tinha sido um pré-trans magrelo a mercê de muita coisa.

Atirando a revista de volta, ele cortou aquele pensamento padrão rígida e rapidamente. Ele estava disposto a mostrar a ela quase tudo. Mas não aquilo. Nunca... aquela parte.

Eles não iriam para o primeiro edifício que ele morou sozinho e ela não descobriria o porque ele havia se mudado para aquele lugar.

— Quem te trouxe para o nosso mundo?

Tohrment, ele disse com os lábios.

— Quantos anos você tinha quando deixou o orfanato?

Ele sinalizou um e seis.

— Dezesseis? E você veio para cá? Diretamente do orfanato Nossa Senhora?

¹⁶⁰ Proteína de baunilha.



John assentiu e foi para um armário acima da pia. Abrindo a porta, ele viu a única coisa que ele esperava encontrar. Seu nome. E uma data.

Ele se afastou para que Xhex pudesse ver o que ele havia escrito. Lembrou-se de fazê-lo, tão rapidamente, tão apressadamente. Tohr estava esperando no meio fio e ele correu para pegar a sua bicicleta. Ele escreveu as marcas como um testamento... ele não sabia de quê.

— Você não tinha ninguém. — Ela murmurou olhando para dentro. — Eu era assim. Minha mãe morreu no parto e fui criada por uma família perfeitamente legal... que eu sabia não ter nada em comum. Eu os deixei cedo e nunca mais voltei, porque eu não pertencia ao lugar que estava... e algo em mim gritava que seria melhor para eles se eu fosse embora. Eu não tinha ideia que era a parte *symphath* e que não havia nada no mundo para mim... mas eu tinha que ir. Por sorte, eu conheci o Rehvenge e ele me mostrou o que eu era.

Ela olhou por cima de seus ombros.

— Os pequenos acasos da vida... cara, eles são mortais, não são. Se Tohr não tivesse te encontrado...

Ele teria passado pela sua transição e morrido bem no meio dela, porque ele não teria tido sangue suficiente para sobreviver.

Por alguma razão ele não queria pensar sobre isso. Ou ao fato de que ele e Xhex tiveram um solitário caminho de estarem perdidos em comum.

Vamos, ele articulou. *Vamos para a próxima parada.*

Entre os campos de milho, Lash dirigiu ao longo da trilha de terra em direção a fazenda. Ele protegeu o lugar com uma cobertura psíquica para que o Omega e seus novos brinquedos não conseguissem um rastro dele e também estava usando boné, uma capa de chuva com a gola levantada e um par de luvas.

Ele se sentia como o homem invisível.



Que se foda, ele queria ser invisível. Ele odiava olhar para si mesmo, e depois de um bom par de horas de espera para ver o que iria cair em sua descida para os mortos-vivos, ele não tinha certeza se estava aliviado de que a mudança parecia ter se estabilizado.

Ele estava apenas meio-derretido neste ponto: seus músculos ainda estavam pendurados em seus ossos.

Cerca de um quarto de milha de distância de seu destino, ele estacionou o Mercedes em uma plataforma de pinheiros e saiu. Estando todos os seus poderes sendo utilizados para se manter camuflado, não havia nada mais para se desmaterializar.

Então era uma longa caminhada até aquela maldita merda e ele se ressentiu infernalmente por ter que se esforçar tanto apenas para mexer o corpo.

Mas quando ele chegou até a casa de madeira, foi atingido por uma onda de energia. Havia três carros de merda no estacionamento – todos os quais ele reconheceu. Os transportes Willy Lomam eram de propriedade da *Sociedade Lessening*.

E quer saber? O lugar estava lotado. Havia bem uns vinte caras dentro e mais um montão de festa acontecendo: através da janela, ele podia ver os barris e as garrafas de licor, e por toda parte os filhos da puta acendiam cachimbo e cheiravam só Deus sabe o quê.

Onde estava o bastardo?

Ah... timing perfeito. Um quarto carro chegou e não era como os outros três. A pintura do puta carro de corrida de rua era provavelmente tão cara quanto a envenenada máquina de costurar sob o capô, o material rodante e o brilho de néon fazia parecer que ele estava vindo para um pouso.

O garoto saiu de trás do volante e também estava bem descolado: ele comprou um jeans novinho e uma jaqueta foda de couro da Affliction, e ele estava acendendo seu cigarro com algo feito em ouro.

Bem, este seria o seu teste.

Se o garoto entrasse e só festejasse, Lash estaria errado sobre a esperteza do filho da puta... e o Omega conseguiu para si nada mais do que mais um brinquedo. Mas se Lash estivesse certo, e o FDP quisesse mais do que isso, a festa se tornaria interessante.



Lash puxou a gola mais perto da carne crua que era agora o seu pescoço e tentou ignorar seu ciúme. Ele esteve no doce lugar que o garoto estava. Deleitando-se no “Eu sou tão especial” e assumido que aquele brilho duraria para sempre. Mas que seja. Se o Omega estava disposto a descartar alguém de sua própria carne e sangue, este ex- humano pedaço de merda não duraria muito.

Quando um dos luxuriosos lá de dentro olhava na direção de Lash, ele pensou que poderia estar se arriscando, mas não se importava. Ele não tinha nada a perder, e não estava realmente ansioso em passar o resto de sua vida como nada mais que um bife de carne seca animado.

Feio, fraco e vazando não era sexy.

O vento frio fez seus dentes tremerem, ele pensou em Xhex e se armou de memórias. Em algum nível ele não podia acreditar que o tempo que passou com ela tinha sido a poucos dias atrás. Parecia mais como anos desde que ele a teve sob seu corpo. Pelo amor de Deus, encontrando aquela primeira lesão no seu pulso tinha sido o começo do fim... ele só não sabia disto naquela época.

Só um arranhão.

Sim, claro.

Levantando a mão para empurrar o cabelo, ele bateu na aba do boné de beisebol e lembrou que não tinha mais nada com que ficar nervoso. Tudo o que ele tinha era uma cúpula de osso.

Se ele tivesse mais energia, ele teria começado um discurso retórico sobre a injustiça e a crueldade de seu decadente destino. A vida não deveria ter sido assim. Ele não deveria ser excluído. Ele sempre foi o foco de atenção, o condutor, o especial.

Por alguma razão estúpida ele pensou no John Matthew. Quando o filho da puta entrou no programa de treinamento para soldados, ele era um pré-trans particularmente miúdo com nada além de um nome na Irmandade e uma cicatriz de estrela em seu peito. Ele foi o alvo perfeito para se desprezar e Lash tinha pegado pesado com o garoto.

Cara, na época ele não tinha a menor ideia de como era ser o estranho que fica de fora. Como isso fazia com que você se sentisse um lixo inútil. Como você



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



olhava para as outras pessoas que desprezava e daria qualquer coisa para estar com eles.

Uma boa coisa que ele não soubesse como era. Ou ele teria pensado duas vezes antes de foder com o filho da puta.

E agora e aqui, encostado na desgrehada e fria casca de uma árvore de carvalho e olhando através da janela da casa da fazenda, enquanto algum outro garoto de ouro vive a sua vida, ele vê seus planos mudarem.

Se isso fosse a ultima coisa que ele faria, ele iria colocar aquela merda a baixo.

Isso era ainda mais importante que a Xhex.

O cara que tinha se atrevido a marcar o Lash para a morte, não era o condutor. Era necessário enviar uma mensagem para seu pai. Afinal de contas, ele era a maçã podre que não caiu longe da árvore, e a vingança era uma cadela.



Capítulo TRINTA E NOVE

— Essa é a casa antiga de Bella, — Xhex disse depois de tomar forma ao lado de John Matthew.

Quando ele assentiu, ela olhou ao redor pelo gramado. A casa da fazenda de Bella era branca com cercas em volta e uma chaminé vermelha que era uma pintura perfeita à luz da lua, e parecia uma pena que o lugar tivesse sido deixado com nada exceto as luzes de segurança do lado de dentro.

O fato de que no anexo tinha um Ford F-150 estacionado no cascalho de carros e as janelas estarem brilhando fazia com que a sensação de abandono fosse ainda mais real.

— Bella foi quem achou você primeiro?

John fez um movimento ambíguo com a mão apontou para outra pequena casa na travessa. Quando ele começou a gesticular e então parou, sua frustração com a barreira de comunicação era óbvia.

— Alguém naquela casa... você os conhecia e eles colocaram você em contato com a Bella?

Ele assentiu enquanto ele alcançou e tirou de sua jaqueta o que parecia ser um bracelete masculino. Segurando-o na frente dele, ela viu que símbolos na Antiga Língua haviam sido gravados no couro.

— Tehrror — Quando ele tocou o próprio peito, ela disse, — Seu nome? Mas como você sabia?

Ele tocou a própria cabeça, então encolheu os ombros.

— Isso veio pra você — Ela se concentrou na casa menor. Havia uma piscina nos fundos e ela sentiu que as memórias dele de lá eram nítidas, por que cada vez ele passava os olhos sobre o terreno, seu lado emocional aflorava, como um quadro de força em curto circuito.

Ele tinha vindo aqui primeiramente para proteger alguém. Bella não tinha sido a razão.



Mary, ela pensou, a *shellan* de Rhage, Mary. Mas como eles se conheceram?

— Bella entrou em contato com a Irmandade e Tohrment veio até você.

Estranho... essa era uma parede em branco. Ele a tinha deixado de fora dessa parte.

Quando ele assentiu novamente, lhe devolveu o bracelete, e enquanto ele dedilhava os símbolos, ela ficou maravilhada com a relatividade do tempo. Desde que eles haviam deixado a mansão, apenas uma hora havia passado, mas ela sentiu como se eles tivessem passado um ano juntos.

Deus, ele lhe tinha dado mais do que ela sequer esperava... e agora ela sabia precisamente porque ele havia sido tão prestativo quando ela saiu de si na SO.

Ele suportou um inferno, não tendo vivido muito sua infância, mas sim tendo sido arrastado por ela.

A questão era: como ele havia sido perdido no mundo humano em primeiro lugar? Onde estavam seus pais? O rei havia sido seu *whard* quando ele era um pré-trans – era o que os seus documentos diziam quando ela o encontrou a primeira vez no ZeroSum. Ela havia assumido que a mãe dele havia morrido, e a visita à estação de ônibus não provou o contrário... mas haviam buracos na história. Alguns dos quais ela achava que eram deliberados, outros como se ele não fosse capaz de preencher.

Com um olhar carregado, sentiu como se o pai dele ainda estivesse muito com ele, e ainda assim parecia como se ele não tivesse sequer conhecido o cara.

— Você está me levando ao último lugar? — ela murmurou.

Ele pareceu dar uma última olhada no lugar e então desapareceu e ela o seguiu, graças a todo o sangue dele que estava no sistema dela.

Quando eles retomaram forma em frente a uma estonteante casa branca, a tristeza o dominou de tal forma que sua super estrutura emocional começou a desabar sobre ele. Com força de vontade, ou o quer que seja, ele parou a desintegração em tempo, antes que não pudesse ser corrigido.

Uma vez que o seu sistema colapsa, você está ferrado. Perdido em seus demônios interiores.



O que a fez pensar em Murhder. No dia em que ele conheceu a verdade sobre ela, podia se lembrar exatamente como a construção emocional dele tinha parecido para ela: As vigas de aço que eram a base da saúde mental não eram nada além de uma confusão de destroços.

Ela havia sido a única que não ficou surpresa quando ele enlouqueceu e desapareceu.

Com um assentimento dela, John caminhou até a formal porta da frente, pôs a chave e abriu o caminho. Quando uma corrente de ar saiu de encontro a eles, ela pode cheirar a poeira e a umidade, indicando que essa era outra estrutura que estava vazia. Mas não havia nada de podre dentro, ao contrário do antigo apartamento de John.

Quando ele ascendeu à luz no vestíbulo, ela quase engasgou. Na parede, do lado esquerdo da porta, estava um arabesco proclamando na Antiga Língua que proclamava que essa era a casa do Irmão Tohrment e de sua companheira *shellan*, Wellesandra.

O que explicava por que tinha doído tanto em John estar lá. O *hellren* de Wellesandra não havia sido o único que tinha salvado o pré-trans.

A fêmea tinha sido importante para John. E muito.

John desceu pelo corredor e ascendeu mais luzes conforme entrava, suas emoções eram uma combinação de carrinho agridoce e dor. Quando eles foram para uma cozinha espetacular, Xhex foi para uma mesa no recanto da parede.

Ele havia sentado lá, ela pensou, colocando as mãos dela nas costas da cadeira... em sua primeira noite nessa casa, ele havia sentado aqui.

— Comida mexicana. — ela murmurou. — Você estava com tanto medo de ofendê-los. Mas eles... Wellesandra...

Como um cão de caça seguindo uma trilha fresca, Xhex, seguiu o que ela sentiu das memórias dele. — Wellesandra serviu arroz de gengibre a você. E... pudim. Você se sentiu completo pela primeira vez e seu estomago não doeu e você... estava tão grato que não sabia como lidar com isso.

Quando ela olhou até John, o rosto dele estava pálido e os olhos brilhando e ela soube que ele estava de volta em seu pequeno corpo, sentando à mesa, todo encolhido... sendo oprimido pelo primeiro ato de bondade que alguém havia demonstrado à ele em um longo tempo.



Um passo do lado de fora no corredor trouxe sua cabeça de volta e ela percebeu que Qhuinn ainda estava com eles, o cara se demorou lá, o mau humor dele era uma sobra tangível ao redor dele.

Bem, ele não teria que ficar junto a eles por muito mais tempo. Esse era o final da estrada, o capítulo final na história do John que praticamente a levou num encontro. E infelizmente, isso significava que tudo estava certo e adequado, eles deveriam voltar para a mansão... onde sem dúvida John a faria comer mais e tentaria alimentá-la novamente.

Ela não queria retornar para lá, ela pensou, ainda não. Na mente dela, ela tinha decidido tirar uma noite de folga, assim essas eram as últimas horas antes dela seguir a trilha da vingança... e perder essa suave conexão entre ela e John, esse profundo entendimento que agora eles tinham um do outro.

Porque ela não iria enganar a si mesma: A triste realidade era que o poderoso laço que os unia era, no entanto, tão frágil, que ela não tinha dúvida de que isso iria se romper uma vez que voltassem a se focar no presente ao invés do passado.

— Qhinn, você pode nos dar licença, por favor —

Os olhos díspares do cara encontraram John, e uma série de movimentos de mãos foram trocadas entre eles.

— Foda-se —, Qhinn cuspiu antes de se virar em suas botas e marchar para fora pela porta.

Depois que a batida dos passos parou de ecoar pela casa, ela olhou para John.

—Onde você dormia?

Quando ele indicou um corredor com a mão, ela foi com ele passando por muitos quartos que tinham luminárias modernas e arte antiga. A combinação fazia com que o lugar parecesse com um museu de arte no qual você pudesse viver e ela o explorou um pouco, colocando a cabeça por portas abertas das salas e quartos.

Para chegar ao quarto de John eles percorreram todo o caminho até o outro lado da casa, e enquanto ela caminhava por ele, só podia imaginar o choque cultural: da imundice para o esplendor, tudo numa mudança de endereço: ao invés daquela porcaria de apartamento, esse era um céu azul marinho com



móveis elegantes, um banheiro de mármore, e um tapete que era tão cheio e grosso como um pincel.

Além disso, tinha uma porta de vidro corrediça que conduzia a um terraço particular.

John entrou e abriu o guarda-roupa, e ela olhou sobre o forte e pesado braço dele até as pequenas roupas penduradas nos cabides de madeira.

Enquanto ele olhava para as camisetas e calças, os ombros dele estavam tensos e uma de suas mãos estava fechada em punho. Ele sentia muito sobre algo que havia feito ou pelo jeito que ele tinha agido, e isso não tinha nada relacionado à ela.

Tohr. Era sobre Tohr

Ele estava se lamentando pelo jeito como as coisas estavam entre eles ultimamente.

— Fale com ele. — ela disse suavemente. — Diga a ele o que está acontecendo. Você dois vão se sentir melhor.

John assentiu e ela pode sentir a determinação dele nitidamente.

Deus, ela não estava certa sobre como isso tinha acontecido - bem os mecanismos eram malditamente simples, mas o que era surpreendente era o fato de que mais uma vez, ela se encontrou indo e abraçando ele, os braços dela envolvendo a cintura dele por trás. Deitando a bochecha entre os ombros dele, ficou grata quando sentiu as mãos dele cobrindo as dela.

Ele se comunicava em tantas maneiras diferentes, não? E às vezes um toque era melhor do que palavras para dizer o que você queria.

No silêncio, ela o levou de volta para a cama e os dois se sentaram.

Enquanto ela o olhava, ele articulou, *O Que?*

— Você tem certeza de que me quer lá? — quando ele assentiu, ela olhou diretamente em seus olhos. — Eu sei que você deixou algo de fora. Eu posso sentir. Há um buraco entre o orfanato e o prédio.

Nenhum músculo facial se moveu ou mesmo se contorceu nele, e ele nem piscou, também. Mas os dizeres de um macho que era bom em esconder suas reações eram irrelevantes. Ela sabia o que sabia sobre ele.



— Está tudo bem, eu não vou perguntar. E eu não vou pressionar.

O leve ruborizar no rosto dele era algo que ela recordaria depois que partisse... e pensar em deixá-lo foi o que a levou a colocar a ponta de seus dedos nos lábios dele.

Ele se afastou surpreso, ela se concentrou na boca dele.

— Eu quero te dar algo meu —, ela disse em uma baixa e profunda voz. — E não se trata de ajustar o placar, no entanto. É apenas porque eu quero.

Depois de tudo, seria maravilhoso se ela pudesse levá-lo aos lugares importantes de sua vida e guiá-lo através dela, mas ele saber mais a respeito de seu passado, faria sua missão de suicídio mais difícil para ele: independente do que quer que sinta por John, ela estava indo atrás de seu captor e não era boba de se enganar com esperanças de sobreviver a isso.

Lash tinha truques.

Truques perversos com os quais ele fazia coisas ruins.

Memórias do bastardo voltaram a ela, memórias horríveis que fizeram suas coxas tremerem, memórias feias que serviram para empurrá-la para algo que ela não estava preparada. Mas ela não iria para sua sepultura antes que Lash fosse para a dele.

Não quando ela tinha o macho que amava em sua frente.

— Eu quero estar com você. — ela disse roucamente.

Os olhos azuis chocados de John percorreram o rosto dela em busca de sinais de que ele a houvesse entendido errado. E então uma quente e dura luxúria o atravessou quebrando as emoções dele, deixando-as para trás, exceto por nada além de um desejo enorme de um macho de sangue puro por emparelhar.

Para o crédito dele, ele fez o seu melhor para derrotar o instinto e manter alguma aparência de racionalidade. Mas tudo que isso significava era que seria ela quem terminaria a batalha entre razão e sensibilidade — colocando seus lábios contra os dele.

Oh... Deus, os lábios dele eram tão macios.



Na contração fulminante que ela sentiu em seu sangue, ele se manteve controlado. Mesmo quando ela enfiou sua língua na boca dele. E esse retraimento tornou as coisas mais fáceis para ela, enquanto sua mente ia e vinha entre o que ela estava fazendo agora...

E o que havia sido feito com ela dias atrás.

Para se concentrar, ela procurou pelo peito dele e correu as mãos pelos músculos sobre o coração. Conduzindo-o de costas para o colchão, ela respirou seu cheiro e a ligação que ele sentia por ela. A forte especiaria que era unicamente dele, e tão distante quanto você poderia chegar do cheiro enjoativo de um *lesser*.

Foi o que a ajudou a separar essa experiência de outras mais recentes que ela tinha.

O beijou começou como uma exploração, mas não continuou desse jeito. John chegou mais perto, rolando seu corpo forte pelo dela, sua grande perna circundando-a até que ela estivesse em baixo. Ao mesmo tempo, os braços dele a envolveram, trazendo-a para ele.

Ele estava se movendo tão devagar quanto ela.

E ela estava bem até que a mão dele escorregou para o seu peito.

O contato a assustou, tirando-a desse quarto e dessa cama, levando-a para longe de John e do momento com ele e jogando-a de volta para o inferno.

Lutando contra a fuga de sua mente, ela tentou se manter presa ao presente, ao John. Mas quando o polegar dele acariciou seu mamilo, teve que forçar seu corpo a se manter quieto.

Lash havia gostado de dominá-la e prolongar o inevitável arranhando e machucando-a, porque tanto quanto ele adorava seus próprios orgasmos, ele adorava ainda mais as preliminares de foder com a cabeça dela.

Jogada psicótico-inteligente da parte dele. Ela preferia, infinitamente, acabar logo com...

John empurrou sua ereção contra o quadril dela.

Crac.



Seu autocontrole se esticou sobre ela, alcançado seu limite e quebrando-se ao meio: Com um impulso, o corpo dela fugiu do contato por vontade própria, acabando com a comunicação com o corpo dele, explodindo com o momento.

Quando saltou da cama, Xhex pode sentir o horror de John, mas ela estava muito ocupada cambaleando por seu medo para ser capaz de explicar. Andando, desesperadamente tentando se prender a realidade, ela respirou fundo, não de paixão, mas de pânico.

Bem, se não era essa uma cadela.

Filho da puta do Lash... iria matá-lo por isso. Não pelo que ela estava passando, mas pela posição em que ela havia colocado John.

— Eu sinto muito. — ela gemeu. — Eu não deveria ter começado isso. Eu realmente sinto muito.

Quando se sentiu capaz, ela parou na frente da penteadeira e olhou para o espelho pendurado na parede. John tinha levantado enquanto ela ia e vinha, e parou na frente da porta de vidro, os braços cruzados sobre o peito, a mandíbula apertada enquanto ele olhava para a noite lá fora.

— John... não é você. Eu juro.

Quando ele balançou a cabeça, ele não olhou para ela.

Esfregando o próprio rosto, o silêncio entre eles aumentavam a vontade dela de fugir. Ela apenas não podia lidar com nada disso, com o que ela estava sentindo e com o que havia feito com John e toda aquela merda com Lash.

Ela foi até a porta e seus músculos se tencionaram pela saída. O que era comum em seu livro de regras. Por toda a vida, ela sempre confiou em sua habilidade de desaparecer, sem deixar para trás nenhuma explicação, nenhum vestígio, nada além de ar.

Isso lhe cabia bem como assassina.

— John...

A cabeça dele se moveu e seu olhar queimava com tristeza quando ela o encontrou no reflexo do vidro.

Enquanto ele esperou que ela dissesse alguma coisa, ela supostamente deveria ter lhe dito que era melhor que ela se fosse. Ela deveria dar outra



desculpa idiota e se desmaterializar para fora do quarto... para fora da vida dele.

Mas tudo o que ela pode dizer foi o nome dele.

Ele virou o rosto para ela e articulou, *Eu sinto muito. Vá, Está tudo bem. Vá.*

Ela não podia se mover, no entanto. E a boca dela se abriu. Quando ela percebeu o que estava em sua garganta, ela não podia acreditar que iria colocar isso em palavras. A revelação contra tudo que ela sabia sobre si mesma.

Pelo amor de Deus, ela realmente ia fazer isso?

— John... Eu... Eu fui...

Mudando o foco de seus olhos, ela mediu o próprio reflexo. Suas bochechas ocas e a palidez eram resultado de muito mais do que apenas falta de sono e alimentação.

Com um súbito lampejo de raiva, ela deixou escapar, — Lash não era impotente, tá certo? Ele não era... impotente...

A temperatura no quarto caiu tanto e tão rápido que a sua respiração provocou nuvens de vapor.

E o que ela viu no espelho a fez cambalear e dar um passo para trás, se afastando de John: Os olhos azuis dele brilhavam com uma luz profana e seu lábio superior estava contraído mostrando as presas que estavam tão nítidas que mais pareciam punhais.

Todos os objetos no quarto começaram a vibrar: os abajures nas mesas de cabeceira, as roupas nos cabides, o espelho na parede. O barulho coletivo que aumentava até um rugido maçante a fez se segurar na cômoda ou correr o risco de bater de bunda.

O ar estava vivo. Sobrecarregado. Elétrico.

Perigoso.

E John era o centro dessa energia furiosa, as mãos dele fechadas em punho, tão apertadas que chegavam a tremer, as coxas dele agarradas em seus ossos quando ele entrou em postura de combate.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



A boca de John se abriu ao máximo quando ele jogou a cabeça para frente... e deixou sair um grito de guerra...

O som explodiu tudo ao redor dela, tão alto que ela teve que cobrir os ouvidos, tão poderoso que ela sentiu uma explosão contra o seu rosto.

Por um momento, ela pensou que ele havia encontrado sua voz — exceto que isso não eram as cordas vocais fazendo aquele barulho.

Os vidros das portas explodiram atrás dele, quebrando-se em milhares de pedaços pela casa, os pedaços quicando na ardósia e recebendo a luz como gotas de chuva...

Ou como lágrimas.



Capítulo QUARENTA

Blay não fazia ideia do que Saxton tinha acabado de lhe entregar.

Bem, sim, era um charuto, e sim, era caro, mas o nome não se prendeu em sua mente.

— Acho que você vai gostar dele, — disse o macho, voltando a reclinar-se em sua poltrona de couro e acendendo seu próprio charuto. — Eles são suaves. Espessos, mas suaves.

Blay acendeu a chama de seu isqueiro Montblanc e inclinou-se para tragar. Enquanto retinha a fumaça, ele podia sentir a atenção de Saxton focada nele.

Novamente.

Não estava acostumado a ser o centro das atenções, assim, deixou que seus olhos vagassem pelo local: teto abobadado verde escuro, brilhantes paredes pretas, cadeiras de couro vermelho escuro¹⁶¹ e nichos com mesas e cadeiras¹⁶². Muitos seres masculinos humanos com cinzeiros junto aos seus cotovelos.

Resumindo: não havia distrações que pudessem ser comparadas aos olhos de Saxton ou à voz ou à colônia ou...

— Então me diga, — o macho disse, exalando uma nuvem perfeita azul, que, momentaneamente, eclipsou sua feição, — Você colocou o seu risca de giz¹⁶³ antes ou depois que eu liguei?

— Antes.

— Eu sabia que você tinha estilo.

— Sabia?

— Sim. — Saxton olhou fixamente através da pequena mesa de mogno que os separava. — Ou eu não o teria chamado para jantar.

A refeição que compartilharam no Sal's foi... adorável, realmente. Eles haviam comido na cozinha, em uma mesa privada e iAm lhes preparou um

¹⁶¹ No original: oxblood-color.

¹⁶² No original: booths.

¹⁶³ No original: pinstripe – terno risca de giz.



menu especial de antepasto e massa, acompanhado por café com leite¹⁶⁴ e tiramisu de sobremesa. O vinho havia sido branco para o primeiro prato e tinto para o segundo.

Os temas da conversa foram neutros, mas interessantes – e no final das contas, não era significativo. O que realmente importava, se eles ficariam juntos ou não, era a forma que cada palavra, olhar e gestos do corpo eram dirigidos.

Então... era isso um encontro, Blay pensou. Uma negociação implícita, disfarçada numa conversa sobre livros lidos e músicas preferidas.

Não era de admirar que Qhuinn fosse direto para o sexo. O cara não tinha paciência para esse tipo de sutileza. Além disso, ele não gostava de ler, e a música que pulsava em seus ouvidos era metalcore que só os loucos ou surdos poderiam suportar.

O garçom, vestido de negro, aproximou-se.

— Posso trazer algo para beberem?

Saxton rodou seu charuto entre os dedos indicador e polegar.

— Dois Portos¹⁶⁵. Croft Vindima 1945, por favor.

— Excelente escolha.

Os olhos de Saxton se voltaram para Blay.

— Eu sei.

Blay olhou para janela defronte de onde eles estavam sentados e se perguntou se alguma vez na vida pararia de ficar ruborizado perante o sujeito.

— Está chovendo.

— Sim, está.

Deus que voz. As palavras de Saxton eram tão suaves e deliciosas quanto o charuto.

Blay mexeu as pernas, cruzando-as no joelho.

¹⁶⁴ Nota da Revisora: acredito que a autora escreveu em espanhol, como uma forma de dar um toque exótico ao bom e velho café com leite.

¹⁶⁵ Tipo de vinho português.



Enquanto vasculhava seu cérebro a procura de algo que quebrasse o silêncio, parecia que o comentário de merda sobre o tempo, que não precisava de nenhum Sherlock, era o mais perto de uma inspiração que ele iria chegar. O fato era que, o final do encontro estava próximo, e até então, só sabia que ele e Saxton lamentavam a perda de Dominick Dunne¹⁶⁶ e que eram fãs de Miles Davis¹⁶⁷. Ele não sabia o que iria fazer quando chegasse a hora das despedidas.

Seria o caso de: *Ligue e faremos isso novamente?* Ou o infinitamente mais complicado, confuso e agradável: *Sim, de fato, eu o visitarei para apreciar suas gravuras.*

O que a sua consciência o compeliu acrescentar: *Mesmo que eu nunca tenha feito isso com um cara antes, qualquer um, exceto Quinn, será apenas um pobre substituto para o caso real.*

— Quando foi a última vez que estive em um encontro, Blaylock?

— Eu... — Blay deu uma tragada no cigarro. — Faz um longo tempo.

— O que você estive fazendo para você mesmo? Só trabalho, sem diversão?

— Algo parecido com isso.

Ok, amor não correspondido não se enquadrava exatamente em nenhuma dessas categorias, embora que sem diversão estava certamente coberto.

Saxton sorriu um pouco.

— Fiquei feliz por você ter me ligado. E um pouco surpreso.

— Por quê?

— Meu primo tem certa... reação territorial em relação a você.

Blay girou o seu charuto e olhou para a ponta incandescente.

— Eu acho que você supervaloriza o interesse dele.

— E eu acho que você está me dizendo educadamente para que eu me meta com os meus assuntos, não está?

¹⁶⁶ Jornalista investigativo estadunidense que faleceu em 26 de agosto de 2009.

¹⁶⁷ Trompetista e compositor estadunidense de jazz.



— Aí não há nenhum negócio. — Blay sorriu para o garçom que colocou dois cálices na mesa redonda e se afastou. — Confie em mim.

— Sabe, Qhuinn tem uma personalidade interessante. — Saxton estendeu a mão com elegância e pegou seu Porto. — Ele é um dos meus primos favoritos, na verdade. Seu inconformismo é admirável, e ele sobreviveu a coisas que iriam esmagar um macho fraco. De qualquer forma, não sei se estar apaixonado por ele seria fácil.

Blay não mordeu a isca.

— Então, você vem sempre aqui?

Saxton riu, seus olhos pálidos brilhando.

— Nada de discussão, hein? — Ele olhou em volta, franzindo o cenho. — Na verdade, eu não tenho saído muito ultimamente. Muito trabalho também.

— Você disse que é um advogado da Antiga Lei. Deve ser interessante.

— Eu me especializei em fundos de investimento e espólio de modo que o fato do negócio está crescendo é algo a lamentar. O Fade tornou-se demasiadamente cheio de inocentes desde o verão passado...

No espaço ao lado, um monte de valentões com relógios de ouro e ternos de seda, riram como bêbados arrogantes que eram - ao ponto do mais alto deles, encostar-se em seu assento e bater em Saxton.

O que não foi certo, vindo a demonstrar que Saxton era um cavalheiro, mas não um maricas¹⁶⁸.

— Peço desculpa, mas você se importaria de se afastar um pouco?

O desalinhado humano deu a volta, sua barriga protuberante de gordura, no melhor estilo *Meaning Life*¹⁶⁹, parecia que iria explodir por todo o lugar.

— Sim. Eu me importo. — Seus pálidos olhos se estreitaram. — Seu tipo não pertence a este local, de qualquer maneira.

E ele não estava falando sobre o fato deles serem vampiros.

¹⁶⁸ No original: pussy.

¹⁶⁹ Faz alusão à personagem Mr. Creosote, do filme *Meaning Life* (O Sentido da Vida) de Monty Python, um obeso que literalmente comeu até explodir.



Quando Blay tomou seu Porto, o caro líquido teve gosto de vinagre... Embora o sabor amargo em sua boca não era porque o material estivesse ruim.

Um momento depois, o sujeito bateu tão forte atrás, que Saxton quase derramou sua bebida.

— Maldito inferno!

O macho murmurou, pegando o seu guardanapo.

O fodido idiota humano inclinou-se novamente, e você se perguntaria se aquele cinto não se partiria, acertando o olho de alguém.

— Estamos interrompendo os dois lindos rapazes chuparem aquelas coisas duras?

Saxton sorriu firmemente.

— Definitivamente está interrompendo.

— Me descullllllpe. — O humano fez um show de elevação abrupta do dedo mínimo acima de seu charuto. — Não quis ofendê-lo.

— Vamos. — Blay disse enquanto se inclinava e apagava o seu charuto.

— Eu posso conseguir outra mesa para a gente.

— Vão embora juntos, rapazes? — disse o Sr. Bocão¹⁷⁰ arrastando a voz. — Vocês vão a uma festa onde há todos os tipos de charutos? Talvez nós os sigamos, apenas para ter certeza que chegarão bem lá.

Blay manteve os olhos centrados em Saxton.

— Está ficando tarde de qualquer maneira.

— O que significa que só está no meio do nosso dia.

Blay levantou-se e colocou a mão no bolso, mas Saxton gesticulou com a mão e o impediu de sacar a carteira.

— Não, permita-me.

Outra rodada de comentários partindo do Super Bowl-e-stripper¹⁷¹ carregou ainda mais o ar e deixou Blay rangendo os dentes. Felizmente, não demorou

¹⁷⁰ No original: Mr. Mouth – espécie de brinquedo infantil, que tem um boneco com uma boca enorme.



muito para Saxton pagar o garçom e, em seguida, eles se encaminharam para a porta.

Fora, o ar frio da noite era um bálsamo aos sentidos e Blay respirou profundamente.

— Esse lugar não é sempre assim, — Saxton murmurou. — Caso contrário, eu nunca o teria levado lá.

— Está tudo bem.

Quando Blay começou a caminhar, sentiu Saxton colocar-se ao seu lado.

Quando chegaram à entrada de um beco, eles pararam para deixar um carro virar à esquerda na Rua Commerce.

— Então, como está se sentindo sobre tudo isso?

Blay enfrentou o outro macho e decidiu que a vida era muito curta para fingir que não sabia precisamente o que isso era.

— Para ser honesto, eu me sinto estranho.

— E não devido àqueles encantadores lá de trás.

— Eu menti. Eu nunca estive em um encontro antes. — Isto o fez levantar uma sobrancelha e ele teve que rir. — Sim, eu sei blefar.

O ar suave de Saxton desapareceu e por trás de seus olhos, o calor verdadeiro brilhava.

— Bem, estou feliz em ser o seu primeiro.

Blay encontrou o olhar do cara.

— Como você sabia que eu era gay?

— Não sabia. Só tinha esperança.

Blay riu de novo.

— Bem, lá vai você. — Após uma pausa, ele estendeu a sua mão. — Obrigado por esta noite.

¹⁷¹ Nota da Revisora: chamar o indivíduo de Super Bowl é chamá-lo de obeso, uma vez que há uma alusão à grande bola, símbolo do jogo final da Liga de Futebol Americano. Já a expressão "stripper" se refere à possibilidade de, a qualquer momento, a roupa rasgar, por estar apertada devido a sua gordura.



Quando Saxton tocou sua mão, um frisson de puro calor os queimou.

— Você percebe que os encontros não costumam terminar dessa forma. Assumindo que ambas as partes estão interessadas.

Blay descobriu que era incapaz de soltar a mão do macho.

— Ah... verdade?

Saxton assentiu.

— Um beijo é mais habitual.

Blay focou nos lábios do macho e de repente se perguntou que gosto teria.

— Venha aqui, — Saxton murmurou, rompendo a conexão, atraindo-o ao abrigo do beco.

Blay seguiu-o na escuridão, guiado por uma magia erótica que não tinha interesse em romper. Quando estavam a sotavento¹⁷² dos edifícios, sentiu o tórax do macho subir contra o seu e, em seguida, seus quadris fundiram-se.

Então, ele sabia exatamente o quanto Saxton estava excitado.

E Saxton sabia que ele também estava.

— Me diga uma coisa, — Saxton sussurrou. — Você já beijou um macho antes?

Blay não queria pensar em Qhuinn agora e sacudiu a cabeça, para limpar a imagem. Quando isso não funcionou, e persistiram os olhos azul e verde do cara, ele fez a única coisa garantida para fazê-lo parar de pensar em seu *pyrocant*¹⁷³. Venceu a distância entre a boca de Saxton e a sua.

Qhuinn sabia que deveria ter ido direto para casa. Depois que foi sumariamente dispensado da casa de Tohr, sem dúvida para que John e Xhex

¹⁷² Segundo o dicionário Houaiss, é um termo de marinha que significa direção para onde sopra o vento; lado ou bordo contrário àquele de onde sopra o vento ou num regionalismo, algarve, leste.

¹⁷³ O ponto fraco do indivíduo.



desfrutassem um pouco de conversa na horizontal, ele deveria ter voltado para a mansão e se consolar com o amigável Herradura¹⁷⁴ e ocupar-se com os seus malditos negócios.

Mas nãããã. Ele se materializou na rua do único bar de charuto em Caldwell e assistiu — na chuva, como um perdedor — quando Blay e Saxton sentaram-se a uma mesa bem em frente à janela. Ele teve uma completa visão de como seu primo estava olhando para o seu melhor amigo com uma luxúria elegante, e então alguns idiotas¹⁷⁵ haviam-nos feito passar por um momento difícil, o que fez com que deixassem os seus charutos sem fumar completamente e os seus Portos inacabados.

Não querendo ser pego escondido entre as sombras, Qhuinn teve que se desmaterializar no beco ao lado do lugar... que rapidamente se transformou em um lugar errado na hora errada pra o tipo de coisa.

A voz de Saxton flutuou sobre a brisa fria.

— Você percebe que os encontros não costumam terminar dessa forma. Assumindo que ambas as partes estão interessadas.

— Ah... verdade?

— Um beijo é mais habitual.

Qhuinn sentiu seus punhos apertarem, e por uma fração de segundo, pensou realmente em sair de trás do lixão em que estava. Mas para fazer o quê? Colocar-se entre os dois e ser a luz vermelha¹⁷⁶, e o parem-com-isso-rapazes?

Bem, sim. Exatamente.

— Venha aqui, — Saxton murmurou.

Merda, o bastardo soava como um operador de tele-sexo, todo rouco e sensual. E... oh, homem, Blay estava indo com ele, seguindo o cara na escuridão.

¹⁷⁴ Marca de Tequila.

¹⁷⁵ No original: Knuckleheads.

¹⁷⁶ Alusão a luz vermelha do semáforo que indica que obrigatoriamente deve-se parar.



Havia momentos em que o incrível senso de audição do vampiro era uma verdadeira cadela¹⁷⁷. E, claro... não ajudava se você espiasse da beira do vaso de lixo em que estava para ter uma visão melhor do que ocorria.

Quando um foi ao encontro do outro, a boca de Qhuinn abriu. Mas não porque ele estava chocado e não porque ele procurava ação.

Ele simplesmente não conseguia respirar. Era como se suas costelas tivessem congelado junto com seu coração.

Não... Não, porra, *não*...

— Me diga uma coisa, — Saxton sussurrou. — Você já beijou um macho antes?

Sim, ele *fez*, Qhuinn queria gritar...

Blay sacudiu a cabeça. Na verdade, ele negou.

Qhuinn fechou os olhos com força e se obrigou a acalmar-se o suficiente para desmaterializar-se. Quando tomou forma em frente à mansão da Irmandade, tremia como um filho da puta... E chegou a considerar curvar-se e fertilizar os arbustos com o jantar que tinha comido antes de sair com Xhex e John.

Duas respirações depois, decidiu que era mais atraente seguir com o plano A e ficar bem bêbado. Com isso em mente entrou no vestibulo, Fritz o deixou entrar, e dirigiu-se à cozinha.

Inferno, talvez fossem necessárias respirações mais profundas do que apenas inalações. Deus sabia que Saxton não iria se contentar com um beijo ou dois em um beco frio e úmido e Blay estava mais que preparado para, finalmente, conseguir o que queria desde há muito tempo.

Portanto haveria tempo de sobra para ele encher a cara até que perdesse a porra da consciência.

Jesus... Cristo, Qhuinn pensava enquanto esfregava o peito e ouvia a voz de seu primo se repetindo: *Me diga uma coisa. Você já beijou um macho antes?*

¹⁷⁷ No original: ball-gnasher. Gnasher era o nome do cachorro de Dennis, o Pestinha, tira em quadrinho, que mais tarde virou desenho animado. Entende-se como se ouvisse tudo, o que queria e o que não queria.



A imagem de Blay sacudindo a cabeça era como uma cicatriz no cérebro de Qhuinn, o que o levou a sair direto do outro lado da cozinha para a despensa, onde as caixas de álcool eram mantidas.

Muito clichê. Começar a embriagar-se por não querer encarar as coisas.

Mas ele poderia fazer algo de acordo com a tradição¹⁷⁸?

Voltando pela cozinha, percebeu que havia, pelo menos, uma graça salvadora. Quando o par partisse para ação, teria que ser na casa de Saxton, porque nenhum visitante casual era permitido na casa do Rei, nunca.

Quando ele saiu para o hall de entrada, parou de repente.

Blay estava apontando no meio do vestíbulo.

— De volta tão cedo, — disse rispidamente Qhuinn. — Não me diga que meu primo é rápido.

Blay nem sequer fez uma pausa. Apenas continuou a subir as escadas.

— Seu primo é um cavaleiro.

Qhuinn saiu atrás de seu melhor amigo, seguindo de perto o cara.

— Você acha? Na minha experiência, ele apenas parece um.

Isso fez Blay começar a virar.

— Você sempre gostou dele antes. Ele era o seu favorito. Eu me lembro que você falava como se ele fosse um deus.

— Eu cresci e isso passou.

— Bem, eu gosto dele. Muito.

Qhuinn quis rosnar, mas matou o impulso abrindo o Herradura que tinha surrupiado da prateleira e tomou um gole.

— Bom para você. Eu fico *feliz* por vocês dois.

— Sério? Então porque você não está nem usando um copo?

¹⁷⁸ No original não tem interrogação, mas a frase tem o sentido de estar o Qhuinn se questionando acerca de sua vida.



Qhuinn marchou em torno de seu amigo e não parou nem quando Blay disse.

— Onde estão John e Xhex?

— Fora. No mundo. Por conta própria.

— Achei que você deveria ficar com eles?

— Eu fui momentaneamente dispensado. — Qhuinn parou no topo da escada e tocou a lágrima tatuada abaixo de seu olho. — Ela é uma assassina, pelo amor de Deus. Ela pode cuidar dele muito bem. Além disso, eles estavam se divertindo¹⁷⁹. Na antiga casa de Tohr.

Quando chegou ao seu quarto, Qhuinn chutou a porta e tirou sua roupa. Após beber um grande gole da garrafa, fechou os olhos e mandou uma convocação.

Layla seria uma boa companhia agora.

Esta era sua especialidade.

No final das contas, ela foi treinada para o sexo, e tudo o que ela queria fazer era usá-lo como uma escola erótica. Ele não precisava se preocupar em feri-la ou ela ficar ligada a ele. Ela era uma profissional, por assim dizer.

Ou seria quando ele tivesse terminado com ela.

Quanto à Blay? Ele não tinha ideia do porquê do cara ter voltado ao invés de se dirigir à cama de Saxton, mas uma coisa era clara. Os dois estavam atraídos um pelo outro e Saxton não era do tipo que espera quando ele quer alguém.

Qhuinn e seu primo eram parentes, apesar de tudo.

E isso não iria salvar o filho da puta magricelo se ele partisse o coração de Blay.

¹⁷⁹ No sentido de estar fazendo amor.





Capítulo QUARENTA E UM

A festa na fazenda continuava e mais pessoas iam chegando, os carros estacionados no gramado, os corpos comprimidos nas salas do andar de baixo. A maioria dos que compareceram, Lash tinha conhecido no Xtreme Park, mas não todos. E eles continuavam trazendo mais bebidas. Embalagens com seis. Garrafas. Barris.

Só Deus sabia que tipo de coisas ilegais haviam em seus bolsos.

Que merda, ele começou a pensar. Talvez ele estivesse errado e o Ômega estivesse farto por suas perversões...

Como uma brisa circulante vinda do norte, Lash ficou perfeitamente imóvel, mantendo sua camuflagem e travando sua mente.

Sombra... Ele projetou uma sombra nele, através dele e em torno dele.

A chegada do Omega foi precedida por um eclipse da lua e os idiotas dentro não tinham a menor ideia do que estava acontecendo... mas aquele pedaço de merda sabia. O garoto saiu pela porta da frente, a luz de dentro derramando ao redor dele.

O pai biológico de Lash tomou forma no gramado desalinhado, suas vestes brancas fazendo um torvelinho em volta de seu corpo, sua chegada diminuindo ainda mais a temperatura do ar. Assim que ele tinha tomado forma, o merdinha caminhou até ele e os dois se abraçaram.

Havia a tentação de atacar o par, dizer a seu pai que ele não era nada mais que um chupador de pau inconstante e avisar ao ratinho filho da puta que seus dias e noites estavam contados...

O rosto encapuzado do Omega virou na direção de Lash.

Lash ficou perfeitamente imóvel e projetou em sua mente uma lousa totalmente em branco, de tal maneira que ele permanecesse invisível por dentro e por fora. Sombra... sombra... sombra...

A pausa durou uma vida, porque sem dúvida se o Omega detectasse Lash ao redor, seria o fim do jogo.



Depois de um momento, o Omega voltou sua atenção para seu menino de ouro, e quando ele fez isso, algum idiota tropeçou para fora da porta da frente, os braços agitados e as pernas instáveis conforme ele tentava manter-se em pé. Uma vez na grama, o cara chegou perto de um canteiro de repolhos, mas não conseguiu antes de aterrissar em seus joelhos e vomitar por todo o alicerce da casa. Enquanto as pessoas dentro riram dele e os sons da festa rolavam noite adentro, o Omega deslizou até a porta.

A festa continuava quando ele entrou na casa, sem dúvida porque os bastardos trêbados estavam muito longe para perceber que sob aquela cortina branca, o mal havia acabado de entrar.

Eles não permaneceram na ignorância por muito tempo, no entanto.

Uma enorme bomba de luz explodiu, a rajada de iluminação varrendo a casa e fluindo para fora das janelas até a linha das árvores. Quando a iluminação esmaeceu até chegar a um brilho suave, não havia sobreviventes na vertical: Todos os luxos caíram no chão de uma vez, os bons tempos terminados.

Putá merda. Se isto estava se dirigindo na direção em que parecia estar...

Lash esgueirou-se para a casa, tomando cuidado para não deixar nenhuma pegada, literal ou figurativamente, e quando se aproximou, ouviu um estranho som de arranhões.

Vindo de uma das janelas da sala, ele olhou para dentro.

O Merdinha estava arrastando os corpos ao redor, alinhando-os lado a lado no chão de modo que suas cabeças estavam todas de frente para o norte e houvesse aproximadamente trinta centímetros entre elas. Jesus... havia tantos cadáveres que o procedimento habitual militar de enfileirar os mortos ocupou todo o caminho pelo corredor até a sala de jantar.

O Omega recuou como se estivesse apreciando a exibição da musculatura de seu brinquedo enquanto movia os corpos ao redor.

Que. Meigo.

Levou quase meia hora para alinhar todos, os caras do segundo andar, sendo arrastados para baixo pelas escadas de modo que a cabeça batia em cada degrau e deixava um rastro vermelho de sangue.

Fazia sentido. Era mais fácil puxar um peso morto pelos pés.



Quando todos estavam juntos, o Merdinha começou a trabalhar com uma faca e aquilo se tornou uma fila de reunião de iniciação. Começando na sala de jantar, cortou a garganta, os pulsos, os tornozelos e o peito, o Ômega seguindo, derramando sangue preto sobre as costelas abertas, golpeando-os com eletricidade antes de realizar cardiectomias.

Nenhum frasco para este lote. Quando os corações foram extraídos, foram lançados para um canto.

Muito massacre?

No momento em que tudo terminou, havia um lago de sangue no centro da sala onde o piso havia cedido, e outro na base da escada no hall. Lash não poderia olhar para ver todo o caminho até a sala de jantar, mas ele tinha maldita certeza de que havia um lá também.

Os gemidos dos iniciados começaram logo após, e a safra de miséria que havia sido colhida ficaria mais alta e mais confusa conforme ocorria a transição e os últimos resquícios de sua humanidade eram vomitados fora deles.

No meio do coro de agonia e confusão, o Omega girou ao redor, pisando sobre as massas se contorcendo, dançando para lá e para cá, arrastando o seu manto branco através da porcaria coagulando no chão e permanecendo imaculado.

No canto, o Merdinha acendeu um baseado e tragou como se estivesse tomando um fôlego depois de um bom trabalho bem feito.

Lash se afastou da janela e, em seguida, retirou-se em direção às árvores, ao mesmo tempo mantendo os olhos sobre a casa.

Porra, ele deveria ter feito algo assim. Mas ele não tinha os contatos no mundo humano para conseguir. Ao contrário do Merdinha.

Cara, isso ia mudar tudo para os vampiros. Aqueles desgraçados iriam realmente enfrentar uma legião de inimigos novamente.

De volta à Mercedes, Lash ligou o motor e deixou cuidadosamente a fazenda por um longo caminho, para que ele não ficasse em qualquer lugar perto da casa. Atrás do volante, com o ar frio batendo no rosto graças à janela estilhaçada, seu humor era sombrio. Para o inferno com as fêmeas e todas essas besteiras, realmente. Seu único objetivo na vida era acabar com o Merdinha. Pegar o prêmio do Omega. Destruir a Sociedade Lesser.



Bem... as fêmeas eram na sua maior parte confusas. Ele se sentia absolutamente esgotado, porque ele precisava se alimentar - o que quer que estivesse acontecendo à sua camada externa, seu interior ainda desejava sangue e ele tinha que resolver este problema antes que pudesse enfrentar seu pai.

Ou ele iria se ferrar.

Enquanto ele dirigia para o centro, pegou o telefone e ficou maravilhado com o que estava prestes a fazer. Contudo, um inimigo em comum tinha uma maneira de formar estranhas alianças.

De volta ao Complexo da Irmandade, Blay tirou a roupa no banheiro e entrou debaixo do chuveiro. Enquanto ele pegava o sabão e fazia um pouco de espuma, ele pensou sobre o beijo naquele beco.

Sobre aquele macho.

Sobre... aquele beijo.

Movendo as mãos sobre seu peitoral, ele inclinou a cabeça para trás e deixou a água quente correr para baixo por seu cabelo e suas costas até seu traseiro. Seu corpo pareceu querer se arquear e seguir seu instinto, alongando-se, deleitando-se na onda morna. Ele tomou seu tempo lavando seu cabelo com xampu e correndo a mão ensaboada e escorregadia por seu corpo.

Enquanto pensava um pouco mais sobre aquele beijo.

Deus, era como se a memória de seus lábios juntos fosse um ímã que o arrastava de volta para casa de novo e de novo; o impulso forte para lutar, a conexão muito atraente para que ele quisesse evitar.

Deslizando as palmas das mãos para baixo por seu torso, ele se perguntava quando ele veria Saxton novamente.

Quando eles estariam sozinhos novamente.

Movendo a mão mais para baixo, ele...



— Senhor?

Blay girou, seu calcanhar rangendo sobre o mármore. Cobrindo o seu pênis rígido e pesado com ambas as mãos, ele olhou pela abertura da porta de vidro.

— Layla?

A Escolhida sorriu timidamente e correu os olhos para baixo por seu corpo.

— Eu fui chamada? Para servir?

— Eu não chamei. — Talvez ela tenha se confundido? A não ser...

— Qhuinn me convocou. Presumi que seria neste quarto?

Blay fechou os olhos momentaneamente enquanto a ereção desvanecia. E então ele deu a si mesmo um chute no traseiro e fechou a água quente. Alcançando ao redor, ele agarrou uma toalha e a enrolou em sua cintura.

— Não, Escolhida, — ele disse calmamente. — Não aqui. No quarto dele.

— Oh, senhor, me perdoe. — Ela começou a se voltar para fora da sala, o rosto em chamas.

— Está tudo bem... cuidado! — Blay pulou para frente e a agarrou quando ela esbarrou na banheira e perdeu o equilíbrio. — Você está bem?

— Realmente, eu deveria olhar por onde eu ando. — Ela olhou em seus olhos, as mãos descansando em seus braços nus. — Obrigado.

Olhando para o rosto perfeitamente belo, era óbvio porque Qhuinn estava interessado. Ela era etérea, com certeza, mas havia mais do que isso — especialmente quando abaixou as pálpebras e os olhos verdes brilharam.

Inocente, porém erótico. Era isso. Ela era a combinação cativante de pureza e de sexo puro que aos homens normais era inegável - e Qhuinn não chegava nem perto de ser normal. Ele transava com qualquer coisa.

Imaginou se a Escolhida sabia disso? Ou se ela se importaria se soubesse.

Com uma careta, Blay a afastou dele. — Layla...

— Sim, senhor?

Bem inferno... o que ele diria a ela? Estava malditamente claro que ela não havia sido chamada de volta para alimentar Qhuinn, porque eles haviam se alimentado na noite anterior...



Cristo, talvez fosse isso. Eles já tinham tido relações sexuais uma vez e ela estava voltando para mais.

— Senhor?

— Nada. É melhor você ir. Tenho certeza que ele está esperando.

— Certamente. — O aroma de Layla subiu, o cheiro de canela queimando o nariz de Blay. — E por isso eu sou muito grata.

Quando ela se virou e saiu, Blay olhou o balançar dos quadris e sentiu vontade de gritar. Ele não queria pensar em Qhuinn tendo relações sexuais no quarto ao lado... Pelo amor de Deus, a mansão havia sido o único lugar que não havia sido contaminada por toda a atividade extracurricular.

Agora, porém, tudo o que podia ver era Layla entrando no quarto de Qhuinn e deixando a túnica branca deslizar por seus ombros; seus seios, ventre e coxas revelados diante de seus olhos díspares. Ela estaria em sua cama e sob seu corpo em um piscar de olhos.

E Qhuinn a trataria direito. Isso era o que acontecia, pelo menos quando se tratava de sexo: ele era generoso com seu tempo e seu talento. Ele se dedicaria a ela com tudo o que tinha, as mãos e a boca...

Certo. Não precisava imaginar o resto.

Se secando rapidamente, lhe ocorreu que talvez Layla fosse a parceira perfeita para o cara. Com seu treinamento, ela não só iria satisfazê-lo em todos os níveis, ela nunca esperaria dele monogamia ou se ressentiria por seus feitos ou forçaria ligações emocionais que ele não sentia. Ela provavelmente ainda se juntaria ao divertimento, porque era evidente pela forma como ela andava, que estava confortável com seu corpo.

Ela *era* perfeita para ele. Melhor do que Blay, com certeza.

Além disso, Qhuinn havia deixado claro que iria acabar com uma fêmea... uma mulher tradicional, com os valores tradicionais, que fosse de preferência da aristocracia, presumindo que ele pudesse encontrar alguém que o aceitasse mesmo com o defeito dos olhos díspares.

Layla preenchia totalmente os requisitos - nada mais tradicional ou de puro sangue do que uma Escolhida, e estava claro que ela o queria.



Sentindo-se como se ele tivesse sido amaldiçoado, Blay entrou em seu closet e vestiu um short de nylon e uma camiseta Under Armour¹⁸⁰. De jeito nenhum ele iria sentar aqui e se aconchegar com um bom livro, enquanto estivesse acontecendo o que quer que fosse na porta ao lado...

Sim. Não precisava dessas imagens, mesmo que hipoteticamente.

Saindo para o corredor de estátuas, ele correu para baixo após as figuras de mármore, invejando suas poses calmas e seus rostos serenos. Claro que a merda de rotina está-tudo-bem, fazia ser inanimado parecer um bom negócio. Mesmo significando que não sentissem alegria, também não tinham que sentir essa dor ardente.

Quando chegou ao hall de entrada, contornou o balaústre e abaixou-se através da porta escondida. No túnel para o centro de treinamento, ele iniciou uma corrida como aquecimento e quando ele passou através da parte traseira do armário de escritório, não diminuiu. A sala de musculação era o único lugar onde suportaria estar agora. Uma boa hora ou mais na esteira e talvez ele não sentisse mais vontade de descascar a própria pele com uma colher enferrujada.

Saindo para o corredor, ele parou abruptamente quando viu uma figura solitária, encostada no muro de concreto.

— Xhex? O que você está fazendo aqui? — Bem, além de olhar um buraco no chão.

A fêmea o olhou e seu olhar cinza escuro se assemelhava a poços vazios. — Hey.

Blay franziu a testa enquanto caminhava até ela. — Onde está o John?

— Ele está lá dentro. — Ela assentiu com a cabeça na porta da sala de musculação.

O que explicaria o barulho monótono que ouvia. Alguém estava claramente correndo sobre uma das esteiras.

— O que aconteceu? — Blay disse, juntando a sua expressão e o que os Nikes de John estavam fazendo - e chegando a uma conclusão de merda.

¹⁸⁰ Under Armour: marca que produz além de outras coisas, um tipo de camiseta justa de material bem colante, que comprime o corpo e absorve a transpiração.



Xhex deixou cair a cabeça contra a parede que estava segurando seu corpo.
— Era tudo que eu podia fazer para trazê-lo de volta para cá.

— Por quê?

Seus olhos brilharam mais. — Vamos apenas dizer que ele quer ir atrás de Lash.

— Bem, isso é compreensível.

— Sim.

Enquanto a palavra flutuava para fora da boca, ele tinha a impressão de que não sabia nem da metade, mas ficou claro que era o máximo que ela diria sobre o assunto.

De repente, ela fixou seu olhar afiado da cor de nuvens em dia de tempestade em seu rosto. — Então você é a razão pela qual Qhuinn estava de mau humor hoje.

Blay recuou, e então balançou a cabeça. — Não tem nada a ver comigo. Qhuinn geralmente está de mau humor.

— Pessoas que tomam a direção errada ficam assim. Pinos redondos simplesmente não se encaixam em orifícios quadrados.

Blay pigarreou, pensando que os *symphaths*, mesmo aqueles que não estão contra você, não eram o tipo de pessoa que se queria ter por perto quando se estava cru e exposto. Como, por exemplo, quando o macho que você queria estava com uma Escolhida, que tinha o rosto de um anjo e um corpo construído para o pecado.

Só Deus sabia o que Xhex estava apanhando da cabeça dele.

— Bem... Eu estou indo treinar. — Como se o seu equipamento não o denunciasse.

— Bom. Talvez você possa falar com ele.

— Eu vou. — Blay hesitou, pensando que Xhex parecia se sentir como ele.
— Ouça, não é por nada, mas você está claramente exausta. Talvez você pudesse ir até um dos quartos de hóspedes e dormir?





Ela balançou a cabeça. — Eu não vou deixá-lo. E eu estou aqui fora esperando só porque eu estava deixando-o louco. Me ver... não é bom para sua saúde mental no momento. Eu estou esperando que já não seja mais assim depois que ele quebrar essa segunda esteira.

— Segunda?

— Tenho certeza que o açoite e o cheiro de fumaça de cerca de quinze minutos atrás significa que ele correu até quebrá-la.

— Maldição.

— Sim.

Apoiando-se, Blay abaixou-se e entrou na sala de musculação...

— Jesus... Cristo. *John*.

Sua voz não foi ouvida. No entanto, o barulho da esteira e os passos pesados de John teriam abafado a explosão de um carro.

O corpo maciço do cara estava a todo vapor na máquina, sua camiseta e torso pingando de suor, gotas de suor brilhando em seus punhos cerrados e criando manchas idênticas de umidade de cada lado no chão. Ambas as meias brancas tinham manchas vermelhas se espalhando a partir dos calcanhares como se tivesse arrancado fora pedaços de pele, e os shorts de nylon preto que ele tinha sobre seus quadris batiam como uma toalha molhada.

— John? — Blay gritou, enquanto avaliava a máquina queimada próxima a que o cara estava. — John!

Quando o grito não o fez girar a cabeça, Blay passou adiante e acenou com a mão direita no campo visual do indivíduo. E depois desejou que ele não tivesse feito isso. Os olhos que se fixaram nos dele, ardiavam com um ódio tão vicioso, que Blay deu um passo para trás.

Enquanto John virava o foco para o ar na frente de seu rosto, ficou muito claro que o maldito filho da puta iria continuar correndo até que suas pernas virassem cotos.

— John, que tal você sair fora? — Blay gritou. — Antes de cair?

Nenhuma resposta. Apenas os gritos dos giros da esteira e o som do bombardeamento intensivo dos pés.



— John! Vamos, agora! Você está matando a si mesmo!

Foda-se.

Blay deu a volta por trás do aparelho e arrancou o cabo de força da parede. A desaceleração brusca fez John tropeçar e cair para frente, mas ele segurou-se no apoio de mão. Ou talvez apenas tenha desabado sobre ele.

Sua respiração ofegante rasgava para dentro e fora da boca relaxada e a cabeça pendia sobre o braço.

Blay puxou um banco de peso e estacionou sobre ele para que pudesse olhar para o rosto do rapaz. — John... O que diabos está acontecendo?

John largou o apoio e caiu sobre seu traseiro, as pernas não suportando o seu peso. Após uma série de respirações difíceis, ele passou a mão pelo cabelo molhado.

— Fale comigo, John. Vou manter apenas entre nós. Eu juro pela vida de minha mãe.

Demorou um tempo antes que John erguesse a cabeça, e quando o fez, seus olhos estavam brilhantes. E não de suor ou esforço.

— Converse comigo e eu levarei para meu túmulo, — sussurrou Blay. — O que aconteceu? Diga-me.

Quando o cara finalmente começou a fazer os sinais, estava confuso, mas Blay leu as palavras muito bem.

Ele a machucou, Blay. Ele... a machucou.

— Bem, sim, eu sei. Eu ouvi sobre a forma como ela estava quando...

John fechou os olhos apertados e balançou a cabeça.

No silêncio tenso que se seguiu, a pele na parte de trás do pescoço Blay enrijeceu. Oh... *merda*.

Houve mais do que isso. Não houve?

— Quão ruim? — resmungou Blay.

Muito ruim, John vocalizou.



— Filho da puta. Bastardo cuzão filho da puta. Chupador de pau rato filho da puta *desgraçado!*

Blay não costumava xingar, mas às vezes isso era tudo o que se podia oferecer aos ouvidos dos outros: Xhex não era sua mulher, mas na opinião dele, você não machuca o sexo frágil. Por qualquer motivo... e nunca, *nunca* desse jeito.

Deus, sua expressão de dor não tinha sido apenas preocupação por John. Tinha sido por causa de lembranças. Horríveis, hediondas lembranças...

— John... Eu sinto muito.

Gotas frescas caíram do queixo do rapaz na faixa preta da esteira, e John enxugou os olhos um par de vezes antes de olhar. Em seu rosto a angústia guerreava com o tipo de fúria que fazia suas bolas ficarem apertadas.

Que fazia todo sentido. Com sua história, isto era esmagador em muito níveis.

Eu tenho que matá-lo, John sinalizou. *Eu não posso viver comigo mesmo se eu não acabar com ele.*

Conforme Blay assentia, os motivos da vingança eram óbvios. Vínculo masculino com história ruim?

A dívida de morte de Lash acabou de ter o selo PAGO estampado nela.

Blay fechou os dedos e ofereceu seu punho. — Qualquer coisa que você precisar, qualquer coisa que você quiser, eu estou com você. E não vou dizer uma palavra.

John esperou um momento e então bateu punho com punho. *Eu sabia que podia contar com você*, ele vocalizou.

— Sempre — prometeu Blay. — Sempre.



Capítulo QUARENTA E DOIS

A casa de Eliahu Rathboone ficou totalmente silenciosa depois que Gregg abortou sua viagem ao terceiro andar. Ele esperou um bom tempo depois que o mordomo desceu as escadas, para tentar outra vez.

Ele e Holly passaram o tempo, não fodendo, que era o antigo *modus operandis* deles, mas conversando. E a questão era: ele percebeu que quanto mais eles conversavam, menos ele sabia a respeito dela. Ele não tinha ideia de que, dentre os hobbies dela, estavam fazer tortas de maçã e costurar. Ou que sua maior ambição era seguir carreira no verdadeiro jornalismo televisivo - o que não era uma surpresa a julgar como estavam as coisas: muitas mulheres cabeças-de-vento do mundo dos realitys shows não tinham maiores ambições do que apresentar dançarinas amadoras ou comentar sobre como baratas são comidas em certos lugares do mundo. E ele até sabia que ela tentara uma vez nas notícias locais de Pittsburgh antes de ser despedida desse posto inicial.

O que ele não fazia ideia era do verdadeiro motivo que a fez sair deste primeiro emprego. O gerente geral e casado esperou que ela fizesse um tipo de serviço diferente e mais privado, e quando ela disse não, ele a demitiu depois de armar para que ela errasse em frente às câmeras.

Gregg viu a fita em que ela se atrapalhava com as palavras no ar. Afinal de contas, ele fez sua tarefa de casa, e apesar dela ter se saído muito bem em sua audição, ele sempre checava as referências.

Talvez isso tenha sido o início de suas suposições a respeito dela: rostinho bonito, boa postura, nada mais a oferecer.

Mas esse não era o pior de seus equívocos. Ele nunca soube que ela tinha um irmão. Que era deficiente físico e sustentado por ela.

Ela o mostrou uma foto dos dois juntos.

E quando Gregg perguntou em voz alta como era possível ele não saber a respeito do menino? Ela teve a honestidade de dizer-lhe a verdade: *porque você ditou os limites, e isso era fora do limite.*

Naturalmente, ele teve a reação natural masculina de se defender, mas o fato é que ela estava certa. Ele havia deixado os limites malditamente claros. O



que significava, nada de ciúmes, nada de explicações, nada permanente e nada pessoal.

Ali não era exatamente o ambiente propício para mostrar vulnerabilidade.

A compreensão desse fato foi o que o fez puxá-la para seu peito, e encostar o queixo em sua cabeça, alisando as suas costas. Antes de ir para a terra dos sonhos, ela murmurou algo com uma voz suave. Algo sobre como aquela tinha sido a melhor noite dos dois juntos.

E isso apesar dos orgasmos monstruosos que ele proporcionara a ela.

Bem, orgasmos dados quando lhe convinha. Houve vários encontros cancelados na última hora, e mensagens no celular sem retorno, e menosprezo verbal e físico.

Cara... que merda ele foi.

Quando Gregg finalmente levantou para sair, ele cobriu Holly, ligou a câmera de movimentos e se esgueirou pelo corredor. Silêncio por toda parte.

Caminhando pelo corredor, ele se voltou para o sinal de Saída e seguiu pela escada traseira. Subindo os degraus, virando, outro vão da escada, e lá estava a porta.

Sem bater previamente desta vez. Ele pegou uma chave-de-fenda que era usada no equipamento da câmera e tentou arrombar a fechadura. Foi mais fácil do que ele pensava, na verdade. Apenas uma cotovelada e um giro, e a coisa se soltou.

A porta não chiou, o que o surpreendeu.

O que estava do outro lado, no entanto... chocou-lhe mais que o maldito inferno!

O terceiro andar tinha um espaço enorme, com um antiquado e grosseiro assoalho e com um teto inclinado em um ângulo agudo em cada lado. Na extremidade mais distante, tinha uma mesa com uma lâmpada a óleo, e seu brilho fazia com que as paredes lisas ficassem com um amarelo dourado... como também iluminava as botas negras de quem quer que estivesse sentado fora do feixe de luz.

Grandes botas.



E de repente, não havia dúvidas quanto a quem era o FDP e o que ele fizera.

— Tenho você na gravação. — Gregg disse para o sujeito.

A risada suave que veio como resposta fez a adrenalina de Gregg correr solta: vagarosa e fria, a risada era o tipo de som que os assassinos faziam quando estavam prestes a trabalhar com suas facas.

— É mesmo? — Esse sotaque. Mas que merda era isso? Não era francês... Nem húngaro...

Tanto faz. A ideia de Holly ter sido vítima de um abuso por parte dele, fez Gregg mais alto e mais forte do que realmente era.

— Eu sei o que você fez na noite passada.

— Eu diria pra você se sentar, mas como percebeu, só tenho uma cadeira.

— Não estou para brincadeiras, merda! — Gregg deu um passo a frente. — Eu sei o que aconteceu com ela. Ela não o queria!

— Ela queria sexo.

Filho da puta. — Ela estava dormindo!

— Estava? — A ponta da bota balançou. — Aparências, como psiques, podem ser enganosas.

— Quem diabos você pensa que é?

— Sou dono dessa bela casa. Este sou eu. Sou o que lhe deu permissão pra brincar por aí com as suas câmeras.

— Bom, você pode dar adeus a essa merda agora. Não vou fazer propaganda deste lugar.

— Oh, acredito que você o fará. Está em sua natureza.

— Você não sabe uma merda sobre mim.

— Acho que é ao contrário. É você que não sabe... uma merda, como disse... sobre você mesmo. Ela disse o seu nome, aliás. Quando gozou.

Gregg ficou furioso ao ponto de dar mais um passo adiante.





— Eu seria cuidadoso. — A voz disse. — Você não quer se machucar. E me consideram um louco.

— Vou chamar a polícia.

— Você não tem motivos. Consentimentos entre adultos e tudo o mais.

— Ela estava dormindo!

A bota deu uma volta e plantou-se no chão.

— Olha o tom, rapaz.

Antes que houvesse tempo para aceitar o insulto, o homem se inclinou na cadeira... e Gregg perdeu a voz.

O que apareceu na luz não fazia sentido de jeito nenhum.

Era o retrato. Do salão debaixo. Só que vivo, e respirando. A única diferença era que o cabelo não estava preso, estava solto nos ombros, era duas vezes maior que o de Gregg, e uma mistura de preto com vermelho.

Oh, Deus... Os olhos eram da cor do nascer do Sol, brilhantes e da cor de pêssegos.

Totalmente hipnóticos.

E sim, um pouco furiosos.

— Sugiro — uma pausa no sotaque estranho — que você saía desse sótão e volte para aquela adorável moça...

— Você é descendente de Rathboone?

O homem sorriu. É, ok... Algo muito estranho acontecia com os seus dentes da frente.

— Ele e eu temos coisas em comum, verdade...

— Jesus...

— É hora de você correr e terminar seu pequeno projeto. — E não sorria, o que era um alívio. - E um conselho no lugar da tentação de chutar o seu traseiro: você vai fazer melhor do que tem feito para sua mulher ultimamente. Ela tem sentimentos honestos por você, o que não é culpa dela, e que você claramente não anda merecendo, caso contrário você não estaria cheirando a





culpa neste momento. Você tem sorte de ter a mulher que quer ao seu lado, então pare de ser um completo idiota.

Gregg não costumava ficar chocado assim. Mas por sua vida, ele não tinha ideia do que dizer.

Como esse estranho sabia de tudo isso? E Cristo, Gregg odiava o fato de que Holly tivesse se deitado com mais alguém... mas ela dissera seu nome?

— Dê tchau! — Rathboone levantou sua própria mão, imitando adeus infantil. — Prometo deixar sua mulher em paz, conquanto você pare de ignorá-la. Agora vai, tchauzinho!

Agindo sob reflexo, Gregg levantou as mãos e fez um aceno torpe antes de virar seu traseiro e começar a sair dali.

Deus, suas têmeoras... Que... merda... o que foi... onde... Sua mente parou de funcionar, como se as engrenagens tivessem sido coladas umas nas outras.

Segundo andar. Seu quarto.

Enquanto ele tirava a roupa e entrava na cama de boxers, ele colocou sua cabeça dolorida no travesseiro perto da de Holly, a puxou em um abraço, e tentou se lembrar...

Ele tinha que fazer algo. O que era...

O terceiro andar. Ele tinha que ir ao terceiro andar. Ele tinha que descobrir o que tinha lá...

Uma dor fresquinha se lançou em seu cérebro, matando não apenas o impulso de ir para algum lugar, mas também matando qualquer interesse no que havia no sótão.

Fechando os olhos, ele teve uma estranha visão de um estrangeiro com um rosto familiar... mas então ele caiu num sono fodidamente profundo e nada mais importava.



Capítulo QUARENTA E TRÊS

A invasão na mansão ao lado não representava nenhum problema.

Depois de considerar a atividade da mansão, e não encontrar nada para sugerir movimento dentro das muralhas, Darius declarou que ele e Tohrment iriam entrar... E eles entraram. Desmaterializando-se a partir da cerca de madeira que separava as duas propriedades, reapareceram ao lado da ala da cozinha... A partir desse momento eles simplesmente caminharam direto por entre a robusta moldura de madeira da porta.

Na verdade, o maior obstáculo para ultrapassar o exterior era a superação do esmagador sentimento de pavor.

A cada passo e a cada respiração, Darius tinha que se forçar a ir em frente, seus instintos gritando que ele estava no lugar errado. E ainda assim, se recusava a voltar. Ele era avesso a usar outras vias para atravessar, e embora a filha de Sampson pudesse muito bem não estar ali, sem outras pistas, ele precisava fazer alguma coisa ou ficaria louco.

— Esta casa parece assombrada. — murmurou Tohrment enquanto eles olhavam ao redor dos quartos dos empregados.

Darius assentiu.

— Mas lembre-se de que qualquer fantasma jaz apenas em sua mente, e não misturado com quem quer que esteja registrado sob esse mesmo teto. Venha, devemos localizar os quartos subterrâneos. Se os humanos a tomaram, devem mantê-la no subsolo.

Enquanto eles faziam seu caminho em silêncio, passaram pela lareira enorme e pelas carnes curadas que pendiam nos ganchos, deixando claro que esta era uma casa humana. Tudo estava calmo em cima e ao redor, em contraste com uma mansão de vampiro, onde este seria um momento de atividade de preparação para a Última Refeição.

Infelizmente, que esta família fosse composta de outra raça não era garantia de que a fêmea não estivesse sendo mantida ali... E talvez pudesse indicar esta conclusão. Embora os vampiros soubessem com certeza da existência da humanidade, não havia nada além de mitos dos vampiros



infestando a periferia cultural humana... Porque era assim que aqueles com presas sobreviviam com maior facilidade. Ainda assim, de vez em quando eram inevitáveis os contatos genuínos entre aqueles que optaram por permanecer ocultos e aqueles com olhos curiosos, e essas raras pinceladas de um com o outro explicavam as assustadoras histórias humanas e fantásticas fantasias de qualquer coisa de “bean-sídhe”¹⁸¹ para “bruxas”, de “fantasmas” para “chupadores de sangue”. Na verdade, a mente humana parecia ter sofrido com a deformada necessidade de imaginar na ausência de provas concretas. O que fazia sentido, dando a compreensão auto-referencial das raças do mundo e seu lugar nele: Algo que não se encaixava era forçado em uma superestrutura, mesmo que isso significasse a criação de elementos “paranormais”.

E o que é uma jogada para uma família rica para capturar evidências físicas de tais superstições efêmeras.

Especialmente, lindas e indefensáveis evidências.

Não foi dito o que vinha sendo observado por aquela família ao longo do tempo. Que estranhezas tinham sido testemunhadas em seus vizinhos. Quais diferenças raciais foram expostas de forma inesperada e, observada em virtude das duas propriedades serem companheiras na paisagem.

Darius amaldiçoou baixinho e pensou que era por isso que os vampiros não deviam viver tão próximos entre os seres humanos. A separação era melhor. Congregação e distância.

Ele e Tohrment cobriram o primeiro andar da mansão por meio de desmaterialização de sala em sala, mudando como faziam as sombras jogadas ao luar, passando por todo o mobiliário esculpido e tapeçarias sem som ou substância.

A maior preocupação, e o motivo de não atravessarem o chão de pedra a pé, era por causa dos cães adormecidos. Muitas das mansões os tinham como guardas, e essa era uma grande complicação que eles podiam muito bem passar sem. Esperançosos de que, se houvesse algum animal com a família, que estes estivessem enrolados aos pés da cama do líder.

E o mesmo valeria para qualquer tipo de guarda pessoal.

¹⁸¹ bean-sídhe – significa algo como “fada mulher” (banshee) – forma obscura.



No entanto, estavam com a sorte ao seu lado. Nenhum cão. Nenhum guarda. Pelo menos, que tivessem visto, escutado, ou cheirado... E eles foram capazes de encontrar a passagem que os levaria aos subterrâneos.

Ambos exibiam velas e acenderam os pavios, as chamas cintilando sobre os passos apressados, rudes e descuidados e pelas paredes desiguais... Tudo parecia indicar que a família nunca fizera essa jornada, somente os servos.

Mais uma prova de que não era uma família de vampiros. Alojamentos subterrâneos estavam entre os mais pródigos em tais casas.

Descendo para o nível mais baixo, a rocha sob seus pés deu lugar a terra batida e o ar ficou pesado com a umidade fria. À medida que mais progrediam no âmbito da grande mansão, encontravam despensas cheias de caixotes de vinho e hidromel, e caixotes de carnes salgadas, e cestas de batatas e cebolas.

No final, Darius esperava encontrar um segundo conjunto de escadas nas quais eles poderiam retornar e sair da terra. Em vez disso, eles chegaram ao final do salão subterrâneo. Nenhuma porta. Apenas uma parede.

Ele olhou ao redor para ver se havia pistas sobre o solo ou rachaduras nas pedras, indicando um painel ou uma seção oculta. Não havia nenhuma.

Para se certificar, ele e Tohrment correram suas mãos sobre a superfície das paredes e pelo chão.

— Havia muitas janelas nos andares mais altos. — Tohrment murmurou. — Mas, talvez se eles a mantiveram acima, ele poderiam ter colocado cortinas. Ou, por ventura existem quartos sem janelas interiores?

Enquanto a dupla enfrentava o beco sem saída que haviam atingido, aquela sensação de medo, de estar em um lugar errado, inchou no peito de Darius até sua respiração ficar curta e o suor brotar sob seus braços e sua coluna.

Ele sentia que Tohrment estava sofrendo de um ataque similar de apreensão ansiosa, pois o macho deslocava seu peso para trás e para frente, para trás e para frente.

Darius sacudiu a cabeça.

— Na verdade, ela parece estar em outro lugar...

— Grande verdade, vampiro.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Darius e Tohrment viraram enquanto desembainhavam os punhais.

Olhando para o que os tomara de surpresa, Darius pensou... Bem, isso explica o medo.

A figura de túnica branca bloqueando a saída não era humana, e não era vampiro.

Era um symphath.



Capítulo QUARENTA E QUATRO

Enquanto Xhex esperava do lado de fora da sala de musculação, ela julgava suas emoções com desapaixonado interesse. Isso era, ela supôs, como olhar para o rosto de um estranho e considerar as imperfeições e as cores e os traços por nenhuma outra razão além das que se apresentaram para observação.

Sua urgência por vingança foi ofuscada por uma preocupação honesta por John.

Surpresa, surpresa.

Então, de novo, ela nunca tinha imaginado ver esse tipo de fúria tão de perto, especialmente de pessoas como John. Era como se ele tivesse uma besta interior que tivesse rugido livre de sua cela interior.

Cara, o macho vinculado não era algo com o que você pudesse foder.

E ela não estava se enganando. Isso era a razão porque ele reagiu da forma que reagiu — e também a causa daquelas especiarias escuras que ela cheirava perto dele desde que saiu da prisão de Lash: Em algum momento durante as semanas de suas férias brutais, a atração e o respeito de John por ela haviam tomado forma para o irrevogável.

Merda. Que confusão.

Quando o som da esteira parou abruptamente, ela estava disposta a apostar que Blaylock havia puxado a tomada da parede, e era bom pra ele se ele o fez.

Ela havia tentado fazê-lo parar de tentar se matar na esteira, mas quando racionalizar com ele a havia levado a absolutamente lugar nenhum, havia decidido ficar de sentinela do lado de fora.

De jeito nenhum ela o assistiria correndo até se acabar. Ouvir a punição já era ruim o suficiente.

Mais a frente no corredor, a porta de vidro do escritório se abriu e o Irmão Tohrment apareceu. Dado pelo brilho que se emanou por trás dele, Lassiter estava no centro de treinamento também, mas o anjo caído ficou para trás.



— Como está John? — quando o Irmão se aproximou, sua preocupação estava em seu rosto duro e seus olhos cansados, e também em sua grade emocional, que estava iluminada nos setores de arrependimento.

Fazia sentido em muitos níveis.

Xhex olhou para a porta da sala de musculação. — Parece que ele repensou por mudar a carreira para maratonista. Isso ou ele esta apenas tentando quebrar outra esteira.

A enorme altura de Tohr a forçou a inclinar a cabeça para cima, e era uma surpresa ver o que havia atrás dos olhos azuis dele: Havia conhecimento em seu olhar, profundo conhecimento que fazia os próprios circuitos emocionais dela queimarem em suspeita. Na experiência dela, estranhos que tinham um olhar como aquele eram perigosos.

— Como você está? — Ele perguntou suavemente.

Foi estranho. Ela não teve contato com o Irmão, mas onde quer que seus caminhos tenham se cruzado, ele sempre foi particularmente... bem, gentil. Por isso ela sempre o evitava. Ela lidava muito melhor com dureza que com qualquer coisa delicada.

Francamente ele a fazia ficar nervosa.

Quando ficou quieta, o rosto dele se apertou como se ela o tivesse decepcionado, mas ele não a culpava pela inadequação. — Ok, — ele disse. — Eu não vou me intrometer.

Jesus, ela era uma vaca — Não, tá tudo bem. Você apenas não quer realmente que eu responda isso agora.

— Entendi. — Os olhos dele se estreitaram na porta da sala de musculação e ela teve a nítida impressão que ele estava preso do lado de fora tanto quanto ela, excluído pelo macho que estava sofrendo no outro lado. — Então você ligou para a cozinha para me chamar?

Ela tirou a chave que John usou para que eles pudessem entrar na antiga casa do cara. — Apenas para te devolver isso e te dizer que há um problema.

A grade emocional do Irmão ficou negra e vaga, tudo com as luzes apagadas. — Que tipo de problema?



— Uma das portas de correr de vidro está quebrada. Vai precisar de duas folhas de madeira compensada para cobrir. Nós pudemos religar o alarme de segurança então os detectores de movimento internos estão ligados, mas você tem uma tremenda de uma conta. Eu ficarei feliz de consertar hoje.

Assumindo que John ou tinha terminado o restante das máquinas de exercícios, acabado com os tênis de corrida, ou caído morto em uma pilha,

— Qual... — Tohr clareou a garganta. — Qual porta?

— A do quarto do John Matthew.

O Irmão franziu o cenho. — Estava quebrada quando vocês chegaram lá?

— Não... ela apenas explodiu espontaneamente.

— Vidro não faz isso sem uma boa razão.

E ela não tinha dado uma boa para o John Matthew? — É verdade.

Tohr a encarou e ela o encarou de volta e o silêncio tornou-se espesso como lama. A coisa era, no entanto, um cara tão gentil e tão bom soldado como o Irmão era, não tinha nada que compartilhar com ele.

— Com quem eu falo para conseguir alguma madeira de compensado? — Ela se dispôs.

— Não se preocupe com isso. E obrigado por me informar.

Quando o Irmão se virou e andou de volta para o escritório, ela se sentiu como no inferno — O que ela supôs era ainda outra conexão que ela tinha com John Matthew. Exceto que ao invés de estabelecer um recorde de velocidade, ela apenas queria pegar uma faca e cortar a parte de dentro dos antebraços para aliviar a pressão.

Deus, ela era tão bebê-chorona-emo algumas vezes, ela realmente era. Mas aqueles silícios dela não eram apenas para manter o seu lado *symphath* sob controle, eles a ajudavam a ofuscar coisas que ela não queria sentir.

O que era quaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaase noventa e nove por cento de emoção, muito obrigada.

Dez minutos depois, Blaylock colocou a cabeça para fora da porta. Seus olhos estavam focados no chão e suas emoções estavam em uma revolução, o



que fazia sentido. Ninguém gostava de ver seu amigo se autodestruir, e ter de conversar com a pessoa que havia mandado o pobre bastardo naquela queda livre não era exatamente uma felicidade.

— Escuta, John foi para o vestiário tomar uma ducha. Eu consegui fazê-lo parar com a ideia do homem corredor, mas ele... ele precisa de um pouco mais de tempo, eu acho.

— Ok. Eu vou continuar esperando por ele aqui no corredor.

Blaylock assentiu e então houve uma pausa embaraçosa. — Eu estou indo malhar agora.

Depois que a porta se fechou, ela pegou sua jaqueta e suas armas e perambulou em direção ao vestiário. O escritório estava vazio, o que significava que Tohr foi tranquilo, sem duvida para começar algum momento Tim the Tool Man Taylor¹⁸² com um *doggen*.

E a quietude ressoante lhe disse que não havia mais ninguém em nenhuma das salas de aula, ginásio ou clínica.

Deslizando pela parede, ela deixou seu traseiro no chão e apoiou seus braços em seus joelhos. Deixando a cabeça cair para trás, ela fechou os olhos.

Deus, ela estava exausta...

— John ainda esta aqui?

Xhex acordou num estalo, sua arma apontada direto no peito de Blaylock. Quando o cara pulou para trás, ela imediatamente travou a arma e baixou o cano.

— Desculpe, velhos hábitos não morrem.

— Ah, é. — O cara apontou sua toalha branca para o vestiário. — John ainda esta lá? Foi há mais de uma hora.

Ela levantou o pulso e olhou para o relógio que ela tinha furtado. — Cristo.

¹⁸² O Tim Man Tool Taylor é a personagem principal do seriado de TV americana Home Improvement, interpretado por Tim Allen. Tim Taylor é o marido da Jill Taylor e pai de Brad, Randy Taylor e Mark, e vive nos subúrbios de Detroit. Tim também é obcecado por construir coisas. Isto é geralmente seguido por seus grunhidos. Ele também é um pouco obcecado com a modificação de máquinas e aparelhos domésticos para "mais poder" (um bordão favorito dele), porque ele gosta de fazer as coisas à maneira do "homem". [http://en.wikipedia.org/wiki/Tim_Taylor_\(character\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Tim_Taylor_(character))



Xhex se colocou de pé e arrombou a porta. O som do chuveiro aberto não era muito um alívio. —Tem alguma outra saída?

— Apenas através da sala de musculação... que se abre apenas para esse corredor.

— Ok, eu vou falar com ele, — ela disse, rezando para que fosse a coisa certa a fazer.

— Bom. Eu vou terminar minha malhação. Me liga se precisar de mim.

Ela passou pela porta, e dentro, o lugar era do tipo padrão, todos os armários de metal bege separados por bancos de madeira. Seguindo o som da água caindo à direita, ela passou por vãos de mictórios, e pias que pareciam solitários sem um bando de homens suados, nus e agarradores de toalhas usando-os.

Ela encontrou John em uma área aberta com dúzias de chuveiros e azulejos em todos os lados do chão, paredes e teto, seus braços apoiados em seus joelhos, sua cabeça baixa, a água correndo sobre seus enormes ombros e torso.

O primeiro pensamento dela foi que esteve na mesma exata posição do lado de fora.

O segundo pensamento foi que ela estava surpresa que ele pudesse se manter tão parado. A grade emocional dele não era a única coisa iluminada, aquela sombra detrás dela estava da mesma forma queimando com angústia. Era como se duas partes dele estivessem juntas em um tipo de luto, sem dúvida porque ele havia sofrido ou testemunhado demasiadas perdas cruéis em sua vida... e talvez outra. E onde tudo aquilo o colocava emocionalmente a horrorizava. O denso vazio negro criado nele era tão poderoso, que deformava a superestrutura da psique dele... Levando-o onde ela havia estado naquela fodida sala de cirurgia.

Levando-o a identificação da loucura.

Pisando sobre a superfície azulejada do chão, a pele dela tremeu ao chocar-se com o frio no ar que vinha dos sentimentos dele... e a realidade que ela tinha feito isso de novo. Era Murhder, apenas pior.

Jesus, ela era uma fodida viúva negra no que se referia a machos de valor.

— John?



Ele não olhou para cima, embora ela não tivesse certeza se ele estava ciente que ela estava na frente dele. Ele estava de volta ao passado, trágico e preso em um defeito de memória...

Franzindo o cenho, ela encontrou seus olhos seguindo o caminho da água que seguia seu caminho de debaixo dele e corria através do chão coberto de azulejos... para o ralo.

O ralo.

Algo com aquele ralo. Algo a ver com... Lash?

Dentro do abraço da solidão e contra o pano de fundo do som quieto do borriço de água, ela desatrelou o seu lado mau por um bom propósito: em uma grande urgência, seus instintos *sympaths* mergulharam em John, penetrando através do seu território físico e indo fundo em sua mente e suas lembranças.

Quando ele levantou a cabeça e olhou para ela em choque, tudo se tornou vermelho e em duas dimensões, o azulejo se tornando um rosa rubro. O cabelo escuro, úmido de John mudando para a cor de sangue, a água se movendo como champanhe rosé.

As imagens que ela captou estavam envoltas com uma capa de terror e vergonha: uma escada escura em um prédio de apartamentos não como aquele que ele a tinha levado, ele como um pequeno pré-trans sendo forçado por um macho humano fedido...

Oh. Deus.

Não.

Os joelhos da Xhex cederam e ela cambaleou — então ela apenas se deixou ir ao chão, caindo em um azulejo liso tão duro que seus ossos se chocalharam e seus dentes se bateram.

Não... não John, ela pensou. Não quando ele era indefeso e inocente e tão sozinho. Não quando ele estava perdido no mundo humano, roubando para sobreviver.

Não ele. Não assim.

Com o seu lado *sympath* desligado e seus olhos sem dúvida se tornando vermelhos, eles se sentaram lá encarando um ao outro. Ele sabia que ela o leu e



ele odiava seu conhecimento com uma fúria tal que ela sabiamente manteve qualquer pena ou comiseração para si mesma. Ele não parecia ressentido que ela o tivesse invadido, no entanto. Era mais como se ele desejasse como o demônio que não tivesse que dividir aquilo com ninguém.

— O que Lash tem a ver com isso, — ela disse roucamente. — Porque ele está em todo lugar na sua mente?

Os olhos do John foram para o ralo no centro e ela teve a impressão que ele estava vendo sangue acumulando-se em volta da tampa de aço inox. Sangue de Lash.

Xhex estreitou seus olhos, a história passada se tornando bem foddidamente previsível: Lash havia descoberto sobre o segredo de John. De alguma maneira. E ela não precisava de seu lado *symphath* para lhe contar o que o fodido havia feito com uma informação como aquela.

Um locutor de baseball *procuraria* menos audiência.

Quando o olhar do John voltou para ela, ela sentiu uma perturbadora comunhão com ele. Sem barreiras, sem preocupações sobre ser vulnerável. Mesmo eles estando totalmente vestidos, cada um estava nu diante do outro.

Ela sabia malditamente bem que não ia nunca encontrar isso com nenhum outro macho. Ou qualquer outra pessoa. Ele sabia sem palavras tudo o que tinha passado e tudo o que aquele tipo de experiências gerava quando eram provocadas. E ela sabia o mesmo dele.

E talvez aquela sombra em sua grade emocional era um tipo de bifurcação em sua psique causada pelo trauma que ele tinha passado. Talvez sua mente e sua alma tivessem se juntado e concordado em cortar fora o passado e colocá-lo no fundo de seu sótão mental e emocional. Talvez fosse o porquê dessas duas partes dele estarem tão vividamente animadas.

Fazia sentido. Assim como a vingança que ele estava sentindo. Depois de tudo, Lash esteve tão intimamente envolvido nos dois pacotes de erros, os dele e os dela.

Informação como a de John em mãos erradas? Quase tão mal quanto o horror que havia realmente acontecido, porque você revive aquela merda toda vez que mais alguém fica sabendo da história. O que era porque ela nunca



falava sobre seu tempo na colônia com seu pai, ou aquela merda na clínica humana... oh... sim...

John levantou seu dedo indicador e deu tapinhas ao lado de seu olho.

— Os meus estão vermelhos? — ela murmurou. Quando ele assentiu, ela esfregou seu rosto. — Desculpe. Eu provavelmente vou precisar de outro par de silícios.

Quando ele fechou a água, ela deixou cair as mãos. — Quem mais sabe. Sobre você.

John franziu o cenho. Então falou com os lábios, *Blay, Qhuinn, Zsadist, Havers, um terapeuta*. Quando ele balançou a cabeça, ela entendeu isso como era o fim da lista.

— Eu não vou dizer isso a ninguém.

Os olhos dela vieram sobre seu corpo imenso desde aqueles ombros para seus bíceps poderosos e aquelas coxas tremendas — e ela se encontrou desejando que ele tivesse aquele tamanho lá atrás naquela escada suja. Pelo menos ele não era mais o que era quando foi ferido — embora fosse verdade apenas no lado de fora. Dentro, ele era todas as idades que ele havia vivido, o bebê que havia sido abandonado, a criança que ninguém tinha querido, o pré-trans que estava fora sozinho no mundo... e agora o macho adulto.

Ele era um chutador de traseiros no campo e um amigo leal e, indo pelo que ele tinha feito aquele *lesser* naquela mansão de pedra e o que sem dúvida queria fazer com Lash, um inimigo muito perverso.

E isso acrescentava um problema: No que dizia respeito a ela, o filho do Omega era dela para matar.

Não que eles precisassem falar sobre isso agora.

Quando a umidade dos azulejos penetrou na parte traseira das suas calças de médico, e água gotejava de John, ela estava surpresa com o que queria fazer.

Em um monte de níveis, não fazia sentido e certamente não era uma ideia atraente. Mas lógica não era um grande jogador nesse momento entre eles.



Ela se deslocou para frente e colocou suas palmas no chão escorregadio do chuveiro. Movendo-se devagar, indo mão, joelho, mão, joelho, foi na direção dele.

Ela soube quando ele sentiu o cheiro dela.

Porque debaixo daquele short de correr ensopado seu membro se contraiu e endureceu.

Quando ela estava cara a cara com ele, prendeu seus olhos em sua boca. — Nossas mentes já estão juntas. Eu quero que a carne siga o mesmo caminho.

Com isso, ela se inclinou e levantou a cabeça. Apenas antes dela beijá-lo, ela pausou, mas não porque estivesse preocupada se ele iria recusá-la — ela sabia pela escura essência de emparelhamento que ele estava lançando, que John não estava interessado em recuar.

— Não, você entendeu tudo errado, John. — lendo as emoções dele, ela sacudiu a cabeça. — Você não é metade do homem que você poderia ser por causa do que foi feito a você. Você é duas vezes mais do que qualquer um porque você sobreviveu.

Você sabe, a vida te coloca em lugares que você nunca imaginou.

Sob nenhuma circunstância, nem mesmo nos piores pesadelos seu subconsciente que havia expelido, John havia sequer pensado que seria capaz de lidar com Xhex sabendo sobre como havia sido ferido quando ele era jovem.

A coisa era, não importa quão grande ou forte seu corpo se tornou, ele nunca escondeu a realidade do quão fraco ele havia sido. E a ameaça de aqueles que ele respeitava descobrirem trouxe aquela fraqueza de volta não apenas uma vez, mas continuamente.

Ainda agora elas estavam com seu esqueleto não apenas fora do armário, mas envolto em luzes estroboscópicas.

E sobre seu banho de duas horas? Ele ainda estava morrendo por dentro por ela ter sido ferida daquele jeito... Era tão doloroso pensar a respeito, tão



horrível para não se demorar nisso. Então adicione em sua necessidade como macho vinculado de protegê-la e mantê-la a salvo? E o fato que ele sabia exatamente o quão desagradável era ser vitimado daquela maneira?

Se ele apenas a tivesse encontrado mais cedo... Se ele apenas tivesse trabalhado mais duro...

Sim, mas ela tinha se libertado. Não tinha? Ele não foi aquele que a fez sair — pelo amor da merda, ele esteve *com ela* no maldito quarto onde ela tinha sido estuprada e nem soube que ela estava *lá*.

Era quase muito para se viver com, todas as camadas e interseções fazendo sua cabeça zunir ao ponto onde ele sentia como seu cérebro havia se tornado como um helicóptero que estava na beira de levantar voo e ir para longe, para nunca voltar de novo.

A única coisa que o mantinha com os pés no chão era a perspectiva de matar Lash.

Enquanto que ele soubesse que o fodido estava lá fora no mundo respirando, John tinha um foco para manter o teto em sua casa.

Matar Lash era o único elo para sanidade e propósito, a galvanização em seu aço.

Uma intrínseca fraqueza mais, no entanto, como não vingar sua fêmea e ele era jogo perdido.

— John, — ela disse, claramente em um esforço de tirá-lo de seu estado de pânico.

Focando-se nela, ele olhou em seus olhos vermelhos, brilhantes e se lembrou de que ela era uma *symphath*. O que significava que ela podia escavar dentro dele e abrir todos os seus alçapões interiores, liberando seus demônios apenas para observá-los dançar. Exceto que ela não fez isso, fez? — Ela foi dentro dele, sim, mas apenas para entender onde ele havia estado. E depois de ver suas partes negras, ela não estava fazendo sons de desagrado e apontando dedos para ele, ou recuando em desgosto.

Ao invés disso, ela engatinhou em cima dele como uma gata, parecendo como se quisesse beijá-lo.

Os olhos dele baixaram aos seus lábios.



Você sabe, ele poderia aguentar um pouco daquele tipo de conexão. Palavras não eram suficientes para aliviar a própria aversão que ele sentia, mas as mãos dela em sua pele, sua boca na dele, seu corpo contra o seu próprio... aquilo, sem conversa, era o que ele precisava.

— Está certo, — ela disse, seus olhos ardendo, e não apenas do lado *symphath* dela. — Você e eu precisamos disso.

John levantou e colocou suas frias e molhadas mãos na face dela. Então olhou em redor. Agora poderia ser a hora, mas não era o lugar.

Ele não ia fazer amor com ela no azulejo duro.

Venha comigo, ele falou com os lábios, levantando-se e puxando-a para seu lado.

Sua ereção armada na frente de seus shorts de corrida quando eles deixaram o vestiário, a urgência de emparelhar-se rugindo em seu sangue que era contudo gentil no lugar da violência que ela havia sentido.

Ao invés de encaminhar-se para o túnel de volta a casa principal, ele os levou para a direita. De jeito nenhum ele iria para seu quarto com ela debaixo do braço e ele com uma ereção do tamanho de uma viga. Além do mais, ele estava ensopado.

Muita coisa para explicar para a permanente peanut gallery¹⁸³ que a mansão oferecia.

Próximo ao vestiário, mas não conectado a ele, havia uma sala adjacente com mesas de massagens e uma banheira de hidromassagens no canto. O lugar também tinha um monte de colchonetes azuis que nunca foram usados desde que eles haviam sido colocados lá — os Irmãos quase não tinham tempo para pugilismo, quanto menos brincar de bailarina com seus preciosos tendões da perna e nádegas.

¹⁸³ Peanut Gallery: Uma galeria do amendoim é o público que incomoda com perguntas o artista performático. O termo originou-se os dias do vaudeville como um apelido do mais barato (e ostensivamente o mais desordeiro) assentos no teatro; a refeição leve mais barata servida no teatro muitas vezes eram amendoins, que os patronos lançavam às vezes nos performistas no palco para mostrar a sua desaprovação. Aqui John Matthew usa a expressão para indicar que os Irmãos seria essa peanut gallery, isto é o público que critica.



John prendeu a porta fechada com uma cadeira de plástico e se voltou para encarar Xhex. Ela estava andando em volta da sala, seu corpo flexível e passos suaves melhores que um show inteiro de *strip-tease*, no que dizia respeito a ele.

Alcançando o lado da porta, ele apagou as luzes.

O sinal branco e vermelho de saída em cima da porta criou uma piscina de luz que seu corpo partiu em dois, sua sombra uma alta e escura divisão que se estendeu por todo o chão até os pés da Xhex.

— Deus, eu quero você, — Ela disse.

Ela não teria de dizer aquilo duas vezes. Chutando fora seus Nikes, ele puxou sua camiseta sobre sua cabeça e deixou cair sobre os colchonetes em um golpe. Então ele colocou seus polegares na cintura de seu short de corrida e o desceu sobre suas coxas, seu membro pulando livre e se elevando reto diante dele. O fato que estava apontado para ela como uma vara divina não era uma grande surpresa — tudo de seu cérebro a seu sangue e ao bater de seu coração estavam focados na fêmea que estava parada a não mais que 3 metros adiante dele.

Mas ele não ia pular sobre ela e começar a estocar. Não. Nem mesmo se isso fizesse as bolas dele ficarem da cor de um *Smurf*¹⁸⁴ —

Os pensamentos dele deixaram de fazer sentido quando as mãos dela foram para a bainha de sua camiseta e, em um deslocar elegante, ela levantou de sobre seu torso e sobre sua cabeça. Debaixo disso, ela não tinha nada exceto sua linda, pele suave e seus altos e firmes seios.

Quando o cheiro dela rugiu pelo caminho e ele começou a ofegar, aqueles dedos ágeis dela foram para o laço das calças de médico e o abriram, o fino algodão verde caindo rapidamente em seus tornozelos.

Oh, Deus querido, ela estava gloriosamente despida para ele, e as linhas impressionantes do corpo dela eram maravilhosas: Embora eles tivessem feito sexo duas vezes, ambas haviam sido rápidas e quentes, então ele nunca teve a chance de olhar para ela direito —

John piscou com força.

¹⁸⁴ Smurf: personagem de desenho animado cuja principal característica é ser azul.



Por um momento, tudo o que ele podia ver eram os machucados que estavam nela quando ele a encontrou, especialmente aqueles dentro de suas coxas. Saber agora que ela não os tinha conseguido por causa de luta corpo-a-corpo...

— Não vá por aí, John, — Ela disse roucamente. — Eu não vou e você não deveria. Apenas... não vá por aí. Ele já tirou muito de nós dois.

A garganta dele se apertou em um rugido de vingança, que ele tratou de abafar apenas porque ele sabia que ela estava certa.

Com completa força de vontade, ele decidiu que aquela porta detrás dele, aquela que ele fechou bem fechada com a cadeira, ia manter fora não apenas passantes do tipo vivo, mas os fantasmas e erros também.

Haveria tempo no outro lado dessa conversa privada para igualar esse placar.

Você é tão linda, ele falou com os lábios.

Mas claro que ela não podia ver seus lábios.

Então ele teria de mostrar para ela.

John deu um passo para frente e outro e outro. E não era apenas ele indo em direção a ela. Ela o encontrou no meio, meio caminho do ponto A dela e do ponto B dele, a forma dela encaixada na sombra lançada pelo corpo dele e, no entanto era ainda a única coisa que ela via.

Quando eles se encontraram, o peito dele estava pulsando e também estava o seu coração. *Eu amo você*, ele falou com os lábios no pedaço escuro que ele havia cortado da luz.

Eles se alcançaram no mesmo momento: Ele foi para o rosto dela. Ela colocou as mãos nas costelas dele. Suas bocas completaram o percurso no ar parado, elétrico, seus lábios se trancando, suave no suave, morno no morno.

Puxando-a para o seu peito nu, John envolveu seus braços grossos em volta dos ombros dela e a segurou apertado enquanto ele aprofundava o beijo — e ela estava bem lá com ele, deslizando suas palmas ao redor dos flancos dele e as escorregando pela parte inferior de suas costas.



Seu membro dobrou no meio deles, a fricção entre seu estômago e o dela enviando dardos de calor lambendo para cima e para baixo em sua espinha. Mas ele não estava com pressa. Com empurrões preguiçosos, seus quadris se moviam para frente e para trás, batendo sua ereção contra ela enquanto ele movia suas mãos pelos braços dela e então para sua cintura.

Empurrando fundo com sua língua, ele arrastou uma das mãos para o cabelo curto na base do pescoço dela e deixou a outra cair na parte de trás de sua coxa. A perna dela subiu no puxão gentil dele, os músculos macios flexionando...

Com um ágil movimento, ela se precipitou, pulando para ele e enlaçando a outra perna que havia segurado seu peso ao redor dos quadris dele. Quando o membro dele tocou algo quente e úmido, ele gemeu e os levou para o chão, segurando-a com ele enquanto ele os mergulhava nos colchonetes e a estendeu debaixo dele.

John quebrou o selo do beijo deles e recuou o suficiente para que pudesse correr sua língua pelo lado da garganta dela. Aferroando-se, ele sugou as linhas de seu pescoço e seguiu para baixo com suas presas, o que pulsava na batida de sua ereção, aferrando-se sobre a pressão de sua clavícula. Enquanto ele descia, os dedos dela estavam enterrados no cabelo dele e o segurando contra sua pele, movendo-o na direção de seus seios.

Recuando, ele se levantou sobre ela e traçou com seus olhos a maneira como seu corpo era destacado pela luz brilhante do sinal de saída. Seus mamilos eram firmes e suas costelas estavam pulsando forte e seus músculos peitorais flexionados enquanto ela rolava seus quadris. Entre suas coxas, o seu sexo liso teve-o abrindo a sua boca em um assobio sem som —

Sem aviso, ela estendeu a mão e a colocou em seu membro.

O contato o fez ir para trás ao ponto que ele teve de jogar seus braços e apoiar-se em suas palmas.

— Maldição, você é lindo, — ela disse em um murmúrio.

A voz dela o colocou em ação e ele se inclinou para frente, libertando seu membro da palma dela e posicionando-se de forma que ele estava de joelhos entre as coxas dela. Baixando sua cabeça, ele cobriu um de seus mamilos com a boca e o chicoteava com sua língua.



O gemido que rasgou fora dela quase o fez gozar sobre todo o sexo dela e ele teve de congelar seu corpo para retomar o controle. Quando a maré de formigamento retrocedeu o suficiente, ele recomeçou a sugá-la... e deixou suas palmas flutuarem devagar pelas costelas dela, sua cintura e seus quadris.

Típico dela, ela era quem tinha de colocá-lo em seu sexo.

Xhex cobriu uma das mãos dele com a sua própria e o colocou bem onde ambos queriam que ele estivesse.

Quente. Sedoso. Escorregadio.

O orgasmo na cabeça de sua ereção saiu livre no instante que seus dedos deslizaram e vieram diretamente contra a entrada que ele estava morrendo por romper: não havia absolutamente nada segurando a libertação e ela riu de forma gutural enquanto ele jorrava sua marcação em suas pernas.

— Você gosta do modo que me sinto, — ela murmurou.

Ele se prendeu em seus olhos e ao invés de assentir, trouxe a mão que ela havia descido em si mesma para sua boca. Quando ele estendeu sua língua e deslizou o que estava coberto nela entre seus lábios, ela se estremeceu um pouco também, seu corpo se levantando dos colchonetes, seus seios ondulando, suas coxas se abrindo ainda mais.

Debaixo de pálpebras baixas, ele manteve seu olhar colado ao dela enquanto plantava suas palmas dos dois lados dos seus quadris e se abaixou para o seu sexo.

Deveria ter sido mais suave que a merda de um beijo de borboleta. Deveria ter mostrado mais sutileza para provocá-la com sua língua e a ponta de seus dedos.

Foda-se.

Com uma crua e punitiva necessidade, ele se aferrou em seu centro com sua boca, sugando-a dentro dele, tomando-a profundamente, engolindo-a. Seu orgasmo havia deixado um pouco dele nela e ele o provou junto com o mel dela — e o macho vinculado nele deleitou-se na combinação.

O que era uma sorte para ele. Na hora que ele terminasse a sua sessão, sua essência escura estaria em toda ela, dentro e fora.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Quando ele se ondeou, arremeteu e penetrou, vagamente sentiu uma das pernas dela ser lançada por sobre seu ombro e então ela estava trabalhando em seu queixo, lábios e boca, adicionando a mágica, levando-o a impulsioná-la mais forte.

Quando ela gozou, ela disse seu nome. Duas vezes.

E o que o alegrava era que mesmo ele não tendo voz, os ouvidos funcionavam muito bem.





Capítulo QUARENTA E CINCO

Jesus Cristo, John sabia o que estava fazendo.

Esse foi o único pensamento que disparou na mente de Xhex depois que ela desceu da sublime liberação do orgasmo que ele lhe dera com sua boca. E então ela foi prontamente arrebatada outra vez. O aroma de vinculação dele era um rugido em seu nariz, seus lábios estavam furiosamente deliciosos em seu centro, sua ereção era uma provocante e quente extensão em suas pernas...

Quando ele estendeu sua língua e entrou fundo, ela voou novamente. O calor molhado que ele lhe trazia, os astuciosos golpes que eram suaves quando eram seus lábios e ásperos quando era seu queixo, o circundar de seu nariz contra o ponto mais alto de seu sexo, tudo isso eliminou todo o pensamento de seu cérebro — uma perda que ela estava muito disposta a desfrutar.

No meio do fogo, não havia nada além de John... nenhum passado, nenhum futuro, nada além de seus corpos. O tempo não tinha nenhum significado, o lugar não tinha importância e as outras pessoas não interessavam.

Ela desejou que pudessem ficar assim para sempre.

— Entre em mim, — Xhex gemeu, enquanto puxava seus ombros.

John ergueu a cabeça e subiu para o corpo dela, sua excitação tocando a parte interna de suas coxas, ficando mais perto.

Ela o beijou arduamente, esmagando sua boca contra a dele enquanto enfiava a mão entre eles, descendo, e guiando-o para onde o precisava...

O corpo volumoso de John torceu com o contato enquanto ela exclamava:

— Oh, *Deus*...

Sua ponta enrijecida a abriu e ele deslizou para dentro, gentil e lento, preenchendo-a, expandindo-a. Ela arqueou pra que ele pudesse entrar completamente e deslocou as palmas de suas mãos de suas costas macias para mergulhá-las no final de sua espinha... e para ainda mais baixo, assim poderia afundar suas unhas na bunda dele.



Os músculos de John se retesaram e liberaram debaixo de suas mãos enquanto ele começava a bombear, e a cabeça dela balançava de um lado para outro contra a esteira enquanto ele empurrava e puxava, empurrava e puxava. John era pesado como um carro em cima dela, e seu corpo tinha um monte de extremidades enrijecidas — e quem diria? Ela se sentia tão bem com tudo isso: tinha curvas suficientes para acomodar onde ele precisava de espaço, e ela estava tão perto de gozar novamente que seus pulmões estavam queimando por ar de qualquer jeito.

Unindo seus tornozelos atrás das coxas dele, Xhex se moveu com ele até que seus corpos estalaram e suas respirações explodiram, e então John empurrou seu torso para cima e dirigiu seus punhos para a esteira em cada lado das costelas dela, sustentando o peso de seu tórax nos músculos definidos de seus braços — assim poderia golpear com mais força.

O rosto dele era uma máscara erótica dos traços que ela vira tantas vezes, seus lábios deixando à mostra suas longas presas brancas, suas sobrancelhas franzidas apertadas, seus olhos ardentes, sua mandíbula apertada com tanta força que suas bochechas tinham covinhas nelas. A cada arremetida, seu peitoral e seu abdômen estalavam, o suor em sua pele cintilava na tênue luz. A visão de John era o catalisador para a sensação dele bem fundo nela, a inesperada energia que veio em todo o seu corpo a atingiu, derrubando-a completamente.

— Tome minha veia, — Xhex murmurou para ele. — Tome-a... *agora*.

Enquanto ela ricochetava em outro orgasmo, John foi para sua garganta num bote, sua mordida perfurando seu pescoço enquanto sua própria libertação jorrava dentro dela.

Uma vez que começou a gozar, ele não conseguiu parar e ela não queria que o fizesse. John continuou se mexendo e bebendo e estremecendo nela, as múltiplas ondulações que o atormentavam saturando o sexo dela enquanto se alimentava e a tomava intensamente.

Mas era isso o que ela queria.

Quando ele finalmente se acalmou, não parou o bastante enquanto desmoronava nela. Correndo suas mãos para o alto de seus ombros, ela o segurou enquanto ele dava preguiçosas lambidas nas marcas de sua perfuração.



Às vezes você tinha que usar um jato de areia a fim de limpar algo corretamente. Delicados e pequenos círculos com uma esponja ou um pano não conseguiam tirar a sujeira e a imundície bem o suficiente. E o que eles tinham acabado de fazer foi um jato de areia e tanto — e, dado o modo que ele ainda estava duro, ela sabia que havia mais por vir.

Literalmente.

John ergueu a cabeça e olhou para ela. Seus olhos estavam preocupados e ele foi cuidadoso enquanto tocava levemente o seu cabelo.

Ela sorriu.

— Não, eu estou bem. Estou mais do que bem.

Um sorriso astuto floresceu no rosto bonito dele à medida que ele balbuciava, *não é que é verdade?!*

— Espera aí, grandão. Você acha que pode me fazer corar como se eu fosse uma garota? Me empurrando essa bajulação? — Enquanto ele confirmava com a cabeça, ela rolou os olhos. — Fique sabendo que eu não sou o tipo de fêmea que fica toda deslumbrada, colocando um sapato de salto agulha só porque um cara a beija profundamente.

John estava todo másculo quando ergueu uma sobrancelha. E maldita seja se ela não sentiu um formigamento em suas bochechas.

— Escute, John Matthew. — Ela tomou seu queixo em sua mão. — Você não vai me transformar numa daquelas fêmeas que ficam piradas por seu amante. Não vai acontecer. Eu não sou constituída pra isto.

Sua voz soava grave e ela falava sério em cada palavra — exceto que no momento em que ele girou seus quadris e aquela enorme ereção empurrou dentro dela, ela ronronou.

Ronronou.

O som era totalmente estranho e Xhex o teria chupado de volta garganta abaixo se pudesse. Ao invés disso, simplesmente soltou outro daqueles gemidos decididamente *não-pertencente-a-um-cara-durão*.

John curvou a cabeça para seu seio e começou a sugar enquanto, de alguma maneira, conseguia continuar empurrando em lentas e constantes penetrações.



Arrebatada, suas mãos encontraram o cabelo dele novamente, movendo pela espessa suavidade.

— Oh, John...

E então ele parou abruptamente, ergueu seus lábios de seu mamilo, e sorriu tão largo que foi uma surpresa ele não romper os dentes da frente.

Sua expressão era uma de total e completa *“te peguei”*.

— Você é um bastardo, — ela disse, numa risada.

Ele acenou com a cabeça. E pressionou dentro dela com sua completa extensão novamente.

Era perfeito que John a estivesse irritando e lhe mostrando um pouco quem era o chefe. Simplesmente perfeito. De alguma maneira, isso a fez respeitá-lo ainda mais... mas por outro lado, ela sempre adorara a força em todas as suas formas. Até a do tipo provocante.

— Eu não estou me rendendo, você sabe.

Ele franziu seus lábios e sacudiu a cabeça, todo *“oh, não, claro que não”*.

E então John começou a se retirar dela. Enquanto Xhex resmungava baixinho em sua garganta, ela afundou as unhas na bunda dele.

— Onde você pensa que vai?

John riu silenciosamente, abriu as coxas dela amplamente, e desceu a distância de Xhex até que voltou para onde começara nela... com sua boca em toda parte de seu sexo.

Seu nome ecoou alto no quarto, saltando ao redor das paredes ladrilhadas enquanto ele lhe dava mais do que exatamente ela queria e precisava.

Ignorar deliberadamente os sons de sexo era uma habilidade que Blay estava pegando muuuuuuuta prática.



Enquanto saía da sala de musculação, ouviu o eco do nome de John através da porta fechada da sala de reabilitação. Dado o tom e o tenor, estava claro que um montão inteiro de conversa não era a causa.

Não a menos que Xhex fosse meteorologista particular e John estivesse lhe dando a previsão do tempo de sua vida.

O que era bom para eles. Considerando o quão empedernido as coisas tinham sido com John e aquelas monótonas transas casuais, isso era uma bênção.

Blay levou um segundo ponderando se retornava para a mansão, e decidiu que dado quanto tempo Qhuinn poderia levar, era muito cedo para se dirigir ao seu quarto. Entrando rapidamente na *vestiariolândia*¹⁸⁵, ele tomou um banho rápido e se trocou, pegando um par de roupas da coleção de Vishous. Lá fora, no corredor mais uma vez, ele se apressou, entrando no escritório e fechando a porta.

Um rápido teste de audição e tudo estava quieto até onde ele sabia, o que era exatamente o que estava procurando. Infelizmente, uma verificada em seu relógio lhe mostrou que consumira apenas uma hora e meia no total. E pensar que sempre assumira que um banho eficiente era uma coisa maravilhosa.

Considerando suas alternativas, decidiu se sentar atrás da escrivaninha. Afinal, não ouvir deliberadamente Xhex e John era uma questão de decoro. Ignorar Qhuinn e Layla? Autopreservação.

Muito melhor aguentar o primeiro do que o último.

Estacionando na cadeira giratória, ele encarou o telefone.

Saxton fora um tremendo de um beijador.

Um... tremendo... de um beijador.

Os olhos de Blay se fecharam brevemente enquanto o calor fluía nele, como se alguém tivesse começado a atear fogo em seu estômago.

Ele estendeu a mão para o receptor... e não pôde executar, sua mão suspensa no ar, mas não o erguendo.

¹⁸⁵ Vestiariolândia (No original, locker-landia): Palavra criada pela autora, fazendo alusão ao vestiário (locker room).



E então se lembrou de Layla saracoteando para fora de seu banheiro, indo em direção à Qhuinn.

Pegando o receptor do gancho, discou o número de Saxton e se perguntou o que diabos estava fazendo enquanto a linha tocava.

— ... Alô...

Blay franziu as sobrancelhas e se endireitou na cadeira do escritório.

— O que houve? — Longa pausa. — Saxton?

Houve uma tosse e uma respiração ofegante.

— Sim, sou eu...

— Saxton, que diabos está acontecendo?

Houve um terrível silêncio.

— Sabe, eu amei beijar você. — A voz abafada ficou melancólica. — E eu amei — outra tosse — estar com você. Eu poderia olhar para o seu rosto pela eternidade.

— Onde você está?

— Em casa.

Blay olhou para seu relógio novamente.

— Onde fica.

— Está buscando bancar o herói?

— Eu preciso bancar?

Dessa vez a tosse não parou depois de apenas um solavanco.

— Temo que... eu... deva ir.

Houve um *click* e o telefone ficou mudo.

Com seus instintos gritando, Blay saiu às pressas pelo armário no túnel subterrâneo, e se desmaterializou depois dos degraus que levavam à mansão.

Ele tomou forma novamente em frente à outra porta, centenas de metros abaixo.



Na entrada do Pit, colocou seu rosto no olho da câmera e apertou o botão do interfone.

— V? Eu preciso de você.

Enquanto esperava, rezou para a Virgem Escriba que Vishous estivesse...

O grande e pesado painel se abriu e V estava no outro lado, seu cabelo molhado, uma toalha preta ao redor da cintura. *Empire State of Mind*, de Jay-Z, soava numa batida ao fundo e o odor do tabaco turco de excelente qualidade flutuava para fora.

— O que foi?

— Preciso que você consiga um endereço pra mim.

Aqueles frios olhos prata se estreitaram, a tatuagem em sua têmpora esquerda se contraindo.

— Que tipo de endereço você está procurando?

— Extraído do número do celular de um civil. — Blay recitou os dígitos que acabara de discar.

V rolou os olhos e deu um passo atrás.

— Brincadeira de criança.

E foi mesmo. Um par de tecladas nos Quatro Brinquedos do Irmão e V ergueu os olhos de seus computadores.

— Vinte e um zero cinco Sienna Court... Onde caralho você está indo?

Blay falou por sobre o ombro enquanto passava a passos largos pelos sofás de couro e pela televisão *widescreen*.

— Saindo pela sua porta da frente.

V se desmaterializou e bloqueou a saída.

— O sol vai surgir em vinte e cinco minutos, sabe?

— Então não me prenda aqui nem mais um segundo. — Blay deslizou seus olhos para os do Irmão. — Me deixe ir.



Todo o “não-negociável” que ele estava sentindo deve ter se mostrado em seu rosto porque V amaldiçoou baixinho.

— Faça isto rápido ou você não vai voltar.

Enquanto o Irmão abria a porta, Blay evaporou no ar direto para fora... e tomou forma em Sienna Court, uma rua traçada por árvores, com diversas casas Vitorianas de vários tons. Ele disparou até o 2105, uma placa com o número perfeitamente condicionado pintado de verde escuro com um enfeite cinza e preto. A varanda dianteira em estilo *Gingerbread*¹⁸⁶ e a porta lateral estavam iluminadas por lanternas, mas do lado de dentro estava tudo escuro.

O que fazia sentido. Indo pelo caminho das vidraças com vidro duplamente refletido, haviam venezianas internas abaixadas no lugar.

Não havia como passar por elas.

Sem muitas opções de infiltração, dado que aqueles protetores de janela sem dúvidas tinham aço neles, Blay subiu em direção à porta da frente e tocou a campainha.

A fraca luz do sol vindo do leste aqueceu suas costas mesmo embora os raios fossem apenas fortes o suficiente para lançar sombras. Maldição, onde estava a câmera? Assumindo que V encontrara a casa certa — e... qual é, ele estava sempre certo — deveria ter um sistema de monitoramento de circuito fechado...

Ah, sim, nos olhos do leão da aldrava¹⁸⁷ da porta.

Inclinando para frente, ele encontrou o rosto de metal e bateu com seus punhos.

— Me deixe entrar, Saxton. — Enquanto seus ombros e espinha esquentavam ainda mais, Blay estendeu a mão atrás de si e afofou a parte de cima das roupas que tinha colocado.

O *click* da fechadura e a virada da maçaneta fizeram com que ele escovasse rapidamente seu cabelo úmido com as mãos.

¹⁸⁶ Gingerbread: estilo altamente detalhado e decorativo, normalmente referente à ornamentação de madeira entalhada à mão e serrada, comuns em estilos carpinteiros desde Vitorianos até góticos.

¹⁸⁷ Aldrava: Argola de ferro articulada, com que se bate às portas, chamando a atenção dos que estão dentro.



A porta abriu somente uma fresta e a casa lá atrás estava envolta em densas sombras.

— O que você está fazendo — tosse — aqui.

Blay gelou quando sentiu cheiro de sangue.

Batendo com força seu ombro nos pesados painéis, ele empurrou para dentro.

— Que diabos...

A voz de Saxton retrocedeu.

— Vá para casa, Blaylock. Por mais que eu o adore, não estou em posição de recebê-lo no momento.

É, um grande “*vá se ferrar*” pra isto. Com um rápido movimento, Blay os fechou do lado de dentro para manter o sol do lado de fora.

— O que aconteceu? — Embora ele soubesse. Em um nível instintivo, ele sabia. — Quem bateu em você?

— Eu estava prestes a tomar banho. Talvez você queira se juntar mim? — Enquanto Blay engolia com dificuldade, Saxton riu um pouco. — Tudo bem. Eu tomarei um e você tomará um café. Porque pelo que parece, você é meu convidado para passar o dia.

Houve o som da fechadura girando na porta, e depois o macho se afastou arrastando os pés — o que sugeria que ele poderia estar mancando.

Embora não fosse possível ver Saxton na densa escuridão, os sons dele caminhando se dirigiam à direita. Blay hesitou. Não havia sentido em verificar seu relógio novamente. Sabia que a chance de voltar provável tinha passado.

Ele iria de fato ficar durante o dia.

O outro macho abriu caminho para dentro de um porão, revelando um conjunto de degraus vagamente iluminados que conduziam à parte inferior. No suave brilho da iluminação, o lindo cabelo loiro de Saxton estava emaranhado com uma mancha cor de ferrugem.

Blay marchou adiante e agarrou o braço do cara.

— Quem fez isso com você?



Saxton se recusou a olhar para trás, mas seu profundo tremor disse muito sobre o que sua voz já revelara: ele estava cansado e com dor.

— Vamos dizer... que eu não devo ir mais a um *cigar bar*¹⁸⁸ tão cedo.

Aquele beco do lado do bar... merda, Blay partira primeiro, mas ele assumira que Saxton tinha feito o mesmo.

— O que aconteceu depois que eu fui embora?

— Não importa.

— O caralho que não!

— Se pudesse fazer a gentileza, permita-me — mais daquela maldita tosse — voltar para a cama. Especialmente se for ficar irritado. Não estou me sentindo particularmente bem.

Com isto, ele olhou por sobre o ombro.

A respiração de Blay disparou de seus pulmões.

— Oh... meu Deus, — ele sussurrou

¹⁸⁸ Cigar Bar: Bar específico aonde as pessoas vão para fumar charutos.



Capítulo QUARENTA E SEIS

O sol estava prestes a perfurar o véu da floresta quando Darius e Thorment tomaram forma na frente da pequena cabana com teto de palha, quilômetros e quilômetros e quilômetros longe do local da abdução, e da mansão ao lado... E aquele coisa réptil que os havia saudado naquele úmido corredor subterrâneo.

— *Você está certo sobre isso?* — *Tohrment perguntou, mudando sua bolsa para seu ombro oposto.*

No momento, Darius não sentia certeza sobre nada. De verdade, ele estava surpreso que ele e o garoto tinham arranjado para se livrar daquela casa do symphath sem uma briga. De fato, de qualquer maneira, eles foram escoltados para fora, como se tivessem sido convidados.

Então de novo, comedores de pecados sempre mantinham suas próprias melhores vantagens em vista, e verdadeiramente, Darius e Tohrment estavam muito agradecidos de sair daquela casa vivos, em vez de mortos.

— *Você tem certeza?* — *Tohrment incitou novamente.* — *Você hesitou em ir ali.*

— *Ah, minha demora não tem nada a ver com você.* — *Darius andou para frente, pegando o caminho batido que levava a frente da casa, o dito caminho tendo sido criado pelo repetido passo de suas próprias botas.* — *Eu não irei querer você dormindo no frio chão de pedra da Tumba. Meu lar é áspero, mas tem um teto e paredes suficientes para abrigar não um, mas dois.*

Por um breve momento, ele interpretou uma fantasia que vivia como tinha uma vez antes, em um castelo cheio de quartos, e doggens, e adoráveis mobílias, num lugar tão luxurioso onde ele pudesse abrir suas portas para amigos e famílias, e ter aqueles a quem ele amava protegidos e seguros e supervisionados.

Talvez ele fosse achar um modo de ter aquilo de novo.

Embora, dado que ele não tinha família e amigos, dificilmente era algo a aspirar com entusiasmo.



Batendo o trinco de ferro fundido, ele colocou seu torso na porta de carvalho — O que considerando seu tamanho e altura, era mais que uma parede móvel. Depois que ele e Tohr foram para dentro, ele acendeu a lâmpada a óleo que pendurava da entrada e os fechou dentro, deitando uma larga viga grossa como um tronco de árvore acima da porta.

Tão modesto. Apenas uma poltrona a frente da lareira e um único colchão acima do caminho. E lá não havia muito mais para ter embaixo da terra, apenas uma preciosa provisão e um túnel escondido que terminava bem dentro dos limites da floresta.

— Comemos algo? — Darius disse enquanto começava a se desarmar.

— Sim, senhor.

O garoto removeu suas próprias armas e foi para a lareira, agachando-se para acender a turfa¹⁸⁹ que estava sempre colocada quando não havia um fogo queimando. Enquanto o cheiro da fumaça do musgo desvanecia, Darius puxou a porta do alçapão no chão sujo e foi para o subterrâneo, por sua comida, cerveja, e seus pergaminhos. Ele voltou com queijos e pães, e carne de cervo defumada.

O fogo lançou um brilho sobre o rosto de Tohr enquanto ele esquentava suas mãos e perguntava.

— O que você deduz disso tudo?

Darius se juntou ao garoto e dividiu o que ele pouco tinha a oferecer, com o único convidado que já teve em sua casa.

— Eu sempre acreditei que o destino faz estranhos para companheiros de cama. Mas o conceito que nossos interesses possam estar alinhados com uma daquelas... Coisas... É uma anátema¹⁹⁰. — Então de novo, ele pareceu igualmente disposto em relação ao choque e consternação. — Na verdade, os comedores de pecado nos favorecem com não mais arrependimentos do que nós os favorecemos. Não somos nada além de ratos aos pés deles.

Tohrment tomou parte da cerveja da jarra.

— Eu nunca desejaria misturar meu sangue com o deles — Eles dão nojo aos meus sentidos. Todos.

¹⁸⁹ Usado para calefação.

¹⁹⁰ Aberração.



— E ele sente o mesmo. O fato de que seu filho de sangue tomou à fêmea, e a manteve cativa mesmo por um dia dentro de suas paredes, o deixa doente. Ele está tão interessado como nós em achar ambas as partes retornando para suas famílias.

— Mas porque usar nossos serviços?

Darius sorriu friamente.

— Para punir o filho. Essa é a perfeita ação corretiva... que a espécie de sua fêmea lhe arranque seu "amor" dos braços, deixando-o com a sobrecarga daquela ausência como também o conhecimento de que foi vencido por seus inferiores. E se nós a levarmos para casa segura? Sua família irá se mudar e levá-la para longe, e nunca, nem ao menos deixar a desgraça vir sobre ela de novo. Ela irá viver longamente na terra, e o descendente daquele comedor de pecados irá ter que saber, cada dia que ele respirar. Isso está na natureza deles... E esta é precisamente a forma de romper-lhe o coração que seu pai não poderia empreender sem você ou eu. É por isso que nos disseram aonde ir, e o que íamos encontrar.

Tohrment sacudiu sua cabeça, como se ele não entendesse o jeito que a outra raça pensava.

— Ela estará arruinada aos olhos de sua linha de sangue. Realmente, a glymera irá afastar todos eles.

— Não, eles não irão. — Darius levantou sua palma para parar a conversa do garoto. — Porque eles nunca irão saber. Ninguém irá. Este segredo deverá ficar entre mim e ti. Realmente, o comedor de pecados não tem motivos para falar, pois sua própria espécie afastaria ele e os seus — Desta forma a fêmea será protegida da desonra.

— Como nós iremos cumprir tal fraude com Sampson, no entanto?

Darius trouxe a jarra de cerveja para seus lábios e engoliu.

— Amanhã, ao cair da noite, nós devemos seguir para o norte, como o comedor de pecados sugeriu. Nós devemos achar o que é nosso, e trazê-la para casa, para sua família de sangue e dizer a eles que foi um humano.

— E se a fêmea falar?

Darius havia considerado aquilo.



— *Eu suspeito que como uma filha da glymera, ela está consciente do quanto ela se coloca a perder. Silêncio deve proteger não só ela, mas sua família.*

Embora, a lógica antecedente assumia que quando a encontrassem, ela estaria em seu juízo perfeito. E se esse não fosse o caso, que a Virgem Escriba aliviasse a alma torturada da fêmea.

— *Isso poderia ser uma emboscada* — Tohrment murmurou.

— *Talvez, mas eu não acredito. Além disto, de qualquer jeito, eu não estou com medo de nenhum conflito* — Darius levantou seu olhar para seu protegido.
— *A pior coisa que pode acontecer é que eu morra tentando encontrar uma inocente.* — *E essa é a melhor maneira de morrer. E se isso for uma armadilha, eu garanto que irei levar uma legião em meu caminho para o Fade.*

A face de Tohrment brilhou positivamente com respeito e reverência, e Darius sentiu tristeza diante da mostra de confiança. Se o garoto tivesse tido um pai de verdade, ao invés de um selvagem luxurioso, ele não teria se sentido desta forma com um macho que lhe era relativamente estranho.

Muito menos estaria em seu modesto refúgio.

Entretanto, Darius não teve coração para apontar este fato a seu convidado.

— *Mais queijo?*

— *Sim, obrigado.*

Enquanto eles terminavam sua refeição, os olhos de Darius foram para suas adagas negras, que estavam pendurando do arnês que ele usava sobre seu peito. Ele tinha a estranha convicção de que não levaria muito tempo antes que Tohrment ganhasse seu par — *O garoto era esperto, e tinha recursos, e seus instintos eram bons.*

Claro que, Darius não o tinha visto lutando ainda. Mas aquilo ia chegar. Nessa guerra, sempre chegava.

O cenho de Tohrment enrugou à luz do fogo.

— *Qual a idade que ele falou que ela tinha?*

Darius limpou sua boca num pano e sentiu a nuca do seu pescoço se tencionar.



— Eu não sei.

Os dois caíram em silêncio, e Darius supôs que subitamente o que estava girando em sua cabeça, estava na cabeça de Tohrment também.

A última coisa que a situação precisava era uma complicação além do horrível.

Lamentavelmente, com emboscada ou não, eles iriam seguir para o norte para a área costal que o symphath os havia direcionado. Uma vez lá, eles seguiriam um quilômetro e meio fora da pequena vila, e achariam sob o penhasco, o refúgio que o comedor de pecados havia descrito... E eles iriam descobrir se eles tinham sido remetidos a uma mentira.

Ou se haviam sido usados com um motivo interior, alinhando ambos e aquele magro réptil.

No entanto, Darius não estava realmente preocupado. Comedores de pecados não eram confiáveis, mas eles eram compulsivos, auto-serventes... E vingativos até contra seus próprios filhos.

Era um caso de natureza contra caráter: O último os fazia uma aposta ruim, o primeiro os fazia absolutamente previsíveis.

Ele e Tohrment iriam achar o que estavam procurando ao norte próximo ao mar. Ele simplesmente sabia.

A questão era, em quais condições estaria a pobre fêmea...





Capítulo QUARENTA E SETE

Quando John e Xhex finalmente emergiram de seu pequeno momento de intimidade, a primeira parada foi na ducha do vestiário. E um banho era crucial depois de tudo o que fizeram¹⁹¹. Eles se revezaram, sendo que Xhex entrou primeiro.

Enquanto John esperava a sua vez no corredor, pensava em como a vida era interessante – ele deveria estar exausto. Em vez disso, sentia-se energizado, vivo, cheio de força. Ele não havia se sentido tão forte assim desde... nunca.

Xhex saiu do vestiário. – Sua vez.

Cara, ela parecia sexy como o inferno, esse cabelo curto que se ondulava ao secar-se, o corpo vestido em uma roupa hospitalar, os lábios vermelhos. Flashes do que haviam feito juntos deixaram-no excitado e ele acabou indo de costas até a porta, apenas para poder manter os olhos nela.

E assim, quando ela sorriu para ele, seu coração partiu ao meio: a calidez e a suavidade nela a fazia mais que adorável.

Ela era a sua fêmea. Para sempre.

Quando a porta se fechou suavemente entre eles, sentiu o pânico lhe assaltar enquanto o ferrolho fazia um "clique" de encaixe, como se ela não estivesse somente fora de sua vista, mas absolutamente ausente. O que era uma loucura. Espantando a paranoia, tomou banho rapidamente e vestiu um uniforme médico, ignorando deliberadamente o quão ligeiro o banho havia sido.

Ela ainda estava ali quando saiu e apesar de ter a intenção de pegar a sua mão e encaminhar-se até a mansão, terminou abraçando-a com força.

A questão era que todos os mortais acabariam perdendo aqueles que amavam. Essa era a maneira que a vida funcionava. Mas na maioria das vezes, essa realidade estava tão distante dentro da mente que não tinha mais importância, era uma mera hipótese. Havia os lembretes, contudo, e os "quase", os "por pouco" e os "Oh-Deus-por-favor-não", que rompiam a cadeia e

¹⁹¹ No original: expressão idiomática que informa quando algo é crucial - as food was mission-critical after all the exercise.



faziam você parar para examinar o que havia em seu coração. Como quando uma forte dor de cabeça resultava ser apenas uma enxaqueca; ou quando em um acidente de carro, a caminhonete foi completamente atingida, mas o assento do bebê e os airbags salvaram todas as pessoas que estavam dentro; ou quando alguém que foi sequestrado conseguia voltar do cativeiro... estes resultados lhe sacudiam e lhe faziam desejar abraçar a pessoa para manter-se estável.

Deus, nunca antes havia pensado propriamente nisso, mas a partir do primeiro batimento cardíaco do corpo, é como se uma campainha tocasse e o um relógio comesse a correr. Uma barganha que você nem sequer é ciente de ter aceitado é colocada em jogo, com o destino segurando todas as cartas. Com os minutos, horas, dias, meses e anos passando, a história é escrita enquanto você corre contra o tempo até a última batida de seu coração, marcando o fim do percurso e o tempo de registrar as vitórias e derrotas.

Estranho como a mortalidade fazia desses momentos com ela, infinitos.

E enquanto segurava Xhex contra ele, sentindo a calidez dela aumentar a sua própria, se sentia rejuvenescido até a medula, equilibrado, nesse território do vale-a-pena-viver-a-vida.

O grunhido do estômago dele foi o que os separou.

– Vamos – ela disse – nós precisamos alimentar a sua besta.

Ele assentiu, agarrou a mão dela e começou a andar.

– Você tem que me ensinar a linguagem dos sinais – Xhex disse enquanto eles entravam no escritório e abriam a porta do armário de suprimentos. – Como, agora.

Ele assentiu novamente enquanto entravam no limitado espaço e Xhex os fechava juntos. Hmm... outra dose de intimidade. Uma porta fechada... roupas soltas...

O degenerado¹⁹² que havia nele mediu o espaço que tinham para se moverem, fazendo com que seu pênis estremecesse dentro da roupa médica. Se ela colocasse suas pernas ao redor de seus quadris, eles poderiam se encaixar bem...

¹⁹² No original: Rat Bastard, personagem de quadrinho com características peculiares, calhorda, safado, degenerado.



Xhex chegou mais perto e colocou a mão sobre a ereção que havia atrás do fino algodão que cobria os seus quadris. Nas pontas dos pés, roçou o pescoço dele com os lábios, uma presa arranhando a sua jugular.

– Continuando assim, nós nunca vamos encontrar uma cama. – Ela baixou a voz ainda mais enquanto o acariciava. – Deus, você é grande... Eu já te disse o quão profundo vai em mim? Muito fundo. Muuuuito booom e muito profundo.

John caiu para trás contra uma pilha de blocos de papéis jurídicos amarelos, derrubando-os da prateleira. Enquanto ele lutava para pegá-los antes que caíssem no chão, ela o deteve, puxando-o para cima novamente.

– Fique onde está – ela disse, ajoelhando-se – Eu gosto muito desta vista.

Enquanto ela pegava o que tinha voado, cravou os olhos em sua ereção... a qual, naturalmente, tentava liberar-se do que a mantinha oculta do olhar, da boca e do sexo dela.

As mãos de John se agarraram à borda de uma das prateleiras enquanto a observava olhá-lo, sua respiração soava como uma serra em seus pulmões.

– Acho que eu já recolhi todos os blocos – ela disse depois de um momento – Será melhor que os coloquemos em seus lugares.

Ela se encostou nas pernas dele e lentamente começou a levantar-se, o rosto acariciando os joelhos, as coxas...

Xhex passou justo por cima de seu pênis, roçando com os lábios o lado inferior da maldita coisa. Enquanto ele relaxava a cabeça, recostando-a numa das prateleiras, ela continuou o seu caminho ascendente de modo que seus seios foram os seguintes a acertar esse lugar elétrico.

Ela terminou a tortura ao deslizar os blocos jurídicos em seu lugar... enquanto esmagava os seus quadris contra os dele.

Em seu ouvido, ela sussurrou, – Vamos comer rápido.

Muito. Malditamente. De acordo.

Ela se afastou dele mordiscando-lhe o lóbulo da orelha, mas ele ficou exaaaaatamente onde estava. Porque se a calça do uniforme adicionasse uma pitada de fricção a sua equação sexual, iria terminar coberto com o seu próprio orgasmo.



O que geralmente não era uma coisa ruim, ao menos não quando estava com ela, mas levando-se em consideração que este não era realmente um lugar privado. A qualquer momento podia entrar algum dos Irmãos ou alguma de suas *shellans* e se deparar com essa visão, ninguém iria sentir-se confortável.

Depois de praguejar e fazer um sério trabalho de acomodação abaixo da cintura, John teclou um código e abriu caminho até o túnel.

– Então, qual é a posição de mão para a letra A? – ela perguntou enquanto saíam e começavam a caminhar.

Pelo tempo que eles chegaram ao "D" estavam saindo da porta oculta que havia embaixo da escada principal da mansão. Estavam na letra "I" no interior da cozinha, a caminho da geladeira. O "M" os levaram em meio a um par de sanduíches... e por terem as mãos ocupadas com o peru assado, a maionese, o alface e o pão, não avançaram muito no alfabeto. Eles não o fizeram muito melhor durante o tempo em que se empenharam em comer, apenas "N", "O" e "P", mas ele poderia dizer que ela estava praticando na sua mente, seus olhos estavam fixos na meia distância que havia entre eles, evidenciando que mentalmente repassava o que ele esteve-lhe ensinando.

Ela aprendia rapidamente e isso não era uma surpresa. Enquanto limpavam, foram para o "Q", logo o "V" e estavam saindo da cozinha quando ele ensinou o "X", o "Y" e o "Z"...

– Bom, eu estava indo procurá-lo. – Z se deteve no arco que separava a sala de jantar – Wrath convocou uma reunião. Xhex, você vai querer estar lá.

O Irmão girou, em um passo lento, cruzou o mosaico de macieira que havia no piso do vestíbulo e dirigiu-se a grande escadaria.

– Seu rei costuma fazer isso no meio do dia? – perguntou Xhex.

John sacudiu a cabeça, vocalizou e gesticulou ao mesmo tempo: *algo está acontecendo*.

O casal seguiu Z rapidamente, subindo as escadas de dois em dois.

No segundo piso, toda a Irmandade estava amontoadada no estúdio de Wrath e o Rei estava sentado no trono de seu pai atrás da mesa de trabalho. George estava enrodilhado em um assento junto a seu amo e Wrath acariciava a cabeça quadrada do Golden Retriever com uma mão, enquanto com a outra fazia girar no ar um abridor de cartas em forma de adaga.



John ficou atrás e não só porque isso era uma SFP¹⁹³, dado o número de corpos grandes que havia na sala. Ele queria estar perto da porta.

O humor de Xhex havia mudado completamente.

Certo como se tivesse trocado a roupa emocional, tinha passado de uma camisa de flanela, a uma cota de malha¹⁹⁴: ela estava inquieta enquanto estava ao lado dele, trocando o ponto de apoio uma e outra vez passando de um pé a outro.

Ele sentia quase o mesmo.

John olhou ao redor. Em frente a ele Rhage estava abrindo um Toostie Pop¹⁹⁵ de uva e V acendia um cigarro enquanto colocava Phury no viva-voz. Rehv, Tohr e Z andavam pra lá e pra cá e Butch estava em seu sofá no melhor estilo Hugh Hefner¹⁹⁶ com seus pijamas de seda. Qhuinn, entretanto, estava apoiado contra a parede perto das cortinas azul pálido e era evidente que havia estado numa peleja sexual: seus lábios estavam vermelhos, por seu cabelo haviam passado uns quantos dedos e tinha a camisa em parte metida por dentro da calça e a outra caindo por fora na parte da frente.

O que levava a se perguntar se ele não tinha uma ereção a esconder.

Onde estava Blay? Perguntou-se John. E com quem infernos Qhuinn acabava de ter relações?

– Então, V recebeu uma maldita mensagem de voz na caixa de correios geral. – Enquanto Wrath falava, seus óculos envoltivos examinavam a multidão, ainda que por trás deles estivesse totalmente cego – Em vez de perder tempo com a explicação, eu vou reproduzi-la para vocês.

Vishous deixou a cigarrilha entre os lábios enquanto puxava o telefone e dançava através dos números do teclado adicionando a direção do correio e as contra-senhas.

E então John ouviu aquela voz. Aquela insidiosa voz do caralho.

¹⁹³ Sala de Ficar em pé. No original, SRO, Standing Room Only.

¹⁹⁴ Proteção para o corpo feito de argolas de metal. Muito usada por cavaleiros medievais.

¹⁹⁵ Marca de pirulito.

¹⁹⁶ Alusão ao idealizador da Playboy, por apresentar-se sempre com um roupão por sobre as suas pijamas de seda.



– Aposto que vocês não esperavam voltar a ter notícias minhas. – O tom de Lash era de sinistra satisfação – Surpresa, filhos da puta e adivinha o quê? Estou a ponto de lhes fazer um favor. Talvez queiram saber que esta noite houve uma indução em massa na Sociedade Lessening. Em uma fazenda da Rodovia 149. Ocorreu ao redor das quatro da manhã. Desta forma, se moverem os seus traseiros e se dirigirem ali assim que a noite cair, pode ser que vocês ainda os encontre vomitando por todo o lugar. E PSI¹⁹⁷, usem botas à prova d'água... aquilo está uma bagunça. Oh, e diga a Xhex que eu ainda posso senti-la...

V parou o viva-voz.

Enquanto os lábios de John se separavam revelando suas presas, ele deixou escapar um grunhido sem som, o quadro que estava na parede atrás dele tremeu.

Quando George queixou-se, Wrath o tranquilizou e apontou o outro lado da sala com o abridor de cartas.

– Terá sua oportunidade com ele, John. Juro sobre a tumba de meu pai. Contudo, eu necessito que se concentre neste jogo agora, entende?

Era mais fácil dizer do que fazer. Refrear o impulso assassino era como conter um pitbull com uma mão atrás das costas.

Junto a ele, Xhex franziu o cenho e cruzou os braços sobre o peito.

– Estamos bem? – exigiu Wrath.

Quando finalmente John assoviou um assentimento, Vishous exalou uma nuvem de fumaça de tabaco turco e clareou a garganta.

– Ele não deixou um endereço exato para esse, assim chamado, massacre. E eu tentei rastrear o número do qual me chamou e não consegui nada.

– O que eu gostaria de saber – disse Wrath – é que porra está acontecendo. Ele é o chefe da Sociedade Lessening... então se o seu tom fosse de "tenho-ou-não-as-maiores-bolas-do-mundo?" legal, eu entenderia essa merda. Mas essa não foi a impressão que me deu.

– Ele está delatando. – Vishous apagou o cigarro no cinzeiro- Isso é o que souu para mim – entretanto eu não apostaria minhas grandes bolas nisso.

¹⁹⁷ Para Sua Informação. No original, FYI, For Your Information.



Agora que John tinha enjaulado o seu inferno interior e era capaz de raciocinar adequadamente, sentia-se inclinado a concordar com o Irmão. Lash era um bastardo egoísta e de tão confiável como uma cascavel, mas a questão era que, quando você não podia contar com a moralidade, definitivamente podia contar com o narcisismo: isso fazia que o bastardo fosse completamente previsível.

John estava seguro disso... a tal ponto que sentia como se já houvesse passado por tudo isso antes.

– É possível que tenha sido destronado – murmurou Wrath – Talvez o papaizinho tenha decidido que o seu filho não era tão divertido, afinal de contas? Ou o brilho do mau, quebrou o novo brinquedo. Há alguma merda na estranha biologia de Lash que possa estar aparecendo somente agora? Nós iremos, mas eu quero que tenhamos em mente que é uma emboscada...

Na sala houve um grande consenso pelo plano, assim como alguns comentários agressivos envolvendo o traseiro de Lash e vários tipos de instrumentos de grande calibre e impacto que poderiam utilizar: sendo que as botas tamanho quarenta e seis¹⁹⁸ era o que mais probabilidade tinha de provocar dano, mas dificilmente era a mais criativa.

Assim como, John duvidava seriamente que Rhage pudesse de fato estacionar o seu GTO no lugar onde o sol-não-brilha¹⁹⁹ do cara. Ou queria fazer.

Cara... que reviravolta. E ainda assim realmente não era nenhuma surpresa... se o que eles estivessem imaginando de fato tivesse acontecido. O Ômega era conhecido por passar de *Fore-lesser* para *Fore-lesser* tão rápido como um relâmpago²⁰⁰ e o sangue²⁰¹, para ele, não vinha antes que a maldade, por assim dizer. E se Lash foi chutado para a sarjeta, a sua ligação para a Irmandade, mesmo com o propósito de mostrar o dedo do meio para seu pai, era uma manobra brilhante... especialmente quando os *lessers* estão mais fracos justo depois de suas induções e portanto, eram incapazes de defenderem-se.

Os Irmãos podiam limpar a casa.

¹⁹⁸ No original, size 14.

¹⁹⁹ No original, the guy's sun-don't-shine, numa referência ao ânus do indivíduo.

²⁰⁰ No original, shit through a goose, significando rapidez.

²⁰¹ No original, blood wasn't necessarily thicker than evil, significando que a consaguinidade não importava para o Ômega.



Jesus Cristo, pensou John. O destino produzia os mais estranhos aliados.

Xhex estava fervendo em fogo baixo enquanto permanecia de pé junto a John naquele estúdio que, salvo pela mesa de trabalho e o trono, poderia ter sido confundido com a salinha de estar de uma fêmea francesa.

O som da voz de Lash saindo daquele telefone a fez sentir-se como se o seu estômago tivesse sido esfregado com amônia; a queimação e a agitação fazendo com que aquele pobre e bem-intencionado sanduíche de peru que acabava de comer, não caísse bem.

E a suposição por parte de Wrath de que John ia defender a honra dela não acalmava as coisas.

– Assim que nos infiltrarmos – estava dizendo o Rei Cego – Ao cair da noite, todos vocês dirijam-se a 149 e...

– Eu irei agora. – Ela falou alto e claro – Dê-me um par de armas e uma faca e irei checar isso agora mesmo.

Okaaaaaay. Nem tirando o pino de uma granada de mão e atirando no meio da sala, ela poderia ter conseguido mais atenção.

Enquanto o emocional de John se voltava negro com um “oh-não-você-não-vai”, Xhex começou a contagem regressiva para a explosão.

Três... dois... um...

– Essa é uma oferta muito generosa – disse o rei adotando um tom de persuadamos-a-fêmea – Mas eu penso que seja melhor...

– Você não pode me deter. – Ela deixou cair os braços dos lados... recordando a si mesma que não estava a ponto de atacar fisicamente o cara. De verdade. Ela não iria fazê-lo.

O sorriso do rei foi quase tão cálido como gelo seco.

– Eu sou o soberano aqui. O que significa que se digo a você que aguarde instruções, você vai fodidamente fazer isso.





– E eu sou uma *symphath*. Não um de seus súditos. Mas ainda, você é inteligente o bastante para não enviar o que tem de melhor²⁰². – Ela fez um gesto ao redor da sala a todos os Irmãos – ...em uma possível emboscada feita pelo seu inimigo. Eu estou disponível... ao contrário deles. Pense nisso. Você vai perder um deles apenas porque você não quer que eu pegue um pouco de sol hoje?

Wrath riu asperamente.

– Rehv? Você quer ponderar sobre isso como rei da raça dela?

Do outro lado da sala, o antigo chefe e querido amigo dela, o bastardo, a olhou fixamente com seus olhos ametistas que sabiam muito.

Você vai fazer com que lhe matem. – Ele disse a ela em pensamento.

Não me retenha. – Ela retornou a ele. – *Eu nunca vou perdoar você.*

Continue agindo assim e o perdão é a última coisa de que estarei preocupado. Estarei preocupado é com o seu funeral crematório.

Eu não o detive quando foi até a colônia quando precisou. Inferno, você atou minhas mãos, então eu não pude. Você está dizendo que eu não mereço minha vingança? Foda-se.

Rehvenge apertou a mandíbula com tanta força que quando finalmente abriu a boca, Xhex se surpreendeu que ele não tivesse cuspidos os pedaços de dente.

– Ela pode ir, fazer o que ela quiser. Você não pode salvar uma pessoa se ela não quer o fodido bote salva-vidas.

A fúria do macho absorveu a maior parte do ar da sala, mas ela estava tão concentrada que não precisava que os seus pulmões, de todas as formas, funcionassem corretamente.

Obsessão era tão boa como o oxigênio. E qualquer coisa que tivesse a ver com Lash era combustível para seu fogo.

– Eu preciso de armas – Ela disse para o grupo. – E roupa de couro e um telefone para comunicação.

²⁰² Assets.



Wrath grunhiu baixo e profundo. Como se fosse tentar encerrá-la contrariando a autorização de Rehv.

Caminhando até a frente, Xhex plantou as palmas das mãos na mesa de trabalho do Rei e se inclinou até ele.

– Pode me perder ou correr o risco de perder a eles. Qual a sua resposta, Sua alteza?

Wrath se pôs de pé e por um momento Xhex captou um sinal claro de que apesar de ocupar o trono, ele ainda era letal como o inferno.

– Cuidado. Com. O. Seu. Tom. Na minha fodida casa.

Xhex inalou profundamente e se acalmou.

– Eu peço desculpas. Mas você tem que entender o meu ponto de vista.

Enquanto o silêncio se expandia, ela podia sentir a ameaça iminente de John... e soube que ainda que pudesse passar pelo bloqueio do rei, ela ainda passaria um maldito tempo regateando com o macho próximo a porta. Mas a sua partida não estava aberta a discussões com ninguém.

Wrath amaldiçoou baixo e longamente.

– Bem. Vá. Eu não serei responsável se você se matar.

– Sua alteza nunca foi responsável. Ninguém, salvo eu, sou... e nenhuma coroa sobre a tua cabeça ou na de nenhum outro mudará isso.

Wrath olhou na direção de V e praticamente grunhiu:

– Eu quero essa fêmea coberta de armas.

– Sem problemas. Vou abastecê-la bem.

Quando se dispunha a seguir Vishous para sair, ela parou em frente a John e desejou ter uma forma diferente de jogar – especialmente quando ele a segurou pelo bíceps com força. Mas o fato era, a oportunidade estava lá fora e ela tinha até o cair da noite para aproveitá-la: se havia alguma pista de onde podia estar Lash, seria melhor que a usasse para chegar até ele se queria um tiro certo sobre o bastardo. Chegada da noite? John e a Irmandade estariam livres para encarregar-se da situação... e eles não iriam hesitar em matar o seu alvo.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Sim, Lash teria que pagar pelo o que tinha feito a ela, mas precisava ser a única a cobrar essa dívida: quando se tratava de enterrar quem lhe tinha feito dano, ela se tornava a verdadeira "puta" desse alegre ditado sobre vingança²⁰³.

Em voz baixa, para que ninguém mais pudesse ouvi-la, ela disse, – Não sou alguém que você precise proteger, e você sabe *muito bem* porque tenho que fazer isso. Se você me ama como acredita que faz, você soltará o meu braço. Antes que eu o arranque do seu agarre.

Quando ele empalideceu, ela rezou por não ter que usar a força.

Mas não foi necessário. Ele liberou o aperto.

Atravessando a porta do estúdio, ela passou a frente de V e ladrou sobre o ombr, – Esta perdendo tempo, Vishous. Preciso de algum aço.

²⁰³ Xhex se refere ao ditado norte americano, "payback is a bitch" (a vingança é uma puta).



Capítulo QUARENTA E OITO

Enquanto Xhex saía com V, o primeiro pensamento de John foi o de descer, colocar-se em frente à porta que se abria ao exterior da mansão, e impedi-la fisicamente de sair.

O segundo pensamento foi o de ir com ela... apesar de que isso só iria transformá-lo no equivalente vampiro de fogos de artifício lançados dentro de um quarto.

Jesus Cristo, toda vez que ele pensava ter alcançado um novo nível com ela, o tapete era puxado debaixo de seus pés e ele caía em um lugar mais duro e infernal: Ela tinha acabado de se oferecer para ir a um local desconhecido que ela mesma admitiu ser muito perigoso para os Irmãos. E ela estava fazendo isso sem apoio e sem nenhuma maneira de ele chegar até ela se fosse atingida.

Enquanto Wrath e Rehv caminhavam até ele, o estúdio entrou novamente em foco e ele percebeu que todos já tinham ido embora - exceto Qhuinn, que estava pairando pelo canto, franzindo a testa para seu telefone celular.

Rehvenge exalou profundamente, claramente no mesmo barco fodido em que John estava

— Escute, eu...

John sinalizou rápido: *Que diabos você está fazendo, deixando-a sair daquele jeito?*

Rehv passou mão sobre o corte moicano. — Eu vou cuidar dela...

Você não pode sair durante o dia. Como diabos você vai...

Rehv rosnou baixa e profundamente. — Cuidado com a sua atitude, garoto.

Certo. Ok. A coisa errada a dizer no dia errado: John chegou bem perto do rosto do homem, despiu suas presas, e pensou em voz alta e clara: *Essa é a minha fêmea lá fora. Sozinha. Assim você pode foder a minha atitude.*

Rehv amaldiçoou e fixou em John o olhar duro. — Cuidado com essa coisa de “sua fêmea”... estou apenas dizendo. No final seu jogo não envolve qualquer pessoa, apenas ela mesma, entende?



O primeiro instinto de John era dar um soco no bastardo, apenas socá-lo nos olhos.

Rehv riu. — Você quer tentar? Por mim tudo bem. — Ele colocou sua bengala vermelha de lado e jogou o seu casaco de zibelina nas costas de uma cadeira ornamentada. — Mas isso não vai mudar nada. Você acha que qualquer pessoa pode lê-la melhor do que eu? Eu a conheço a mais tempo do que você vive.

Não, você não conhece, John pensou, por algum motivo estranho.

Wrath se colocou entre eles. — Ok, ok, ok... Vá cada um para o seu lado, meninos. Vocês estão pisando em um tapete Aubusson. Se vocês deixarem sangue nele eu vou ter Fritz metido tão fundo na minha bunda, que vou tossir em seu lenço.

— Olha, John, eu não estou tentando encher o seu saco, — Rehv murmurou. — Só que eu sei como é amá-la. Não é culpa dela que ela seja dessa maneira, mas é o inferno para outras pessoas, confie em mim.

John deixou cair os punhos. Merda, ele queria argumentar, o filho da puta de olhos roxos provavelmente estava certo.

Risque o "provavelmente". Ele estava certo... John tinha aprendido isso da maneira mais dura. Várias vezes.

Ok, ele vocalizou.

— Isso resume tudo.

John deixou o estúdio e desceu para o vestibulo com alguma esperança vã de que ele poderia convencê-la de não sair. Enquanto ele andava sobre o piso de mosaico, cortando o caminho sobre a representação de uma macieira, pensou no abraço que eles compartilharam do lado de fora do vestiário. Como diabos eles tinham ido de estarem tão próximos a... isso?

Aquele momento aconteceu mesmo? Ou o seu estúpido lado afeminado, apenas inventou aquilo porque ele era TEP²⁰⁴?

Dez minutos depois, Xhex e V saíram pela porta secreta debaixo da grande escadaria.

²⁰⁴ TEP: Triste e Patético; no original, SAP, Sad And Pathetic.



Quando ela caminhou em direção ao hall, estava como quando John a viu pela primeira vez: calças de couro preta, botas e camiseta regata preta. Havia uma jaqueta de couro pendurada em sua mão e armas amarradas ao seu corpo em quantidade suficiente para equipar uma equipe SWAT.

Ela fez uma pausa quando ela veio até ele e, quando seus olhos se encontraram, pelo menos ela não se incomodou em dizer qualquer merda tipo, *vai dar tudo certo*. Por outro lado, ela não ia ficar. Nada do que ele poderia dizer que ia mudar isso - a resolução era aparente em seus olhos.

Como as coisas estavam agora, ele achou muito difícil acreditar que ela havia algum dia envolvido os braços ao redor dele.

Assim que V abriu a porta do vestibulo, ela virou-se e passou pela porta sem uma palavra, nem mesmo um olhar para trás.

Vishous trancou novamente enquanto John olhava para os painéis pesados e imaginava exatamente quanto tempo levaria para rasgar seu caminho através delas com as malditas mãos nuas.

A lima de um isqueiro foi seguida por uma expiração lenta.

— Eu lhe dei o melhor de tudo. Calibres 40. Combinadas. Três pentes para cada arma. Duas facas. Um celular novo. E ela sabe como usar essa merda.

A mão pesada de V bateu-lhe no ombro e apertou e, em seguida, o Irmão partiu, as botas pisando e num ritmo pesado por todo o chão de mosaico. Um segundo depois, a porta secreta pela qual Xhex emergiu, fechou-se enquanto ele descia pelo túnel para voltar para o Pit.

Desamparo realmente não combinava com ele, John pensou, sua mente começando a cantarolar da mesma maneira que tinha feito quando Xhex o havia encontrado no chão do chuveiro do vestiário.

— Você quer assistir TV?

John franziu a testa ao ouvir a voz calma e olhou para a direita. Tohr estava na sala de bilhar, sentado no sofá de frente para a tela plana sobre a lareira ornamentada. Seus coturnos estavam em cima da mesa de café, o braço alisando o encosto do sofá, o controle remoto encarando a TV Sony.

Ele não o olhou. Não disse mais nada. Ficou apenas mudando os canais.



Escolhas, escolhas, escolhas, John pensou.

Ele poderia sair correndo atrás dela e queimar sua bunda. Ficar na frente da porta como um cachorro. Descascar a própria pele com uma faca. Beber até entrar em um estado de estupor.

Vindo da sala de bilhar, ele ouviu um rugido e depois os gritos de uma multidão.

Atraído pelo som, ele entrou e ficou na frente da mesa de sinuca. Sobre a parte traseira da cabeça de Tohr, viu Godzilla pisoteando uma maquete do centro de Tóquio.

Meio inspirador, na verdade.

John foi até o bar e serviu-se de um Jack, em seguida, sentou-se ao lado de Tohr e colocou os pés em cima da mesa também.

Enquanto ele se concentrava na tela da televisão, provava o uísque no fundo de sua garganta e sentia o calor do fogo que foi aceso pelo caminho, ele sentiu o liquidificador em seu cérebro desacelerar um pouco. E, em seguida, mais um pouco. E depois ainda mais.

Hoje ia ser difícil, mas pelo menos ele não estava mais contemplando a morte por raios de sol.

Algum tempo depois, percebeu que estava sentado ao lado de Thor, os dois esticados como haviam feito em casa quando Wellsie ainda vivia.

Deus, ultimamente ele estava tão chateado com o cara que tinha esquecido como era fácil só passar um tempo com o Irmão: Em algum nível, ele sentiu como se tivesse feito isso por muito tempo, os dois diante do fogo, uma bebida em uma mão, exaustão e estresse na outra.

Conforme Mothra²⁰⁵ voava para uma ação *asa-contra-garra* com o grandalhão, John pensou em seu antigo quarto.

Virando-se para Tohr, ele sinalizou, *Escute, quando eu estava na casa hoje à noite...*

²⁰⁵ Mothra: borboleta gigante criada em 1961 pelo estúdio japonês de cinema Toho. A trama do filme original foi recriada em 1964 no filme Mothra x Godzilla. O sucesso foi tanto que Mothra participou de mais 7 filmes do Godzilla, ganhando sua própria trilogia na década de 90.



— Ela me disse. — Tohr tomou um gole do seu copo de agachamento. — Sobre a porta.

Sinto muito.

— Não se preocupe. Merdas como essas podem ser consertadas.

É verdade, John pensou, voltando-se para a televisão. Ao contrário de tantas outras coisas.

De longe, contra a parede oposta, Lassiter soltou um suspiro que sugeriu que alguém tinha cortado fora sua perna e não havia um médico por perto. — Eu nunca deveria ter lhe dado o controle remoto. Este é apenas um cara com uma fantasia de monstro, golpeando em torno de uma maquete. Vamos, eu estou perdendo Maury²⁰⁶.

— Que pena.

— Testes de paternidade, Tohr. Com um botão, você está bloqueando testes de paternidade. Isto é uma merda.

— Só para você.

Enquanto Tohr mantinha sua visão em Godzilla, John deixou sua cabeça cair para trás contra as almofadas de couro.

Enquanto ele pensava sobre Xhex lá sozinha, ele sentiu como se tivesse sido envenenado. O estresse era literalmente uma toxina na sua corrente sanguínea, deixando-o tonto, nauseado e tenso.

Ele pensou em toda a merda "Paz e Amor" que ele tinha estado jorrando antes de encontrá-la. Como ele estava no controle de seus sentimentos, como até mesmo se ela não o amasse, ele ainda poderia amá-la, fazer o que era certo e deixá-la viver sua vida e blá, blá, blá.

Sim, ele estava sufocando em propaganda enganosa de auto-realização agora.

Ele *não* estava bem sabendo que ela estava lá fora sozinha. Sem ele. Mas ela claramente não iria ouvi-lo ou a qualquer outra pessoa.

²⁰⁶ Maury: programa de televisão Norte-americano apresentado por Maury Povich, similar ao programa Jerry Springer Show, com exceção dos assuntos Maury discute. Apesar de Maury ser semelhante à Springer, Povich desencoraja confrontos físicos no palco, embora ele incentive a agressão verbal entre seus convidados.



E quanto você quer apostar que ela estava lutando para chegar até Lash antes do anoitecer – quando John podia finalmente estar no campo. Em algum nível, não importa qual deles pegaria o pedaço de merda... mas isso era ele falando racionalmente. O interior dele não poderia suportar outra fraqueza - como, oh, digamos, sentar de braços cruzados enquanto sua fêmea tentava matar o filho do mal, e provavelmente era mortalmente ferida.

Sua fêmea...

Ah, mas espera, ele disse a si mesmo. Só porque ele tinha seu nome tatuado em suas costas não queria dizer que ele a possuía – era apenas um monte de letras pretas em sua pele. O fato era, era mais como se ela o possuísse. Diferente. Muito diferente.

Significava que ela poderia ir embora facilmente.

Já tinha ido, na verdade.

Foda-se. Rehv parecia ter resumido a situação melhor do que ninguém: No final seu jogo não envolve qualquer pessoa, apenas ela mesma

Algumas horas de sexo gostoso não iam mudar isso.

Nem o fato de que, gostasse ou não, ela havia levado seu coração para a luz do dia com ela.

Quinn foi para seu quarto e foi direto para o banheiro em pernas surpreendentemente estáveis. Tinha estado muito bêbado antes da reunião de emergência, mas a ideia da fêmea de John sozinha em plena luz do dia, andando em direção a um desastre, tinha um jeito de acabar com o humor de qualquer um.

Por outro lado, ele estava lidando com um ou dois problemas ao mesmo tempo.

Blay também estava fora no mundo sozinho.

Bem, ele não estava sozinho, estava desprotegido.



Essa mensagem que veio através de um número desconhecido tinha resolvido o mistério de onde ele estava e mais alguns: *Vou passar o dia com Saxton. Estarei em casa depois do anoitecer.*

Assim era Blay. Todas as pessoas no mundo teriam reduzido essa mensagem para: Psar dia c Sax. ksa pos nte.

As mensagens do cara eram sempre gramaticalmente corretas. Como se a ideia de ofender a gramática o fizesse sofrer.

Blay era engraçado assim. Todo adequado e tal: mudava de roupa para as refeições, trocando calças de couro e camisetas, por camisas francesas e calças engomadas. Tomava banho, pelo menos duas vezes por dia, mais se ele lutasse. Fritz achava seu quarto uma completa frustração porque nunca havia qualquer bagunça para limpar.

Ele tinha modos à mesa iguais aos de um conde, escrevia cartas de agradecimento que poderiam fazê-lo chorar, e ele nunca, nunca amaldiçoava, na presença das fêmeas.

Deus... Saxton era perfeito para ele.

Qhuinn afundou em sua própria pele quando percebeu isso, imaginando todas as palavras gramaticalmente corretas que Blay estaria falando neste momento enquanto o outro macho o possuía.

Merriam-Webster²⁰⁷ nunca havia sido tão bem utilizado, sem dúvida.

Sentindo-se como se tivesse levado um soco na cabeça, Qhuinn deixou correr a água fria na pia e salpicou o rosto com a merda até as bochechas formigarem e a ponta de seu nariz começar a ficar dormente. Enquanto ele se enxugava com a toalha, ele voltou a pensar que na loja de tatuagens, o rala e rola que ele teve com a recepcionista.

A cortina que separava os dois do resto do lugar tinha sido suficientemente fina para que, com seus olhos díspares, porém altamente funcionais, ele pudesse ver tudo o que estava acontecendo do outro lado. Todos, também. De modo que quando a garota estava de joelhos na frente dele, ele virou a cabeça, olhou para fora... e viu Blay.

²⁰⁷ Merriam-Webster: Dicionário da língua inglesa.



A boca molhada que ele estava penetrando, de repente se transformou, na boca de uma estranha, para a de seu melhor amigo e a mudança tinha elevado o sexo, de atender a uma necessidade, a algo incendiário.

Algo importante.

Algo primário, erótico e certo.

Por isso Qhuinn a puxou para cima, a girou e a tomou por trás. Exceto que enquanto ele martelava em sua fantasia, ele percebeu que Blay estava observando-o... e isso mudava tudo. Ele de repente tinha que se lembrar com quem ele estava transando – e foi por isso que ele puxou a cabeça da menina até a sua e se forçou a olhar em seus olhos.

Ele não tinha atingido o orgasmo.

Enquanto ela gozava, ele fingia – a verdade era que sua ereção tinha começado a desvanecer-se no instante em que ele olhou para seu rosto. A única coisa que o salvou era que ela claramente não conseguiu saber a diferença, estando excitada o suficiente pelos dois – e, além disso, ele fingiu como um profissional, exagerando como se ele estivesse satisfeito depois .

Mas havia sido uma mentira total.

Quantas pessoas ele tinha fodido assim em sua vida, todos os wham-bam-esqueça-que-me-conheceu? Centenas de pessoas. Centenas e centenas – e isso mesmo ele estando no jogo há apenas um ano e meio. No entanto, as noites no ZeroSum, pegando de três a quatro garotas, poderiam fazê-lo chegar rápido nesse número grande.

Naturalmente, muitas dessas sessões foram com Blay, ele e seu amigo pegando as mulheres juntos. Os dois não haviam estado juntos durante as orgias no banheiro do clube, mas houve várias vezes em que eles haviam assistido. E imaginado. E talvez uma masturbação ocasional, quando a lembrança era muito viva.

Pelo menos na parte do Qhuinn.

Tudo acabou, no entanto, quando Blay colocou um ponto final ao perceber que ele era gay e que estava apaixonado por alguém.

Qhuinn não aprovava sua escolha. De jeito nenhum. Um cara como Blaylock merecia alguém muito, muito melhor.



E parecia que ele estava dirigindo em uma estrada que iria levá-lo exatamente a isso. Saxton era um macho de valor. De todos os ângulos.

O filho da puta.

Olhando para o espelho sobre a pia, Qhuinn não podia ver nada porque estava totalmente escuro, tanto no banheiro quanto no quarto. E não era só por isso que ele não conseguia ver seu reflexo.

Porque ele estava vivendo uma mentira, e em momentos tranquilos como este, ele sabia disso com tal convicção que ficava enjoado.

Seus planos para o resto de seus dias... oh, seus planos gloriosos.

Planos futuros perfeitamente "normais".

Envolvendo uma fêmea de valor, não uma relação a longo prazo com um macho.

O problema era que, os machos como ele, machos com algum defeito... como, oh, digamos, uma íris que era azul e outra que era verde... eram desprezados na aristocracia, como prova de uma falha genética. Eles eram constrangimentos a serem escondidos, segredos vergonhosos a serem enterrados: Ele passou anos vendo sua irmã e seu irmão serem elevados em pedestais, enquanto todos que cruzavam seu caminho realizavam rituais do mal olhado para se proteger.

Seu próprio pai o odiava.

Por isso, não era preciso ter um diploma de psicólogo na parede para ver que ele apenas queria ser "normal". E estabelecer-se com uma fêmea de valor, considerando que ele pudesse encontrar alguém que suportasse estar para sempre vinculado a alguém com um defeito genético, era uma missão crítica.

Ele sabia que se tivesse se envolvido com Blay isso não ia acontecer.

Também sabia que tudo o que precisava era uma transa e ele nunca ia deixar o cara.

Não que os irmãos não aceitassem homossexuais. Inferno, eles estavam bem com isso – Vishous tinha estado com machos e ninguém piscou um olho, ou o julgou, ou se importou. Ele era apenas seu irmão, V. E Qhuinn tinha



cruzado a linha de vez em quando só para se divertir e todos sabiam sobre isso e não davam a mínima.

A *glymera* se importava, no entanto.

E o irritava que ele ainda se importasse com os filhos da puta. Com sua família fora do cenário, e o núcleo da aristocracia da raça espalhados pela costa leste, não era como se ele tivesse mais qualquer contato com aquele pessoal pé-no-saco. Mas ele era um cão muito bem treinado para ser capaz de esquecer que eles existiam.

Ele simplesmente não conseguia se libertar.

Irônico. Seu exterior era todo durão. Por dentro? Ele era um verdadeiro covarde.

De repente, ele queria dar um soco no espelho, apesar de tudo o que ele estava mostrando era um monte de sombras.

"Senhor?"

Na escuridão, ele fechou os olhos.

Merda, ele tinha esquecido que Layla ainda estava em sua cama.



Capítulo QUARENTA E NOVE

Xhex não estava exatamente certa de qual fazenda estava procurando, então se materializou em uma área arborizada fora da Rota 149 e usou seu faro para saber qual direção tomar: o vento estava vindo do norte, e quando ela sentiu o indicioso cheiro de talco para bebê, ela seguiu o cheiro, se vaporizando a cada cem metros pelo desalinhado, ceifados campos de milho que haviam sido golpeados pelos ventos de inverno e neve.

O ar da primavera tocou seu nariz e a luz do sol em seu rosto aquecendo qualquer parte que não estivesse exposta ao roce da brisa. Tudo ao redor, as árvores esqueléticas tinham halos de cor verde brilhante, as tentativas de seus botões de se esconder com a promessa de horas mais quentes.

Dia adorável.

Para uma matança.

Quando o cheiro de *lessers* era tudo o que ela podia sentir, ela desembainhou uma das facas que Vishous tinha dado a ela e sabia que estava tão perto que ela poderia...

Xhex tomou forma próximo a uma linha de carvalhos silvestres e parou.

— Oh... Que merda.

A casa branca da fazenda não era nada sobre o que escrever a Mamãe, apenas uma estrutura murcha ao lado de um milharal, cercado por pinheiros e arbustos. Ainda bem que tinha um gramado, pelo menos.

Caso contrário, os cinco carros de polícia que estavam atolados próximo a entrada não teriam espaço suficiente para entrar.

Se mascarando como *symphaths* fazem, ela se camuflou até uma janela e olhou para dentro.

Momento perfeito: Ela conseguiu ver um dos membros mais seleta da polícia de Caldwell vomitar num balde.

Embora não era como se ele não tivesse um bom motivo para isso. A casa parecia ter sido banhada em sangue humano. Na verdade, risque o “parecia”. A



casa *foi* coberta na merda, até o ponto em que ela sentia o gosto de cobre na parte de trás de sua língua, mesmo estando lá fora no ar fresco.

Era como se a piscina infantil de Michael Myers²⁰⁸ estivesse lá.

Os policiais humanos estavam andando em volta da sala de estar e de jantar, escolhendo seu caminho com cuidado não somente por se tratar de uma cena de crime, mas porque não queriam que coisas espirrassem em suas calças.

Nenhum corpo, entretanto. Nem um único corpo.

Ao menos, não que estivesse visível.

Havia *lessers* nascentes²⁰⁹ na casa, entretanto. Dezesseis deles. Mas ela não podia vê-los e nem os policiais, embora pelo quê ela sentia, os homens estavam ali procurando exatamente por eles.

O disfarce de Lash de novo?

Que merda ele estava fazendo? Ligando para a Irmandade, anunciando a sua merda... e trazendo os policiais? Ou outra pessoa que ligou para o 911²¹⁰?

Ela precisava de respostas para tantas coisas...

Misturado com todo o sangue estava uma mancha de resíduo e um dos policiais estava olhando uma amostra recolhida, olhando como se tivesse encontrado uma coisa nojenta. Yup... aquela amostra oleosa de resíduo não era suficiente para explicar o forte cheiro doce que ela havia seguido, por isso ela teve que assumir que as indicações foram bem sucedidas e que o que estava escondido não era mais humano.

Ela olhou ao redor da floresta. Onde estava o menino de ouro do Omega em tudo isso?

Movendo-se para frente da casa, ela viu um carteiro lutando contra o stress pós traumático enquanto dava o seu testemunho para o oficial.

O Serviço Postal para resgate.

Sem duvidas ele foi o que deixou cair uma moeda²¹¹...

²⁰⁸ Michael Myers é um Serial Killer, criado por John Carpenter, na série de filmes Halloween.

²⁰⁹ Nascent Lesser: início da transição

²¹⁰ Mantivemos o 911, mas em português seria 190.

²¹¹ Expressão indicando que foi o carteiro que fez a chamada. Nos EUA o telefone é com moeda.



Permanecendo camuflada, ela apenas observou a cena, observando os policiais se esforçando com seus reflexos para fazer o seu serviço, e esperando pelo Lash se fazer visto – ou por qualquer outro *lesser* aparecer.

Quando o pessoal da televisão apareceu cerca de um minuto e meio depois, ela presenciou como uma pobre loira quase bonita fazia o papel de uma compassiva Barbara Walters²¹². Assim que a gravação terminou, ela começou a importunar os policiais por informações até que ela os irritou suficientemente para que eles permitissem a ela ter uma ideia do que estavam fazendo lá dentro.

Aquilo não fez com que a jornalista séria emergisse de dentro dela.

Enquanto ela ficou cheia de atitudes de mulherzinha e desmaiou nos braços de uma dos oficiais, Xhex girou seus olhos e olhou novamente ao redor.

Merda. Ela poderia muito bem ficar à vontade. Ela tinha vindo desejando um luta, mas como tão frequentemente acontece na guerra, ela estava num jogo de espera até que o inimigo aparecesse.

— Surpresa.

Ela se virou tão rápido, que quase perdeu o equilíbrio: A única coisa que a salvou da queda foi o contrabalanço de sua mão da adaga, que foi levantada ao alto, acima de seu ombro, pronta para uso.

— Eu gostaria que tivéssemos tomado banho juntos.

Blay engasgou com o café que tinha preparado para eles, Saxton bebericava normalmente o seu. Ao ponto que era bastante óbvio que o cara pensou e gostou da reação que conseguiu.

— Eu realmente gosto de te surpreender. — O macho disse.

Bingo. E naturalmente aqueles genes ruivos idiotas tornaram impossível esconder seu rubor.

²¹² Barbara Walters é uma apresentadora de notícias da televisão norte americana, conhecida por ser a primeira mulher a apresentar um telejornal na rede ABCNews, em 1976.



Mais fácil colocar um carro sedan no seu bolso. Ele era assim *tão* óbvio.

— E você sabe, o ambiente é realmente importante. Conservação da água e tudo mais. Vai verde²¹³ ... ou nu por assim dizer.

Saxton estava recostado contra as almofadas de cetim da cama com uma túnica de seda, enquanto Blay estava estendido ao longo da base do colchão, pesando o edredom extra que tinha sido tão precisamente dobrado. Luzes de velas transformaram a cena em algo trazido de uma fantasia, o brilho borrando todo tipo de linhas e limites.

E sabendo que Saxton era belo no meio de toda aquela cama cor chocolate, seu cabelo pálido tão pesadamente ondulado, que parecia esculpido apesar de não ter sido arrumado, penteado. Com seus olhos de meia-haste e seu peito liso parcialmente exposto, ele estava pronto e disposto... mas dado os sinais que ele estava exibindo, era capaz de ser o que Blay precisava.

Pelo menos por dentro. Seu exterior não estava apto ao serviço: seu rosto permaneceu inchado, seus lábios inchados e não como um biquinho erótico, mas como um puto soco e ele se movia cuidadosamente, como se ainda tivesse diversos hematomas sobre ele.

O que não era bom. Seus hematomas já deveriam estar curados agora, cerca de doze horas após o ocorrido. Ele era um aristocrata depois de tudo e tinha uma boa linha de sangue.

— Oh, Blaylock, o que quer que tenha vindo fazer aqui. — Saxton sacudiu a cabeça. — Eu ainda não sei por que você veio.

— Como eu não poderia ter vindo.

— Você gosta de ser um herói, não gosta.

— Não é heroico apenas ficar sentado com alguém.

— Não subestime isso. — Saxton disse ríspidamente.

O que fez Blay imaginar. O homem estava com seu habitual jeito descolado, um pouco sarcástico a manhã toda e a tarde – mas ele tinha sido atacado. Brutalmente.

— Você está bem? — Blay disse suavemente. — Realmente bem?

²¹³ *GO Green*: lema ecológico



Saxton olhava para o café. — Eu acho difícil entender a humanidade, às vezes, eu realmente acho. Não apenas naquela raça, mas na nossa própria.

— Eu sinto muito. Sobre a noite passada.

— Bem, isso te trouxe para a minha cama. — Saxton sorriu tanto quanto pode, considerando que metade de sua boca estava distorcida. — Não exatamente o caminho que eu tinha escolhido para te fazer chegar aqui... Mas é lindo te olhar à luz de velas. Você tem o corpo de um soldado, mas o rosto de um estudante diligente. A combinação é... inebriante.

Blay terminou o que estava em sua xícara e quase engasgou. Ou talvez não tenha sido o que ele estava bebendo, mas o que ele estava ouvindo. — Você precisa de mais café?

— Não agora, obrigada. Estava perfeito, por sinal e aquilo também foi excelente, apesar da sua óbvia mudança de assunto.

Saxton colocou sua xícara e pires no suporte de bronze dourado da cama e se reassentou com um gemido. Para evitar olhar para ele, Blay colocou seu copo no peito do cobertor abaixo e deixou seus olhos vaguearem ao redor. Lá em cima o estilo era vitoriana, com pesados móveis de mogno e tapetes orientais, lindos, cores exuberantes — que ele conheceu durante a sua excursão para a cozinha. A discreta, adequada e reservada decoração foi deixada na porta da adega, no entanto. Aqui embaixo era tudo boudoir para cima, tudo francês, mesas com curvas de mármore e aparadores, e tapetes com bordados formais. Muito cetim também... um desenho em preto-e-branco de um maravilhoso modelo masculino, reclinado da mesma maneira que Saxton estava.

Apenas sem o manto.

— Você gosta das minhas gravuras. — Saxton murmurou.

Blay soou agudo. — Que linha.

— Eu a uso às vezes. Não vou mentir.

De repente, Blay imaginou um nu masculino e fazer amor nesta mesma cama, seu corpo se movendo com outro. Clandestinamente olhando seu relógio, ele percebeu que ainda teria sete horas aqui e não estava certo se queria que o tempo passasse lentamente ou rapidamente.

Saxton fechou suas pupilas e não suspirou tanto quanto estremeceu.



— Quando foi a ultima vez que você se alimentou? Blay perguntou.

Estas pálpebras pesadas se levantaram e um brilho cinza refletiu. — Você está se voluntariando?

— Eu quis dizer de uma fêmea.

Saxton fez uma careta enquanto se reorganizava nos travesseiros. — Um tempo. Mas estou bem.

— O seu rosto parece um tabuleiro de xadrez.

— Você diz as coisas *mais doces*.

— Eu falo sério, Saxton. Você não me mostra como está por debaixo deste robe, mas se o seu rosto for alguma indicação, você está machucado em outros lugares.

Tudo o que ele respondeu foi *mmm*.

— Agora quem está desviando.

Houve uma longa pausa. — Saxton, vou arrumar alguém para te alimentar.

— Você guarda fêmeas no teu bolso de trás?

— Se importa se eu usar novamente o telefone?

— Sinta-se a vontade.

Blay se levantou e foi até o banheiro, preferindo um pouco de privacidade porque ele não sabia como isso iria ocorrer.

— Você pode usar o telefone daqui. — Saxton gritou enquanto ele fechou a porta.

Blay voltou dez minutos depois.

— Eu não sabia que o eHarmony²¹⁴ funcionava tão rápido. — Saxton murmurou seus olhos permanecendo fechados.

— Eu tenho conexões.

— Sim, você tem.

²¹⁴ eHarmony: site de encontros, daqueles que fazem perfil e compatibilidade.





— Nós seremos apanhados aqui ao anoitecer.

Aquilo levantou as pálpebras daqueles olhos. — Por quem? E para onde nós vamos?

— Nós cuidaremos de você.

Saxton respirou fundo e exalou num chiado. — Vindo me resgatar novamente, Blaylock?

— Chame de compulsão.

Dito isso, ele foi para a longa chaise e se deitou. Puxando uma pele²¹⁵ luxuriante, ele jogou sobre suas pernas, e apagou a vela ao lado de si mesmo e ficando confortável.

— Blaylock?

Deus, aquela voz. Tão baixa e calma na penumbra.

— Sim.

— Você está me transformando em um péssimo anfitrião. — Houve uma ligeira dificuldade em respirar. — Esta chaise não é lugar para você dormir.

— Eu vou ficar bem.

Houve um silêncio. — Você não o está enganando se juntando a mim na cama. Eu não estou em condição de tirar proveito de sua virtude, e mesmo que estivesse eu te respeito suficientemente para não colocá-lo em uma posição desconfortável. Além disso, eu poderia usar o calor corporal, parece que eu não consigo me aquecer o suficiente.

Blay desejava infernalmente ter um cigarro. — Eu não estaria traindo ele mesmo se... algo acontecesse entre você e eu. Não há nada disso. Amigos, apenas amigos.

O que era a razão que esta situação com o Saxton era tão condenadamente estranha. Blay estava habituado a estar do lado de fora daquela porta fechada, a que o mantinha longe daquilo que ele queria. Saxton, entretanto, ofereceu um arco, algo que ele pudesse passar facilmente... e o cômodo do outro lado era maravilhoso.

²¹⁵ Pele no sentido de casaco de pele, pelicas.



Blay se segurou por aproximadamente um minuto e meio. Depois, sentindo como se estivesse se movendo em câmera lenta, ele moveu a pele branca para o lado e se levantou.

Enquanto ele atravessava o quarto, Saxton deu espaço para ele, levantando os lençóis e o edredom. Blay hesitou.

— Eu não mordo. — Saxton sussurrou sombriamente. — A menos que você peça.

Blay escorregou por entre todo aquele cetim... e teve uma ideia imediata do porque robes de banho de seda eram a opção certa. Suave, tão suave.

Algo mais nu do que a nudez.

Saxton, girou para olhar para Blay, mas depois gemeu... com dor.

— Maldição.

Enquanto o macho se deitou de costas novamente, Blay se encontrou seguindo e colocando o braço sobre a cabeça de Saxton. Quando o homem se inclinou para cima, Blay fez de seu bíceps um travesseiro e Saxton se aproveitou, se aconchegando.

As velas foram apagando uma a uma, exceto pela votiva no banheiro.

Saxton estremeceu e Blay se aproximou, franzindo as sobrancelhas.

— Deus, você está gelado.

Aconchegando o macho em seus braços, ele prendeu Saxton e o aqueceu corporalmente.

Deitaram juntos por muito tempo... e Blay se pegou acariciando aquele cabelo grosso, loiro e perfeito. Era muito bom... macio e enrolado nas extremidades.

Cheirava a especiarias.

— Isso é divino. — Saxton murmurou.

Blay fechou seus olhos e respirou profundamente.

— Eu concordo.



Capítulo CINQUENTA

— Que diabos você dois estão fazendo aqui? — Xhex sibilou enquanto abaixava a adaga.

A expressão de Trez lhe deu uma grande ajuda do tipo *bem, dãa*. — Rehv nos chamou.

Como lhe era característico, iAm ficou quieto ao lado de seu irmão; ele apenas ele apenas assentiu e cruzou os braços sobre o peito, fazendo uma excelente expressão de um carvalho indo a lugar nenhum. E enquanto os gêmeos Sombra a olhavam, eles estavam encobrendo-se, revelando seus corpos e vozes apenas para ela.

Por um momento, ela lamentou pela discrição deles. É difícil acertar umas joelhadas nas bolas deles quando eles estão na forma de fantasmas.

— Sem abraços? — Trez murmurou enquanto vasculhava o rosto dela. — Faz uma vida inteira desde que nós vimos você.

Respondendo a ele numa frequência que nem humanos nem *lesser* seriam capazes de escutá-la, ela murmurou, — Eu não dou abraços.

Exceto que ela amaldiçoou e colocou os braços em volta dos dois cabeças-duras de qualquer jeito. Os Sombras eram mais discretos com suas emoções e mais difíceis de infiltrar do que os humanos ou mesmo do que vampiros, mas ela pode sentir a dor deles pelo o que ela havia passado.

Enquanto ela se afastava, Trez apertou seu abraço e estremeceu. — Eu... Jesus Cristo, Xhex... nós pensamos que não veríamos você de novo...

Ela balançou a cabeça — Pare. Por favor. Nunca haverá um bom tempo para isso e certamente esse não é o lugar. Eu amo vocês dois, certo, e eu estou tensa. Então vamos pular essa parte.

Bom, mais ou menos bem. Contanto que ela não pensasse em John preso de volta na mansão, sem dúvida ficando louco. Graças a ela.

Ah, como a história se repetiu.



— Eu vou parar antes de ficarmos mórbidos. — Trez sorriu, suas presas se mostrando brancas e brilhantes contra sua face de ébano. — Nós apenas estamos contentes por você estar bem.

— Verdade. Ou eu não estaria aqui.

— Não tenho certeza disso. — Ele disse sob a respiração enquanto seu irmão olhava pela janela. — Wow. Alguém se divertiu lá.

Uma brisa forte veio trazendo uma onda de talco de bebê de uma nova direção, e os três viraram suas cabeças.

Fora da pista de terra em frente à casa, um carro que não tinha nada a fazer por ali passou por ele. A coisa era toda *Velozes & Furiosos*²¹⁶, um Honda Civic que tinha sido o carro de um cirurgião plástico e tinha sido restaurado no estilo *Playboy*: com um rebaixamento que o deixava a quase três polegadas do solo, assim como uma pintura cinza e pink e luzes amarelas, era como uma menina do Centro-Oeste que tinha entrado na prostituição.

E sabe como é... o *lesser* atrás do volante tinha uma expressão que não combinava com o que ele estava dirigindo. A menos que alguém tenha ferrado com seu tanque de gasolina.

— Eu aposto o que você quiser que esse é o novo *Fore-lesser* —, Xhex disse. — De jeito nenhum Lash permitiria que um segundo no comando fizesse esse tipo de corrida. Eu passei quatro semanas com esse filho da puta e sei tudo sobre ele.

— Mudança de comando. — Trez assentiu. — Acontece muito com eles.

— Você tem que seguir aquele carro, — ela disse. — Rápido, segue ele...

— Não posso deixá-la. Ordens do chefe.

— Você está brincando comigo? — Xhex olhou do Civic para a cena do crime, então de volta para onde seguia o Civic. — Vai! Nós precisamos segui-lo...

— Não. Não a menos que você queira... e então nós vamos acertar isso com você, certo iAm.

²¹⁶ Referência ao filme *Velozes & Furiosos*



Enquanto o outro Sombra assentia, Xhex sentiu como se o revestimento de alumínio, sobre o qual ela tinha estado deitada, fosse perfurado. — Isso é muito ridículo, puta merda.

— Muito. Você está esperando Lash aparecer aqui e eu sei que você não quer apenas conversar com ele. Então, de jeito nenhum nós vamos deixar você, e não venha me encher o saco com essa merda de você-não-é-o-meu-chefe. Eu tenho surdez seletiva.

iAm realmente falou: — Ele realmente tem.

Xhex se concentrou no número da placa do ridículo Honda, pensando, Oh, pelo amor de deus... Então de novo, se os dois sombras não estivessem aqui, ela teria ficado ali, apenas teria pegado os número e ficado exatamente onde ela estava. Ela sempre poderia rastreá-los mais tarde.

— Faça alguma coisa útil, — ela vociferou, — e me dê o seu celular.

— Você vai pedir uma pizza? Eu estou faminto. — Trez arremessou para ela seu Blackberry. — Eu gosto de muita carne na minha. Meu irmão prefere queijo.

Xhex ligou para Rehv porque era o jeito mais fácil de chegar aos Irmãos. Quando o correio de voz atendeu, ela deixou as especificações e a marca do carro e pediu para Vishous rastreá-lo.

Então ela desligou e devolveu o telefone ao Trez.

— Sem Domino's²¹⁷ então? — ele murmurou. — Eles entregam você sabe.

Engolindo uma maldição, ela franziu a testa ao lembrar que V lhe tinha dado um telefone. Merda... ela não estava tão perspicaz quanto deveria nessa situação...

— E outro departamento vindo... — iAm disse.

Ela olhou de volta para a estrada quando um carro sem identificação parou na frente da casa. O detetive de homicídio que saiu era alguém que ela conhecia. Jose de la Cruz.

Ao menos os humanos estavam em boas mãos. Então de novo, talvez esse tipo de competência não fosse grande notícia. Quanto menor o envolvimento

²¹⁷ Pizzaria Americana, também existente no Brasil.



de outra raça numa situação como essa, melhor, e de la Cruz tinha os instintos e a determinação de um cão de caça.

Cara... esse ia ser um dia muuuuuuito longo e estranho. Um dia, muito, muito longo e estranho.

Enquanto ela observava os seres humanos remoendo e vasculhando a cena, e o peso de seus guarda-costas em sua cabeça, sua mão direita começou a se mover, os dedos dela formando as curvas e segmentos que John tinha ensinado a ela.

A...

B...

C...

Lash acordou ao som de gemidos. E não do tipo bom.

Deitado de bruços em um colchão naquele rancho enfadonho que era outro inconveniente. O terceiro strike foi o fato de que quando ele se levantou, o corpo dele deixou para trás uma mancha negra.

Como uma espécie de sombra projetada no chão, um reflexo do que realmente era.

Jesus Cristo. Ele era como aquele cara nazista no final de Indiana Jones e os caçadores da arca perdida, aquele cujo o rosto derreteu.... aquele que disse nos extras do DVD que era um efeito especial feito com gelatina derretida.

Não era exatamente esse o papel do filme que ele gostaria de estrelar.

Enquanto ele andava em direção a cozinha, ele sentiu como se estivesse arrastando um refrigerador atrás dele, e você sabe o que, não melhorou em nada ela estar deitada no chão atrás da porta. Ela havia sido drenada o suficiente para estar incapacitada, não o suficiente para voltar para o Omega.



Problema dela. Estar sempre à beira da morte, com toda a dor e sufocação, e ainda ciente de que a paz que existe do outro lado nunca chegaria? É o suficiente para fazer qualquer um querer se matar.

Grande coisa.

Então de novo... ela não tinha nem ideia de para onde ela estava indo. Ela poderia estar para sempre... nessa... condição. Provavelmente seria melhor manter essa informação debaixo-dos-panos, essa seria a sua boa ação do dia.

Quando ela emitiu um gemido patético de ajuda para ele, ele andou por cima dela e foi checar a comida. Para guardar dinheiro, ele havia comprado Mc-Porcaria para o jantar no caminho até aqui. Merda tinha estado a um passo de comida de cachorro, e estava fresca e esquentada na frigideira.

Idade não melhorava metade do que tinha estado apto a engolir até o fim da noite, mas ele comeu o que havia de qualquer jeito. Frio. Sobre o saco amassado em cima da bancada.

— Quer? — ele disse para a mulher. — Sim? Não?

Tudo o que ela podia fazer era apelar com seus olhos vermelhos e sua boca aberta e escorrendo. Ou... talvez ela não estivesse apelando. Ela parecia meio horrorizada... o que significava que qualquer que fosse a condição em que ela estava, a aparência dele era assustadora e feia o suficiente para tirá-la de sua agonia por um momento.

— O que seja, puta. A visão do que você esta fazendo também não melhora em nada o meu apetite.

Afastando-se, ele olhou para fora pela janela para o dia ensolarado e sentiu um monte de puta-merda-isso-é-de-verdade.

Cara, ele não queria deixar o rancho, mas ele tinha sido um candidato a narcolepsia, ele tinha estado tão exausto... e de jeito nenhum ele iria arriscar um cochilo com muitos de seus inimigos por perto. Era o caso de recuar para lutar de novo em oposição a um mundo de faz de conta e enfrentar o cano de uma arma. Ou pior.

Mas pelo menos o sol ainda estava em seu lugar no céu nublado, o que eram boas notícias para ele... e lhe dava o tempo que ele precisava. A Irmandade não iria aparecer de uma forma ou de outra até que estivesse escuro o suficiente, e que tipo de anfitrião ele seria se não os estivesse esperando.



O filho da puta puxa saco do Omega já deveria ter começado a festa, mas Lash definitivamente a terminaria.

Ele precisava de mais munição, porém não para a sua cabeça.

Agarrando sua capa de chuva e colocando seu chapéu, ele colocou as luvas e voltou até a prostituta. Enquanto ele estava destrancando a porta, a mão dela agarrou o sapato dele, os dedos ensanguentados passando pelo sapato.

Ele olhou para ela. Ela nem sequer tinha dito, mas seus olhos vermelhos e esbugalhados diziam tudo: *Me ajude. Eu estou morrendo. Eu não posso me matar... faça isso por mim.*

Aparentemente, ela tinha superado seu asco sobre ele. Ou talvez o fato de que ele tinha se coberto havia ajudado.

Normalmente, ele apenas a teria deixado do jeito que estava, mas ele não podia afastar a memória de seu próprio rosto derretendo. Ele estava operando sob a suposição de ele não iria apodrecer num pesadelo perpétuo, mas e se esse fosse o seu destino? O que aconteceria se ele continuasse a derreter até que ele não pudesse mais suportar seu esqueleto e acabasse na condição em que ela estava... nada além de sofrimento pela eternidade?

Lash retirou uma faca pequena de suas costas, e quando ele foi até ela com a faca, ela não recuou. Ao invés disso, rolou sobre si mesma, oferecendo a carne fresca de seu peito.

Uma facada foi o suficiente e sua miséria imediata acabou: em um flash brilhante de luz, ela desapareceu no ar, deixando nada além de um círculo queimado no tapete enrugado.

Lash se virou para partir...

Ele não tinha feito seu caminho para a porta. Seu corpo ricocheteou para trás e ele bateu na parede mais distante, flashes de luzes em seus olhos enquanto o poder explodia através dele.

Demorou um momento para perceber que porra estava acontecendo... e então ficou claro: o que ele havia dado à prostituta estava voltando para casa, para ele.

Então era assim que funcionava, ele pensou enquanto respirou fundo e se sentiu menos morto.



O que quer que tenha sido esfaqueado com aço voltava ao remetente, por assim dizer.

Bem, isso acontecia a menos que a arma secreta da Irmandade não chegasse lá primeiro. Butch O'Neal era o calcanhar de Aquiles do Omega, capaz de contornar essa reunião absorvendo a essência do mal que animava um assassino.

Tendo acabado a volta, Lash agora sabia a ameaça que era O'Neal. Se você não pegasse sua parte do LEGO de volta, eventualmente você não poderia construir muito de nada... ou pior, sua caixa de brinquedos ficaria vazia... e então o quê. Você desapareceria?

É, evitar o bastardo do Butch era importante. Boa dica.

Indo em direção à garagem, Lash deixou o rancho na Mercedes e foi, não pelo interior, mas pela estrada de terra batida para o centro da cidade.

Como tinha passado apenas um pouco das onze da manhã, havia ternos e gravatas em todos os lugares, pessoas parando nos cruzamentos, esperando pelo sinal de siga em frente, e então passando pelas ruas na frente dos carros. Eles eram tão malditamente hipócritas, esses humanos com seus queixos para cima e olhando para frente como se não existisse nada exceto reuniões, almoços, ou perda-de-tempo dos recados que eles passavam.

Ele queria pisar no acelerador e transformá-los em pinos de boliche, mas ele tinha o suficiente para se preocupar e coisas melhores a fazer com o tempo dele. Seu destino? A Rua Trade e o centro dos bares e nightclubs. Que, ao contrário do distrito de negócios, estaria morta a essa hora.

Quando ele cortou para o rio, era claro que as duas partes diferentes da cidade funcionavam como o yin e yang quando cruzavam a multidão tão bem quanto as aparências. Na luz do sol, os altos prédios financeiros com suas janelas de vidro e armações de aço que brilhavam e refletiam. Na terra dos becos escuros e luzes de neon, o que quer que fosse, essas merdas pareciam como uma velha puta usada: suja, sórdida, e triste.

Quando se tornaram pessoas? Formados por grupos com produtos e propósitos. Seria sorte se pudesse juntar mais que uma dúzia de vagabundos a essa hora.

O que era precisamente com o que ele estava contando.





Se dirigindo para as pontes gêmeas de Caldwell, ele passou por um terreno baldio que tinha uma cerca de arame farpado ao redor e por isso tinha que diminuir um pouco. Cristo... aquele lugar era onde o Zerosum ficava antes de ser reduzido a uma pilha de escombros. E a placa da imobiliária que estava na frente bateu nele.

Não era assim que as coisas funcionavam? Desagradáveis, como a natureza, não gostava do vazio... então se o novo clube iria subir e encontrar um lugar similar ao final que o MacGyver e o Rehv tiveram, outro assumiria o lugar rapidamente.

Assim como a situação com o pai dele. Em nenhum momento, Lash tinha sido substituído por alguém de seu próprio nível, por assim dizer.

Faz você se sentir malditamente dispensável. Realmente faz.

Debaixo das pontes, não demorou muito para encontrar o que estava procurando, mas ele desejou que não precisasse disso. Seu baixo cantarolar rapidamente trouxe humanos maltrapilhos que dormiam em caixas de papelão ou em carros queimados, e ele pensou em quão similares eram com os cães vadios: atraídos pela esperança de sustentação, desconfiados por experiência, cheios de doenças.

Falar em sarna, também funcionava.

Ele não era exigente e eles também não. Logo ele tinha uma mulher em seu acento de passageiro, emitindo oohh e aahh não sobre o couro de seu AMG, mas sobre a bolsa de plástico de cocaína que ele deu a ela. Enquanto ela pegava e aspirava um pouco, ele a levou a uma escura caverna formada pela grande fundação de concreto na entrada da ponte.

Uma dose foi tudo que ela conseguiu.

Ele chegou nela num segundo, e quer fosse sua necessidade ou a fraqueza psíquica dela, ele foi capaz de subjugar-la completamente enquanto ele bebia.

O sangue dela tinha gosto de água suja.

Quando terminou, ele saiu do carro, deu a volta, e a puxou para fora pelo colarinho. A cor dela, que tinha estado pálida para começar, agora estava mais para cinza de concreto.

Ela logo estaria morta se já não estivesse.



Ele parou e olhou para o rosto dela, mensurando as linhas grossas na pele e os capilares arrebetados que lhe tinham dado um rubor nada saudável. Ela tinha sido uma recém nascida uma vez. Ela tinha estado fresca ao mundo anos atrás.

Tempo e experiência a tinham certamente golpeado, e agora ela iria morrer como um animal, sozinha e na sujeira.

Depois que ele a derrubou, ele a alcançou para fechar suas pálpebras...

Jesus ... Cristo.

Levantando sua mão, ele olhou através de sua palma para o rio.

Sem mais carne apodrecida, mas uma sombra negra... na forma do que ele costumava usar para escrever, socar e para dirigir.

Arrastando um pouco da capa de chuva para cima, ele viu que seu peito ainda era corpóreo.

Uma onda de força e poder passou através dele, a perda de pele não era mais para lamentar, mas uma fonte de alegria.

Tal pai... tal filho.

Ele não iria acabar como aquela prostituta, esfaqueando a si mesmo, ele estava indo para o território do Omega, não apodrecendo... mas se transformando.

Lash começou a rir, uma grande satisfação percorrendo seu peito e fervendo da barriga até a garganta e saindo por sua boca. Ele caiu de joelhos próximo à mulher morta e deixou o alívio...

Com um surpreendente surto, ele cambaleou para o lado e vomitou sangue estragado que havia dentro dele. Quando parou, ele esfregou o queixo e olhou para o vermelho brilhante que cobria a linha sombria que uma vez havia sido carne.

Não havia tempo para admirar sua nova forma nascente.

Vômito violento o atingiu tão fortemente que ele estava cego pela explosão de estrelas em sua visão.



Capítulo CINQUENTA E UM

Sentada em seus aposentos privados, Payne olhou para fora sobre a paisagem do Outro Lado. A grama verde se movendo e as tulipas e madressilvas chegavam até certo ponto antes de serem interrompidas por um cerco de árvores que rodeava o gramado. Acima disso tudo, o céu leitoso em arco se entendia de uma desde a fofa copa de uma árvore até outra, como a tampa de um baú de roupas.

Por experiência própria, ela sabia que se andasse até o limite da floresta e penetrasse nas sombras, acabaria saindo... bem onde entrou.

Não havia saída, exceto com a permissão da Virgem Escriba. Apenas ela tinha a chave da fechadura invisível e não ia deixar Payne sair — nem mesmo para a casa do Primale no Outro Lado, como as outras eram permitidas.

O que provava que aquela fêmea sabia bem a quem ela tinha dado a luz. Ela era bem consciente que uma vez que a Payne ficasse solta, ela nunca voltaria. Payne disse isso muitas vezes — em um grito que fez os seus próprios tímpanos zumbirem.

Em retrospecto, seu acesso de raiva havia sido vitória para honestidade, mas não a melhor estratégia. Melhor manter isso para si mesma, e talvez fosse permitido transpassar para o Outro Lado — e ficar lá então. Afinal, não era como se a sua mãe pudesse forçá-la de volta a terra das estátuas vivas.

Bem, pelo menos teoricamente.

Com isso em mente, ela pensou em Layla, que havia acabado de voltar após ver o seu macho. A Irmã estava brilhando com um tipo de felicidade e satisfação que Payne nunca havia sentido.

O que justificava sua urgência de sair daqui, não era: Mesmo que o que a esperasse no Outro Lado não fosse nada como o que ela se lembrava de sua pequena fatia de liberdade, ela teria escolhas para fazer por si própria.

Na verdade, era uma maldição estranha ter nascido e não ter uma vida para viver. Na falta de matar sua mãe, estava presa lá dentro, e contudo o tanto que odiava a fêmea, ela não ia tomar aquele caminho. Ela não tinha certeza que venceria tal conflito, por um lado. Por outro... já se tinha disposto de seu



senhor. Matricídio não era uma experiência que ela tivesse alguma nova ou particular fascinação.

Ah, o passado, o passado doloroso e miserável. Como é terrível ter de ficar presa aqui com um futuro infinito e servil ao mesmo tempo suportando a carga de uma história que era horrível demais para pensar nisso. A animação suspensa era um gentil presente quando comparada a essa tortura — pelo menos em estado congelado, sua mente não havia sido capaz de imaginar e envolver-se com coisas que ela desejava que nunca houvessem ocorrido, e coisas que ela nunca faria...

— Você gostaria de algum alimento?

Payne olhou por cima de seu ombro. No'One estava no arco de entrada do quarto, curvada em reverência com uma bandeja em sua mão.

— Oh, sim, por favor. — Payne sacudiu suas reflexões moribundas. — E você não vai se juntar a mim?

— Meus cordiais agradecimentos, mas eu devo servi-la e partir. — A criada colocou as provisões no assento da janela ao lado de Payne. — Quando você e o rei começarem os seus conflitos físicos, eu devo voltar para recolher ...

— Posso te perguntar uma coisa?

No'One fez outra reverência. — Mas é claro. Como posso servi-la?

— Porque você nunca foi ao Outro Lado? Como as outras?

Houve um longo silêncio... e então a fêmea coxeou na direção do catre onde Payne dormia. Com mãos trementes, No'One endireitou a roupa de cama em uma ordem precisa.

— Eu não tenho nenhum interesse particular naquele mundo. — disse de debaixo de seu manto. — Eu estou segura aqui. Lá... eu não estaria segura.

— O Primale é um Irmão de braço forte e com uma ótima habilidade com a adaga. Nenhum mal poderia acontecer a você debaixo dos cuidados dele.

O som que saiu do capuz foi reservado.

— Lá as circunstâncias tem seu jeito de se converterem em caos e conflito. Decisões simples tem ramificações que podem ser devastadoras. Aqui, tudo esta em ordem.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Falou como uma sobrevivente de um ataque que havia acontecido neste santuário cerca de setenta e cinco anos atrás, Payne pensou. De volta naquela noite terrível, machos do Outro Lado haviam infiltrado a barreira e trazido com eles a violência que sempre havia existido no seu mundo.

Muitos haviam morrido ou sido feridos... o inclusive o Primale daquela época.

Payne olhou para o horizonte, estático e adorável... e uma vez entendido o pensamento da fêmea, e ainda não se deixando influenciar por isso. — A ordem aqui dentro é precisamente o que me irrita. Eu procuraria evitar esse tipo de falsidade.

— Você não pode sair daqui quando você deseja?

— Não.

— Isso não está certo.

Os olhos de Payne voaram para a fêmea... que agora estava ocupada redobrando as túnicas modificadas de Payne.

— Eu nunca esperei você dizer algo contrário a Virgem Escriba.

— Eu amo nossa querida mãe da nossa raça... por favor não me entenda mal. Mas ser aprisionada, mesmo em luxo, não está certo. Eu escolhi estar aqui dentro e sempre vou estar... você deveria ser livre para ir, no entanto.

— Eu me encontro invejando você.

No'One pareceu encolher-se debaixo de seu manto. — Você não deve nunca fazer isso.

— Mas é verdade.

No silêncio que se seguiu, Payne lembrou-se de sua conversa com Layla no espelho d'água. Mesma troca, enredo diferente: Então, Layla era quem estava invejando a falta de desejo de Payne no que dizia respeito a sexo e machos. Aqui, era o contentamento de No'One com inércia que era de valor.

E seguimos andando em círculos Payne pensou.

Voltando sua cabeça de volta a "vista", ela olhou a grama com um olhar de inveja. Cada folha era perfeitamente formada, e precisamente o peso certo de



forma que a expansão era mais um tapete que um gramado. E o resultado não era obtido por corte, é claro. Assim como as tulipas se mantinham de pé em suas bases com floradas eternas sobre suas hastes finas e os açafreões estavam perpetuamente expandindo-se e as rosas eram sempre cheias de pétalas, então também não havia insetos e ervas daninha ou doenças.

Ou crescimento.

Irônico como pareciam estar todas cultivadas e ainda não eram cuidadas por ninguém. Afinal de contas, quem precisava de jardineiro quando você tinha um deus capaz de manejar tudo para o seu melhor... e manter lá.

Em uma maneira, isso fazia da No'One um milagre, não fazia? Que a ela tivesse sido permitido sobreviver seu nascimento lá dentro e permitido respirar a falta de ar de lá, mesmo embora ela não sendo perfeita.

— Eu não quero isso — Payne disse. — Eu realmente não quero.

Quando não houve comentário, ela olhou por sobre seu ombro... e franziu a testa. A fêmea havia saído como havia entrado. Sem ruído ou rebuliço, deixando os arredores melhorados por seu toque carinhoso.

Quando um grito brotou dentro dela, Payne soube que ela tinha de ser libertada. Ou iria enlouquecer.

De volta a zona rural de Caldwell, Xhex finalmente conseguiu ver o que havia dentro da casa quando a polícia saiu às cinco da tarde. Quando o grupo de uniformes azuis saiu, pareciam prontos não apenas para uma noite de folga, mas férias de uma semana... por outro lado passar horas andando entre sangue coagulado podia fazer isso a um cara. Eles trancaram tudo, selaram as portas da frente e de trás, e se asseguraram que havia um anel de fita amarela de cena de crime ao redor do jardim. Então eles entraram em seus carros e foram embora.

— Vamos entrar lá. — ela disse aos Sombras.

Desmaterializando, ela tomou forma em um estalo no meio da sala de estar e Trez e iAm estavam bem lá com ela. Sem necessidade de falar, eles se



espalharam, passeando em volta da bagunça, procurando por coisas que os humanos não saberiam procurar.

Vinte minutos de líquidos nojentos no primeiro andar e nada além de poeira no segundo, os deixaram com um lote completo de nada.

Mas que inferno, ela podia sentir os corpos e as grades emocionais que estavam marcadas com sofrimento, mas eles eram como reflexos na água... e ela não podia simplesmente chegar às formas que estavam lançando imagens em ondas.

— Alguma notícia do Revh? — Ela disse, levantando uma bota e medindo o quanto de sangue havia na sola. Alcançava o couro. Maravilha.

Trez sacudiu a cabeça. — Não. Mas eu posso ligar de novo.

— Não se incomode. Ele não deve poder falar agora. — Merda, ela estava com esperanças que ele tivesse recebido a mensagem dela e já começado a procurar aquela placa.

Parada no hall da frente, ela olhava ao redor da sala de jantar, e então focou na mesa marcada que claramente havia sido usada como tabua de carne.

O amiguinho do Omega com o carro do Vin Diesel²¹⁸ teria que voltar para os novos recrutas. Eles não eram úteis escondidos assim, porque, assumindo que o controle funcionou enquanto ela estava com o Lash, eles não podiam sair do plano paralelo a que haviam sido relegados até que fossem libertados.

A menos que o feitiço pudesse ser quebrado de longe?

— Nós temos que ficar mais tempo, — ela disse — E ver quem mais sabe.

Ela e os Sombras se instalaram na cozinha, andando de um lado para o outro e deixando frescas, sanguinolentas marcas de pés no linóleo quebrado... que sem dúvida iriam foder com as sensatas, zelosas cabeças de todos aqueles policiais.

N.E.P.D.

Não. Era. Problema. Dela.

²¹⁸ Ator de cinema norte-americano.



Ela checou o relógio na parede. Avaliou os barris vazios e as garrafas de bebida e as latas de cerveja. Olhou sobre os finais dos cantos e os resíduos de pó das linhas de cocaína.

Checou novamente o relógio.

Fora na parte de trás, o sol parecia que tinha parado sua descida, como se o disco dourado estivesse com medo de ser espetado pelos ramos de árvores.

Parada em sua perseguição, ela não tinha nada mais para pensar que em John. Ele devia estar subindo pelas malditas paredes neste momento, tudo em sua cabeça, o que dificilmente você gostaria que alguém que se encontrasse com o inimigo estivesse: Ele estava puto com ela, distraído, acelerado na forma errada.

Não era como se ela fosse ligar para falar com ele. Ele não poderia respondê-la.

E o que ela teria para dizer não era o tipo de coisa que você queria mandar por texto.

— Qual o problema? — Trez perguntou, quando ela começou a ficar inquieta.

— Nada. Apenas pronta para brigar com qualquer um.

— Mentira.

— Eeeeeee nós podemos parar com o papo agora mesmo, muito obrigada.

Dez minutos depois, ela estava encarando o relógio na parede de novo. Oh, mas que inferno, ela não podia mais aguentar isso.

— Eu vou voltar para a mansão da Irmandade por meia hora. — ela falou sem pensar. — Vocês fiquem aqui, ok. Liguem para o meu celular se aparecer alguém.

Quando ela deu o número à eles, eles fizeram a si mesmos o favor de não perguntar nenhum porquê — então de novo os Sombras eram como *symphaths* no que eles tendiam a saber o que havia no coração das pessoas.

— Entendido — Trez disse. — Nós vamos te avisar no segundo que alguma coisa acontecer.



Desmaterializando, ela tomou forma na frente da mansão da Irmandade e cruzou as pedras do tamanho de ervilhas em passos do tamanho de uma basílica. Depois ela entrou no vestíbulo, e colocou seu rosto na câmera de segurança.

Fritz abriu a porta depois de um momento e se curvou. — Bem vinda ao lar, madame.

A palavra com "L" deu uma balançada nela. — Ah... obrigada. — Ela olhou ao redor para as salas vazias no vestíbulo. — Eu vou apenas lá em cima.

— Eu preparei seu quarto anterior.

— Obrigada. — mas ela não estava indo pra lá.

Dirigida pela percepção do sangue de John, ela correu para cima pela grande escadaria e foi para o quarto dele.

Batendo, ela esperou, e quando não houve resposta, ela abriu a porta para a escuridão e ouviu o barulho de chuveiro ligado. Pelo caminho uma faixa lateral de luz se mostrava no nível do carpete, indicando que ele havia fechado a porta para o banheiro.

Cruzando o tapete, ela retirou a jaqueta de couro e deixou nas costas de uma cadeira. Na porta do banheiro, ela bateu de novo. Sem hesitação. Bem alto.

A porta se abriu sozinha, balançando-se livre e revelando um ar úmido e o fosco brilho de luzes pequenas sobre Jacuzzi.

John estava olhando para ela por trás da porta de vidro, a água correndo por seu peito e seus músculos e suas coxas. Seu membro levantando-se de um salto em uma ereção maciça no momento em que seus olhos se encontraram, mas ele não se moveu e não parecia feliz em vê-la.

Na verdade, seu lábio superior se curvou como um rosnado, e isso não era o pior. A grade emocional dele estava completamente fechada para ela. Ele a estava bloqueando e ela não tinha nem certeza se ele estava ciente de estar fazendo isso: ela não podia pegar nem uma gota em nada do que ela sempre havia sentido tão claramente antes.

Xhex levantou a sua mão direita e sinalizou estranhamente: *Eu voltei.*



A sobrançelha dele se contraiu. Então ele sinalizou muito mais facilmente e rapidamente: *Com informações para Wrath e os Irmãos, certo. Se sente como uma heroína? Parabéns.*

Ele fechou a água, saiu do chuveiro, e se inclinou para uma toalha. Ele não se cobriu, mas se secou, e foi difícil não notar que com cada movimento e arqueada, sua ereção se sacudia.

Ela nunca pensou que amaldiçoaria sua visão periférica.

— Eu não falei com ninguém, — ela disse.

Isso o deixou parado com a toalha estendida através de suas costas, um braço em ângulo para cima, o outro para baixo. Naturalmente, a pose fez se sobressaírem seus peitorais e puxou os músculos que corriam sobre os ossos de seus quadris em completo relevo.

Ele liberou a toalha em um estalo e a colocou sobre seus ombros. Deixando-a pendurada, ele assinalou, *Porque você veio aqui?*

— Eu queria ver você. — a dor em sua voz fez com que ela desejasse ter usado a linguagem de sinais.

Porque?

— Eu estava preocupada...

Você quer ver como eu estou me aguentando? Você quer saber o que foi passar as ultimas sete horas imaginando se você estava morta ou...

— John...

Ele liberou a toalha violentamente e estalou o fim dela no ar para calá-la.

Você quer saber como eu lidei com a ideia de que você estava morta, lutando sozinha, ou pior, de volta para onde você havia estado? O seu lado symphath precisa de uma pequena distração para chutes e risadinhas?

— Deus, não...

Você tem certeza disso? Você não esta usando os seus silícios. Talvez você esteja alimentando aquela fome, voltando aqui...

Xhex se voltou para a porta, muito em suas emoções para ela lidar, a culpa e a tristeza estavam esganando-a.



John agarrou o braço dela e eles acabaram contra a parede, o corpo dele segurando o dela no lugar enquanto ele assinalava perto de seus rostos.

Inferno não, você não vai fugir. Depois de tudo o que me fez passar, você não vai fugir da porra daqui só porque não pode lidar com a merda que criou. Eu não pude fugir disso hoje. Eu tive que ficar preso aqui e você pode malditamente bem retribuir o favor.

Os olhos dela tentavam se focar em outro lugar, mas então ela não poderia continuar lendo o que ele estava dizendo com suas mãos.

Você quer saber como eu estou? Fodidamente resolvido, isso é como eu estou. Você e eu estamos virando uma esquina esta noite. Você diz que tem o direito de ir atrás do Lash? Eu também tenho.

No vestiário, no chuveiro, ela pensou. A traição de que ela não sabia os detalhes, mas que ela sentia que tinha tudo a ver com o que havia acontecido ao John quando ele era mais jovem, sozinho, e indefeso.

Aqui vai o acordo e é inegociável. Nós trabalharemos juntos para encontrá-lo e pegá-lo e matá-lo. Nós trabalhamos como um time, o que significa que onde um de nós está, o outro vai. E no final, aquele que o colocar no chão leva as honras. E aqui é onde ficamos.

Xhex exalou em alívio, instantaneamente sabendo que essa era a resposta certa. Ela não havia gostado de como se sentiu estando na casa da fazenda sem ele. Tinha parecido errado.

— De acordo, — ela disse.

O rosto dele não registrou surpresa ou satisfação... o que disse a ela que o que quer que ele tivesse planejado se ela dissesse não teria sido extraordinário.

Exceto quando ela descobriu porque ele estava tão calmo.

Depois que isso acabar, nós seguiremos em caminhos separados. Nós terminamos.

O sangue se esvaiu de sua cabeça e abruptamente, suas mãos e pés ficaram dormentes. O que era uma tremenda besteira. O que ele estava propondo era o melhor arranjo e a melhor saída: dois lutadores trabalhando juntos, e uma vez que seu objetivo fosse alcançado, não havia razão para reter nenhum laço entre eles.



De fato, isso era precisamente o que ela havia visto do futuro assim que ela saiu daquele pesadelo com o Lash. Pegá-lo bem e morto. Então acabar com esse fiasco de vida.

O problema era... Os planos dela que haviam sido tão claros estavam nebulosos agora, o caminho que ela havia definido em sua cabeça no momento que ela se libertou obscurecido por coisas que não tinham nada a ver com o que estava em seu crânio e tudo a ver com o macho que estava nu contra ela.

— OK, — ela disse roucamente. — Tudo bem.

Agora isso causou uma reação nele. O corpo dele relaxou contra o dela, e ele plantou suas mãos na parede de cada lado de sua cabeça. Quando seus olhos se encontraram, seu corpo rugiu com uma rajada de calor.

Cara, desespero era a gasolina para emparelhar com ela no que dizia respeito a John Matthew... e dada a maneira como ele sutilmente rolou seus quadris contra ela, ele se sentia do mesmo jeito.

Xhex estendeu a mão e agarrou o lado do pescoço dele. Ela não foi gentil e nem ele foi quando ela o puxou para sua boca, seus lábios se esmagando juntos, suas línguas não apenas se encontrando mas duelando. Quando ela subitamente ouviu um som de rasgar, ela se deu conta de que ele havia agarrado ambos os lados de sua camiseta e rasgado ao meio na frente...

Seus seios se encontraram com o peito nu dele, seus mamilos se esfregando contra a sua pele, seu centro clamando por ele. Ao inferno com o desespero; a necessidade de tê-lo dentro dela foi mais longe que isso, ate que seu vazio sem ele era uma agonia.

Suas calças de couro estavam no chão em uma fração de segundo depois.

Então com um salto rápido, ela pulou e prendeu suas coxas ao redor da cintura dele. Descendo, ela o posicionou contra o seu sexo e espremeu seus calcanhares na bunda dele, fazendo a penetração muito real. Quando sua ereção mergulhou fundo, ela tomou tudo dele, o puxão escorregando-se o suficiente para fazer seu orgasmo mais selvagem.

Dirigindo seu alívio, suas presas saltaram de dentro de sua boca, e John quebrou o beijo para inclinar sua cabeça e mostrar sua veia.

A perfuração foi doce. A força que veio dele, meteórica.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Com puxadas fortes, ela bebeu enquanto seu corpo estocava dentro dela, lançando-a de novo ao despenhadeiro, mandando-a em uma louca descida que de alguma maneira não tinha um pouso duro... e ele a seguiu, fazendo aquele salto glorioso sem paraquedas, seus orgasmos estremecendo dentro dela.

Houve apenas a mais breve das pausas... e então John começou a bombear de novo—

Não, ele a estava carregando para a cama naquele quarto escurecido, o movimento de suas coxas quando andava empurrando-o dentro dela e saindo livre e empurrando de novo.

Ela se lembrou de cada uma das sensações, guardando cada uma fundo em sua mente, fazendo o momento infinito e eterno pela virtude do poder da memória. E quando ele se acomodou sobre ela, ela fez o que ele havia feito por ela: oferecendo sua veia para ele, ela se assegurou que eles fossem o mais poderoso time que poderiam ser.

Parceiros.

Só que não do tipo permanente.



Capítulo CINQUENTA E DOIS

Enquanto o corpo de John seguia Xhex, sua mente se voltou brevemente para aquele momento no banheiro em que ele a esperava aceitar o acordo proposto.

É certo que ele havia soado arrogante, todo tipo “ande-conforme-a-lei”, mas a verdade era que não tinha nenhum poder: ela estaria de acordo ou não, e se não estivesse, ele não tinha como obrigá-la. Resultado final? Não havia absolutamente nenhuma ameaça de retirada, nenhuma ação pró-ativa, nada do tipo “se-fizer-isso-ocorre-aquilo”, que ele pudesse tentar nessa situação.

E ele tinha se dado conta disso enquanto estava sentado no sofá da sala de bilhar, fingindo assistir TV com Tohr. Durante todo o dia, ele ouviu a voz de Rehvenge em sua cabeça, várias e várias vezes.

Nos planos dela ninguém está incluído a não ser ela.

John não era tolo, e ele não estava preparado para deixar que sua vinculação com ela voltasse a paralisá-lo. Eles tinham um trabalho a fazer e teriam uma chance maior se trabalhassem juntos. Afinal, não estavam indo perseguir um simples *lesser*.

Além disso, a história dos dois estava escrita em linguagem de colisão; eles estavam sempre batendo um contra o outro e ricocheteando — só para se prepararem para outro impacto. Ela era sua *pyrocant* e não havia nada que pudesse fazer para mudar isso. Mas seguro como uma merda que ele poderia cortar o elástico que o estava torturando.

Cara, ele desejou que sua tatuagem não fosse permanente. Por outro lado, pelo menos era nas suas costas e ele não tinha que olhar a maldita coisa.

Mas que seja. Eles iriam pegar Lash e depois seguiriam seus caminhos separados. E entre o agora e o depois? Bem...

John deixou seus pensamentos flutuarem enquanto voltava a se concentrar na agitação do sexo e no sabor que rugia em sua na boca enquanto se alimentava. Indistintamente, mais uma vez voltou a captar o perfume da vinculação emergindo de sua própria pele, mas ignorou essa realidade. Não ia



permitir que sua cabeça fosse confundida apenas por causa dessa especiaria sombria. Nem por um minuto a mais.

Era bem certo que os machos vinculados ficavam aleijados sem suas fêmeas — E uma grande parte dele sempre seria dela. Mas ele continuaria a viver, porra. Ele era um sobrevivente.

Enquanto ele se movia para dentro do aperto firme de Xhex, seu pênis era uma sólida vara do poder, logo outra liberação o atingiu, atravessando-lhe para entrar nela. Quebrando o contato com sua veia, selou os furos com a língua e, em seguida, capturou um dos seios. Com uma mudança de sua perna, afastou mais as coxas e rolou de costas assim ela ficaria por cima.

Xhex comandou a partir dali, apoiando suas mãos sobre os ombros dele, balançando os quadris sobre a base de sua espinha, seu abdômen definido tencionava e afrouxava enquanto ela o cavalgava. Com uma maldição silenciosa, ele agarrou suas coxas e apertou podendo sentir como se moviam os músculos sobre as suas mãos, mas ele não parou por aí. Puxou as mãos mais para cima, para a junção de suas pernas e seu torso, aquela energia elétrica atraindo-o para o lugar que estavam unidos.

Seu polegar escorregou no coração carnal²¹⁹ dela e encontrou o topo de seu sexo, friccionando-o em círculos...

Pela penumbra do banheiro, viu-a arquear-se para trás e suas presas saírem sob seu lábio inferior, num esforço para sustentar um grito. Quis lhe dizer para deixar seu rugido livre, mas não teve tempo para lamentar sua descrição – gozou com força, apertando as pálpebras fechadas enquanto estremecia debaixo dela.

Recuperando o fôlego, fez uma pausa para respirar fundo... e, em seguida, ela estava mudando de posição.

Quando ele abriu os olhos, quase teve um orgasmo novamente. Ela havia se virado de costa de forma que ela estava apoiada nas pernas dele, equilibrando seu peso sobre suas canelas. Com os pés dela em cada lado de seu corpo, ele tinha um inferno de visão... E isso foi antes dela começar a se mover. A visão dele emergindo brilhante e grosso de dentro dela, sua virilidade exposta justo até o topo da cabeça de seu pênis, lançou-o em outra liberação.

Ela não parou.

²¹⁹ Alusão ao clitóris.



Ele não queria que ela fizesse.

John precisava observar seus sexos mais de perto, ver mais das pontas dos seios dela e a pressão de seu queixo e a suavidade de seu corpo enquanto ela o tinha profundo e duro. Ele queria ficar capturado nela... para sempre.

Mas este era seu problema com ela, um problema que iria terminar aqui e agora.

Atingiram o clímax juntos, com as mãos dele segurando os esbeltos tornozelos, e ela com a boca aberta para deixar escapar o nome dele de sua garganta.

Depois disso, não havia mais nada a não ser pesadas respirações e o ar que parecia frio.

Com um deslocamento ágil, ela os separou, lançando a perna por cima da cabeça dele e pousando no chão ao lado da cama sem fazer barulho.

Enquanto olhava por cima do ombro, sua espinha fez uma curva elegante.

— Posso usar o seu chuveiro?

Quando ele acenou com a cabeça, ela andou com segurança e a passos largos até seu banheiro — e, apesar de todo o sexo que acabara de ter, ele sentiu necessidade de tomá-la por trás.

Um minuto depois, ouvia-se a água do chuveiro... E então a voz dela ecoou.

— A policia humana descobriu a cena.

Isso fez John sair da cama faminto por mais informação. Enquanto entrava no banheiro, ela inclinou-se debaixo do chuveiro e arqueou-se para enxaguar o xampu do cabelo.

— O lugar estava cheio de tiras, mas os novos iniciados estavam escondidos da mesma forma que eu estava... todos aqueles humanos viram sangue suficiente para pintar uma casa de vermelho. Nenhum sinal de Lash, mas havia um carro de corrida de rua de passagem com algo que cheirava a morangos falso atrás do volante. Liguei para Rehv com o número da placa para passar ao Vishous e eu irei fazer o relatório para Wrath neste instante.

Quando ela olhou para ele, ele assinalou.



Nós voltaremos assim que cair a noite.

— Sim. Voltaremos.

Qhuinn acordou sozinho, tinha enviado Layla de volta ao Outro Lado depois de terem feito um pouco mais do negócio. Ele quis lhe dizer para ir imediatamente, mas um abraço de adeus levou a outras coisas...

Ela ainda era virgem, apesar de tudo.

Não intocada, afinal de contas, mas definitivamente ainda virgem... Parecia que havia duas pessoas no mundo com quem ele não teria sexo. Se essa tendência continuasse, ele iria acabar como celibatário.

Enquanto se sentava, sua cabeça martelava, prova irrefutável de que Herradura²²⁰ era um adversário de valor.

Esfregando o rosto, pensou em como a Escolhida beijava. Ele ensinou-lhe como fazer corretamente, como chupar e acariciar, como abrir caminho para a língua de alguém, como penetrar uma boca quando ela quisesse. A fêmea aprendia rápido.

E ainda não tinha sido difícil manter as coisas sem sair do controle.

O que tinha matado a vontade de selar o trato foi o jeito que ela olhou para ele. Quando ele começou a agir no estilo Lewis-e-Clark²²¹ com essa merda de *sex-ploração*²²², ele havia presumido que ela estava apenas procurando por uma aula prática após todo seu treinamento teórico. Mas por parte dela, havia rapidamente se tornado mais que isso. Seus olhos começaram a se encher de estrelas, como se ele fosse a chave da porta que a mantinha fechada em si mesma, como se só ele tivesse o poder de soltar seu ferrolho e libertá-la.

Como se ele fosse o futuro dela.

²²⁰ Marca de tequila.

²²¹ Dupla de exploradores que lideraram a primeira grande expedição exploratória do continente norte-americano, partindo do Leste e indo em direção ao Oeste até a costa do Oceano Pacífico, com posterior retorno.

²²² Neologismo criado pela autora. É uma junção da palavra sexo com a palavra exploração, numa alusão a uma exploração sexual, se referindo ao Lewis e Clark.



Um pouco irônico porque, em teoria, ela era sua fêmea ideal. Poderia muito bem resolver permanentemente o seu problema de emparelhamento.

Exceto que seu coração não estava nisso.

Assim que, de jeito nenhum, ele seria responsável por suas esperanças e sonhos. E não havia chance dele ir por esse caminho com ela. Ela estava seduzida pelas fantasias que tinha com ele — se ele realmente fizesse amor com ela, isso só iria piorar ainda mais: quando não se tem experiência, esse tipo de atividade física poderia ser facilmente confundida com algo mais profundo e significativo.

Inferno, esse tipo de ilusão poderia acontecer inclusive entre duas pessoas que tivessem experiência.

Como com aquela garota da loja de tatuagem, por exemplo, entregando-lhe seu número. Ele não tinha interesse algum em ligá-la antes, durante ou depois. Ele não conseguia sequer lembrar o nome dela — e a ausência de informação não lhe incomodava nem um pouco. Qualquer mulher disposta a transar com um cara que ela não conhecia, em um lugar público, com três outros machos por perto, não era alguém que merecesse ter um relacionamento.

Cruel? Sim. Duplo critério? Sem chance. Ele não tinha nenhum respeito consigo mesmo tampouco, então não era como se ele julgasse seu próprio nível indigno e indecente com menos desgosto.

E, além disso, Layla não tinha ideia do que ele esteve fazendo com os humanos desde a sua transição... Todo o sexo nos banheiros e becos e cantos escuros dos clubes, aquela matemática evidenciando seu poder de saber exatamente o que fazer com o corpo dela.

Com qualquer corpo. Macho ou fêmea.

Merda. Não que isso o fizesse pensar sobre como Blay passou o dia.

Quinn atrapalhou-se com o seu telefone e abriu o flip. Foi até a mensagem de texto que Blay enviou de um número desconhecido, leu e releu e releu novamente.

Tinha que ter vindo do telefone de Saxton.

Provavelmente teclado da cama do cara.



Qhuinn jogou seu Blackberry na mesa e se levantou. No banheiro, manteve as luzes apagadas, porque não estava naaaaada interessado no seu aspecto com os jeans e camiseta com que havia dormido.

Uma linda bagunça²²³. Sem dúvida.

Enquanto lavava o rosto, um sutil zumbido emanava ao seu redor, as persianas das janelas estavam subindo. Com água pingando do queixo e um frasco de espuma de barbear²²⁴, ele olhou para a nova noite. Á luz da lua, as flores do vidoeiro prateado que estava próximo à janela havia saído ainda mais, indicando que o dia tinha sido quente.

Ele ignorou totalmente qualquer comparação com Blay sendo despertado para sua própria sexualidade.

Pelo próprio primo de Qhuinn.

Desgostoso com ele mesmo, pulou a ação da navalha e saiu de seu quarto. Acelerou o passo ao dirigir-se a cozinha, foi tão rápido quanto pode, dado que a pressão barométrica em seu crânio estava fazendo com que se preocupasse com a saúde e a longevidade de seus nervos óticos.

Abaixo, no feudo de Fritz, fez um bule de café enquanto uns *doggen* corriam ao redor preparando a Primeira Refeição. Boa coisa eles estarem tão preocupados. Às vezes, quando você se sente uma merda por dentro e por fora, você só quer manejar você mesmo uma Krups²²⁵.

Orgulho importava em momentos assim.

Levando em consideração que, na primeiro viagem pelo parque, ele esqueceu de acrescentar os grãos, assim, tudo que conseguiu foi um lindo e fumegante bule de água limpa.

Uma vez mais, com sentimento.

Ele estava saindo da sala de jantar com uma garrafa térmica de acampamento cheia do milagroso líquido castanho escuro e um frasco de aspirina, quando a porta do vestíbulo foi aberta pelo Fritz.

²²³ Título de uma música de Cobra Starship.

²²⁴ No original can of Barbasol.

²²⁵ Marca de máquinas de café.



O par que passou pelo bom *doggen* assegurava que haveria uma porrada de Bayer²²⁶ no futuro próximo de Qhuinn: Blay e Saxton entraram na casa de braços dados.

Por uma fração de segundo, quase rosnou enquanto uma sensação de possessividade o fez querer dirigir seu Hummer entre os dois e estacioná-lo lá — até que percebeu que o abraço era evidentemente por motivos medicinais. Saxton não parecia com firmeza nos pés, e seu rosto tinha sido claramente usado como saco de pancadas.

Agora Qhuinn rosnou baixo por um motivo diferente.

— Caralho, quem fez isso com você?

Não poderia ter sido a própria família do cara. Os pais de Saxton estavam bem com o que e quem ele era.

— Fale. — Exigiu. E uma vez esta pergunta fosse respondida, o par poderia seguir para cima com o fodido pensamento de Blay que poderia trazer um estranho não só a sede da Irmandade, mas a casa da Primeira Família.

Oh, mas e a questão número três: *como foi*? Iria realmente ficar exatamente onde estava. Ou seja, preso em sua garganta.

Saxton sorriu. Mais ou menos. Seu lábio superior não estava funcionando muito bem.

— Nada, algum lixo humano. Não nos deixemos ficar emocionais, certo?

— Foda-se. E que diabos você está fazendo aqui com ele? — Qhuinn olhou para Blay e tentou não examinar o rosto do cara procurando por marcas produzidas pelo roçar de barba. — Ele não pode estar nessa casa. Você não podia trazê-lo...

Do alto, a voz de Wrath cortou suas palavras, o tom profundo de barítono do Rei encheu o vestíbulo.

— Blay não estava brincando sobre você, não é? Você está um pouco quebrado, não está, filho?

Saxton ofegou enquanto se inclinava.

²²⁶ Marca de inseticida.



— Perdoe-me, Vossa Majestade, por não fornecer uma apresentação mais agradável. Você é muito amável em me receber aqui.

— Você se comportou bem comigo em um momento importante. Estou devolvendo o favor. Sempre o faça. Como foi dito, você compromete meu felizard de qualquer forma e eu corto fora suas bolas e o farei comê-las.

Amo Wrath, Qhuinn pensou.

Saxton fez outra reverência.

— Entendido.

Wrath não olhava para baixo das escadas, seus óculos escuros permaneciam para frente, de modo que parecia que ele estivesse olhando os afrescos no alto do teto. E mesmo com sua cegueira, ele não perdia nada.

— Qhuinn tem café, pelo o que posso sentir, então isso ajuda, e Fritz tem um quarto preparado para você. Deseja algo para comer antes de se alimentar?

Se alimentar? *Se alimentar?*

Qhuinn não gostava de estar fora da conversa, mesmo quando se tratava de uma pequena merda como a que estava sendo servida para o jantar. Saxton, a mansão, Blay, e a veia de alguém? Sim, não saber o que estava ocorrendo, fazia com que as pontas de suas presas formigassem.

Saxton fez outra reverência.

— Na verdade, é um anfitrião muito gentil.

— Fritz, dê algo de comer ao macho. A Escolhida deve chegar em breve.

A veia de uma Escolhida?

Cristo, o que exatamente Saxton fez para o Rei? O traseiro de quem ele tinha salvo?

— E nosso médico irá vê-lo. — Wrath, com a palma da mão para o alto, o deteve. — Não. Cheiro a dor que está sentindo — é uma combinação de querosene e pimenta em meu nariz. Agora, mova-se. Cuide-se e conversaremos mais tarde.

Então Wrath e George giraram sobre seus calcanhares no alto do balcão, Qhuinn se aproximou da hospitalidade de Fritz, andando atrás do mordomo



enquanto o cara encabeçava uma lenta subida na grande escadaria. No topo, o *doggen* idoso parou em favor dos passos de Saxton, sacou uma flanela para polir os adornos esculpidos em bronze.

Sem nada a fazer, a não ser esperar, Qhuinn abriu a aspirina e tomou um punhado, observando, através da porta aberta do estúdio do Rei, que John e Xhex falavam com V e Wrath, os quatro estavam em pé junto a um mapa que estava estendido na escrivaninha.

— Está é uma mansão espetacular. — Saxton disse enquanto parava para recuperar o fôlego. Apoiado na força de Blay, ele ajustava-se ao braço do cara... numa fodida perfeição.

O bastardo miserável.

— Meu mestre, Darius, construiu. — Os velhos olhos de Fritz lacrimejaram em quanto andavam ao redor, antes de se concentrar na macieira retratada no mosaico a baixo. — Ele sempre quis a Irmandade aqui... Construiu as instalações para esse fim. Ele ficaria muito satisfeito.

— Vamos continuar depois. — Saxton disse. — Estou ansioso por ver mais.

Seguiram pelo corredor de estátuas. Passaram pelo quarto de Tohr. Passaram pelo de Qhuinn e de John Matthews. Passaram pelo de Blay... E entraram na porta ao lado.

Por que não mais abaixo, foi o pensamento de Qhuinn. Como o porão.

— Vou trazer-lhe uma bandeja com quitutes variados. — Fritz entrou e verificou se tudo estava em ordem. — Disque asterisco um se precisar de alguma coisa antes que eu volte ou em qualquer outro momento.

Com uma reverência, o mordomo saiu, deixando um monte de incomodo atrás de si. Que não suavizou nem um pouco enquanto Blay levava Saxton para a cama e o ajudava a por o macho na horizontal.

O FDP estava em um lindo terno cinza. Com um colete. Que fazia Qhuinn e suas roupas-tipo-saco-de-dormir se sentir como se ele estivesse vestido com o melhor Hefty²²⁷.

²²⁷ Marca de saco de lixo.



Pondo-se mais erguido, pelo menos tendo uma clara vantagem vertical sobre Sax, ele disse: — Foi um dos caras do bar de charutos. Aqueles fodidos idiotas, não foi?

Enquanto Blay congelou, Saxton riu um pouco.

— Então nosso amigo aqui em comum Blaylock lhe falou sobre o nosso encontro? Eu me perguntava o que estava fazendo com o meu celular no banheiro.

Uh-huh, ótimo. Havia sido uma dedução e não uma ligação diurna que o levou a essa conclusão. Inferno, ele só teve uma mensagem de texto do cara. Um miserável, texto curto que não oferecia mais que um oi-como está...

Santa. Merda. Estava realmente reclamando sobre uma mensagem de telefone? Ele estava realmente cacarejando dessa forma?

Hum... a menos que usasse calcinha em baixo do seu jeans, ele adivinhou que isso seria uma grande sim-sim-sim.

Voltando ao jogo, retrucou.

— Foram eles?

Quando Blay nada disse, Saxton suspirou.

— Sim, receio que sentiram necessidade de se expressar... bem, o animal, chefe do grupo, fez. — as pálpebras do macho estreitaram e ele olhou para Blay — E eu sou um amante, não um lutador, vê?

Blay teve pressa para preencher o silêncio depois dessa pequena bomba.

— Selenia estará aqui em breve. Você vai gostar dela.

Graças a Deus não era Layla, Quinn pensou sem nenhuma razão aparente...

O silêncio que se seguiu tinha a consistência de alcatrão e o cheiro de consciência pesada.

— Posso falar com você. — Quinn disse a Blay abruptamente. — Lá fora no corredor.

Não era um pedido.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Quando Fritz chegou com a bandeja, Qhuinn saiu do quarto e aguardou no corredor, de frente para uma das estátuas musculosas. O que o fez pensar em como seria Blay nu.

Abrindo a tampa térmica com ruído, tomou um gole de seu café, queimou a garganta e bebeu mais de qualquer maneira.

Depois que Fritz entrou, surgiu Blay e fechou a porta.

— O que é?

— Eu não posso acreditar que você o trouxe aqui.

Blay recuou com uma careta.

— Você viu o rosto dele. Como não faria? Ele está machucado, não está se curando bem e precisa se alimentar. E Phury nunca permitiria que uma de suas Escolhidas apenas aparecesse em algum lugar do mundo. Esta é a única maneira segura de fazê-lo.

— Por que você não apenas encontrou mais alguém? Não tem que ser uma Escolhida.

— Desculpa? — Sua expressão ficou ainda mais profunda — Ele é seu *primo*, Qhuinn.

— Estou bem ciente desta relação. — E de como ele parecia mesquinho. — Só não estou ciente porque você fez tudo isso pelo cara.

Mentira. Sabia exatamente o porquê.

Blay virou.

— Vou voltar agora...

— Ele é seu amante?

Isso fez o macho se deter... Congelado como se ele fosse uma das estatuas gregas, com a mão parada na altura da maçaneta.

Blay olhou por cima do ombro, o rosto duro.

— Isso não é da sua conta.

Nenhum rubor a vista, e Qhuinn exalou lentamente em alívio.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



— Ele não é, não é mesmo? Você não esteve com ele.

— Deixe-me em paz, Qhuinn. Só... Deixe-me em paz.

Quando a porta se fechou atrás do cara, Qhuinn amaldiçoou baixinho e se perguntou se ele seria capaz de fazer isso.

Não tão cedo, uma voz disse em sua cabeça. Talvez nunca.





Capítulo CINQUENTA E TRÊS

Lash acordou com o rosto na terra e alguém mexendo em seus bolsos. Quando ele tentou se virar, algo duro segurou seu crânio e o manteve no lugar.

Uma palma. Uma palma humana.

— Pega as chaves do carro! — alguém chiou na sua esquerda.

Havia dois deles. Um par de humanos, ambos cheirando á fumaça de crack e suor velho.

Exatamente quando a mão se remexia no outro lado dele, Lash agarrou o pulso do homem e, com uma torção e um pulo trocou de lugar com o bandido bastardo.

Enquanto o cara escancarava a boca em choque, Lash arreganhou as presas e deu uma varredura de cima a baixo, capturando a pele avermelhada de uma bochecha, arrancando-a dos ossos. Uma cuspidá rápida e ele rasgou a garganta do punheteiro.

Gritaria. Muita gritaria vinda do cara que deu a ordem para pegar as chaves do carro... que foi rapidamente extinta quando Lash pegou sua faca e enfiou-a nas costas do Sr. Grande Ladrão de Carros²²⁸, atingindo bem entre as omoplatas do desgraçado.

Conforme o filho da puta caía no chão, Lash enrolou o punho e acertou a têmpora daquele que o havia montado.

Com a ameaça agora neutralizada, Lash ficou vacilante novamente, seu corpo caindo para o lado enquanto ele brevemente considerava vomitar de novo. Uma condição nada legal — especialmente quando o humano que ele acertara na mosca começava a grunhir e se agarrar a terra tentando se levantar.

Lash se forçou a ficar de pé e arrastou-se um pouco mais. Ficando por cima do drogado, ele colocou um pé na bunda do cara, tirou novamente a faca e enfiou-a nas costas dele. Então ele chutou o seu alvo, e levantou o braço...

²²⁸ No original, Mr. Grand Theft Auto, uma série de jogos para computador e videogame, em que o jogador deve controlar a personagem principal, um ladrão.



Ele estava a ponto de cravar-lhe a faca no peito quando percebeu que o bastardo era forte, seu corpo cheio de músculos. Dado aos seus olhos arregalados, ele claramente puxava um cachimbo, mas era novo o suficiente e as devastações da droga ainda teriam um bom trabalho pela frente até comê-lo vivo.

Bem, não era essa a noite de sorte do FDP? Graças a um capricho e um bom corpo, ele passara de cadáver para rato de laboratório.

Ao invés de esfaqueá-lo no coração, Lash cortou os pulsos e a jugular do humano. Conforme o sangue vermelho fluía até a terra, e o homem começava com os gemidos, Lash olhou para o carro e sentiu como se a coisa estivesse a centenas de quilômetros de distância.

Ele precisava de energia. Ele precisava...

Bingo.

Enquanto aquelas veias secavam, Lash se arrastou até a Mercedes, abriu a mala e levantou o carpete – o painel que cobria o estepe que normalmente era retirado facilmente.

Ora, subindo, subindo, subindo...

O quilo de cocaína era pra ter sido dividido e empacotado para as vendas na rua dias atrás, mas então o mundo explodiu e foi deixado bem onde o Sr. D. o tinha colocado.

Limpando a faca nas calças, Lash perfurou o celofane e mergulhou a ponta da lâmina. Ele cheirou a merda direto do aço inoxidável da faca, usando primeiro a narina direita e depois a esquerda – que não mais existiam.

Por via das dúvidas, ele fez outro round.

Eeeeeeee... mais um.

Conforme ele fazia um ritual de permaneça-dentro-de-mim com a droga, o fluxo que trovejou dentro dele salvou-lhe o traseiro, recuperando-o a ponto de mantê-lo em pé mesmo depois da rotina de vomitar-desmaiar. Porque ele tinha esses problemas, era um mistério... Talvez o sangue daquela prostituta barata estava estragado, ou talvez não era apenas o corpo de Lash, mas também sua química que estivesse mudando. De qualquer modo, ele iria precisar do pó até as coisas se estabilizarem.



A merda funcionava. Ele se sentia ótimo.

Após colocar no esconderijo novamente, ele se voltou para o drogado. O frio não ajudava o processo de drenagem, e esperar por ali enquanto o desgraçado sangrava não era a ideia mais inteligente, não importando o quão bem escondido eles estavam debaixo da ponte.

Superando os seus próprios zumbidos, ele foi até o cara morto em quem ele deu um de Hannibal Lecter²²⁹, rasgou a jaqueta de couro do homem e fez tiras de bandagens com a camiseta que estava por baixo.

Foda-se seu pai.

Foda-se aquele Merdinha.

Ele iria fazer seu próprio exército. Começando com esse bulldog viciado.

Não levou muito tempo para Lash colocar as bandagens improvisadas nas feridas abertas do humano; e então Lash o pegou e o jogou no porta-malas do carro com todo o cuidado que um taxista teria com uma bagagem barata.

Dirigindo para fora da ponte, seus olhos saltavam ao redor. Mas merda... todos os carros que ele via, desde os da área da estrada até o tráfego que passava pela rodovia, cada um deles era da Caldwell DP²³⁰. Ele tinha certeza disso. Era a polícia. Humanos com emblemas. A polícia, a DPC²³¹, a polícia, a DPC...

Conforme se dirigia para a fazenda, ele pegou todos os faróis fechados, e enquanto era obrigado a ultrapassar os sinais, ele encarava bem à frente, rezando para que todos aqueles policiais atrás e na frente dele não sentissem que tinha um homem morrendo e um monte de drogas no carro.

Seria um grande esforço lidar com uma parada policial. Além disso, falemos de matança. Ele finalmente estava se sentindo como deveria, cada batida do coração ecoando em suas veias, os cascos de aço daquela cocaína pisoteando seu cérebro, criando uma cacofonia de inspiração criativa...

Espere. No que ele estava pensando?

²²⁹ Célebre canibal do cinema interpretado por Anthony Hopkins no filme O Silêncio dos Inocentes.

²³⁰ Police Departament, departamento de polícia.

²³¹ Central Police District.



Ah, diabos, o que isso importava. Ideias semi-formadas dançavam em sua mente, planos se formando e desintegrando, um mais brilhante que o outro.

Benloise. Ele tinha que ir até Benloise e restabelecer a conexão. Fazer mais *lessers* de sua própria carne. Encontrar o Merdinha e mandá-lo de volta ao Omega.

Foder seu pai como o cara o havia fodido.

Foder Xhex novamente.

Voltar á fazenda e lutar com os Irmãos.

Dinheiro, dinheiro, dinheiro – ele precisava de dinheiro.

Conforme ele passava por um dos parques de Caldwell, seu pé soltou-se lentamente do acelerador. No início, ele não tinha certeza se realmente via o que via... ou se sua cabeça fodida estava distorcendo a realidade.

Mas não...

O que acontecia nas sombras perto da fonte apresentava a oportunidade que ele tinha de montar seu próprio negócio. Ou infiltrar se ele precisasse.

Estacionando a Mercedes em um dos espaços do estacionamento, ele desligou o carro e tirou a faca. Conforme passava por detrás do capô do AMG²³², ele estava vagamente ciente de que não pensava direito, mas então seguiu o fluxo de cocaína, e aquilo apenas pareceu certo.

John Matthew tomou forma em um emaranhado de pinheiros e arbustos com Xhex, Qhuinn, Butch, V, e Rhage. Logo à frente, a maltrapilha casa da fazenda com a fita amarela ao redor da cena do crime parecia com algo do Law & Order²³³.

²³² Modelo de Mercedes.

²³³ Seriado policial da TV estadunidense.



Mesmo se aquilo fosse verdade, sem Smell-o-Vision²³⁴, não se conseguiria uma figura precisa nem mesmo com uma boa câmera. Apesar da grande quantidade de ar limpo ao redor, o aroma do sangue era forte o suficiente para pigarrear.

Para cobrir apropriadamente a informação despejada por Lash, a Irmandade se dividiu ao meio, com os outros vigiando o endereço relacionado á placa de licença do Civic modificado. Trez e iAm acabavam de sair para cuidarem de seus negócios da noite, mas estavam prontos para voltar ao sinal de uma mensagem de texto. E de acordo com os Sombras, não havia nada de especial para ser relatado desde que Xhex os deixara, além do fato de que o Detetive De La Cruz havia voltado, passado uma hora e ido embora novamente.

John vasculhou a cena, focando-se nas sombras mais do que a lua conseguia iluminar. Então ele fechou os olhos e deixou seus instintos fluírem para fora dele, dando rédea livre a esse sensor indefinível e invisível em seu peito.

Em momentos como esse, ele não sabia porque fazia o que fazia; a urgência apenas o agarrava, a convicção de que ele já fizera isso antes – para bons efeitos – era forte e inegável.

Sim... Ele sentia algo... Havia fantasmas lá dentro. E essa certeza o lembrou o que ele sentira quando estivera naquele maldito quarto em que Xhex estava tão perto e tão longe dele. Ele a sentira também, mas estava bloqueado pra fazer qualquer tipo de conexão.

— Os corpos estão lá dentro. — Xhex disse. — Apenas não podemos vê-los ou pegá-los. Mas estou lhes dizendo... Eles estão lá dentro.

— Bem, então não vamos ficar brincando aqui fora — V disse, desmaterializando.

Rhage o seguiu, aparecendo exatamente dentro da casa, enquanto Butch tomava uma abordagem mais trabalhosa, caminhando através do gramado desalinhado, com a arma na mão e encostada em sua coxa. Ele olhou pelas janelas até V o chamar.

— Você vai entrar? — Xhex perguntou.

²³⁴ Sistema de liberação de odores durante a projeção de uma película para que o espectador possa "sentir" o que acontece no filme. Foi implantado no início do século XX; não deu certo, e é considerada uma das 100 piores ideias de todos os tempos.



John gesticulou com cuidado para que ela pudesse ler suas mãos. *Você já disse o que tem lá dentro. Estou mais interessado no que pode aparecer aqui fora.*

— Concordo.

Um por um, os irmãos voltaram.

V falou em voz baixa. — Presumindo que Lash não está apenas exibindo seus esforços de indução e presumindo que Xhex esteja certa...

— Sem presunção aqui. — Ela sibilou. — Eu estou certa.

— ... então quem quer que tenha transformado os pobres coitados tem de voltar.

— Obrigada, Sherlock.

V a encarou. — Quer parar com essa atitude, docinho?

John se endireitou, pensando que por mais que ele amasse o Irmão, ele não estava gostando de seu tom.

Xhex evidentemente concordou. — Me chame de docinho mais uma vez e será a sua última palavra...

— Não me ameace, docinho...

Butch chegou por trás de V e colocou a mão na boca do cara enquanto John segurava o braço de Xhex tentando acalmá-la enquanto olhava na direção de Vishous. Ele nunca entendeu a hostilidade entre os dois, apesar de existir esse sentimento desde que ele conseguia se lembrar...

Ele franziu a testa. Como resultado da explosão, Butch estava encarando o chão. Xhex olhava para uma árvore atrás de V. V rosnava e olhava para suas unhas.

Algo está errado, John pensou.

Oh... Jesus...

Não havia razão para V não gostar de Xhex – de fato, ela era precisamente o tipo de fêmea que ele respeitava. A não ser, claro, que ela tenha estado com Butch...



V era conhecido por ser possessivo em relação ao melhor amigo, só aceitando a *shellan* do cara.

John parou com as extrapolações, ele definitivamente não precisava saber de mais nada. Butch estava cem por cento comprometido com sua Marissa, então se algo aconteceu entre ele e Xhex... foi há muito tempo. Provavelmente bem antes de John conhecê-la – ou talvez quando ele era apenas um pré-trans.

Passado era passado.

Além disso, ele não devia...

Quaisquer outros pensamentos sobre a questão foram interrompidos quando um carro passou em frente à fazenda. Instantaneamente, toda a atenção foi voltada para um automóvel que tinha uma pintura da cor da roupa que uma garota de doze anos adoraria encontrar em seu guarda-roupa. Em, digamos, 1985.

Cinza, e amarelo limão, e rosa choque. Sério? Realmente acha isso legal? Cara... Presumindo que era um *lesser* atrás do volante, John acabara de arranjar outra razão pra matar esse Flock Of Seagulls²³⁵ desgraçado.

— Esse é o Civic tunado – Xhex sussurrou. — É isso.

Repentinamente houve uma súbita mudança no cenário, como se uma tela fosse colocada no lugar, vinda de cima. Felizmente, a acuidade visual sofreu apenas até que o escudo foi restabelecido, e então tudo ficou claro novamente.

— Eu acendi o *mhís* – V disse — E que filho da puta idiota. Esse carro é muito chamativo pra essa parte da cidade.

— Carro? – Rhage aspirou. — Por favor. Essa coisa é uma máquina de costura com uma barreira de ar presa nela. Meu GTO poderia transformar essa desgraça em poeira na quarta marcha de uma parada brusca.

Quando houve um som esquisito atrás, John olhou. Assim também fizeram os três Irmãos.

— O que? – Xhex enrugou o cenho, cruzando os braços na frente do peito — Eu posso rir, sabe. E isso foi... engraçado pra cacete.

Rhage se iluminou. — Eu sabia que gostava de você!

²³⁵ Banda de sucesso da década de 80 com um vocalista que usava roupas extremamente chamativas.



A máquina de costura passou pela casa e então voltou... Apenas para dar a volta e fazer isso mais três vezes.

— Estou ficando realmente entediado aqui. — Rhage trocava o peso de suas pernas, seus olhos se iluminando de um azul neon, o que significava que sua besta já estava rosnando e ficando ansiosa. Nada bom. — Por que eu não posso pular por cima do capô dessa merda e arrancar a cabeça do desgraçado pelo para-brisas?

— Melhor relaxar e colocar a armadilha. — Xhex murmurou enquanto John pensava a mesma coisa.

O cara detrás do volante deveria ser daltônico com relação á cores de carro, mas não era um total idiota. Ele fez esse mesmo percurso por cinco vezes, e quando Rhage ficou tão tihoso a ponto de demonstrar uma dupla personalidade, o assassino veio por detrás do milharal traseiro.

— Esse garoto é um furão — Rhage murmurou . — Um pequeno e indigente furão.

Verdade, mas o furão tinha um par de reforços com ele, do tamanho que não caberia naquele carro. Claramente, eles se encontraram em algum lugar e se desfizeram do outro carro.

E eram espertos com relação à aproximação. Tomaram seu tempo, e olharam tudo ao redor do gramado, da casa, e da floresta. Mas graças ao V, quando eles olharam para o conjunto de árvores onde seus inimigos estavam, seus olhos não registrariam nada além de paisagem — o *mhís* de Vishous era uma ilusão óptica que efetivamente disfarçava a tempestade de merda em que o inimigo estava entrando.

Conforme o trio ia para trás da casa, suas botas faziam um som de trituração sobre o gramado congelado e duro. Um momento depois, houve um som agudo... vidro sendo quebrado.

Para ninguém em particular, John gesticulou: *vou me aproximar*.

— Espere...

A voz de Vishous não desacelerou John nem um pouco, nem mesmo a maldição que ele deixara pra trás quando se desmaterializou bem do lado da casa.



O que significava que John foi o primeiro a ver os corpos quando eles se tornaram visíveis.

No instante em que o furão escalou a janela da cozinha, a casa tremeu e...

Olá, Massacre da Serra Elétrica.

Estendidos, da sala de estar para o hall da sala de jantar, havia uns vinte caras alinhados com suas cabeças direcionadas para a traseira da casa, e os pés para a porta. Bonecas. Grotescas bonecas nuas com vômito negro em seus rostos e braços e pernas lentamente se movendo.

John sentiu Xhex e os outros tomarem forma bem ao seu lado, atrás da janela, no momento em que o furão aparecia em suas vistas.

— Porra! — O garoto girava e olhava ao redor. — *Sim!*

Sua risada triunfante beirava a histeria — o que teria sido perturbador, se não fosse o fato de que ele estava cercado de sangue e entranhas e pedaços de carne. Assim? A aguda gargalhada dele era de nocautear qualquer um — um clichê horrível. Mas também o era, o carro do bastardo. Muito Vin Diesel?

— Vocês são meu exército! — ele gritou para os caras ensanguentados no chão. — Vamos comandar Caldwell! Levantem os traseiros do chão, é hora de trabalhar! Juntos, nós somos...

— Mal posso esperar pra matar esse merdinha — Rhage rosnou — Só para calar a boca dele.

Certamente.

O desgraçado se assemelhava a Mussolini, todo blá-blá-blá, o que era muito bom para o ego, mas que por fim não significava merda nenhuma. A resposta dos filhos da puta no chão era o problema...

Huh. Talvez o Omega tenha escolhido bem: as bonecas pareciam ter bebido Kool-Aid²³⁶. Os agregados drenados, massacrados e reanimados, agora desalmados ex-humanos, levantavam os torsos, tentando ficar de pé, no comando do furão.

Uma pena para eles que isso seria um desperdício de esforços.

²³⁶ Refresco em pó artificial estilo Q-Suco.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



— No três – Vishous sussurrou.

Xhex foi a que contou. — Um... dois... *três*!





Capítulo CINQUENTA E QUATRO

Logo que a noite caiu sobre a paisagem e lhe concedeu a graça escura sobre a terra boa, Darius desmaterializou-se de sua modesta residência e tomou forma na costa perto do oceano com Tohrment. A “cabana” que o symphath descrevera era na verdade uma mansão de pedra de um certo tamanho e distinção. Havia velas acesas dentro, mas enquanto Darius e seu protegido permaneceram no meio das folhagens, não houvera sinais evidentes de vida; Nenhum vulto passava pelas janelas. Nenhum cão latiu em advertência. Nenhum aroma vindo da cozinha flutuava na brisa fresca e calma.

Havia, no entanto, um cavalo saindo para o campo e uma carruagem perto do celeiro.

Bem como uma esmagadora sensação de mau agouro.

– Tem um symphath aí, – Darius murmurou enquanto seus olhos sondavam não apenas o invisível, mas as sombras.

Não havia nenhuma maneira de saber se havia mais de um comedor de pecados dentro das muralhas, como somente um único deles para criar a barreira do medo. E nenhuma maneira de reconhecer se era o symphath que eles buscavam.

Pelo menos não enquanto eles ficavam na periferia.

Darius fechou os olhos e deixou seus sentidos penetrarem no que foram capazes de ver na cena acima deles, seus instintos, além da visão e da audição, se focaram para verificar situações de perigo.

Na verdade, havia momentos em que ele confiava no que sabia ser verdade mais do que naquilo que via.

Sim, ele podia sentir algo por dentro. Havia um movimento frenético dentro das paredes de pedra.

O symphath sabia que eles estavam lá.

Darius acenou para Tohrment e os dois aproveitaram a oportunidade e tentaram desmaterializar-se para a sala.



Metal escondido na alvenaria os impediu de penetrar nas paredes robustas e eles foram obrigados a tomar forma na lateral gelada da casa. Implacável, Darius ergueu seu cotovelo coberto de couro e quebrou o vidro temperado da janela; em seguida segurou na esquadria e tirou a estrutura. Atirando-o de lado, entrou com Tohrment como uma rajada de vento, materializando-se na sala...

No momento exato de pegar um flash de um mergulho vermelho através de uma porta interna em direção ao fundo da casa. Em um acordo silencioso, ele e Tohrment partiram em perseguição, chegando à saída que tinham tomado enquanto os pinos da fechadura estavam girando.

Mecanismo de cobre. O que significava que não havia como a mover mentalmente.

– Fique de fora. – disse Tohrment enquanto nivelava o cano de sua arma.

Rapidamente, Darius saiu da frente enquanto um tiro soava, e então ele arremeteu o ombro contra a porta, empurrando-a com força.

As escadas abaixo eram escuras, exceto por uma luz fazendo uma última tentativa para não enfraquecer.

Desceram os degraus de pedra golpeando com as botas e correndo sobre o chão coberto de sujeira acumulada, correndo atrás da luz... E do cheiro de vampiro que estava impregnado no ar.

A urgência trovejou nas veias de Darius, ira se opondo ao desespero. Ele queria a fêmea de volta... Querida Virgem Escriba, como ela deve ter sofrido...

Houve um som de pancada e em seguida, o túnel ficou no breu.

Sem perder seu passo, Darius avançou poderosamente, colocando a mão contra as paredes para manter seu caminho em linha reta. Em seus calcanhares, Tohr se mantinha com ele na perseguição, e os ecos clamejantes de suas botas ajudavam Darius a determinar o final da passagem. Ele parou um instante, usando suas mãos para localizar a trava da porta.

A qual o symphath não tivera tempo de bloquear atrás de si.

Rasgando os pesados painéis de madeira, Darius sentiu uma lufada profunda de ar fresco e uma visão de uma lanterna estridente surgiu à frente, do outro lado do gramado.



Desmaterializando-se e tomando forma em seguida, ele pegou o macho symphath e a fêmea vampiro ao lado do celeiro, bloqueando sua fuga de tal forma que o sequestrador foi forçado a parar.

Com as mãos trêmulas, o comedor de pecados segurou uma faca na garganta de sua cativa.

– Eu vou matá-la! – gritou ele. – Eu vou matá-la!

Contra ele a fêmea não lutava, não tentava se afastar ou implorava para ser libertada e salva. Ela apenas olhava para frente, seus olhos assombrados e apáticos em um rosto sombrio. Na verdade, não havia pele mais pálida do que aquela, exceto a de mortos à luz do luar. E, na verdade, a filha de Sampson, podia ter um coração batendo entre as costelas, mas sua alma já estava morta.

– Deixe-a ir. – Darius ordenou. – Deixe-a ir e nós o deixaremos vivo.

– Nunca! Ela é minha!

Os olhos do symphath brilhavam vermelhos, sua linhagem perversa brilhando na noite, e ainda sua juventude e seu pânico, evidentemente, o tornava incapaz de utilizar a arma mais poderosa de sua raça. Embora Darius estivesse preparado para um ataque mental, uma invasão em seu crânio não veio do comedor de pecados.

– Deixe-a ir, – Darius repetiu, – e nós não o mataremos.

– Eu tenho cruzado com ela! Você me ouve? Acasalado com ela!

Enquanto Tohrment apontava sua arma direto para o sexo do macho, Darius estava impressionado com quão calmo ele estava. Primeira vez em campo, a situação de cativo, o symphath... E o garoto estava bem no meio sem ser consumido pelo drama.

Com calma deliberada, Darius continuou tentando argumentar com seu adversário, observando com raiva viciosa a maneira como a camisola da fêmea fora manchada.

– Se você a soltar...

– Não há nada que você possa me dar de mais valor do que ela!

A voz baixa de Tohr quebrou a tensão:



– Se você deixá-la ir, não irei atirar em sua cabeça.

Foi uma ameaça boa o suficiente, supôs Darius. Mas, claro, Tohrment não iria disparar a arma... Um risco muito grande para a fêmea no caso de seu alvo sair da mira por apenas uma fração.

O symphath começou a caminhar de volta para o celeiro, arrastando a vampira com ele.

– Vou fatiá-la...

– Se ela é tão preciosa para você, – disse Darius, – como pode suportar a perda?

– É melhor ela morrer comigo do que...

Boom!

Enquanto a arma disparava, Darius gritou e pulou para frente, como se ele pudesse pegar a bala de Tohrment com as mãos.

– O que você fez?! – ele gritou enquanto o symphath e a fêmea aterrissavam amontoados.

Correndo pela grama e, em seguida, caindo de joelhos, Darius rezou para que ela não tivesse sido atingida. Com o coração na garganta, estendeu a mão para rolar o macho tirando-o de cima dela...

Quando o jovem symphath tombou de costas, revelou-se um buraco perfeitamente redondo e preto no centro de sua testa.

– Querida Virgem Escriba... – Darius ofegava. – Que tiro!

Tohrment ajoelhou-se.

– Eu não teria puxado o gatilho se eu não tivesse certeza.

Ambos se inclinaram para a fêmea. Ela olhava para o firmamento acima, com os olhos fixos sem pestanejar.

Sua garganta fora cortada, depois de tudo?

Darius vasculhou a vaporosa camisola que um dia fora branca. Havia manchas de sangue impregnadas no tecido, algumas secas e outras que estavam frescas.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



A lágrima que derramou diante de seus olhos brilhava como prata ao luar.

– Você está a salvo, – disse Darius. – Você está segura. Não tenha medo. Não fique triste.

Enquanto seu olhar pálido se deslocava para encontrar o dele, seu desespero era tão frio como o inverno e assim como o isolamento.

– Nós vamos levá-la de volta de onde você veio, – Darius prometeu. – Sua família deve...

Sua voz nada mais era do que um resmungo vindo de sua garganta:

– Você deveria ter atirado em mim ao invés dele.





Capítulo CINQUENTA E CINCO

Quando a contagem regressiva chegou a "um", Xhex tomou forma na sala de estar da casa da fazenda, pensando que a preocupação sobre uma emboscada estava certa... exceto que foram os assassinos, os otários surpreendidos. Enfrentando o lesser mais próximo e caindo num mano-a-mano com o cara, ela sabia que tinha que trabalhar rápido.

Você tinha o elemento surpresa apenas uma vez em qualquer luta, e ela e sua equipe eram superadas em número de quatro para um... em uma situação em que armas de fogo não podiam ser usadas. Balas eram precisas apenas se você tinha tiros limpos em alvos parados e ali não tinha nada disso. Braços, pernas e corpos estavam voando ao redor enquanto os Irmãos, John e Qhuinn faziam exatamente o que ela estava fazendo, escolher um induzido aleatoriamente e dar uma de Bruce Lee em seus traseiros.

Xhex sacou a adaga com a mão esquerda enquanto lançava um gancho de direita no assassino a sua frente. A pancada forte deixou o cara sem sentidos, e, enquanto ele caía bruscamente contra a parede, ela colocou o braço dele para trás e mirou a ponta da sua lâmina direto no peito do...

Com um tapinha, Butch pegou o seu pulso.

— Deixe-me terminar isso.

Posicionando-se entre eles, ele travou os olhos no assassino e aproximou a boca. Em uma inalação lenta e contínua, ele começou a drenar a essência do corpo, uma repugnante nuvem suja... como poluição, transferia-se do lesser para Butch.

— Jesus... Cristo.... — Ela sussurrou enquanto o assassino que uma vez tinha tido forma se desintegrava em cinzas aos pés do Irmão.

Enquanto Butch vacilava e estendia a mão para a parede como se estivesse com dificuldades para ficar em pé, ela segurou o braço dele.

— Você está bem?

Um estridente assovio vindo de John a fez girar a cabeça bem a tempo — outro lesser estava correndo para ela, preparado para usar o canivete que



estava na mão. Graças a John, ela abaixou-se e pulou para a frente, agarrando o grosso pulso e tomando o controle da arma enquanto ela esfaqueava acima, agarrando o assassino por baixo das costelas.

Luzes brilhantes, big bang.

E que venha o próximo.

Ela estava muito concentrada na luta, rápida com seus pés, ligeira com suas mãos. E embora ela estivesse a mil por hora e fizesse desaparecer um assassino, ela iria respeitar o papel de Butch neste confronto. Ela não entendia precisamente do que se tratava toda essa rotina da-cinza-ao-pó²³⁷, mas ela estava disposta a apostar que isso era um final especial para o inimigo.

Nessa linha de raciocínio, ela passou a cortar a parte detrás dos joelhos e a frente das coxas. Incapacitação era algo em que ela se sobressaía como uma assassina, porque, muitas vezes ela tinha uma mensagem a passar, antes do golpe final. E com certeza, enquanto ela deixava corpos gemendo em seu caminho, Butch varria por trás dela, inalando e transformando em fino pó o que eles tinham vindo matar.

Enquanto ela talhava e cortava os induzidos em seu caminho, ela se encontrou mantendo um olho em John e... santo inferno. Ele era um lutador muito habilidoso.

Que parecia se especializar em quebrar pescoços. Ele era letal se aproximando por trás do inimigo, agarrando-o e então com força bruta...

O golpe veio do nada, acertando-a no ombro e mandando-a girando para a parede, sua faca soltando de suas mãos enquanto todos os tipos de estrelas a la Looney Tunes²³⁸ explodiam diante de seus olhos.

O assassino que fez um hockey-checked²³⁹ nela, pulou para frente e apanhou a adaga do sangrento chão da sala de estar, empunhando a arma contra ela.

²³⁷ No original, ashes-to-ashes. É uma canção de David Bowie que serviu de inspiração para a criação de um seriado televisivo britânico.

²³⁸ Série de curta-metragens de animação estadunidense, em que se destaca, entre outros, Penalonga e Patolino.

²³⁹ Expressão do Hockey de Gelo que significa qualquer uma da série de técnicas de defesa, na qual o jogador usa a vara ou o corpo.



No último minuto, ela desviou para a esquerda de modo que ele esfaqueou a parede, encaixando a lâmina no painel Sheetrock²⁴⁰. Enquanto ele tentava deixar a coisa livre, ela girou e cravou sua lâmina de reserva no estômago dele, abrindo um buraco em seu intestino.

Encontrando o estupefato olhar dele, ela disse:

— O quê, acaso você pensou que eu não tinha uma segunda faca, seu idiota fodido?

Ela deu um golpe na cabeça dele com as costas da arma de reserva, e enquanto ele desmoronava sobre os joelhos, ela desembainhou a primeira faca do gesso e voltou a luta. Enquanto grunhidos e socos ressoavam em torno da casa, ela passou através da luta para encontrar o que não estava sendo atendido...

Um dos assassinos saía voando através da porta da frente, correndo do perigo para o campo aberto.

Ela se desmaterializou fora da casa e bem no caminho dele. Enquanto ele freava, tentando parar como os Três Patetas, ela sorriu:

— Não, você não pode ser dispensado.

O *lesser* saiu correndo de novo e se dirigiu de volta a luta, o qual foi estúpido, uma vez que não havia ninguém lá que pudesse ajudá-lo. Bem, não para sobreviver.

O corpo dela estava ágil e forte enquanto ela o perseguia e os dois retornaram por um desvio. Justo quando ele chegava à porta, ela saltou no ar e o levou a um combate voador, pegando-o pelo pescoço e ombros e girando, usando uma combinação de sua força e sua trajetória pegando o cara de surpresa.

Eles aterrissaram violentamente, mesmo deixando-a sem fôlego, ela estava sorrindo.

Deus, ela amava uma boa luta.

²⁴⁰ Marca conhecida de painéis de gesso.



John viu de relance Xhex desaparecer pela porta da frente, mas ele não podia ir atrás dela porque tinha um par de iniciados bem no seu traseiro. Mas ele iria cuidar daquele grupo bem rápido²⁴¹.

Engraçado, é só a sua fêmea sair para a noite sozinha e você ganha uma explosão extra de energia...

Não que ela fosse sua fêmea.

Engraçado como lembrar isso o faz se sentir mesquinho como uma cobra.

Alcançando o assassino a sua frente, John arrancou o pescoço do bastardo fora do topo de sua coluna. Enquanto ele jogava a cabeça como uma bola de boliche, ele pensou que era uma maldita pena que não tivesse tempo para fazer o mesmo com os braços e as pernas do garoto... assim ele podia bater no outro com os tocos até deixá-lo sem sentidos.

Infelizmente, o número dois agarrou John pelo peito e estava tentando asfixiá-lo com um abraço de urso.

John agarrou os pulsos e segurou o maldito no lugar, então girou, pulou, e conseguiu ficar numa reta horizontal no ar. Eles bateram no chão com John no topo fazendo do *L-E-S-S-E-R* um *colchão*. Levantando-se, John bateu a parte de trás da cabeça diretamente no rosto do oponente, transformando o nariz em um gêiser.

Uma rápida sacudida e John levantou seu punho alto no ar.

O segundo golpe causou uma rodada de espasmos, o que sugeria que o lóbulo frontal do cara estava tendo sérios problemas de transmissão elétrica e o bastardo estava agora na epilepsilândia.

Não iria ser um problema para o *lesser* enquanto esperava Butch vir até ele. John se precipitou para a porta pela qual Xhex havia se desmaterializado, seus Shitkickers derrapando no sangue que agora tinha duas cores, vermelho enferrujado e negro brilhante.

²⁴¹ No original PDQ, pretty-damn-quick.



Assim que chegou na porta aberta, ele parou nos batentes.

Isso era o combate mais espetacular que ele já tinha visto. O *lesser* que ela estava perseguindo estava disparando de volta para a casa, tendo obviamente repensado sua estratégia de fuga, e ele estava se movendo muito rápido, os pés descalços silvando sobre a grama gelada. Xhex, contudo, estava se aproximando rápido, angulando um ponto de interceptação que era possível apenas porque ela era mais forte e mais focada no ex-humano.

John não tinha tempo para intervir mesmo se ele quisesse: Xhex saltou bruscamente no ar, estendendo-se para o *lesser*. Ela o prendeu justamente ao redor da cintura o fazendo dar a volta, colando-o no chão e cortando a parte de trás das coxas dele tão profundamente que ele gritou como uma menina.

Ela se levantou e estava preparada para ir de novo...

— John, atrás de você!

Quando ela gritou, ele girou e ficou de frente a um assassino, o cara correndo como um touro para ele diretamente através da porta. John aterrissou sobre seu traseiro, escorregando para trás sobre o gasto concreto no caminho de entrada.

O que demonstrava porque você precisava usar um bom couro.

Um pouco de dermoabrasão²⁴²?

Puto da vida porque foi parar na grama da frente com Xhex servindo de testemunha, ele agarrou o cabelo do assassino e puxou a coisa fazendo um arco deixando a espinha do cara zumbindo como um filho da puta.

Com um grunhido sem som, John revelou suas presas e mordeu o maldito no pescoço. Rasgando a massa do que já havia sido anatomia humana, ele cuspiu a merda fora e então arrastou a coisa murmurante de volta pelos cabelos. Quando ele passou por Xhex, ele assentiu para ela.

— De nada. — Ela disse com uma pequena reverência. — E bonito movimento esse com a mordida.

Olhando-a sobre seus ombros, o respeito que ela mostrava por ele, golpeou-o mais forte do que nenhum assassino havia feito ou podia fazer: o

²⁴² Espécie de lixamento dermatológico para remover cicatriz.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



coração dele inchou e sentiu como se a emoção tivesse preenchido toda a sua pele.

Fodido sonhador que ele era...

O inconfundível *pop* de uma pistola atrás dele o congelou onde estava.

O barulho estava tão perto que seus tímpanos doeram ao invés de ouvirem algo específico, e uma fração de segundo depois, ele se perguntou quem tinha dado esse tiro e quem, se foi alguém, levou o tiro.

A última foi respondida quando a sua perna esquerda cedeu sob seu peso e ele caiu como um carvalho.



Capítulo CINQUENTA E SEIS

A faca de Xhex voou de sua mão uma fração de segundo depois que ela viu o *lesser* virar a esquina e apontar o cano da arma para as costas de John.

Sua adaga viajou girando pelo ar, cruzando a distância num piscar de olhos, voando tão perto da orelha de John que ela rezou para um Deus em quem não acreditava para que ele não decidisse virar a cabeça de repente por qualquer razão.

No exato momento em que o assassino puxou o gatilho, sua lâmina o atingiu na carne de seu ombro, o impacto movendo seu torso, a dor fazendo-o derrubar seu braço.

O que significou que John levou a bala na perna em vez de no coração.

Enquanto seu macho caía, ela saltou para cima dele com um grito de guerra.

Foda-se Butch O 'Neal. Esta matança era dela.

O *lesser* estava se arrastando enquanto tentava retirar a arma dela de seu torso — pelo menos até que a ouviu gritar. Então olhou em direção a ela e recuou em horror — o que sugeria que seus olhos estavam vermelhos ardentes e suas presas estavam completamente estendidas e reluzentes.

Xhex aterrissou na frente dele, e enquanto ele se encolhia e erguia suas mãos para proteger seu rosto e pescoço, ela não se moveu: Sua adaga reserva ficou ao seu lado e sua terceira permaneceu no coldre em sua coxa.

Outros planos para este garoto.

Usando seu lado *sympath*, ela vasculhou dentro do cérebro do assassino e disparou os ápices de sua memória, assim de uma vez só ele sentiu o choque de cada coisa horrível que já fizera e cada ato terrível que fora perpetrado contra ele.

Um monte de merda. Um moooooonte de merda. Ele aparentemente tinha uma coisa com garotas menores de idade.

Ora, se isso não seria satisfatório em muitos níveis?!



Enquanto afundava no chão, ele gritou e apertou suas têmporas — como se tivesse uma maldita chance de parar o dilúvio — e ela o deixou sofrer e rolar na sujeira de seus pecados, sua grade emocional acesa em todos os setores que indicavam medo, repugnância, remorso e ódio.

Quando ele começou a bater o crânio contra o sujo papel de parede, deixando uma mancha preta onde sua orelha estava, Xhex plantou um e somente um pensamento em sua mente.

Plantou-o como uma faixa de hera... uma faixa de hera envenenada que iria se apoderar e infiltrar e possuir seu real estado mental.

— Você sabe o que tem que fazer, — ela disse numa voz profunda, distorcida. — Sabe qual é a saída.

O assassino deixou seus braços caírem e revelou seus olhos perturbados. Sob o peso que ela lançara, e como um escravo da ordem que lhe dera, ele agarrou o cabo da adaga dela e a retirou de sua carne.

Mirando de volta em sua própria direção, ele agarrou a arma com as duas mãos, seus ombros se retesando enquanto se preparava para enviar a lâmina numa trêmula descida.

Xhex o deteve, congelando-o para que pudesse se ajoelhar bem ao lado dele. Ficando cara a cara, ela olhou dentro de seus olhos e sibilou:

— Você não vai perseguir o que é meu. Agora seja um bom menino e se estripe.

Um salpico de sangue preto atingiu as calças de couro dela enquanto o sujeito cravava direito no estômago e arrastava a lâmina transversalmente, fazendo um belo buraco sujo das coisas.

E então ao seu comando mental, mesmo enquanto seus olhos rolavam para trás de sua cabeça, ele retirou a arma e a entregou para ela, o cabo primeiro.

— Não tem de que, — ela murmurou. Então o apunhalou no coração e num instante, ele desaparecera.

Enquanto Xhex dava um giro, a sola de sua bota chiou no chão molhado.





John estava olhando para ela com olhos que não eram diferentes dos do assassino, seu fixo olhar aberto tão amplamente que ele não mostrava nenhuma pálpebra em cima ou em baixo.

Xhex enxugou sua primeira lâmina em sua calça de couros.

— Quão ruim você está?

Enquanto John lhe dava os polegares para cima, depois fazia um sinal de OK, ela percebeu que a casa estava silenciosa e olhou ao seu redor. Todo mundo estava de pé, em silêncio: Qhuinn estava acabando de se endireitar de uma decapitação, e se virando para ver se John estava bem. E Rhage estava entrando numa corrida, vindo da cozinha com Vishous em seus calcanhares.

— Quem foi atingido... — Rhage escorregou até parar e fixou o olhar no buraco na calça de couro de John. — Cara, três polegadas acima e à esquerda e você seria um soprano, amigo.

V se curvou e ajudou John a se colocar de pé.

— É, mas pelo menos ele poderia ter começado a aprender a tricotar com você. Você poderia ter-lhe ensinado a fazer meias de crochê. Traz lágrimas aos olhos.

— Se me lembro bem, eu não sou o único com uma fixação por lã —

Enquanto uma respiração ofegante se agitava na sala, Vishous amaldiçoou e correu para o lado de Butch quando o sujeito quase caiu no corredor.

Oh... cara! Talvez ela precisasse reconsiderar a coisa de "todo mundo de pé". O ex-policia! parecia que estava com intoxicação alimentar, malária e H1N1 tudo ao mesmo tempo.

Ela focou em Qhuinn e Rhage.

— Precisamos de um carro. Ele e John precisam ser transportados de volta à mansão...

— Eu cuidarei de meu garoto, — Vishous disse ríspidamente enquanto se tornava uma muleta para Butch e o escoltava de volta para cima do sofá da sala de estar.

— E eu vou buscar o Hummer, — Qhuinn disse.





No momento em que ele se virava, John bateu um punho com força na parede para chamar a atenção de todos e sinalizou,

Eu estou bem para lutar...

— Você precisa ser examinado pela doutora, — ela disse.

As mãos de John começaram a voar tão rápido que Xhex não conseguia acompanhar as palavras, mas estava malditamente claro que ele não iria embarcar nessa de ser colocado no banco só por causa da bala de chumbo em sua perna.

A discussão deles foi interrompida por um resplandecente brilho que a fez inclinar para o lado e dar uma olhada por sobre seu ombro. O que ela viu explicava muita coisa e não só o que tinha acontecido na briga em que eles todos estiveram: No sofá sujo, V tinha Butch em seus braços e suas cabeças estavam juntas, o par delas tão perto que não havia nenhum espaço sequer entre eles. E no meio de seu abraço, o corpo inteiro de Vishous estava brilhando, com Butch parecendo extrair força e cura dele.

O óbvio cuidado e simpatia de V pelo cara fez com que sua aversão por ele diminuísse — especialmente quando ele virou seu rosto e olhou para ela. Por um momento, sua máscara de frieza caiu e o desespero exibido em seus olhos provou que ele não era um idiota completo. Ao contrário, parecia sentir a dor do sacrifício de seu Irmão pela raça. Verdadeiramente, o comia vivo.

Oh, e... Butch aparentemente era dele. O que explicava por que V tinha implicância com ela. Ele estava com ciúmes, pois ela tivera um pedaço do que ele quisera, e tão racional quanto ele era, não conseguia parar de se ressentir com ela por isto.

Foi só uma vez, entretanto, ela dirigiu seus pensamentos a ele. E nunca mais.

Após um momento, V acenou com a cabeça, como se apreciasse a confiança reestabelecida, e Xhex retornou o respeito. Então ela focalizou novamente nos machos à sua frente. Rhage saltara no trem do *que-diabos-não-você-não-vai-lutar*, preenchendo a lacuna que ela deixara.

— Eu vou voltar com você, John, — ela cortou a conversa. — Vamos voltar juntos.





Quando John encontrou seus olhos, a grade emocional dele estava iluminada como a *Vegas Strip*²⁴³.

Ela sacudiu a cabeça para ele.

— Vou manter nosso acordo. E você vai se cuidar.

Com isto, Xhex reembainhou suas facas, cruzou os braços sobre o peito, e se recostou contra a parede, toda *não-vou-sair-daqui*.

Ela salvara sua vida.

Sem dúvida, Xhex devolvera a John seu futuro antes mesmo dele saber que iria perdê-lo: A única razão pela qual ele ainda estava vivo era porque ela atingira aquele assassino no ombro com sua faca.

Então, é, ele estava agradecido por tudo aquilo, mas não estava realmente interessado nela bancando a babá.

Além disso, bancar a enfermeira voluntária não era o mais alto e melhor uso dos seus talentos.

John olhou rapidamente além dela para a marca de queimado no chão — que era tudo o que sobrara do assassino que o atingira. Maldição... e pensar que ela fizera o pior dos estragos sem ao menos tocar o filho da puta? Aquela era uma arma inimaginável que ela tinha em sua mente. Merda, o horror no rosto daquele bastardo... Depois ele abria seu próprio abdômen. Que diabos ele tinha visto?

Agora John sabia por que os *symphaths* eram temidos e segregados.

E cara, entre aquele pequeno show e o movimento de Heisman²⁴⁴ que ela fizera no gramado da frente, John percebeu que ela era precisamente o que ele sempre soubera que fosse: Uma lutadora até a alma.

²⁴³ Las Vegas Strip - A Strip de Las Vegas corresponde a uma seção de 6,7 km da Las Vegas Boulevard, onde se localizam a maioria dos hotéis e casinos da zona de Las Vegas. É uma área completamente iluminada, desde os letreiros até os seus diversos prédios.



Xhex podia fazer mais do que se virar em campo — ela era um recurso completo na guerra. O que era a razão deles dois precisarem continuar em frente aquela noite e não desperdiçar tempo voltando para casa para colocar um *Band-Aid* no seu dodói.

Se impulsionando para fora do chão, John colocou o peso na perna machucada e a coisa uivou como uma cadela. Mas ele ignorou o grito — assim como a falação que surgiu ao seu redor.

Conversa fiada da última fila: grátis.

Opiniões sobre sua perna: Não valem a energia ou o tempo desperdiçado com elas.

Surdez seletiva? Não tem preço.

No que estava interessado era a quantidade que eles haviam matado aquela noite. E se tinham pegado o furão. Olhando dentro da sala de estar, ele —

Rhage entrou na sua frente.

— Ei, oi! Como vai? — Hollywood estendeu a mão. — Eu gostaria de me apresentar. Eu sou o pedaço de carne que vai te colocar à força, de ponta-cabeça, no Hummer do seu amigo Qhuinn assim que ele chegar aqui. Só achei que devia me apresentar antes de eu amarrar seu traseiro e jogá-lo sobre o meu ombro como um saco de areia.

John fixou os olhos no cara.

Não vou a lugar algum.

Rhage sorriu, sua incrível beleza parecendo algo vindo do céu. Mas essa era apenas a merda externa. Interiormente, era como se viesse direto do inferno — nesta situação.

— Desculpe, resposta errada.

Eu estou bem...

²⁴⁴ Movimento de Heisman - Referência ao jogador de Futebol Americano e técnico de futebol e beisebol John William Heisman (23/10/1869 – 3/10/1936), um inovador que desenvolveu um dos primeiros movimentos do Futebol Americano e originou o "hike" ou "hep" gritado pelo quarterback (zagueiro) para começar cada jogada. Ele sugeriu que o jogo fosse dividido em quatro tempos em vez de dois.



Aquele pedaço-de-merda, filho da puta, escroto filho de uma cadela realmente avançou rápido, agarrou John pelo ferimento, e apertou o novo lar da bala.

John gritou sem produzir som algum e caiu numa queda livre, aterrissando no chão encharcado de sangue com um baque. Erguendo sua perna, ele tentou embalar sua coxa, como que se mostrasse um pouco de carinho e afeto tardio convenceria a coisa a se acalmar.

No estado em que se encontrava, ele se sentia como se tivesse vidro estilhaçado cravado em seu músculo.

— Isso era realmente necessário? — Xhex perguntou, de cima.

Na voz de Rhage não havia mais sinal de brincadeira.

— Você quer argumentar com ele? Boa sorte. E se pensa que qualquer assassino faria diferente, está com a cabeça fora do lugar. Tem um evidente buraco circular na frente da calça de couro dele e ele caminha mancando. Qualquer retardado idiota vai saber qual é a debilidade dele. Além do mais, ele cheira à sangue fresco.

O rato bastardo provavelmente tinha um bom argumento, mas Cristo no Calvário...

Era completamente possível que John desmaiasse de dor, porque a próxima coisa que ele soube foi que o auto-proclamado "pedaço de carne" estava levantando-o para carregá-lo para fora da casa.

Tá bom, que se dane. Aquilo era um definitivamente-não. John se libertou dos braços do cara com um impulso e tentou pousar sem amaldiçoar ou vomitar. Com sua boca compondo todos os tipos de palavras similares à *porra*, ele passou mancando por Butch, que parecia muito melhor, e V, que acendera um cigarro enrolado à mão.

Sabia exatamente onde Xhex estava: Atrás dele, com a mão em suas costas como se soubesse que ele estava cambaleante e poderia desabar a qualquer minuto.

Não havia a menor chance, entretanto. Uma tremenda determinação o fez chegar até o Hummer e entrar no banco de trás sozinho. Claro, no momento em que Qhuinn dera a partida, John tinha um suor frio em toda parte dele e não conseguia sentir suas mãos ou seus pés.



— Fizemos uma contagem de corpos, — ele ouviu Xhex dizer.

Quando olhou, ela estava encarando-o do outro lado do banco. Cara... ela era malditamente linda na luz emitida pelo painel superior dianteiro. Seu rosto esguio tinha uma mancha de sangue preto do *lesser* nele, mas suas bochechas tinham uma alta coloração e seus olhos tinham um brilho especial neles. Ela saía aquela noite, John pensou. Se divertira.

Foda-se. Ela era realmente a fêmea perfeita.

E quantos nós eliminamos? Ele sinalizou, tentando distrair sua mulherzinha interior.

— Doze dos dezesseis novos recrutas assim como ambos os assassinos que atravessaram o campo com o furão. Infelizmente, aquele novo *Fore-lesser* não foi encontrado em nenhum lugar... então temos que assumir que o bastardozinho fugiu assim que nos infiltramos e pegamos um punhado de recrutados com ele. Oh, e Butch inalou todos aqueles abatidos, exceto dois.

Pelo menos de um deles você deu conta.

— Na verdade ambos foram meus. — Seus olhos prenderam os dele. — Aquilo incomodou você? Me ver... trabalhar daquele jeito?

Seu tom sugeria que ela assumira que incomodara e que não o culpava por se sentir enojado. Exceto que ela estava errada.

Repelindo a dor em que estava, John sacudiu a cabeça e fez sinais com as mãos frouxas. *É um poder incrível o que você tem. Se eu pareci chocado... é porque nunca tinha visto um da sua espécie em ação antes.*

Seu rosto se contraiu mesmo que muito levemente e ela olhou rapidamente para fora da janela.

Dando um tapinha no braço dela, John sinalizou,

Isso foi um elogio.

— Sim, desculpe... é só que o '*sua espécie*' sempre me desconcerta. Eu sou metade-e-metade, e portanto não sou nem uma coisa nem outra. Não tenho nenhuma espécie. — Ela dispersou suas palavras com a mão. — Deixa pra lá. Enquanto você estava desmaiado, V invadiu o banco de dados do DP²⁴⁵ de

²⁴⁵ DP: Departamento de Polícia



Caldwell com seu telefone. A polícia também não encontrou nenhuma identidade na cena, então não temos nada para continuar com exceção daquele endereço extraído da placa do Civic. Aposto que...

Enquanto ela continuava a falar, John deixou que suas palavras o inundassem.

Ele sabia tudo sobre aquela coisa de "nenhuma espécie".

Apenas mais uma coisa em que eram compatíveis.

Fechando seus olhos, enviou para o alto uma oração para qualquer um que estivesse ouvindo, pedindo por favor, pelo amor de Deus, que parassem de lhe enviar sinais de que eles eram perfeitos um para ao outro. Ele tinha lido aquele livro, visto o filme, comprado a trilha sonora, o DVD, a camiseta, a caneca, o bonequinho com a cabeça móvel²⁴⁶, e o guia para entendidos. Ele conhecia todas as razões pelas quais eles poderiam ter sido chave e fechadura.

Mas da mesma maneira que estava ciente de que tudo aquilo os alinhava, estava ainda mais claro como eles estavam condenados a estarem sempre separados.

— Você está bem?

A voz de Xhex estava suave e mais perto, e quando ele abriu os olhos, ela estava praticamente em seu colo. Seus olhos traçaram seu rosto e seu corpo enrolado e atado em couro.

A dor e uma sensação de que o tempo estava se esgotando para eles o fizeram remover seu filtro e dizer o que realmente estava em sua mente.

Eu quero estar dentro de você quando voltarmos para a mansão, ele sinalizou. Assim que eu colocar uma bandagem nessa minha maldita perna, quero entrar em você.

A explosão do odor de Xhex nas narinas dele lhe disse que ela estava de pleno acordo com aquele plano.

Então pelo menos uma coisa, com exceção de seu pênis, ia bem.

²⁴⁶ Bonequinho com a cabeça móvel (no original, bobble-head) - Um bobble-head é um tipo de boneco colecionável. Sua cabeça é geralmente desproporcional se comparada a seu corpo. Em vez de uma conexão sólida, sua cabeça é conectada ao corpo por uma mola de tal forma que um leve golpe faz com que a cabeça balance, merecendo assim o seu nome.



Capítulo CINQUENTA E SETE

Em cima, no segundo andar na casa de fazenda de Eliahu Rathboone, Gregg Wynn teve que abrir a porta para o quarto dele e de Holly com dois dedos e uma oração para que ele não derramasse café quente sobre sua perna. Ele encheu o par de canecas em suas mãos com a mistura de café que ele mesmo fez na panela para “hóspedes” no armário da sala de jantar.

Então apenas Deus sabia o sabor que tinha.

— Você precisa de ajuda? — Holly disse enquanto levantava a vista do laptop.

— Não. — Ele chutou a porta fechada e seguiu para a cama. — Eu consigo.

— Você é tão considerado.

— Espere até você experimentar... Eu tive que improvisar o seu, — Ele disse dando o mais claro a ela. — Eles não tinham todo o leite, que foi o que você teve ontem no café da manhã. Então eu fui à cozinha e fiz meio a meio, um pouco de espuma, mexi tudo junto, e tentei conseguir a cor certa. — Ele acenou com a cabeça para a tela do computador. — O que você acha dessas imagens?

Holly encarou abaixo a caneca enquanto a segurava sobre o teclado do Dell²⁴⁷. Ela estava esticada na cama, apoiada contra a cabeceira, analisando os dados que ele havia ficado obcecado... Parecendo sexy e inteligente.

E como se ela não confiasse no que ele deu a ela.

— Escute, — Ele disse, — Apenas prove o café... Se estiver ruim, eu vou acordar aquele mordomo certinho.

— Oh, não é isso. — Ela abaixou sua cabeça loira, e ele escutou ela tomar um gole. O “ahhh” que seguiu era mais do que ele podia ter esperado. — Perfeito.

Indo em volta da beira da cama, ele sentou ao lado dela em cima do edredom. Enquanto tomava um gole de sua própria caneca, ele decidiu que se

²⁴⁷ Marca de Computador



sua carreira na televisão não desse certo, talvez ele pudesse ter um futuro num balcão do Starbucks²⁴⁸. — Então... Vamos lá, me diga o que você acha da cena.

Ele acenou para a tela e o que estava mostrando: A noite anterior, havia tido uma imagem de algo andando através da sala de estar e indo para a porta da frente. Agora, poderia ter sido um hóspede para um lanchinho da meia noite, como Gregg tinha estado — Exceto pelo fato que desmaterializou diretamente através dos painéis de madeira. A coisa apenas sumiu.

Mais ou menos como a sombra fora do quarto dela na primeira noite. Não que ele gostasse de pensar naquilo. Ou naquele sonho dela.

— Você não retocou isso? — Holly disse.

— Não.

— Deus...

— Eu sei, certo? E a rede acabou de me mandar um e-mail enquanto eu estava lá embaixo. Eles estão tão em fogo, aparentemente a Internet ficou louca com os comerciais — Tudo o que nós temos que fazer é rezar para que aquela coisa apareça daqui a uma semana quando nós entrarmos ao vivo. Tem certeza que seu café está bom?

— Oh, sim, está... Maravilhoso. — Holly olhou sobre a caneca para ele. — Sabe, eu nunca vi você assim antes.

Gregg reclinou contra os travesseiros e não podia evitar, mas concordar. Difícil saber o que tinha alterado. Havia tido uma mudança dentro dele, no entanto.

Holly tomou outro gole.

— Você parece realmente diferente.

Incerto do que devia dizer, ele manteve sobre o trabalho.

— Bem, eu nunca realmente pensei que fantasmas existissem.

— Não?

— Não. Você sabe tão bem quanto eu, todas as encrencas que eu arrastei. Mas aqui nessa casa... Eu estou dizendo a você, algo está aqui e eu estou

²⁴⁸ Loja de café.



morrendo por ir ao terceiro andar. Eu tive esse sonho louco sobre ir lá... — Enquanto uma súbita dor de cabeça cortou seus pensamentos, ele esfregou suas têmporas e decidiu que tinha cansaço na vista por ter estado num computador pelas ultimas setenta e duas horas direto. — Tem algo lá em cima naquele sótão. Eu estou dizendo a você.

— O mordomo disse que está fora dos limites.

— Sim. — E ele não queria confrontar demais o cara. Eles tinham bastante coisa boa na TV para rolar, não era como se eles precisassem mais, — E não fazia sentido em pressionar. A última coisa que ele queria era arranjar problemas com a administração tão perto da data de ir ao ar.

E estava bem claro que o Sr. Polido não gostava deles.

— Aqui, deixe-me mostrar de novo... Isso é o que realmente me maravilha. — Gregg alcançou a frente e recomeçou o arquivo para que ele pudesse assistir aquela figura desaparecer através da porta sólida de novo. — Isso é malditamente incrível, certo? Eu quero dizer... Você já pensou que veria algo assim?

— Não, eu não pensei.

Algo sobre a voz dela trouxe a cabeça dele em direção a ela. Holly estava olhando para ele e não para a tela, enquanto deitava sua caneca diretamente sobre o coração.

— O que? — Ele perguntou, olhando para ver se não tinha derramado em sua camisa.

— Na verdade... É sobre o café.

— Gosto ruim depois?

— Não, de modo algum... — Ela riu um pouco e bebeu mais. — Eu apenas nunca teria imaginado que você lembraria que tipo de café eu gosto, muito menos ter o trabalho de fazer para mim. E você nunca me perguntou o que eu achava do trabalho antes.

Jesus... Ela estava certa.

Ela deu de ombros.



— E eu acho que não estou surpresa que você nunca acreditou no que nós estávamos fazendo. Eu estou apenas feliz que você acredite agora.

Incapaz de manter contato visual, Gregg olhou sobre os dois pares de pés deles em meias, para as janelas do outro lado do quarto. A lua estava dificilmente visível através da renda das cortinas, nada além de um suave brilho no escuro horizonte.

Holly clareou sua garganta.

— Me desculpe se eu fiz você se sentir estranho.

— Oh... Sim... Não. — Ele a alcançou e pegou sua mão livre, dando um apertão. — Escute... Tem algo que eu quero que você saiba.

Ele a sentiu enrijecer... coisa que na verdade fizeram os dois. Subitamente ele também estava se preparando.

Gregg limpou sua garganta no denso silêncio.

— Eu pinto meu cabelo.

Houve uma tensa pausa — Ao menos da parte dele. E então Holly rompeu em borbulhante risada, o doce, feliz tipo que vinha com alívio.

Se inclinando nele, ela correu as unhas sobre suas falsas ondas castanhas.

— Você pinta?

— Eu sou grisalho nas têmporas. Eu comecei a fazer algo sobre isso um ano antes que eu conheci você — Preciso me manter jovem em Hollywood.

— Onde você pinta? Porque você nunca mostrou raiz.

Com uma maldição, ele se moveu para fora da cama e foi para sua mala, procurando no fundo da coisa. Mostrando a caixa em questão, ele resmungou.

— Tintura de cabelo *Apenas para Homens*. Eu faço sozinho. Eu não quero ser pego num salão.

Holly sorriu a ele tão amplamente, que ela conseguiu rugas ao redor dos olhos. E surpreso, ele gostou do jeito que elas apareciam. Dava ao bonito rosto dela um pouco de personalidade.



Ele olhou abaixo a caixa. Encarando o modelo da capa, todos os tipos de verdade vieram a ele, o tipo que ele simplesmente não podia lutar, ou até mesmo argumentar.

— Você sabe o que? Eu odeio as camisetas de Ed Hardy²⁴⁹. As malditas coisas vão queimar suas retinas. E calças jeans antiga me dão coceira... E aquele sapato quadrado na frente que eu uso incomoda meus pés. Eu estou cansado de suspeitar de todo mundo e trabalhar por dinheiro apenas para poder gastar mais a frente em alguém mais ou algo que vai estar fora de moda no próximo ano. — Ele jogou a tintura de cabelo de volta em sua mala e gostou do fato de que podia aparecer no ar fresco, por assim dizer. — Aqueles arquivos? Naquele computador? Os primeiros que eu e Stan não mexemos. Eu tenho sido uma farsa por tanto tempo, trabalhando numa falsa indústria, fazendo merda falsificada. A única coisa que era real era o dinheiro, e quer saber? Eu não sei mais se isso serve para mim.

Enquanto ele voltava para a cama, Holly terminou seu café, colocou o café e o computador ao lado e enrolou a si mesma acima do peito dele.

O melhor maldito cobertor que ele já teve.

— Então o que você quer fazer depois? — Ela perguntou.

— Eu não sei. Não isso. Bem eu estou meio que saindo da coisa de caça-fantasma, na verdade. A merda de produtor? Não. — Olhando abaixo ao topo da cabeça dela, ele teve que sorrir. — Você é a única que sabe sobre meu cabelo de homem velho.

E ele tinha a esquisita sensação que o segredo estava a salvo com ela.

— Não importa para mim. — Ela acariciou o peito dele. — E não deveria importar para você.

— Como eu nunca soube que você era tão experta?

A risada dela ressoou através do peito dele.

— Talvez porque você estivesse sendo um estúpido.

Gregg jogou sua cabeça para trás e uivou de risada.

²⁴⁹ Ed Hardy; marca americana de camisetas com estampas multicoloridas.



— Sim, talvez. — Ele beijou a têmpora dela. — Talvez... Definitivamente. Eu acabei com isso. No entanto.

Deus... ele ainda estava incerto sobre o que tinha mudado. Bem, tudo... Mas o *preciso* porque era desconhecido. Ele sentia como alguém o tivesse arrumado, mas não podia lembrar quem ou onde ou quando.

Seus olhos foram para o computador e ele pensou sobre aquele fantasma sombrio. Por alguma razão, ele teve uma imagem de um cavernoso quarto vazio no terceiro andar dessa casa — E um homem imenso sentando numa cadeira com um feixe de luz batendo apenas em seus joelhos e canelas.

E então o homem se inclinou para frente... Na luz...

A dor na cabeça de Gregg o fez pensar que alguém tinha feito *Instinto Selvagem* em sua têmpora, cravando nele com um par de picadores de gelo.

— Você está bem? — Holly perguntou, sentando. — Sua cabeça de novo?

Ele assentiu mesmo que o movimento fez sua visão nadar e seu estômago sentir como se tivesse bebido leite estragado. — Sim. Provavelmente eu preciso de óculos novos. Bifocais, até... Maldição.

Holly acariciou o cabelo dele, e ele encarou seus olhos, a agonia desapareceu e ele sentiu um estranho sentimento em seu peito. Felicidade? Ele se perguntou.

Sim. Tinha que ser. Porque em toda sua vida adulta ele tinha estado através de uma total escala de emoções... E ele nem uma única vez se sentiu assim. Inteiro. Completo. Em paz.

— Holly, você é muito mais do que eu pensei que você fosse. — Ele sussurrou, alisando a bochecha dela.

Quando aqueles adoráveis olhos dela umedeceram, ela disse.

— E você se tornou tudo que eu desejava que você fosse.

— Bem, esse não foi o show de uma vida, então? — Ele a beijou lentamente. — E eu tenho o final perfeito.

— Você tem?





Gregg assentiu e colocou sua boca na orelha dela. Num suave suspiro, ele disse.

— Eu amo você.

Primeira vez que aquelas palavras saíram dele... Quando ele realmente queria dizê-las.

Enquanto ela resmungava um “Eu amo você também”, ele a beijou, e beijou um pouco mais... E sentiu como se devesse o momento a um fantasma.

Acabou que seu Cupido era uma grande sombra com uma má atitude. Aquilo não existia no mundo “real”.

Então de novo... Coisas estranhas juntavam as pessoas, não juntavam? E tudo que realmente interessava era que o par certo terminasse fazendo o Hallmark²⁵⁰ no fim. Os meios que os levaram ali? Não era o que ultimamente contava.

Além de que agora ele poderia ser capaz de parar com aquela coloração para cabelo.

Sim, a vida era boa. Especialmente quando você diminuía seu ego... E tinha a mulher certa em sua cama pelas razões certas.

Ele não iria deixar Holly ir dessa vez.

E iria tomar conta dela do jeito certo, justamente como ela merecia... Bem, o “para sempre” fazia um belo som, não fazia?

²⁵⁰ Hallmark: O Hallmark Channel é um extinto canal de televisão dos Estados Unidos que tinha uma programação voltada exclusivamente para a família. Exibia, durante 24 horas, filmes produzidos pelos estúdios da Hallmark Entertainment Inc.



Capítulo CINQUENTA E OITO

De volta à clínica particular da Irmandade, Xhex estava ao lado de John enquanto a Dra. Jane tirava o raio-X da perna dele. Quando as radiografias ficaram prontas, não demorou muito para a boa doutora chegar à conclusão de que ele precisava ser operado – e até mesmo Xhex, apesar de seu pânico habitual, de onde estava podia ver o problema no raio-X. A bala estava muito perto do osso para o seu próprio gosto.

Enquanto Jane chamava Ehlena e depois colocava a roupa especial para cirurgias, Xhex cruzou os braços sob o peito e começou a caminhar.

Ela não conseguia respirar. E isso começou a acontecer antes mesmo que desse uma olhada no que estavam fazendo na perna de John.

Quando ele assobiou baixinho, ela apenas balançou a cabeça e continuou andando em círculos ao redor da sala. Parar em frente aos armários de aço inoxidável, com portas de vidro na frente e seus medicamentos trancados, não foi de grande ajuda: seu coração trovejava ainda mais no peito, como se o Bon Jovi²⁵¹ estivesse dentro dela – o barulho era tão alto que os seus tímpanos tinham muito no que trabalhar.

Deus, ela estava se esforçando desde o momento que tinha vindo aqui com ele. E agora ele estava sendo cortado e em seguida seria costurado?

Deus, ela estava se esforçando desde o momento que tinha vindo aqui com ele. E agora ele estava sendo cortado e em seguida seria costurado?

Ela estava pirando.

Embora honestamente, se tentasse ser lógica sobre o assunto, sabia que seu comportamento era uma loucura. Primeiro, não era em seu corpo que estavam trabalhando. Segundo, deixar essa bala nele não era uma boa ideia. E terceiro... alôôuu ... ele estava sendo tratado por alguém que já lhe tinha provado saber como usar um bisturi.

²⁵¹ Bon Jovi é uma banda de hard rock conhecida por seus sons pesados e batidas rítmicas.



Grande descoberta, mas suas glândulas suprarrenais²⁵² estavam pouco se lixando para isso e ela continuou nervosa.

Não era uma fobia divertida.

O segundo assobio foi uma chamada e ela parou em frente a John, encarando-o. Ele estava calmo e relaxado. Sem histeria, sem agitação, nada mais do que paciência pelo o que estava por vir.

Eu vou ficar bem. Ele assinalou. *Jane fez isso um milhão de vezes antes.*

Jesus Cristo, onde infernos estava todo o ar daquela sala? – Xhex pensou.

Como se soubesse que estava perdendo a atenção dela, ele assobiou de novo e estendeu a mão com uma careta.

— John... — Quando nenhuma palavra coerente lhe veio, ela balançou a cabeça e voltou a passear pela sala. Ela odiava isso. Ela realmente odiava isso.

Quando a porta se abriu amplamente, Dra. Jane entrou com Ehlena. As duas estavam no meio de uma conversa sobre o procedimento e John assobiou para elas. Quando ele ergueu o dedo indicando que precisava de um minuto, elas assentiram e saíram novamente.

— Merda — Xhex disse. — Não as pare. Eu vou ficar bem.

Quando ela se dirigiu para a porta para chamar a doutora novamente, um som de um trovão ecoou pela sala. Pensando que John tinha caído da maca, ela se virou.

Não, ele tinha socado a mesa de aço-inoxidável e deixou uma marca no lugar.

Fale comigo. Ele assinalou. *E elas não virão até que você o faça.*

Ela tinha o desejo de discutir e o vocabulário para tanto — só não a voz, evidentemente. Por mais que ela tentasse, não era capaz de dizer nada.

Foi quando ele abriu os braços para ela.

Amaldiçoando a si mesma, ela disse: — Vou dar uma de homem aqui. Eu vou ser adulta. Você não vai acreditar o quão durona eu vou ser. Verdade. Pode ter certeza.

²⁵² Glândula responsável pela liberação de adrenalina.



Vem cá. Ele articulou.

— Oh ... inferno — Desistindo, ela aproximou-se e o abraçou.

Em seu pescoço ela disse. — Eu não me dou bem com essa coisa de médico, caso você não tenha notado antes. Desculpe-me, John... Droga, eu estou sempre colocando você para baixo, não estou?

Ele a segurou antes que pudesse se afastar. Prendendo-a com o olhar, ele sinalizou, *Você salvou a minha vida esta noite. Eu não estaria vivo aqui agora se você não tivesse atirado a faca. Então, você não está sempre me colocando para baixo. E quanto a isso? Eu não estou preocupado e você não tem que assistir. Vá e espere em casa. Isso vai ser rápido. Não se torture.*

— Eu não vou correr assustada. — Agindo rapidamente para que não pudesse pensar muito, e nem ele, ela tomou seu rosto nas mãos e o beijou duramente. — Mas talvez esperar lá fora seja uma boa ideia.

Afinal, não ficaria bem se a Dra. Jane parasse tudo no meio para tratar de um ataque de histeria feminina ou uma concussão porque a idiota tinha desmaiado no chão frio.

Provavelmente seja o melhor. John articulou.

Dando o fora, ela foi pé-ante-pé até a porta e deixou entrar a Dra. Jane e Ehlena. Quando a médica passou, Xhex agarrou o braço da mulher.

— Por favor... — Deus, ela não conseguiu dizer.

Dra. Jane assentiu. — Tenho tudo sob controle. Não se preocupe.

Xhex deu um suspiro trêmulo e se perguntou como diabos iria passar o tempo esperando no corredor. Sabendo como sua mente trabalhava, ela veria John gritando de dor silenciosamente e a Dra. Jane amputando a perna inteira enquanto os minutos se arrastavam

— Xhex... me permite sugerir uma coisa? — Dra. Jane disse.

— Me bata. De fato, me bata... Um bom soco poderia me ajudar a deixar tudo certo.

A Dra. Jane balançou a cabeça. — Porque não assiste?

— O que?



— Fique aqui e veja o que e como eu faço. Aprenda os porquês. Existem muitas pessoas que têm pavor de situações médicas – e com boas razões. Mas fobias são fobias, quer seja de avião ou dentista ou médicos – e se expor é uma forma de terapia. Se você acaba com os mistérios e a sensação de não estar no controle? O medo não a pegará da mesma forma.

— Belo pedaço de lógica. Mas o que acontece se eu desmaiar.

— Você pode sentar se ficar tonta ou sair quando quiser. Faça perguntas e olhe por cima dos meus ombros se for capaz.

Quando ela olhou para o John, seu aceno solene selou seu destino. Ela iria ficar.

— Vou precisar dessa roupa de médico? – Disse numa voz completamente estranha.

Merda, era uma maldita mulherzinha. A próxima coisa que ela faria era começar a chorar em comerciais de TV e fazer as unhas. E teria uma maldita bolsinha.

— Sim, eu vou querer você de verde²⁵³. Siga-me.

Quando voltaram cinco minutos depois, a Dra. Jane a levou até a pia, entregou-lhe um pacote fechado com uma esponja de Betadine²⁵⁴ dentro, e mostrou para ela como ficar corretamente limpa.

— Bom trabalho. – A doutora fechou a torneira de água tirando o pé de um pedal no chão. — Você não vai precisar de luvas porque não vai usar as mãos.

— Você é que sabe. Mas me diga, você tem um daqueles reanimadores, apenas no caso de eu cair?

— Bem ali no canto e eu sei como usar aquelas pás. – Dra. Jane pegou as luvas azuis e dirigiu-se ao John. — Você está preparado? Nós iremos tirá-lo do ar. Dado onde a bala está, eu vou ter que ir profundamente e não há um maldito jeito capaz de adormecê-lo suficientemente.

Me anestesie Doutora. John sinalizou.

A *shellan* de V colocou a mão no ombro dele e o olhou bem nos seus olhos.

²⁵³ Referência a roupas cirúrgicas.

²⁵⁴ Antisséptico.



— Eu vou arrumar isso, não se preocupe.

Xhex franziu o cenho e se descobriu com temores de fêmea. Sendo realista, dado o que estava em jogo, era incrível: se a Dra. Jane não fizesse o seu trabalho direito, John poderia ficar pior do que estava agora. Mas se ela fizesse tudo certo, ele ficaria novo em folha.

Isso era poder, Xhex pensou. E justamente o oposto do que ela fazia em sua profissão — uma faca em sua mão era um instrumento muito diferente.

Não havia cura ali.

Dra. Jane comentou com voz forte e calma. — Em um hospital humano, você precisaria de um anestesista presente, mas vocês, vampiros, tendem a ser muito estáveis sob sedação profunda, que os deixam em uma espécie de dormência. Eu não entendo isso, mas faz o meu trabalho mais fácil.

Enquanto a doutora falava, Ehlena ajudou John a tirar a camisa e os couros que a Dra. Jane tinha cortado. Então, a fêmea cobriu com panos azuis a nudez dele e colocou uma intravenosa.

Xhex tentou impedir que seus olhos ressaltassem e em grande parte falhou. Existiam muitas ameaças no local, todos aqueles bisturis e agulhas e...

— Por quê? — Xhex perguntou, forçando-se a reagir. — Eu quero dizer, a diferença entre as espécies?

— Não tenho a mínima ideia. Vocês tem um coração de seis cavidades e o nosso tem apenas quatro. Vocês tem dois fígados e nós um. Vocês não têm câncer ou diabetes.

— Eu não sei muito sobre câncer.

Dra. Jane balançou a cabeça. — Quando soubermos mais, poderemos vencê-lo. Filho da puta maldito isso é o que ele é, eu te digo. O que ocorre é uma mutação celular que acontece...

A doutora continuou falando, mas agora suas mãos se moviam pela mesa de aço inoxidável que foi colocada perto de John, organizando o que ela ia usar. Quando ela assinalou para Ehlena, a fêmea foi até John e cobriu o seu rosto com uma máscara de plástico transparente.



A Dra. Jane voltou para intravenosa em John com a seringa cheia de algo leitoso.

— Está preparado John? Quando ele levantou o polegar para cima, ela apertou a seringa.

John olhou para Xhex e piscou. E então ele apagou.

— A primeira coisa é a desinfecção. — Disse a Dra. Jane, abrindo um pacote e pegando uma esponja marrom escuro. — Por que você não fica no lado oposto a mim? Isso é Betadine, a mesma coisa com que lavamos nossas mãos, apenas não está na forma de sabão.

Enquanto a médica limpava ao redor do ferimento de bala, com gestos amplos, deixando a pele de John tingida de marrom avermelhado, Xhex girou sob seus pés, atordoadada.

Na verdade, essa era uma posição melhor. Ela estava bem ao lado de um grande cesto laranja de lixo biológico... por isso, se ela precisasse vomitar, era bom estar ali.

— A razão pela qual a bala tem de ser removida, é porque ela vai causar problemas ao longo do tempo. Se ele fosse um cara menos ativo, eu poderia deixá-la ali mesmo. Mas eu acho que ter um cuidado extra com um soldado é melhor. Além do mais, esses caras se curam rápido. — A Dra. Jane descartou a esponja no cesto da Xhex. — Baseada na minha experiência com você, qualquer dano ao osso já vai estar regenerada amanhã à noite.

Xhex queria saber se a doutora ou a enfermeira estavam cientes de que o chão embaixo de todos estava se movendo como ondas. Porque era certo como merda que sentia como se estivesse em pé no convés de um barco.

Uma checagem rápida nas profissionais e ambas pareciam firmes como rocha.

— Eu vou fazer uma incisão. — Dra. Jane inclinou-se sobre a perna com o bisturi — Aqui. O que você vai ver diretamente embaixo da pele é a fáscia²⁵⁵, que é o invólucro exterior, responsável por manter as coisas de dentro todas juntas. Um humano normal teria células de gordura entre os dois, mas John está em boa forma. Embaixo da fáscia é o músculo.

²⁵⁵ Fáscia é uma membrana de tecido conjuntivo fibroso de proteção de órgãos e músculos.



Xhex se dobrou, pretendendo dar uma boa olhada.... exceto que ela ficou aonde estava.

Dra. Jane pegou a lâmina novamente, a capa fibrosa foi puxada para trás, expondo um cordão de músculos rosa escuro... que tinha um buraco nele. Olhando para os danos internos, Xhex queria matar aquele assassino novamente. E Jesus, Rhage tinha razão. Uns dois centímetros acima e á esquerda e John poderia ter...

Sim, não vamos por aí, ela pensou enquanto se posicionava para ter uma melhor visão.

— Sução. — Dra. Jane disse.

Houve um som sibilante e Ehlena colocou uma pequena mangueira branca para baixo e limpou o sangue vermelho de John.

— Agora eu irei realmente usar o meu dedo para examinar — às vezes o toque humano é melhor...

Xhex acabou vendo toda a operação. Do início ao fim, desde o primeiro corte até o último ponto e toda a retratação e remoção do chumbo também.

— ... e é isso. — Dra. Jane disse cerca de quarenta e cinco minutos depois.

Enquanto Ehlena enfaixava a perna de John e a doutora recalibrava tudo o que estava sendo colocado na veia, Xhex pegou a bala da bandeja e olhou a coisa. Tão pequena. Tão malditamente pequena. Mas capaz de fazer um estrago do tipo mortal.

— Bom trabalho doutora. — Disse bruscamente enquanto deslizava a coisa em seu bolso.

— Deixe-me trazê-lo de volta e então você pode olhar em seus olhos e saber que ele está realmente bem.

— Você lê mentes?

Os olhos da médica eram vividos quando se levantaram. — Não. Apenas tenho muita experiência com famílias e amigos. Você vai precisar ver os seus olhos antes de poder respirar profundamente. E ele vai se sentir da mesma forma quando olhar para o seu rosto.



John recuperou a consciência cerca de oito minutos depois. Xhex cronometrou, checando o relógio de parede.

Quando ele levantou as pálpebras, ela estava ao lado da sua cabeça, segurando a sua mão. — Hey... você está de volta.

Ele estava zozinho, o que era de se esperar. Mas esse olhar fixo azul brilhante estava exatamente como sempre foi, e do jeito que ele apertou sua mão não deixou dúvidas — ele estava de volta com uma vingança.

A respiração, que Xhex não tinha consciência de prender, calmamente saiu de seus pulmões, um alívio elevando o seu estado de espírito como se seu coração tivesse sido colocado num foguete para a lua. E a Dra. Jane estava certa sobre ficar. Tão logo se envolveu ouvindo, vendo e aprendendo, o pânico diminuiu até que foi apenas um zumbido silencioso que podia controlar. Isso era fascinante, a forma como o corpo foi controlado.

Okay? John articulou.

— Sim, a Dra. Jane retirou a bala direitinho.

John balançou a cabeça. *Você? Está bem?*

Deus... merda, ela pensou. Ele era um macho de valor.

— Sim. — Ela disse bruscamente. — Sim. Eu estou... e obrigada por perguntar.

Olhando para ele, ela percebeu que não tinha se permitido pensar muito a respeito de como ela salvou a vida dele.

Cara, ela sempre soube que era boa com uma faca, mas nunca pensou que essa habilidade seria realmente importante durante aquela fração de segundo naquela merda de fazenda.

Um piscar de olhos e... não mais John. Para ninguém. Nunca mais.

O simples pensamento de perdê-lo fez o seu pânico voltar com força total, suas palmas da mão ficando suadas, seu coração não apenas batendo, mas pirando no seu peito. Ela sabia que eles seguiriam por caminhos diferentes depois que tudo acabasse... mas isso não parecia importar nem um pouco quando considerava um mundo em que ele não respirava ou ria ou lutava ou fazia o tipo de bondades que ele compartilhava com todos ao seu redor.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



O que, ele articulou.

Ela balançou a cabeça. — Não é nada.

Sim, que mentira era isso.

Era tudo.





Capítulo CINQUENTA E NOVE

Eles usaram a carruagem que havia sido deixada perto dos estábulos para transportar a fêmea de volta para a casa de sua família. Tohrment tomou as rédeas na frente e Darius ficou na cabine com a fêmea, desejando que houvesse algum conforto para dar a ela e sabendo que havia pouco a oferecer. A viagem foi longa; os cascos trovejantes, o ranger do assento e o ressoar da condução eram muito altos e impediam muita discussão.

Embora Darius soubesse muito bem que, mesmo se o modo de transporte fosse silencioso como um sussurro e calmo como água em uma taça, sua preciosa carga não teria proferido uma palavra. Ela recusou bebida e alimento, e não fez coisa alguma além de concentrar-se na paisagem, que corria através de fazendas, da vila e da floresta.

Conforme eles prosseguiam em direção ao sul, ocorreu-lhe que o symphath devia ter lhe acorrentado a mente de alguma forma após sua captura inicial, presumindo que esta carruagem tenha sido a maneira em que o casal foi até a mansão de pedra — caso contrário ela correria o risco de se desmaterializar livre do confinamento.

Tragicamente, essa saída não era uma preocupação agora, porque ela estava tão fraca... apesar de que ele tinha que saber. Dada a sua expressão de indulgência dolorosa, ele tinha a nítida impressão de que ela se sentia presa, embora tivesse recuperado sua liberdade.

Havia se sentido tentado a enviar Tohrment à frente para comunicar à mãe e ao pai a boa notícia de que ela havia sido resgatada, porém Darius havia sido retido. Muita coisa poderia acontecer durante a viagem e ele precisava que Tohrment conduzisse os cavalos, enquanto ele cuidava da fêmea. Tendo em conta as ameaças de seres humanos, lessers e symphaths, tanto ele como Tohr estavam armados, e ainda, ele desejava que tivessem mais apoio. Se ao menos houvesse uma maneira de entrar em contato com os outros Irmãos e chamá-los...

Quase amanhecia quando o cavalo esgotado os puxou para dentro da aldeia que ficava antes casa da fêmea.



Como se reconhecesse onde estavam, ela levantou a cabeça e seus lábios se moveram, os olhos arregalados e lacrimejantes.

Inclinado para frente e estendendo as mãos, Darius disse: — Acalme-se... Ficaré tudo...

Quando os olhos dela encontraram os seus, ele viu o grito que ela segurava dentro de sua alma. Não ficará, ela sussurrou.

Então ela se desmaterializou para fora da carruagem.

Darius amaldiçoou e bateu na lateral com seu punho. Enquanto Tohrment trazia o cavalo a uma parada ruidosa, Darius saltou para fora...

Ela não chegou longe.

O brilho de sua camisola branca apareceu no campo à esquerda e ele a seguiu, desmaterializou-se para ela quando ela começou a correr. Carecendo de um verdadeiro vigor, seu andar trançado era como de um desesperado senão ferido, e ele a deixou ir o quanto ela conseguiu.

Mais tarde, ele teria que refletir, foi então que ele teve certeza, durante a louca perseguição que ela forçou sobre ambos: ela não podia ir para casa. Não pelo que ela havia sofrido... era o que ela carregava como consequência de sua provação.

Quando a fêmea tropeçou e caiu no chão, ela não fez nada para proteger o ventre.

De fato, ela agarrou no chão para continuar, mas ele simplesmente não podia mais suportar assistir a luta.

— Poupe seus esforços — , disse ele, puxando-a para cima da relva fria. — Detenha-se agora...

Ela lutou contra ele com toda a força de uma corsa e em seguida, derrubou-se em seus braços. No momento parado entre eles, sua respiração saiu com dificuldade de sua boca e seu coração disparou... ele podia ver a jugular palpitante à luz do luar, podia sentir o tremor em suas veias.

Sua voz era fraca, mas ela quis dizer realmente o que pronunciou. — Não me leve para lá... nem mesmo para a entrada. Não me entregue novamente.



— *Você não pode estar dizendo sinceramente. — Com as mãos suaves, ele puxou o cabelo para trás de seu rosto e de repente lembrou-se ver os fios loiros na escova em seu quarto. Tanta coisa havia mudado desde o tempo em que ela costumava sentar-se diante do espelho e se preparar para uma noite com sua família de sangue. — Você passou por muito para conseguir pensar com clareza. Você deve precisar de repouso e...*

— *Se me levar para lá, fugirei novamente. Não force meu pai a ver isso.*

— *Você deve ir para casa...*

— *Eu não tenho casa. Agora e nunca mais.*

— *Ninguém precisa saber o que aconteceu. Que não era um vampiro, e ninguém nunca deverá...*

— *Estou carregando a criança do sympath. — Seus olhos ficaram frios e duros. — Minha necessidade aconteceu na mesma noite em que ele forçou-se sobre mim e eu não tenho sangrado como as fêmeas fazem desde então. Carrego seu filho.*

Darius exalou alto no silêncio, seu hálito quente produzindo uma nuvem de vapor no ar frio. Bem, isso mudava. Se ela conseguisse segurar a criança e a trouxesse a este mundo, havia uma possibilidade de que ela poderia se passar por um vampiro, mas mestiços desse tipo eram imprevisíveis. Você nunca poderá ter certeza do equilíbrio dos genes, se eles iriam se inclinar mais para um dos seus lados do que o outro.

Mas talvez houvesse uma maneira para implorar à sua família...

A fêmea agarrou a lapela do seu casaco resistente. — Deixe-me no sol. Deixe-me para morrer como eu desejo. Usaria minha própria mão em minha garganta se eu pudesse, mas ainda não estou forte no braço e no ombro.

Darius olhou para Tohrment, que estava esperando perto da carruagem. Chamando o menino para frente com a mão, Darius disse à mulher: — Deixe-me falar com seu pai. Deixe-me abrir o caminho.

— *Ele jamais me perdoará.*

— *Não foi culpa sua.*

— *Culpa não é o dilema, o resultado é — disse ela friamente.*



Quando Tohrment se desmaterializou e tomou forma antes deles, Darius levantou-se.

— Leve-a de volta para a carruagem e procurem abrigo na cobertura das árvores. Irei ver o pai dela agora.

Tohrment curvou-se, desajeitadamente dispôs a mulher em seus braços e se levantou. No apoio forte, mas suave, do menino, a filha de Sampson retornou à condição apática na qual havia passado a viagem, com os olhos abertos, mas vagos, a cabeça pendendo para o lado.

— Cuide bem dela — disse Darius, ajeitando a camisola solta da fêmea ao redor dela. — Voltarei sem demora.

— Não se preocupe — Tohrment respondeu quando ele começou a caminhar longe através da grama.

Darius os observou por um momento e depois se lançou ao vento, tomando forma novamente na propriedade da família da fêmea. Ele foi direto até a porta da frente e usou o grande batedor em forma de cabeça de leão.

Quando o mordomo abriu a larga porta, era óbvio que algo terrível estava acontecendo dentro da mansão. Estava pálido como a névoa e suas mãos tremiam.

— Senhor! Oh, bendito seja, entre.

Darius franziu a testa quando ele entrou pela porta. — O que é...

O dono da casa saiu da sala dos machos... e atrás dele seguiu o symphath, cujo filho tinha provocado a série de tragédias.

— O que você está fazendo aqui? — Darius exigiu do devorador de pecados.

— Meu filho está morto? Você o matou?

Darius desembainhou uma das adagas negras que estavam amarrados no peito, punhos para baixo. — Sim.

O symphath acenou uma vez e parecia não se importar. Malditos répteis. Não tinham nenhum sentimento para seus jovens?

— E a menina, — o devorador de pecados exigiu. — O que foi feito dela?



Darius rapidamente fixou a visão de uma macieira florescente à frente de sua mente. Symphaths podiam ler mais do que emoções, e ele tinha conhecimentos que ele não desejava compartilhar.

Sem responder, ele olhou para Sampson, que parecia ter envelhecido uns cem mil anos. — Ela está viva. Sua filha de sangue... está bem e viva.

O symphath flutuou em direção à porta, suas vestes longas arrastando-se no chão de mármore. — Então, estamos quites. Meu filho está morto e sua descendência arruinada.

Enquanto Sampson afundou seu rosto em suas mãos, Darius foi atrás do devorador de pecados, agarrando seu braço e parando a coisa abruptamente fora da casa. — Você não precisava revelar-se. Esta família já sofreu o bastante.

— Ah, eu precisava. — O symphath sorriu. — Os prejuízos devem ser suportados de forma igual. Certamente, o coração pulsante de um guerreiro deve respeitar essa verdade.

— Bastardo.

O devorador de pecados se inclinou — Você preferiria que eu a fizesse se matar? Esse é um outro caminho que eu poderia ter trilhado.

— Ela não fez nada para merecer isso. Nem os outros de sua linhagem.

— Oh, realmente? Talvez meu filho só tenha tomado o que ela ofereceu...

Darius colocou as duas mãos sobre o symphath e o girou, lançando-o em uma das colunas maciças que sustentavam o grande peso da mansão. — Eu poderia matá-lo agora.

O devorador de pecados sorriu novamente. — Poderia? Acho que não. Sua honra não permitirá que você mate um inocente e não tenho feito nada de errado.

Com isso, o devorador de pecados se desmaterializou do agarre de Darius e tomou forma no gramado lateral. — Desejo à fêmea uma vida de sofrimento. Que ela viva por muito tempo e suporte o seu fardo sem honra. E agora, devo ir sem demora e cuidar do corpo de meu filho.

O symphath desapareceu, como se nunca houvesse existido... e ainda assim as ramificações de suas ações foram confirmadas quando Darius olhou através



da porta aberta: o macho da casa grande estava chorando no ombro de seu servo, um tomando conforto com o outro.

Darius atravessou o arco da entrada principal, e o som de suas botas fez o patriarca da família levantar a cabeça.

Sampson se afastou de seu leal doggen e não se preocupou em parar suas lágrimas ou ocultar seu sofrimento enquanto caminhava para frente.

Antes que Darius pudesse falar, o homem disse: — Vou lhe pagar.

Darius franziu a testa. — Para quê?

— Para... levá-la e providenciar que ela tenha um teto sobre sua cabeça. — O mestre virou-se para o servo. — Vá até os cofres e...

Darius pisou adiante e tomou ombro de Sampson em um punho apertado. — O que você está dizendo? Ela vive. Sua filha está viva e ela deveria ter abrigo sob esse teto, e dentro destas paredes. Você é seu pai.

— Vá e leve-a com você. Eu lhe imploro. Sua mãe... Não poderia viver com isso. Permita-me providenciar...

— Vocês são uma praga — cuspiu Darius. — Um flagelo e uma vergonha para a sua linhagem.

— Não — disse o homem. — Ela é. Agora e sempre.

Darius ficou momentaneamente atordoado em silêncio. Mesmo sabendo os valores degradados da glymera, tendo sido submetido a eles, estava chocado novamente. — Você e aquele symphath têm muito em comum.

— Como se atreve...

— Nenhum de vocês tem o coração para lamentar por sua prole.

Darius dirigiu-se para a porta e não parou quando o homem gritou: — O dinheiro! Permita-me dar-lhe o dinheiro!

Darius não confiou em si mesmo para responder e se desmaterializou de volta até o vale arborizado que ele havia deixado há poucos minutos atrás. Tomando forma perto da carruagem, seu coração estava em chamas. Como alguém que havia sido descartado, ele sabia muito bem da dificuldade de



encontrar-se sem raízes e sem suporte no mundo. E isso sem o peso extra que a fêmea, literalmente, carregava dentro de seu corpo.

Embora o sol estivesse ameaçando se libertar da borda da terra, ele precisava de um momento para se recompor e formular o que poderia dizer...

A voz feminina surgiu por trás de cortinas da janela do carro. — Ele disse para me manter longe, não o fez?

De fato, Darius descobriu que não havia nenhuma forma de expressão com a qual ele pudesse lançar o que havia acontecido em melhor luz.

Ele colocou sua mão sobre a madeira fria da porta da carruagem. — Cuidarei de você. Irei proteger-te e prover-te.

— Por que... — foi a resposta sofrida.

— Certamente... É o correto e o apropriado a ser feito.

— Que herói você é. Mas o que você busca para salvar não se importa com o presente que você oferece.

— Mas se importará. Com o tempo... Você irá se importar.

Quando não houve resposta, Darius saltou para cima do banco do condutor e tomou as rédeas. — Retornaremos para minha casa.

O chacoalhar do movimento do cavalo e o golpe dos cascos no chão batido os acompanhou para fora da floresta e em seu caminho. Ele os levou por uma rota diferente, mantendo-os longe da mansão e da família cuja expectativa social era mais espessa que o sangue.

E quanto ao dinheiro? Darius não era um homem rico, mas ele cortaria sua própria mão com sua adaga antes de aceitar um centavo daquele pai desalmado dela.



Capítulo SESENTA

Enquanto John se sentava na maca, Xhex o ajudava e ele estava surpreso do quão forte ela era: No momento em que a mão dela foi para o meio de suas costas, ele sentiu como se o seu peso total superior estivesse totalmente sustentado.

Então novamente, como ela dizia muitas vezes, ela não era apenas a sua fêmea comum.

A Dra Jane se aproximou e começou a explicar o que estava fazendo sob o curativo e o que ele precisava fazer para cuidar da incisão... mas ele não estava acompanhando.

Ele queria fazer sexo. Com a Xhex. Agora.

Era basicamente tudo que ele sabia ou se importava — e a necessidade carnal era bem maaaiisss profunda que apenas a de um cara excitado procurando um lugar para estacionar. Um encontro com a morte tinha um jeito de te fazer querer viver intensamente, e sexo com a pessoa que você queria ficar era a melhor forma de expressar esta intensidade.

Os olhos de Xhex dilataram-se quando ela sentiu o odor que claramente emanava dele.

— Você vai permanecer parado por mais dez minutos. — A Dra Jane disse enquanto colocava os instrumentos na autoclave. — E você pode descansar aqui na cama da clínica.

Vamos, ele sinalizou para Xhex.

Balançar suas pernas para fora da mesa lhe deu uma pontada de dor, mas a merda da dor não o fez repensar minimamente seus planos. No entanto atraiu a atenção de todos na sala. Enquanto Xhex o equilibrava com uma maldição, a doutora começou com um monte de deite-se garotão, exceto que John não estava prestando atenção alguma.

Você teria um robe que eu pudesse usar fora daqui? Ele sinalizou bem consciente de que tinha uma ereção massiva e quase nada sobre seus quadris.



Houve alguns argumentos depois disso, mas eventualmente a Dra Jane jogou as mão para cima e permitiu, se ele quisesse ser um idiota ela não o impediria. Quando ela deu o aval, Ehlena desapareceu e retornou com algo que era fofo, espesso e grande o suficiente para cobri-lo... da clavícula até talvez o meio da coxa. Era também rosa.

Claramente, isso era a versão em roupa de dormir do chapéu do burro, uma punição por se recusar a permanecer na clinica. E se você achava que todas as Barbies colocariam um final em sua ereção, sem chance.

O pênis dele estava firme contra o ataque a sua masculinidade.

Ele ficou orgulhoso do bastardo.

Muito obrigada, ele sinalizou, deslizando o robe em seus ombros. Com algum esforço, ele conseguiu envolver seu peito e cobrir sua exposição ao sul. Por pouco.

A Dra Jane encostou-se ao balcão e cruzou os braços sobre o peito.

— Não há nenhuma forma de te convencer a ficar mais tempo? Ou ter o auxilio de muletas? Ou... Te fazer permanecer por mais tempo?

Estou bem, entretanto obrigada.

Dra Jane balançou a cabeça.

— Vocês da Irmandade são todos uns pé no saco.

De repente, diversas picadas passaram através dele e não tinha nada a ver com a perna.

Eu não sou da Irmandade. Mas acho que não discutirei sobre a segunda parte com você.

— Homem sábio. E você deveria ser. Um irmão, quero dizer.

John engatou sua bunda e delicadamente baixou o seu peso para fora da mesa, todo o tempo mantendo o olho no seu robe estilo "Miss do Ano". Felizmente tudo permaneceu apropriado e continuou desta forma quando Xhex se abaixou sob seu braço.



Cara... ela era a melhor muleta que ele poderia pedir, suportando uma grande parte da carga enquanto passavam pela porta. Juntos, eles foram até o escritório, abaixaram através do armário e emergiram num túnel.

Ele percorreu cerca de dez jardas antes de parar, movendo-a e fazendo-a ficar em pé diante dele, e em seguida...

Apagou as luzes. Todas elas.

Com seu comando mental, as luzes fluorescentes do teto se apagaram uma por uma, começando com o par bem acima da cabeça deles e em seguida seguindo em ambas as direções. Assim que tudo estava um breu, ele trabalhou rápido, assim como ela. Eles sabiam perfeitamente bem que a Dra Jane e Ehlena limpariam o centro cirúrgico por pelo menos meia hora. E era a hora da última refeição na mansão então ninguém estava trabalhando fora, prestes a ir trabalhar fora ou tomando um banho no vestiário decorrente de trabalhar fora.

Opções limitadas.

Escureidão era a chave.

Apesar da diferença de suas alturas, mesmo ela estando perto dos 1,83m a diferença era de mais que 15 cm ele encontrou seus lábios certeiraamente, como se eles estivessem iluminados. Enquanto ele a beijava profundamente e deslizava sua língua, ela gemia baixo em sua garganta e segurou em seus ombros.

Nesta brecha gloriosa de indefinição, nesta etapa ultrapassada do caminho que eles tinham acordado, ele deixou seu cheiro vinculação masculino se liberar, se libertando para vivenciar aquele momento que ocorrera na casa da fazenda.

O momento que sua adaga deixou sua mão e voou pelo ar... Dando a ele noites para serem vividas.

A palma de sua mão escorregou em torno de seus seios, encontrando o mamilo rígido, esfregando-o com o polegar enquanto lhe doía colocar a boca no lugar em que estavam seus dedos. Uma boa coisa que ela deixara sua jaqueta e suas armas no hall de entrada da casa, então tudo o que havia entre ele e a pele dela, uma camisa que ela vestia.

Ele queria outro rasgo na parte da frente, mas isso seria rapidamente resolvido assim que eles chegassem à privacidade de seus quarto: Ao invés de



agarrar e dividir, ele deslizou ambas as mão para baixo e por baixo, depois levantou a blusa até que seus seios ficaram expostos. Meeerrrddaa... Ela não usava um sutiã nem para lutar, e por alguma razão isso o excitou gigantescamente.

Não que ele precisasse de auxílio quando se tratava dela.

Quando os sons de seus beijos ecoaram, ele beliscou os mamilos que estavam prontos para seus lábios e pressionou sua excitação contra ela. E sabe o que mais... ela pegou os sinais que ele nem estava ciente de emitir e levou sua mão abaixo do estomago dele direto ao...

John inclinou sua cabeça para trás, o fecho de eletricidade correndo por sua espinha tão prazerosamente que ele não conseguiu segurar os beijos ao mesmo tempo.

Mais rápido do que ele pudesse dizer, *Me foda forte*, Xhex o empurrou contra a parede e depois sentiu o ar fresco quando ela abriu o roupão. Seus lábios se moveram pelo seu peito, suas presas fazendo uma pista dupla que formigava cada nervo em seu corpo, especialmente aqueles que estavam na ponta de seu pênis.

John soltou um grito silencioso, quando a boca dela encontrou aquele lugar quente e duro, deslizando sobre ele, o absorvendo inteiramente, englobando-o em calor e sucção. Quando ela se afastava era lento e constante, até que sua cabeça bateu para fora dos lábios com um leve beijo e depois sua língua o envolvia todo.

Enquanto ela trabalhava nele, ele manteve os olhos abertos, mas a escuridão em torno dele fez parecer como se suas pálpebras estivessem fechadas e oh, cara, a cegueira estava muito bem nesta situação: ele tinha uma imagem bem nítida de como era a aparência dela de joelhos antes dele abrir as pernas, sua blusa levantada sobre os seios, seus mamilos ainda rígidos, sua cabeça indo para frente e para trás, para frente e para trás.

Seus seios balançavam a cada movimento que ela fazia.

Enquanto sua respiração se arrastava para dentro e para fora de sua boca, ele tinha um pressentimento que seu peso estava distribuído em sua perna machucada e sua perna sadia, mas que se danasse qualquer outra coisa que ele estava sentindo além do que ela estava fazendo com ele. Inferno, ele poderia pegar fogo por tudo o que ele sabia ou se importava.



Ele *estava* em chamas, na verdade, e as chamas ficaram mais quentes quando a Xhex dobrou a sua ereção contra o seu baixo ventre e percorreu toda a área com sua língua até chegar aos testículos. Um por um foram colocados em sua boca e depois ela voltou a chupar sua ereção.

Ela encontrou um ritmo e ele não durou muito. Bater e chupar, bater e chupar, bater...

O corpo do John se arqueou e as palmas de sua mão bateram contra a parede enquanto ele gozava. Depois de tê-lo feito, ele a levantou e a beijou longa e fortemente... Com uma vaga ideia de devolver o favor nela...

Xhex cortou o lábio inferior dele de propósito e lambeu o pequeno corte que ela fez.

— Cama agora.

Entendido.

John reacendeu as luminárias do teto e todas foram acendendo até a mansão.

Engraçado, aquela perna machucada não o incomodou nem um pouco.

Blay ficou fora do quarto que foi dado ao Saxton durante e depois da alimentação, mas ele não estava autorizado a sair da mansão para ter algum espaço. O primo do Qhuinn era considerado pelas Leis Antigas, um convidado masculino na casa da Primeira Família, e como tal, o protocolo exigia que ele ficasse dentro das premissas.

Pelo menos lutar com os outros teria dado a ele uma sensação de realização e ajudava a passar o tempo.

Após chegar com Selena e as apresentações terem sido feitas, Blay tinha ido para o seu quarto e racionalizou a paz ao dizer-se que ele tinha que arrumar as coisas por lá. Infelizmente, a arrumação rotineira levou dois minutos e envolveu reposicionamento dos livros que tinha lido na cabeceira da cama... e mover um



par de meias pretas para fora da gaveta de meias coloridas para a de meias pretas.

Uma das maldições de ser organizado é que nunca havia nenhuma revisão grande para ser feita na arrumação.

Ele também tinha cortado recentemente o cabelo. As unhas estavam cortadas. Nenhuma depilação masculina para fazer, graças ao fato de que os vampiros eram sem pelos exceto pelos cabelos em sua cabeça.

Normalmente quando ele tinha tempo excedente, ligava para casa para se atualizar, mas dado o que se passava em sua cabeça, o número da casa de segurança não era o que ele discaria. Moral da história? Ele era um péssimo mentiroso e não estava disposto a dizer aos seus pais: Gente, vocês ainda não sabem disso, mas eu sou gay... e eu estou pensando em namorar o primo do Qhuinn.

Ah, e ele está aqui por falar nisso.

Se alimentando.

Deus, a ideia do Saxton estar se alimentando da veia de alguém era quente como o inferno, mesmo sendo a da Selena.

E, exceto pelo fato do Phury estar lá com eles. Mais por decoro do que proteção, obviamente.

Então, certo, de forma alguma ele se aproximaria daquele quarto. A última coisa que ele queria era ficar excitado na frente de uma plateia.

Blay olhou seu relógio. Caminhou. Tentou assistir TV. Pegou o livro que ele havia reposicionado por um tempo.

De vez em quando o telefone se desligava com os relatórios de campo, nenhum dos quais ajudavam seu humor distorcido. A Irmandade sempre enviava comunicados regulares para que todos se inteirassem, e as coisas não iam bem: John estava machucado, então ele, Xhex e Qhuinn estavam na clínica com a Dra Jane. A infiltração da casa da fazenda fora bem sucedida, mas somente até certo ponto, o suspeito *Fore-lesser* ainda eram em grande número, e eles capturaram muitos, mas não todos os novos recrutas que encontraram. O endereço ligado as corridas de carro não tinha rendido nada. As tensões estavam correndo soltas.



Ele olhou para seu relógio de pulso. Depois para o relógio pendurado na parede.

Sentiu vontade de gritar.

Cristo, fazia muito tempo desde que o Saxton e a Selenia começaram. Por que ninguém veio informar que estava acabado?

E se algo estivesse errado? A Dra Jane tinha dito que os ferimentos do cara não eram mortais e que a alimentação o faria se recuperar.

Mas novamente, se algum irmão se daria bem com o Saxton seria o Primale. Phury amava ópera, arte e bons livros. Talvez os dois tivessem iniciado uma conversa logo após o término?

Eventualmente, ele não podia mais suportar sua própria companhia e foi lá para baixo, para a cozinha, onde os *doggen* da casa estavam preparando a última refeição. Ele tentou ajudar, se ofereceu para colocar a mesa, ou picar os legumes, ou alinhar os perus que estavam assando, mas o pessoal ficou tão perturbado que ele recuou.

Cara, se tinha uma coisa que perturba garantidamente um *doggen* é tentar dar uma ajuda. Por natureza, eles não suportam que alguém que eles sirvam faça nada além de aguardar, mas eles também não podem negar um pedido.

Antes que fizesse eles enlouquecerem por deixar que queimassem o jantar e possivelmente desatar um suicídio coletivo, ele deixou a despensa e atravessou a sala de jantar.

A porta do vestíbulo abriu e fechou e o Qhuinn entrou através do piso de mosaico do hall de entrada.

Havia sangue no rosto do cara, nas mãos e no couro. Fresco e brilhante sangue.

Da variedade humana.

O primeiro instinto do Blay foi bradar com seu amigo, mas se conteve, porque ele não queria atrair uma tonelada de atenção para o fato de que Qhuinn obviamente não estava no lugar em que John estava.

Não havia muitos da espécie humana na clínica do centro de treinamento.

E ele supostamente esteve lutando com iniciantes, que sangram preto.



Blay atingiu as escadas e pegou o cara bem na frente na sala de estudos do Wrath, cuja porta estava misericordiosamente fechada.

— Que diabos aconteceu com você?

Qhuinn não parou, apenas se moveu em direção a seu quarto. Escorregando para dentro, ele fez que fecharia a porta na cara do Blay.

Isso não vai acontecer, Blay pensou, enquanto ele se empurrou para dentro.

— O que é esse sangue?

— Não estou com paciência, — Qhuinn murmurou quando começou a se despir. Ele descartou sua jaqueta de couro sobre a mesa, se desarmou, e chutou suas botas para metade do caminho do banheiro. Sua camiseta foi jogada por cima do ombro e acabou em uma lâmpada.

— Por que tem sangue em suas mãos? Repetiu Blay.

— Isso não é problema seu.

— O que você fez? — Mesmo ele tendo um pressentimento que sabia. — Que diabos você fez?

Com Qhuinn se inclinando para iniciar a água do chuveiro, os fios de músculos ao longo de sua coluna flexionada acima da cintura de sua calça de couro.

Deus, aquele sangue vermelho estava nele em outros lugares também... o que fez Blay imaginar o quão longe a surra tinha ido.

— Como está o seu garoto?

Blay franziu a testa.

— Meu garoto... oh, Saxton.

— Sim, "Oh Saxton". — Fumaça começou a subir do chuveiro envidraçado, a névoa fervendo e em seguida, caído entre eles. — Como ele está?

— Creio que esteja se alimentando agora.

Os olhos dispares de Qhuinn se focaram em algum lugar atrás da cabeça de Blay.

— Espero que ele esteja se sentindo melhor.





Quando eles se olharam, o peito do Blay doeu tanto que ele teve que esfregá-lo. — Você o matou.

— Ele? Quem? — Qhuinn colocou as mãos nos quadris, seus piercings e mamilos destacando-se em alto relevo, graças às luzes sobre as pias. — Eu não conheço nenhum “ele”.

— Pare de enrolar. Saxton vai querer saber.

— Você é um protetor, não. — Não havia hostilidade nas palavras. Apenas uma incaracterística resignação. — Okay, certo, eu não matei ninguém. Mas eu dei para aquele homofóbico filho da puta algo para pensar além do câncer de garganta que aqueles cigarros dão a ele. Eu não terei nenhum membro da minha família sendo desrespeitado. — Quinn se virou. — E, bem que se foda, eu não queria você triste, acredite ou não. Se Saxton tivesse sido deixado para a morte e o sol nascesse? Ou se humanos o tivessem encontrado? Você nunca superaria. Eu não poderia resolver isso.

Deus, isso não era típico do filho da puta? Fazendo a coisa errada por um motivo perfeito...

— Eu te amo. — Blay sussurrou tão baixo que soava como se a queda de água abafasse as palavras.

— Ouça, eu preciso de um banho. — Disse Qhuinn. — Quero tirar esta sujeira de mim. E depois eu preciso dormir.

— Certo. Sim. Quer que eu te traga algo para comer?

— Estou bem, obrigada.

Quando começava a sair, Blay olhou por cima de seu ombro. Qhuinn estava tirando sua calça de couro, sua bunda fazendo uma aparição espetacular.

Com sua cabeça ainda virada, ele saiu do banheiro bem, mas colidiu com a mesa e teve que pegar a lâmpada antes de cair no chão. Endireitando a coisa, ele pegou a camiseta tinha sido jogada e como um patético boiola²⁵⁶, trouxe o algodão macio para o nariz, inalando.

²⁵⁶ Nancy, no original. Usado como um termo depreciativo para um homem efeminado, especialmente um homem homossexual.



Fechando seus olhos, ele embalou o que tinha sido o peito do Qhinn para o seu próprio e ouviu o som da água caindo constantemente enquanto o outro macho se lavava.

Ele não estava certo de quanto tempo ele ficou daquele jeito, balançando no purgatório de tão perto e tão distante. O que o fez se mover novamente foi o medo de ser flagrado. Cuidadosamente recolocando a camiseta da maneira que estava, ele se forçou a ir para a porta.

Ele estava a meio caminho quando ele viu.

Em cima da cama.

A faixa branca estava enrolada nos lençóis, apenas mais um trecho de tecido amarrotado.

Seus olhos foram para cima, ele encontrou dois recuos de cabeça num par de travesseiros que estavam próximos. Certamente a Escolhida Layla tinha esquecido a faixa de seu manto quando foi embora. O que só poderia ter acontecido se ela tivesse ficado nua enquanto esteve aqui.

Blay colocou a mão sobre seu coração mais uma vez, uma sensação de constrição o fez se sentir como se estivesse debaixo da água... com a superfície do oceano longe, muito longe acima dele.

O chuveiro foi desligado no banheiro e o barulho da toalha envolvendo.

Blay caminhou pela bem usada cama e desviou para fora da porta.

Ele estava inconsciente de ter tomado uma decisão racional, mas seus pés tinham direção; o que era obvio. Indo pelo corredor, ele parou dois quartos depois e em seguida levantou a mão com vontade própria e bateu tranquilamente. Quando uma resposta abafada soou, ele abriu a porta. Por outro lado, o quarto estava escuro e cheirava divinamente... e quando ele estava sobre a luz do corredor, sua sobra alcançava o pé da cama.

— Timing perfeito, eles acabaram de sair. — A voz rouca de Saxton era uma promessa de coisas que Blay queria. — Você veio ver como eu estou?

— Sim. — Houve uma longa pausa.

— Então feche a porta e eu te mostrarei.

A mão de Blay apertou a maçaneta até seus dedos estralarem.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



E depois ele entrou e os trancou. Enquanto ele tirava os sapatos, ele trancou o quarto.

Para ter privacidade.



Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>





Capítulo SESSENTA E UM

Do Outro Lado, Payne se sentou na borda da piscina em que refletia a luz e olhou seu próprio rosto na água calma.

Ela reconheceu bem o cabelo negro, os olhos diamantinos e os traços fortes.

Também era consciente de quem a havia procriado e dado a luz.

Poderia enumerar os dias de sua história até o momento.

E, no entanto, ela sentia como se não tivesse a menor ideia de quem ela era realmente. De muitas maneiras, mais do que ela poderia ter algum conforto, ela não era nada, exceto esse reflexo da superfície da piscina, uma imagem sem profundidade e substância... e não deixaria nada de sua permanência quando partisse.

Quando Layla veio por trás dela, ela encontrou os olhos da fêmea no espelho d'água.

Mais tarde, ela consideraria que o sorriso de Layla foi o que mudou tudo. Embora, claro, havia mais do que isso... mas a expressão radiante de sua irmã foi o que finalmente a colocou sobre os ventos da mudança, o impulso sutil que a levou a cair do penhasco.

O sorriso era de verdade.

– Felicitações, minha irmã, – Layla disse. – Eu estive procurando por você.

– E você me encontrou. – Payne forçou-se a se virar e encarar a Escolhida. – Por favor. Sente-se e se junte a mim. Deduzo devido ao seu bom humor que seu tempo com aquele macho continua em ritmo acelerado.

Layla inclinou-se apenas por um momento, e então sua alegria a fez ficar de pé novamente. – Oh, sim, certamente. Na verdade sim! Ele está para me chamar a qualquer momento do dia e eu devo acudi-lo novamente. Oh, querida irmã, você não pode imaginar... é como estar presa num círculo de fogo e sair ilesa e maravilhada. É um milagre. Uma benção.



Payne voltou-se para a água e viu quando as suas sobrancelhas franziram. – Posso lhe perguntar algo pessoal?

– Claro, minha irmã. – Layla aproximou-se e sentou-se mais uma vez na beirada de mármore da piscina. – Qualquer coisa.

– Você está pensando em emparelhar com ele? Não apenas ficar com ele... mas se tornar sua *shellan*?

– Bem, sim. Mas é claro que eu penso. Mas eu estou esperando o momento certo para abordar esse assunto.

– O que você fará... se ele disser não? – Quando o rosto de Layla se congelou, como se ela nunca tivesse considerado tal coisa, Payne sentiu como se tivesse esmagado um botão de rosa na palma de sua mão. – Oh, maldição... Eu não quis chatear você. Eu apenas...

– Não, não. – Layla recuperou o fôlego. – Eu estou bem ciente da construção de seu coração e não há um pinga de maldade dentro dele. Na verdade é por isso que sinto que posso falar com tanta franqueza com você.

– Por favor, esqueça o que eu perguntei.

Agora era Layla que encarava a piscina. – Eu... nós, de fato, não tivemos relações.

As sobrancelhas de Payne se apertaram. Na verdade, se apenas o pensamento do ato provocava tamanha euforia, o ato em si deveria ser incrível.

Ao menos para a fêmea que estava diante dela.

Layla se abraçou, sem dúvida por lembrar da sensação de um outro abraço, mais forte. – Eu queria, mas ele se segurou. Eu espero... Eu acredito que é porque ele deseja se emparelhar comigo apropriadamente primeiro, em uma cerimônia.

Payne sentiu o peso terrível da premonição. – Tenha cuidado, irmã. Você é uma alma gentil.

Layla ficou de pé, seu sorriso agora era pesaroso. – Sim, eu terei. Mas eu prefiro que meu coração seja quebrado a fechá-lo e eu sei que se deve buscar para receber.



A fêmea estava tão certa e firme que, na sombra da coragem dela, Payne se sentiu pequena. Pequena e fraca.

Apenas quem era ela? Um reflexo? Ou a realidade?

Abruptamente, ela se levantou. – Você me permitiria partir?

Layla pareceu surpresa e fez uma reverência. – Mais é claro. E por favor, eu não quis ofender-lhe com minhas divagações...

Num impulso, Payne abraçou a Escolhida. – Não me ofendeu. Não se preocupe. E boa sorte com seu macho. Na verdade, ele deve ser abençoado por ter você.

Antes que mais alguma coisa pudesse ser dita, Payne partiu, movendo-se rapidamente pelo dormitório, apertando e ganhando velocidade para subir a colina que levava ao Templo do Primale. Atravessando o local sagrado, que nunca mais foi usado, ela entrou no pátio de mármore de sua mãe e caminhou pela colunata²⁵⁷.

A modesta e pequena porta que marcava os aposentos privados da Virgem Escriba não era o que se esperaria de um local divino. Mas quando o mundo inteiro é seu, você não tem nada a provar, tem?

Payne não bateu. Considerando o que ela iria fazer, a inconveniência de irromper sem bater e sem ser convidada estava tão abaixo de sua lista de pecados, que contaria como um só.

– Mãe – ela exigiu quando entrou na sala branca vazia.

Levou um longo tempo para que houvesse uma resposta e a voz que veio a ela não tinha corpo. – Sim, filha.

– Deixe-me sair daqui. Agora.

Qualquer que fosse a consequência que viesse sobre ela seria melhor do que uma mera existência castrada.

– Expulse-me –, ela disse para as paredes brancas e para o ar. – Deixe-me ir. Eu nunca retornarei se for seu desejo. Mas eu não devo mais ficar aqui.

²⁵⁷ Colunata ou colunada, na arquitetura clássica, é uma longa sequência de colunas ligadas em entablamentos (conjunto de traves que se apoiam em uma ou mais colunas), que frequentemente constituem um elemento autônomo. Quando uma colunada se encontra em frente de um edifício, circundado uma porta, diz-se um pórtico.



Num flash de luz, a Virgem Escriba apareceu diante dela sem seu usual robe preto. Na verdade, Payne estava quase certa que nunca ninguém havia visto sua mãe como ela realmente era, energia sem forma.

Já não brilhava, porém. Meio turvo agora, não mais do que um calor aos olhos.

A diferença estava prendendo e temperando a raiva de Payne. – Mãe me deixe ir... Por favor.

A resposta da Virgem Escriba demorou a chegar. – Eu sinto muito. Eu não posso atender o seu desejo.

Payne revelou suas presas. – Maldita seja, apenas faça isso. Deixe-me sair daqui ou...

– Não existe ‘ou’, minha querida criança. – A voz da Virgem Escriba desapareceu então retornou. – Você deve permanecer aqui. É o destino.

– De quem? O seu ou o meu? – Payne gesticulou na calmaria. – Por que na verdade eu não estou realmente vivendo aqui, e que tipo de destino é esse.

– Eu sinto muito.

E esse foi o fim da discussão... pelo menos no que dizia respeito a sua mãe. Com um flash, a Virgem Escriba desapareceu.

Payne gritou para o grande vazio, – Liberte-me! Desgraçada! Liberte-me!

Ela meio que esperava morrer ali, mas então a tortura terminaria, e onde estaria a graça disso.

– Mãe!

Quando não houve resposta, Payne procurou ao seu redor e desejou como o *Dhunhd* por algo para arremessar... mas não havia nada em seu alcance que simbolizasse o grito em sua cabeça: nada para ela, não havia absolutamente *nada* aqui para ela.

Aproximando-se da porta, ela descarregou sua raiva, arrancou a coisa das dobradiças e a arremessou dentro do frio e vazio quarto. O painel branco quicou duas vezes e depois deslizou ao longo do espaço aberto, como uma pedra num lago tranquilo.



Enquanto se dirigia a fonte, ela ouviu uma série de cliques, e quando olhou sobre seu ombro, ela viu que a porta havia se consertado sozinha, ficando exatamente como era antes, sem nem mesmo um arranhão para mostrar o que ela havia feito a porta.

A fúria cresceu dentro dela de tal forma que fechou sua garganta e fez suas mãos tremerem.

Com o canto do olho, ela viu uma figura vestida de preto que descia a colunata, mas não era sua mãe. Era apenas No'One com uma cesta de oferendas para a Virgem Escriba, seu andar deslocando-se vacilante de um lado para o outro.

A visão da infeliz e excluída Escolhida alimentou ainda mais sua raiva...

– Payne?

O som de uma voz profunda a fez girar a cabeça: Wrath estava parado sob a árvore branca de pássaros coloridos, sua forma massiva dominando o pátio.

Payne saltou para ele, transformando-o num alvo com o qual pudesse lutar. E o Rei Cego claramente sentiu a violência dela e sua abordagem: num piscar de olhos, ele entrou em postura de luta, tornando-se poderoso, preparado, e pronto.

Ela deu a ele tudo o que tinha e mais, seus punhos e pernas voando contra ele, seu corpo tornando-se um turbilhão de socos e chutes, dos quais ele se defendeu com os braços e esquivou o torso e a cabeça.

Mais rápida, mais resistente, mais mortal, ela seguiu pressionando o rei, forçando-o a devolver o que ela estava dando a ele ou arriscar a ficar seriamente machucado. O primeiro golpe duro dele a acertou no ombro, o punho acertando-a, tirando seu equilíbrio... mas ela se recuperou rapidamente e virou-se, levantando a perna e o pé.

O impacto no estômago dele foi tão forte que ele grunhiu... pelo menos até que ela rodou mais uma vez e o acertou no rosto com os nós dos dedos. Quando o sangue saiu, e as lentes escuras de seus óculos saltaram para longe, ele amaldiçoou.

– Que porra, Pay...



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



O rei não teve a chance de terminar o seu nome. Ela se chocou contra ele, pegando-o pela cintura, levando seu enorme peso para trás. Não houve uma disputa de verdade, porém. Ele era duas vezes seu tamanho, e ele assumiu o comando com facilidade, soltando-se dela, segurando-a em sua frente.

– Caralho, qual o seu problema? – ele rosnou em seu ouvido.

Ela jogou a cabeça para trás, acertando-o no rosto, e o aperto dele afrouxou por um segundo. O que era tudo que ela precisava para se soltar. Livre dele, pode utilizar o corpo forte dele como plataforma para se lançar, ela...

Subestimou seu impulso. Ao invés de pousar seu peso na perpendicular com o chão, ela foi lançada para frente... o que significava que havia machucado um pé de uma maneira bem ruim, com seu corpo caindo descontroladamente para o lado.

A borda de mármore da fonte a impediu de bater no chão, mas o impacto foi pior do que se ela tivesse caído direto.

O estalido de suas costas foi tão alto quanto um grito.

Assim como a dor.



Capítulo SESSENTA E DOIS

Quando Lash acordou em seu rancho-esconderijo, a primeira coisa que fez foi olhar para seus braços.

Junto com as suas mãos e pulsos, seus antebraços eram agora sombras, uma espécie de fumaça... Como uma forma que se movia quando mandava, e também era nada mais do que ar.

Sentando, ele empurrou o cobertor e levantou-se. Seus pés estavam para desaparecer, também. O que era bom, mas... Merda, quanto tempo mais a transformação iria levar para terminar? Se seu corpo ainda tinha forma física, com um coração batendo e precisasse de comida, água e descanso, ele não estava completamente a salvo de balas e facas.

Além do mais, francamente, pegando todos os pedaços que tinham caído dele, a administração do gasto de energia diária era realmente confusa.

Ele transformou o colchão em que havia dormido na maior fralda do planeta.

Um chiado atraiu sua atenção para detrás das persianas. Ele as separou um pouco com a ponta dos seus não-dedos. Através da fresta, observou os humanos prosseguindo com seus inúteis dias, conduzindo, andando de bicicleta. Idiotas com suas simples e pequenas vidas: Acordar. Ir ao trabalho. Voltar para casa. Reclamar do seu dia. Acordar e fazer a mesma coisa.

Quando um sedan passou, implantou um pensamento na mente do motorista e sorriu enquanto o Pontiac desviou da pista, subiu no meio-fio e disparou para casa de dois andares do outro lado da rua. O maldito pedaço de merda se lançou diretamente através do banco para as janelas, atravessando o cristal e o marco de madeira. O air bag explodiu dentro do carro.

Melhor do que um copo de café para iniciar o dia.

Ele girou e foi até a mesinha, iniciando o laptop que havia encontrado na parte de trás do Mercedes. A transação de drogas que havia interrompido a caminho de casa valeu à pena. Ele tinha pegado um par de mil dólares bem como cocaína, algo de êxtases e doze pedras de crack. Mais importante ainda,



havia colocado os traficantes e ao cliente em transe. Os tinha levado de volta ao AMG, os trouxe até ali e os converteu.

Eles tinham deixado o banheiro do vestíbulo um lixo por terem vomitado toda a noite, mas francamente, ele estava farto de sua casa e estava pensando em colocar fogo em tudo.

Então ele tinha um time de quatro. E enquanto nenhum deles havia se oferecido voluntário, uma vez que os tinha drenado e os trazido de volta a "vida", prometeu a eles todo o tipo de merda. Viciados para suprir seus próprios vícios acreditavam em qualquer coisa que você diga. Apenas os vende um futuro... Depois os deixa assustados até que se caguem.

O que não era um M.B.A.²⁵⁸ para ele. Naturalmente, eles se cagaram quando viram seu rosto, mas a boa coisa era que estavam tão alucinados em ácido que não estava fora de suas experiências alucinógenas conversar com um morto vivo. Além do mais, ele era persuasivo quando queria ser.

Maldita pena que ele não podia fazer uma lavagem cerebral neles permanentemente. Mas esse truque de magia com o motorista do Pontiac era o mais longe que poderia ir com a influência: Breve e insustentável, tão longo como um par de segundos.

Fodido livre-arbítrio.

Depois que o computador se iniciou, foi até o site do *Caldwell Courier Journal*.

Olá, página inicial. O "Massacre da Fazenda" estava coberto em uma série de artigos. O sangue, as partes de corpos e o estranho resíduo de óleo gerava todo o tipo de descrições dignas do Pulitzer. Repórteres também entrevistaram o policial que estava lá, o carteiro que chamou o 911 a primeira vez, doze tipo de vizinhos, e o prefeito que estava evidentemente "mobilizando os melhores homens e mulheres do Departamento de Polícia de Caldwell para resolver esse terrível crime contra a comunidade".

O consenso era: Ritual de Sacrifícios. Provavelmente vinculado a um culto desconhecido.

Tudo era apenas conversa de fundo, obscurecendo o que ele realmente estava procurando...

²⁵⁸ M.B.A., Maldito Bom Acordo. No original B.F.D, Big Fucking Deal.



Bingo. No último artigo, encontrou um relato pequeno de dois parágrafos informando que a cena do crime havia sido arrombada na noite anterior. Os "melhores homens e mulheres do Departamento de Polícia de Caldwell" tinham admitido a contragosto que um dos seus carros de patrulha de fim-de-noite deu uma passada lá e descobriu que uma pessoa - ou pessoas desconhecidas - tinha saqueado a cena do crime. Eles foram rápidos em apontar que as evidências relevantes haviam sido removidas e eles estavam colocando uma vigilância lá em tempo integral a partir de agora.

Então a Irmandade havia seguido a sua pequena mensagem.

Xhex tinha ido lá também? Ele se perguntou. Havia esperado para ver se ele apareceria?

Merda, tinha perdido uma maldita chance com ela. E com os Irmãos.

Mas ele tinha tempo.

Inferno, enquanto seu corpo estivesse todo em sombras, teria a eternidade.

Checando o relógio, colocou-se em movimento, vestindo rapidamente calças pretas, uma blusa com gola alta e uma capa com capuz. Encaixando as luvas de couro, colocou seu boné de beisebol preto e deu uma olhada no espelho.

Yeah, certo.

Inspecionando ao redor, encontrou uma camiseta preta que rasgou em tiras e envolveu o rosto, deixando descoberto apenas seus olhos sem pálpebras, a cartilagem que estava saindo de seu nariz e a abertura que era agora sua boca.

Melhor... Não excelente. Mas melhor.

Primeira parada era o banheiro para checar e ver como a sua tropa estava passando. Eles estavam todos desmaiados em uma pilha no chão, seus braços e pernas entrelaçadas, suas cabeças aqui e ali... Mas os malditos estavam vivos.

Eles eram tão "fundo do poço", modelos da escória humana, pensou. Se eles tivessem sorte, coletivamente os seus QI's poderiam chegar a três dígitos... Com dificuldade.

Contudo, iriam ser úteis.



Lash trancou a casa com magia e caminhou até a garagem. Abrindo o portamalas do Mercedes, levantou o painel do carpete, pegou um pacote de coca²⁵⁹, carregando ambas as suas não-narinas antes de ir para trás do volante.

Booooooooooooooooooom Diaaaaaaaa! Enquanto um coro de caos o deixava intoxicado por dentro, ele deu a ré e dirigiu para fora da vizinhança, indo pelo caminho oposto dos policiais e ambulâncias que tinham chegado à casa do outro lado da rua.

Que agora tinha um caminho em oposição a sala de estar.

Uma vez que atingiu a rodovia, a viagem ao centro deveria ter sido feita em dez minutos, mas por causa do tráfego em hora de rush, o tempo do percurso se estendeu para vinte e cinco... além da corrida de sua mente e corpo, ele sentiu como se tivesse num impasse o tempo inteiro.

Era um pouco mais do que nove horas quando entrou em um beco e estacionou perto de uma van prata. Enquanto saía, agradeceu a Deus pela coca... Ele realmente sentia como se tivesse algo de energia. O problema era: Se a sua Maquiagem Extrema acabasse rápido, teria de ir se esconder no portamalas em questão de dias.

Exatamente por isso que marcou seu encontro imediatamente invés de esperar mais alguns dias.

E como bem sabia, Ricardo Benloise era pontual, e já estava em seu escritório. O AMG marrom em que havia chegado estava estacionado do lado oposto da van GMC.

Lash se aproximou da porta traseira da galeria de arte, e esperou em frente à câmera de vídeo. Yeah, ele teria preferido adiar esse encontro por um par de dias, mas precisava continuar os negócios. Tinha vendedores sarando em seu banheiro e ele precisava do produto para mandá-los para as ruas.

Em seguida, ele precisava transformar mais alguns soldados.

Depois de tudo, a pequena merda não era gastar algum tempo preenchendo suas fileiras... Embora não houvesse nenhuma maneira de contar quantos eram os perdidos depois do assalto da Irmandade na fazenda.

²⁵⁹ Gíria para cocaína.



Nunca pensou que ficaria feliz em saber que esses filhos da puta eram letais em seu trabalho.

Lash tinha que assumir que o garoto brinquedo do Omega iria rapidamente cozinhar um novo lote de induzidos. E dado que a criança era um negociante de sucesso, ele iria retomar a fabricação logo que pudesse. Ambos dos quais lhe dariam recursos, não apenas para lutar com os vampiros, mas para ir por Lash.

Então isso era uma questão de tique-taque do relógio. Lash era um maldito confiante de que O Merdinha não poderia ter um encontro com Benloise agora mesmo porque ele era peixe pequeno... Mas o quão longe poderia isso ser verdade? As vendas que importavam. Espertos importavam. Se Lash pudesse meter um pé na porta, qualquer um poderia.

Especialmente se eles tivessem o talento especial de um *Fore-Lesser*.

Com um clique, a fechadura da porta foi suspensa e um de seus assassinos a abriu. O cara franziu a testa ante a pinta Lady Gaga de Lash, mas voltou ao jogo rápido. Sem dúvida ele já tinha visto um monte de merda maluca... E não apenas no lado da troca-de-drogas. Artistas eram sem dúvida loucos excêntricos na maioria das vezes.

— Onde está o seu ID? — o cara disse.

Lash mostrou a sua falsa carteira de motorista. — Em cima do seu traseiro, filho da puta.

Claramente, a combinação do cartão laminado e da voz familiar de Lash era suficiente porque um momento depois, ele foi autorizado a entrar.

O escritório de Benloise era no terceiro andar, e a viagem até lá foi silenciosa. O espaço privado do cara era um beco de boliche organizado, nada mais do que uma extensão de um preto assoalho envernizado que culminava em uma elevada plataforma... O que era uma escrivaninha equivalente a um conjunto de elevadores para sapatos. Benloise estava parado no trono, sentado atrás de uma mesa de teca que era do tamanho de um carro urbano de Lincoln.

Como um monte de caras tinham que ficar na ponta dos pés para alcançar um metro e noventa em uma fita métrica, tudo o que o pequeno homem fazia era grande.

Enquanto Lash adiantava-se, o Sul Americano olhou através de seus dedos, colocando gema contra gema formando uma montanha e falou com o seu jeito



suave e culto. — Eu fiquei tão contente em receber sua chamada depois que você faltou em nosso último encontro. Onde quer que você tenha estado, meu amigo.

— Problemas familiares.

Benloise franziu o cenho. — Sim, sangue pode ser um problema.

— Você não tem ideia. — Lash olhou em volta para nada em absoluto, localizando as câmeras escondidas e as portas. — Primeiramente, deixe-me garantir a você que o nosso relacionamento comercial continua sendo minha prioridade.

— Estou muito contente em saber disso. Quando você não chegou a comprar as peças que se comprometeu em contrato, me questionei a respeito de seu compromisso comigo. Como um negociante de arte, dependo dos meus clientes regulares para manter meus artistas ocupados. Eu também espero meus regulares para cumprir suas obrigações.

— Entendido. O que é a real razão para que eu viesse. Preciso de um adiantamento. Tenho uma parede vazia em minha casa que tem que ser ocupada com uma de suas pinturas, mas hoje não posso pagar com dinheiro em efetivo.

Benloise sorriu, mostrando seus perfeitos dentinhos. — Eu temo não fazer esse tipo de arranjo. Você precisa pagar pela arte que leva. E porque o seu rosto está coberto?

Lash ignorou a pergunta. — Você vai fazer uma exceção em meu caso.

— Eu não faço exceções.

Lash se desmaterializou através do espaço, tomando forma atrás do cara e colocando uma faca em sua garganta. Com um grito, o guarda próximo a porta foi em busca de sua arma, mas não havia muito que atirar quando a jugular de seu chefe estava quase saltando em fuga.

Lash sibilou no ouvido de Benloise. — Eu tive uma semana realmente fodida e me cansei de jogar segundo as regras humanas. Tenho toda a intenção de continuar a nossa relação e você vai tornar isso possível, não só porque isso beneficia a ambos, mas sim porque vou ocupar-me disso pessoalmente se você não o faz. Saiba disso, você não pode se esconder de mim e não existe lugar em que você possa ir que eu não possa encontrá-lo. Não há fechadura forte o



suficiente para manter-me fora, não existe homem que eu não possa dominar, não há arma que você possa usar contra mim. Meus termos são... Uma peça importante para preencher a minha parede, e eu vou levar isso comigo agora mesmo.

Quando ele descobriu os contatos de Benloise no exterior, ele poderia apenas tirar o bastardo fora... Mas isso seria transpor a arma. O Sul Americano era o gasoduto de produto em Caldwell, e essa era a única razão que o filho da puta tivesse uma boa oportunidade de almoçar mais tarde.

Ao contrário de um encontro com um embalsamador.

Benloise respirou com força. — Enzo, a nova pintura de Joshua Tree está para chegar ainda essa tarde. Quando eles fizerem, você tem que empacotar uma delas e...

— Eu quero isso agora.

— Você precisa esperar. Eu não posso dar a você o que eu não possuo. Mate-me nesse momento e você não terá nada disso.

Maldito. Filho da puta.

Lash voltou a pensar em quanto havia ficado no porta-malas do Mercedes... E considerou o fato de que ainda agora, o zumbido da coca estava o abandonando, deixando um rastro de sono em sua vigília. — Quando? Onde?

— Mesma hora e local como sempre.

— Bom. Mas eu irei levar uma amostra comigo agora. — Ele cavou a faca no pescoço. — E não me diga que você está totalmente zerado. Isso irá me deixar doente... E aborrecido. Aborrecido é ruim para você... Para sua informação.

Depois de um momento, o cara murmurou: — Enzo, vá buscar uma amostra dos novos trabalhos do artista, vá.

O pedaço de carne em frente parecia estar com algumas dificuldades para processar tudo, mas ver alguém desaparecer no ar era sem dúvida uma coisa nova para ele.

— Enzo, vá agora.

Lash sorriu atrás de suas vendas de múmia. — Sim, vá rápido, Enzo. Vou dar um excelente cuidado ao seu chefe até que você volte.



O guarda-costas retrocedeu e logo se ouviu o som de retirada de suas botas baixando a escada.

— Então você é o digno sucessor do Reverendo. — Benloise disse, tenso.

Ah, o apelido anterior de Rehvenge no mundo dos humanos. — Sim, eu vou pelo mesmo caminho.

— Havia algo sempre diferente sobre ele.

— Você pensa que esse merda era especial? — Lash sussurrou. — Espere até você receber uma prova de mim.

De volta à mansão da Irmandade, Qhuinn estava sentado em sua cama, encostado na cabeceira. Tinha o controle da TV equilibrado sobre uma coxa, e na outra uma pequena garrafa de Tequila Herradura, e próximo a ele, agarrado e bem perto?

O bom e velho Capitão Insônia.

Na frente dele, a televisão resplandecia na escuridão, as notícias matutinas. Ao final, a polícia tinha encontrado o homofóbico em que Qhuinn tinha trabalhado no beco junto ao Cigar Bar e o tinham levado para o Hospital St. Francis. O cara se negava a identificar o seu atacante ou comentar o que tinha passado, mas não iria importar se ele abrisse a boca. Havia centenas de filhos da puta vestidos de couro, tatuados e com piercings na cidade e o Departamento de Polícia de Caldwell poderia beijar o traseiro de Qhuinn.

Mas fosse como fosse, esse filho da puta não ia dizer uma merda a ninguém... E Qhuinn estava disposto a apostar a sua bola esquerda em que nunca voltaria a se meter com um gay, também.

Depois veio uma atualização do que os humanos vinham chamando de "O Massacre da Fazenda". O informe era basicamente um compêndio de informação já velha e histeria o bastante para induzir a hipérbole. Cultos! Rituais de sacrifício! Ficar em casa depois de escurecer!



Tudo o que estava, supostamente, baseado em provas circunstanciais, porque a brigada azul não tinha nada em que basear-se exceto nos rastros... Nada de corpos. E ainda que as identidades de um punhado de perdedores começassem a sair à superfície, iria ser um beco sem saída. Os poucos assassinos que tinham escapado da infiltração da Irmandade estavam agora firmemente arraigados na *Sociedade Lessening*, para nunca mais serem vistos ou ouvidos por seus ex-amigos e ex-familiares.

Então, basicamente, os humanos ficavam com um trabalho de limpeza digno do ServiceMaster²⁶⁰ e nada mais: Foda-se os tipos do CSI; o que necessitavam realmente era um vapor no tapete, uma porrada de espanadores e uma banheira de limpa-tudo Formula 409. Se acreditaram que iriam resolver o crime, esses policiais estavam apenas masturbando as solas de seus sapatos e a ponta das plumas.

O que realmente tinha ocorrido era apenas um fantasma do que poderiam sentir, mas nunca capturar.

Como se fosse de propósito, emitiram uma propaganda da absolutamente nova edição especial de *Investigadores Paranormais*, a câmera fez uma vista panorâmica da mansão Sulista com árvores que pareciam necessitar de forma urgente uma poda.

Qhuinn balançou seus pés para a borda da cama e esfregou o rosto. Layla estava desejando voltar outra vez, mas quando o havia chamado, ele lhe havia enviado um pensamento em resposta de que estava exausto e precisava dormir.

Não era que não quisesse estar com ela... Era só que...

Inferno, ela gostava dele, o desejava e evidentemente ele estava em seu corpo. Assim que por que não a chamava sem mais, se emparelhava com ela e colocava um ponto final no objetivo maior que havia fixado em sua vida?

Enquanto pensava sobre o plano, uma imagem do rosto de Blay lhe chegou e o obrigou a dedicar um olhar frio e duro ao tecido felpudo de sua vida: Essa merda não era bonita e todos os tópicos que havia começado e que não podia nem liberar e nem unir, de repente foram mais do que podia suportar.

Levantando, saiu ao corredor de estátuas e olhou a direita. Para o quarto de Blay.

²⁶⁰ ServiceMaster, empresa especializada em prestar serviços de limpeza a casas e empresas.



Com uma maldição, se aproximou da porta pela qual tinha entrado e saído tantas vezes como tinha feito em sua própria. Quando ele chamou, o contato foi suave, não o seu acostumado *bang-bang-bang*.

Nenhuma resposta. Tentou de novo.

Girando o pulso, empurrou dentro apenas um centímetro e desejou não ter razões para ser discreto. Mas talvez Saxton estivesse ali com o cara.

— Blay? Você acordou? — sussurrou no escuro.

Nenhuma resposta... E a falta de água correndo sugeria que o par não estava tomando uma ducha pneumática juntos. Entrando, Qhuinn acendeu as luzes...

A cama estava feita, pura como se estivesse pregada, totalmente imperturbada. A maldita parecia um anúncio de revista, com todas as suas almofadas organizadas e o edredom adicional dobrado como um taco de pano aos pés do colchão.

O banheiro tinha toalhas secas, nada de condensação no cristal da ducha e um jacuzzi sem nenhuma espuma de banho.

Sentia o corpo intumescido quando voltou ao corredor e seguiu adiante.

Até a porta do quarto que foi designado a Saxton, se deteve e olhou os marcos. Excelente trabalho de carpintaria, os pedaços se juntavam sem emendas. O trabalho de pintura era perfeito também, sem nenhuma pincelada errada que arruinasse a superfície lisa. Bonita maçaneta de bronze, também, tão brilhante como uma moeda recém cunhada.

Sua aguda audição reconheceu um som suave e franziu o cenho... Até que compreendeu o que estava escutando. Só uma coisa fazia esse tipo de som rítmico... Cambaleando para trás, ele bateu com o traseiro na estátua Grega diretamente atrás dele.

Tropeçando em seus pés, caminhou cegamente para algum lugar, qualquer lugar.

Quando chegou ao estúdio do Rei, olhou sobre seu ombro e comprovou o carpete aonde havia pisado.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Nenhum rastro de seu sangue. O que considerando a forma em que doía seu peito, era uma surpresa.

Seguro como merda que se sentia como se houvesse recebido um tiro em seu coração.





Capítulo SESSENTA E TRÊS

Xhex acordou gritando.

Felizmente, John tinha deixado a luz do banheiro acesa, assim teve pelo menos uma chance de convencer seu cérebro sobre onde seu corpo estava: de fato, ela *não* estava de volta à clínica humana, sendo tratada como um rato de laboratório. Ela estava aqui, na mansão da Irmandade, com John.

O qual tinha pulado da cama, e apontado uma arma para a porta, preparado para abrir um buraco através da maldita coisa.

Tapando a boca com uma mão, ela rezou para tê-la fechado a tempo, antes de acordar a casa inteira. A última coisa que ela precisava era de um bando de Irmãos aparecendo na porta com um monte de “o que está acontecendo?”

Com um movimento silencioso, John balançou o cano da quarenta²⁶¹ ao redor das janelas fechadas, e em seguida fez uma varredura no armário. Quando finalmente baixou sua arma, assobiou uma indagação.

— Eu estou... bem. — Ela respondeu, encontrando a voz. — Só um pesa...

A batida na porta que a interrompeu foi tão sutil como um xingamento em uma sala silenciosa. Como o grito que ela acabara de deixar escapar.

Enquanto ela puxava os lençóis até o pescoço, John abriu uma fresta da porta e a voz de Z invadiu.

— Está tudo bem por aqui?

Não. Nem perto disso.

Xhex esfregou o rosto e tentou religar-se com a realidade. Tarefa difícil. Seu corpo estava leve e desconectado, e cara, essa sensação flutuante não a ajudava a se manter firme.

Não precisava ser um gênio para descobrir porque seu subconsciente tinha arrotado essa merda sobre seu primeiro passeio no parque dos sequestros. Ficar na SO²⁶² enquanto John fazia a sua *chumboectomy*²⁶³ obviamente foi um

²⁶¹ Arma de fogo.

²⁶² Sala de Operação.



prato quente para seu cérebro, com o pesadelo sendo a versão craniana de regurgitação²⁶⁴.

Cristo, ela suava frio, gotas em seu lábio superior, suas palmas das mãos úmidas.

Em desespero, ela se concentrou no que podia ver através da porta parcialmente aberta do banheiro.

Concentrar-se nas escovas de dente no balcão de mármore foi o que a salvou. O par estava em um copo de prata entre as duas pias, parecendo um casal de curiosos com suas cabeças inclinadas para trocar fofocas. Ambas eram de John, ela supunha, pois convidados não eram, em geral, bem-vindos nesta casa.

Uma era azul. A outra vermelha. Ambas tinham cerdas verdes no centro que com o uso se tornavam brancas, indicando quando deveriam ser trocadas por novas.

Agradável. Normal. Chato. Talvez se ela tivesse um pouco mais disso tudo, ela não estaria procurando por vida pela porta afora. Ou tendo pesadelos que transformassem sua garganta em megafone.

John se despediu de Z e voltou para ela, deixando a arma na mesa de cabeceira e deslizando sob as cobertas. Seu corpo quente era sólido e suave contra o dela, e ela foi até ele com uma facilidade que supôs ser comum entre os amantes.

Mas era algo que ela nunca teve com ninguém antes.

Quando ele puxou sua cabeça para trás para que ela pudesse ver seu rosto, ele moveu a boca, *O que foi?*

— Sonho. Um sonho muito ruim. De volta quando... — Respirou fundo. — Quando estive naquela clínica.

Ele não a pressionou por detalhes. Invés disso, ela apenas o sentiu acariciando seu cabelo.

²⁶³ No original, lead-ectomy. Em verdade é um termo inventado pela Ward em referência a cirurgia para se retirar a bala da perna de John. Chumbo, na gíria, quer dizer bala. Ectomia é um termo médico utilizado quando se retira algo do corpo.

²⁶⁴ Referência à doença do refluxo gastroesofágico, em que o ácido escapa do estômago atingindo outros órgãos do aparelho digestivo e do respiratório.



No silêncio que se seguiu, ela não quis falar sobre o passado – especialmente quando a última coisa que ela precisava era de mais ecos do pesadelo. Porém de alguma forma, as palavras se formavam em sua garganta e ela não podia impedi-las de sair.

— Eu queimei todo o prédio. — Seu coração bateu enquanto ela se lembrava, mas, pelo menos, a recordação do que tinha acontecido não era tão mau como estar de volta ali em um sonho. — É estranho... Eu não estou segura se os humanos acreditavam que não estavam fazendo nada de errado... Eles me trataram como um estimado animal de zoológico, dando-me tudo que eu precisava para sobreviver enquanto me cutucavam, me exibiam e faziam teste após teste... Bem, a maioria dos seres humanos era boa para mim. Havia um fodido sádico no grupo. — Ela balançou a cabeça. — Eles me mantiveram por cerca de um mês ou dois e tentaram me dar sangue humano para me manter, mas eles podiam ler nos indicadores clínicos que eu estava ficando mais fraca. Eu fiquei livre porque um deles me deixou sair.

John ficou de costas e pôs suas mãos na faixa de luz. *Merda, sinto muito. Mas estou contente por você destruir o lugar.*

Em sua mente, ela imaginou sua viagem de volta para onde havia sido presa... E os restos cobertos de fuligem. — Sim, tive que queimar a coisa. Eu estava livre há algum tempo quando voltei e fiz... Mas eu não conseguia dormir com os pesadelos. Pus fogo nas instalações depois que todos eles saíram do trabalho. Embora – levantando o indicador – pode ter havido uma morte meio desagradável. Mas o filho da puta merecia. Eu sou o tipo de garota olho por olho.

As mãos de John reapareceram gesticulando. *O que é bastante óbvio... E não uma coisa ruim.*

Desde que não fosse Lash, ela pensou consigo mesma.

— Posso te perguntar uma coisa? — Quando ele encolheu os ombros, ela sussurrou. — A noite que você me levou ao redor da cidade... Você já havia voltado a qualquer daqueles lugares antes?

Na verdade não. John balançou a cabeça. *Eu não gosto de me debruçar sobre o passado. Vou em frente.*

— Como eu te invejo. Eu, eu não consigo me livrar da história.



E não era apenas sobre a merda da clínica ou o pequeno pesadelo de ninho de amor do Lash. Por alguma razão, o fato dela nunca ter se encaixado – nem com a família que ela tinha crescido, nem com a sociedade vampira ou mesmo até com os *sympaths* – ressoava através dela, definindo-a mesmo quando não pensava conscientemente nisso. Seus momentos “chave e fechadura”²⁶⁵ foram poucos e distantes entre si... E tragicamente pareciam focados em seu trabalho como assassina.

Exceto que, então, ela pensou em seu tempo com John... e ajustou um pouco a aritmética deprimente. Estar com ele, os corpos entrelaçados, isso se encaixava. Mas era uma espécie de paralelo com sua assassina de aluguel – em última análise não era uma coisa saudável para todos os envolvidos. Inferno, olha o que tinha acontecido: ela acordou gritando e John foi o único que despertou com a arma em punho e enfrentou a situação... Enquanto ela atuava como a pobre fêmea medrosa com o lençol apertado ao seu coração assustado.

Essa não era ela. Não era.

E Deus, ela havia caído tão facilmente no papel de ser protegida... o que a assustava ainda mais do que os sonhos que a faziam gritar. Se a vida lhe havia ensinado uma coisa, era que a sua melhor aposta era a de cuidar de seus próprios assuntos. A última coisa no mundo que queria era ser uma garotinha e depender de alguém – mesmo que esse alguém seja honrado, digno e gentil como John.

Embora... Cara, o sexo era bom. Parecia básico e um pouco cru colocá-lo assim, mas era bem verdadeiro.

Quando eles chegaram ali, pouco depois do tête-à-tête no túnel, eles nem sequer se incomodaram com as luzes. Não havia tempo, nenhum tempo – tira as roupas, cama, com força. Ela acabou desmaiando e, tempo depois, John deve ter se levantado para usar o banheiro e deixou a luz acesa. Provavelmente para se certificar que ela não se sentiria perdida, se acordasse.

Porque esse era o tipo de macho que ele era.

Houve um clique, um giro e as venezianas de aço começaram a se levantar para a noite, o céu escurecido foi revelado, seu devaneio mental misericordiosamente cortado.

²⁶⁵ No original, lock and keys, alusão ao encontro sexual entre macho (chave) e fêmea (fechadura), expressão típica estadunidense.



Ela odiava ruminação. Nunca resolvia nada e só a fazia se sentir pior.

— A água quente nos chama. — ela disse, forçando o corpo a ficar de pé. As dores deliciosas em seus músculos e ossos a faziam querer dormir durante dias nesta grande cama ao lado de John. Talvez semanas. Mas aquele não era o seu destino, era?

Ela se inclinou e olhou para o rosto sombrio de John. Após observar seu rosto bonito, ela só teve que levantar a mão e acariciá-lo.

Eu te amo, ela assinalou com os lábios entre as sombras.

— Vamos. — Xhex disse asperamente.

O beijo que deu em John foi uma espécie de adeus — talvez finalmente eles, esta noite, capturassem Lash e significaria o fim de momentos como esses.

De repente, John agarrou seu braço, apertou as sobrancelhas, mas depois como se ele lesse sua mente e sabia muito bem o resultado, soltou-a.

Quando ela se levantou e saiu da cama, seus olhos a seguiram... Ela podia sentir isso.

No banheiro, ela abriu a água para eles e pegou algumas toalhas do armário.

Ela parou quando viu o seu reflexo no espelho sobre a pia.

Seu corpo era o mesmo que sempre foi, mas ela pensou em como se sentia quando ela e John estavam juntos. Ela estava tão acostumada a pensar em sua forma corpórea como pouco mais que uma arma, algo que era útil e necessário para realizar as coisas. Inferno, ela se alimentava e se cuidava da mesma maneira que cuidava de suas armas e suas facas — porque era assim que ela as mantinha úteis.

Em suas horas juntos, John lhe havia ensinado algo diferente, tinha-lhe mostrado que poderia obter um profundo prazer de sua carne. Algo que nem mesmo o relacionamento dela com Murhder conseguiu fazer.

Como se ele tivesse sido chamado por seus pensamentos, John se pôs atrás dela, a sua altura e largura de ombro diminuindo seu reflexo.

Olhando firmemente os olhos dele, ela colocou a mão no seio e tocou seu próprio mamilo, lembrando como era ter lá o toque, a língua e a boca dele. No



instante em que ela fez contato, o corpo dele respondeu, sua essência de vinculação inundando o banheiro, sua ereção perfurando seus quadris.

Encostando-se, ela o puxou contra si, sua excitação penetrando a concha formada pelo seu sexo e suas coxas. Enquanto os quadris de John empurravam contra o seu traseiro, as mãos quentes dele circularam em torno dela e acariciaram o seu estomago. Trazendo a cabeça para seu ombro, seus dentes brancos brilharam quando ele os arrastou delicadamente sobre a pele de seu pescoço.

Arqueando para ele, ela se esticou e passou as mãos pelos seu cabelo escuro. Embora ele tivesse cortado o cabelo curto, estava crescendo, o que era agradável. Ela preferia longo porque parecia tão foddidamente bem entre seus dedos, tão sedoso, tão suave.

— Goze dentro de mim. — disse ela com voz rouca.

John correu a mão e segurou o seio que ela havia acariciado para ele; em seguida, ele meteu a mão entre seus corpos, direcionou seu pênis, e se introduziu com suavidade em seu sexo. Nesse mesmo momento, ele correu suas presas por sua garganta até a sua veia.

Ele não precisava se alimentar. Ela sabia disso. Então, ela estava estranhamente emocionada quando sentiu seus dentes, porque significava que ele estava fazendo isso apenas porque queria: ele a desejava dentro dele também.

Sob a luz, ela assistiu quando ele a tomou por trás, flexionando seus músculos, seus olhos queimando, sua ereção entrando e saindo. Ela se observou também. Seus seios estavam apertados nas pontas, seus mamilos rosados, e não apenas porque essa era a cor deles, mas porque ele tinha trabalhado neles muito tempo durante as horas do dia. Sua pele estava toda brilhante, o rosto em chamas, seu lábios inchados do beijo, os olhos semi-fechados e eróticos.

John quebrou o contato que havia estabelecido com sua veia e sua língua rosa surgiu, lambendo os furos, selando-os. Virando a cabeça, ela capturou sua boca com a sua própria, saboreando o gosto e o contato de suas línguas enquanto seus corpos seguiam o mesmo ritmo abaixo.

Não demorou muito para o sexo crescer urgente e cru, não mais sensual, mas poderoso. Enquanto os quadris de John bombeavam contra ela, seus corpos batiam um no outro e suas respirações rugiam. O orgasmo dela chegou



tão fortemente que, se ele não tivesse agarrando os seus quadris, seus joelhos teriam cedido e teria caído. E assim como foi para ela, os estremecimentos de John repercutiram através dela, as ondulações emanavam de sua ereção e varriam o corpo... e a alma dela.

E então aconteceu.

No auge de sua liberação, sua visão ficou vermelha e plana... E, enquanto o êxtase eventualmente diminuía, o aparecimento repentino de seu lado mal era uma chamada que seu inconsciente estava esperando.

Gradualmente, ela se tornava consciente da crescente umidade e do calor do chuveiro... O som da água caindo... E os milhares de pontos de contato entre eles... E como todas as coisas estavam em tons de sangue.

John chegou até seu rosto e tocou o lado de seus olhos vermelhos.

— Sim, eu preciso dos meus cílios. — Disse ela.

Ele levou as mãos à sua frente e assinalou. *Tenho eles.*

— Você tem?

Guardei-os. Ele franziu a testa. *Mas tem certeza que você tem que...*

— Sim. — Ela se retesou. — Eu tenho.

A expressão dura que surgiu no rosto dele lembrou-lhe a maneira como ele havia saltado da cama quando ela acordou gritando. Duro. Intratável. Todo macho. Mas não havia nada que ela pudesse fazer para ajudá-lo com essa atual desaprovação. Ela tinha que cuidar de si mesma, e se ele estava ou não de acordo com o que ela fazia para manter-se “normal”, isso não iria mudar sua realidade.

Cara, eles só não foram feitos para ficar juntos, não importava o quão compatível que poderiam ser por vezes.

John se retirou de seu centro e deu um passo atrás, correndo os dedos por sua coluna, como uma espécie de agradecimento... E dado a cor escura de seus olhos, provavelmente, constituía seu próprio tipo de adeus. Afastando-se, dirigiu-se para o chu...

— Ah... Meu... Deus...



O coração de Xhex parou quando ela olhou no espelho. Sobre as costas dele, em uma gloriosa extensão de tinta preta... uma declaração que não sussurrava, mas gritava... Em uma fonte tamanho outdoors, com floreios...

Seu nome na Antiga Língua.

Xhex virou enquanto John congelou. — Quando você fez isso?

Depois de um momento tenso, ele encolheu os ombros e ela foi cativada pelo modo como a tinta se movia, alongando e, em seguida, retornando ao lugar. Balançando a cabeça, ele foi testar o jato quente, e então entrou pela porta de vidro, colocou as costas na água corrente e pegou o sabonete, fazendo a barra espumar com as mãos.

Como ele se recusava a olhar para ela, enviava uma mensagem clara de que o nome dela em sua pele era um problema dele. O que era o mesmo tipo de linha que ela tinha estabelecido com relação aos cilícios, não era?

Xhex foi até a porta de vidro que os separava. Colocou a mão para cima, bateu com força.

Quando? Articulou com a boca.

Os olhos dele espremidos, como se ele estivesse lembrando de algo que fazia seu estômago doer. E então, com as pálpebras baixas, ele assinalou devagar... E quebrou Xhex ao meio.

Quando eu pensei que você não voltaria para casa.

John fez um rápido trabalho com o sabonete e o xampu, muito consciente de que Xhex estava de pé no lado do vidro, encarando-o. Ele queria ajudá-la com a surpresa e tudo, mas dado como as coisas se interpunham entre eles, ele não estava tão prestes a atirar-se sobre a espada de todos os seus sentimentos.

Ou a agulha de tatuagem, como fosse.

Quando ele perguntou a ela sobre os cilícios, ela tinha sido muito clara sobre deixá-lo fora... E isso tinha reiniciado seu cérebro. Desde que ele foi ferido



na noite anterior, tinham retrocedido a sua conexão sexual, e isso era uma forma de encobrir a realidade. Mas não mais.

Depois que ele terminou com seu banho, saiu do chuveiro e passou por ela, pegou uma toalha de uma barra de bronze e envolveu-a em torno de seus quadris. No espelho, ele encontrou os olhos dela.

Vou pegar os seus cílios, ele sinalizou.

— John...

Quando ela não disse mais nada, ele franziu a testa, pensando que isto os descrevia em poucas palavras: em pé a um metro de distância um do outro e separados por quilômetros.

Ele saiu e entrou no quarto, pegou um jeans e vestiu. Sua jaqueta de couro estava com ele na clínica na noite anterior, havia deixado lá. Em algum lugar.

Descalço, passou pelas estátuas de mármore, descendo a escadaria e, ao virar a esquina passou pela porta escondida. Cara... Voltar ao túnel foi um triturador total; tudo o que ele conseguia pensar era em Xhex e ele juntos no escuro.

Como um completo covarde, desejou como o inferno poder voltar aos momentos suspensos quando nada existia, exceto os seus corpos rugindo. Aqui em baixo, os seus corações estavam livres para gritar... E cantar.

Fodida vida real.

Putá merda.

Estava caminhando em direção a entrada do centro de treinamento quando a voz de Z o deteve.

— Ei, John.

John girou, os pés descalços rangendo no chão do túnel. Enquanto ele levantava a mão em saudação, o Irmão veio caminhando da porta da mansão e Z estava vestido para a luta, seu couro preto e camisa sem mangas que eles todos vestiam antes de ir para fora mais uma vez para caçar Lash. Com o crânio do Irmão raspado, e as luzes do teto escorrendo todas aquelas cicatrizes irregulares em seu rosto, não era de estranhar que as pessoas morriam de medo dele.



Especialmente com o olhar cerrado assim e sua mandíbula severamente tensa.

Que houve? John gesticulou quando o Irmão parou na frente dele.

Quando não houve resposta imediata, John preparou-se, pensando: Oh... foda, o quê agora.

Quê? Ele sinalizou.

Zsadist exalou uma maldição e começou a andar em círculo, suas mãos sobre os quadris, seus olhos presos no chão.

— Eu não sei nem por onde começar caralho.

John franziu a testa e recuou contra a parede do túnel, pronto para mais uma má notícia. Apesar de ter certeza como uma merda que não podia imaginar o que era, a vida tinha o costume de ser malditamente criativa, não era?

Eventualmente, Z parou e quando ele o olhou, seu olhar não estava ouro amarelo, como normalmente era quando estava em casa. Estava escuro como breu. Desesperadamente preto. E o rosto do macho estava da cor da neve.

John endireitou-se. *Jesus... O que há de errado?*

— Você se lembra de todos os passeios que você e eu costumávamos ter na floresta. Pouco antes de sua transição... Depois que você brigou com Lash pela primeira vez?

Quando John assentiu, o Irmão continuou.

— Você nunca se perguntou o porquê de nos colocarem juntos?

John assentiu com a cabeça lentamente. *Sim...*

— Não foi um erro. — Os olhos do Irmão eram frios e escuros como porão de uma casa mal assombrada, as sombras que não representavam apenas a cor da íris, mas o que estava por trás daquele olhar. — Você e eu temos algo em comum. Você entende o que estou dizendo... Você e eu temos algo em comum.

John franziu a testa na primeira vez, sem captar o curso...

De repente, ele sentiu uma explosão de calafrio através de seu próprio corpo, que atingiu sua medula. Z...? Espera, se tivesse ouvido mal? Estava entendendo errado?



Exceto então, claro como o dia, lembrou-se como os dois se encaravam um ao outro... Logo após o Irmão ler o que o psicólogo tinha escrito no prontuário de John.

Você escolhe como vai lidar com isso, porque não é assunto de mais ninguém, Z disse. Você nunca precisará dizer outra fodida palavra sobre o assunto, nada sairá dos meus lábios.

Naquele momento, John foi surpreendido pela compreensão inesperada do Irmão. Bem como o fato de que Z não parecia julgá-lo ou vê-lo como um fraco.

Agora ele sabia porque.

Deus... Z?

O Irmão levantou a mão. — Eu não estou dizendo isso para te apavorar e, porra, eu preferiria que você nunca ficasse sabendo... Por razões que eu tenho certeza que você consegue entender. Mas eu estou trazendo isso por causa do grito de sua fêmea esta manhã.

A testa de John venceu enquanto o Irmão continuava.

— Olha, John, eu não gosto de pessoas se metendo nos meus problemas e eu sou a última pessoa que gostaria de falar dessa merda. Mas aquele grito... — Z encarou John. — Eu tive muito disso para não saber que tipo de inferno tem que ter passado para gritar assim. Sua garota... Ela já tem algo de escuro em seus dias bons, mas e depois de Lash? Eu não preciso dos detalhes... Mas posso adivinhar que ela está agitada e algo mais. Inferno, às vezes quando você está seguro novamente... É quase pior.

John esfregou seu rosto enquanto as têmporas latejavam, e então levantou as mãos... para dar-se conta que não tinha nada para assinalar. A tristeza que o atingiu acabou com suas palavras, deixando-o com uma sensação estranha, a cabeça em branco.

Tudo o que podia fazer era assentir.

Zsdist deu uma batida em seu ombro e, em seguida retomou seu vai-e-volta. — Encontrar e ficar com Bella, foi meu barco salva-vidas. Mas não era a única coisa que eu precisava. Veja, antes que estivéssemos adequadamente emparelhados, Bella me deixou... Ela se foi e me deu um pontapé na bunda sem nenhuma maldita boa razão. Eu sabia que tinha que fazer alguma coisa, por minha cabeça no lugar se eu quisesse ter uma chance com ela. Então, eu



conversei com alguém sobre... Tudo. — Z amaldiçoou de novo e cortou sua mão através do ar. — E não, não foi nenhum casaco branco de Havers²⁶⁶. Alguém que eu confiava. Alguém que fazia parte da família... Que eu sabia que não me veria como fraco ou sujo ou alguma merda.

Quem? John articulou com a boca.

— Mary. — Z exalou. — Mary de Rhage. Nós tivemos sessões, próximo da caldeira sob a cozinha. Duas cadeiras. Próximas ao forno. O que ajudou e então eu volto para ela de tempos em tempos.

John pode ver a lógica instantaneamente. Mary tinha aquele tipo de coisa calma... O que explicava como foi capaz de dominar não só o Irmão mais selvagem, mas o filho da puta da besta interior dele.

— O grito desta noite... John, se você quiser emparelhar com esta fêmea, você tem que ajudá-la com isso. Ela precisa falar sobre sua merda, porque se não, certo como o diabo ela vai apodrecer de dentro para fora. E eu conversei com Mary... Sem citar nomes. Ela obteve seu título de conselheira e ela disse que está pronta para trabalhar com alguém. Se você tiver uma chance e o tempo certo com Xhex... Diga a ela sobre isso. Diga-lhe para ir falar com Mary. — Enquanto Z esfregava o crânio raspado, as argolas nos mamilos que ele usava se destacaram em acentuado relevo sob a camisa preta sem mangas. — E se você quiser um atestado, posso dizer-lhe sobre a vida da minha filha que a sua fêmea estará em boas mãos.

Obrigado, John articulou. *Sim, vou dizer logo algo a ela. Jesus... obrigado.*

— Sem problema.

De repente, John encontrou o olhar de Zsadist.

Enquanto os dois mantinham o olhar, era difícil não se sentir parte de um clube exclusivo em que ninguém jamais se oferecia como voluntário para se associar. Adesão não era solicitada ou desejável ou algo para se vangloriar... Mas era real e era poderoso: os sobreviventes de naufrágios semelhantes podiam ver os horrores dos bancos de areia nos olhos dos outros. Era como se reconhecessem. Eram duas pessoas com a mesma tatuagem em seu interior, a partilha de um trauma que os separava do resto do planeta trazendo-os mais próximo, de forma inesperada, duas almas cansadas.

²⁶⁶ Referência a um psicólogo.



Ou três, como era o caso aqui.

A voz de Zsadist estava rouca.

— Eu matei a puta que fez isso comigo. Levei a cabeça comigo quando sai. Teve essa satisfação?

John balançou a cabeça lentamente. *Quisera ter tido.*

— Não vou mentir. Isso me ajudou muito, também.

Houve um silêncio tenso, estranho, enquanto nenhum deles sabia como apertar o *botão reiniciar* e voltar ao normal. Então Z acenou uma vez e levantou o punho.

John chocou nódulos, pensando: merda, você nunca sabia o que estava no armário de alguém, sabia?

Os olhos amarelo de Z resplandeceram mais uma vez quando ele se virou e caminhou para a porta que o levaria para a mansão e para sua família, para os seus Irmãos. No bolso de trás, como se ele tivesse empurrado isto lá e se esquecido, estava o babador rosa de um bebê, o tipo que tinha partes de velcro nos cordões e uma pequena caveira e ossos cruzados preto na frente.

A vida segue, John pensou. Não importava o que o mundo fazia a você, você poderia sobreviver.

E talvez se Xhex conversasse com Mary, ela não...

Deus, ele não poderia mesmo terminar o pensamento, porque ele temia que definisse sua estratégia de saída.

Apressando-se ao centro de treinamento, foi para a clínica, onde encontrou seu casaco e suas armas e o que Xhex precisava.

Quando pegou a merda, sua mente estava agitada com as coisas... Coisas do passado e do presente. Agitada, agitada, agitada...

Quando voltou para a mansão, ele passou pela grande escadaria e pelo corredor de estátuas. Assim que ele entrou em seu quarto, ouviu o chuveiro aberto no banheiro e teve uma breve e clara imagem de Xhex gloriosamente nua e escorregadia da água e da espuma de sabão – mas ele não entraria e se juntaria a ela. Ele se aproximou da cama e lançou os cilícios no pé dela, depois juntou seu equipamento de combate e saiu.



Ele não foi para a Primeira Refeição.

Ele desceu o corredor para outro quarto. Enquanto batia na porta, tinha a sensação de que o que ele estava prestes a fazer demorou muito tempo a chegar.

Quando Tohr abriu a porta, o Irmão estava semi-vestido... E, obviamente surpreso. — O que está acontecendo?

Posso entrar? John articulou.

— Sim, com certeza.

Enquanto entrava, sentiu uma estranha sensação de premonição. Mas ao que dizia respeito à Tohr, ele sempre havia tido isso... isso é um sentimento de profunda conexão.

Franziu a testa enquanto olhava para o macho, pensou no tempo que passaram naquele sofá lá em baixo, assistindo o filme de Godzilla enquanto Xhex estava fora combatendo à luz do dia. Era engraçado, ele ficava tão confortável ao redor do cara, que estar com Tohr era como estar sozinho, sem a solidão...

Você tem me seguido, não é mesmo? John sinalizou abruptamente. *Você é quem... a sombra que eu sentia. Na sala de tatuagem e no Parque Xtreme.*

Os olhos de Tohr se estreitaram. — Sim. Era eu.

Por quê?

— Olha, de verdade, não que eu não achasse que você pudesse se cuidar...

Não, não é isso. O que eu não entendo é... Se você esteve bem o suficiente para estar fora no campo, porque você não está matando eles? Por... ela. Por que perder tempo comigo?

Tohr soprou uma maldição. — Ah, merda, John... — Longa pausa. E então. — Você não pode fazer mais nada pelos mortos. Eles se foram. Está feito. Mas a vida... Você pode cuidar dos vivos. Eu sei em que espécie de inferno você tem estado — e ainda está — E eu perdi minha Wellsie porque eu não estava lá quando ela precisava de mim... Eu não podia suportar perdê-lo pela mesma razão.





Quando as palavras do Irmão desvaneceram, John sentiu como se tivesse levado um soco no estômago – e ainda assim ele não ficou chocado. Porque esse era o tipo de macho que Tohr era – firme e verdadeiro. Um macho de valor.

O cara riu asperamente. — Não me entenda mal. Logo que você acabe com esse assunto de Lash, e aquele bastardo estiver bem morto, eu vou pegar pesado com esses filhos da puta. Vou matar os assassinos em memória dela pelo resto da minha vida. Mas a coisa é que eu me lembro... Veja, eu estive onde você estava quando acreditava que sua fêmea havia ido. Não importa o quão equilibrado se acredita estar, você está louco... E você foi abençoado por recuperá-la, mas a vida não traz de volta o racional tão rápido. Bem, vamos enfrentar... Você faria qualquer coisa para salvá-la, até mesmo colocar o peito na frente de uma bala. O que eu posso compreender, mas gostaria que você evitasse se possível.

Enquanto as palavras do Irmão paravam, John gesticulou automaticamente, *Ela não é minha fêmea.*

— Sim, ela é. E os dois juntos fazem muito sentido. Você não tem nenhuma ideia que tipo de sentido vocês fazem junto.

John balançou a cabeça. *Não tenho certeza do que você está falando. Sem ofensa.*

— Não tem que ser fácil para ser direito.

Neste caso, fomos feitos um para o outro.

Houve um longo silêncio, durante o qual John teve a estranha sensação de que a vida estava redefinindo-se, que as engrenagens que previamente estavam escorregando e faltando uma vez mais estavam em seu lugar.

E aqui estava mais uma vez, o Clube dos Sobreviventes fodidos.

Cristo, com toda a merda por que as pessoas que viviam na mansão tinham passado, talvez V devesse desenhar uma tattoo e cada um poderia levar em suas bundas. Porque seguro como a merda, o grupo deles havia ganho na loteria no que se referia a golpes duros.

Ou, Deus, talvez fosse apenas a vida. Para todos no planeta. Talvez o Clube dos Sobreviventes não fosse algo que você “ganha”, mas simplesmente algo inato presente desde quando você saía do ventre de sua mãe. Seu batimento





cardíaco o coloca na lista e, em seguida, o resto era apenas uma questão de vocabulário: os substantivos e verbos utilizados para descrever os acontecimentos que abalam sua fundação e lhe sacodem nem sempre são os mesmos para todos, mas a crueldade aleatória de doenças e acidentes, ser o foco malicioso de homens malvados e de ações desagradáveis, o desgosto da perda com todos os seus chicotes e correntes... No fundo, era tudo a mesma coisa.

E não havia nenhuma cláusula de exclusão voluntária no estatuto do clube – a menos que você se suicidasse.

A verdade essencial da vida, ele estava percebendo, não era romântico e levou apenas duas palavras para rotulá-la: merda. Acontece.

Mas o fato era que você seguia. Você mantinha os seus amigos e sua família e seu companheiro tão seguros quanto fosse capaz. E você continuava lutando mesmo depois de ser derrubado.

Porra, você levantava o seu rabo da terra e continuava a *lutar*.

Fui horrível com você, John acenou. *Sinto muito*.

Tohr sacudiu a cabeça. — E eu fui melhor? Não se desculpe. Como meu melhor amigo e seu pai sempre me dizia, não olhe para trás. Somente para frente.

Então é daí que vinha, John pensou. A crença estava em seu sangue.

Eu quero você comigo, ao meu lado, John sinalizou. *Hoje à noite. Amanhã à noite. Pelo tempo que for para matar Lash. Faça isso comigo. Encontre o sacana comigo, conosco*.

A sensação de que os dois já trabalharam juntos parecia tão certa. Depois de tudo, por suas razões individuais, estavam unidos neste jogo mortal de xadrez: John precisava vingar Xhex por razões óbvias. E quanto a Tohr... Assim, o Omega tinha levado seu filho quando o *lesser* matou Wellsie. Agora, o Irmão tinha a chance de devolver ao filho da puta o favor.

Venha comigo. Faça isso... comigo.

Tohr teve que limpar a garganta. — Eu pensei que você nunca pediria.

Nenhum bater de nódulos desta vez.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Os dois se abraçaram, peito a peito. E quando se separaram John esperou Tohr lançar uma camisa, pegar sua jaqueta de couro, e agarrar suas armas.

Então eles desceram lado a lado.

Como se nunca tivessem se separado. Como se as coisas fossem como sempre foram.





Capítulo SESENTA E QUATRO

Os quartos dos fundos da mansão da Irmandade tinham o benefício tanto de uma vista para os jardins como também do terraço no segundo andar.

O que significava que se você estivesse nervoso, poderia sair e pegar um pouco de ar fresco antes de enfrentar o restante da casa.

No segundo em que as persianas se levantaram para a noite, Qhuinn abriu as portas francesas de seu quarto e caminhou para a noite fresca. Apoiando as mãos na balaustrada, se inclinou, seus ombros aceitando facilmente o peso de seu peito. Estava vestido para a guerra, de couro e shitkickers, mas deixara as armas do lado de dentro.

Encarando o jardim e sua cama de flores, as árvores altas e magras que estavam para dar frutos, ele sentiu a pedra fria e suave debaixo de suas mãos, a brisa em seu cabelo ainda úmido, e o puxão apertado dos músculos em seu pescoço. O cheiro de cordeiro recém assado ventilava da cozinha e luzes brilhavam por toda a casa, o dourado aconchegante iluminando o jardim e o pátio no nível abaixo.

Ironia de merda... sentir-se tão vazio quando Blay finalmente fora preenchido.

A nostalgia chegou com suas lentes cor-de-rosa, e por elas ele reviu as noites na casa de Blay, os dois sentados no chão no fim da cama, jogando PS2, bebendo cerveja, assistindo vídeos. Havia coisas foddidamente importantes pra se falar naquela época, coisas como o que estava acontecendo nas aulas de treino, qual jogo estava pra sair na época do Natal humano, e quem era mais gostosa, Angelina Jolie ou qualquer outra de saia.

Angelina sempre ganhava. E Lash sempre fora um desgraçado. E Mortal Kombat ainda reinava.

Deus, Guitar Hero World Tour ainda nem tinha saído naquela época.

O negócio era que Qhuinn e Blay sempre foram sinceros um com o outro, e no mundo de Qhuinn, onde todos odiavam seu traseiro, ter alguém que o entendia e o aceitava como ele era... Tinha sido um feixe de luz solar tropical na merda do Pólo Norte.



Agora, porém... Era difícil de compreender como eles foram tão próximos. Ele e Blay estavam seguindo dois caminhos diferentes... Uma vez tendo tudo em comum, agora não tinham nada além do inimigo – e até aqui, Qhuinn tinha que ficar com John, não era como se ele e Blay fossem parceiros.

Merda, o adulto nele reconheceu que esse era o modo como as coisas aconteciam. Mas a criança nele chorou pela perda mais do que...

Houve um clique, e uma quebra no selo de temperatura.

Saindo do quarto negro que não era o seu, Blay caminhou para o terraço. Ele estava usando um robe de seda negra e estava descalço, o cabelo molhado do banho.

Havia marcas de mordida em seu pescoço.

Ele parou conforme Qhuinn se endireitava na balaustrada.

— Oh... hey — Blay disse, e imediatamente olhou para trás como que para ter certeza de que a porta estava fechada.

Saxton estava lá, Qhuinn pensou. Dormindo nos lençóis que eles maravilhosamente bagunçaram.

— Eu já estava entrando — Qhuinn disse, coçando o ombro com o dedo — Está muito frio pra ficar aqui fora por muito tempo.

Blay cruzou os braços no peito e olhou adiante. — É. Está bem fresco.

Depois de um momento, o cara se adiantou para a balaustrada e o cheiro do sabonete dele invadiu o nariz de Qhuinn.

Nenhum deles se moveu.

Antes de sair, Qhuinn clareou a garganta e se jogou da ponte: — Foi tudo bem? Ele te tratou bem? — Deus, sua voz estava rouca.

Blay respirou fundo. E então concordou: — Sim. Foi bom. Foi... Correto.

Os olhos de Qhuinn se afastaram dos de seu amigo e foi medir a distância até o pátio de pedra lá embaixo. Hmm... Fazer um mergulho de cisne em direção a toda aquela ardósia talvez fosse capaz de tirar a imagem dos dois juntos de sua mente.



Claro, isso também transformaria seu cérebro em ovos batidos, mas... Não parecia ser tão ruim.

Saxton e Blay... Blay e Saxton...

Merda, ele ficou calado por muito tempo.

— Estou contente. Eu quero que você... Seja feliz.

Blay não fez um comentário a respeito disso, apenas murmurou: — Ele está grato, aliás. Pelo o que você fez. Apesar de ter exagerado um pouco... Ele disse que você sempre foi secretamente cavalheiresco.

Oh, sim. Totalmente. Essa merda era seu nome do meio, *ahaaaam*.

Quinn se perguntou o que cara pensaria se soubesse que ele teve vontade de arrastá-lo pra fora da casa pelo seu lindo cabelo loiro. Talvez amarrá-lo no chão de cascalho perto da fonte e passar por cima dele com o Hummer um par de vezes.

Na verdade, não, o cascalho não era a superfície certa. Melhor levar o Hummer até o hall e fazer isso lá mesmo. Você vai querer algo bem duro debaixo do corpo — como se estivesse cortando uma costeleta em uma placa de corte.

Ele é seu primo, pelo amor de Deus! Disse uma voz pequenina dentro dele.

E...? A outra metade dele respondeu.

Antes que pirasse e conseguisse um distúrbio de personalidade múltipla, ele se afastou da balaustrada e de toda aquela coisa homicida. — Bem, é melhor eu ir. Estou saindo com o John e a Xhex.

— Desço em dez minuto. Preciso me vestir.

Conforme Quinn olhava para o belo rosto de seu amigo, ele sentiu como se nunca tivesse conhecido aquele cabelo vermelho, aqueles olhos azuis, aqueles lábios, aquela boca. E foi por causa de sua longa estória que ele procurou por algo para dizer, algo que fosse trazê-los de volta á amizade.

Tudo o que lhe veio á mente foi: *Sinto sua falta. Sinto tanto a porra da sua falta que machuca, mas não sei como te achar mesmo com você parado á minha frente.*



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



— Okay — Qhuinn disse — Te vejo na Primeira Refeição.

— Okay.

Qhuinn colocou seu traseiro na engrenagem e caminhou para a porta de seu quarto. Conforme deslizava a mão pela maçaneta de bronze, sua voz saiu de sua garganta, alta e clara:

— Blay.

— Sim?

— Se cuida.

Agora a voz de Blay estava rouca á ponto de se quebrar:

— Sim. Você também. — Porque claro, "se cuida" era o que Qhuinn sempre dizia quando estava deixando alguém ir.

Ele entrou e fechou a porta. Se movendo mecanicamente, ele pegou os coldres para suas adagas e armas e sua jaqueta de couro.

Engraçado, ele mal podia se lembrar de perder a virgindade. Lembrava-se da fêmea, claro, mas a experiência não havia deixado nenhum tipo de impressão permanente. Nem mesmo os orgasmos que ele dava e recebia desde então. Apenas muita diversão, muitos arquejos suados, muitos alvos identificados e reconhecidos.

Nada além de transas que eram facilmente esquecidas.

Indo na direção do vestíbulo, porém, ele se deu conta de que nunca esqueceria a primeira vez de Blay pelo resto de sua vida. Os dois estavam se distanciando por algum tempo já, mas agora... O fio frágil que era o último da conexão, aquele vínculo, havia sido cortado.

Que pena que a liberdade se parecia mais com uma prisão do que com um horizonte.

Quando suas botas bateram no chão de mosaico no alto das escadas, o velho hino de John Mellencamp ecoou em sua mente, e apesar dele sempre ter gostado da música, só agora entendia seu verdadeiro significado.

Ele meio que desejou apenas gostar da música.



A vida continua... Mesmo que a emoção de viver se vá²⁶⁷...

No banheiro de John, Xhex estava sob a água quente, com os braços sobre o peito, os pés plantados em ambos os lados do ralo, a água a bater-lhe na parte de trás da cabeça antes de cobrir seus ombros e descer por sua coluna.

A tatuagem de John...

Maldição...

Ele fizera isso como um memorial a ela... Colocando seu nome em sua pele para que ela ficasse com ele para sempre. Afinal, não havia nada mais permanente do que isso... Inferno, era por isso que na cerimônia de vinculação os machos têm suas costas esculpidas: Anéis poderiam ser perdidos. Documentos poderiam ser rasgados ou queimados ou extraviados. Mas isso não era como levar sua epiderme com você onde quer que fosse.

Cara, ela nunca se importara duas merdas com aquelas fêmeas de vestidos com seus cabelos tão longos e bonitos e a maquiagem por toda suas vulvas e a porcaria de sua natureza gentil. De qualquer modo, aqueles adornos da feminilidade pareciam uma declaração de fraqueza. Mas agora, por um breve momento, ela se encontrava invejando a seda e o perfume. Que orgulho elas deviam sentir ao saber que seus machos carregavam seu compromisso em torno de seus corpos a cada noite que estavam vivos.

John seria um *hellren* maravilhoso...

Jesus... Quando ele se vinculasse, o que diabos ia fazer com aquela tatuagem? Colocar o nome de sua fêmea sob ela?

Certo, Xhex não estava psicótica com o lance de ser a primeira da lista em seus ombros durante o resto de sua vida. Realmente. Não, de forma alguma. Porque isso faria dela uma puta egoísta, não faria?

Oh, espere, aquilo era muito bonito para ser a sua canção tema.

²⁶⁷ Letra da música "Jack and Diane", de John Mellencamp.



Forçando-se a sair do chuveiro, ela enxugou-se rapidamente e trocou todo o confortável aquecimento, a umidade do ar do banho pelo beijo frio das coisas do quarto.

Ela parou exatamente após o batente. Do outro lado do caminho, o edredom fora esticado por uma mão casual, o que tinha estado desalinhado agora fora arrastado mais ou menos para seu lugar.

Seus cílios estavam na parte inferior do colchão. E ao contrário de espalhados, eles foram arranjados com cuidado, as argolas polidas, os dois comprimentos alinhados juntos.

Ela andou em volta e correu a ponta do dedo pelo arame farpado. John os mantivera para ela... A o instinto lhe disse que ele os teria conservado mesmo se ela nunca tivesse voltado.

Um legado e tanto a deixar para trás.

E, se ela estava hospedada na casa para passar a noite, ela teria que vesti-los. Em vez disso, ela puxou seus couros para cima sem eles, enfiou-se em sua camiseta regata e recolheu suas armas e sua jaqueta.

Graças a ela ter brincado de escultura de grama²⁶⁸ embaixo do chuveiro, ela perdera a Primeira Refeição, então ela foi diretamente para a reunião na sala de estudos de Wrath. Todos os irmãos, bem como John e os meninos estavam aglomerados na sala de estudos francesa de cor azul pálida... E quase todos, incluindo George, o Cão Guia, estavam andando em volta.

A única pessoa que faltava era Wrath. Aquele que era o tipo que colocava travas nas coisas, não estava.

Seus olhos procuraram e se mantiveram presos nos de John, mas após um curto e vago aceno de cabeça em sua direção, ele olhava para frente, olhando apenas para as pessoas que vagavam em seu campo de visão. Ao seu lado, Tohrment estava alto e forte, e lendo a grade emocional da dupla, ela sentira que tinham restabelecido a ligação que significava um grande inferno para os dois.

O que a deixava sinceramente feliz. Ela odiava a ideia de John estar sozinho depois que ela se fosse, e Tohrment era o pai que ele nunca teve.

²⁶⁸ Escultura de grama: no texto significa que Xhex perdeu tempo no chuveiro pensando, sem fazer nada.



Com uma desagradável maldição, Vishous apunhalou um dos rolos em sua mão. — Porra do inferno! Temos que ir mesmo que ele não esteja aí. Estamos perdendo a escuridão.

Phury encolheu os ombros. — Ele deu uma ordem direta para essa reunião, apesar de tudo.

Xhex estava inclinada a tomar partido de V, e dada a forma como John mudava o peso do corpo para trás e para frente em suas botas de combate, ela não era a única.

— Vejam, vocês podem ficar aqui. — ela rosnou. — Mas eu estou saindo agora.

Enquanto John e Tohr olharam para ela, ela teve uma estranha sensação ondulando através de sua mente, como se não fossem apenas os dois machos que tinham se unido na busca para encontrar Lash, mas que ela também estava na mistura com eles.

Então, novamente, todos tinham contas a acertar, não tinham? Se era a *Sociedade Lessening* ou Lash especificamente, os três carregavam todo o tipo de ressentimentos que faziam você querer matar.

Sempre a voz da razão, Tohrment cortou a tensão. — Ok, tudo bem, eu vou assumir a responsabilidade pela ordem de ir. Claramente sua pequena “sessão de exercício” do outro lado ainda está rolando, e ele não iria querer que nós mijássemos fora essa noite somente por causa dele.

Tohr dividiu todos em equipes. Xhex, Z, ele próprio, e os meninos indo para o endereço registrado pelo corredor de rua, e o resto da Irmandade repartida entre a fazenda e o parque de skate Xtreme. Em pouco tempo, o grupo desceu escada abaixo, pelo hall, e saiu pela porta da frente. Um por um, eles desapareceram no ar frio...

Quando Xhex tomou forma novamente, estava em frente a um prédio de apartamentos no centro antigo do Distrito Meatpacking... Apesar de que *prédio* era uma palavra muito forte para o lugar. A estrutura de tijolos de seis andares tinha janelas de escotilhas e um telhado vergado que necessitava reparos de um quiropata²⁶⁹... Ou talvez um aparelho gessado. Ela estava certa de que a linha de

²⁶⁹ Quiropata – profissional da saúde que cuida das disfunções nervosas e osteo-articulares.



crateras na frente fora criada pela pulverização de uma metralhadora ou talvez um acionador automático cujo atirador tivesse um caso de Dts²⁷⁰.

Fazia com que você quisesse saber como os humanos no DMV²⁷¹ aceitaram o endereço como uma residência quando o carro tinha tirado sua licença. Então novamente, talvez ninguém tivesse verificado para ver se o que estava na licença era habitável.

— Encantador. — resmungou Qhuinn. — Se você quiser reproduzir ratos e baratas.

Vamos dar uma volta lá atrás, John sinalizou.

Havia duas pistas que desciam em ambos os lados do buraco de merda, e eles escolheram aleatoriamente o da esquerda por nenhuma razão em especial. Caminhando ao redor, eles passaram pelos detritos padrão em uma cidade... Nada de novo, nada de extraordinário, apenas latas de cerveja, embalagens de doces e páginas de jornal. A boa notícia era que não havia janelas nas laterais do medonho edifício, mas não era como se não houvesse nada a ver além dos matadouros e instalações de embalagem... Talvez a estabilidade daquela carga de tijolos fosse a razão pela qual o telhado não havia desabado no chão.

Xhex saltava sobre as pontas de seus pés enquanto corria com os machos, o grupo deles caindo em um ritmo rápido que os levou até o beco de forma eficiente e em relativa calma. A parte de trás da estrutura não era nada mais do que tijolo vermelho com metros de fuligem. A única diferença era que a porta de aço blindado abria-se em um pequeno pátio de estacionamento, em vez de uma estrada ordinária.

Nenhum *lessen*. Nenhum pedestre humano. Nada além de gatos vadios, asfalto sujo e o choro distante de sirenes.

A sensação de impotência tomou conta dela. Porra, ela podia aparecer aqui ou por toda parte daquele parque ridículo ou fora das grades. Mas não havia como fazer o inimigo vir até ela. E eles tinham tão pouco para ir em frente.

— Pelo amor de Deus. — murmurou Qhuinn. — Onde diabos está a festa?

Viva, ela não era a única ansiosa por uma luta...

²⁷⁰ DT = Diversional Therapy = Terapia da Diversão.

²⁷¹ DMV – Department of Motor Vehicles = Departamento de Veículos Automotores.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Vindo do nada, Xhex sentiu um formigamento percorrendo-a, o eco ressonante de algo que a princípio ela não entendeu. Ela olhou para o resto da equipe. Blay e Qhuinn estavam cuidadosamente sem olharem um para o outro. Tohr e John estavam passeando ao redor. Zsadist sacava seu telefone para avisar aos irmãos que eles estavam na marca.

Que puxão...

E, então ela percebeu: Ela estava sentindo o sangue dela em outro.

Lash.

Lash não estava longe.

Girando cegamente nos calcanhares, ela dirigiu-se para fora... Andando, em seguida rompendo em uma corrida. Ela ouviu gritarem seu nome, mas não havia como parar para explicar.

Ou como pará-la.



Capítulo SESSENTA E CINCO

No lado mais distante, enquanto Payne estava em uma posição antinatural no mármore duro, seu homônimo a oprimia²⁷²... Mas somente acima de sua cintura. Ela não sentia agonia nas pernas ou nos pés, somente um formigamento desassociado que a fazia pensar em faíscas de fogo sobre gravetos úmidos. Diretamente acima do seu corpo quebrado, o Rei Cego estava inclinado, o rosto tenso... E a Virgem Escriba também apareceu, suas vestes negras e sombrias flutuando em círculos.

Não estava chocada por sua mãe ter vindo consertá-la magicamente. Como aquela porta que havia passado da ruína a salvação, sua querida mãe queria limpar, ordenar, fazer *tudo* perfeito.

— Eu me recuso... — disse Payne novamente entre dentes. — Não aceito.

Wrath olhou por cima do ombro para a Virgem Escriba, em seguida, olhou para trás e para baixo. — Ah... Ouça Payne, isso não tem lógica. Você não pode sentir suas pernas... Suas costas provavelmente estão quebradas. Por que você não a deixa ajudá-la?

— Eu não sou algo inanimado... Um objeto que ela pode manipular a vontade. Para agradecer seus caprichos e fantasias...

— Payne, seja razoável...

— Eu sou...

— Você vai morrer...

— Então, minha mãe pode me ver morrer! — ela sussurrou... E, imediatamente em seguida, gemeu. Na sequência de sua explosão, a consciência subia e descia, seus olhos borrando e então perdendo o foco, a expressão chocada de Wrath se tornando a base pela qual ela mensurava se havia desmaiado ou não.

²⁷² Aqui rola uma espécie de trocadilho, quando ela fala de 'seu homônimo' que seria aquela palavra que se pronuncia e/ou escreve da mesma forma que outra, mas tem origem e significado diferentes. Ela se referiria a **Pain** que quer dizer **Dor** em inglês, e **Payne** que é o nome dela. **Pain** e **Payne** tem pronuncia similar. Por isso que ela diz que 'até seu homônimo a oprimia' :)



— Espere, ela é... — o Rei apertou sua mão contra o chão para firmar sua posição agachada. — Sua... Mãe?

Payne não se importava que ele soubesse. Ela nunca sentira nenhum orgulho de ser associada com a filha nascida da fundadora da raça... Tinha, de fato, procurado distanciar-se cada vez mais... Mas o que isso importava agora? Se ela recusasse a “intervenção divina”, ela iria ao Fade. Que dor ela sentiria se lhe dissesse isso?

Wrath girou em torno da Virgem Escriba. — Isso é verdade?

Nenhuma resposta afirmativa veio de volta, mas nenhuma negação. E, também não houve nenhum castigo por ele ter ousado ofender com seu inquérito.

O Rei olhou de volta para Payne. — *Jesus... Cristo.*

Payne entrecortava a respiração. — Deixe-nos, querido Rei. Retorne para seu mundo e conduza seu povo. Você não precisa de ajuda desse lado ou dela. Você é um belo macho e um guerreiro brilhante.

— Eu não vou deixar você morrer. — ele cuspiu.

— Você não tem escolha, não é?

— Foda-se! — Wrath ficou em pé e olhou para baixo. — Deixe-a te curar! Você está fora de seu maldito juízo! Você não pode morrer assim...

— Certamente que... posso. — Payne fechou os olhos, uma onda de exaustão rolando através dela.

— Faça alguma coisa! — era evidente que o Rei estava gritando com a Virgem Escriba.

Pena que ela se sentia tal como o inferno, Payne pensou. Caso contrário ela certamente teria gostado desta declaração final de independência. Na verdade, viera sobre as asas da sua morte, mas ela fizera isso. Ela estava enfrentando sua mãe. Havia iniciado sua liberdade através de sua recusa.

A voz da Virgem Escriba soou apenas mais alta do que sua respiração. — Ela negou a minha ajuda. Está me bloqueando.



Certamente ela estava. Sua fúria era dirigida a sua mãe a tal ponto que não era difícil acreditar que isso funcionava como uma barreira para qualquer magia que a Virgem Escriba pudesse descarregar sobre a tragédia ocorrida.

O que na verdade se sentia mais como uma benção.

— Você é a toda-poderosa! — a voz do Rei era uma acusação áspera... A natureza frenética disso era um pouco confusa. Mas então, ele era um macho de valor, que sem dúvida colocaria a culpa sobre si mesmo. — Basta reparar-la!

Houve um silêncio e, em seguida, uma resposta fraca: — Eu não posso mais alcançar o seu corpo... O que posso é seu coração.

Na verdade, se a Virgem Escriba estava tendo uma noção do que era ser sem poder... Payne poderia morrer em paz.

— Payne! Payne, acorde!

Suas pálpebras se abriram. Wrath estava a centímetros de seu rosto.

— Se eu puder salvá-la, você deixaria?

Ela não conseguia entender por que ela era tão importante para ele. — Deixe-me...

— Se eu puder fazer isso, você deixaria?

— Você não pode.

— Responda a fodida pergunta.

Ele era um bom macho, e o fato de sua morte pesar em sua consciência para sempre era uma tristeza. — Me desculpe... Por isso. Wrath. Desculpe-me. Isso não é sua função.

Wrath virou-se contra a Virgem Escriba. — Deixe-me salvá-la. *Deixe-me salvá-la!*

Após a exigência, a capa da Virgem Escriba levantou-se por vontade própria, e sua forma uma vez brilhante parecia nada além de uma sombra desbotada.

O rosto e a voz que ela aventou foi de uma bela fêmea em uma tremenda agonia. — Eu não queria esse destino.





— Isso e um monte de merda não levam você a nada. *Você me deixará salvá-la!*

A Virgem Escriba deslocou seu olhar para o céu opaco e uma lágrima caiu do fundo de seu olho sobre o piso de mármore como um diamante, saltando com um brilho e um flash.

Esse objeto adorável seria a última coisa que Payne veria, ela pensou enquanto seus olhos se tornavam tão pesados, que ela não poderia mais manter as pálpebras abertas.

— Porra! — gritou Wrath — Deixe-me...

A resposta da Virgem Escriba veio de uma grande distância. — Eu não posso mais lutar contra isso. Faça o que quiser, Wrath, filho de Wrath. Melhor ela ficar longe de mim e viva do que morta em meu chão.

Tudo ficou quieto.

Uma porta foi fechada.

Então, a voz de Wrath: — *Eu preciso de você no outro lado. Payne, acorde, eu preciso de você no outro lado...*

Estranho. Era como se ele estivesse falando em seu crânio... Mas ele estava provavelmente inclinado por trás dela e falando em voz alta.

— Payne, acorde. Eu preciso de você para chegar ao meu lado.

Envolta em uma névoa, ela começou a sacudir a cabeça... Mas o impacto não foi bem suportado. Melhor ficar parada. Muito melhor. — Eu não... Não posso chegar lá...

Uma súbita vertigem a fez cambalear, os pés balançando ao redor de seu corpo, sua mente um turbilhão ao redor da qual ela girava. A sensação de ser sugada foi acompanhada de uma pressão em suas veias, como se o sangue dela estivesse se expandindo, mas confinado em quartos apertados.

Foi quando abriu os olhos viu um sublime brilho branco sobre ela. Portanto, ela não havia mudado. Estava onde estivera deitada o tempo todo, sob o céu leitoso do Outro Lado...

Payne fez uma careta. Não, aquele não era o céu estranho sobre o santuário. Aquilo era um... teto?



Sim... Ela reconhecia o que era... E, de fato, em sua visão periférica, percebia as paredes azuis pálidas. Havia luzes também, embora não do tipo que se lembrava... Não lanternas ou velas acesas, mas coisas que brilhavam sem chama.

Uma lareira. Uma... Mesa sólida e um trono.

Sozinha ali, não tinha como mover seu corpo. Ela não tinha forças. E Wrath não poderia ter fundido sua forma corpórea. Havia apenas uma explicação.

Ela fora expulsa por sua mãe. Não tinha como voltar atrás; lhe havia concedido seu desejo. Estava livre, para sempre.

Uma paz estranha a dominou, uma que era igual a um manto da morte dos calmantes... Ou a percepção de que a luta acabara. Na verdade, viva ou morta, aquilo que a definira há anos havia acabado, um peso desaparecido que a enviou de novo voando a sua, por agora, imóvel carne.

O rosto de Wrath entrou em seu campo de visão, seus longos cabelos negros deslizando livres em seus ombros e caindo para frente. E naquele momento, um cão loiro mergulhou sob o braço forte do rei, com o tipo de expressão de boas vindas inquiridoras, como se ela fosse uma convidada inesperada, mas muito apreciada.

— Eu estou indo buscar a Dra. Jane. — disse Wrath acariciando o flanco do cão.

— Quem?

— Minha médica particular. Fique aqui.

— Como se... eu fosse a algum lugar.

Houve o tilintar de uma coleira e então o rei saiu, sua mão sobre um arreio que o conectava com o belo cão, as patas do animal ecoando no chão quando eles chegaram à beira do tapete e foram para o piso de madeira.

Ele realmente era cego. E aqui, deste lado, ele precisava dos olhos de alguém para a função.

A porta se fechou e então ela não pensou em nada, exceto na dor. Estava flutuando, rendida pela agonia de seu corpo... E ainda assim, apesar da derrota inacreditável, ela estava no alto de uma estranha tranquilidade.



Por nenhuma razão em especial, percebeu que o ar tinha um cheiro encantador ali. Limão. Cera de abelha.

Simplesmente encantador.

A fatalidade era que, o seu tempo desse lado fora há muito e, levando em conta a forma como as coisas pareciam estranhas, era um mundo diferente. Mas ela lembrou o quanto gostava dele. Tudo fora imprevisível e, portanto, cativante...

Algum tempo depois, a porta se abriu e ela ouviu mais uma vez o chocalhar da coleira do cão e sentiu o poderoso cheiro de Wrath. E havia alguém com eles... Que não podia ser registrado de uma forma que Payne pudesse processar. Mas, definitivamente, havia outra entidade na sala.

Payne forçou-se a abrir os olhos... E quase desistiu.

Não era Wrath em pé acima dela, mas uma fêmea... Ou pelo menos parecia ser uma mulher. O rosto tinha linhas femininas... Exceto que as feições e os cabelos eram translúcidos e fantasmagóricos. E, enquanto seus olhares se encontraram, a expressão da fêmea mudou de preocupada para chocada. De repente, ela teve que se firmar no braço de Wrath.

— Oh... meu Deus... — a voz estava áspera.

— É tão óbvio, Doutora? — perguntou o rei.

Como a mulher se esforçava para responder, esta não era o tipo de reação que se esperava de um médico. Na verdade, Payne pensou que ela estava bem ciente de como ela fora ferida. No entanto, podia ser que ela não estivesse muito certa quanto à gravidade do seu estado.

— Na verdade, sou...

— *Vishous*.

O nome congelou seu coração.

Ela não escutara falar nele por mais de uns dois séculos.

— Por que falas do meu defunto? — ela sussurrou.





A face fantasmagórica da médica tomou forma concreta, e seus olhos verde-folha revelaram uma profunda confusão, sua carne levando uma palidez de quem luta contra as emoções. — Seu defunto?

— Meu gêmeo... Há muito passou para o Fade.

A médica balançou a cabeça, as sobrancelhas franzindo mais sobre o olhar inteligente. — Vishous está vivo. Estou vinculada a ele. Ele está vivo e bem aqui.

— Não... Não pode ser. — Payne desejava chegar mais perto e agarrar o braço sólido da médica. — Você está mentindo... Ele está *morto*. Há muito tempo.

— Não. Ele está muito *vivo*.

Payne não conseguia entender as palavras. Ela soubera que ele se fora, perdido muito jovem para o misericordioso Fade...

Por sua mãe. É claro.

A mulher a impedira de conhecer seu próprio irmão? Como alguém poderia ser tão cruel?

De repente, Payne expôs suas presas e rosnou baixo em sua garganta, o fogo da raiva substituindo sua agonia. — Eu vou matá-la por isso. Eu juro que vou tratá-la como fiz com nosso sangrento pai.



Capítulo SESENTA E SEIS

John decolou no instante em que Xhex deixou o grupo e começou a correr. Ele não gostou do pensamento independente ou de sua direção... Ela estava indo direto para um beco onde ninguém sabia se havia uma saída ou uma parede de tijolos no final.

Ele falou com ela, tomando seu braço para chamar sua atenção. O que o levou exatamente a lugar algum. Ela não parou.

Aonde você vai?, ele tentou sinalizar, mas era difícil fazer isso com uma pessoa que o estava ignorando enquanto você estava sendo projetado em “full tilt”²⁷³...

Ele teria assobiado, mas isso era muito fácil de ignorar, então ele tentou novamente segurar seu braço, mas ela o sacudiu, focando exclusivamente em um destino que não podia ver ou sentir. Finalmente simplesmente pulou na frente dela e bloqueou seu caminho, em seguida a forçou a ver suas mãos.

Onde diabos você está indo?

— Eu posso senti-lo... Lash. Ele está perto.

John buscava sua adaga enquanto murmurava, *Onde?*

Ela girou em torno dele e voltou à sua perseguição, e enquanto a seguia, Tohr uniu-se a eles. Quando os outros começaram a vir, John balançou a cabeça e acenou para que eles ficassem. Apoio adicional em campo era uma coisa inteligente, mas arma demais nesta situação não era um valor a ser agregado. Ele estava indo pegar Lash, e a última coisa que precisava era de mais dedos no gatilho apontando para o seu alvo.

Tohr entendeu, no entanto. Ele sabia visceralmente porque John tinha que vingar a sua mulher. E Qhuinn tinha que ir junto. Mas era isso, sem mais xícaras e pires de boas vindas na festa do chá.

John colocou em Xhex... Que parecia escolher sabiamente quando se tratava de becos. Em vez de um beco sem saída, a pista irregular girava para a direita e se insinuava entre outros armazéns vazios, enquanto se dirigia para o rio. Ele

²⁷³ Full Tilt: algo que está acontecendo de forma mais rápida do que o planejado ou esperado.



sabia que estavam chegando muito perto da água quando o cheiro dos peixes mortos e algas se infiltrava em seu nariz e o ar parecia ficar mais frio.

Eles encontraram o Mercedes AMG preto estacionado em frente a um hidrante e sentiram o fedor de *lessers*. Enquanto Xhex olhava em volta como se procurasse a próxima direção, John não estava no humor para esperar.

Ele fechou um punho e socou o para-brisa dianteiro.

O alarme estava fora de controle, e ele olhou para o interior. Havia algum tipo de resíduo oleoso no volante, e o couro creme estava sujo com manchas... Ele estava desgraçadamente certo de que às escuras eram sangue dos *lessers*... E que a merda cor de ferrugem era humana. Jesus, o banco de trás parecia como se tivesse sido atingido por um gato espástico, os arranhões eram tão fundos em alguns lugares que o recheio embaixo estava à mostra.

John franziu a testa, lembrando-se do dia no centro de treinamento. Lash sempre fora tão minucioso quanto a suas coisas, desde a roupa que ele usava até a maneira como seu armário era organizado.

Talvez esse não seja seu carro?

— Sim, é este. — disse Xhex, colocando as palmas das mãos sobre o capô. — Eu posso sentir seu cheiro em todos os lugares. O motor está quente. Eu não sei onde ele está, apesar de tudo.

John rosnou diante do pensamento do cara ter ficado tão perto de sua mulher que ela o conhecia com o nariz. Fodido bastardo filho da puta...

Justo enquanto sua raiva estava saindo do controle, Tohr agarrou-o por trás do pescoço e lhe deu uma sacudida. — Respire fundo.

— Ele tem que estar por aqui. — Xhex olhou para o edifício em frente a eles e, em seguida, olhou de ponta a ponta o beco onde estavam.

Quando John sentiu uma dor em queimação na mão esquerda, ele puxou seu braço. Ele apertou seu punhal tão forte que o cabo rangeu em protesto.

Seus olhos deslizaram para os de Tohr.

— Você vai pegá-lo. — o Irmão sussurrou. — Não se preocupe com isso.



Lash esperava que os homens de Benloise disparassem alguma merda enquanto ele estivesse face a face com o par de pescoços grossos. Ele estava separado deles por cerca de dez metros de ar frio, e todos tinham seus espasmos.

Enquanto ele os olhava, esperava que eles dessem uma de John Wayne e tentassem alguma coisa. Os dois bandidos que deram um excelente complemento para o seu crescimento estável sabiam do negócio e tinham, obviamente, lucrado suas divisas em Benloise: havia um monte de quilos nas malas de metal que tinham em suas mãos, mas os humanos estavam controlados e calmos.

Armados até os dentes também.

Assim como Lash. Porra, era uma verdadeira Festa do Delírio aqui, com todas as armas e munições... E ele não ia se sentir muito melhor, a menos que levasse um tiro. Fantasma era melhor do que vivo, em qualquer momento.

— Aqui está a arte. — disse o sujeito do lado esquerdo enquanto ele erguia as caixas. — *Sir*.

Ah, sim, aquele que tinha visto a merda rolar com Benloise. Explicava porque ambos estavam sendo tão educados.

— Vamos ver o que você tem. — murmurou Lash, mantendo o cano de seu quarenta apontado neles. — E vamos manter suas mãos confortáveis e visíveis.

O lampejo das mercadorias foi eficiente e satisfatório, a dupla trabalhava unida com a desordem e a traição.

Lash assentiu. — Deixem o produto. Vão.

Os humanos pularam como “Simon mandou”²⁷⁴ e deixaram a droga, recuaram, e então caminharam de forma brusca na direção oposta, mantendo as mãos ao lado do corpo.

²⁷⁴ Simon mandou: referência a uma brincadeira infantil, na qual um líder ordena o que os outros devem fazer e, é obedecido imediatamente. Aqui no Brasil, as crianças costumam brincar disso, mas em vez de 'Simon', é 'O Reizinho mandou'



Tão logo eles viraram a esquina e suas pisadas continuaram a ecoar ao longe, Lash caminhou até as pastas e as abriu com suas mãos fantasmagóricas. Ao comando, os trincos pularam para cima e as duas cargas de coca levitaram do asfalto até suas garras.

O som estridente do alarme de um carro chamou sua atenção, o sinal sonoro enlouquecido vinha do beco onde ele deixara sua AMG.

Fodidos pedaços de merda humanos do centro da cidade...

Lash franziu o cenho enquanto seus instintos ondulavam para fora e localizavam o que fora tirado dele.

Ela estava aqui.

Xhex... Sua Xhex estava aqui.

Conforme o que restava de seu lado vampiro rugia com a posse, Lash sentia e seu corpo vibrando até seus pés serem aliviados de sua carga e movia-se sobre o asfalto com o vento, inclinando-se no momento que ele criara em sua mente, e não em suas pernas. Mais rápido. Mais rápido...

Ele virou a esquina e lá estava ela, em pé ao lado de seu carro, parecendo sexo puro em seu couro e sua jaqueta. No instante em que ele apareceu, ela se virou para ele como se a tivesse chamado.

Mesmo sem luz brilhando sobre ela, Xhex estava resplandecente, a iluminação do ambiente da cidade arrebanhando seu corpo, como seu carisma interior exigia. Fodido *uau*. Ela parecia uma cadela quente, especialmente nas artes de combate, e enquanto o espaço vazio em frente ao seu quadril formigava, ele estendeu a mão para baixo.

Algo estava duro. Por trás de seu zíper, havia algo pronto para ela.

Com uma dose de adrenalina que era melhor do que qualquer tipo de droga, ele cogitava o quanto seria divertido tomá-la em público. Seu pênis havia tomado algum tipo de forma, e isso significava que estava de volta aos negócios... bem a tempo.

Enquanto ela encontrava seus olhos, ele retardava sua velocidade e focava em quem estava com ela. O Irmão Tohrment. Qhuinn, a falha genética desaparecer... E John Matthew.



A perfeita *peanut gallery*²⁷⁵ para alguma coisa de merda no plano *Laranja Mecânica*²⁷⁶.

Que. Fodida. Beleza.

Lash abaixou-se no chão e deixou as pastas no asfalto. Os machos idiotas que a acompanhavam estavam todos ocupados disparando vários tipos de cólera... Mas não sua Xhex. Não, ela era mais forte do que isso.

— Ei, *baby*, — ele disse — sentiu minha falta?

Alguém soltou um rugido que o lembrou de seu rottweiler, mas fosse quem fosse, agora que ele tinha a atenção de todos, ele iria aproveitar de seu tempo em cena. Tirando o capuz da capa de sua cabeça, ele se aproximou, suas mãos fantasmagóricas desfazendo as tiras negras que cobriam seu rosto para revelar seus traços.

— Jesus Cristo... — Qhuinn murmurou. — Você parece um teste de *Rorschach*²⁷⁷.

Lash não se dignou a dar uma resposta, principalmente porque a única coisa que importava era a mulher de couro. Obviamente, ela não esperava sua transformação pela forma como recuou. Melhor do que um abraço e um beijo. Para desgosto dela era bom acendendo-a... e seria muito mais divertido quando conseguisse trazê-la de volta e reservasse para seus traseiros algum tempo em uma suíte nupcial.

Lash sorriu e mandou sua nova e melhorada voz no ar. — Tenho planos para você e para mim, sua puta. Naturalmente, você vai ter que implorar por eles...

A maldita fodida fêmea desapareceu.

Direto no ar.

Um momento ela estava ao lado do carro, no outro não havia nada além do ar do local onde ela estivera. A vadia ainda estava no beco, no entanto. Ele podia senti-la, só não podia vê-la...

O primeiro tiro que ecoou veio de trás dele e pegou-o no ombro... Ou não, como era o caso. A capa da chuva desfiou com o impacto, mas sem carne por

²⁷⁵ Peanut Gallery: brinquedos educativos para bebês. No texto se refere a algo como: brincadeira de criança (fácil).

²⁷⁶ Faz referência ao filme.

²⁷⁷ Teste de Rorschach: teste psicológico baseado em pranchas com manchas de tinta.



baixo não podia ter importado menos... E tudo o que ele sentira era uma estranha pontada ecoando.

Óóóóótimo. Caso contrário, aquilo poderia tê-lo ferido.

A cabeça dele girava, francamente impressionado pela forma como era óbvio que ela era má, bem como seu objetivo.

Exceto que não havia sido Xhex que tinha dado o tiro. Os meninos Benloise haviam aparecido com reforços, e menos mal que não podiam apontar para uma merda. A última vez que verificara, o peito ainda estava sólido, portanto, um par de centímetros para baixo e para o centro e ele podia ter uma peneira no lugar do coração.

Furioso com aquela maldita coragem que aqueles fodidos lançadores de drogas tinham, Lash agitou uma bola de luzes *"para-fora-idiotas"* na palma de sua mão.

Enquanto ele brilhava atrás de um portal de inserção, ele lançava uma forte energia sobre os humanos, proporcionando um show infernal como um boliche-de-projéteis, enquanto eles eram jogados para os lados, na esteira de lançamento.

Até este ponto, mais Irmãos haviam chegado e todos os tipos de pessoas passaram atirando, várias armas começaram um treino... O que não era grande coisa até Lash levar uma bala no quadril, a dor ardente pelo seu torso fazendo seu coração ricocheteiar. Enquanto ele amaldiçoava e caía para os lados, seus olhos se deslocavam para o beco.

John Matthew foi o único que não tomou cobertura: O Time dos Irmãos se escondeu atrás do Mercedes e os rapazes Benloise tinham se arrastado para trás da carcaça enferrujada de um jipe.

Mas John Matthew tinha suas botas de combate plantadas no chão e as mãos abaixadas ao lado do corpo.

O fodido fez-se um inferno de um alvo. Era quase um furo.

Lash invocou outra bola de energia na palma da mão e gritou: — Você está matando a si mesmo, tal como se colocasse uma arma em sua cabeça, seu filho de uma puta!



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



John começou a andar para frente, seus dentes arreganhados, uma fúria gelada acenando a sua frente.

Por um momento, Lash sentiu uma pontada de tensão infiltrando-se por sua nuca. Isso não podia estar certo. Ninguém no seu juízo perfeito iria subir em sua grade desse jeito.

Era suicídio.





Capítulo SESSENTA E SETE

Planos, planos, planos...

Ou, em outras palavras, besteira, besteira, besteira...

Xhex tinha o plano perfeito quando se ocultou à maneira dos *symphaths* e saiu sorrateiramente de vista. Como assassina, se orgulhara não só do seu índice de sucesso, mas do instinto que trazia para o seu trabalho, e essa revanche iria ser boa. Seu "plano" havia sido atacar Lash de flanco, fora de vista e cortar sua garganta antes de trabalhar nele — enquanto olhava em seus olhos e sorria como a filha da puta louca que ela era.

Primeiro problema? Que *porra* tinha acontecido com ele desde a última vez que o vira? A revelação que ele fez descobrindo a cabeça a assustou como a merda. Ele não tinha nenhuma carne restante no rosto; Não havia nada além de fibras musculares pretas ensebadas e ossos rangendo, seus dentes brancos brilhantes parecendo fluorescente em contraste. E suas mãos não estavam direitas, nenhuma delas. Elas tinham forma, não substância. Na noite sombria... não eram nada além de uma sombra mais profunda de escuridão.

Graças a Deus que escapara dele quando o fizera — embora talvez toda aquela decadência fosse a razão de ter sido capaz de fugir de sua prisão: Parecia lógico assumir que os poderes dele estavam enfraquecendo também.

Mas que se danasse... seu segundo problema na *Planolândia*²⁷⁸? John. Que naquele exato momento estava de pé no centro do beco com praticamente uma placa dizendo: ATIRE EM MIM AQUI em seu peito.

Estava foddidamente óbvio que não haveria nenhum argumento racional com ele — mesmo que tomasse forma bem perto de seu ouvido e gritasse em seu cérebro, sabia que não havia como tirá-lo do caminho. Ele era todo animal enquanto confrontava diretamente seu inimigo, suas presas expostas como as de um leão, seu corpo curvado para frente como se fosse atropelar o cara.

Pode apostar com toda certeza que John iria morrer se não procurasse abrigo, mas ele não parecia se importar e o porquê estava claro: Seu aroma de

²⁷⁸ Planolândia: palavra criada pela autora, fazendo alusão à “Plano”. Equivalente a “mundo dos planos” ou ainda “terra dos planos”.



vinculação era mais alto que qualquer barulho que pudesse ter feito com sua garganta, a carregada especiaria um rugido que superou qualquer outro cheiro, do odor do corpo da cidade à transpiração do rio até o fedor de *lesser* que flutuava do corpo apodrecido de Lash.

De pé no beco arenoso, John era o macho primordial protegendo sua fêmea — e tudo o que ela não quisera nesta situação por precisamente esta razão: Claramente, a segurança pessoal de John não significava nada para ele, seu objetivo anulando todo seu bom senso e treinamento específico.

Resultado final? Ele não seria capaz de sobreviver a o que quer que fosse aquela bola de energia que Lash estava erguendo em sua palma... e aquela realidade mudava tudo em seu mundo.

Novo plano. Nada mais de ocultação para ela. Nada de incapacitar, desarmar, desmembrar. Nada de extração de dor pela agonia que havia passado, nada da rotina de Jack o Estripador.

Quando tomou forma e deu um bote em Lash, era uma questão de salvar John, não vingar a si mesma. Porque quando as coisas chegaram a esse ponto? John se revelou ser a única coisa que importava para ela.

Xhex agarrou Lash pela cintura no exato momento em que ele começava a lançar sua bola esmagadora, e embora o levasse para o chão consigo, ele conseguiu corrigir o curso de seu alvo... e atingir John direto no peito.

O impacto jogou seu macho voando pela calçada, arrastando-o para cima e para trás, quase arrancando suas botas.

— Seu bastardo do caralho! — Ela gritou no rosto desnudo de Lash.

Os braços do filho da puta se prenderam bruscamente ao seu redor, se fechando com uma força incrível. E enquanto a arremessava ao redor e a segurava na calçada embaixo dele, sua respiração era quente e asquerosa no rosto dela.

— Te peguei, — ele zombou, esfregando seus quadris nos dela, sua ereção o suficiente para deixá-la enjoadada.

— Vá se foder! — Com um rápido puxão, Xhex o acertou direto no... bem, no que se passava por um nariz... com um golpe de cabeça que o fez uivar.



Infelizmente, não conseguiu outro golpe limpo enquanto lutavam por controle, rolando ao redor, suas pernas se entrelaçando, aquela horrível ereção empurrando-a. Ele conseguiu prender um de seus pulsos, mas pelo menos ela manteve o outro fora do caminho dele.

O que significou que no momento certo, conseguiu colocar a mão entre eles, agarrar suas bolas, e torcê-las tão apertado, que se não fosse por suas calças, teria arrancado aquelas porras.

Lash soltou uma maldição num ofego e ficou rígido, provando que poderia ter sido um semideus no lado negro, mas era a porra de mortal quando se tratava de levar um golpe nas joias.

Agora era ela quem estava no controle daquele joguinho no chão, girando-o de costas e ficando em cima dele.

— Peguei *você*, — ela falou asperamente para ele.

Enquanto o segurava embaixo, a raiva tomou conta dela — em vez de apunhalá-lo diretamente, o agarrou pelo pescoço e apertou até tirar o ar de sua garganta.

— Você não vai foder o que é meu, — ela rugiu para ele.

A cara horrível de Lash ficou malignamente perturbada e de alguma maneira sua voz emanou, mesmo com o aperto que ela dava em sua laringe.

— Ele já foi bem fodido. Ou ele não te falou daquele humano que...

Xhex socou o FDP com tanta força que levou um dente com ela na sequência.

— São se atreva a ir por aí.

— Eu irei pra qualquer lugar da porra que eu quiser, querida.

Com aquilo, ele se moveu como um fantasma sobre ela, dissolvendo-se em nada — mas aquilo não durou. Um instante mais tarde, Xhex foi pega por trás, agarrada e puxada rudemente para cima contra o corpo dele. Nos silenciosos segundos que se seguiram, ela teve um breve vislumbre dos humanos que estavam gemendo no asfalto, e então foi virada abruptamente e usada como escudo enquanto ela e Lash encaravam os Irmãos.



Seus olhos não desperdiçaram tempo verificando as posições de sua equipe atrás do Mercedes ou medindo quais armas estavam apontadas em sua direção e na de Lash.

John era a única coisa que importava.

E graças a Deus, a Virgem Escriba... ou a quem quer que concedesse as bênçãos... ele estava se sentando e sacudindo qualquer lampejo de pesadelo que lhe sobrepujara.

Pelo menos ele estava vivo.

Ela provavelmente não iria sobreviver àquilo, mas John... ele iria viver. Desde que ela conseguisse tirar a si própria e Lash dali.

— Me leve— ela sibilou para o bastardo. — Apenas me leve e deixe-os.

Houve um sussurro de metal contra metal e então um canivete²⁷⁹ apareceu em frente ao seu rosto, a lâmina brilhando bem próxima ao seu olho... tão perto, que ela podia ver a inscrição do nome do fabricante.

— Você gosta de levar realmente para o lado pessoal as suas matanças. — A voz de Lash não estava muito direita, a distorção nela fazendo suas palavras ondular em seu ouvido. — Eu sei disso por causa do que você fez com aquele idiota do Grady. Deu a ele um inferno de última refeição... Me pergunto se ele gostava de salsicha em vida tanto quanto gostou na morte?

A extremidade da arma saiu rapidamente de seu campo de visão... e então ela sentiu a ponta entrar na maçã de seu rosto e se arrastar lentamente para baixo.

A brisa estava fresca. Seu sangue estava quente.

Fechando seus olhos, tudo o que conseguia fazer era repetir:

— Me leve.

— Oh, eu levarei. Não se preocupe com isto. — Algo molhado pairou sobre o ferimento... a língua dele lambendo o que havia brotado. Então ele gritou, — Ela tem o gosto tão bom quanto eu me lembro... Pare aí *mesmo*. Alguém dê outro passo à frente, e eu a cortarei onde realmente conta.

²⁷⁹ Canivete: No original, switchblade. É um tipo especial de canivete cuja lâmina abre quando se aperta um botão.



A lâmina foi para a garganta dela e Lash começou a caminhar para trás, arrastando-a com ele. Por instinto, tentou entrar na cabeça dele para a eventualidade de que seu lado *symphath* conseguisse influenciá-lo, mas certamente que estava bloqueada como se estivesse em frente a uma parede de pedra. Não foi uma surpresa.

Abruptamente, se perguntou por que ele não ocultava aos dois...

Lash estava mancando. Ele levou uma bala em algum lugar — e agora que estava propriamente focada, podia cheirar seu sangue e vê-lo brilhando na calçada.

Enquanto Lash continuava indo, aqueles pobres humanos entraram em vista novamente, e pareciam cadáveres, todos pálidos e rígidos ao ponto que ela estava pasma por eles conseguirem fazer quaisquer barulhos. O carro deles, ela pensou. Lash iria tentar levar a eles dois de volta para qualquer condução que aqueles garotos tinham vindo. E embora ele estivesse comprometido em alguns níveis, seu aperto nela era cruelmente forte, e aquela faca? Firme e preparada.

Xhex encarou John e sabia que se lembraria da magnífica visão da vingança de seu guerreiro para sempre...

Ela franziu as sobrancelhas enquanto sentia as emoções dele. Que... estranho. Aquela sombra que sempre sentira no abrigo de sua grade não era mais algo meramente secundário — era tão tangível e vívido quanto o que sempre fora a constituição primária dentro de sua psique.

De fato, enquanto John encarava o beco, as duas partes dele... se tornaram uma.

Após John ter sido atingido por aquela bomba de energia, ele estava confuso e desorientado, mas forçou sua cabeça a voltar ao jogo e de alguma maneira conseguiu se erguer do chão. Não conseguia sentir uma parte de seu corpo, e a outra metade que não estava dormente gritava de dor, mas não importava. Um propósito mortal o animou, substituindo a batida de seu coração como o condutor de sua forma física.



Prendendo seus olhos na cena a sua frente, suas mãos se contraíram e seus ombros se apertaram. Lash estava usando Xhex como um escudo vivo, todos os seus melhores pontos para ser atingido escondidos atrás dela enquanto ele a puxava para longe.

Aquela faca em sua garganta estava direta em sua veia. Pressionada contra ela...

Numa rápida virada, a realidade se deformou e se distorceu sobre ele, sua visão turvando e se tornando clara, só para perder seu foco no beco em que todos eles estavam mais uma vez. Piscando forte, amaldiçoou os truques que Lash tinha à sua disposição...

Exceto que o problema não era com o que John havia sido atingido. Era algo dentro dele — uma visão. Uma visão estava surgindo de algum lugar no fundo de sua mente, eliminando o que realmente estava vendo...

Um campo perto de um celeiro. Na escuridão da noite.

Ele sacudiu a cabeça e ficou aliviado quando o beco em Caldwell voltou...

Um campo perto de um celeiro. Na escuridão da noite... uma fêmea que importava presa num aperto do mal, uma faca em sua garganta.

E então John estava abruptamente de volta ao presente, retornando ali para o distrito comercial... onde uma fêmea que importava estava presa num aperto do mal, uma faca em sua garganta.

Oh, Deus... era como se tivesse feito aquilo antes.

Caralho... ele *tinha* feito aquilo antes.

A convulsão veio sobre ele como sempre vinha, subindo por seus neurônios, mandando-o voando em sua própria pele.

Normalmente ele acabava com a bunda no chão, mas o macho vinculado nele o manteve de pé, dando-lhe uma espécie de poder que vinha da alma, não do corpo: Sua fêmea estava nos braços de um assassino e cada célula no corpo de John iria retificar a situação do jeito mais violento e rápido possível.

Ou talvez até um pouco mais sangrento e mais rápido que isto.

Ele colocou a mão em seu casaco para pegar sua arma... mas merda, no que havia para atirar? Lash não arriscaria de jeito nenhum seus próprios órgãos



vitais e sua cabeça grotesca estava muito perto da dela, não havia lugar para erro.

A fúria de John gritou dentro dele.

Em sua visão periférica, viu o cano de uma arma surgir.

Uma Piscada.

Um campo perto de um celeiro. Na escuridão da noite... uma fêmea que importava presa num aperto do mal, uma faca em sua garganta. Uma arma sendo apontada...

Uma Piscada.

De volta ali em Caldwell, o amor de sua vida nas mãos de seu inimigo.

Uma Piscada.

Uma arma disparando...

A explosão bem ao lado da orelha de John o sacudiu com firmeza de volta à realidade, e ele soltou um grito sem palavras, arremessando-se para frente como se pudesse pegar a bala.

Não! ele gritou sem emitir som algum. Nãããã...

Exceto que aquele foi um tiro perfeito. A bala atingiu Lash na têmpora — mais ou menos a duas polegadas da própria cabeça de Xhex.

Em câmera lenta, John olhou rapidamente por sobre seu ombro. O quarenta de Tohrment estava estendido diretamente do corpo do cara, a arma inabalável no ar frio.

Por alguma razão, nem o atirador nem a precisão foi uma surpresa, mesmo embora tenha sido um Ave Maria de um-em-um-milhão.

Oh, Deus, eles tinham feito aquilo antes, não tinham? Exatamente... daquele jeito.

O tempo real rompeu de volta ao lugar e John lançou sua cabeça ao redor novamente. Do outro lado da rua, Xhex foi brilhante quando Lash cambaleou. Ela agachou rapidamente para dar a Tohr um alvo maior e estava quase totalmente fora do caminho quando a segunda bala foi enviada voando.



O impacto número dois lançou Lash imediatamente para fora de seus pequenos e preciosos mocassins, fazendo-o aterrissar deitado de costas.

John se livrou dos vestígios de sua vertigem e foi correndo até sua fêmea, suas botas agarrando o chão e segurando firme, suas coxas empurrando toda sua força para seus pés enquanto ele entrava em ação.

Seu único pensamento era salvar Xhex, e foi pegar a arma que precisava para realizar a ação: a adaga negra de seis polegadas que estava no coldre em seu peito. Quando se aproximou deles, levantou seu braço acima de sua cabeça, se preparou para cair em cima de seu inimigo e apunhalar Lash de volta para —

O odor do sangue de Xhex mudou tudo, tirando a lâmina do caminho.

Oh, Jesus... O maldito bastardo tinha duas facas. Uma que estivera na sua garganta dela. E outra que a penetrara na barriga.

Xhex rolou de costas, agarrando seu lado com uma careta.

Enquanto Lash se contorcia e apertava sua cabeça e peito, Tohr chegou com Qhuinn, Blay e os outros Irmãos, todas as armas deles apontadas para seu inimigo, assim John não teve que se preocupar com cobertura enquanto avaliava o estrago.

John se debruçou sobre Xhex.

— Eu estou bem, — ela disse, respirando com dificuldade. — Eu estou bem... Eu estou bem...

O diabo que estava! Ela mal conseguia respirar, e a mão que mantinha contra o ferimento estava coberta com sangue brilhante, fresco.

John começou a fazer sinais freneticamente. *Chamem a Dra. Jane* —

— Não! — Ela disparou, agarrando o braço dele com sua mão ensanguentada. — Eu só me importo com uma coisa nesse exato momento.

Enquanto os olhos dela se fechavam em Lash, o coração de John batia com força contra suas costelas.

Por sobre sua cabeça, Z disse:

— Butch e V estão trazendo o Escalade do Parque Xtreme.... puta que pariu... temos companhia.



John olhou de relance beco abaixo. Quatro *lessers* entraram à vista... comprovando que o endereço no registro do Civic estava correto, mesmo que a hora agora fosse muito errada.

— Nós cuidamos deles — Z sibilou enquanto ele e o grupo corriam de volta para se encarregar dos recém-chegados.

O som de uma risada fez John focar novamente. Lash estava sorrindo amplamente, a terrível anatomia de seu rosto repuxada num sorriso doentio.

— John, cara... eu fodi com ela, John... eu a fodi com força e ela gostou.

Uma raiva fria passou rasgando por John, o macho vinculado nele gritando, a adaga em sua mão se erguendo mais uma vez.

— Ela me implorou, John... — A respiração que foi inalada era vacilante, mas satisfeita. — Da próxima vez que estiver com ela... se lembre de que eu a preenchi...

— Eu nunca quis aquilo! — Xhex falou depressa. — Nunca!

— Fêmea imunda, — Lash zombou. — É o que você era e o que sempre será. Imunda e minha...

Tudo diminuiu de velocidade para John, tudo desde a maneira como eles três estavam aglomerado, assim como o modo que o vento soprava pelo beco até a briga que se rompera 90 metros à frente, perto do Mercedes.

Ele pensou em sua própria violação há muito tempo atrás naquela escadaria. Imaginou Xhex passando por uma humilhação e degradação similar. Recordou o que Z dissera haver passado. Lembrou o que Tohr sofrera.

E no meio das lembranças, sentiu o eco de algo há muito, muito tempo atrás, algo sobre outro sequestro, outra fêmea injustamente ferida, outra vida arruinada.

O rosto horroroso de Lash e sua forma decrépita, derretendo, se tornou a incorporação de tudo isso: uma representação tangível, soltando pus e apodrecendo, de todo o mal no mundo, toda a dor causada deliberadamente, toda a crueldade e humilhação e alegria maligna.

Todas as ações realizadas num momento que teria repercussões que durariam toda uma vida.





— Eu a fodi, John, cara...

Com um arco cortante, o braço de John com a adaga mergulhou para baixo.

No último segundo, ele virou o pulso de forma que a ponta do cabo atingiu Lash direto no rosto. E o macho vinculado nele queria fazer o que ele fizera com aquele assassino lá na construção de arenito — nada além de completa estripação.

Exceto que então estaria traindo esta situação do tipo *justiça divina* que poucas pessoas tinham. Seu mal nunca fora reparado — aquele pedaço de merda humano que o machucara conseguira escapar ileso. E o mal de Tohr nunca poderia ser reparado, porque Wellsie nunca mais voltaria.

Mas Z conseguira um fim para o dele.

E maldito fosse, Xhex também conseguiria... mesmo se aquela fosse a última coisa neste mundo que ela fizesse.

John tinha lágrimas em seus olhos quando tirou uma das mãos ensanguentadas de Xhex de seu ferimento... e a abriu.

Virando sua adaga, colocou o cabo sobre a palma dela. Enquanto os olhos dela chamejavam, ele fechou seu aperto em sua arma e deu a volta para ajudar a levantá-la e a colocar dentro de alcance.

O peito de Lash estava subindo e descendo, sua garganta sem pele flexionando enquanto puxava o ar e o soltava outra vez. Quando a luz o iluminou e ele teve um vislumbre do que estava vindo, os olhos sem pálpebras se expandiram em suas cavidades e sua boca sem lábios exibiu seus dentes num sorriso que era o material de filmes de horror.

Lash tentou dizer algo, mas não conseguiu colocar pra fora.

O que era bom. Ele já havia falado demais, feito demais, machucado demais.

A hora do ajuste de contas havia chegado.

Em seus braços, John sentiu Xhex reunindo suas forças e ele observou enquanto ela tirava sua outra mão de seu ferimento para ajudar a prender sua arma. Seu fixo olhar queimava de ódio enquanto ela assumia o comando a



partir dali, uma súbita onda de poder em seu corpo erguendo seus braços para formar um arco acima do esterno²⁸⁰ de Lash.

O bastardo sabia o que estava vindo, entretanto, e bloqueou o golpe cobrindo seu peito.

Oh, inferno, não. John disparou e agarrou ambos os bíceps do cara, forçando o idiota a deitar no chão, expondo a expansão que ela precisava atingir, lhe dando a mais clara e melhor pontaria.

Enquanto seus olhos erguiam para os de John, havia um brilho revelador de vermelho através deles, suas lágrimas fazendo suas íris brilharem: Toda a dor que ela carregara em seu coração estava tão exposta quanto a feiura de Lash, todo o peso sobre ela e dentro dela manifesto em seu fixo olhar.

Quando John acenou com a cabeça para Xhex, sua adaga nas mãos dela desceu e atingiu Lash diretamente no coração...

O grito do mal ecoou entre os edifícios, ricochetando de um lado para o outro, reduzindo em volume até que se transformou no grande *Pop!* acompanhado por um vívido flash de luz.

O que levou Lash de volta para seu perverso progenitor.

Quando o som e a iluminação desvaneceram, tudo o que restara era um leve círculo chamuscado no asfalto e o fedor de açúcar queimado.

Os ombros de Xhex vacilaram e a lâmina da adaga chiou pela calçada enquanto ela caía para trás, sua força abandonada. John a segurou antes de ela atingir o chão, e Xhex o encarou, suas lágrimas se misturando com o sangue em seu rosto e correndo por seu pescoço, passando pelo pulsar da batida vital que era a força de sua vida.

John a segurou apertado contra si, a cabeça dela se encaixando perfeitamente debaixo de seu queixo.

— Ele está morto, — ela soluçou. — Oh, Deus, John... ele está morto...

Com suas mãos ocupadas, tudo o que ele podia fazer era acenar com a cabeça para que ela soubesse que estava concordando com ela.

²⁸⁰ Esterno: osso situado na parte anterior do tórax.



O fim de uma era, ele pensou, olhando além para Blay e Qhuinn, que estavam lutando lado a lado com Zsdist e Tohrment contra os assassinos que haviam aparecido.

Deus, ele tinha a mais estranha sensação de continuidade. Ele e Xhex poderiam ter saído brevemente do caminho da guerra, fazendo esta pausa momentânea ao lado da trilha da luta. Mas a briga nas sombras dos becos em Caldwell iria continuar sem...

Ela.

John fechou os olhos e enterrou seu rosto nos cabelo encaracolados de Xhex.

Este era o final de jogo que ela queria, ele pensou. Pegar Lash... e escapar da vida.

Ela obteve exatamente o que queria.

— Obrigada, — ele a ouviu dizer com dificuldade. — Obrigada...

Contra a maré de tristeza que tomou conta dele, John percebeu que aquelas duas palavras eram melhores que *eu amo você*. Elas realmente significavam mais para ele que qualquer outra coisa que Xhex poderia ter pronunciado.

Ele lhe dera o que ela queria. Quando realmente importara, ele havia feito o certo por ela.

E agora iria segurá-la enquanto o corpo dela ficava cada vez mais frio e ela flutuava para longe de onde ele iria ficar.

A separação duraria por mais tempo do que o número de dias que ele a conhecia.

Pegando a palma escorregadia de Xhex, John a esticou mais uma vez. E então, com sua mão livre, sinalizou contra a pele dela em posições lentas e precisas:

T. E. A. M. A. R. E. I. P. A. R. A. S. E. M. P. R. E.



Capítulo SESSENTA E OITO

Morte era confusa e dolorosa e grandemente previsível... Exceto quando não tinha vontade de se comportar e decidia exercer seu bizarro senso de humor.

Uma hora mais tarde, enquanto Xhex abria seus olhos em uma fenda, ela percebeu que não estava de fato no quintal brumoso do Fade... Mas na clínica da mansão da Irmandade.

Um tubo estava saindo de sua garganta. E seu lado parecia que alguém tinha encravado uma lança enferrujada. E em algum lado da esquerda, luvas estavam sendo tiradas.

A voz da Dra. Jane era baixa. — Ela desapareceu duas vezes, John. Eu parei o sangramento no intestino dela... Mas eu não sei...

— Eu acho que ela está acordada, — Ehlena disse. — Você está voltando para nós, Xhex?

Bem, aparentemente ela estava. Ela se sentia como o inferno, e depois de ter cortado uma variedade de estômagos ao longo dos anos, não podia acreditar que ainda tinha um batimento do coração... Mas sim, ela estava viva.

Segurando por um fio, mas viva.

O rosto branco e pálido de John entrou em sua linha de visão, e em contraste com a doença sobrepujando em sua pele, seus olhos azuis eram como fogo.

Ela abriu sua boca... Mas tudo o que saiu foi o ar em seus pulmões. Não tinha a força para falar.

Desculpe. Ela expressou com a boca.

Ele franziu a sobancelha. Sacudindo sua cabeça, ele tomou a mão dela e alisou...

Ela deve ter desmaiado, porque quando acordou, John estava andando ao lado dela. Que infernos — Oh, ela estava sendo movida para o outro quarto...



Porque eles estavam trazendo outra pessoa para dentro — Alguém preso a uma maca. Uma fêmea, dado à longa, negra trança que balançava ao lado.

A palavra *Dor* veio à mente.

— Dor está aqui — Xhex murmurou.

A cabeça de John virou ao lado. *O que?* Ele sinalizou.

— Quem for que está ali... É Dor.

Ela desmaiou de novo... E voltou se alimentando do pulso de John. E desmaiou de novo.

Em seus sonhos, ela viu partes de sua vida indo todo para um tempo que ela não lembrava conscientemente. E neles — filmes passavam voando, o drama era bem depressivo. Havia muitos cruzamentos para contar onde as coisas deviam ter sido diferentes, onde o destino tinha sido mais uma colisão do que um presente. Destino era como a passagem do tempo, no entanto, imutável e implacável e desinteressado na opinião pessoal daqueles que respiravam.

E ainda... Enquanto sua mente revirava entre o opressivo e ainda superficial peso de seu corpo inconsciente, ela tinha a sensação que tudo tinha funcionado como o suposto, que o caminho que ela tinha atacado, a tinha levado precisamente onde ela devia supostamente ir:

De volta para John.

Mesmo que, não fizesse sentido de jeito nenhum.

Depois de tudo, ela o conhecia apenas há um ano. O que duramente justificava o alongamento da história que parecia uni-los.

Mas então, talvez aquilo fizesse sentido. Enquanto você está inconsciente em morfina e se balançando ao redor do Fade... As coisas pareciam diferentes. E o tempo, como prioridades, mudava.

Do outro lado do quarto de recuperação de Xhex, Payne piscou duramente e tentou averiguar onde tinha sido movida. Não tinha nada para informá-la, no



entanto. As paredes do quarto eram cobertas por um azulejo em um verde pálido, com brilhantes ornamentos e fartos estojos armazenados. Mas ela não tinha ideia do que tudo significava.

Ao menos o transporte havia sido lento, cuidadoso, e relativamente confortável. Mas então, algo tinha sido colocado em suas veias para acalmar e relaxá-la... e realmente, ela estava grata pela poção, fosse qual fosse.

De fato, o espectro de sua morte era mais agitador do que seu desconforto, ou se ela tinha um futuro desse lado. Havia a boa doutora falado o nome de seu gêmeo? Ou tinha sido aquilo uma fábula de sua dispersa e confusa mente?

Ela não sabia. Mas importava bastante.

Na periferia de sua visão, ela viu preocupação sob sua chegada aqui dentro, inclusive a médica e o Rei Cego. Havia também uma fêmea loira de bela aparência... E um guerreiro de cabelo negro quem as pessoas chamavam pelo nome Tohrment.

Exausta, Payne fechou seus olhos, o ruído das vozes carregando-a numa correnteza de sono. Ela não sabia por quanto tempo esteve fora... Mas o que a trouxe de volta foi à súbita consciência de uma nova chegada dentro do espaço apressado.

O personagem era um que ela conhecia muito bem, e a aparição foi uma grande fonte de choque do que a realidade de que ela estava longe de sua mãe.

Enquanto Payne abria seus olhos, No'One se aproximou dela, seu passo manco se movendo através do suave chão, o capuz de seu robe cobrindo sua face da visão. O Rei Cego se aproximou detrás da fêmea, braços cruzados sobre seu peito, seu lindo, loiro cão e sua linda, morena Rainha em cada lado dele.

— Por que... Você está aqui? — Payne disse roucamente, ciente de que estava fazendo mais sentido dentro de sua cabeça do que suas palavras iriam sugerir.

A Escolhida caída parecia bastante nervosa, embora como aquilo era exatamente evidente, Payne não estava certa. Era algo sentido, mas não visto, dado que o robe negro da Escolhida estava cobrindo toda ela.

— Pegue minha mão — Payne disse. — Eu queria relaxar você.



No'One sacudiu sua cabeça debaixo de seu capuz. — Sou eu que tenho vindo para relaxar você. — Enquanto Payne franzira o cenho, a Escolhida olhou de volta a Wrath. — O Rei permitiu a mim demorar em sua família para servir você como sua servente.

Payne engoliu, mas sua seca boca ofereceu nenhum alívio para sua ressecada garganta. — Não sirva a mim. Esteja aqui... Mas para servir a você mesma.

— Realmente... Há isso também. — A suave voz de No'One ficou mais apertada. — Verdaderamente, após sua partida do Santuário, eu me aproximei à Virgem Escriba... E meu pedido foi garantido. Você me inspirou a desejar ações atrasadas. Eu tenho sido covarde... Mas não mais, graças a você.

— Eu... Me... alegre. — Embora o que ela podia ter feito para justificar tais motivações, escapavam dela. — E eu me alegre que você esteja aqui.

Com um explosivo empurrão, a porta do lado mais distante foi atirada aberta, e um macho vestido em couro negro e cheirando a doentia morte explodiu dentro do quarto. Logo em seus calcanhares, estava a médica particular, e enquanto ele virava para uma parada, a fêmea fantasmal colocou uma mão no ombro dele, como se para acalmá-lo.

Os olhos de diamante do macho travaram em Payne, e mesmo que ela nunca houvesse visto ele, ela *sabia* quem ele era. Claro como se ela estivesse encarando a seu próprio reflexo.

Lágrimas saltaram espontaneamente de seus olhos, pois o último que ela sabia, ele não mais respirava. — Vishous, — ela sussurrou desesperadamente. — Oh, irmão meu.

Ele estava ao seu lado em uma piscar de olhos, tomando forma perto dela. Seu incrivelmente inteligente olhar traçou suas feições, e ela tinha a sensação que as suas expressões eram idênticas tanto quanto suas cores: sua surpresa e incompreensão estavam da mesma forma, que os duros, belos traços dele.

Os olhos dele... Oh, seus olhos de diamante. Eles eram os dela. Ela tinha visto encarando-a de volta em incontáveis espelhos.

— Quem é você? — ele disse asperamente.

Abruptamente, ela sentiu algo em seu sempre adormecido corpo... E o grande peso veio de nenhum machucado físico, mas calamidade interna. Que



ele não soubesse quem ela era, que eles houvessem sido separados por uma mentira, era uma tragédia que ela poderia dificilmente aguentar.

A voz dela ficou mais forte. — Eu sou... Seu sangue.

— Jesus Cristo... — Ele levantou uma mão que estava coberta em uma luva preta. — Minha irmã...?

— Eu preciso ir. — A médica disse urgente. — A fratura na espinha dela está além da minha especialidade. Eu preciso ir buscar...

— Ache aquele maldito cirurgião. — Vishous rosnou, seus olhos ainda presos em Payne. — Ache-o e traga ele aqui... Sem importar o que custe.

— Eu não voltarei sem ele. Você tem minha palavra.

Vishous virou para a fêmea e capturou sua boca num rápido, duro beijo. — Deus... Eu amo você.

O rosto fantasmal da médica ficou sólido enquanto eles olhavam um ao outro. — Nós vamos salvá-la, confie em mim. Eu voltarei no segundo que puder... Wrath deu sua permissão, e Fritz vai me ajudar a trazer Manny aqui.

— Fodida luz do sol. Está vindo tudo muito rápido.

— Eu prefiro você aqui de qualquer modo. Você e Ehlena precisam checar os sinais vitais dela, e Xhex ainda está em condição crítica. Eu quero que você tome conta delas.

Quando ele assentiu, a médica desapareceu no ar, e então, um momento depois, Payne sentiu uma palma quente rodear a sua. Era a mão de Vishous sem luva contra a dela, e a conexão entre eles a relaxou em modos que ela não conseguia nomear.

Na verdade, ela havia perdido sua mãe... mas se ela passasse por isso, ela ainda tinha uma família. Neste lado.

— Irmã — ele murmurou, não uma pergunta, mas uma constatação do fato.

— Irmão meu — Ela suspirou... Antes de sua consciência deslizar de seu alcance, e ela ser levada.

Mas ela iria voltar para ele. De um jeito ou de outro, não iria deixar seu gêmeo nunca mais.



Capítulo SESSENTA E NOVE

Xhex acordou sozinha na antessala do centro cirúrgico. E logo percebeu que John não estava muito longe.

A vontade de encontrá-lo lhe deu forças para levantar-se e pendurar suas pernas para fora da cama. Enquanto esperava o seu coração parar de bater com força, notou vagamente que a sua bata hospitalar tinha corações. Pequenos corações rosa e azuis.

Ela nem podia dispor de energia para se sentir ofendida. Seu lado estava lhe matando e sua pele estava pinicando por toda a parte. E ela tinha que procurar por John.

Olhando de relance, ela viu que a intravenosa em seu braço estava conectada em uma bolsa que pendia perto da cabeceira da cama de monitoramento. Merda. O que ela precisava era de um desses suportes com rodinhas para colocar o soro. Poderia usar a coisa para ajudar a se manter em pé com equilíbrio.

Quando ela finalmente colocou algum peso sobre seus pés, ficou aliviada por não ter caído com a cara no chão. E, depois de um momento de orientação, ela pegou o saco do soro e o levou com ela, dando-se um tapinha nas costas por ser uma tão boa paciente.

A coisa era como uma bolsa. Talvez ela começasse uma nova tendência.

Ela foi para a porta de saída que dava diretamente para o corredor, ao invés de atravessar o centro cirúrgico. Não obstante, o episódio com a Dra. Jane e o procedimento de John ter-lhe ajudado com sua fobia, ela já tinha bastante por agora e a última coisa que precisava era ir parar no meio de uma outra operação – e só Deus sabia o que eles estavam fazendo com essa pobre fêmea que tinha sido trazida depois dela.

Xhex parou com um pé no corredor.

John estava no caminho para o escritório, em pé do lado de fora da porta de vidro e de frente para a parede. Seus olhos estavam travados nas fissuras do concreto e seu sistema emocional estava obscurecido ao ponto de deixar os instintos dela confusos.



Ele estava de luto.

Ele não sabia ao certo se ela havia morrido ou não... no entanto ele sentia como se já a tivesse perdido.

— Oh... John.

A cabeça dele moveu-se rapidamente em sua direção. *Merda*, ele sinalizou, andando depressa até ela. *O que você está fazendo fora da cama?*

Xhex começou a caminhar em sua direção, mas ele foi até ela primeiro, apressando-se como se tivesse indo pegá-la nos braços.

Ela o manteve longe, balançando sua cabeça. — Não, estou firme...

Nesse momento, seus joelhos cederam e ele foi a única coisa que a impediu de cair no chão... o que a fez lembrar de estar naquele beco e de Lash a apunhalando.

John foi quem a salvou de cair para trás também ali.

Com força, mas suavemente, ele a carregou de volta a sala de recuperação, deitando-a na cama e colocando a sua bolsa de soro no lugar.

Como você está se sentindo? Ele assinalou.

Ela olhou para ele, enxergando tudo o que ele era, o lutador e o amante, a alma perdida e o líder... o macho vinculado que estava preparado para deixá-la ir.

— Porque você fez isso? — ela disse através de uma garganta dolorida. — No beco. Porque me deixou matá-lo?

Os vívidos olhos azuis de John focaram-se nos dela e ele encolheu os ombros. *Eu queria que você tivesse isso. Era mais importante para você ter... o desfecho. Acho que é assim que se chama. Há um monte de merda no mundo que nunca tem chances de acontecer de novo e você mereceu a satisfação.*

Ela riu um pouco. — De uma maneira estranha... é a coisa mais delicada que alguém já fez por mim.

Um leve rubor tingiu o rosto dele e se justapôs a sua mandíbula quadrada, isto era malditamente atraente. Mas qual parte dele que não era?

— Então, muito obrigada. — Ela murmurou.



Bem, você sabe... você não é exatamente o tipo de fêmea que um cara daria flores. Põe limite nas minhas opções.

O sorriso dela desapareceu. — Eu não poderia ter feito isso sem você. Você realizou isso. Você fez acontecer.

John balançou a cabeça. *Os meios não importam. O trabalho foi feito do jeito certo, pela pessoa certa. Isso é o que conta.*

Ela voltou o pensamento para ele segurando Lash, fixando o desgraçado no chão para dar a ela o melhor alvo. A menos que colocasse o filho da puta numa bandeja de prata e empurrasse uma maçã na sua boca, John não poderia ter servido seu captor de forma melhor.

Ele a presenteou com o inimigo dela, colocando as necessidades dela acima das suas próprias.

E quando ela pensava sobre os altos e baixos dos dois, esta era a única constante, não era? Ele sempre a colocava em primeiro lugar.

Agora foi Xhex quem balançou a cabeça. — Eu penso que você está errado. Os meios são tudo... são tudo.

John deu de ombros novamente e olhou para a porta pela qual ele a trouxe de volta. *Ouça, você quer que eu traga a Dra. Jane ou Ehlena? Você precisa de comida? Ajuda com o banheiro?*

Eeeeeeeeeeeeeeeee lá estava ele novamente.

Xhex começou a rir... e uma vez que começou, ela não conseguia parar, até mesmo com o seu flanco começando a gritar de dor e lágrimas vermelhas lhe saltando aos olhos. Ela sabia que John a estava olhando como se ela tivesse perdido a cabeça e ela não podia culpá-lo. Ela também ouvia a nota de histeria que saía de sua boca... e o que se percebia, não muito tempo depois, era que ela não estava rindo; ela estava chorando.

Cobrindo o rosto com as mãos, ela apenas soluçou até não poder respirar, a explosão emocional foi tão grande que não tinha como sugá-la ou mantê-la dentro de si. Ela apenas desmoronou e por uma vez não tentou lutar contra isso.



Quando ela finalmente se acalmou na estação da Vila do Controle, não foi surpresa achar uma caixa de Kleenex bem a sua frente... cortesia da mão de John.

Ela agarrou um lençinho livre. E então imediatamente pegou outro e mais outro: depois desse show, a limpeza precisaria muito mais do que apenas um.

Inferno, com esta teoria, talvez ela devesse usar os lençóis da cama.

— John... — Ela fungou enquanto enxugava os olhos, isso, associado a todos os pequenos corações que estava usando, praticamente selou o seu status como nancy²⁸¹. — Eu tenho uma coisa para dizer a você. Isso faz tanto tempo... muito tempo, muito tempo.

Ele ficou tão quieto que nem piscou os olhos.

— Deus, isso é difícil. — Mais malditas fungadas. — Você não pensaria que três palavrinhas seriam tão difíceis de dizer.

John exalou alto - como se tivesse levado um soco no estômago. Engraçado, ela se sentia da mesma forma. Mas, às vezes, apesar das ondas de náusea e da sensação de um sufocamento esmagador, você tinha que falar o que estava em seu coração.

— John... — Ela clareou a garganta. — Eu...

O que. Ele articulou. *Apenas me diga. Por favor... diga.*

Ela endireitou os ombros. — John Matthew... sou uma *completa* idiota.

Enquanto ele piscava e parecia como se sua boca estava a ponto de desencanaixar, ela suspirou. — Acho que foram quatro palavras, hã?

Bem, sim... foram quatro palavras.

Deus, por um segundo... John forçou sua mente a voltar à realidade - porque só em uma fantasia que ela diria Eu-te-amo para ele.

*Você não é uma imbecil*²⁸². Ele assinalou. *Quero dizer, idiota*²⁸³...

²⁸¹ Nancy é sinônimo de mulher doce, divertida e com um sorriso de tirar o fôlego.

²⁸² No original, *asshole*.

²⁸³ No original, *ass-hat*. Estas frases contêm um trocadilho da língua inglesa. **Asshole | Ass-hat.** O John meio que estava brincando com a Xhex. No português o sentido se perde...



Ela fungou um pouco mais e o som era malditamente adorável. Merda, a *visão* dela era muito adorável. Recostada nos finos travesseiros, com todos os lenços amassados ao seu redor, e o seu rosto vermelho, ela parecia tão frágil e bela, quase suave. E ele a queria em seus braços, mas sabia que ela gostava do espaço dela.

Sempre gostou.

— Eu sou sim. — Ela pegou outro lenço, mas em vez de usá-lo, ela dobrou-o em quadrados precisos, reduzindo a metade e depois em um quarto, então trabalhando em alguns triângulos até que não era nada, mas uma cunha apertada entre os dedos.

— Posso te perguntar uma coisa?

Qualquer coisa.

— Você pode me perdoar?

John recuou. *Pelo quê?*

— Por ser uma cabeça dura, narcisista, por me absorver tanto em uma só coisa, por ser um pesadelo emocionalmente reprimido? E não me diga que eu não sou. Ela fungou de novo. — Eu sou uma *sympath*. Eu sou boa em ler pessoas. Você poderia me perdoar?

Não há nada o que perdoar.

— Você está tão errado.

Então, já estou acostumado que me pintem assim. Você já viu os idiotas com quem eu vivo?

Ela riu e ele adorou o som. — Por que você se ligou a mim apesar de tudo? Espere, talvez eu saiba a resposta para essa pergunta. Você não pode escolher com quem vai se vincular, pode?

Sua voz triste sumiu.

Enquanto os olhos de Xhex ficaram presos no Kleenex em sua mão, ela começou a desdobrar o que tinha feito, abrindo as formas que tinha feito com os cantos e esticando-as.

Ele levantou suas mãos, preparado-se para sinalizar...



— Eu te amo — O olhar dela cinza metalizado o encarou. — Eu te amo e eu sinto muito e estou agradecida. — Ela riu abruptamente, um som curto e áspero. — Olhe para mim, sou toda uma lady.

O coração de John batia tão alto em suas costelas, que ele quase olhou para o corredor para ver se era uma banda de marcha passando.

Xhex relaxou a cabeça de volta aos travesseiros. — Você sempre fez a coisa certa por mim. Eu tenho estado muito envolvida em meu próprio drama para ser capaz de aceitar o que estava na minha frente o tempo todo. Isto ou fui muito covarde para fazer algo a respeito.

John estava tendo dificuldades em acreditar no que estava ouvindo. Quando você quer algo ou alguém com todo o seu coração, como ele a queria, você estava susceptível a traduzir as coisas erradas – mesmo que elas estivessem na sua língua nativa.

E sobre os seus planos? Ele sinalizou.

Ela respirou profundamente. — Eu acho que gostaria de mudar meus planos.

Como? Oh Deus, ele pensou, por favor, diga...

— Eu gosto muito de você e de mim para seguir com o plano. — Ela clareou a garganta. — É mais fácil dizer: apenas seja você mesmo e seja capaz dessa coisa de viver e deixar viver. Mas eu sou uma lutadora, John. Sempre fui. E se você me quiser... eu gostaria de lutar com você. — Ela estendeu a mão para ele, com a palma para cima. — Então o que você diz. Você gostaria de se unir a uma *symphath*?

Caralho. Bingo!

John pegou a mão dela e levou aos lábios, beijando a coisa fortemente. Então ele colocou sobre o seu coração, e enquanto ela estava lá, ele assinalou: *eu pensei que você nunca iria perguntar, "cabeça de músculos"*²⁸⁴.

Xhex riu novamente e então ele estava sorrindo tão forte que era como se as suas bochechas estivessem cheias de chumbo grosso.

Cautelosamente, ele a levou ao seu peito e a segurou com cuidado.

²⁸⁴ No original a palavra usada é *meathead*, que significa uma pessoa musculosa, bombada, mas considerada sem cérebro, burra, boboca.



— Deus, John... eu não quero foder com tudo, e eu tenho um histórico ruim demais.

Ele a puxou para trás e acariciou o sedoso e cacheado cabelo em seu rosto. Ela parecia condenadamente ansiosa – não era assim como ele queria que ela se sentisse nesse momento.

Nós vamos trabalhar nisso. Agora e no futuro.

— Eu espero que sim. Merda, eu nunca contei isso a você, mas eu tive um amante uma vez... Não era como eu e você, mas era uma relação que ia mais além da questão física. Ele era um Irmão... um bom macho. Eu não contei a ele o que eu era, o que não foi justo. Eu apenas achei que nada evoluiria dali... e eu estava totalmente errada. — Ela balançou a cabeça. — Ele tentou me salvar, ele malditamente tentou tanto. Acabou por ir à colônia me pegar, e quando ele descobriu a verdade... ele só... perdeu a cabeça. Desistiu da Irmandade. Desapareceu. Nem sequer sei se ele está vivo. Essa é a principal razão pela qual eu lutei contra essa... coisa... entre você e eu. Eu perdi Murhder, e isso quase me matou... e eu não sentia por ele a metade do que eu sinto por você.

Isso foi bom, John pensou. Não que ela tivesse que passar por aquilo tudo – Cristo, de maneira nenhuma. Mas agora o passado deles fez ainda mais sentido – e o fez confiar mais no que eles estavam tendo agora.

Eu sinto muito, mas estou feliz porque me contou isso. E eu não sou ele. Nós vamos levar isso noite após noite e não vamos olhar para trás. Nós olhamos para frente, você e eu. Nós olhamos para frente.

Ela riu em uma explosão silenciosa. — A propósito, Já chega de revelações. Você sabe tudo sobre mim.

Certo... como dizer isso, ele se perguntou.

John ergueu as mãos, lentamente sinalizando – *Ouça, eu não sei como você se sente sobre isso, mas há uma mulher nesta casa, a shellan de Rhage? Ela é uma terapeuta e eu sei que alguns Irmãos a usaram para esse tipo de coisa. Eu poderia te apresentar a ela? E talvez você pudesse conversar com ela? Ela é muito legal e muito discreta... e talvez possa ajudá-la com o passado bem como com o futuro.*

Ela respirou fundo. — Você sabe... Eu tenho vivido com essa merda oculta por muito tempo... e veja o que aconteceu comigo. Eu posso ser uma “cabeça



de músculos”, mas eu não sou débil mental. Sim... eu gostaria de me encontrar com ela.

John se inclinou e pressionou seus lábios nos dela; então ele se esticou ao seu lado. Seu corpo estava exausto, mas o seu coração estava vivo e com uma felicidade tão pura como a luz do sol que ele não podia ver mais. Ele era um mudo filho da puta, com um passado sórdido e um trabalho noturno que envolve luta contra o mau, matando mortos-vivos. E apesar de tudo isso... ele havia conseguido a garota.

Ele ficou com *essa* garota, seu verdadeiro amor, sua *pyrocant*.

Claro, ele não estava se enganando. A vida com Xhex não seria normal em vários aspectos – bom que ele ficou com o lado selvagem.

— John?

Ele assobiou uma nota ascendente.

— Eu quero me emparelhar com você. Uma união apropriada. Eu quero que seja perante o rei e a todos. Eu quero que seja oficial.

Bem... Isso não fez apenas o seu coração parar.

Enquanto ele se sentava e a olhava, ela sorriu. — Jesus, a expressão em seu rosto. O que? Você pensou que eu não queria ser sua *shellan*?

Nem em um milhão de anos.

Ela recuou um pouco surpresa. — E está tudo bem pra você?

Isso era difícil de explicar. Mas o que eles tinham em conjunto ia além de uma cerimônia de emparelhamento ou de uma tatuagem nas costas ou de votos de compromisso ante testemunhas. Ele não sabia o porquê disso... mas ela era a peça que faltava no seu quebra-cabeça, o décimo-segundo da sua dúzia, a primeira e a última página do seu livro. E em algum nível, era tudo o que precisava.

Tudo o que eu quero é você. Não importa como.

Ela assentiu com a cabeça. — Bem, eu quero o pacote completo.

Ele a beijou de novo, suavemente, porque ele não queria machucá-la. Então ele a puxou para trás e articulou, *Eu te amo. E eu vou amar ser o seu hellren.*



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Ela corou. Ela realmente corou. E isso o fez sentir-se como se ele fosse do tamanho de uma montanha.

— Bom, então está resolvido. — Ela colocou a mão em seu rosto. — Nós vamos nos emparelhar agora.

Agora? Como em... agora? Xhex, você está tendo problemas para ficar em pé.

Ela o olhou diretamente nos olhos e quando ela falou, sua voz doía. Deus, como doía. — Então você me sustentaria, não sustentaria?

Ele traçou as suas feições com a ponta dos dedos. E enquanto ele fazia isso, por algum motivo estranho, ele sentiu os braços da eternidade ao redor deles os envolvendo, mantendo-os perto... vinculando-os para sempre.

Sim. Ele articulou. Eu a sustentaria. Eu sempre a segurarei e a embalarei, minha amada²⁸⁵.

Enquanto ele fundia suas bocas, ele pensou que essa promessa era para ela. Com cerimônia de emparelhamento ou não... esta era a sua promessa para a sua fêmea.

²⁸⁵ No original a autora escreve *lover mine*, fazendo uma alusão ao título do livro.



Capítulo SETENTA

A tragédia se abateu durante uma tempestade brutal de inverno, e na verdade, não era nada comparado com o longo o tempo de trabalho de parto da fêmea em sua cama. A destruição não demorou mais que um piscar de olhos... e ainda assim as consequências mudaram o curso de várias vidas.

— Não!

O som do grito de Tohrment dissipou a névoa da mente de Darius, um recém-nascido escorregadio em suas mãos. No início, não se podia dizer o que havia acontecido para causar tanto alarme. Certamente, houve muito sangue durante o parto, mas a fêmea sobreviveu à entrega de seu filho a este mundo. Na verdade, Darius estava cortando o cordão umbilical e a ponto de envolver a criança para a apresentação...

— Não! Oh, não! — A face Tohrment estava acinzentada quando ele estendeu a mão. — Oh, querida Virgem Escriba, não!

— O que você...

No princípio, Darius não podia entender o que viu. Parecia... que o punho da adaga de Tohrment sobressaía dos lençóis que cobriam a barriga ainda arredondada da mulher.

E suas mãos pálidas, agora ensanguentadas estavam lentamente escorregando da arma até caírem ao seu lado.

— Ela a pegou! — Tohrment ofegou. — Do meu cinto... eu... Foi tão rápido.... Me abaixei para cobri-la e... Ela desembainhou a...

Os olhos de Darius se fixaram na mulher. Seu olhar estava fixo no fogo da lareira, uma única lágrima descia por sua bochecha conforme a luz da vida flutuava para longe dela.

Darius derrubou o balde de água ao lado da cama em sua luta para chegar até ela... para tirar a adaga... para salvá-la... para...

O ferimento que ela havia infligido a si mesma era mortal, levando em conta tudo o que ela tinha suportado durante o parto... e ainda assim Darius não podia evitar de tentar salvá-la.



— Não deixe sua filha! — disse ele, inclinando-se com a criança se contorcendo. — Você deu à luz a um bebê saudável! Levante seus olhos, levante seus olhos!

Embora o som da água gotejando da bacia emborcada soasse tão alto quanto um tiro, nenhuma resposta vinha da fêmea.

Darius sentiu sua boca em movimento e tinha a sensação de que estava falando... mas por alguma razão, tudo o que ele podia ouvir era o som de chuva suave da água derramada enquanto ele implorava para a fêmea para que ficasse com eles... por amor à filha, pela esperança do futuro, pelos laços que ele e Tohrment estavam preparados para estabelecer com ela para que ela nunca mais estivesse sozinha enquanto ela criava a criança que havia nascido.

Quando ele sentiu algo sobre sua calça, franziu a testa e olhou para baixo.

'Não era água que caía no chão.' Era sangue. Dela.

— Oh, querida Virgem Escriba... — ele sussurrou.

Verdadeiramente, a fêmea havia escolhido seu curso e selado seu destino.

Seu último suspiro foi nada além de um estremecimento e depois a cabeça pendeu para o lado, seus olhos aparentemente ainda fixos sobre as chamas lambendo as toras... quando na verdade ela não via nada e estaria cega para sempre.

O lamento do recém-nascido e os pingos eram os únicos sons que Darius podia ouvir na cabana de palha. E, de fato, foi o choro queixoso da criança que o fez entrar em ação, pois não havia nada a fazer sobre o sangue derramado ou a vida perdida. Agarrando a manta que havia sido feito para a criança, ele embrulhou cuidadosamente a inocente pequenina e prendeu-a ao seu coração.

Oh, que destino cruel havia sido trazido sobre este milagre. E agora?

Tohrment olhou para cima da cama de parto ensanguentada e do corpo já esfriando, com os olhos ardendo de horror. — Eu me virei por apenas um momento... que a Virgem Escriba me perdoe... apenas por um momento eu...

Darius sacudiu a cabeça. Quando ia falar, não encontrou sua voz, então colocou a mão sobre o ombro do rapaz e apertou para oferecer conforto. Enquanto Tohrment se abatia em sua própria pele, o choro ficou mais alto.



A mãe havia ido embora. A filha havia permanecido.

Darius se inclinou com a nova vida em seus braços, e recolheu a adaga de Tohrment, do ventre da fêmea. Ele o colocou de lado, e, em seguida, fechou as pálpebras sobre seus olhos e cobriu sua face com um lençol limpo.

— Ela não vai para o Fade, — Tohrment gemeu com a cabeça entre as mãos. — Ela condenou a si mesma...

— Ela foi condenada pelas ações dos outros. — E, entre todos, o maior pecado foi a covardia de seu pai. — Ela estava condenada há muito tempo... Oh destino, impiedoso, estava condenada há muito tempo... Certamente, a Virgem Escriba olhará para ela em sua morte com a benevolência que ela não conheceu durante sua vida.

Oh... maldito... detestável, maldito destino...

Mesmo enquanto ele clamava contra tantas coisas em sua cabeça, Darius levou a pequena criança para perto do fogo, pois estava preocupado com o ar frio. Quando os dois se aproximaram da fonte de calor, ela abriu a boca e começou a buscar²⁸⁶... e por falta de uma alternativa melhor, ele ofereceu seu dedo mínimo para que ela sugasse.

Com a tragédia ainda recente, Darius analisou os traços da criança e observou como ela se estendia em direção à luz.

Os olhos não eram vermelhos. Em sua mão havia cinco dígitos, não seis. E a junção dos dedos era normal. Abrindo brevemente a manta, ele verificou os pés, a barriga, a cabecinha... e viu que o comprimento anormal das feições e membros, características dos comedores de pecado, não estavam presentes.

O peito de Darius rugiu de dor pela fêmea que havia levado essa vida dentro de seu corpo. Ela havia se tornado uma parte tanto dele quanto de Tohrment - e, embora ela raramente falasse e nunca sorrisse, ele sabia que ela havia se importado com eles também.

Os três tinham sido uma espécie de família.

E agora ela tinha deixado esta pequenina para trás.

Darius arrumou o cobertor e percebeu que a manta era a única maneira pela qual a mulher havia mostrado o reconhecido pelo nascimento iminente. Na

²⁸⁶ É o ato de buscar o seio materno. Todo o bebê faz este movimento instintivamente ao nascer.



verdade, ela mesma havia feito esta colcha na qual sua nova filha estava enrolada. Foi o único interesse que havia tomado na gravidez... provavelmente porque ela tinha sabido que este seria o resultado.

Todo esse tempo, ela sabia o que iria fazer.

Os olhos arregalados da criança o observavam, as sobrancelhas arqueadas em concentração, e compreendendo o fardo sombrio, ele reconheceu quão vulnerável era este pequeno embrulho... deixada sozinha no frio, ela morreria em questão de horas.

Ele tinha que fazer a coisa certa por ela. Isso era tudo que importava.

Ele tinha que cuidar dela e cuidar de seus direitos. Ela havia começado com tanto contra ela e agora ela era órfã.

Querida Virgem Escriba... ele cuidaria dela, mesmo que fosse sua última ação na terra.

Houve um som de movimento, e quando Darius olhou por cima do ombro, viu que Tohrment havia envolvido o corpo da fêmea no lençol e recolhido-a em seus braços.

— Cuidarei dela, — disse o menino. Exceto que... sua voz não era a de um menino. Era de um macho totalmente crescido. — Eu... cuidarei dela.

Por alguma estranha razão, o modo como ele segurava a cabeça dela era a única coisa que Darius podia ver: a mão grande e forte de Tohrment estava embalando o corpo como se estivesse viva, segurando-a como se estivesse consolando-a a seu peito.

Darius pigarreou e se preocupou se seus ombros eram fortes o suficiente para suportar o peso. Como ele continuaria respirando... seu coração batendo... como ele continuaria caminhando?

Pois na verdade, ele havia falhado. Ele havia libertado a fêmea, mas, no final das contas, ele havia falhado com ela...

Exceto que em seguida, ele se esforçou e virou-se para enfrentar o seu protegido. — A macieira...

Tohrment assentiu. — Sim. Isso foi o que eu pensei. Debaixo da macieira. Vou levá-la até lá agora, e para o inferno com essa tempestade.



Não era surpreendente que o menino fosse batalhar com os elementos para enterrar a fêmea. Ele, sem dúvida, necessitava do esforço para aliviar sua agonia. — Ela desfrutará das flores na primavera e do som dos pássaros que enfeitam os ramos.

— E quanto ao bebê?

— Vamos cuidar dela também. — Darius olhou para baixo, para o pequeno rosto. — A entregaremos a alguém que cuidará dela como merece.

Naturalmente, eles não poderiam mantê-la aqui. Eles passavam a noite toda fora, lutando, e a guerra não parava por perdas pessoais... A guerra não parava por nada nem ninguém. Além disso, ela precisava de coisas que dois machos, mesmo bem intencionados, não poderiam oferecer.

Necessitava do auxílio de uma mãe.

— É noite ainda? — Darius perguntou bruscamente quando Tohrment ia em direção à porta.

— Sim, — o homem disse enquanto destrancava a fechadura. — E eu temo que seja para sempre assim.

A porta se abriu, soprada pelo vento, e Darius protegeu o bebê com o seu corpo. Quando o temporal foi trancado do lado de fora, ele olhou para a pequena nova vida.

Traçando seu rosto com as pontas dos dedos, ele se preocupou com o que os próximos anos haviam reservado para ela. Seriam mais gentis do que as circunstâncias que cercaram seu nascimento?

Ele orou para que fossem. Orou para que ela encontrasse um macho de valor para protegê-la e para que ela tivesse filhos e vivesse como uma pessoa normal dentro de seu mundo.

E ele faria tudo o que pudesse para garantir isso.

Inclusive... abrir mão dela.



Capítulo SETENTA E UM

Conforme a noite caia sobre a mansão da Irmandade, Tohrment, filho de Hharm, colocou suas armas e pegou sua jaqueta do closet.

Ele não estava indo à luta, e ainda se sentia como se estivesse enfrentando uma espécie de inimigo. E ele estava indo sozinho. Ele disse para Lassiter relaxar e arrumar uma manicure/pedicure ou qualquer merda do tipo, porque existem coisas que você tinha que fazer sozinho.

O anjo caído simplesmente assentiu com a cabeça e lhe desejou boa sorte. Ele sabia exatamente o tipo de situação que Tohr estava para enfrentar.

Deus, o fato do cara não se surpreender com nada era quase tão irritante quanto todo o resto sobre ele.

A situação era a seguinte: John tinha chegado em casa cerca de meia hora antes e compartilhado sua alegre notícia. Pessoalmente. O garoto estava sorrindo tanto que havia uma boa chance de seu rosto se congelar naquela posição, e isso era uma malditamente fantástica situação.

Merda, a vida era estranha às vezes. E muitas vezes isso significava que coisas ruins devastavam boas pessoas. Não neste caso, entretanto. Graças a Deus, não neste caso.

E era difícil pensar em duas pessoas que se merecessem mais.

Deixando seu quarto, Tohr caminhou pelo corredor de estátuas. O feliz anúncio de que John e Xhex se emparelhariam tinha se espalhado por toda a casa, trazendo muita – e tão precisada dose de alegria para todos. Especialmente ao Fritz e aos *doggens* que adoravam uma grande festa.

E cara, pelo barulho lá em baixo, eles estavam em tortuosos preparativos. Ou isso ou os West Coast Choppers²⁸⁷ estavam montando uma Harley na sala de estar.

Não. “No final das contas” o barulho não era um trabalho de customizar uma moto, mas uma frota de enceradeiras saindo à passeio.

²⁸⁷ É uma associação dos Estados Unidos conhecida por vender motocicletas do estilo chopper.



Interrompendo-se, Tohr apoiou suas mãos sobre o corrimão e olhou para a imagem de macieiras em plena formação do mosaico. Enquanto observava, os *doggens* com suas máquinas girando sobre os galhos e tronco, ele concluiu que a vida era certa e justa em algumas ocasiões. Realmente era.

E essa era a única razão que ele poderia convocar forças para o que ele tinha que fazer.

Depois de descer a escadaria em uma corrida, ele acenou para o *doggen* driblando seu caminho e esquivando-se através do vestíbulo. No pátio, ele respirou fundo e se preparou. Tinha umas boas duas horas antes da cerimônia, o que era um benefício. Ele não tinha certeza de quanto isso demoraria.

Fechando seus olhos, ele dispersou seus átomos e tomou forma... no terraço da casa de sua casa, o lugar que ele e sua amada viveram por bons cinquenta anos.

Quando ele abriu suas pálpebras, ele não olhou para a casa. Ao invés disso, ele inclinou a cabeça para trás e procurou pela brilhante lua que ainda tinha que chegar a uma altura considerável.

Onde estavam os seus mortos? Ele se perguntou. Quais entre as pequenas luzes eram as almas daqueles que ele perdera?

Onde estava a sua *shellan* e seu pequeno? Onde estava Darius? Onde estavam todos aqueles cujas botas ainda dispostas haviam abandonado o árduo caminho para poder viver atrás da aveludada linha do Fade?

Eles viram o que aconteceu aqui? Eles viram o que aconteceu, tanto as coisas boas quanto as ruins?

Eles sentiam saudades daqueles que deixaram para trás?

Tohr vagorosamente trouxe sua cabeça para o nível normal e se fortaleceu.

A metáfora era tão ridiculamente óbvia: ele estava olhando para um buraco enorme em sua casa, o vidro escorregou para o velho quarto do John explodindo a sua estrutura, um monte de nada deixado no lugar de deveria ser algo.

Uma brisa soprou perto, as cortinas que pendiam de cada lado flutuavam suavemente.



Tão óbvio: a casa era ele. Um buraco era o que permaneceu depois que ele perdeu... a Wellsie.

Ainda é difícil pensar em seu nome. Muito menos dizê-lo.

Mais ao lado, havia meia dúzia de folhas de madeira compensada junto com uma caixa de pregos e um martelo. Fritz os trouxe assim que Tohr soube do acidente, mas o *doggen* tinha ordens estritas de não resolver o problema por si mesmo.

Tohr consertava sua casa. Sempre.

Enquanto ele caminhava para frente, as solas de seus shitkickers esmagavam os cacos de vidros transformando-os em pavimento, o som do crepitar foi seguido enquanto ele chegou ao batente da porta. Pegando o chaveiro do bolso, ele apontou para casa e apertou o botão de desarmar do sistema de segurança. Houve um distante *bip-bip*, que significava que o sistema de segurança registrou o sinal e agora estava desativado.

Ele estava livre para entrar: Os detectores de movimento foram desativados e ele podia abrir qualquer porta ou janela exterior do local.

Livre para entrar.

Sim.

Ao invés de dar o primeiro passo, ele foi até a madeira compensada, pegou uma das quatro-por-oito peças, e apoiou-a contra o declive lateral. Inclinando a coisa contra a casa, ele voltou para os pregos e o martelo.

Ele levou cerca de meia hora para tampar o buraco, e quando ele deu um passo para trás inspecionando o esforço, ele pensou que parecia uma merda. O resto do lugar estava intocado a pesar do fato de que ninguém o habitou desde... o assassinato de Wellsie: tudo estava organizado, sua ex-equipe foi suficientemente boa para cuidar do paisagismo e para verificar o interior da casa uma vez por mês, mesmo que eles tenham se mudado para servir outra família fora da cidade.

Engraçado, ele tentou pagá-los pelo o que eles ainda fizeram aqui, agora que ele estava de volta a cidade, mas recusaram o dinheiro. Simplesmente o havia devolvido com uma nota amável.

Acho que cada um sofreu a seu modo.



Tohr colocou o martelo e o restante dos pregos no topo da única placa que não tinha usado e se forçou a caminhar ao redor da parte externa da casa. Conforme ele foi indo, de tempo em tempos ele olhava para as janelas. As cortinas tinham sido puxadas, mas ainda assim, sua visão penetrou as dobras do pano facilmente, visualizando todos os fantasmas que viviam dentro das muralhas.

Na parte de trás, ele se viu sentado na mesa da cozinha, com Wellsie cozinhando no fogão, os dois discutindo o fato que ele tinha deixado suas armas jogadas, espalhadas e não guardadas na noite anterior. De novo.

Deus, ela o excitava mesmo quando estava dando sermão.

E quando ele chegou a sala, se lembrou de pegá-la em seus braços e fazê-la dançar com ele enquanto ele cantarolava valsa no seu ouvido. Muito mal, aliás.

Ela sempre se encaixou tão bem nele, seu corpo feito para ele e o dele para ela.

E a porta da frente... ele se lembrou de entrar com flores. Todo aniversário.

Suas favoritas eram rosas brancas.

Ele chegou à frente da garagem e olhou para dentro, olhou para a vaga da esquerda, a que era mais próxima a casa.

Aquela de onde Wellsie tirou o Range Rover pela última vez.

Após o tiroteio a Irmandade pegou a SUV e o eliminou, e Tohr nem quis saber o que aconteceu com aquela coisa. Nunca iria querer.

A fragrância tanto de seu perfume quanto de seu sangue era muito para que ele pudesse suportar, nem sequer hipoteticamente.

Ele balançou a cabeça enquanto olhava para a porta fechada. Nunca se sabia a última vez que veria alguém. Não sabia quando aconteceria a última discussão, a última vez que faria sexo ou a última vez que olharia em seus olhos e agradeceria a Deus que estivessem em sua vida.

Depois que eles se iam? Isso é tudo o que você pensa.

Dia e noite.



Dirigindo-se para o lado da garagem, ele encontrou a porta que estava procurando e teve que forçá-la com o ombro.

Merda... ainda tinha o mesmo odor: o sopro seco do concreto e o óleo doce do Vette²⁸⁸ e o gás remanescente do cortador e do aparador de grama. Ele acendeu a luz. Cristo, o lugar parecia como um museu de uma era há muito, muito passada; ele reconhecia os objetos daquele tipo de vida, odiaria extrapolar seus usos... mas maldição se eles tivessem um lugar na sua atual existência.

Foco.

Ele entrou na casa e encontrou a escada para o segundo andar. O sótão acima da garagem estava totalmente terminado e aquecido e preenchidos com uma combinação eclética de troncos de 1800 e caixas de madeira e suportes de plástico Rubbermaid do século 21.

Ele realmente não olhou para o que tinha vindo buscar, mas pegou o recipiente em que sempre tinha estado armazenado, ele carregou o velho roupeiro LV²⁸⁹ para baixo.

Não era possível se desmaterializar com aquilo, no entanto, maldição.

Ele precisaria de uma carona. Por que não tinha pensado nisso?

Olhando por cima do ombro, ele viu o Sting Ray de 1964 que ele restaurou. Ele tinha gastado horas no motor e na lataria também, as vezes trabalhava nele até durante o dia – o que havia deixando Wellsie louca.

Vamos querido, como o teto vai sair voando?

Tohr, eu estou te dizendo, você está abusando.

Mmm, e se eu abusar de outras coisas também...

Ele apertou os olhos e enviou a lembrança para longe.

Indo para o carro, ele se perguntou se a chave ainda estava no... Bingo.

²⁸⁸ No contexto o cheiro do óleo do Corvette, o veículo.

²⁸⁹ Louis Vuitton wardrobe: por fora parece uma mala bem grande, do tamanho de um baú. Só que por dentro é um guarda roupa, com gavetas e lugar para pendurar.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Ele abriu a porta do lado do motorista e se espremeu atrás do volante. O teto estava aberto como sempre, porque ele nunca realmente cabia naquela coisa com o teto abaixado. Socando sua bota direita na embreagem, ele virou a chave e...

O rugido disparou como se a maldita coisa estivesse esperando por tempo demais e estava puta por ter sido ignorada, muito obrigada.

Metade do tanque de combustível. O nível do óleo estava bom. O motor girava na mais perfeita sincronia.

Dez minutos depois, ele re-acionou o alarme de segurança e saiu da garagem com o roupeiro LV na parte de trás do conversível. Proteger a coisa foi fácil, ele colocou um cobertor para proteger a pintura, posicionou o peso na parte de cima e amarrou de todas as formas possíveis.

Ele teria que ir devagar, entretanto. Mas estava tudo bem.

A noite estava fria e as pontas de suas orelhas ficaram dormentes antes dele ter percorrido uma milha. Mas o aquecedor estava chutando para fora uma boa quantidade de aquecimento e o volante era bom e sólido contra as palmas de suas mãos.

Ele seguia de volta a mansão da Irmandade, parecia que ele tinha sobrevivido a um teste mortal. E ainda assim ele não sentiu nenhum triunfo em sua vitória.

Ele estava resolvido, no entanto. E como Darius dizia, preparado para olhar para frente.

Pelo menos quando se tratava de matar seu inimigo.

Sim, esperava com muita ilusão essa parte. Começando por esta noite, era todo o motivo que ele tinha para viver e ele estava mais que preparado para cumprir com suas obrigações.



Capítulo SETENTA E DOIS

Eles levaram a pequenina para sua nova casa no lombo de um cavalo de guerra.

A família que a estava adotando vivia a vilas e vilas de distância, e Darius e Tohrment viajaram através da noite após o nascimento completamente armados, cientes de todos os modos que podiam ser detidos em seu caminho. Quando chegaram ao chalé que procuravam, ele não era diferente do chalé de Darius, com um telhado de palha e paredes de pedras. Cercado por árvores que ofereciam proteção contra o tempo ruim, e um celeiro do lado de fora que tinha cabra, ovelhas e vacas leiteiras em estábulos.

A família ainda tinha um doggen, como Darius ficou sabendo na noite anterior quando havia visitado esta modesta, mas próspera família. Claro, ele não tinha sido apresentado à fêmea da residência naquele momento. Ela não estava atendendo e ele e o macho dela tinham falado do assunto em privado, na varanda da frente.

Quando ele e Tohrment puxaram as rédeas, os cavalos se recusaram a ficar quietos. Na verdade, os grandes garanhões foram criados para lutar, não para terem paciência, e depois que Darius desmontou, seu protegido conseguiu subjugar ambos os animais apenas por pura força muscular.

Cada milha percorrida do caminho até aqui, Darius havia repensado a sua escolha, mas agora que eles chegaram, ele sabia que este era o lugar onde a criança devia estar.

Ele se aproximou da porta com sua preciosa carga, e foi o dono da casa quem abriu o sólido portal. Os olhos do macho estavam brilhando sob o luar, mas não era alegria que os deixou assim. De fato, uma perda bem familiar tinha atingido este virtuoso lar - que era como Darius os tinha encontrado.

Os vampiros se mantinham em contato através dos montes e vales da mesma forma que os seres humanos faziam: compartilhando histórias e comiseração.

Darius se curvou ao cavaleiro apesar de sua própria posição ser mais elevada.



— Saudações nesta noite fria.

— Saudações, senhor. — O homem curvou-se muito baixo, e quando ele se levantou, seu olhar foi para o minúsculo pacote. — Entretanto, está esquentando.

— Certamente. — Darius desdobrou o topo da manta e olhou mais uma vez para o rosto minúsculo. Aqueles olhos, aqueles arrebatadores olhos cinza escuro, olhando-o de volta. — Você te importarias... de vê-la primeiro?

Sua voz se quebrou, pois ele não queria nenhum tipo de julgamento sobre a pequena nem agora ou nunca - e de fato ele havia feito seu melhor para garantir isso. Na verdade, ele não tinha compartilhado as circunstâncias de sua concepção com o macho. Como poderia? Como eles a aceitariam? E como ela não tinha os traços visíveis da sua outra metade, ninguém jamais saberia.

— Não vou precisar de nenhuma inspeção. — O cavaleiro sacudiu a cabeça. — Ela é uma bênção para encher os braços vazios de minha shellan. Tu disseste que ela é saudável, isto é tudo o que importa.

Darius soltou a respiração que não sabia que estava segurando e continuou a olhar para o bebê.

— Tem certeza que desejas abrir mão dela? — O cavaleiro disse suavemente.

Darius olhou para Tohrment. Os olhos do macho queimavam enquanto ele examinava de cima de seu elegante garanhão, seu corpo de guerreiro vestido com peles de couro preto, com suas armas atadas ao peito e à sela, sua aparência, um prenúncio de guerra, morte e sangue derramado.

Darius estava ciente que ele apresentava um quadro semelhante quando se voltou para o cavaleiro e limpou a garganta.

— Me permite uma licença?

— Sim, senhor. Por favor, o que quiser.

— Eu... Eu gostaria de dar-lhe o nome.

O cavaleiro fez uma nova reverência.

— Isso seria um gesto gentil e muito bem-vindo.



Darius olhou por cima do ombro do civil para a porta do chalé que havia sido fechada contra a geada. Lá dentro, em algum lugar, havia uma fêmea de luto, a qual tinha perdido seu bebê no parto.

Na verdade, ele mesmo conhecia algo desta vasta sombra de um vazio escuro enquanto se preparava para entregar ao outro o que estava em seus braços. Ele deixaria uma parte do seu coração quando partisse desse vale arborizado e dessa família quebrada, que agora estaria completa – mas a jovem merecia o amor que a esperava aqui.

A voz de Darius saiu, proclamando.

— Ela se chamará Xhexania.

O cavaleiro reverenciou novamente.

— ‘Abençoada’. Sim, combina perfeitamente com ela.

Houve uma longa pausa durante a qual Darius registrou esse rosto angelical. Ele não sabia quando iria vê-la novamente. Esta era a família dela agora, não precisava de dois guerreiros olhando por ela - é melhor não se intrometerem. Dois lutadores visitando esta localidade tranquila regularmente? Bem poderiam levantar perguntas sobre os porquês, e talvez por em perigo o segredo que envolvia a concepção e o nascimento dela.

Para protegê-la, ele deveria desaparecer da sua vida para garantir que ela fosse criada como alguém normal.

— Senhor? – O cavaleiro chamou humildemente. — Tem certeza que deseja fazer isto?

— Eu sinto muito. Mas, é claro... Eu tenho certeza. — Darius sentiu o peito queimar quando ele se inclinou para frente e colocou a pequena nos braços de um estranho.

O pai dela.

— Obrigado... — A voz do macho se quebrou quando ele aceitou o pequeno peso. — Obrigado por terdes trazido luz a nossa escuridão. Em verdade, não há nada que possamos fazer por vós?

— Sejam... sejam bons para ela.



— Seremos. — Enquanto o macho se virava, voltou-se e fez uma pausa. — Você nunca voltará, voltará?

Quando negou com a cabeça, Darius não podia tirar os olhos da roupinha que a jovem mãe tinha feito.

— Ela é tua como se viesse de tua linhagem. Nós devemos deixá-la aqui em teus bons cuidados e confiar que cuidarás bem dela.

O cavaleiro deu um passo à frente e tocou o antebraço de Darius. Com um aperto, ele ofereceu comiseração e segurança.

— Você colocou tua confiança em nós sabiamente. E saibas que será sempre bem-vindo aqui para vê-la.

Darius inclinou a cabeça.

— Obrigado. Que a Virgem Escriba olhe por você e pelos teus.

— E o mesmo para vós.

Com isso, o cavaleiro atravessou a porta e entrou em sua casa. Em um aceno final de despedida, ele se isolou com a pequenina.

Enquanto os garanhões se agitavam e batiam seus cascos, Darius caminhou de volta e olhou através dos vitrais ondulados, esperando para ver...

Perto do fogo, em cima de uma cama de lençóis limpos, uma fêmea estava com o rosto voltado para o calor flamejante. Ela estava pálida como o lençol que a cobria, e os olhos vazios lembravam-no da trágica fêmea, que passou ao Fade diante de sua própria lareira.

A shellan do cavaleiro não se sentou ou olhou para seu hellren quando este entrou no quarto, e por um momento, Darius se preocupou que tivesse cometido um erro.

Mas a pequenina deve ter emitido um som, pois a cabeça da fêmea de repente se virou.

Quando ela viu o pacote que lhe foi apresentado, sua boca se abriu, confusão e temor passando através de seus traços encantadores. Abruptamente, empurrou o cobertor de seus braços e pegou o bebê. Suas mãos tremiam tanto, que seu hellren teve que ajudá-la a trazer o bebê contra o



coração dela... mas ela manteve sua filha recém-nascida no local por conta própria.

Foi o vento que fez os olhos de Darius marejarem. Na verdade, mais do que o vento.

Quando ele limpou o rosto com a palma da mão, disse a si mesmo que estava tudo bem e como devia ser... mesmo se ele sentisse uma tristeza dentro do peito.

Atrás dele, seu cavalo de batalha soltou um rugido e pôs-se em suas patas dianteiras resistindo às rédeas, batendo seus cascos maciços contra a terra. Com o som, a fêmea no quarto olhou alarmada e embalou seu precioso presente mais perto, como se precisasse proteger o bebê.

Darius se voltou e correu às cegas para a sua montaria. Com um salto, ele estava nas costas da grande besta, tomando o controle do animal, aproveitando a potência e a raiva que tinham sido criadas em todos os seus músculos e ossos.

— Nós iremos até Devon. — Darius disse, necessitando de um propósito mais do que ele precisava de ar ou de batimentos cardíacos. — Há relatos de lessers.

— Sim. — Tohrment olhou para a casa. — Mas você está... com espírito de luta agora?

— A guerra não espera por nenhum macho ter a mente sã. — De fato, algumas vezes é melhor estar louco.

Tohrment assentiu.

— Avante a Devon, então.

Darius deu a seu garanhão rédeas soltas e o cavalo de guerra arrancou diante de sua parada forçada, galopando para dentro da floresta, a toda velocidade. O vento no rosto de Darius carregou suas lágrimas, mas não fez nada para curar a dor no seu peito.

Ele se perguntava enquanto cavalgava de volta à guerra se veria o bebê outra vez — mas ele sabia a resposta. Não havia nenhuma maneira de seus caminhos se cruzarem. Como eles poderiam? A vida dá muitas voltas, mas como ela poderia uni-los de novo?

Na verdade, isto desafiava o destino, ou não?



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Oh, aquela pequenina. Mal concebida. Mas nunca para ser esquecida.

Sempre levaria com ela um pedaço de seu coração.





Capítulo SETENTA E TRÊS

Mais tarde Xhex refletiria que as coisas boas, assim como as más, vinham de três em três.

Ela simplesmente nunca teve essa experiência particular antes... não com a coisa de três, mas com a "parte boa".

Graças ao sangue de John Matthew e a obra da Dra. Jane, ela estava nova em folha uma noite após a luta com Lash, e ela sabia que estava de volta ao seu estado normal porque havia colocado seus cílios novamente. E aparado o cabelo. E ido até sua casa no Rio Hudson para conseguir roupas e armas.

E passou cerca de... quatro horas fazendo amor com John.

Ela também havia se encontrado com Wrath e parecia que ela tinha um novo emprego: o grande Rei Cego a havia convidado para lutar com a Irmandade. Sob efeito de seu choque inicial, ele alegou que suas habilidades eram muito necessárias e bem-vindas na guerra - e, ei, matar alguns *lessers*?

Grande. Ideia. Ela estava tão de acordo com isso.

E falando nisso, ela se mudou para o quarto de John propriamente. No armário dele, suas roupas de couro e camisetas estavam pendurados ao lado das dele, seus shitkickers estavam alinhados juntos, e todas as facas, armas e brinquedinhos dela estavam agora trancados no gabinete à prova de fogo dele.

Até mesmo suas munições estavam empilhadas juntas.

Assustadoramente romântico.

Assim é. Os negócios estavam como de costume.

Salvo... bem, exceto pelo fato de que ela havia sido reduzida a sentar nesta grande cama, esfregando as palmas suadas das mãos em sua calça de couro por, tipo, a última meia hora. John estava se exercitando no centro de treinamento antes da cerimônia e ela estava contente que ele estivesse ocupado em outro lugar.

Ela não queria que ele a visse nervosa como estava.



Porque no final, além da fobia dessa merda médica, havia uma outra pequena falha em sua fiação: a ideia de ficar em pé diante de uma tonelada de pessoas e de ser o centro de atenção durante seu emparelhamento a fazia querer vomitar. Supunha-se que não devia ter sido uma surpresa total, apesar de tudo. Afinal, em seu trabalho como uma assassina, a ideia era manter-se invisível. E ela sempre havia sido introvertida, tanto por circunstâncias quanto por seu caráter.

Retornando aos travesseiros, ela se encostou na cabeceira da cama, cruzou os pés nos tornozelos, e pegou o controle remoto. O pequeno modelo Sony preto realizou as suas funções com admirável talento, a coisa disparando na tela plana e mudando os canais até que passavam tão rápido quanto a batida de seu coração.

Não era apenas o fato de que haveria tantas testemunhas para a cerimônia dela e de John. Era porque se casar a fazia pensar na maneira como as coisas deveriam ter sido se ela tivesse uma vida normal. Em noites como esta, a maioria das fêmeas se vestiam com roupas feitas especialmente para a ocasião e eram cobertas pelas joias da família. Elas estariam ansiosas para serem apresentadas aos seus pretendentes por seus pais orgulhosos e suas mães deviam estar chorando agora, bem como quando os votos fossem trocados.

Xhex, por outro lado, andaria pelo corredor sozinha. Vestindo couro e uma camiseta regata, porque esse era o único tipo de roupa que ela possuía.

Conforme as estações de TV mudavam diante de seus olhos, a distância entre ela e a "normalidade" pareceu uma brecha tão grande como era a sua própria história: não haveria reformulação do passado, nem correção dos picos e vales de sua história. Tudo, desde o seu sangue misturado, passando pelo simpático casal que havia criado um pesadelo, com tudo o que tinha acontecido com ela desde que ela deixou a casa... tudo isso estava escrito na fria pedra do passado.

Nunca seria mudado.

Pelo menos ela sabia que o macho e a fêmea maravilhosos que tentaram criá-la como sua própria, finalmente, tinham um bebê de sua descendência, um filho que cresceu forte, vinculou-se bem e deu-lhes uma nova geração.

Tudo aquilo tinha tornado muito mais fácil deixá-los.



Entretanto tudo mais em sua vida, exceto por John, não havia tido um final feliz. Deus, talvez essa fosse a causa de seu nervosismo também. Esta coisa de vinculação com John era como uma revelação, quase bom demais para ser verdade...

Ela franziu a testa e sentou-se. Em seguida, esfregou os olhos.

Ela não podia estar vendo o que havia na tela corretamente.

Não era possível... era?

Mexendo no botão direito do controle remoto, ela aumentou o volume.

— ... o fantasma de Rathboone assombrando as salas de sua mansão da época da Guerra Civil. Que segredos aguardam a nossa equipe de *Investigadores Paranormais* enquanto tentam descobrir...

A voz do narrador diminuiu enquanto a câmera se aproximava mais e mais de um retrato de um homem com cabelo escuro e olhos assombrados.

Murhder.

Ela conheceria aquele rosto em qualquer lugar.

Levantando-se de um salto, ela correu para a TV... mas como isso iria ajudar?

A câmera se afastou para mostrar um bonito salão e, em seguida, imagens dos campos de uma casa branca de fazenda. Eles estavam falando sobre algum tipo de especial ao vivo... durante o qual eles iriam tentar expulsar o fantasma de um abolicionista da Guerra Civil que tantos afirmavam ainda percorrer as salas e campos em que ele viveu.

Com a atenção no comentarista novamente, ela tentava desesperadamente ver onde a mansão estava localizada. Talvez ela pudesse...

Fora de Charleston, Carolina do Sul. É onde ele estava.

Recuando um passo, ela bateu na cama com suas panturrilhas e sentou-se. Seu primeiro pensamento foi desmaterializar-se até lá e ver por si mesma se era seu ex-amante ou um fantasma de verdade ou apenas alguns produtores de televisão talentosos fazendo muito barulho.





Mas a lógica superou o impulso. A última vez que tinha colocado os olhos em Murhder, ele havia deixado claro que não queria nada com ela. Além disso, apenas porque existia uma antiga pintura a óleo que lembrava o macho, não queria dizer que ele estava descansando naquela mansão antiga bancando o Gasparzinho.

Apesar de que era um inferno de retrato. E aterrorizar seres humanos realmente era a cara dele.

Merda... Ela desejava o melhor para ele. Totalmente. E se ela não estivesse convencida de que seria mal recebida como foi o segredo que ela deveria ter-lhe dito depois que se envolveram, ela teria feito a viagem.

O fato era que, no entanto, às vezes, a melhor coisa que você poderia fazer por alguém, era ficar longe dele. E ela lhe deu seu endereço no Hudson. Ele sabia onde encontrá-la.

Deus, ela esperava que ele estivesse bem, apesar de tudo.

A batida na porta a fez girar a cabeça.

— Sim? — Disse ela.

— Isso é um entre? — Uma profunda voz masculina respondeu.

Ela levantou-se e franziu a testa, pensando que com certeza não soou como um *doggen*.

— É. Não está trancada.

A porta se abriu amplamente para revelar... um baú — um baú-guarda-roupa. Um baú-guarda-roupa Louis Vuitton para ser mais exata. E ela presumiu que o cara segurando era um Irmão... considerando os shitkickers e a calça de couro que apareciam por baixo.

A menos que Fritz tivesse trocado o estilo de vida Vanilla²⁹⁰ para algo do manual de V.E engordado uns quarenta e cinco quilos.

O LV baixou o suficiente para que ela tivesse uma visão clara do rosto de Tohrment. A expressão do Irmão era grave, mas claro, ele não era um cara tipo

²⁹⁰ Famosa boutique criada em 2000 que vende desde roupas e sapatos exclusivos a objetos de decoração, únicos e originais. É caracterizada por fundir o clássico com o contemporâneo com suavidade e estilo.



Lite-Brite²⁹¹. Nunca tinha sido... e levando em conta o rumo que sua vida havia tomado, nunca seria.

Ele limpou a garganta e depois inclinou a cabeça em direção ao que estava contra seu peito.

— Eu trouxe uma coisa. Para sua cerimônia.

— Um... bem, John e eu não fizemos a lista de presente em lugar nenhum. — Ela fez sinal para que ele entrasse. — Não é como se Crate and Barrel²⁹² vendesse armas. Mas obrigada.

O Irmão entrou pela ombreira da porta e baixou baú. A coisa tinha um metro e meio de altura e cerca de um metro de largura e parecia ser do tipo dividido no meio.

No silêncio que se seguiu, os olhos de Tohrment deslizaram sobre seu rosto e mais uma vez ela tinha essa estranha sensação de que o cara sabia muito sobre ela.

Ele limpou a garganta.

— É costume na cerimônia de emparelhamento de uma fêmea que a sua família ofereça preparamentos para a cerimônia.

Xhex franziu a testa novamente. Então, lentamente, abanou a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não tenho família. Não de verdade.

Deus, aquele olhar grave e conhecedor a deixava louca... e depressa, seu lado *symphath* se estendeu para se enfiar em sua rede²⁹³, avaliando, medindo.

Certo. Isso não fazia sentido. A dor, o orgulho, a tristeza e a alegria que estava sentindo... seriam razoáveis apenas se ele a conhecesse. E no que dizia respeito a ela, eles eram estranhos.

Para encontrar a resposta, ela tentou penetrar em sua mente e memórias... mas ele a estava impedindo de entrar em seu cérebro. Em vez de uma leitura de

²⁹¹ Lite-Brite é um brinquedo elétrico introduzido em 1967 pela Hasbro que permite a criação de imagens iluminadas.

²⁹² É uma cadeia de lojas especializadas em utensílios domésticos, mobiliários (interior e exterior), e acessórios para casa.

²⁹³ Rede no sentido de arcabouço emocional que configura o indivíduo.



seus pensamentos... tudo o que ela conseguiu foi uma cena de *Godzilla versus Mothra*.

— Quem é você para mim? — Ela sussurrou.

O Irmão acenou com a cabeça para o baú.

— Eu trouxe algo... para você vestir.

— Bem, sim, mas estou mais interessada no porquê. — Claro que soou ingrato, mas boas maneiras nunca tinham sido o seu forte. — Por que você se incomoda?

— As razões específicas não são relevantes, mas são suficientes — Leia-se: ele não iria entrar neste assunto. — Você me permitiria lhe mostrar?

Normalmente, isso seria um não para ela em muitos níveis, mas esse não era um dia normal e nem ela estava em seu humor normal. E tinha a estranha sensação... de que ele estava protegendo-a com todo o seu bloqueio mental. Protegendo-a de uma série de fatos que, ele temia, iriam feri-la em seu íntimo.

— Sim. OK. — Ela cruzou os braços sobre o peito, sentindo-se desconfortável. — Abra-o.

Os joelhos do Irmão estalaram quando ele se ajoelhou na frente do baú e pegou uma chave de bronze do bolso traseiro. Houve um clique e, em seguida, ele soltou as travas na parte superior e inferior e movimentou-se por trás da coisa.

Mas ele não o abriu. Em vez disso, arrastou os dedos por todo o baú com reverência... como se sua rede emocional quase estivesse tendo um colapso por causa da dor que ele estava sentindo.

Preocupada com sua saúde mental e com o sofrimento que ele estava passando, ela levantou a mão para detê-lo.

— Espere. Tem certeza que quer...

Ele abriu o baú, puxando as duas metades da frente...

Metros de cetim vermelho... metros de cetim vermelho-sangue derramaram dos confins do LV, caindo sobre o tapete.



Era um autêntico vestido de emparelhamento. O tipo de coisa que era passado de fêmea para fêmea. O tipo de vestido de tirar o fôlego, mesmo se você não fosse ultra feminina.

Xhex olhou o Irmão. Ele não estava olhando para o que ele tinha trazido para ela. Seu olhar estava fixo na parede do outro lado da sala, a sua expressão de uma tolerância, como se o que ele estava fazendo estivesse matando-o.

— Por que você está me trazendo isso? — Ela sussurrou, reconhecendo o que aquilo deveria ser. Sabia pouco sobre o Irmão, mas ela estava bem consciente de que sua *shellan* tinha sido alvejada pelo inimigo. E esse tinha que ser o vestido da cerimônia de Wellesandra. — É uma verdadeira agonia para você.

— Porque uma fêmea deve ter um vestido apropriado para caminhar... pelo... — Ele teve que limpar sua garganta mais uma vez. — Este vestido foi usado pela última vez pela irmã de John no dia de seu emparelhamento com o rei.

Xhex estreitou os olhos.

— Então, isso é de John?

— Sim. — disse ele com voz rouca.

— Você está mentindo... quero dizer, com todo respeito, mas você não está me dizendo a verdade. — Ela olhou para todo o cetim vermelho. — É incrivelmente bonito. Mas eu simplesmente não entendo por que você iria aparecer aqui, esta noite, e oferecer para eu usá-lo... porque suas emoções são muito pessoais, neste momento, e você não pode sequer olhar para a coisa.

— Como eu disse, minhas razões são particulares. Mas seria... Um gesto bem-intencionado, se você se casasse nele.

— Por que isso é tão importante para você?

Uma voz feminina interrompeu-os.

— Porque ele estava lá no começo.

Xhex virou. Na porta, de pé entre as ombreiras, estava uma figura negra com capuz e seu primeiro pensamento foi que era a Virgem Escriba... exceto que não havia luz brilhante sob as vestes.



Seu segundo pensamento foi que a rede dessa fêmea... era uma cópia da própria Xhex.

Até o ponto em que eram idênticas.

A figura mancou para frente e Xhex cambaleou para trás e tropeçou em algo. Enquanto ela caía, tentou equilibrar-se na cama e não conseguiu, aterrissando sobre seu traseiro no chão.

Suas redes eram absolutamente idênticas, não em termos de emoções, mas a construção propriamente dita. Idênticas... como mãe e filha seriam.

A fêmea trouxe as mãos até o capuz e, lentamente, levantou o material que cobria o rosto.

— Jesus... Cristo.

A exclamação veio de Tohrment, e ao ouvir sua voz, a fêmea levantou os olhos cinzentos para ele. Ela se curvou em uma reverência lenta.

— Tohrment... Filho de Hharm. Um dos meus salvadores.

Xhex estava vagamente ciente do Irmão apoiando-se no baú, como se os seus joelhos tivessem decidido tirar umas férias dele. Mas o que ela estava realmente preocupada era com os traços revelados. Eles eram tão parecidos com o seu próprio, mais arredondados, é verdade... mais delicados, sim... mas a estrutura óssea era a mesma.

— Mãe... — Xhex respirava.

Quando os olhos da mulher a olharam de novo, ela fez a mesma rotina de pesquisar-e-memorizar na face de Xhex.

— Certamente... Você é linda.

Xhex tocou a própria bochecha.

— Como...

A voz de Tohrment estava cheia de choque quando ele perguntou: — Sim... como?

A fêmea avançou um pouco mais com essa claudicação... e Xhex imediatamente quis saber quem ou o quê a tinha ferido: apesar disso não fazer qualquer sentido... ela havia sido informada que sua verdadeira mãe havia



morrido durante o parto, pelo amor de Deus – ela não queria que nenhum mal se abatesse sobre esta criatura, adorável e triste com a túnica.

— Na noite do seu nascimento, filha minha, eu... eu morri. Mas quando eu procurei a entrada do Fade, não fui autorizada a passar. A Virgem Escriba, no entanto, com toda a Sua misericórdia, permitiu-me ficar isolada no Outro Lado e naquele lugar eu tenho permanecido, servindo as Escolhidas como penitência para a minha... morte. Ainda estou a serviço de uma Escolhida, vim para este lado a fim de cuidar dela. Mas... na verdade, eu cheguei neste plano para, finalmente, olhar para você pessoalmente. Tenho-lhe observado e orado muito por você no Santuário... e agora que eu lhe vejo, eu acho... Eu estou bem ciente de que há muito que você precisa considerar, ter explicações e ficar irritada... Mas se você tiver um coração aberto para mim, eu gostaria de moldar... uma afeição. Eu posso entender se for muito pouco, tarde demais

Xhex piscou. Por mais imperfeito que fosse, era tudo o que podia fazer... além de absorver a dor incrível da fêmea.

Eventualmente, em uma tentativa de entender algo, qualquer coisa, ela tentou romper a mente da figura vestida com a túnica diante dela, mas não chegou muito longe. Quaisquer pensamentos ou memórias específicas, como as de Tohrment, estavam bloqueados para sua percepção. Tinha contexto emocional, mas nenhum detalhe.

Ela sabia, no entanto, que a mulher disse a verdade.

E embora tenha havido muitas vezes se sentido abandonada por aquela que tinha lhe dado à luz, ela não era estúpida. As circunstâncias de sua concepção, considerando quem tinha sido seu pai, não poderiam ter sido felizes.

Horríveis, era mais provável.

Xhex sempre sentiu que devia ter sido uma maldição sobre a mãe que a carregou e, agora, conhecendo a fêmea face a face? Ela não sentiu nenhuma animosidade para com a figura parada, tensa diante dela.

Xhex ficou sobre seus pés, e conforme ela se levantava, ela sentiu o desespero e a incredulidade de Tohrment, e ela mesma conhecia esses sentimentos. Mas ela não quis se afastar desta oportunidade... Este presente dado pelo destino na noite de seu emparelhamento.



Ela caminhou lentamente pelo tapete. Quando ela chegou até a mãe, percebeu que a outra fêmea era muito menor do que ela, mais magra e de baixa estatura, e mais tímida por natureza.

— Qual é o seu nome? — Xhex perguntou roucamente.

— Eu sou... No'One. — Veio a resposta. — Eu sou No'One...

Um assobio agudo chicoteou as cabeças de todos em direção à porta. John estava na entrada do quarto, com sua irmã, a rainha, ao seu lado, um pequeno saco vermelho escrito MARCUS REINHARDT JOALHEIRO, EST. 1893 na mão dele.

Evidentemente, John não tinha ido treinar. Ele tinha ido com Beth ao mundo humano... para escolher um anel de emparelhamento.

Xhex olhou ao redor para o grupo reunido e visualizou o quadro que formavam: Tohrment ao lado do baú LV, John e Beth na porta, No'One ao lado da cama.

Ela iria lembrar-se deste momento todos os dias da sua vida. E embora houvesse mais perguntas do que respostas em sua mente, ela encontrou força em sua própria alma, para responder a pergunta muda de John sobre quem era sua hóspede misteriosa.

E, na verdade, foi por causa dele que ela foi capaz de responder: sempre olhar para a frente. Havia muita coisa no passado que era melhor deixar nos anais da história. Aqui neste quarto, com essas pessoas, ela precisava olhar para frente.

Limpendo a garganta, ela disse em voz alta e clara:

— John... Esta é minha mãe. E ela deve ficar ao meu lado em nosso emparelhamento.

John parecia absolutamente perplexo - mas ele superou rapidamente. Como um cavaleiro perfeito, ele se aproximou e se inclinou até a cintura diante de No'One. Depois de sinalizar, Xhex traduziu com voz rouca.

— Ele disse que é grato por sua presença nesta noite e que você é sempre bem-vinda em nossa casa.

No'One colocou as mãos sobre o rosto, claramente dominada pela emoção.

— Muito... obrigada... Obrigada



Xhex não era chegada a abraços, mas ela era malditamente boa em segurar as pessoas, e ela apertou o braço extremamente fino de sua mãe para que a coitada não caísse no tapete.

— Está tudo bem. — Ela disse para John, que estava obviamente assustado por ter perturbado a fêmea. — Espere... não olhe para lá, você não pode ver o meu vestido de noiva.

John congelou com seus olhos no meio da sala. *Vestido de noiva*, ele vocalizou.

Sim, difícil saber qual foi o choque maior: sua mãe aparecendo pela primeira vez em trezentos anos. Ou o fato de que, sim, parecia que estava colocando seu traseiro em um vestido de casamento.

Você nunca sabia para onde a vida iria levá-lo, sabia?

E às vezes, as surpresas não eram ruins, não totalmente.

Um... John.

Dois... um vestido.

Três... sua mãe.

Hoje era uma noite boa, uma noite muito boa, realmente.

— Aqui, nós vamos para o final do corredor. — Disse ela, dirigindo-se para fechar o vestido dentro do baú. — Eu tenho que me vestir... Não quero estar atrasada para o meu próprio emparelhamento.

Conforme ela empurrava o baú para fora do quarto, recusando a ajuda dos homens, ela pediu para No'One e Beth irem com ela. Afinal, no que dizia respeito a sua mãe e a irmã de John, era necessário que todos comessem a se conhecer... e qual a melhor maneira do que ajudá-la a vestir-se adequadamente para seu futuro *hellren*.

Para seu macho de valor.

Para o amor de sua vida.

Esta noite era em realidade a melhor coisa que havia acontecido em sua vida.



Capítulo SETENTA E QUATRO

John Matthew se obrigou a ficar de lado e assistir como sua *shellan* levava um baú do tamanho de um Chevy para fora pelo corredor, com a irmã dele... E a mãe dela?

Ele estava emocionado com as duas últimas fêmeas; não tanto pelo antiquado peso morto. Ele sabia que era melhor não bancar o He-Man com músculos. Se Xhex precisasse de sua ajuda, ela pediria.

E pelo que se sabia, ela era forte o suficiente para fazer tudo sozinha.

Certo, na verdade... Isso era excitante... ele não ia negar.

— Você tem o que vestir? — Tohrment perguntou abruptamente.

Quando John deu uma olhada no cara, estava claro que o Irmão estava desequilibrado emocionalmente. Estava cambaleando em seus shitkickers. Dado a linha dura de sua testa e de seu maxilar, ele não iria entrar em questões a respeito.

Ah... Eu não sei o que vou vestir, John sinalizou. Um smoking?

— Não, eu vou pegar o que você precisa. Espere.

Bam... a porta foi fechada.

John olhou em torno de seu quarto, e quando viu o armário, aquele sorriso de palhaço que parecia usar todo o tempo, voltou. Aproximando-se mais, colocou o saquinho vermelho, que trouxe da joalheria, na mesa e fez uma pausa para admirar a disposição em conjunto das coisas deles.

Oh, cara... Ela se mudou. Ela realmente se mudou. As roupas dela e as dele estavam penduradas juntas.

Estendendo a mão, tocou nas roupas de couro e nas camisetas sem mangas e nos coldres dela... E sentiu um leve rubor de orgulho e felicidade. Ela iria lutar na guerra. Lado a lado com ele e os Irmãos. A Antiga Lei proibia expressamente, mas o Rei Cego já tinha provado que não era um escravo dos antigos costumes - e Xhex já havia provado que podia garantir-se muito bem no campo de batalha.



John dirigiu-se para a cama e sentou-se. Ele não tinha certeza de como se sentia a respeito dela na noite, com os assassinos.

Certo. Foda. Ele sabia *exatamente* como se sentia sobre isso.

Todavia, não iria dizer a ela para não sair. Ela era quem era, e ele iria emparelhar com uma lutadora.

Assim ela era.

Seus olhos se deslocaram para a mesa de cabeceira. Debruçou sobre ela, abriu a gaveta superior e retirou o diário de seu pai. Alisando com a mão o suave couro, sentiu a história deslizar do intelectual indo para o real. Muito, muito tempo atrás outras mãos tinham segurado este livro e escrito em suas páginas... E, em seguida, por meio de uma série de acidentes e de sorte, o diário havia chegado através das noites e dias até John.

Por qualquer motivo, nesta noite, seu laço com seu pai Darius parecia forte o bastante para atravessar o nebuloso éter do tempo e unir os dois, fundindo-os até... Deus, quase pareciam ser a mesma pessoa.

Porque ele sabia que seu pai teria ficado feliz com isto. Sabia com certeza como se o cara estivesse sentado ao seu lado na cama.

Darius gostaria que ele e Xhex terminassem juntos. Por quê? Quem sabia... Mas aquela era uma verdade tão real como os votos que logo estaria fazendo.

John alcançou a gaveta de novo, e desta vez, retirou a pequena caixa velha. Levantando a tampa, olhou fixamente para o pesado anel de sinete de ouro. A maldita coisa era enorme e do tamanho adequado para caber na mão de um guerreiro, sua superfície brilhava através da fina rede de riscos que cobriam o escudo e os lados.

Encaixava-se no dedo indicador da mão direita com perfeição.

E repentinamente decidiu que não iria tirá-lo novamente, mesmo durante a luta.

— Ele teria aprovado isso.

John levantou os olhos depressa. Tohr estava de volta e trouxera um monte de seda preta com ele - assim como Lassiter. Em pé atrás do cara, o anjo caído



espalhava luz em todas as direções, como se um nascer do sol acontecesse no corredor.

Sabe, por alguma razão eu acho que você está certo, John sinalizou.

— Eu sei que estou certo — O Irmão aproximou-se e sentou-se na cama. — Ele a conhecia.

Quem?

— Ele conhecia Xhex. Ele estava lá quando ela nasceu, quando sua mãe... — Houve uma longa pausa, como se Tohr tivesse seu cérebro embaralhado e a ficha ainda não tivesse caído. — Quando a mãe morreu, ele entregou Xhex a uma família que pudesse cuidar dela. Ele amava aquela garota — e assim como eu. Foi por isso que ele chamou Xhexania. Ele olhava para ela de longe...

O ataque epilético começou tão de repente que John não teve tempo de lutar contra ele — um momento estava sentado ouvindo Tohr; no seguinte estava caído no chão, dançando o conhecido jitterbug²⁹⁴.

Quando suas sinapses finalmente pararam de estalar-crepitar-estourar, e seus membros frouxos caíram, sua respiração pesada saía e entrava pela boca. Para seu alívio, Tohr estava sobre ele, agachando-se.

— Como está? — O cara perguntou firme.

John se apoiou no chão e sentou-se ereto. Esfregando o rosto, estava contente de perceber que sua visão ainda trabalhava. Nunca pensou que ficaria feliz em ter uma imagem clara do rosto de Lassiter.

Lutando pelo controle de suas mãos, conseguiu sinalizar:

Parece que eu estive em um liquidificador.

O anjo caído assentiu gravemente.

— E você parece, também.

Tohr deu ao cara um olhar feroz, então voltou para John.

— Não se preocupe, ele é cego.

— Não, eu não sou.

²⁹⁴ Tipo de dança dos grupos negros estadunidenses decorrente do swing.



— Em um minuto e meio, você vai ser — Tohr segurou John pelos bíceps e o arrastou de volta para a cama. — Você quer uma bebida?

— Ou talvez um cérebro novo? — Lassiter ofereceu.

Tohr se inclinou.

— Como um serviço público, eu vou deixá-lo mudo também, certo?

Você é tão generoso.

Houve uma longa pausa e depois John sinalizou:

Meu pai sabia sobre ela?

— Sim.

Você também, não é?

— Sim.

No silêncio que se seguiu, John decidiu que algumas coisas eram melhores apenas deixadas na sua definição. E esta era uma delas, dada a forte expressão do Irmão.

— Estou feliz que você está usando seu anel. — Disse Tohr abruptamente enquanto se punha de pé. — Especialmente em uma noite como esta.

John olhou para o pedaço de ouro em seu dedo. Parecia tão certo. Com se ele usasse isso há anos.

Eu também, ele sinalizou.

— Agora, se você me dá licença, vou me vestir.

Quando John olhou para cima, foi levado de volta a um momento há tempos atrás, quando ele abriu a porta para seu estúdio de merda e apontou uma arma pra cima, subindo, até o rosto do cara.

E agora Tohr trouxera suas vestes cerimoniais de emparelhamento.

O Irmão sorriu um pouco.

— Eu gostaria que seu pai estivesse aqui para ver isso.

John franziu a testa e rolou o anel ao redor de seu dedo, pensando sobre o quanto ele devia ao macho. Então, em um impulso rápido, ele ficou de pé... E



abraçou forte o Irmão. Tohr pareceu momentaneamente surpreso, mas então, fortes braços responderam...

Quando John se desvencilhou, olhou diretamente para aqueles olhos.

Ele está aqui, ele sinalizou. Meu pai está aqui comigo.

Uma hora depois, John estava em pé no chão de mosaico no hall de entrada, deslocando seu peso para lá e para cá sobre os pés. Ele estava vestido com o traje tradicional de cerimônia de emparelhamento de um nobre macho de valor, a calça de seda preta arrastando no chão, a parte superior folgada presa com um cinto de joias que lhe foi entregue para usar pelo Rei.

Haviam escolhido a base da grande escadaria para realizar a cerimônia, no arco que formava a sala de jantar. As portas duplas de onde todos comiam foram fechadas para formar uma parede, e do outro lado delas, os *doggens* tinham preparado a festa.

Tudo estava organizado, a Irmandade de pé em uma fila ao lado dele, as *shellans* e outros membros da família reunidos num semicírculo aberto do outro lado. Entre aqueles que seriam testemunhas, Qhuinn estava em uma extremidade, Blay e Saxton estavam na outra. iAm e Trez estavam no meio, sendo convidados especiais.

Enquanto John olhava todo o espaço, tomou conhecimento das colunas de malaquita, das paredes de mármore e dos lustres. Foram tantas vezes, desde que tinha chegado aqui para ficar, que ele ouviu lhe dizerem o quanto seu pai teria gostado de ver pessoas enchendo todas as salas e vivendo suas vidas sob o sólido telhado.

John focou na macieira retratada no chão. Era tão linda, um sinal da primavera, eternamente florindo... O tipo de coisa que lhe animava toda vez que a via.

Ele adorava a árvore desde que se mudou...

Um suspiro coletivo o fez levantar a cabeça.



Oh... Doce... Maria... Mãe... de...

Seu cérebro parou de funcionar nesse momento. Apenas ficou em branco. Ele estava certo de que seu coração ainda estava batendo, já que ele permanecia de pé, mas fora isso?

Bem, ele tinha acabado de morrer e ido para o céu.

Em cima, na parte superior da grande escadaria, com sua mão sobre a balaustrada dourada, Xhex tinha aparecido em uma glória impressionante que lhe deixou sem sentido e surpreso.

O vestido vermelho que ela usava, estava perfeito, o laço preto na parte superior combinavam com o cabelo negro e com seus olhos cinza escuros, os quilômetros de cetim caíam ao redor do seu esguio corpo em resplandecentes ondas.

Quando ela encontrou seus olhos, mexeu a cintura, depois alisou a frente do vestido.

Vem a mim, ele sinalizou. *Desce até mim, minha fêmea.*

No canto, um tenor começou a cantar, a voz clara como cristal de Zsadist, flutuou em direção à pintura de guerreiros no teto, muito acima de todos eles. Em princípio John não sabia qual era a canção... Embora que, se lhe tivessem perguntado qual era o seu próprio nome, ele teria dito Papai Noel ou Luther Vandross ou Teddy Roosevelt.

Talvez até mesmo Joan Collins.

Mas, então, os sons se fundiram e ele pegou a melodia. *"All I Want Is You"*²⁹⁵ do U2.

A única que John pediu para o macho cantar.

O primeiro passo de Xhex desencadeou as lágrimas nas fêmeas. E em Lassiter, evidentemente. Ou isso ou o anjo tinha poeira nos olhos.

A cada degrau que Xhex descia, o peito de John inflava ainda mais, até que ele sentiu como se não só o seu corpo estivesse flutuando, mas como se ele estivesse levantando o grande peso da mansão de pedra com ele.

²⁹⁵ Tudo que eu quero é você.



Na base da escada, ela parou de novo e Beth correu para organizar a longa saia.

E então Xhex estava com ele na frente de Wrath, o Rei Cego.

Eu te amo, John vocalizou.

O sorriso dela começou pequeno, apenas de um lado, mas espalhou-se - Oh, Deus... Espalhou-se até que ela sorria tão amplamente que suas presas estavam à vista e seus olhos brilhavam como estrelas.

Eu também te amo, ela vocalizou em resposta.

A voz do Rei ecoou até o elevado teto.

— Ouçam, todos reunidos diante de mim. Estamos congregados aqui para testemunhar o emparelhamento deste macho e desta fêmea...

A cerimônia começou e prosseguiu com ele e Xhex respondendo quando era suposto que assim fizessem. A ausência da Virgem Escriba foi ignorada, com o Rei pronunciando que era um bom emparelhamento, e quando os votos foram todos feitos, era hora de ficar sério.

Quando Wrath deu a ordem, John se inclinou e pressionou seus lábios nos de Xhex, em seguida recuou, retirou o cinto de joias e as vestes. Ele estava sorrindo como um filho da puta quando os entregou a Tohr e Fritz apresentou a bandeja com o pote de sal e o jarro de prata com água.

Wrath desembainhou sua adaga negra e disse em voz alta.

— Qual o nome de sua *shellan*?

Para todos, John sinalizou, *ela chama-se Xhexania*.

Com Tohr guiando a mão, o Rei esculpiu a primeira letra por cima da tatuagem que John havia feito. E então os outros Irmãos seguiram o exemplo, marcando toda a tinta sobre a pele, as lâminas da Irmandade não apenas cortaram os quatro símbolos na Antiga Língua, mas os arabescos que o tatuador tinha feito. Com cada corte, ele pressionava a representação da macieira, aguentando com orgulho a dor, se recusando a deixar até mesmo um assobio silencioso escapar dos lábios... E após cada letra ou giro, ele olhava para Xhex. Ela estava em pé na frente das fêmeas e dos outros machos, com os braços fechados sobre o corpete do vestido, seus olhos graves, mas aprovadores.



Quando o sal bateu nas feridas frescas, ele cerrou os dentes tão forte, seu queixo rachou sob a tensão, o som cortou através do gotejamento de água. Mas ele não suspirou ou gesticulou com a boca uma maldição, embora a agonia o atravessasse e fizesse a sua visão embaçar.

Quando ele endireitou o tronco sobre os quadris, o grito de guerra da Irmandade e os soldados da casa ecoaram por todo o lugar e Tohr secou o desenho com uma toalha de linho branca. Depois que o Irmão terminou, ele colocou o pano em uma caixa preta laqueada e deu a John.

Erguendo-se sobre seus joelhos, John se aproximou de Xhex com a arrogância de um macho cheio de si... Que tinha acabado de passar o desafio e se saiu muito bem, muito obrigado. Na frente dela, ajoelhou-se, deixou cair a cabeça e lhe ofereceu a caixa preta para ela aceitar ou recusar, a sua vontade. A tradição diz que se ela aceitasse a caixa, ela o aceitava.

Ela nem esperou uma batida de coração.

O peso foi retirado de suas mãos e ele olhou para cima. Essas belas lágrimas vermelhas inundavam seus olhos enquanto ela embalava a caixa com a promessa dele de encontro ao seu coração.

Enquanto os reunidos aclamavam e aplaudiam, John saltou sobre seus pés e arrebatou a ela e aquele grande, lindo vestido vermelho em seus braços. Beijou-a forte e, na frente do Rei e de sua irmã e de seus melhores amigos e da Irmandade, carregando sua fêmea em linha reta até as escadas que ela havia descido.

Sim, havia um banquete em sua honra a ponto de começar. Mas o macho vinculado nele, precisava fazer uma pequena marca... Em seguida eles desceriam para a comida.

Ele estava a meio caminho do topo quando a voz de Hollywood soou:

— Oh, cara, eu também quero a minha [tatoo] ornamentada com alguma dessa merda de arabesco.

— Nem pense nisso, Rhage. — Foi a resposta de Mary.

— Podemos comer agora? — Lassiter perguntou. — Ou alguém mais quer se transformar em sushi?



A festa começou a rolar, vozes, risadas e a batida de *Young forever* de Jay-Z preenchendo o espaço. No topo da escada, John fez uma pausa e olhou para baixo. A vista a baixo, juntamente com a fêmea em seus braços, o fez sentir como se tivesse escalado uma grande montanha e, finalmente, inexplicavelmente, inacreditavelmente, chegou ao topo.

A rouca voz dela selou o acordo com sua ereção.

— Você só veio dar um volta ou você me trouxe até aqui por um bom motivo?

John a beijou, deslizando sua língua entre os lábios dela, penetrando-a. Manteve-a com ele enquanto andava para quarto dele...

Quarto *deles*.

Dentro, ele a colocou sobre a cama e ela olhou para ele, olhava como se estivesse mais do que pronta para o que ele tinha para dar.

Só que ela pareceu surpresa quando ele simplesmente se virou.

Mas ele tinha que lhe entregar o presente que tinha comprado.

Quando ele voltou para a cama, tinha a bolsa Reinhardt's consigo.

Fui criado humano, e quando eles se emparelham, o macho dá à fêmea um sinal de afeto. De repente, ficou nervoso. Eu espero que goste. Eu tentei fazer direito.

Xhex se levantou e suas mãos tremiam um pouco enquanto ela segurava a longa e fina caixa.

— O que você fez, John Matthew...

Seu gemido quando abriu a tampa foi malditamente fabuloso.

John estendeu a mão e pegou a grossa cadeia do ninho de veludo. O quadrado de diamante situado no meio dos elos de platina era de seis quilates — o que quer que isso significasse. Tudo o que importava era que a maldita pedra era grande o suficiente, brilhante o suficiente e cintilante o suficiente para ser visto do maldito Canadá.

Apenas no caso de qualquer macho a vir e talvez tiver coisas na cabeça ou algo assim, queria que eles soubessem que ela tinha dono. E se a essência da



vinculação de John não chegasse aos seus narizes, o reflexo daquela pedra seguro como a merda solitaria suas retinas.

Eu não quis um anel porque sei que você vai lutar e não gostaria de sobrecarregar suas mãos. E se você gostar, eu amaria se você usasse o tempo todo...

Xhex segurou seu rosto e beijou-o tão longo e tão profundo que ele não conseguia respirar. E não se importou.

— Eu nunca vou tirá-lo. Nunca.

John fundiu suas bocas e a montou, empurrando ela e aquele vestido contra os travesseiros, suas mãos indo até os seios dela, em seguida, descendo a seus quadris. Enquanto ele arqueava o corpo, começou a buscar pelos metros de cetim...

Levou cerca de um segundo e meio para ele ficar frustrado.

E acabou que o vestido parecia ainda melhor tirado.

John fez amor lentamente com sua fêmea, deleitando-se no corpo dela, acariciando-a com suas mãos e sua boca. Quando ele finalmente os uniu, o encaixe foi tão perfeito, o momento tão certo, ele só fez sentir. A vida lhe trouxe aqui a este momento com ela, os dois juntos...

Esta seria a história que ele viveria a partir de agora.

— Então, John... — Ela disse com uma voz rouca.

Ele assobiou em uma nota crescente.

— Eu estava pensando em usar um pouco de tinta em mim. — Quando ele inclinou a cabeça para o lado, ela passou as mãos por seus ombros cautelosamente. — Que tal nós irmos a esse lugar da tatuagem... Talvez colocar seu nome nas minhas costas?

O orgasmo que sacudiu o corpo dele e, evidentemente, o dela, serviu como uma ótima resposta na falta de sua capacidade de vocalizar uma.

Xhex riu de uma forma gutural e moveu seus quadris contra os dele.

— Vou tomar isso como um sim...



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Sim, John pensou enquanto começava a bombear dentro dela. Sim, oh, foda, sim...

Afinal, o que era bom para o ganso era ainda mais excitante para a gansa²⁹⁶. E o justo era justo.

Deus, ele amava a vida. Amava a vida e todas as pessoas desta casa e todas as pessoas de valor em todos os cantos do mundo. O destino não era fácil... Mas colocava as coisas no lugar.

Eventualmente, tudo o que acontecia era exatamente como devia ser.

FIM

Considerações Finais

²⁹⁶ Ditado estadunidense.



TIAMAT-WORLD

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>



Tradutoras: Suelen

Dyllan

Ferdy

Anna Dad

Patty

Hils

Bibi Paiva

Poli

Ana Paula "Z"

Ellen

Camila

Maary

Revisoras:

Lana

Jaqueline

Ana Paula

Mag Sá

Milo

Diana *

Morgana Donovan

Alexandrina♥ Pattinson

Revisão Final: μαριαμσση'Ρ

Formatação: Livia Hellokitty

Disponibilização: **Comunidade Traduções de Livros - TDL**

(<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>)

(<http://traducoesdelivros.blogspot.com/>)

Tiamat World

(<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=94493443>)

(<http://tiamatworld.blogspot.com/>)